

DA AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

V.C. ANDREWS

PÉTALAS
AO
VENTO

nova século®

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

V.C. ANDREWS

PÉTALAS
AO
VENTO


novo século®
SÃO PAULO, 2015

Pétalas ao vento

Petals on the wind

Copyright © 1980 by The Vanda General Partnership. All rights reserved. Published by arrangement with the original publisher, Pocket Books, a Division of Simon & Schuster, Inc.

Copyright © 2015 by Novo Século Editora Ltda.

GERENTE EDITORIAL	Vitor Donofrio
Lindsay Gois	
EDITORIAL	GERENTE DE AQUISIÇÕES
João Paulo Putini	Renata de Mello do Vale
Nair Ferraz	ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES
Rebeca Lacerda	Acácio Alves

TRADUÇÃO	DIAGRAMAÇÃO
Sonia Strong	João Paulo Putini
PREPARAÇÃO	REVISÃO
João Paulo Putini	Gabriel Patez Silva
PROJETO GRÁFICO	MONTAGEM DE CAPA
Vanúcia Santos (AS Edições)	João Paulo Putini

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrews, V. C., 1923-1986.
Pétalas ao vento
V. C. Andrews ; [tradução Sonia Strong].
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.

Título original: *Petals on the wind*

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-04019

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br



E-ISBN: 978-85-428-0703-5

PÉROLAS BRANCAS...
PROMESSA NEGRA...



Embora eu não tenha certeza, acho que vi uma mulher vestida de preto – sua cabeça e rosto cobertos por um véu preto – se esquivar para trás de uma árvore quando nos aproximamos da estrada e do carro estacionado. Ela estava escondida para que não pudéssemos vê-la. Mas tive um vislumbre – o suficiente para ver o colar de pérolas brilhantes que ela usava. Pérolas que estavam lá para serem levantadas por uma mão branca e fina e, nervosamente, devido a um velho hábito, serem torcidas e destorcidas em um nó.

Eu conhecia apenas uma mulher que fazia isso – e preto era a cor perfeita para ela.

Eu faria qualquer coisa para que todos os seus dias restantes na Terra fossem negros. Mais negros do que o piche colocado em meu cabelo. Mais negros do que qualquer coisa naquele quarto trancado. Mais negros do que qualquer coisa que as sombras mais escuras no sótão nos deram quando estávamos com medo, quando éramos pequenos, e precisávamos tanto ser amados. Mais negros que o poço mais profundo do inferno.

Eu havia esperado tempo suficiente para fazer o que precisava fazer. Tempo suficiente. E mesmo com Chris aqui para me impedir... mesmo ele não seria capaz de evitar o que eu tinha que fazer...



DESCUBRA POR QUE MILHÕES DE LEITORES SE
INTERESSARAM MUITO POR

V.C. Andrews

E SUA SÉRIE DE BEST-SELLERS

Leia toda a história chocante da família Dollanganger:
A saga começa com... *O jardim dos esquecidos*
Os segredos são revelados em... *Pétalas ao vento*
Os desejos mais sombrios se materializam em... *Os espinhos do mal*
E os escândalos são enterrados em... *Sementes do passado*
E, então, descubra onde os primeiros pecados
da família aconteceram, em
Jardim de sombras

PÉTALAS
AO
VENTO

Após a morte de Virgínia Andrews, sua família contratou um escritor cuidadosamente selecionado para organizar e completar suas histórias e para criar outros romances, e este é um deles, inspirado por sua capacidade de contar histórias.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e incidentes são frutos da imaginação da autora ou são usados de modo fictício. Qualquer semelhança com acontecimentos, lugares ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

PARA BILL & GENE. QUE SE LEMBRAM DE QUANDO...



Sobre a terra há um botão;
Ensolarada luz para uma sombria escuridão;
Perfume quente para frio vapor
Sinto o cheiro da rosa sobrepujando o bolor!

THOMAS HOOD

PARTE
Um

ENFIM, LIVRES!



Como éramos jovens no dia em que fugimos. Quão exuberantemente vivos deveríamos ter nos sentido por estarmos, finalmente, livres de um lugar tão sombrio, solitário e sufocante. Quão lamentavelmente encantados deveríamos ficar por estarmos andando lentamente em direção ao sul num ônibus barulhento. Mas, se sentíamos alegria, não demonstramos. Ficamos sentados, os três, pálidos, em silêncio, olhando para fora pelas janelas, muito assustados com tudo o que víamos.

Livres. Já houve palavra mais magnífica do que essa? Não, mesmo que as mãos frias e ossudas da morte chegassem e nos arrastassem de volta, se Deus não estivesse lá em cima, em algum lugar, ou talvez até aqui embaixo, no ônibus, andando com a gente e cuidando de nós. Em algum momento de nossas vidas, tínhamos que acreditar em alguém.

As horas se passaram com os quilômetros. Nossos nervos ficaram em frangalhos porque o ônibus parou muitas vezes para pegar e deixar passageiros. Ele parou para fazer pausas para descanso, para o café da manhã, e então, para pegar uma enorme senhora negra que estava em pé sozinha, onde uma estrada de terra se ligava à interestadual de concreto. Levou uma eternidade para ela entrar no ônibus, e em seguida, arrastar para dentro os muitos pacotes que carregava. Assim que ela finalmente se sentou, cruzamos a divisão de estado entre a Virgínia e a Carolina do Norte.

Oh! O alívio de ter deixado para trás aquele estado que era nossa prisão! Pela primeira vez em anos, eu comecei a relaxar – um pouco.

Nós três éramos os passageiros mais jovens no ônibus. Chris tinha 17 anos de idade e era surpreendentemente bonito, com cabelos encaracolados loiros e longos que apenas tocavam seus ombros, e então se enrolavam para cima. Seus olhos azuis com cílios escuros rivalizavam com a cor de um céu de verão, e ele era, em termos de personalidade, como um dia quente e ensolarado – tinha um ar corajoso estampado em seu rosto, apesar da desolação de nossa situação. Seu nariz reto e finamente desenhado havia acabado de tomar o formato que transmitia a força e maturidade que prometiam fazer dele tudo o que o nosso pai tinha sido – o tipo de homem que faz com que o coração de toda mulher palpite quando ele olhava para ela, ou mesmo quando não o fazia. Sua expressão era confiante; ele quase parecia feliz. Se ele não tivesse olhado para Carrie, até poderia ter *ficado* feliz. Mas quando viu seu rosto pálido e doentio, franziu o cenho, e a preocupação escureceu seus olhos. Ele começou a tocar as cordas do violão preso em seu ombro. Tocou “Oh Susana”, cantando suavemente com uma voz doce e melancólica que tocou meu coração. Olhamos um para o outro e ficamos tristes com as lembranças que a música nos trouxe. Nós éramos um só, Chris e eu. Não consegui olhar muito tempo para ele, com medo de começar a chorar.

Enrolada em meu colo estava minha irmã mais nova. Ela não parecia ter mais de três anos, mas tinha oito, e era pequena, tão lamentavelmente pequena, e fraca. Em seus grandes olhos azuis cercados de sombras pairavam mais segredos sombrios do que uma criança de sua idade deveria saber. Os olhos de Carrie pareciam velhos, muito, muito velhos. Ela não esperava nada: nem felicidade, nem amor, nada – pois tudo o que fora maravilhoso em sua vida tinha sido tirado dela. Enfraquecida pela apatia, parecia disposta a passar da vida para a morte. Doía vê-la tão sozinha, tão terrivelmente sozinha, agora que Cory se fora.

Eu tinha 15 anos. O ano era 1960, e estávamos em novembro. Eu queria tudo, precisava de tudo e tinha um medo terrível de que

nunca, em toda a minha vida, fosse encontrar o suficiente para compensar o que havia perdido. Eu ficava sentada, tensa, pronta para gritar se alguma outra coisa ruim acontecesse. Como um fusível enrolado, ligado a uma bomba-relógio, eu sabia que mais cedo ou mais tarde eu iria explodir e destruir todos que viviam em Foxworth Hall!

Chris colocou a mão dele sobre a minha, como se pudesse ler minha mente e soubesse que eu já estava pensando em como tornar um inferno a vida daqueles que tinham tentado nos destruir. Ele disse em voz baixa:

– Não fique assim, Cathy. Vai dar tudo certo. Nós vamos nos arranjar.

Ele ainda era o eterno e absurdo otimista, acreditando, apesar de tudo, que tudo o que acontecera fora para o melhor! Deus, como ele podia pensar assim quando Cory estava morto? Como aquilo poderia ser para o melhor?

– Cathy – ele sussurrou –, precisamos tirar o máximo proveito do que nos resta, e isso é um ao outro. Temos que aceitar o que aconteceu e continuar. Temos que acreditar em nós mesmos, em nossos talentos, e se fizermos isso, vamos conseguir o que queremos. As coisas funcionam dessa maneira, Cathy, realmente funcionam. Precisam funcionar!

Ele queria ser um médico maçante e sisudo que passaria os dias em pequenas salas de exame, cercado pelas misérias humanas. Eu queria algo muito mais extravagante – e em *grande quantidade*! Eu queria que todos os meus sonhos estrelados, cheios de amor e romance, se tornassem realidade – no palco, onde eu seria a *mais famosa* bailarina do mundo; eu não aceitaria nada menos do que isso! *Isso iria mostrar à nossa mãe!*

Amaldiçoada seja você, mamãe! Espero que Foxworth Hall queime até não sobrar nada! Espero que você nunca durma uma noite confortável naquela grande cama em formato de cisne, nunca mais! Espero que o seu jovem marido encontre uma amante mais jovem e bonita do que você! Espero que ele te dê o inferno que você merece!

Carrie virou-se para sussurrar:

– Cathy, eu não me sinto tão bem. Meu estômago, ele está estranho...

Fiquei com medo. Seu pequeno rosto parecia estranhamente pálido; seu cabelo, outrora tão brilhante e resplandecente, pendia em mechas sem brilho e sem vida. Sua voz era apenas um sussurro fraco.

– Querida, querida – eu a confortei e, em seguida, beijei-a. – Agente um pouco. Vamos levá-la a um médico logo. Não vai demorar muito tempo para chegarmos à Flórida, e lá nunca mais ficaremos presos.

Carrie desabou em meus braços enquanto eu olhava miseravelmente pela janela, vendo o musgo espanhol pendurado nas árvores, o que indicava que agora estávamos na Carolina do Sul. Ainda tínhamos que passar pela Geórgia. Demoraria um bom tempo até chegarmos a Sarasota. Carrie sentou-se violentamente e começou a engasgar e a vomitar.

Eu havia criteriosamente enchido meus bolsos com guardanapos de papel em nossa última pausa de descanso, então consegui limpar Carrie. Eu a entreguei para Chris, para poder me ajoelhar no chão e limpar o resto. Chris deslizou até a janela e tentou abri-la para jogar fora os guardanapos de papel sujos. A janela se recusou a ceder, não importava a força com que ele empurrasse. Carrie começou a chorar.

– Coloque os guardanapos no espaço entre o assento e o lado do ônibus – sussurrou Chris, mas o motorista do ônibus, de olhos aguçados, devia estar nos observando através de seu espelho retrovisor, pois ele berrou:

– Vocês crianças aí atrás! Livrem-se dessa sujeira fedorenta de algum outro jeito!

Não havia outro jeito, a não ser tirar tudo do bolso de fora do estojo da câmera Polaroid de Chris, que eu estava usando como bolsa, e enfiar os guardanapos fedorentos lá.

– Sinto muito – soluçou Carrie, agarrada desesperadamente a Chris. – Eu não tive a intenção de fazer isso. Será que eles vão nos colocar na prisão agora?

– Não, claro que não – disse Chris, com seu jeito paternal. – Em menos de duas horas estaremos na Flórida. Tente aguentar até lá. Se sairmos agora, vamos perder o dinheiro que paguei por nossos bilhetes, e não temos muito dinheiro para desperdiçar.

Carrie começou a gemer e a tremer. Toquei sua testa e estava fria e úmida, e agora seu rosto não era apenas pálido, mas branco! Como o rosto de Cory antes de morrer.

Rezei para que apenas uma vez Deus tivesse alguma misericórdia de nós. Não tínhamos sofrido o suficiente? Será que precisávamos continuar sofrendo? Enquanto eu mesma lutava contra o enjoo, Carrie vomitou novamente. Eu não podia acreditar que ela ainda tivesse algo no estômago. Desabei em direção a Chris, enquanto Carrie ficou mole em seus braços e parecia dolorosamente perto da inconsciência.

– Acho que ela está entrando em choque – sussurrou Chris, seu rosto quase tão pálido quanto o de Carrie.

Foi aí que um passageiro cruel, sem coração, realmente começou a queixar-se, e em voz alta, de modo que os passageiros que nos olhavam com compaixão pareciam envergonhados e indecisos quanto ao que fazer para nos ajudar. Os olhos de Chris encontraram os meus. Ele fez uma pergunta muda – o que deveríamos fazer?

Eu estava começando a entrar em pânico. Então, no fim do corredor, balançando de um lado para o outro enquanto avançava em nossa direção, veio uma enorme mulher negra sorrindo para nós, de forma tranquilizadora. Ela carregava sacos de papel com ela, e os entregou para que eu pudesse colocar os guardanapos fedorentos. Com gestos, mas sem palavras, ela deu batidinhas no meu ombro, fez um carinho no queixo de Carrie e então me entregou um punhado de trapos retirados de um de seus pacotes.

– Obrigada – sussurrei, e sorri fracamente enquanto me limpava melhor, e também a Carrie e Chris. Ela pegou os trapos e enfiou-os no saco, e então se empertigou, como que para nos proteger.

Cheia de gratidão, sorri para a mulher muito, muito gorda que enchia o corredor com seu corpo vestido de roupas brilhantes. Ela piscou e sorriu de volta.

– Cathy – disse Chris, sua expressão mais preocupada do que antes –, temos que levar Carrie a um médico, e logo!

– Mas nós pagamos a passagem até Sarasota!

– Eu sei, mas isso é uma emergência.

Nossa benfeitora sorriu, tranquilizadora, então se inclinou para observar o rosto de Carrie. Colocou a grande mão negra sobre a testa úmida de nossa irmã, e em seguida pôs os dedos sobre seu pulso. Ela fez alguns gestos com as mãos que me intrigaram, mas Chris disse:

– Ela não deve ser capaz de falar, Cathy. Esses são os sinais que pessoas surdas usam.

Eu dei de ombros para dizer a ela que não entendíamos os sinais. Ela franziu a testa, tirou de um bolso do vestido que usava sob um suéter vermelho pesado uma porção de folhas coloridas de papel de carta, e muito rapidamente escreveu um bilhete que entregou para mim.

Meu nome Henrietta Beech, ela havia escrito, poder ouvir, mas não falar. Menininha muito, muito doente e precisa um bom médico. Li o bilhete e olhei para ela, esperando obter mais informações.

– Você conhece um bom médico? – perguntei. Ela assentiu com a cabeça vigorosamente e, em seguida, rapidamente escreveu outro bilhete verde. *Sua sorte eu estar seu ônibus, e poder levar vocês até meu próprio médico-filho, que é muito bom médico.*

– Caramba – murmurou Chris quando eu lhe entreguei o bilhete –, devemos estar sob uma estrela de boa sorte por ter alguém para nos levar a esse médico.

– Olha aqui, motorista – gritou o homem mais malvado no ônibus. – Leve essa criança doente a um hospital! Dane-se, eu não paguei meu bom dinheiro para viajar em um ônibus fedorento.

Os outros passageiros olharam para ele com reprovação, e eu podia ver no espelho retrovisor que o rosto do motorista ficou vermelho de raiva, ou talvez fosse humilhação. Nossos olhos se encontraram no espelho. Ele se dirigiu a nós de maneira pouco convincente:

– Sinto muito, mas eu tenho uma esposa e cinco filhos, e se eu não mantiver meus horários, então minha esposa e filhos não vão

comer, porque perderei meu emprego. – Em silêncio, implorei com os meus olhos, fazendo-o murmurar para si mesmo: – Malditos domingos. Deixe que os dias da semana passem muito bem, e então vem o maldito domingo.

Foi quando Henrietta Beech pareceu ter ouvido o suficiente. Mais uma vez ela pegou o lápis e bloco de notas e escreveu. Este bilhete ela mostrou para mim.

Ok, homem no banco de motorista que odeia domingos. Continue ignorando menina doente, e os pais dela vai processar grandes donos de ônibus por dois milhões!

Chris mal teve a oportunidade de olhar esse bilhete quando ela foi gingando até o corredor e empurrou-o no rosto do motorista. Impaciente, ele a empurrou para longe, mas ela o enfiou novamente em seu rosto, e dessa vez ele fez uma tentativa de ler, mantendo um olho no tráfego.

– Oh, Deus – suspirou o motorista, cujo rosto eu podia ver claramente no espelho. – O hospital mais próximo fica uns 30 quilômetros fora do meu percurso.

Chris e eu olhamos, fascinados, enquanto a enorme senhora negra fazia gestos e sinais que deixaram o motorista tão frustrado como nós havíamos ficado. Mais uma vez ela teve que escrever um bilhete, e seja lá o que tenha escrito, fez o motorista tirar o ônibus da rodovia e ir para uma ampla estrada que levava a uma cidade chamada Clairmont. Henrietta Beech ficou com o motorista, obviamente dando-lhe instruções, mas de vez em quando olhava de volta para nós e nos dava um sorriso brilhante, assegurando-nos de que tudo ficaria bem.

Logo estávamos rodando através de ruas tranquilas e amplas, com árvores que se arqueavam graciosamente sobre nós. As casas que eu via eram grandes, aristocráticas, com varandas e abóbadas altas. Embora nas montanhas da Virgínia já houvesse nevado uma ou duas vezes, o outono ainda não havia tocado com sua mão gelada aqui. Os bordos, faias, carvalhos e magnólias ainda tinham a maior parte de suas folhas de verão, e algumas flores ainda vicejavam.

O motorista do ônibus não achava que Henrietta Beech estivesse lhe dando as instruções corretas, e para ser honesta, eu também não. Realmente, não se constroem edifícios médicos nesse tipo de rua residencial. Mas, quando eu estava começando a ficar preocupada, o ônibus parou com um súbito movimento na frente de uma grande casa branca sobre uma colina suave e baixa, rodeada por amplos relvados e canteiros de flores.

– Vocês, crianças! – o motorista do ônibus gritou de volta para nós. – Peguem suas tralhas, devolvam os seus bilhetes para receber o reembolso, ou usem antes de expirar o limite de tempo!

Então ele rapidamente saiu do ônibus e abriu a parte de baixo, e de lá tirou cerca de 40 malas antes de encontrar as nossas duas. Pendurei o violão e o banjo de Cory sobre meus ombros, enquanto Chris, com grande ternura e delicadeza, levantou Carrie em seus braços.

Como uma galinha faz com seus filhotes, Henrietta Beech nos empurrou em direção ao longo caminho de tijolos até a varanda da frente e lá eu hesitei, olhando para a casa, as portas pretas duplas. Do lado direito havia uma pequena placa que dizia “SOMENTE PARA PACIENTES”. Esse era, evidentemente, um médico que tinha o consultório em sua própria casa. Nossas duas malas foram deixadas para trás na sombra perto da calçada de concreto, enquanto eu examinava a varanda e via um homem dormindo em uma cadeira de vime branco. Nossa boa samaritana se aproximou dele com um largo sorriso antes de gentilmente tocar em seu braço, e quando ele ainda dormia, ela fez um gesto para que nos aproximássemos e falássemos por nós mesmos. Em seguida, ela apontou para a casa e fez sinais para indicar que tinha que entrar e preparar uma refeição para nós.

Eu gostaria que ela tivesse ficado para nos apresentar, para explicar por que estávamos na varanda dele, em pleno domingo. Enquanto eu e Chris andávamos nas pontas dos pés em direção a ele, cautelosamente, mesmo cheia de medo, cheirei o ar repleto com o perfume de rosas e tive a sensação de que já havia estado aqui antes e conhecia esse lugar. Esse ar fresco e perfumado com rosas

não era o tipo de ar que eu me acostumara a pensar como digno de alguém como eu.

– É domingo, com os diabos, domingo – eu sussurrei para Chris –, e esse médico pode não gostar do fato de estarmos aqui.

– Ele é um médico – disse Chris –, está acostumado a ter seu tempo livre roubado... Mas *você* pode acordá-lo.

Lentamente me aproximei. Ele era um homem grande, vestindo um terno cinza-claro com um cravo branco na lapela. Suas longas pernas estavam esticadas e apoiadas no topo da balaustrada. Parecia bastante elegante, mesmo esparramado como estava, com as mãos penduradas sobre os braços da cadeira. Ele estava tão confortável que fiquei com uma pena terrível de ter que despertá-lo e colocá-lo de volta no plantão.

– O senhor é o Dr. Paul Sheffield? – perguntou Chris, que tinha lido a placa com o nome do médico. Carrie estava em seus braços, com o pescoço arqueado para trás, os olhos fechados e os longos cabelos dourados ondulando na brisa suave e quente.

Relutantemente, o médico acordou. Ele olhou fixamente para nós por um longo momento, como se não acreditasse em seus olhos. Eu sabia que parecíamos estranhos em nossas muitas camadas de roupas. Ele balançou a cabeça como se estivesse tentando focalizar seus olhos, e que belos olhos castanhos eram, com manchas de azul, verde e ouro como joias no castanho suave. Aqueles olhos notáveis me observaram, depois me engoliram. Ele parecia confuso, ligeiramente bêbado, e sonolento demais para colocar sua máscara profissional habitual, que o impediria de desviar os olhos do meu rosto para os meus seios, depois para minhas pernas, antes que ele olhasse lentamente para cima. E mais uma vez ele foi hipnotizado pelo meu rosto, meu cabelo. Era um cabelo muito longo, eu sabia disso, e tinha sido desajeitadamente cortado no topo, além de muito pálido e frágil nas extremidades.

– Você é o doutor, não é? – perguntou Chris.

– Sim, é claro. Eu sou o Dr. Sheffield – ele finalmente disse, agora voltando sua atenção para Chris e Carrie. Surpreendentemente gracioso e rápido, ele tirou os pés da balaustrada e ficou em pé, curvando-se sobre nós, correndo os

dedos através dos tufos de cabelo escuro, e então se aproximou para olhar para baixo, para o pequeno e branco rosto de Carrie. Ele levantou suas pálpebras fechadas com o indicador e o polegar e olhou por um momento para aquilo que o olho azul lhe havia revelado. – Há quanto tempo esta criança está inconsciente?

– Poucos minutos – disse Chris. Ele mesmo era quase um médico, havia estudado muito enquanto estávamos trancados no andar de cima. – Carrie vomitou no ônibus três vezes, em seguida começou a tremer e a suar frio. Havia uma senhora no ônibus chamada Henrietta Beech, e ela nos trouxe aqui até você.

O médico balançou a cabeça, e então explicou que a Sra. Beech era sua governanta e cozinheira. Em seguida, ele nos levou até a porta que era somente para pacientes, e até uma parte da casa com duas pequenas salas de exame e um escritório, ao mesmo tempo em que se desculpava por não ter sua enfermeira de costume disponível.

– Tire toda a roupa de Carrie, menos a calcinha – ele me disse. Enquanto eu fazia isso, Chris voltou à calçada para buscar nossas malas.

Cheio de ansiedade, Chris e eu nos encostamos a uma parede e observamos enquanto o médico verificava a pressão arterial de Carrie, seu pulso, sua temperatura, e escutava seu coração, na frente e atrás. Nesse momento, Carrie já tinha voltado a si, de modo que ele lhe pediu para tossir. Tudo o que eu podia fazer era me perguntar por que tudo de ruim tinha de acontecer conosco. Por que o destino estava tão persistentemente contra nós? Éramos tão maus quanto nossa avó nos tinha dito? Será que Carrie também tinha que morrer?

– Carrie – disse o Dr. Sheffield de maneira agradável, depois que eu a tinha vestido novamente –, nós vamos deixá-la nesse quarto por algum tempo para que você possa descansar. – Ele a cobriu com um cobertor fino. – Agora, não tenha medo. Estaremos bem ali no fim do corredor, em meu escritório. Eu sei que essa maca não é muito macia, mas tente dormir enquanto eu falo com os seus irmãos.

Ela o olhou com olhos arregalados e apáticos, sem realmente se importar se a maca era dura ou macia.

Alguns minutos depois, o Dr. Sheffield estava sentado atrás de sua grande e impressionante escrivaninha, com os cotovelos sobre o bloco de mata-borrão, e foi aí que ele começou a falar com sinceridade e com alguma preocupação.

– Vocês dois parecem embaraçados e tensos. Não tenham medo de estarem me privando da diversão e dos jogos de domingo, pois eu não sou muito disso. Sou viúvo e o domingo para mim não é diferente dos outros dias...

Ah, sim. Ele podia dizer isso, mas parecia cansado, como se trabalhasse muitas e longas horas. Sentei-me inquieta sobre o sofá de couro marrom macio, perto de Chris. A luz solar filtrada através das janelas caía diretamente sobre nossos rostos, enquanto o médico estava nas sombras. Minhas roupas pareciam úmidas e desconfortáveis, e de repente eu me lembrei por quê. Rapidamente me levantei para abrir o zíper e remover minha saia externa imunda. Eu me senti muito satisfeita ao ver o médico se mexer, com surpresa. Desde que havia saído da sala, enquanto eu despia Carrie, ele não havia percebido que eu tinha dois vestidos por baixo. Quando me sentei novamente ao lado de Chris, eu usava apenas um vestido azul, estilo princesa, que me caía bem e estava limpo.

– Você sempre usa mais de uma roupa aos domingos? – ele perguntou.

– Só nos domingos em que eu fujo – eu disse. – E temos apenas duas malas e precisamos economizar espaço para os objetos de valor que pudermos penhorar mais tarde, quando for necessário. – Chris me cutucou bruscamente, dizendo-me em silêncio que eu estava revelando demais. Mas eu sabia sobre os médicos, principalmente por causa *dele*. Aquele médico atrás da mesa era confiável, eu podia ver isso em seus olhos. Poderíamos dizer-lhe qualquer coisa, tudo.

– Entãoooo... – ele disse, arrastando as letras – vocês três estão fugindo. E de quem vocês estão fugindo? Pais que os ofenderam, negando-lhes alguns privilégios?

Oh, se ele soubesse!

– É uma longa história, doutor – disse Chris –, e agora tudo o que queremos saber é sobre Carrie.

– Sim – ele concordou –, você está certo. Então, vamos falar sobre Carrie. – Todo profissional agora, ele continuou: – Eu não sei quem vocês são, ou de onde vocês vêm, ou porque vocês acham que precisam fugir. Mas essa menina está muito, muito doente. Se hoje não fosse domingo, eu a levaria ao hospital para fazer testes que não posso fazer aqui. Eu sugiro que vocês entrem em contato com seus pais, imediatamente.

Exatamente as palavras que me fariam entrar em pânico!

– Somos órfãos – disse Chris. – Mas não se preocupe com o pagamento. Podemos pagar nossas despesas.

– É bom ter dinheiro – disse o médico. – Você vai precisar dele. – Ele nos examinou com um olhar longo e observador, analisando-nos. – Duas semanas em um hospital devem ser suficientes para descobrir o fator da doença de sua irmã que eu não consigo identificar.

Enquanto nós arquejávamos, atordoados com o fato de Carrie estar *tão* doente, ele fez uma estimativa aproximada de quanto dinheiro aquilo custaria. Mais uma vez, ficamos aturdidos. Querido Deus! Nossa pequena quantia de dinheiro roubado nem sequer pagaria por uma semana, muito menos duas.

Meus olhos se chocaram com a expressão horrorizada nos olhos azuis de Chris. O que iríamos fazer agora? Nós não podíamos pagar tudo aquilo.

O médico facilmente entendeu nossa situação.

– Vocês ainda são órfãos? – ele perguntou suavemente.

– Sim, *ainda* somos órfãos – Chris declarou desafiadoramente, depois olhou duro para mim, para que eu soubesse que deveria manter minha boca fechada. – Quando você é um órfão, você permanece órfão. Agora nos diga o que você acha que há de errado com nossa irmã, e o que pode fazer para deixá-la bem novamente.

– Espere um pouco, meu jovem. Primeiro você tem que responder algumas perguntas. – Sua voz era suave, mas firme o suficiente para sabermos que *ele* estava no comando. – Em primeiro lugar, qual é o seu sobrenome?

– Eu sou Christopher Dollanganger, e esta é minha irmã, Catherine Leigh Dollanganger. Carrie tem oito anos de idade, mesmo que você não acredite!

– Por que não deveria acreditar? – o médico perguntou suavemente, quando poucos minutos antes, na minúscula sala de exame, havia ficado surpreso ao saber sua idade.

– Sabemos que Carrie é muito pequena para sua idade – Chris disse defensivamente.

– De fato, ela é pequena. – Ele dirigiu o olhar para mim quando disse isso, e em seguida, para o meu irmão, e inclinou-se para frente com os braços cruzados de uma maneira amigável, confidencial, que me deixou tensa com a antecipação. – Agora veja bem. Vamos parar de suspeitar um do outro. Sou médico, e qualquer coisa que você me confiar permanecerá em segredo. Se realmente quiser ajudar sua irmã, você não pode sentar-se aí e inventar mentiras. Você tem que me dizer a verdade, ou então está desperdiçando meu tempo e colocando a vida de Carrie em risco.

Nós nos sentamos em silêncio, de mãos dadas, os nossos ombros pressionados um contra o outro. Senti Chris tremer, então estremeci também. Estávamos tão assustados, tão amaldiçoadamente aterrorizados em falar toda a verdade – pois quem iria acreditar? Tínhamos confiado naqueles que eram supostamente honrados antes, então como poderíamos confiar novamente? E, no entanto, aquele homem atrás da escrivaninha... parecia tão familiar, como se eu o tivesse visto antes.

– Tudo bem – ele disse –, se é tão difícil, deixe-me fazer mais perguntas. Digam-me qual foi a última coisa que vocês três comeram.

Chris suspirou, aliviado.

– Nossa última refeição foi o café da manhã, bem cedo. Todos nós comemos a mesma coisa, cachorro- quente com tudo, batatas fritas mergulhadas em ketchup e depois milk-shakes de chocolate. Carrie comeu apenas um pouco. Ela era muito exigente com a comida, na melhor das circunstâncias. Eu diria que ela nunca teve um apetite saudável.

Franzindo a testa, o médico anotou isto.

– E todos os três comeram exatamente a mesma coisa no café da manhã? E só Carrie ficou enjoada?

– Certo. Só Carrie.

– Carrie fica enjoada frequentemente?

– Às vezes, não frequentemente.

– Às vezes como?

– Bem... – Chris disse lentamente – Carrie vomitou duas vezes na semana passada, e cerca de cinco vezes no mês passado. Isso tem me preocupado muito; suas crises parecem estar ficando mais violentas e mais frequentes.

Oh, a maneira evasiva como Chris estava falando sobre Carrie me deixou realmente furiosa! Ele ia proteger a nossa mãe mesmo agora, depois de tudo o que ela tinha feito. Talvez tivesse sido minha expressão que traiu Chris e fez o médico se inclinar para mim, como se ele soubesse que ia ouvir uma história mais completa de mim.

– Vejam, vocês vieram me pedir ajuda e estou disposto a fazer o que puder, mas vocês não estarão me dando uma oportunidade justa se não me contarem todos os fatos. Se Carrie está com alguma doença interna, eu não posso olhar dentro dela para ver onde é que dói; ela tem que me dizer, ou vocês têm que me dizer. Preciso de informações para trabalhar, informações completas. Já sei que Carrie está desnutrida, tem os músculos afetados por falta de exercício e é pouco desenvolvida para sua idade. Vejo que vocês três têm as pupilas dilatadas. Vejo que estão todos pálidos, magros e parecem fracos. Também não posso entender por que vocês hesitam sobre o dinheiro quando usam relógios que parecem bastante caros, e alguém escolheu suas roupas com bom gosto e a um custo considerável, embora o porquê delas não lhes caírem bem esteja além da minha compreensão. Vocês ficam sentados aí, com seus relógios de ouro e diamante, vestindo roupas caras e tênis de má qualidade, e me dizem meias-verdades. Então, agora sou eu que vou lhes dizer algumas *verdades completas!* – Sua voz tornou-se mais forte, mais intimidadora. – Suspeito que sua irmãzinha esteja perigosamente anêmica. E por estar anêmica, ela é suscetível a diversas infecções. Sua pressão arterial está perigosamente baixa. E há um fator indefinido que não consigo identificar. Então, amanhã

Carrie será internada em um hospital, mesmo que vocês não liguem para os seus pais, e vocês podem penhorar esses relógios de pulso para pagar por sua vida. Agora... se a internarmos no hospital hoje à noite, os testes podem começar amanhã de manhã cedo.

– Faça o que achar necessário – Chris disse resolutamente.

– Espere um minuto! – gritei, ficando em pé de um salto e movendo-me rapidamente até a mesa do médico. – Meu irmão não está te contando tudo! – Dei a Chris um olhar duro sobre o meu ombro, enquanto ele me atirava um olhar furioso que me proibia de revelar toda a verdade. Pensei amargamente, *não se preocupe, vou proteger a nossa preciosa mãe, tanto quanto puder!*

Acho que Chris compreendeu, pois seus olhos se encheram de lágrimas. Oh, o quanto essa mulher o havia ferido, ferido a todos nós, e ele ainda assim podia chorar por causa dela! Suas lágrimas trouxeram lágrimas ao meu coração também, não por ela, mas por ele, que a amava tanto, e por mim, que o amava tanto, e lágrimas por tudo o que tínhamos compartilhado e sofrido...

Ele balançou a cabeça, como se estivesse dizendo “tudo bem, vá em frente”, e então eu comecei a contar o que deve ter parecido ao médico uma história inacreditável. No começo, percebi que ele achava que eu estava mentindo, ou pelo menos exagerando. Por que, quando todos os dias os jornais traziam histórias terríveis sobre o que pais amorosos e cuidadosos faziam com os filhos?

– E assim, depois que papai morreu naquele acidente fatal, nossa mãe veio e nos disse que estava profundamente endividada, e que não tinha nenhuma maneira de sustentar a nós cinco. Ela começou a escrever para os pais dela, na Virgínia. No início eles não responderam, mas um dia chegou uma carta. Ela nos disse que seus pais viviam em uma casa rica e bonita e eram fabulosamente ricos, mas que ela tinha sido deserdada porque havia se casado com o meio-irmão de seu pai. Agora nós íamos perder tudo o que possuíamos. Tivemos que deixar as nossas bicicletas na garagem, e ela nem sequer nos deu tempo para nos despedirmos de nossos amigos. Naquela mesma noite partimos num trem em direção às montanhas Blue Ridge.

Recuperei o fôlego e prossegui:

– Estávamos felizes por estarmos indo viver em uma casa rica e bonita, mas não tão felizes em conhecer um avô que parecia tão cruel. Nossa mãe nos disse que teríamos que nos esconder até que ela pudesse reconquistar o amor de seu pai. Mamãe disse *uma* noite só, ou talvez duas ou três, então poderíamos ir até o andar de baixo e conhecer seu pai. Ele estava morrendo de doença cardíaca e nunca subia as escadas, de modo que estávamos seguros o suficiente lá, se não fizéssemos muito barulho. Nossa avó nos deixava brincar no sótão. Era enorme e sujo, cheio de aranhas, ratos e insetos. E era lá que nós brincávamos e tentávamos fazer o melhor que podíamos até mamãe reconquistar a boa vontade de seu pai, e aí poderíamos ir para baixo e começar a desfrutar de nossa vida como crianças ricas. Mas logo descobrimos que nosso avô nunca iria perdoar nossa mãe por ter se casado com o meio-irmão dele e que nós sempre seríamos os “filhos do diabo”. Nós teríamos que viver lá em cima até que ele morresse!

Eu continuei, apesar do olhar de incredulidade dolorosa nos olhos do médico.

– E como se isso não fosse ruim o suficiente, ficamos trancados em um quarto, tendo o sótão como nosso parque de diversões, logo descobrimos que nossa avó nos odiava também! Ela nos deu uma longa lista do que podíamos e do que não podíamos fazer. Éramos proibidos de olhar pelas janelas da frente, ou mesmo abrir as pesadas cortinas para deixar entrar alguma luz. No início, as refeições que nossa avó nos trazia toda manhã em uma cesta de piquenique eram bastante boas, mas aos poucos elas pioraram, e eram apenas sanduíches, salada de batata e frango frito. Nunca havia sobremesa, pois isso iria apodrecer nossos dentes e não podíamos ir a um dentista. Claro que, quando nossos aniversários chegavam, mamãe nos mandava às escondidas sorvete e um bolo de padaria, e muitos presentes. Oh, pode apostar que ela nos dava muitas coisas para compensar o que estava fazendo conosco... Como se livros, jogos e brinquedos pudessem compensar tudo o que estávamos perdendo – nossa saúde, nossa crença em nós mesmos. E, o pior de tudo, começamos a perder a fé *nela*.

Avancei no relato de nossas dolorosas experiências.

– Mais um ano se passou, e naquele verão mamãe não nos visitou nem uma vez! Então, em outubro, ela apareceu novamente para nos dizer que havia se casado pela segunda vez e tinha passado o verão passeando pela Europa em sua lua de mel! Eu queria matá-la! Ela poderia ter nos contado, mas foi embora e não disse uma palavra sequer para explicar! Ela nos trouxe presentes caros, roupas que não serviam, e achou que aquelas coisas compensavam tudo, quando não compensavam *nada*! Finalmente consegui convencer Chris de que deveríamos encontrar uma maneira de escapar daquela casa e esquecer a chance de herdar uma fortuna. Ele não queria ir. Achava que nosso avô poderia morrer a qualquer dia e desejava ir para a faculdade de Medicina e se tornar um médico, como você.

– Um médico como eu... – disse o Dr. Sheffield com um suspiro estranho. Seus olhos brilhavam com simpatia, e algo mais sombrio também. – É uma história estranha, Cathy, e difícil de acreditar.

– Espere um minuto! – eu gritei. – Ainda não terminei. Não contei a pior parte! Nosso avô morreu, e colocou nossa mãe em seu testamento para que ela herdasse sua enorme fortuna, mas acrescentou um codicilo¹ que dizia que ela nunca poderia ter filhos. Se fosse comprovado que ela havia tido filhos com o primeiro marido, ela perderia tudo o que havia herdado e tudo o que havia comprado com o dinheiro!

Fiz uma pausa. Olhei para Chris, que estava sentado, com um ar pálido e fraco, fixando diretamente em mim seus olhos cheios de dor e súplica. Mas ele não precisava ter se preocupado; eu não ia falar de Cory. Virei-me novamente para o médico.

– Agora, aquele fator misterioso, o fator indefinido que você não consegue identificar, aquilo que há de errado com Carrie que a faz vomitar, e nós também, às vezes... É realmente muito simples. Veja, quando nossa mãe percebeu que nunca poderia nos manter e também sua fortuna, ela decidiu se livrar de nós. Nossa avó começou a adicionar donuts açucarados em nossa cesta. Nós os devorávamos, sem saber que estavam cobertos de arsênico.

E então eu disse tudo.

Donuts envenenados para adoçar nossos dias como prisioneiros, quando fugíamos de nosso quarto, usando a chave de madeira que Chris tinha fabricado. Dia a dia, morrendo por nove meses, enquanto entrávamos às escondidas na grande suíte de nossa mãe e pegávamos todas as notas de um e de cinco dólares que podíamos encontrar. Por quase um ano nós havíamos atravessado aqueles corredores longos e escuros, entrando às escondidas em seu quarto para pegar todo o dinheiro que pudéssemos encontrar.

– Naquele quarto, doutor, vivemos três anos, quatro meses e 16 dias.

Quando terminei a minha longa narrativa, o médico ficou muito quieto, olhando para mim com compaixão, choque e preocupação.

– Então você percebe, doutor – eu disse por fim –, que não pode nos obrigar a procurar a polícia e contar a nossa história! Eles poderiam colocar nossa avó e nossa mãe na cadeia, mas nós também sofreríamos! Não só por causa da publicidade, mas também ao sermos separados. Eles nos colocariam em lares temporários, ou em orfanatos do governo, e nós juramos ficar juntos, sempre!

Chris estava olhando para o chão. Ele falou sem olhar para cima.

– Cuide de nossa irmã. Faça o que for necessário para deixá-la bem novamente, e Cathy e eu vamos encontrar uma maneira de cumprir com as nossas obrigações.

– Espere um pouco, Chris – disse o médico, com seu jeito paciente e lento. – Você e Cathy também ingeriram arsênico e terão de passar por muitos dos mesmos testes que vou pedir para Carrie. Olhem para vocês dois. Vocês estão magros, pálidos, fracos. Precisam de uma boa alimentação, descanso e muito ar fresco e sol. Talvez haja algo que eu possa fazer para ajudar.

– Você é um estranho para nós, senhor – Chris disse respeitosamente –, e não esperamos ou precisamos da caridade ou piedade de ninguém. Cathy e eu não estamos tão fracos ou doentes assim. Carrie é a mais afetada.

Cheia de indignação, me virei para encarar Chris. Seríamos tolos em rejeitar a ajuda desse homem bondoso somente para salvar o pouco que restava do nosso orgulho, que já havia sido vencido tantas vezes antes. Que diferença faria mais uma vez?

– ... Sim – continuou o médico, como se Chris e eu já tivéssemos concordado com a sua generosa oferta para nos ajudar –, as despesas não são tão altas para um paciente “ambulatorial” como são para um paciente “internado”; não é preciso pagar as diárias do hospital. Agora escutem: isso é apenas uma sugestão e vocês são livres para recusar e viajar para onde quer que tenham em mente... A propósito, para onde vocês vão?

– Para Sarasota, Flórida – Chris disse fracamente. – Cathy e eu costumávamos nos balançar nas cordas que amarrávamos aos caibros do sótão, então ela pensou que poderíamos nos tornar trapezistas, com um pouco de prática.

Parecia tolice ouvi-lo dizer aquilo em voz alta. Esperei que o médico começasse a rir, mas ele não o fez. Ele apenas pareceu ficar mais triste.

– Honestamente, Chris, eu odiaria ver você e Cathy arriscarem suas vidas assim, e como médico eu sinto que não posso permitir que vocês continuem dessa maneira. Tudo em minha ética pessoal e profissional também se recusa a deixá-los ir embora sem tratamento médico. O bom senso me diz que eu deveria me manter a distância e não dar a mínima para o que acontece com três crianças por conta própria. Pelo que sei, essa história horrível pode ser apenas um monte de mentiras para ganhar a minha simpatia. – Ele sorriu gentilmente para deixar suas palavras menos ásperas. – No entanto, a minha intuição me diz para acreditar em sua história. Suas roupas caras, seus relógios e os tênis em seus pés, sua pele pálida e o olhar assombrado em seus olhos me fazem crer que tudo é verdade.

A voz dele era hipnotizante, suave e melodiosa, com apenas um leve sotaque sulista.

– Venham – ele disse, deixando-me encantada, embora não tivesse o mesmo efeito em Chris –, esqueçam-se do seu orgulho e da caridade. Venham viver em minha casa de 12 quartos solitários. Deus deve ter colocado Henrietta Beech naquele ônibus para trazê-los até mim. Henny é uma trabalhadora fantástica e mantém minha casa impecável, mas ela sempre reclama que 12 quartos e quatro banheiros são demais para uma mulher cuidar sozinha. Lá nos fundos tenho quase dois hectares de jardim. Contratei dois

jardineiros para me ajudar, porque eu simplesmente não consigo dedicar tanto tempo ao jardim quanto preciso. – Nesse ponto ele desviou os olhos brilhantes diretamente para Chris. – Você pode ajudar a ganhar seu sustento aparando o gramado, cortando as sebes e preparando os jardins para o inverno. Cathy pode ajudar na casa. – Ele me deu um olhar inquisitivo, provocante, com os olhos brilhando. – Você sabe cozinhar?

Cozinhar? Será que ele estava brincando? Tínhamos ficado presos no andar de cima por mais de três anos, e nunca tivemos nem mesmo uma torradeira para tostar o pão de manhã, e nenhuma manteiga, nem mesmo margarina!

– Não! – eu disse, irritada. – Eu não sei cozinhar. Sou uma dançarina. Quando eu for uma bailarina, vou contratar uma mulher para cozinhar para mim, como você faz. Não quero ficar presa à cozinha de um homem qualquer, lavando seus pratos, cozinhando suas refeições e tendo seus bebês! Isso não é para mim.

– Entendo – ele disse, sua expressão impenetrável.

– Não quero parecer ingrata – expliquei. – Farei o que puder para ajudar a Sra. Beech. Vou até aprender a cozinhar para ela, e para você.

– Ótimo – ele disse. Seus olhos brilhavam, divertidos, cheios de luzes brilhantes, enquanto ele colocava os dedos debaixo do queixo e sorria. – Você vai ser uma bailarina, e Chris vai ser um médico famoso, e vocês vão conseguir tudo isso fugindo para a Flórida, para se apresentarem em um circo? É claro que eu sou de outra geração, muito mais entediante, e não consigo entender esse raciocínio. Será que isso realmente faz sentido para vocês?

Agora que estávamos fora do quarto trancado e do sótão e em plena luz da realidade, não, não fazia sentido. Parecia uma ideia tola, infantil e nada realista.

– Vocês percebem o que teriam de enfrentar contra trapezistas profissionais? – perguntou o médico. – Teriam que competir com indivíduos que foram treinados desde o começo da infância, descendentes de longas linhagens de atores circenses. Não seria fácil. Ainda assim, admito que há algo nesses olhos azuis que me diz que vocês dois são jovens muito determinados, e sem dúvida vocês

irão conseguir o que desejam, se realmente desejarem algo com vontade suficiente. Mas e a escola? E quanto a Carrie? O que ela vai fazer, enquanto vocês dois estiverem balançando nos trapézios? Bem, não precisam responder – ele disse rapidamente quando meus lábios se entreabriram. – Tenho certeza de que vocês dois podem encontrar algo para me convencer, mas devo dissuadi-los. Primeiro vocês têm que cuidar de sua saúde e da de Carrie. Qualquer dia desses vocês dois podem adoecer tão repentinamente quanto Carrie e ficarem tão doentes quanto ela. Afinal, os três não viviam sob as mesmas condições miseráveis?

Quatro de nós, e não três, foi o sussurro em meus ouvidos, mas não falei nada sobre Cory.

– Se você realmente fala sério ao dizer que nos acolherá até que Carrie esteja bem – disse Chris, com os olhos brilhando de forma suspeita –, ficamos extremamente gratos. Vamos trabalhar duro, e quando for possível, partiremos e pagaremos cada centavo que você gastou conosco.

– Eu falo sério. E vocês não precisam me pagar, exceto me ajudando na casa e no quintal. Então, vejam, não é piedade ou caridade, apenas um acordo de negócios para o benefício de todos nós.

1 *Codicilo*: ato jurídico unilateral de última vontade, necessariamente escrito, pelo qual o autor da herança pode dispor sobre assuntos de menor importância, como despesas e doações de pouco valor a certas e determinadas pessoas, o próprio enterro, legado de móveis e objetos de pouco valor e de uso pessoal; o codicilante pode, ainda, nomear ou substituir testamenteiros, entre outras atribuições. (N.E.)

UM NOVO LAR



E foi assim que começou. Nós nos mudamos discretamente para a casa do médico e entramos em sua vida. Nós nos apropriamos dele, agora eu sei disso. Nós nos tornamos importantes para ele, como se ele não tivesse uma vida antes de nossa chegada. Sei disso agora também. Ele fez parecer que estávamos fazendo um favor a ele, suavizando sua vida triste e solitária com a nossa presença jovem. Ele nos fez sentir que *nós* estávamos sendo generosos em compartilhar a vida *dele*, e oh, nós queríamos acreditar em alguém.

Ele deu a mim e à Carrie um grande quarto que compartilhávamos, com duas camas e quatro janelas altas de frente para o sul, e duas janelas para o leste. Chris e eu olhamos um para o outro, compartilhando nossa terrível dor. Íamos dormir em quartos separados pela primeira vez em muito tempo. Eu não queria me separar dele e enfrentar a noite apenas com Carrie, que nunca poderia me proteger como ele havia me protegido. Acho que nosso médico pode ter sentido algo que lhe disse para se afastar, pois ele se desculpou e foi em direção ao final do corredor. Só então Chris falou.

– Temos que ter cuidado, Cathy. Não queremos que ele suspeite...

– Não há nada a suspeitar. Acabou – eu respondi, mas não olhei em seus olhos, adivinhando, mesmo então, que nunca acabaria. *Oh,*

mamãe, veja o que você começou ao colocar nós quatro em um quarto trancado, e nos deixando lá para crescer, sabendo como seria! Você deveria ser a primeira a saber!

– Não diga isso – Chris sussurrou. – Dê-me um beijo de boa noite. Não haverá nenhum percevejo de cama aqui.

Ele me beijou, eu o beijei, desejamos boa noite um ao outro, e isso foi tudo. Com lágrimas nos olhos, vi meu irmão andar de volta para o corredor, ainda olhando para mim.

Em nosso quarto, Carrie soltou um grito alto.

– Eu não consigo dormir nessa caminha sozinha! – ela soluçou. – Eu vou cair! Cathy, por que a cama é tão pequena?

Isso tudo terminou com Chris e o médico voltando e tirando a mesinha de cabeceira que separava as camas de solteiro. Em seguida, eles empurraram as camas estreitas até ficarem lado a lado, de modo que parecia uma cama de casal. Isso deixou Carrie muito contente, mas, à medida que as noites se passavam, de alguma maneira, o espaço entre as camas aumentava cada vez mais, até que eu, que tinha o sono inquieto, finalmente acordei com uma perna e um braço no espaço entre as camas e Carrie sendo puxada junto comigo para o chão.

Eu adorava esse quarto que Paul havia nos dado. Era tão bonito com o papel de parede azul pálido e cortinas combinando! O tapete era azul; cada uma de nós tinha uma poltrona com almofadas de cor amarelo-limão e todos os móveis eram antiguidades pintadas de branco. Era o tipo de quarto que uma menina deveria ter. Nada de melancolia. Nenhuma imagem do inferno na parede. Todo o inferno que eu guardava estava em minha mente, colocado lá ao pensar demais nele. Mamãe poderia ter encontrado outra solução se ela realmente quisesse! Ela não precisava ter nos trancado! Era a ganância, a avareza, aquela maldita fortuna... E Cory estava no túmulo por causa da fraqueza dela!

– Esqueça isso, Cathy – disse Chris, quando estávamos novamente dizendo boa noite.

Eu estava com muito medo de dizer a ele o que eu suspeitava. Abaixei a cabeça, aninhando-a em seu peito.

– Chris, o que nós fizemos foi um grande pecado, não foi?

– Isso não vai acontecer de novo – ele disse com firmeza. Em seguida, se afastou e quase correu pelo corredor, como se eu o estivesse perseguindo.

Eu queria levar uma vida boa e não ferir ninguém, especialmente Chris. Mesmo assim, tive que sair da minha cama por volta da meia-noite e ir até onde Chris estava. Enquanto ele dormia, eu me enfiei na cama ao lado dele. Ele acordou quando ouviu as molas guinchando.

– Cathy, que diabos você está fazendo aqui?

– Está chovendo lá fora – sussurrei. – Só me deixe ficar deitada ao seu lado por um momento apenas, e então vou embora.

Nenhum de nós dois se moveu, ou mesmo respirou. Então, sem mesmo saber como isso aconteceu, estávamos nos braços um do outro e ele estava me beijando. Beijando com tal fervor ardente que me fez reagir, quando eu não queria reagir. Era algo mau e errado! No entanto, eu realmente não queria que ele parasse. Aquela mulher que dormia dentro de mim acordou e assumiu o controle, querendo o que ele sentia que precisava ter, e eu, a parte pensante e calculista, o empurrei.

– O que você está fazendo? Pensei que você disse que isso nunca iria acontecer novamente!

– Você veio... – ele disse com a voz rouca.

– Não para isso!

– Do que você acha que sou feito? Aço? Cathy, não faça isso de novo.

Deixei-o lá e fui chorar em minha própria cama, pois ele estava no fim do corredor e não estava lá para me acordar, se eu tivesse um pesadelo. Ninguém para me confortar. Ninguém para me emprestar sua força. Então, as palavras de minha mãe vieram me assombrar com um horrível pensamento – eu me parecia tanto assim com ela? Eu seria aquele tipo de mulher fraca e dependente, que sempre precisava de um homem para sua proteção? Não! Eu era autossuficiente!

Creio que foi no dia seguinte que o Dr. Paul me trouxe quatro quadros para pendurar na parede. Bailarinas em quatro posições diferentes. Para Carrie, ele trouxe um vaso de vidro leitoso cheio de

delicadas violetas plásticas. Ele já conhecia a paixão de Carrie por todas as coisas de cor roxa ou vermelha.

– Façam o que puderem para tornar este quarto um espaço de vocês – ele nos disse. – Se vocês não gostam das cores, nós as mudaremos na primavera.

Olhei para ele. Não estaríamos aqui na primavera.

Carrie sentou-se, segurando seu vaso de violetas falsas, enquanto eu me obrigava a dizer o que precisava dizer.

– Dr. Paul, não estaremos aqui na primavera, por isso não podemos nos dar ao luxo de nos apegarmos demais aos quartos que você nos deu.

Ele estava na porta, pronto para partir, mas parou e se virou para me olhar. Ele era alto, 1,85 m ou mais, e os ombros eram tão grandes que quase preenchiam a porta.

– Eu pensei que vocês gostassem daqui – ele disse em um tom de voz melancólico, seus olhos escuros desolados.

– Eu gosto daqui! – respondi rapidamente. – Todos nós gostamos daqui, mas não podemos abusar de sua bondade para sempre.

Ele acenou com a cabeça, sem responder, e saiu. Eu me virei para ver Carrie olhando para mim com grande ressentimento.

Diariamente o médico levava Carrie ao hospital com ele. No início, ela tinha chorado e se recusado a ir, a menos que eu fosse junto também. Contava histórias fantásticas sobre o que faziam com ela no hospital, e queixava-se sobre todas as perguntas que lhe faziam.

– Carrie, nós nunca contamos mentiras, você sabe disso. Nós três sempre dizemos a verdade um ao outro. Mas não saímos por aí contando para *todo mundo* sobre nossa vida passada no andar de cima, entendeu?

Ela me olhou com aqueles grandes olhos assombrados.

– Eu não contei a ninguém que Cory foi embora para o céu e me deixou sozinha. Eu não contei a ninguém, só para o Dr. Paul.

– Você contou a ele?

– Eu não pude evitar, Cathy – Carrie enterrou a cabeça em seu travesseiro e chorou.

Então, agora o médico sabia sobre Cory, e como ele tinha morrido de pneumonia em um hospital.

Como seus olhos estavam tristes naquela noite, quando ele nos questionou, a Chris e a mim, querendo saber todos os detalhes sobre a doença que culminou na morte de Cory!

Chris e eu estávamos aconchegados perto um do outro no sofá da sala de estar quando Paul disse:

– Estou muito feliz em informar que o arsênico não causou nenhum dano permanente a qualquer um dos órgãos de Carrie, como nós todos temíamos. Agora, não precisam me olhar desse jeito. Eu não deixei escapar seu segredo, mas eu tinha que contar aos técnicos de laboratório sobre o que procurar. Inventei uma história sobre como vocês tomaram o veneno acidentalmente, e como seus pais eram bons amigos meus, e que estou pensando em tornar-me seu tutor legal.

– Carrie vai viver? – sussurrei, sufocada de alívio.

– Sim, ela vai viver... se não for se balançar em trapézios. – Ele sorriu de novo. – Marquei consultas para vocês dois serem examinados amanhã, por mim, a menos que tenham alguma objeção.

Oh, eu tinha objeções! Eu não estava interessada em tirar a roupa e ser tocada por ele, mesmo com a enfermeira presente. Chris me disse que eu era boba em pensar que um médico de 40 anos fosse ter qualquer prazer erótico ao olhar para uma garota de minha idade. Mas quando ele disse isso, estava olhando para o outro lado, então como eu poderia saber o que ele realmente estava pensando? Talvez Chris estivesse certo, pois quando eu estava na mesa de exame, nua sob o avental de papel que vestia, o Dr. Paul não parecia o mesmo homem cujos olhos me seguiam quando estávamos no lado da casa que era seu "lar". Ele me examinou da mesma forma que havia examinado Carrie, mas fez ainda mais perguntas. Perguntas embaraçosas.

– Você não menstrua há mais de dois meses?

– Na verdade, eu nunca fui regular! Comecei com 12 anos, e duas vezes fiquei de três a seis meses sem menstruar. Eu costumava me preocupar com isso, mas Chris leu sobre o assunto em um dos

livros de medicina que mamãe trouxe, e me disse que muita ansiedade e muito estresse podem fazer uma garota parar de menstruar. Você não acha... quero dizer... não há nada de errado comigo, não é?

– Nada que eu possa ver. Você parece bastante normal. Magra demais, pálida demais, e um pouco anêmica. Chris também, mas, devido ao fato de ser menino, não tanto quanto você. Vou receitar vitaminas especiais para vocês três.

Fiquei contente quando tudo acabou e pude colocar minhas roupas e escapar daquele consultório, onde as mulheres que trabalhavam para o Dr. Paul me olhavam de um jeito esquisito.

Corri de volta para a cozinha. A Sra. Beech estava preparando o jantar. Seu sorriso grande e brilhante ficou mais amplo quando entrei na cozinha, fazendo sua cara de lua se iluminar, com a pele tão lustrosa como borracha untada. Seus dentes eram os mais brancos e mais perfeitos que eu já vira.

– Caramba, estou feliz que tenha acabado! – eu disse, caindo sentada em uma cadeira e pegando uma faca para descascar batatas. – Eu não gosto de médicos me cutucando. Gosto mais do Dr. Paul quando ele é apenas um homem. Quando ele coloca o longo jaleco branco, ele também coloca uma máscara sobre os olhos. Então eu não posso ver o que ele está pensando. E eu sou muito boa em ler os olhos das pessoas, Sra. Beech.

Ela sorriu para mim com um olhar provocante e brincalhão, então tirou um bloco de notas cor-de-rosa do enorme bolso quadrado de seu avental branco engomado. Com o avental amarrado ao seu redor, ela mais parecia um edredom de penas de ganso, andando por aí sem dizer palavra. Eu já sabia que ela tinha um defeito congênito da fala. Embora ela estivesse tentando ensinar Chris, Carrie e eu a compreender a sua linguagem de sinais, nenhum de nós tinha aprendido o suficiente para manter uma conversa rápida. Acho que eu gostava demais de seus bilhetes – bilhetes que ela escrevia com a rapidez do relâmpago em um estilo muito abreviado. *Médico diz, ela escreveu, jovens precisam de muitas frutas e legumes, muita carne magra, mas ir devagar com amidos e sobremesas. Ele quer vocês ganhando músculo, não gordura.*

Já tínhamos ganhado algum peso depois de duas semanas comendo a deliciosa comida da Sra. Beech, mesmo Carrie que era tão exigente. Agora ela comia com entusiasmo, e, em se tratando de Carrie, isso era algo notável. Então, enquanto eu descascava as batatas vermelhas, a Sra. Beech escreveu outro bilhete quando não consegui compreender seus sinais. *Criança-fada, a partir de agora me chamar apenas Henny. Não Sra. Beech.*

Ela era a primeira pessoa negra que eu conhecera, e embora a princípio eu não me sentisse à vontade e tivesse um pouco de medo dela, duas semanas de intimidade haviam me ensinado muito. Ela era apenas outro ser humano de outra raça e cor, com as mesmas sensibilidades, esperanças e medos que todos nós tínhamos.

Eu amava Henny, seus sorrisos largos, seus vestidos amplos, soltos, com flores desabrochando desordenadamente, e acima de tudo eu amava a sabedoria que vinha de suas pequenas folhas de papel de tons pastéis. Eventualmente, aprendi a entender sua linguagem de sinais, embora nunca tão bem quanto seu “médico-filho”.

Paul Scott Sheffield era um homem estranho. Frequentemente parecia triste quando não havia nenhuma razão aparente para estar triste. Então ele sorria e dizia:

– Sim, Deus favoreceu a Henny e a mim naquele dia, ao colocar vocês três no ônibus. Eu perdi uma família, e sofri por ela, e o destino foi bondoso o suficiente para me enviar outra família, completa.

Naquela noite, quando me despedia relutantemente de Chris, eu disse:

– Chris, quando vivíamos no quarto do andar de cima, você era o homem, o chefe da família... Às vezes parece estranho ter o Dr. Paul ao nosso redor, observando o que fazemos e ouvindo o que falamos.

Ele corou.

– Eu sei. Ele está tomando o meu lugar. Para ser honesto – e aqui ele fez uma pausa e corou ainda mais –, eu não gosto dele me substituindo em sua vida, mas sou muito grato pelo que ele fez por Carrie.

De algum modo, tudo o que o nosso médico fez por nós fazia mamãe parecer mil vezes pior em comparação. Dez mil vezes pior!

O dia seguinte era o aniversário de 18 anos de Chris, e embora *eu* jamais me esquecesse, fiquei surpresa ao ver que o médico tinha planejado uma festa com muitos presentes finos que fizeram os olhos de Chris brilharem e então ficarem entristecidos com a culpa que tanto ele quanto eu sentíamos. Já tínhamos aceitado muita coisa. Já estávamos fazendo planos para partir em breve. Não podíamos simplesmente ficar e tirar vantagem da bondade do Dr. Paul, agora que Carrie estava bem o suficiente para viajar.

Depois da festa, Chris e eu nos sentamos na varanda dos fundos, pensando sobre isso. Um olhar para o seu rosto e eu percebi que ele não queria abandonar o primeiro e único homem que podia, e iria, ajudá-lo a alcançar o seu objetivo de se tornar um médico.

– Eu realmente não gosto do jeito como ele te olha, Cathy. Os olhos dele te seguem o tempo todo. Aqui está você, tão disponível! E os homens da idade dele acham as garotas da sua idade irresistíveis.

Achavam? Era fascinante saber disso.

– Mas os médicos têm um monte de enfermeiras bonitas disponíveis para eles – eu disse de maneira pouco convincente, sabendo que faria qualquer coisa, com exceção de assassinato, para ver Chris alcançar seu objetivo. – Lembra-se do dia em que chegamos aqui? Ele falou sobre o tipo de competição que enfrentaríamos no circo. Chris, ele está certo. Não podemos trabalhar no circo; isso é apenas um sonho bobo.

Ele olhou para longe, com as sobrancelhas franzidas.

– Eu sei de tudo isso.

– Chris, ele é apenas solitário. Talvez ele só me observe porque não há nada mais interessante do que eu para observar.

Mas era fascinante saber que homens de 40 anos eram sensíveis a meninas de 15. Como era maravilhoso exercer sobre eles o poder que a minha mãe tinha.

– Chris, se o Dr. Paul disser a coisa certa, quero dizer, se ele realmente, honestamente, nos quiser, você ficaria?

Ele franziu a testa e estudou as sebes que havia podado tão recentemente. Após longa consideração, ele falou lentamente:

– Vamos fazer um teste. Se dissermos a ele que estamos indo embora e ele não falar nada para nos impedir, então essa será sua maneira educada de nos dizer que ele realmente não se importa.

– É justo testá-lo assim?

– Sim. É uma boa maneira de dar a ele a chance de se livrar de nós e não se sentir culpado por isso. Você sabe, pessoas como ele muitas vezes fazem coisas boas porque sentem que devem, não porque realmente querem.

– Oh.

Nós não costumávamos procrastinar. Na noite seguinte, depois do jantar, Paul veio se juntar a nós na varanda dos fundos.

Paul. Eu o chamava assim em meus pensamentos – cada vez mais familiar, gostando cada vez mais dele, porque ele sempre parecia tão casualmente elegante, tão limpo, tão gentil, sentado em sua cadeira de balanço de vime branco favorita, vestindo um suéter de tricô de lã vermelha, com calças cinza, e lentamente fumando um cigarro, com ar sonhador. Nós três usávamos suéteres também, pois a noite estava fria. Chris estava empoleirado ao meu lado na balaustrada, enquanto Carrie permanecia agachada no degrau mais alto. Os jardins de Paul eram fabulosos. Degraus rasos de mármore, de três metros de largura, levavam até outros degraus, que subiam até um nível superior. Havia uma pequena ponte em estilo japonês de laca vermelha, curvando-se sobre um pequeno riacho. Havia estátuas nuas de homens e mulheres, colocadas de forma aleatória, que davam aos jardins uma atmosfera de sedução, de sensualidade mundana. Eram nus clássicos. Graciosos, em poses elegantes, e ainda assim... ainda assim, eu sabia o que esse jardim significava. Pois eu havia estado lá antes, em meus sonhos.

O médico estava nos contando, quando o vento ficou mais frio e começou a soprar folhas mortas aqui e ali, que ele tinha viajado para o exterior a cada dois anos para procurar as belas estátuas de mármore que ele enviava para casa, para adicionar à sua coleção. Ele tivera muita sorte na última vez, ao encontrar uma cópia em tamanho real de *O Beijo*, de Rodin.

Suspirei com o vento. Eu não queria ir embora. Eu gostava daqui, com ele, com Henny, com os jardins que me fascinavam e faziam com que eu me sentisse encantada, bela, desejável.

– Então todas as minhas rosas são do estilo antigo, que não tiveram seu perfume modificado através de enxertos – disse o Dr. Paul. – De que adianta ter rosas se elas não exalarem perfume forte?

Na luz esmaecida e púrpura do dia que desaparecia, seus olhos brilhantes encontraram-se com os meus. Meu pulso acelerou e me fez soltar outro suspiro. Fiquei imaginando como teria sido sua esposa, e como seria se sentir amada por alguém como ele. Sentindo-me culpada, meus olhos se desviaram do seu olhar longo e perscrutador, com medo de que ele pudesse ver o que eu estava pensando.

– Você parece perturbada, Cathy. Por quê?

A pergunta dele me provocou, como se ele já conhecesse os meus segredos. Chris virou a cabeça para me dar um olhar duro de advertência.

– É o seu suéter vermelho – eu disse estupidamente. – Foi Henny que tricou?

Ele riu suavemente, e então olhou para o belo suéter que usava.

– Não, não foi Henny. Minha irmã mais velha tricou o suéter para o meu aniversário, e o enviou para mim pelos correios. Ela mora do outro lado da cidade.

– Por que sua irmã te enviaria um presente pelos correios ao invés de trazê-lo pessoalmente? – perguntei. – E por que você não nos disse que era seu aniversário? Gostaríamos de ter lhe dado presentes também.

– Bem – ele começou, recostando-se confortavelmente e cruzando as pernas –, meu aniversário foi logo antes de vocês chegarem. Tenho 40 anos, caso Henny não tenha contado a vocês. Sou viúvo há 13 anos, e minha irmã, Amanda, não fala comigo desde o dia em que minha esposa e filho morreram em um acidente. – Sua voz foi desaparecendo e ele olhou para longe, emotivo, solene, distante.

Folhas mortas corriam pelo gramado, atravessaram a varanda e vieram se aninhar perto de meus pés, como patinhos ressecados e marrons. Tudo isso me levou de volta a certa noite proibida, quando Chris e eu tínhamos rezado tão desesperadamente, amontoados no telhado de ardósia fria debaixo de uma lua que parecia o olho carrancudo de Deus. Haveria um preço a pagar por um único terrível pecado cometido? Haveria? A avó rapidamente diria: *Sim! Vocês merecem o pior castigo! Filhos do diabo, eu sabia o tempo todo!*

E enquanto eu ficava sentada lá, me debatendo, Chris falou:

– Doutor, Cathy e eu falamos sobre isso, e achamos que agora que Carrie está bem, deveríamos partir. Apreciamos profundamente tudo o que você fez, e pretendemos pagar cada centavo, embora isso possa levar alguns anos... – Seus dedos apertaram os meus, alertando-me para não dizer nada diferente.

– Espere aí, Chris – interrompeu o médico, empertigando-se na cadeira e colocando ambos os pés solidamente no chão. É evidente que ele falava sério. – Não pensem, nem por um minuto, que eu não percebi que chegaríamos a isso. Tenho temido esse acontecimento todas as manhãs, com medo de acordar e descobrir que foram embora. Estive averiguando as implicações legais de me tornar o tutor legal de vocês três. E descobri que não é tão complicado como eu pensava. Parece que a maioria das crianças que fogem dizem que são órfãs, então vocês têm que me fornecer provas de que seu pai está realmente morto. Se ele estiver vivo, eu precisaria de seu consentimento, bem como o de sua mãe.

Fiquei sem respiração! Consentimento da minha mãe? Isso significava que teríamos de vê-la novamente! E eu não queria vê-la, nunca mais!

Ele continuou, seus olhos suaves quando viram minha angústia.

– O tribunal pediria à sua mãe para comparecer a uma audiência. Se ela morasse nesse estado, seria forçada a comparecer em um período de três dias, mas como ela está na Virgínia, eles lhe darão três semanas. Se ela não aparecer, então em vez de ter apenas a custódia temporária de vocês, eu receberei a guarda permanente, mas só se vocês estiverem dispostos a dizer que fiz um bom trabalho como tutor.

– Você foi maravilhoso! – exclamei. – Mas ela não virá! Ela quer nos manter em segredo! Se o mundo descobrir nossa existência, ela vai perder todo aquele dinheiro. O marido pode se voltar contra ela também se souber que ela nos escondeu. Pode apostar sua vida que se você se atrever a tentar a guarda permanente, você vai conseguí-la, e poderá se arrepender disso no final!

A mão de Chris apertou mais a minha, e Carrie me olhou com olhos enormes, assustados.

– Em poucas semanas será Natal. Vocês vão me deixar passar mais um feriado sozinho, tendo apenas eu mesmo por companhia? Vocês estão aqui há quase três semanas, e expliquei a todos que me perguntaram sobre vocês que eram os filhos de um parente meu que morreu recentemente. Não estou fazendo isso às cegas. Henny e eu pensamos muito a respeito disso. Ela sente, assim como eu, que a presença de vocês três é boa para nós. Nós dois queremos que vocês fiquem aqui. A presença de pessoas jovens na casa a torna mais parecida com um lar. Eu me sinto mais saudável do que tenho me sentido há anos, e mais feliz também. Desde a morte de minha esposa e filho, tenho sentido falta de uma família. Depois de todo esse tempo nunca me acostumei a ser solteiro novamente. – Seu tom persuasivo tornou-se melancólico. – Eu sinto que o destino *quer* que eu tenha a guarda de vocês. Sinto que Deus *planejou* que Henny estivesse no ônibus, apenas para que ela pudesse trazer vocês para mim. Quando o destino intervém e toma as decisões, quem sou eu para negar? Aceito o fato de vocês três serem presentes de Deus para me ajudar a compensar os erros que cometi no passado.

Uau! Presentes de Deus! Eu já estava praticamente convencida. Eu sabia que as pessoas sempre conseguiam encontrar motivos para justificar o que queriam; sabia disso muito bem.

Mesmo assim, meus olhos se encheram de lágrimas quando olhei para Chris interrogativamente. Ele encontrou o meu olhar e balançou a cabeça, espantado, confuso em relação ao que *eu* queria. Sua mão parecia de ferro ao agarrar a minha quando ele falou, ainda olhando para mim, não para o Dr. Paul.

– Lamentamos a perda de sua esposa e filho, senhor. Mas não podemos substituí-los, e não sei se seria uma boa coisa sobrecarregá-lo com a despesa de três filhos que não são seus. – Em seguida ele acrescentou, olhando o médico diretamente nos olhos. – E você deve pensar sobre isso também. Você vai ter um problemão dos infernos para encontrar outra esposa quando assumir nossa tutela.

– Eu não pretendo me casar de novo – ele respondeu de forma estranha. Então continuou, com um ar abstrato. – Julia era o nome da minha esposa, e meu filho se chamava Scotty. Ele tinha apenas três anos quando morreu.

– Oh – eu ofeguei –, que coisa terrível perder um filho assim tão pequeno, e sua esposa também. – Sua dor e o remorso evidentes chegaram até mim e me tocaram; eu estava em sintonia com aqueles que sofriam. – Eles morreram em um acidente, um acidente de carro como o nosso pai?

– Um acidente – ele disse bruscamente –, mas não em um carro.

– Nosso pai tinha apenas 36 anos quando morreu, e nós estávamos preparando uma festa surpresa de aniversário, com um bolo, presentes... E ele nunca chegou, apenas dois policiais estaduais...

– Sim, Cathy – ele disse em voz baixa –, você me contou. Os anos da adolescência não são fáceis para ninguém, e ser jovem e estar por conta própria, sem educação adequada, com pouco dinheiro, sem família, sem amigos...

– Nós temos uns aos outros! – Chris disse firmemente, como se para testá-lo mais ainda. – Então, nunca estaremos sozinhos de verdade.

Paul continuou:

– Se vocês não me querem, e se o que tenho a lhes oferecer não é o suficiente, então podem ir para a Flórida, com minhas bênçãos. Jogue fora todas aquelas longas horas que você estudou, Chris, justamente agora quando você está quase lá. E você, Cathy, pode esquecer o seu sonho de ser uma bailarina. E não pensem, nem por um momento, que essa será uma vida feliz e saudável para Carrie. Não estou tentando convencê-los a ficar, porque vocês farão o que

querem e precisam fazer. Então, decidam-se. Sou eu e a chance de realizar suas aspirações, ou o mundo árduo e desconhecido?

Fiquei ali sentada na balaustrada, tão perto quanto possível de Chris, com a minha mão na dele. Eu queria ficar. Eu queria o que o médico podia dar a Chris, sem falar em Carrie e eu mesma.

As brisas do sul continuaram soprando, acariciando minha face e sussurrando de forma muito convincente que tudo daria certo. Eu podia ouvir Henny na cozinha fazendo massa fresca para os pãezinhos quentes que iríamos comer na parte da manhã, dourados por causa da manteiga que escorria deles. Manteiga era uma das coisas que nos haviam negado antes, e o luxo que Chris mais tinha sentido falta.

Tudo ali me encantava, o ar, o brilho suave e quente nos olhos do médico. Até mesmo o barulho de Henny com seus potes e panelas começou a ter um efeito mágico, e o meu coração, tão pesadamente sobrecarregado por tanto tempo, começou a se sentir mais leve. Talvez existisse perfeição fora dos contos de fadas. Talvez nós fôssemos bons o suficiente para andarmos eretos e orgulhosos sob o céu azul de Deus; talvez não fôssemos brotos contaminados cultivados a partir da semente errada plantada no solo errado.

E mais do que qualquer coisa que o médico havia dito, ou qualquer coisa que os seus olhos brilhantes dissessem, acho que foram as rosas que ainda floresciam, embora fosse inverno, que me fizeram ficar tonta com a doçura esmagadora do seu perfume.

Mas não fomos Chris e eu que decidimos. Foi Carrie. De repente, ela pulou do degrau mais alto e se atirou para os braços estendidos do médico. Ela atirou-se contra ele e colocou os braços finos em volta do pescoço dele.

– Eu não quero ir! Eu te amo, Dr. Paul! – ela gritou, quase frenética. – Eu não quero nenhuma Flórida e nenhum circo! Eu não quero ir a nenhum lugar! – Então ela começou a chorar, deixando fluir todo o seu pesar por Cory, represado por tanto tempo. Ele pegou-a e segurou-a em seu colo, e deu beijos em seu rosto molhado antes de usar o lenço para enxugar suas lágrimas.

– Eu também te amo, Carrie. Eu sempre quis uma menininha com cachos loiros e grandes olhos azuis como os seus.

Mas ele não estava olhando para Carrie. Ele estava olhando para mim.

– E eu quero ficar aqui para o Natal – soluçou Carrie. – Eu nunca vi o Papai Noel, nem uma vez.

Claro que ela tinha, anos atrás, quando nossos pais levaram os gêmeos a uma loja de departamentos e papai tirou uma foto dos dois no colo do Papai Noel, mas talvez ela tivesse esquecido.

Como podia um estranho entrar tão facilmente em nossas vidas e nos dar amor, quando a nossa própria família de sangue havia tentando nos matar?

A SEGUNDA OPORTUNIDADE DA VIDA



Carrie decidira. Nós ficamos. Mesmo que ela não tivesse decidido, ainda assim teríamos ficado. Como não ficaríamos?

Tentamos dar ao Dr. Paul todo o dinheiro que nos restava. Ele se recusou.

– Guardem esse dinheiro para vocês. Vocês trabalharam duro para ganhá-lo, não foi? E fiquem sabendo que falei com o meu advogado para que ele possa preencher as petições que irão trazer sua mãe até Clairmont. Eu sei que vocês acreditam que ela não virá, mas nunca se sabe. Se eu tiver a sorte de ganhar a custódia permanente, vou dar a cada um de vocês uma mesada semanal. Ninguém pode se sentir livre e feliz sem um pouco de dinheiro no bolso. A maioria dos meus colegas dão aos seus filhos adolescentes cinco dólares por semana. Três dólares devem ser suficientes para uma menina da idade de Carrie.

Ele planejava comprar todas as nossas roupas e tudo o mais que fosse necessário para a escola. Só podíamos olhá-lo, espantados por ele ser tão generoso – de novo.

Alguns dias antes do Natal, ele nos levou a um shopping que tinha um carpete vermelho; o teto era uma cúpula de vidro; uma multidão de pessoas andava por toda a parte, enquanto músicas de Natal populares eram tocadas. Era como um reino de contos de fadas! Eu estava maravilhada; assim como Carrie e Chris – e nosso médico. Sua enorme mão segurava a pequena mão de Carrie

enquanto Chris e eu andávamos de mãos dadas. Eu o vi nos observando, adorando ver os nossos olhos arregalados. Estávamos encantados com tudo. Encantados, impressionados, carentes, e também receosos de que ele visse e tentasse satisfazer todos os nossos desejos.

Andei em círculos quando chegamos ao departamento que vendia roupas para garotas adolescentes. Deslumbrada e confusa ao ver tanta coisa, olhei aqui e acolá e não consegui decidir o que eu queria, quando tudo era tão bonito e eu nunca tivera a oportunidade de comprar nada para mim antes. Chris riu da minha indecisão.

– Vá lá – ele insistiu –, agora que você tem a chance de usar algo que serve perfeitamente em você, experimente o que você gosta. – Eu sabia o que ele estava pensando, pois eu costumava reclamar que mamãe nunca me comprava nada que servisse direito.

Com muito cuidado, selecionei parcimoniosamente as roupas que achei apropriadas para a escola que iríamos começar a frequentar em janeiro. E eu precisava de um casaco, sapatos de verdade, uma capa, chapéu de chuva e um guarda-chuva. Tudo o que aquele homem generoso, de coração bondoso me permitiu comprar fez com que eu me sentisse culpada, como se estivéssemos tirando proveito dele.

Para me recompensar por minha lentidão e minha relutância em comprar muita coisa, Paul disse, impaciente:

– Pelo amor de Deus, Cathy, não pense que vamos fazer compras assim toda semana. Eu quero que você compre o suficiente hoje para durar todo o inverno. Chris, enquanto nós terminamos aqui, dê um pulo na seção jovem masculina e escolha o que quiser. Enquanto você faz isso, Cathy e eu podemos ajudar Carrie a escolher as roupas de que ela necessita.

Notei que todas as meninas adolescentes na loja estavam se virando para olhar para o meu irmão quando ele se dirigiu para o departamento jovem masculino.

Finalmente seríamos crianças normais. Então, quando estava me sentindo razoavelmente segura, Carrie soltou um grito capaz de quebrar palácios de cristal em Londres! Seus gritos abalaram os vendedores, assustaram os clientes, e uma senhora bateu com o

carrinho de bebê em um manequim que desabou. O bebê no carrinho juntou seus gritos aos de Carrie!

Chris veio correndo para ver quem estava assassinando sua irmãzinha. Ela estava em pé, pés afastados, cabeça jogada para trás, com lágrimas de frustração descendo por suas bochechas.

– Meu Deus, qual o problema agora? – perguntou Chris, enquanto nosso médico olhava, chocado.

Homens – o que eles sabiam? Obviamente Carrie estava se sentindo ultrajada pelos belos vestidinhos de cor pastel trazidos para sua aprovação. Roupas de bebê – isso é o que eram. Ainda assim, todos eram muito grandes, e nenhum deles era vermelho ou roxo – não eram o estilo de Carrie, em absoluto!

– Tentem o departamento de roupas infantis – sugeriu a insensível e arrogante loira com o cabelo parecendo uma colmeia. Ela sorriu graciosamente para o nosso médico, que parecia estar embaraçado.

Carrie tinha *oito* anos! Até mesmo a menção de “departamento infantil” era um insulto! Ela franziu seu rosto até ficar parecendo uma ameixa seca.

– Eu não posso usar roupas de criança para ir à escola! – ela chorou. Pressionou o rosto contra a minha coxa e abraçou minhas pernas. – Cathy, não me faça usar vestidos de bebê cor-de-rosa e azuis! Todo mundo vai rir! Eu sei que vão! Eu quero roxo, vermelho, não cores de bebê!

O Dr. Paul a acalmou.

– Querida, eu adoro meninas loiras com olhos azuis vestidas em tons pastéis, então por que não esperar até que você esteja mais velha para usar todas aquelas cores brilhantes?

Aquele tipo de bobagem melosa era algo que uma pessoa teimosa como Carrie não conseguia engolir. Ela olhou furiosa para ele, cerrou os punhos, preparou o pé para chutar e aprontou suas cordas vocais para gritar quando uma mulher gorda de meia-idade, que devia ter uma neta como Carrie, sugeriu calmamente que ela poderia ter suas roupas feitas sob encomenda. Carrie hesitou, incerta, olhando de mim para o médico, em seguida para Chris, e de volta para a vendedora.

– A solução perfeita! – disse o Dr. Paul entusiasticamente, parecendo aliviado. – Vou comprar uma máquina de costura e Cathy pode fazer roupas para você, em tons de roxo, vermelho e azul-elétrico, e você vai ser um sucesso!

– Não quero ser nenhum sucesso. Só quero cores brilhantes. – Carrie fez beicinho enquanto eu ficava de boca aberta. Eu era uma *dançarina*, não uma costureira! (e Carrie sabia disso) – Cathy não sabe fazer boas roupas – ela disse. – Cathy não sabe fazer nada, a não ser dançar.

Isso era ser leal. Eu, que tinha ensinado ela e Cory a ler, com uma pequena ajuda de Chris.

– Qual é o seu problema, Carrie? – Chris falou, irritado. – Você está agindo como um bebê. Cathy pode fazer qualquer coisa que ela decida fazer, lembre-se disso! – O médico concordou prontamente. Eu não disse nada quando compramos uma máquina elétrica de costura.

– Mas, enquanto isso, vamos comprar alguns vestidos cor-de-rosa, amarelos e azuis, certo, Carrie? – o Dr. Paul sorriu com um ar divertido. – E Cathy pode me poupar toneladas de dinheiro ao costurar suas próprias roupas também.

Apesar de eu ter que aprender a costurar, sentimos que o paraíso era nosso, naquele dia. Fomos para casa carregados, bonitos depois de passar por barbearias e salões de beleza; cada um de nós tinha sapatos novos com solado duro. Eu ganhei o meu primeiro par de sapatos de salto alto – e uma dúzia de pares de meias de náilon! Minhas primeiras meias de náilon, meu primeiro sutiã – e além disso tudo, uma sacola de compras cheia de cosméticos. Eu havia demorado um tempão para selecionar a maquiagem, enquanto o médico se afastava e me olhava com uma expressão muito estranha. Chris resmungou, dizendo que eu não precisava de blush ou batom, nem de sombra, delineador e rímel.

– Você não sabe nada sobre como ser uma garota – eu respondi com um ar de superioridade. Essa tinha sido a minha primeira experiência em fazer compras, e, por Deus, eu estava aproveitando ao máximo! Eu tinha que ter tudo o que tinha visto na fabulosa

penteadeira de mamãe. Até mesmo seu creme antirrugas, bem como a máscara de lama para firmar a pele.

Assim que saímos do carro e descarregamos nossas compras, Chris, Carrie e eu corremos para cima para experimentar nossas roupas novas. Engraçado como roupas novas tinham chegado até nós tão facilmente no passado, sem que nos sentíssemos felizes assim. Não quando ninguém podia nos ver vestidos com elas. No entanto, sendo eu quem era, quando coloquei o vestido de veludo azul com pequenos botões na frente, pensei em mamãe. Como era irônico que eu quisesse chorar por uma mãe que havíamos perdido, que eu estava determinada a odiar para sempre. Sentei-me na borda da minha cama de solteiro e pensei sobre isso. Mamãe tinha nos dado roupas novas, brinquedos e jogos por causa do sentimento de culpa pelo que ela estava fazendo, privando-nos de uma infância normal. Uma infância que nunca teríamos a chance de recuperar. Anos perdidos, alguns dos melhores anos, e Cory estava em uma sepultura, nada de roupas novas para ele.

O violão de Cory estava no canto, onde Carrie pudesse vê-lo ao acordar, e o banjo também. Por que sempre nós é que devíamos sofrer, por que não ela? Então, de repente, eu entendi! Bart Winslow era da Carolina do Sul! Corri para baixo, para o escritório de nosso médico, e peguei seu grande atlas, em seguida corri de volta para o quarto, e lá encontrei o mapa da Carolina do Sul. Encontrei Clairmont... mas não acreditei em meus olhos quando vi que era uma cidade gêmea de Greenglenna! Não, isso era uma coincidência muito grande, ou não era? Olhei para cima e meu olhar perdeu-se no espaço. Deus tinha planejado que nós viéssemos para cá e vivêssemos perto de mamãe – se ela visitasse a cidade natal de seu marido. Deus queria que eu tivesse a chance de lhe causar um pouco de dor. Assim que pudesse, eu iria a Greenglenna e procuraria todas as informações que conseguisse sobre ele e sua família. Eu tinha cinco dólares por semana, suficientes para fazer uma assinatura do jornal da comunidade que anunciava todas as atividades sociais das pessoas ricas que moravam perto de Foxworth Hall.

Sim, eu tinha ido embora de Foxworth Hall, mas saberia de cada movimento que ela fizesse, e quando ela viesse para cá, eu também saberia! Mais cedo ou mais tarde, mamãe teria notícias de mim, e sei que nunca, nunca iria esquecer ou perdoá-la. De algum modo ela iria sofrer; dez vezes mais do que nós havíamos sofrido!

Tendo decidido isso, me juntei a Chris e Carrie na sala de estar para desfilar todas as nossas roupas novas para o nosso médico e Henny. O sorriso de Henny brilhava como um sol ofuscante. Observei os olhos de nosso benfeitor que brilhavam como joias, só para vê-los se ensombrecerem enquanto ele franzia a testa, pensativo. Não vi nenhuma admiração ou aprovação. De repente, ele se levantou e saiu da sala, dando uma fraca desculpa de que tinha uma papelada para cuidar.

Logo Henny se tornou minha mentora em todas as coisas domésticas. Ela me ensinou a assar biscoitos e tentou me ensinar como fazer pãezinhos claros e macios.

Wham!, era a mão de Henny na massa. Ela tirava a farinha das mãos e escrevia um bilhete. *Henny tem olhos ruins para ver coisas pequenas como buraco de agulha. Você tem bons olhos, você costurar os botões faltando na camisa do médico-filho – sim?*

– Claro – concordei sem entusiasmo. – Eu posso remendar furos e também sei tricotar, fazer crochê, bordado e tapeçaria. Minha mãe me ensinou a fazer todas aquelas coisas como uma maneira de me manter ocupada.

De repente, eu não conseguia falar. Eu queria chorar. Vi o rosto lindo da minha mãe. Vi papai. Vi Chris e eu quando éramos crianças correndo da escola para casa, com a neve em nossos ombros, para encontrar mamãe tricotando roupinhas de bebê para os gêmeos. Não pude evitar colocar minha cabeça no colo de Henny e começar a chorar, realmente soluçar. Henny não podia falar, mas sua mão suave em meu ombro mostrava que ela entendia. Quando olhei para cima, ela estava chorando também. Lágrimas grandes e gordas, que deslizavam para baixo e molhavam seu vestido vermelho brilhante.

– Não chore, Henny. Ficarei feliz em costurar os botões que faltam nas camisas do Dr. Paul. Ele salvou nossas vidas, e não há nada que eu não faça por ele.

Ela me deu um olhar estranho, e então se levantou para ir buscar o que me pareceu um monte de roupas que não eram remendadas há anos e talvez uma dúzia de camisas com botões faltando.

Chris passava todos os momentos disponíveis com o Dr. Paul, que o estava treinando para que ele pudesse entrar em um curso especial preparatório para a faculdade de Medicina no meio do ano escolar.¹ Carrie era nosso maior problema. Ela sabia ler e escrever, mas era muito pequena. Como ela conseguiria se virar em uma escola pública, onde as crianças nem sempre eram gentis?

– É uma escola particular que tenho em mente para Carrie – explicou o nosso médico. – Uma escola muito boa para jovens meninas, administrada por uma excelente equipe. Como estou no conselho administrativo, acho que Carrie receberá atenção especial, e não será submetida a qualquer tipo de estresse. – Ele me olhou de forma significativa.

Esse era o meu maior medo, que Carrie fosse ridicularizada e se sentisse envergonhada de sua cabeça grande e corpo franzino. Em certa época, no passado, Carrie tinha sido muito bem proporcionada, totalmente perfeita. Todos aqueles anos perdidos, quando o sol nos fora negado, a haviam tornado franzina. Eu sabia que era isso, tinha certeza!

Estava morrendo de medo de que mamãe comparecesse naquele dia à audiência judicial. Mas tinha quase certeza de que ela não viria. Como poderia? Ela tinha muito a perder e nada a ganhar. O que nós éramos a não ser fardos a suportar? E havia a prisão também, uma acusação de assassinato...

Nós nos sentamos muito tranquilamente com Paul, vestidos com as nossas melhores roupas para comparecer perante o juiz, e esperamos, esperamos e esperamos. Eu sentia como se tivesse um fio apertado dentro do peito, esticado e tão tenso que pensei que iria ceder e chorar. Ela não nos queria.

Mais uma vez ela nos disse isso quando não apareceu. Como ela pouco se importava conosco! O juiz olhou para nós com muita pena, fazendo com que eu me sentisse tão triste por todos nós e tão zangada com ela! Oh, que ela fosse para o inferno! Ela nos deu à

luz, dizia ter amado o nosso pai! Como ela pôde fazer isso com os filhos dele, com seus próprios filhos? Que tipo de mãe era ela? Eu não queria a pena do juiz, ou a de Paul. Mantive minha cabeça erguida e mordi minha língua para não gritar. Ousei encarar Chris e o vi sentado com o olhar sem expressão, embora eu soubesse que seu coração estava dilacerado, como o meu. Carrie estava enrolada como uma bola no colo do médico, enquanto suas mãos a acalmavam, e ele sussurrou algo em seu ouvido. Acho que ele disse:

– Não se preocupe, está tudo bem. Você tem a mim como pai e Henny como mãe. Nunca te faltará nada enquanto eu viver.

Eu chorei naquela noite. Molhei meu travesseiro com lágrimas derramadas por uma mãe que eu amava tanto que doía pensar na época em que papai estava vivo e nossa vida em casa era perfeita. Chorei por todas as coisas boas que ela tinha feito para nós naquela época e, então, acima de tudo, por todo o amor que ela havia nos dado, generosamente. Chorei mais ainda por Cory, que era como meu próprio filho. E foi aí que eu parei de chorar e comecei a ter amargos e duros pensamentos de vingança. Quando você decide derrotar alguém, a melhor maneira era pensar como eles pensavam. O que a magoaria mais? Ela não queria pensar em nós. Ela ia tentar esquecer nossa existência. Bem, ela não iria esquecer. Eu faria de tudo para que ela não esquecesse. Nesse mesmo Natal eu lhe enviaria um cartão, e o assinaria como “Dos quatro bonecos de Dresden² que você rejeitou”, e aí eu tive que mudar para “Dos três bonecos de Dresden vivos que você rejeitou, além do morto que você levou embora e nunca trouxe de volta”. Eu podia vê-la olhando para esse cartão, pensando consigo mesma: “*Eu apenas fiz o que era preciso fazer*”.

Havíamos abaixado nossas guardas e nos permitido ser vulneráveis novamente. Havíamos nos permitido que a fé, a esperança e a confiança viessem dançar como confeitos de açúcar em nossas mentes.

Contos de fadas podiam se tornar realidade.

Eles estavam acontecendo conosco. A rainha má estava fora de nossas vidas, e Branca de Neve reinaria um dia. Ela não iria comer a

maçã vermelha envenenada. Mas todo conto de fadas tinha um dragão que precisava ser morto, uma bruxa para ser vencida ou algum obstáculo para tornar as coisas mais difíceis. Tentei olhar para frente e descobrir quem seria o dragão, e quais seriam os obstáculos. Eu sempre soube quem era a bruxa. E essa era a parte mais triste de ser eu.

Levantei-me e fui até a varanda no andar superior para olhar a lua. Vi Chris em pé perto da grade, olhando para a lua também. Ao ver seus ombros caídos, que ele geralmente mantinha retos com tanto orgulho, sabia que ele estava sangrando por dentro, assim como eu. Andei na ponta dos pés para surpreendê-lo. Mas ele se virou quando me aproximei e estendeu os braços. Sem pensar, fui direto para eles e coloquei meus braços ao redor de seu pescoço. Ele usava o roupão quente que mamãe lhe dera no Natal passado, embora estivesse muito pequeno agora. Ele iria ganhar um roupão novo de mim, quando olhasse debaixo da árvore na manhã de Natal, com seu monograma, CFS, pois ele nunca mais iria querer ser chamado de Foxworth, mas Sheffield.

Seus olhos azuis se fixaram nos meus. Olhos tão iguais. Eu o amava como amava a melhor parte de mim mesma, o lado mais feliz e brilhante.

– Cathy – ele sussurrou, acariciando minhas costas, com os olhos resplandecentes –, se você sentir vontade de chorar, vá em frente, eu vou entender. Chore o suficiente por mim também. Eu estava esperando, rezando para que mamãe viesse e de alguma forma nos desse uma explicação razoável para fazer o que ela fez.

– Uma desculpa razoável para assassinato? – perguntei amargamente. – Como ela poderia inventar uma desculpa inteligente o suficiente? Ela não é tão inteligente assim.

Ele parecia tão triste que envolvi seu pescoço em meus braços. Uma de minhas mãos foi até o seu cabelo e enroscou-se ali. A outra mão abaixou-se para acariciar seu rosto. Amor; era uma palavra tão abrangente, diferente de sexo e dez vezes mais atraente. Eu me senti repleta de amor por ele quando ele enfiou o rosto em meus cabelos e soluçou. Ele murmurou meu nome muitas vezes, como se

eu fosse a única pessoa no mundo que sempre seria real, sólida e confiável.

De alguma forma, nossos lábios se encontraram e estávamos nos beijando, beijando com tanta paixão que ele ficou excitado e tentou me levar para o quarto dele.

– Eu só quero te abraçar, só isso. Mais nada. Quando eu for para a escola preparatória, preciso ter algo mais para me sustentar. Fique apenas um pouco mais comigo, Cathy, por favor. – Antes que eu pudesse responder, estava em seus braços novamente, e ele estava me beijando com lábios tão ardentes que fiquei apavorada – e excitada também.

– Pare! Não! – eu gritei, mas ele continuou, tocando meus seios e empurrando meu vestido para o lado para que pudesse beijá-los. – Chris! – eu sibilei, irritada então. – Não faça amor comigo, Chris. Quando você se for, o que sente por mim vai desaparecer como se nunca tivesse acontecido. Vamos nos forçar a amar outras pessoas, para que possamos nos sentir limpos. Não podemos fazer o que nossos pais fizeram. Não podemos cometer o mesmo erro.

Ele me segurou com mais força e não disse uma palavra, mas eu sabia o que ele estava pensando. Não haveria outras pessoas. Ele não deixaria isso acontecer. Uma mulher o havia machucado muito profundamente, o havia traído monstruosamente quando ele era jovem e muito, muito vulnerável. Eu era a única em quem ele podia confiar.

Ele deu um passo para trás, duas lágrimas brilhando nos cantos de seus olhos. Era minha obrigação cortar o vínculo, aqui e agora. E para o próprio bem dele. Todo mundo sempre faz tudo para o bem de alguém.

Não consegui dormir. Eu continuava ouvindo-o me chamar, me querendo. Levantei-me e andei pelo corredor, e fui novamente até a sua cama, onde ele me esperava.

– Você nunca vai se livrar de mim, Cathy, nunca. Enquanto você viver, seremos sempre eu e você.

– Não!

– Sim!

– Não!

Mas eu o beijei, e então, saí da cama dele e corri de volta para o meu quarto, batendo e trancando a porta atrás de mim. O que havia de errado comigo? Eu nunca deveria ter ido até o quarto dele e deitado em sua cama. Eu era tão má como nossa avó tinha dito?

Não, eu não era.

Eu não podia ser!

1 Nos EUA, o estudante de Medicina precisa passar primeiro pela escola preparatória – um curso de currículo básico com disciplinas como Biologia, Bioquímica etc. –, e somente após receber o diploma é possível ingressar na faculdade de Medicina. (N.T.)

2 Refere-se ao fato de todos os Dollanganger terem cabelos loiros e olhos azuis, como os bonecos de porcelana fabricados na cidade de Dresden, Alemanha. (N.T.)

PARTE
Dois

VISÕES DE CONFEITOS DE AÇÚCAR



Era Natal. A árvore chegava até o teto de quase quatro metros de altura, e espalhados embaixo dela havia presentes suficientes para dez crianças! Não que Chris e eu fôssemos mais crianças. Carrie ficou encantada com tudo que Papai Noel tinha trazido para ela. Chris e eu tínhamos usado o resto do nosso dinheiro guardado para comprar um robe de chambre vermelho para Paul e um brilhante vestido de veludo vermelho-rubi para Henny – manequim 58! Deslumbrada e feliz, ela o segurou na frente do seu corpo. Então, ela escreveu um bilhete de agradecimento: *Bom vestido para igreja. Deixar todas amigas com inveja.*

Paul experimentou seu novo e luxuoso roupão. Ele ficava lindo usando aquela cor e o roupão lhe caía muito bem.

Em seguida veio a maior surpresa de todas. Paul caminhou em minha direção e agachou-se sobre os calcanhares. De sua carteira ele puxou cinco grandes bilhetes amarelos. Se ele tivesse se sentado por um ano e pensado em alguma outra maneira de me deixar mais feliz, não teria sido mais bem-sucedido.

Lá, esparramados em sua grande mão, finamente desenhada, estavam ingressos para *O Quebra-Nozes*, em uma apresentação da Escola de Balé Rosencoff.

– Fiquei sabendo que essa é uma companhia de dança muito profissional – explicou Paul. – Eu mesmo não sei muito sobre balé, mas andei perguntando por aí, e eles disseram que é uma das melhores. Eles também têm aulas para alunos iniciantes, intermediários e avançados. Em que nível você está?

– Avançado! – disse Chris, enquanto eu apenas olhava para Paul, feliz demais para falar. – Cathy era uma iniciante quando fomos viver no andar de cima. Mas algo maravilhoso aconteceu com ela no sótão. O fantasma de Anna Pavlova¹ veio e tomou conta de seu corpo. E Cathy aprendeu sozinha a usar a sapatilha de ponta.

Naquela noite, todos nós, incluindo Henny, nos sentamos encantados, na terceira fila, seção central. Aqueles dançarinos no palco não eram apenas bons – eles eram fantásticos! Especialmente o belo homem chamado Julian Marquet, que fazia o papel principal. Como em um sonho, segui Paul até os bastidores durante o intervalo, pois eu ia me encontrar com os dançarinos!

Ele nos levou em direção a um casal que estava nas coxias.

– Madame, Georges – ele se dirigiu a uma pequena e radiante mulher, e a um homem não muito maior ao seu lado –, essa é minha tutelada, Catherine Doll, sobre quem eu estava falando. Esse é seu irmão Christopher, e essa jovem beleza é Carrie, e vocês já conhecem a Sra. Henrietta Beech.

– *Ya*, é claro – disse a senhora que parecia ser uma dançarina, falava como uma dançarina e tinha os cabelos negros penteados exatamente como uma dançarina, presos longe do rosto em um enorme coque. Por cima do *collant* preto, ela usava um vestido de *chiffon* preto flutuante, e sobre ele, um casaquinho de pele de leopardo. Seu marido, Georges, era um homem quieto, musculoso, de rosto pálido, com cabelos surpreendentemente negros e lábios tão vermelhos que pareciam feitos de sangue congelado. Eles formavam um par perfeito, pois os lábios dela também pareciam uma fenda escarlate, e os olhos eram como manchas de carvão sobre uma massa de pastel pálida. Dois pares de olhos negros avaliaram a mim e a Chris.

– Você também é um dançarino? – eles perguntaram ao meu irmão. Caramba, eles sempre falavam ao mesmo tempo?

– Não! Eu não danço – disse Chris, parecendo envergonhado.

– Ah, que pena – suspirou pesadamente a madame. – Que par glorioso vocês fariam no palco. As pessoas viriam para apreciar o tipo de beleza que você e sua irmã possuem. – Ela olhou para a pequena Carrie, agarrada medrosamente à minha mão, e casualmente a ignorou.

– Chris quer ser médico – explicou o Dr. Paul.

– Ha! – Madame Rosencoff zombou, como se Chris tivesse perdido a cabeça.

Tanto ela quanto seu marido voltaram seus olhos de ébano para mim, concentrando-se com tal intensidade que comecei a me sentir quente, suada, desconfortável.

– Você estudou *daunça*? – ela sempre dizia *daunça*, como se tivesse um “u”.

– Sim – eu disse em voz baixa.

– Sua idade quando começou?

– Eu tinha quatro anos.

– E você está agora com...?

– Em abril eu farei 16.

– Bom. Muito, muito bom. – Ela esfregou as palmas das mãos longas e ossudas. – Onze anos e pouco de formação profissional. Com que idade você começou a dançar *on pointe*?²

– Doze.

– Maravilhoso! – ela gritou. – Eu nunca coloco as meninas em pleno *pointe* até elas completarem 13 anos, a menos que sejam excelentes.

Em seguida, ela franziu a testa, desconfiada.

– Você é excelente, ou apenas medíocre?

– Eu não sei.

– Você quer dizer que ninguém nunca te disse?

– Não.

– Então você deve ser apenas medíocre. – Ela deu um meio-sorriso desdenhoso, virou-se para o marido e acenou com a mão

arrogantemente para nos dispensar.

– Espere um minuto! – Chris disse, exaltado, com o rosto vermelho de raiva. – Não há nenhuma dançarina naquele palco hoje à noite que seja tão boa quanto Cathy! Nenhuma! Aquela menina lá no palco, fazendo o papel de Clara, às vezes fica fora de sincronia com a música. Cathy *nunca* fica fora de sincronia. Seu *timing* é perfeito; seu *ouvido* é perfeito. Mesmo quando Cathy dança ao som da mesma melodia, cada vez ela varia um pouco, para que nunca seja igual. Ela sempre improvisa para tornar a dança melhor, mais bonita e mais comovente. Você teria sorte em ter uma dançarina como Cathy em sua companhia de dança!

Aqueles olhos negros e oblíquos se voltaram para ele, saboreando a intensidade de seu relato.

– Você é uma autoridade em balé? – ela perguntou com algum desprezo. – Você sabe separar os bailarinos talentosos da massa sem talento?

Chris se levantou como se estivesse em um sonho, e falou como se seus pés estivessem firmemente enraizados lá, e até mesmo a sua voz tinha um tom rouco que traía seus sentimentos.

– Eu só sei o que eu vejo, e as emoções que Cathy me faz sentir quando ela dança. Eu sei que quando a música começa, e ela começa a se mover junto, meu coração para, e quando a dança acaba, eu sofro porque tal beleza passou. Ela não dança apenas um papel, ela é aquele personagem; ela faz você acreditar, porque *ela* acredita, e não há nenhuma garota em sua companhia que alcance e agarre meu coração e o aperte até que ele palpite. Então vá em frente e mande-a embora, e deixe alguma outra companhia de dança se beneficiar de sua estupidez.

Os olhos de Madame se fixaram em Chris longa e penetrantemente, como os olhos de nosso médico. Então, lentamente Madame Rosencoff virou-se para mim, e eu fui avaliada, pesada, medida da cabeça aos pés.

– Amanhã, às 13 horas em ponto. No meu estúdio, você irá fazer uma apresentação para mim.

Não era um pedido, mas uma ordem – que não deveria ser desobedecida –, e, por algum motivo, quando eu deveria ter ficado

feliz, fiquei com raiva.

– Amanhã é cedo demais – eu disse. – Eu não tenho roupas, não tenho *collants* nem sapatilhas de ponta. – Todas essas coisas haviam sido deixadas para trás no sótão de Foxworth Hall.

– Bagatelas – ela afirmou, com um gesto arrogante de sua mão bem torneada. – Vamos fornecer o que você precisa. Simplesmente esteja lá, e não se atrase, pois exigimos que os nossos dançarinos sejam disciplinados em tudo, incluindo a pontualidade!

Fomos dispensados com um gesto de realeza e, graciosamente, ela se afastou com o marido a tiracolo, deixando-me atordoada. De boca aberta, sem palavras, percebi que estava sendo observada pelo dançarino, Julian Marquet, que devia ter ouvido cada palavra. Seus olhos escuros fulgiam com um brilho de interesse e admiração.

– Sinta-se lisonjeada, Catherine – ele me disse. – Geralmente ela e Georges não aceitam ninguém a não ser que esperem meses, ou às vezes anos, para fazer um teste.

Naquela noite eu chorei nos braços de Chris.

– Eu estou fora de forma – soluçava. – Sei que vou fazer papel de tola amanhã. Não é justo ela não me dar mais tempo para me preparar! Eu preciso me alongar. Estarei enrijecida, desajeitada, e eles não vão me querer, sei que não vão me querer!

– Ah, pare com isso, Cathy – ele disse, me apertando em seus braços. – Eu já vi você aqui com a perna na cabeceira da cama, fazendo seus *pliés*³ e seus *tendus*.⁴ Você não está fora de forma, ou enrijecida, ou desajeitada. Está apenas com medo. Com um caso sério de medo do palco, isso é tudo. E não precisa se preocupar, você é fantástica. *Eu sei disso, você sabe disso.*

Ele me deu um leve beijo de boa-noite nos lábios, deixou cair os braços e foi em direção à porta.

– Hoje à noite, vou ficar de joelhos e orar por você. Vou pedir a Deus para que você os deixe boquiabertos amanhã. E eu estarei lá para me vangloriar quando vir as expressões aturdidas deles. Pois ninguém vai acreditar na maravilha de dançarina que você é.

E então ele tinha ido embora. E eu fiquei sofrendo e carente. Arrastei-me para debaixo dos meus cobertores e fiquei lá, acordada e cheia de temores.

Amanhã era o meu grande dia, minha chance de provar o que eu era e se eu tinha aquele algo especial que é preciso ter para chegar ao topo. Eu tinha que ser a *melhor*, nada menos do que isso serviria. Tinha que mostrar à mamãe, à avó, a Paul, Chris, todo mundo! Eu não era má, ou depravada, ou filha do diabo. Eu era apenas eu – a melhor bailarina do mundo!

Eu me virei na cama a noite toda, tendo pesadelos e acordando, enquanto Carrie dormia em paz. Nos meus sonhos eu fazia tudo errado na apresentação, e, o que era pior, fazia tudo errado a minha vida toda! Terminava os meus dias como uma velha murcha, mendigando nas ruas de alguma cidade enorme. No escuro, eu passava por minha mãe e implorava por uma esmola. Ela ainda era jovem e bonita, ricamente vestida, cheia de joias e peles, e escoltada pelo sempre jovem e fiel Bart Winslow.

Acordei. Ainda era noite. Que longa noite. Desci as escadas em silêncio para encontrar as luzes da árvore de Natal piscando, e Chris estava deitado no chão e olhando para os galhos da árvore. Era o que nós dois costumávamos fazer quando éramos crianças. Embora soubesse que não devia, fui irresistivelmente atraída para ele, e me deitei ao seu lado. Olhei para cima, para o brilhante outro mundo da árvore de Natal.

– Eu pensei que você tinha esquecido – Chris murmurou sem olhar na minha direção. – Lembre-se de quando estávamos em Foxworth Hall. A árvore era tão pequena e estava em cima de uma mesa, e não podíamos ficar deitados embaixo dela assim, e veja o que aconteceu. Nunca vamos nos esquecer disso. Mesmo que as nossas futuras árvores tenham apenas uns 30 cm de altura, vamos pendurá-la no alto, para que possamos ficar embaixo dela.

Fiquei preocupada com a maneira como ele disse aquilo. Lentamente, virei minha cabeça a fim de olhar para o seu perfil. Ele estava lindo, deitado ali com seu cabelo claro mudando de cor. Cada mecha parecia ter uma tonalidade diferente do arco-íris, e quando

ele virou a cabeça para encontrar os meus olhos, os dele estavam brilhando também.

– Você parece... tão divino – eu disse em um tom de voz tenso. – Vejo doces em seus olhos, e as joias da coroa da Inglaterra também.

– Não. Isso é o que eu estou vendo em seus olhos, Cathy. Você está tão bonita nessa camisola branca. Eu adoro ver você em camisolas brancas com fitas de cetim azul. Adoro como o seu cabelo se espalha como um leque, e como você vira o rosto para que ele repouse sobre uma almofada de cetim.

Ele chegou mais perto, de modo que sua cabeça estava sobre o meu cabelo também. Chegou ainda mais perto e inclinou a cabeça até que nossas testas se encontraram. Seu hálito quente estava em meu rosto. Movi minha cabeça, inclinando-a para trás, e meu pescoço se arqueou. Não parecia exatamente real quando seus lábios quentes beijaram a cavidade da minha garganta e lá ficaram. Fiquei com a respiração presa. Por longos, longos minutos, esperei que ele se afastasse. Eu queria me afastar, mas de alguma forma eu não podia. A doce paz desceu sobre mim, fazendo minha carne tremer com uma sensação de formigamento.

– Não me beije de novo – sussurrei, agarrando-me mais a ele e pressionando sua cabeça contra minha garganta.

– Eu te amo. – Ele engasgou. – Nunca haverá ninguém para mim, a não ser você. Quando eu for um homem velho, muito velho, vou olhar para trás, para essa noite com você sob a árvore de Natal, e me lembrar de quão doce você fica ao me deixar abraçá-la assim.

– Chris, você tem que ir embora e estudar para ser um médico? Você não pode ficar aqui e decidir fazer outra coisa?

Ele levantou a cabeça para olhar para baixo, dentro dos meus olhos.

– Cathy, você precisa perguntar isso? Por toda minha vida tem sido a única coisa que eu quis, com exceção de você...

Mais uma vez eu solucei. Eu não queria que ele fosse! Fiz cócegas em seu rosto com uma mecha do meu cabelo, até que ele gritou e beijou meus lábios. Um beijo tão suave, querendo ficar mais ousado, e com medo de que eu fugisse se ficasse. Ele começou a

dizer coisas selvagens e loucas quando o nosso beijo acabou, sobre como eu me parecia com um anjo.

– Cathy, olhe para mim! Não vire a cabeça e finja que não sabe o que estou fazendo, o que estou dizendo! Olhe e veja o tormento que você me causa! Como posso encontrar qualquer outra pessoa, quando você está cravada em meus ossos e faz parte da minha carne? Seu sangue corre mais rápido quando o meu corre! Seus olhos queimam quando os meus queimam. Não negue!

Suas mãos trêmulas começaram a mexer nos minúsculos botões cobertos de renda que fechavam minha camisola até a cintura. Fechei os olhos e estava novamente no sótão, quando ele acidentalmente me feriu do lado com a tesoura, de modo que agora eu estava sofrendo, sangrando, e precisava de seus lábios para beijar e afastar a dor.

– Como seus seios são belos – ele disse com um suspiro baixo, inclinando-se para acariciá-los. – Eu me lembro de quando você tinha um corpo liso e então eles começaram a crescer. Você tinha vergonha deles, sempre querendo usar blusas soltas, de forma que eu não pudesse ver. Por que você tinha vergonha?

Em algum lugar acima eu pairava, observando-o beijar meus seios com ternura, e em algum lugar dentro de mim eu estremeci. Por que eu o estava deixando fazer isso? Meus braços atraíram seu corpo para mais perto de mim, e quando meus lábios novamente encontraram os dele, talvez fossem os meus dedos que haviam desabotoado o pijama para que seu peito nu ficasse contra o meu. Nós nos fundimos em uma mistura quente de desejo insatisfeito, antes que eu de repente gritasse:

– Não, isso seria pecado!

– Então vamos pecar!

– Então não me deixe! Esqueça essa coisa de ser médico! Fique comigo! Não vá embora, não me deixe aqui! Eu tenho medo de mim mesma sem você! Às vezes faço coisas loucas. Chris, por favor, não me deixe sozinha. Eu nunca fiquei sozinha, por favor, fique!

– Eu *tenho* que ser um médico – ele disse, e então, gemeu. – Peça-me para desistir de qualquer outra coisa, eu diria que sim. Mas

não me peça para desistir da única coisa que me manteve são. Você não desistiria da dança, desistiria?

Eu não sabia, enquanto respondia aos seus beijos exigentes, o fogo entre nós cada vez maior, dominando-nos e nos levando à beira do inferno.

– Eu te amo tanto que às vezes não sei como lidar com isso – ele exclamou. – Se eu pudesse ter você apenas uma vez, e não houvesse nenhuma dor para você, só alegria...

A abertura inesperada de seus lábios quentes, sua língua que forçava os meus lábios a se abrirem, passaram através de mim como um choque de eletricidade!

– Eu te amo, oh, como eu te amo! Eu sonho com você, penso em você todos os dias. – E ele continuou, enquanto sua respiração ficava mais rápida, até que ele estava ofegante e fui subjugada pelo meu corpo pronto e disposto a ser satisfeito. Enquanto em meus pensamentos eu queria me negar a ele, eu o desejava! Ofeguei com a vergonha de tal sentimento!

– Não aqui – ele disse entre beijos. – Lá em cima, no meu quarto.

– Não, eu sou sua irmã. E seu quarto está muito perto do quarto de Paul. Ele irá nos ouvir.

– Então vamos usar o seu quarto. Carrie consegue dormir até durante uma guerra.

Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, ele me pegou em seus braços e estava correndo pelas escadas de trás e para dentro do meu quarto, onde ele caiu comigo na minha cama. Ele tirou minha camisola e o seu pijama também quando se deitou ao meu lado e começou novamente a completar o que havia começado. Eu não queria isso. Eu não queria que isso acontecesse novamente!

– Pare! – eu gritei, então rolei para longe dele. Caí no chão. Num piscar de olhos, ele estava no chão comigo, lutando. Nos viramos para lá e para cá, dois corpos nus que, de repente, colidiram com algo duro.

Foi isso que o fez parar. Ele olhou para a caixa que continha biscoitos Oreo, um pedaço de pão, maçãs, laranjas, um quilo de

queijo cheddar, um tablete de manteiga, várias latas de atum, feijão e suco de tomate. Da caixa também saíram um abridor de latas, pratos, copos e talheres.

– Cathy! Por que você está roubando comida de Paul e escondendo-a debaixo da cama?

Eu balancei a cabeça, confusa sobre por que eu havia roubado a comida e a escondido. Então eu me sentei e estendi a mão para a camisola que ele havia tirado, e recatadamente a segurei, cobrindo meu corpo.

– Saia! Deixe-me sozinha! Eu não te amo, exceto como a um irmão, Christopher!

Ele veio e colocou os braços sobre mim, inclinando a cabeça no meu ombro.

– Eu sinto muito. Oh, querida, eu sei por que você pegou a comida. Você sente que tem de manter a comida por perto. Você tem medo de que algum dia nós sejamos punidos novamente. Você não sabe que sou a única pessoa que *pode* entender? Deixe-me te amar só mais uma vez, Cathy, só mais uma vez para durar a minha vida inteira. Deixe-me apenas uma vez te dar o prazer que eu não dava antes, apenas uma vez para durar a nossa vida toda.

Dei um tapa em seu rosto.

– Não! – Eu cuspi. – Nunca mais! Você prometeu, e eu pensei que você manteria essa promessa! Se você tem que ser um médico, e ir embora e me deixar aqui, então será sempre não! – Calei-me. Eu não queria dizer aquilo. – Chris... Não me olhe assim, por favor!

Lentamente, ele vestiu o pijama. Deu-me um olhar magoado.

– Não há vida para mim se eu não for um médico, Cathy.

Coloquei as duas mãos sobre minha boca para não gritar. O que havia de errado comigo? Eu não podia exigir que ele abandonasse seu sonho. Eu não era como minha mãe, fazendo com que todos sofressem para que ela pudesse satisfazer seus desejos. Solucei nos braços dele. Em meu irmão eu havia encontrado o meu eterno, sempre-verde amor de primavera, que nunca, nunca poderia florescer. Mais tarde, quando estava sozinha na minha cama com os olhos abertos, percebi, sentindo-me desesperançada e inerte, que mesmo em um vale sem montanhas o vento ainda podia soprar.

- 1 Famosa bailarina e coreógrafa russa. (N.T.)
- 2 *On pointe*: termo do balé para designar a dança na ponta dos pés. (N.E.)
- 3 *Pliés*: dobra de joelho, exercício que torna as juntas e os músculos mais flexíveis e maleáveis, bem como os tendões mais elásticos. (N.E.)
- 4 *Tendus*: esticamento da perna à frente, ao lado ou atrás do corpo. (N.E.)

O TESTE



Era o dia depois do Natal. À uma hora eu tinha que estar em Greenglenna, a cidade de Bart Winslow e da Escola de Balé Rosencoff.

Nós nos amontoamos no carro do Dr. Paul e chegamos cinco minutos adiantados.

Madame Rosencoff me disse para chamá-la de Madame Marisha, se eu fosse aceita. Se eu falhasse, nunca precisaria me dirigir a ela novamente, por qualquer nome que fosse. Ela usava apenas um *collant* preto, que mostrava cada colina e vale de seu corpo soberbo, mantido em forma e esbelto, embora ela devesse estar perto dos 50 anos. Seus mamilos despontavam através do material da malha preta, duros como pontos de metal. Seu marido, Georges, também estava usando preto para mostrar seu corpo musculoso, que estava apenas começando a mostrar a idade com a pequena protrusão da sua barriga. Vinte meninas e três meninos estavam lá para o teste.

– Que música você escolheu? – ela perguntou. (Parecia que seu marido nunca iria falar, mas ele mantinha seus olhos de pássaro brilhantes em mim constantemente.)

– “A Bela Adormecida” – eu disse humildemente, acreditando que o papel da princesa Aurora fosse o maior de todas as peças de teste no repertório clássico, então por que escolher uma peça menos difícil? – Eu posso dançar “O Adágio da Rosa” sozinha – me vangloriei.

– Maravilhoso – ela disse com sarcasmo. Em seguida, falou, com escárnio adicional. – Eu imaginei, apenas por sua aparência, que você gostaria de “A Bela Adormecida”.

Isso me fez desejar ter escolhido algo menor.

– Que cor de *collant* você quer?

– Rosa.

– Já imaginava.

Ela me jogou um par de *collants* rosa desbotado e, em seguida, também casualmente, escolheu aleatoriamente de uma tripla fileira de muitas dezenas de sapatilhas de ponta. Ela me jogou um par que me servia perfeitamente, mesmo que isso soe inacreditável. Quando eu me despi e vesti meu *collant* e as sapatilhas, fui até uma longa penteadeira com um espelho de igual comprimento e comecei a prender meu cabelo. Não era preciso que ninguém me dissesse que Madame gostaria de ver os músculos do meu pescoço, e eu tinha certeza de que qualquer *épaulement*¹ que eu fizesse iria desagradá-la. Eu já sabia disso.

Mal havia terminado de me vestir e pentear o meu cabelo, com um bando de meninas risonhas ao meu redor, quando Madame Marisha colocou a cabeça através de uma porta parcialmente aberta para ver se eu estava pronta. Seus olhos negros me avaliaram criticamente.

– Nada mal. Siga-me – ela ordenou, e caminhou para fora, as pernas fortes pesadamente musculosas. Como ela tinha conseguido aquilo? Eu nunca dançaria tanto *on pointe* até que minhas pernas ficassem cheias de calombos como as dela – nunca!

Ela me levou para fora até um grande anfiteatro com um piso polido que realmente não era tão escorregadio quanto parecia. Assentos para os espectadores estavam alinhados contra as paredes, e eu vi Chris, Carrie, Henny e Dr. Paul. Agora eu preferiria não ter-lhes pedido para vir. Se eu falhasse, eles iriam testemunhar a minha humilhação. Oito ou dez outras pessoas estavam lá também, embora eu não tivesse prestado muita atenção nelas. Os garotos e garotas da companhia se reuniram nos coxins para assistir. Eu estava com mais medo do que pensei que teria. Claro, eu tinha praticado um

pouco desde que fugira de Foxworth Hall, mas não com a mesma dedicação que no sótão. Eu devia ter ficado acordada a noite toda praticando, e chegado aqui ao amanhecer para me aquecer. Então talvez eu não me sentisse tão nervosa a ponto de sentir náuseas.

Eu queria ser a última, para assistir a todos os outros, ver os erros que haviam cometido e aprender com eles, ou para ver suas realizações e me beneficiar delas. Dessa forma poderia ter uma ideia do que *eu* precisava fazer.

Georges se sentou para tocar piano. Engoli em seco, sentindo um nó na garganta; minha boca estava seca, e havia borboletas em pânico no meu peito enquanto meus olhos passeavam pelos espectadores, até serem atraídos pelo azul dos olhos de Chris. E, como sempre, ele estava lá sorrindo e telegrafando seu orgulho, confiança e eterna admiração. Meu querido, amado Christopher, meu “boneco de Dresden”, sempre lá quando eu precisava dele, sempre me dando tudo o que podia e me fazendo melhor do que eu teria sido sem ele. Deus, rezei, que eu seja boa. Que eu fique à altura de suas expectativas!

Eu não conseguia olhar para Paul. Ele queria ser meu pai, não o meu ponto de referência. Se eu falhasse e o envergonhasse, certamente ele me veria de forma diferente. Eu perderia o encanto que tinha para ele. Eu não seria ninguém especial.

Um toque no meu braço me fez pular. Girando sobre os pés, encontrei Julian Marquet.

– Quebre a perna² – ele sussurrou, depois sorriu para mostrar seus dentes muito brancos e perfeitos. Seus olhos escuros brilhavam maliciosamente. Ele era mais alto do que a maioria dos bailarinos, quase 1,80 m, e eu logo ficaria sabendo que ele tinha 19 anos. A pele dele era tão clara quanto a minha, embora o contraste com seu cabelo escuro o fizesse parecer muito pálido. Seu queixo forte tinha uma fenda e havia outra covinha na bochecha direita, que aparecia e desaparecia de acordo com sua vontade. Agradei a ele pelo desejo de boa sorte, muito impressionada pela sua surpreendente beleza. – Uau! – ele disse quando eu sorri, sua voz rouca. – Você

com certeza é uma menina bonita. Que pena que é apenas uma criança.

– Eu não sou criança!

– O que você é, então, uma senhora de idade de 18 anos?

Eu sorri, muito feliz ao pensar que parecia ser *tão* mais velha.

– Talvez sim, talvez não.

Ele sorriu, como se tivesse todas as respostas. Do jeito que ele se vangloriava, de ser um dos dançarinos mais bonitos em uma companhia de dança em Nova York, talvez ele tivesse *mesmo* todas as respostas.

– Estou aqui apenas para as festas de fim de ano, para fazer um favor à Madame. Logo vou voltar para Nova York, que é o meu lugar.

– Ele olhou em volta, como se os “ares provincianos” o entediasssem absurdamente, enquanto meu coração pulava no peito. Eu estava esperançosa de que ele fosse um dos que dançariam comigo.

Trocamos mais algumas palavras e, então, a minha “deixa” musical tocou. De repente, eu estava sozinha no sótão, com flores de papel colorido penduradas em longos fios; ninguém além de mim e aquele amante secreto que sempre dançava à minha frente, nunca me deixando chegar perto o suficiente para ver seu rosto. Comecei a dançar, com medo no início, e fiz todos os movimentos certos, os *entrechats*,³ os movimentos de braço, as *pirouettes*.⁴ Obriguei-me a manter meus olhos abertos e meu rosto sempre voltado para os espectadores que eu não enxergava. Então, a magia veio e tomou conta de mim. Eu não precisava planejar e contar, a música me dizia o que fazer, e como fazê-lo, pois eu era sua voz e não podia errar. E como sempre, aquele homem apareceu para dançar comigo – só que dessa vez eu vi seu rosto! Seu belo e bem pálido rosto, com olhos brilhantes e escuros, o cabelo preto-azulado e os lábios vermelhos como rubis. Julian!

Eu o vi como num sonho, estendendo seus braços fortes enquanto ele dobrava um joelho, a outra perna apontando para trás graciosamente.

Com os olhos, ele sinalizou que eu deveria correr, e então saltar para seus braços abertos.

Encantada ao vê-lo ali, um profissional, eu estava a meio caminho dele quando senti uma dor terrível em meu abdômen! Eu me curvei e gritei! Aos meus pés havia uma enorme poça de sangue! O sangue escorria pelas minhas pernas; ele manchou minhas sapatilhas cor-de-rosa, meu *collant*. Escorreguei e caí no chão, e fiquei tão fraca que só podia ficar ali e ouvir os gritos. Não meus gritos, mas os de Carrie. Fechei os olhos, sem me importar com quem viria me pegar no colo. As vozes de Paul e Chris pareciam muito distantes. O rosto preocupado de Chris pairava sobre mim, com seu amor por mim também claramente revelado; ele me consolava e ao mesmo tempo me assustava, porque eu não queria que Paul visse.

Chris disse algo sobre não ter medo quando a escuridão veio e me levou para um lugar muito distante, onde ninguém me queria.

E a minha carreira de bailarina, ainda não iniciada, terminou.

Emergi de um sonho sobre bruxas para encontrar Chris sentado na cama do hospital, segurando a minha mão flácida... E aqueles olhos azuis, oh, Deus, aqueles olhos...

– Oi – ele disse suavemente, apertando meus dedos. – Eu fiquei aqui esperando você acordar.

– Oi pra você também.

Ele sorriu e se inclinou para beijar minha bochecha.

– Eu vou lhe dizer uma coisa, Catherine Doll, você com certeza sabe como terminar uma dança de forma dramática.

– Sim, isso é talento. Talento de verdade. Acho que seria melhor virar atriz.

Ele encolheu os ombros com indiferença.

– Você poderia, eu acho, embora eu duvide que vá fazer isso.

– Oh, Chris – eu desabafei fracamente –, você sabe que eu arruinei a única chance que eu tinha! Por que eu sangrei assim? – Eu sabia que meus olhos estavam cheios de medo. Medo de que ele visse e soubesse a causa. Ele se inclinou em minha direção para me abraçar e me segurou firme contra seu peito.

– A vida oferece mais do que uma oportunidade, Cathy, você sabe disso. Você precisou de uma D & C. Você vai ficar bem e estará em pé até amanhã.

– O que é uma D & C?

Ele sorriu e acariciou meu rosto com ternura, sempre esquecendo que eu não era tão sofisticada, medicamente falando, quanto ele.

– É a abreviação de dilatação e curetagem, um procedimento em que uma mulher é dilatada, e um instrumento chamado cureta é utilizado para raspar os resíduos do revestimento do útero. Aqueles períodos menstruais que você não teve devem ter causado coágulos, que então se soltaram.

Nossos olhos se encontraram.

– Foi só isso, Cathy... Não havia nada mais.

– Quem fez a raspagem? – sussurrei, com medo de que tivesse sido Paul.

– Um ginecologista chamado Dr. Jarvis, um amigo do nosso médico. Paul diz que ele é o melhor ginecologista daqui.

Recostei-me sobre os travesseiros, sem saber o que pensar. De todas as ocasiões para algo assim acontecer, tinha que ser na frente de todos que eu estava tentando impressionar? Meu Deus, por que a vida era tão cruel comigo?

– Abra os olhos, minha dama Catherine – disse Chris. – Você está sendo muito dramática, quando isso não tem importância. Dê uma olhada naquela cômoda lá e verá muitas flores bonitas, flores de verdade, e não de papel. Espero que você não se importe por eu ter dado uma olhada nos cartões.

É claro que eu não me importava com o que ele tinha feito, e logo ele estava de volta e colocou um pequeno envelope branco em minha mão flácida. Olhei para o enorme buquê de flores, pensando que era de Paul, e só então os meus olhos se viraram para o cartão em minha mão. Meus dedos tremiam enquanto tirei do envelope o pequeno bilhete que dizia:

Espero que você se recupere logo. Desejo vê-la na próxima segunda-feira, às três horas em ponto.

Madame Marisha

Marisha! Eu tinha sido aceita!

– Chris, os Rosencoffs me querem!

– Claro que sim – ele disse suavemente. – Eles seriam muito burros se não quisessem, mas aquela mulher me mata de medo! Eu não gostaria que ela controlasse minha vida, mesmo que apenas um pouco. Mas acho que você pode lidar com ela muito bem; você sempre pode começar a sangrar aos pés dela.

Sentei-me e joguei meus braços em volta dele.

– Será que as coisas vão dar certo para nós, Chris? Você realmente acha que vão? Será que temos essa sorte?

Ele balançou a cabeça, sorriu e apontou para outro buquê, esse de Julian Marquet, com outro curto bilhete.

*Vejo você de novo quando eu vier de Nova York novamente,
Catherine Doll, por isso não me esqueça.*

E por cima do ombro de Chris, enquanto seus braços me estreitavam, Paul entrou no quarto e hesitou perto da porta, franzindo a testa enquanto olhava para nós dois. Em seguida, ele colocou um sorriso no rosto e veio em nossa direção. Rapidamente Chris e eu nos separamos.

- 1 *Épaulement*: movimento do balé que significa “de ombros”. Esse termo indica uma pose em que o bailarino não fica de frente para o público, mas sim na diagonal. (N.T.)
- 2 Expressão irônica utilizada no teatro para desejar boa sorte. (N.R.)
- 3 *Entrechat*: trançado. As pernas, com um salto, são cruzadas, muito rapidamente, uma por trás da outra. (N.E.)
- 4 *Pirouette*: pirueta. Volta completa do corpo, na ponta ou meia ponta, sobre seu eixo. (N.E.)

DIAS DE ESCOLA NOVAMENTE



Chegou um dia de janeiro, quando tivemos que nos separar. Nós tínhamos feito provas para avaliar nossos conhecimentos e, para minha surpresa e de Chris, tínhamos nos saído muito bem. Eu havia me classificado para o segundo ano do Ensino Médio, Carrie para o terceiro ano do Ensino Fundamental e Chris para a escola preparatória da faculdade. Mas não havia felicidade no rosto de Carrie quando ela gritou:

– Não! Não! – seus pés prontos para chutar, os punhos cerrados para brigar com qualquer um que tentasse forçá-la. – Não quero nenhuma escola particular para meninas esquisitas! Eu não vou! Você não pode me obrigar a ir! Eu vou dizer ao Dr. Paul, Cathy! – O rosto dela estava vermelho de fúria, e sua voz chorosa era como uma sirene de ambulância.

Eu não estava muito feliz com a ideia de colocar Carrie em uma escola particular a mais de 15 km da cidade. No dia seguinte à sua partida, Chris estaria indo embora também. Eu ficaria sozinha para frequentar o Ensino Médio – e nós tínhamos feito um juramento solene de nunca, nunca nos separarmos (eu me forcei a colocar de volta a comida que havia escondido – e ninguém ficou sabendo sobre isso, com exceção de Chris). Coloquei Carrie no meu colo para lhe explicar como o Dr. Paul tinha escolhido essa escola muito

especial e que ele já havia pagado uma enorme taxa de matrícula. Ela fechou os olhos com força e tentou não ouvir.

– E essa *não* é uma escola para meninas esquisitas, Carrie – eu disse suavemente e, em seguida, beijei sua testa. – É uma escola para meninas *ricas* com pais que podem pagar pelo melhor. Você devia se sentir orgulhosa e com muita sorte por ter o Dr. Paul como nosso tutor legal.

Será que eu a havia convencido? Eu já a havia convencido de alguma coisa?

– Ainda assim, não quero ir – ela gemeu teimosamente. – Por que não posso ir para a *sua* escola, Cathy? Por que eu tenho que ir para essa escola sozinha, sem ninguém?

– Ninguém? – Eu ri para esconder o que estava sentindo, um reflexo de seus próprios medos. – Você não estará sozinha, querida. Você vai ficar com centenas de outras meninas de sua própria idade. Sua escola é uma escola de Ensino Fundamental; eu tenho que ir para o Ensino Médio.

Embalei-a em meus braços, para lá e para cá, e acariciei sua longa e brilhante cascata de cabelo, então virei seu provocante rostinho de boneca em direção ao meu. Oh, ela era uma coisinha linda. Ela seria uma beleza se seu corpo crescesse na mesma proporção que sua cabeça grande.

– Carrie, você tem quatro pessoas que te amam muito. Dr. Paul, Henny, Chris e eu. Nós todos queremos o que é melhor para você, e mesmo que alguns poucos quilômetros nos separem, você estará em nossos corações, em nossos pensamentos, e pode vir para casa todo final de semana. E, acredite ou não, a escola não é um lugar tão triste assim, é divertido, de verdade. Você vai dividir um quarto lindo com uma menina da sua idade. Vai ter professores especializados e, o melhor de tudo, vai estar com meninas que vão te achar a coisa mais bonita que elas já viram. E você *precisa* querer ficar com outras crianças. Estar com um bando de meninas é muito divertido! Você joga jogos, e tem as sociedades secretas e as festas, e sussurros e risadas durante toda a noite. Você vai adorar.

Sim. Claro. Ela adoraria.

Carrie concordou somente depois que derramou uma cachoeira de lágrimas, seus olhos suplicantes me dizendo que ela estava indo apenas para me agradar e ao seu grande benfeitor, a quem ela também amava. Ela dormiria sobre pregos para agradá-lo. E, para ela, aquela escola para meninas era mesmo uma cama de pregos. Paul e Chris entraram na sala de estar justamente quando ela perguntou:

– Eu vou ficar lá muito, muito tempo?

Os dois tinham se enfiado no escritório de Paul durante horas, com Paul dando aulas a Chris sobre algumas coisas de química que ele havia negligenciado em estudar enquanto ainda estava trancado no sótão. Paul deu uma olhada em Carrie, viu sua tristeza, e então se dirigiu para o armário do corredor. Em breve, ele estava de volta com uma grande caixa embrulhada em papel roxo e amarrado com uma fita de cetim vermelho de oito centímetros de largura.

– Isso é para minha loira favorita – ele disse gentilmente.

Os grandes e assombrados olhos de Carrie olharam para ele antes que ela sorrisse levemente.

– Oh! – Ela chorou de alegria ao abrir seu presente e ver a bagagem de couro vermelho-brilhante, completa, com uma frasqueira para cosméticos, equipada com um pente de ouro, escova, espelho e pequenos frascos e recipientes de plástico, e uma pasta de couro com papéis de carta para que ela escrevesse para nós.

– É ma-ra-vi-lho-so! – ela exclamou, tendo sido convencida por todos aqueles objetos vermelhos e tão sofisticados. – Eu não sabia que eles faziam malas vermelhas e colocavam espelhos de ouro e coisas dentro delas.

Tive que olhar para Paul, que certamente não achava que uma menininha precisasse de maquiagem.

Como se lesse meus pensamentos, ele disse:

– Eu sei que é uma mala bem adulta, mas eu queria dar a ela algo que poderá usar por muitos e muitos anos. Quando olhar para essa mala daqui a muito tempo, ela vai pensar em mim.

– Essa é a bagagem mais bonita que já vi – eu disse alegremente. – Você pode colocar suas escovas de dente, sua pasta

de dente, o pó de banho e sua água-de-colônia em sua maleta de maquiagem.

– Eu não vou colocar nenhuma água-de-colônia nojenta na minha mala de viagem!

Isso fez com que todos rissem. Então eu me levantei e saí correndo pelas escadas, até o meu quarto, para pegar uma pequena caixa que eu trouxe de volta para Carrie. Cautelosamente, segurei aquela caixa em minhas mãos, me perguntando se eu deveria dá-la a Carrie e despertar velhas lembranças.

– Dentro desta caixa estão alguns velhos amigos seus, Carrie. Quando você estiver na Escola da Srta. Emily Dean Calhoun para Jovens Bem-Nascidas, e se sentir um pouco só, basta abrir essa caixa e olhar para o que está dentro dela. Não mostre o conteúdo para todo mundo, apenas para amigos muito especiais.

Seus olhos se arregalaram quando ela viu as pequenas figuras de porcelana em forma de pessoas e o bebê que ela tanto amava; todos roubados por mim daquela enorme e fabulosa casa de bonecas com a qual ela havia passado tantas horas brincando no sótão. Eu tinha roubado até o berço.

– O Sr. e a Sra. Parkins – ofegou Carrie, lágrimas de felicidade brilhando em seus grandes olhos azuis –, e bebê Clara! De onde eles vieram, Cathy?

– Você sabe de onde vieram.

Ela olhou para mim, segurando a caixa cheia de algodão para proteger os frágeis bonecos e o berço de madeira feito à mão, todos eles relíquias de família inestimáveis.

– Cathy, onde está a mãe?

Oh, Deus! Exatamente o que eu não queria que ela perguntasse.

– Carrie, você sabe que devemos dizer a todos que nossos pais estão mortos.

– A *mãe* está morta?

– Não... Mas temos que fingir que ela está.

– Por quê?

Mais uma vez tive que explicar para Carrie por que não podíamos contar a ninguém quem realmente éramos, e que a nossa mãe ainda estava viva, ou então íamos acabar de volta naquele quarto horrível.

Ela sentou-se no chão perto da nova bagagem vermelho-brilhante, com a caixa de bonecos no colo, e olhou para mim com os olhos assombrados e sem compreender coisa alguma.

– Estou falando sério, Carrie! Você *nunca* deve mencionar ninguém da família, exceto Chris e eu, e Dr. Paul e Henny. Você entende?

Ela assentiu com a cabeça, mas não entendeu. Eu podia ver em seus lábios que tremiam e na expressão de seu rosto: ela ainda queria a mamãe!

E então chegou o dia horrível em que dirigimos 15 km além dos limites da cidade de Clairmont para levar Carrie até aquela elegante escola particular destinada às filhas das pessoas prósperas. O edifício era grande, pintado de branco, com um pórtico na frente e as habituais colunas brancas. A placa de bronze perto da porta da frente dizia: “FUNDADA EM 1824”.

Fomos recebidos em um escritório quente e aconchegante por uma descendente da fundadora da escola, a senhorita Emily Dean Dewhurst. Uma mulher imponente, bonita, com cabelo surpreendentemente branco e nenhuma ruga que lhe traísse a idade.

– Ela é uma criança adorável, Dr. Sheffield. Claro que faremos todo o possível para fazê-la feliz e confortável enquanto aprende.

Inclinei-me para abraçar Carrie, que tremia, e sussurrei:

– Anime-se, faça um esforço para se divertir. Não se sinta abandonada. Todo fim de semana nós viremos para levá-la para casa com a gente. Então, não é assim tão ruim, é?

Ela se animou e forçou um sorriso.

– Sim, eu posso fazer isso – ela murmurou fracamente.

Não foi fácil me afastar e deixar Carrie naquela grande e bonita mansão pintada de branco.

No dia seguinte, foi a vez de Chris partir para a escola preparatória de meninos, e oh, como eu sofri ao vê-lo empacotar suas coisas. Eu o observei, mas não consegui falar nada. Chris e eu não conseguíamos nem mais olhar um para o outro.

A escola dele era ainda mais longe. Paul dirigiu quase 50 quilômetros antes de chegarmos ao campus, com edifícios de tijolos

cor-de-rosa e, novamente, as obrigatórias colunas brancas. Sentindo que precisávamos ficar sozinhos, Paul deu uma desculpa esfarrapada de querer inspecionar os jardins.

Chris e eu não estávamos realmente sozinhos, mas em um quarto com grandes janelas que davam para uma sacada. Os garotos estavam constantemente passando por ali para olhar para dentro e para nós. Eu queria estar em seus braços, com o meu rosto contra o dele. Eu queria que esse fosse um adeus ao amor, tão completo que saberíamos que era o fim de tudo, pelo menos, de tudo que era errado.

– Chris – gaguejei, à beira das lágrimas –, o que é que eu vou fazer sem você?

Seus olhos azuis ficavam mudando de cor, mostrando suas emoções como se fossem um caleidoscópio.

– Cathy, nada vai mudar – ele sussurrou com voz rouca, agarrando-se às minhas mãos. – Quando nos virmos novamente, ainda vamos sentir o mesmo um pelo outro. Eu te amo. Eu sempre vou te amar. Certo ou errado, eu não posso evitar. Vou estudar tanto que não vou ter tempo de pensar em você, e sentir sua falta, e me perguntar o que está acontecendo em sua vida.

– E você será o graduando mais jovem de Medicina na história da humanidade – eu brinquei, embora a minha voz estivesse tão rouca quanto a dele. – Guarde um pouco de amor por mim, e guarde-o na parte mais profunda do seu coração, como eu vou guardar o meu amor por você. Não podemos cometer o mesmo erro de nossos pais.

Ele suspirou e baixou a cabeça, estudando o chão a seus pés, ou talvez estivesse olhando para os meus pés sobre os saltos altos, que deixavam minhas pernas muito mais bonitas.

– Se cuida.

– Claro. Você também. Não estude demais. Divirta-se e me escreva, pelo menos uma vez por dia. Acho que não devemos gastar dinheiro com contas de telefone.

– Cathy, você é muito bonita. Talvez até demais. Eu olho para você e vejo a nossa mãe de novo, o jeito como você move suas mãos, e o jeito que você inclina a cabeça para o lado. Não enfeite

demais o nosso médico. Quero dizer, afinal de contas, ele é um homem. Ele não tem esposa, e você vai viver na mesma casa com ele. – Olhou para cima, seus olhos de repente penetrantes. – Não se apresse em fazer nada para tentar escapar do que você sente por mim. Falo sério, Cathy.

– Eu prometo me comportar.

Era uma promessa tão fraca quando fora *e/e* que havia despertado essa vontade primitiva em mim, e que deveria ter sido contida até que eu tivesse idade suficiente para lidar com isso. Agora, tudo o que eu queria era ser preenchida e amada por alguém com quem eu pudesse me sentir bem.

– O Paul – Chris disse timidamente –, ele é um grande sujeito. Eu o amo. Carrie o ama. O que você sente por ele?

– Amor, o mesmo que você e Carrie sentem. Gratidão. Isso não é errado.

– Ele não fez nada que não deveria fazer?

– Não. Ele é honrado, decente.

– Eu o vejo olhando para você, Cathy. Você é tão jovem, tão bonita, e tão... carente. – Ele fez uma pausa e corou, desviando o olhar com culpa antes de continuar. – Eu me sinto mal em pedir isso, quando ele tem feito muito para nos ajudar, mas ainda assim, às vezes eu acho que ele nos acolheu apenas por sua causa, só por sua causa. Porque ele quer você!

– Chris, ele é 25 anos mais velho que eu. Como você pode pensar isso?

Chris parecia aliviado.

– Você está certa – ele disse. – Você é tutelada dele e muito jovem. Deve haver muitas mulheres bonitas nesses hospitais que ficariam felizes em estar com ele. Acho que você está suficientemente a salvo.

Sorrindo agora, ele me puxou suavemente em um abraço e baixou seus lábios até tocar os meus. Apenas um beijo suave, amoroso, de até-logo-por-um-tempo.

– Eu sinto muito sobre a noite de Natal – ele disse, quando o nosso beijo terminou.

Meu coração era uma ruína dolorosa quando me afastei dele para ir embora. Como é que eu ia viver sem ele por perto? Outra coisa que *ela* havia causado. O fato de nos importarmos tanto uns com os outros, quando não devíamos nos sentir daquela forma. Culpa dela, sempre culpa dela! Tudo o que havia dado errado em nossas vidas era culpa dela!

– Não estude demais, Chris, ou logo você vai precisar usar óculos.

Ele sorriu, prometeu, fez um gesto relutante de despedida. Nenhum de nós dois conseguia dizer a palavra “adeus”. Virei-me para correr para fora do quarto, com lágrimas nos olhos enquanto corria pelos longos corredores, e depois para o sol brilhante. No carro branco de Paul, desabei e realmente soluzei, como Carrie fazia quando chorava.

De repente, Paul apareceu do nada e em silêncio tomou o seu lugar atrás do volante. Ligou o carro, deu ré e virou-o novamente em direção à estrada. Ele não mencionou meus olhos avermelhados ou o lenço encharcado. Eu o segurava amassado em minha mão para enxugar as lágrimas que continuavam pingando. Ele não perguntou por que eu estava tão silenciosa, quando eu normalmente o provocava e falava pelos cotovelos apenas para evitar ouvir o silêncio. *Quietude, silêncio. Ouça as penas caírem, escute a casa ranger. Era a melancolia do sótão.*

As mãos fortes e bem cuidadas de Paul guiavam o carro com uma habilidade fácil, casual, enquanto ele ficava lá sentado, relaxado. Estudei as suas mãos, pois, além dos olhos em um homem, eu observava suas mãos. Então, desviei meu olhar para as pernas. Coxas fortes, bem torneadas, que as calças apertadas de malha azul delineavam muito bem, talvez bem demais, pois de repente eu não estava triste, ou melancólica, mas senti uma onda de sensualidade.

Árvores gigantes margeavam a ampla e escura estrada, árvores retorcidas e escuras, grossas e antigas.

– *Magnolia grandiflora* – disse Paul. – É uma pena que não estejam em flor agora, mas não vai demorar muito tempo. Nossos invernos são curtos. Uma coisa que você deve se lembrar: nunca

respire sobre uma flor de magnólia, ou a toque; se você fizer isso, ela vai murchar e morrer.

Ele me lançou um olhar divertido, que me deixou sem saber se ele estava falando a verdade ou não.

– Eu costumava ter medo de entrar na minha rua antes de você e seus irmãos aparecerem. Sempre fui muito sozinho. Agora eu vou para casa feliz. É bom me sentir feliz novamente. Obrigado, Cathy, por terem fugido para o sul, em vez do norte ou oeste.

Assim que chegamos em casa, Paul se dirigiu para seu escritório e eu fui para cima tentar espantar minha solidão me exercitando na barra. Paul não voltou para casa para o jantar, o que tornou tudo ainda pior. Ele não apareceu após o jantar também, então eu fui para a cama cedo. Totalmente sozinha. Eu estava totalmente sozinha. Carrie tinha ido embora. Meu “boneco” Christopher, minha sustentação, fora embora também. Pela primeira vez, nós estávamos dormindo sob tetos diferentes. Eu sentia falta de Carrie. Senti-me horrível, com medo. Precisava de alguém. O silêncio da casa e a profunda escuridão da noite estavam gritando sobre mim. *Sozinha, sozinha, você está sozinha, e ninguém se importa, ninguém se importa.* Pensei em comida. Estava preocupada em não ter um estoque de comida à mão. Então me lembrei de que precisava de um pouco de leite quente. Leite quente deveria me ajudar a adormecer, e dormir era o que eu precisava.

SEDUTORA... EU?



A luz do fogo brilhava suavemente na sala de estar. As toras de madeira cinza tinham se dissipado na lareira, e Paul, envolto em seu quente robe de chambre vermelho, estava sentado em uma poltrona de braços e, lentamente, fumava um cachimbo.

Olhei para a cabeça aureolada pela fumaça e vi alguém afetuoso, carente, melancólico e cheio de anseios, como eu desejei. E sendo a tola que frequentemente era, fui em direção a ele com os pés descalços, sem fazer barulho. Como era bom vê-lo usando o nosso presente assim tão rápido. Eu estava usando um presente dele – um roupão macio, cor de turquesa, de tecido leve, que flutuava sobre uma camisola da mesma cor.

Ele se assustou ao me ver ali, tão perto de sua poltrona, no meio da noite, embora ele não falasse nada que pudesse quebrar o feitiço que de alguma forma nos unia em uma carência mútua.

Havia muita coisa que eu não sabia sobre mim, e também não entendi o impulso que me fez levantar a mão para acariciar seu rosto. Sua pele estava áspera, como se ele precisasse fazer a barba. Ele jogou a cabeça para trás contra a cadeira e inclinou o rosto na minha direção.

– Por que você está me tocando, Catherine?

Sua pergunta foi feita em uma voz firme, fria, e eu poderia ter me sentido rejeitada e magoada, mas os seus olhos eram piscinas

suaves e límpidas de desejo, e eu já tinha visto desejo antes, só que não nesse tipo de olhos.

– Você não gosta de ser tocado?

– Não por uma garota sedutora vestindo roupas transparentes que tem 25 anos a menos que eu.

– Vinte e quatro anos e sete meses a menos – eu o corriji –, e minha avó materna se casou com um homem de 55 anos quando ela tinha apenas 16.

– Ela era uma tola e ele também.

– Minha mãe disse que ela foi uma boa esposa – acrescentei, sem muita convicção.

– Por que não está em sua cama dormindo? – ele retrucou.

– Eu não consigo dormir. Acho que estou muito ansiosa para a escola amanhã.

– Então é melhor ir para a cama, assim você vai estar com a sua melhor aparência.

Eu comecei a ir, realmente comecei, pois a ideia do leite quente ainda estava na minha cabeça, mas eu tinha outros pensamentos também, mais sedutores.

– Dr. Paul...

– Eu odeio quando você me chama assim! – ele interrompeu. – Me chame pelo meu primeiro nome ou simplesmente não fale comigo.

– Eu sinto que deveria mostrar o respeito que você merece.

– Vá pro inferno o respeito! Eu não sou diferente de qualquer outro homem. Um médico não é infalível, Catherine.

– Por que você está me chamando de Catherine?

– Por que eu não deveria chamá-la de Catherine? É o seu nome, e me parece um nome mais adulto do que Cathy.

– Um momento atrás, quando toquei em seu rosto, você me olhou com raiva, como se não quisesse que eu parecesse uma adulta.

– Você é uma feiticeira. Em um segundo você se transforma de uma menina ingênua em uma mulher sedutora, provocante. Uma mulher que parece saber exatamente o que está fazendo quando coloca a mão no meu rosto.

Meus olhos se desviaram antes que ele fixasse os dele sobre mim. Senti-me quente, inquieta, e desejei agora ter ido diretamente para a cozinha. Olhei para os livros valiosos nas prateleiras e para as miniaturas de objetos de arte que ele parecia apreciar. Em todo lugar para onde eu olhava havia algo para me lembrar de que o que ele mais precisava era de beleza.

– Catherine, eu vou perguntar uma coisa, não que seja da minha conta, mas eu tenho que perguntar. O que há entre você e seu irmão?

Meus joelhos começaram a tremer de nervoso. *Oh, querido Deus, será que ele podia ver isso em nossos rostos?* Por que ele tinha que perguntar? Não era da conta dele. Ele não tinha o direito de fazer tal pergunta. Senso comum e discernimento deveriam ter colado minha língua ao céu da boca e me impedido de dizer o que eu disse, envergonhada e sem jeito.

– Você ficaria chocada ao saber que, quando estávamos trancados em um quarto, sempre juntos, nós quatro, e cada dia era uma eternidade, que às vezes Chris e eu nem sempre pensávamos em nós mesmos como irmão e irmã? Ele fixou uma barra no sótão para mim, para que eu pudesse manter meus músculos flexíveis, para que eu pudesse continuar acreditando que um dia seria uma bailarina. E enquanto eu dançava sobre aquela madeira macia e apodrecida, ele estudava na sala de aula do sótão, debruçado horas e horas sobre enciclopédias antigas. Ele ouvia a minha música de dança e ficava nas sombras me vendo dançar...

– Continue – ele insistiu, quando fiz uma pausa. Eu estava com a cabeça baixa, pensando no passado, esquecendo-me dele. Então, de repente, ele se inclinou para frente, me agarrou e me puxou para o seu colo. – Conte o resto.

Eu não queria contar a ele, mas os seus olhos estavam quentes, exigentes, fazendo-o parecer uma pessoa diferente.

Engolindo em seco, eu continuei com relutância:

– A música sempre teve um efeito sobre mim, mesmo quando eu era pequena. Ela me domina, me leva até as alturas e me faz dançar. E quando estou lá em cima, não há maneira de descer, a menos que eu sinta amor por alguém. Se você desce e sente os pés

no chão, e não há ninguém lá para amar, então você se sente vazio e perdido. E eu não gosto de me sentir vazia e perdida.

– Então você dançava no sótão, se deixava levar por sua imaginação fantasiosa, voltava para o chão e descobria que a única pessoa que estava lá para você amar era seu irmão? – ele disse isso com calor gelado, fixando seus olhos nos meus. – Certo? Você tinha outro tipo de amor que você reservava para os seus pequenos gêmeos, não é? Você foi uma mãe para eles. Eu sei disso. Vejo isso cada vez que você olha para Carrie e fala o nome de Cory. Mas que tipo de amor você tem por Christopher? É *maternal*? Fraternal? Ou é... – ele fez uma pausa, corou e me chacoalhou. – O que você fez com seu irmão, quando vocês estavam trancados lá, quando vocês estavam sozinhos?

Tomada pelo pânico, eu balancei a cabeça e empurrei suas mãos de meus ombros.

– Chris e eu fomos decentes! Fizemos o melhor que podíamos!

– O melhor que podiam? – ele disparou, olhando duro e com raiva, como se o homem gentil e amável que eu conhecia tivesse sido apenas um disfarce. – O que diabos isso quer dizer?

– Tudo o que você precisa saber! – gritei de volta e pisquei os olhos, sentindo uma raiva tão quente e vermelha como a dele. – Você me acusa de te seduzir. Isso é o que você está fazendo; você se senta e presta atenção em cada movimento que faço! Você me despe com os olhos. Me leva para a cama com seus olhos. Você fala sobre aulas de balé, e sobre mandar meu irmão para a faculdade de Medicina, e todo o tempo deixa claro que, mais cedo ou mais tarde, vai exigir o seu pagamento, e eu sei o tipo de pagamento que você quer! – Levei minhas mãos até o penhoar e o rasguei, de forma que o pequeno corpete da camisola azul ficasse à mostra. – Olhe para o tipo de presente que você me deu. É esse o tipo de camisola que uma garota de 15 anos usa? Não! É o tipo de camisola que uma noiva usa na noite de núpcias! E você deu para mim, viu Chris ficar carrancudo e não teve sequer a decência de corar!

Sua risada era zombeteira. Senti o cheiro forte do vinho tinto que ele gostava de beber antes de se retirar. Sua respiração era quente, o rosto muito perto do meu, de forma que eu pudesse ver cada pelo

escuro que brotava de sua pele. Era o vinho que o fazia agir assim, pensei. Apenas o vinho. Qualquer mulher em seu colo serviria – *qualquer mulher!* Provocantemente, ele tocou os bicos de ambos os meus mamilos, indo de um para o outro, e então ele se atreveu a deslizar a mão por baixo da minha camisola para que ele pudesse acariciar os seios jovens que estavam excitados com o calor de suas carícias inesperadas. Então meus mamilos se ergueram, duros, e eu estava respirando tão fortemente e tão rápido quanto ele.

– Você quer se despir para mim, Catherine? – ele sussurrou de modo zombeteiro. – Você se senta nua no meu colo e me deixa fazer o que eu quiser com você? Ou será que você vai pegar o cinzeiro de vidro veneziano e quebrá-lo na minha cabeça?

Ele olhou para mim, então, repentinamente chocado ao ver onde sua mão estava, cobrindo meu seio esquerdo, e puxou a mão como se a minha carne o tivesse queimado. Juntou as pontas do tecido do meu frágil penhoar e escondeu o que seus olhos famintos tinham devorado antes. Olhou para os meus lábios, que estavam levemente entreabertos e esperando para serem beijados, e acho que ele planejava me beijar momentos antes de retomar o controle e me empurrar para longe. Naquele momento um trovão ribombou, e um raio caiu, ziguezagueando, crepitando com o fogo, ao atingir a fiação externa do telefone. Eu pulei! Gritei!

Tão rapidamente como havia retirado sua mão, ele saiu de sua perplexidade e se transformou no que habitualmente era – um homem solitário, distante, determinado a se manter afastado de todos. Quão sábia eu fui, em minha inocência, ao saber disso antes mesmo que ele retrucasse:

– O que diabos você está fazendo sentada no meu colo seminua? Por que você me deixou fazer o que eu fiz?

Eu não disse nada. Ele estava envergonhado; eu podia ver isso agora no brilho do fogo que desaparecia, e nos flashes intermitentes dos raios. Ele estava tendo todos os tipos de pensamentos de autocondenação, castigando-se, repreendendo-se, chicoteando-se com eles. Eu sabia que a culpa era minha; como sempre, a culpa era minha.

– Eu sinto muito, Catherine. Eu não sei o que me levou a fazer o que fiz.

– Eu perdoo você.

– Por que você me perdoa?

– Porque eu te amo.

Mais uma vez, ele virou a cabeça de perfil, e eu não podia ver os seus olhos bem o suficiente para interpretá-los.

– Você não me ama – ele disse calmamente. – Você é apenas grata pelo que tenho feito.

– Eu te amo, e eu sou sua, quando ou se você me quiser. E você pode dizer que não me ama, mas estará mentindo, porque eu vejo isso em seus olhos cada vez que olha para mim. – Eu me encostei contra o seu corpo e virei o rosto dele para o meu. – Quando fui rejeitada por minha mãe, eu jurei que quando estivesse livre, se o amor viesse e exigisse de mim, eu abriria a minha porta e o deixaria entrar. No primeiro dia em que cheguei aqui eu encontrei amor em seus olhos. Você não precisa se casar comigo. Apenas me ame quando precisar de mim.

Ele me abraçou e assistimos a tempestade lá fora. O inverno lutou contra a primavera e, finalmente, foi conquistado. Agora só havia granizo, e os trovões e os relâmpagos tinham ido embora, e eu me senti... tão bem. Éramos muito parecidos, ele e eu.

– Por que você não tem medo de mim? – ele perguntou baixinho, enquanto suas mãos grandes e suaves acariciavam minhas costas, meu cabelo. – Você sabe que não deveria estar aqui, deixando-me abraçá-la e tocá-la.

– Paul... – comecei timidamente –, eu não sou má; nem Chris. Quando estávamos trancados, nós fizemos o melhor que podíamos, verdade. Mas nós estávamos trancados em um quarto e estávamos crescendo. Vovó tinha uma lista de regras que nos proibia até mesmo de olhar um para o outro, e agora eu acho que sei por quê. Nossos olhos se encontravam muitas vezes, e sem dizer uma palavra, ele conseguia me confortar, e me dizia que meus olhos faziam isso por ele também. Isso não era ruim, era?

– Eu não deveria ter perguntado, e é claro que vocês tinham que olhar um para o outro. É por isso que temos olhos.

– Vivendo como vivemos durante tanto tempo, eu não sei muito sobre outras garotas da minha idade, mas desde que eu era apenas uma garotinha da altura da mesa, qualquer tipo de beleza faz com que eu me sinta iluminada. A simples visão do sol sobre as pétalas de uma rosa, ou o jeito como a luz brilha através de folhas de árvores e mostra os veios das folhas, a maneira como a chuva sobre a estrada deixa o óleo iridescente, tudo isso me faz sentir bela. Mais do que tudo, quando estou ouvindo música, especialmente o meu tipo, música de balé, não preciso do sol ou das flores ou do ar fresco. Eu me ilumino por dentro, e onde quer que eu esteja tudo se transforma em palácios de mármore, ou eu sou selvagem e livre na floresta. Eu costumava fazer isso no sótão, e sempre um pouco à minha frente, um homem de cabelos escuros dançava comigo. Nós nunca nos tocávamos, embora tentássemos. Nunca vi o rosto dele, embora quisesse. Eu disse seu nome uma vez, mas quando acordei não conseguia me lembrar qual era. Então, acho que estou realmente apaixonada por *e/e*, seja ele quem for. Toda vez que vejo um homem com cabelo escuro que se move graciosamente, eu suspeito que seja ele.

Ele riu e entrelaçou os dedos longos em meus cabelos soltos.

– Meu Deus, como você é romântica.

– Você está zombando de mim. Você acha que eu sou apenas uma criança. Você acha que, se me beijasse, não seria excitante.

Ele sorriu, aceitou o desafio e lentamente, vagarosamente, inclinou a cabeça até que seus lábios encontraram os meus. Oh! Então era assim, o beijo de um estranho. Um formigamento elétrico subia e descia pelos meus braços, e todos os nervos que uma “criança” da minha idade não deveria ter queimavam como fogo! Ele se afastou bruscamente, com medo. Eu era má, profana, ainda uma filha do diabo!

E Chris ficaria chocado!

– O que diabos estamos fazendo? – ele gritou, desvencilhando-se do feitiço que eu havia lançado. – Que tipo de diabinho você é para me deixar acariciá-la intimamente e beijá-la? Você é muito bonita, Catherine, mas é só uma criança.

Algun tipo de percepção escureceu seus olhos quando ele adivinhou meus motivos.

– Agora, coloque isso na sua linda cabeça: você não me deve absolutamente nada! O que eu faço por você, pelo seu irmão e irmã, faço de bom grado, alegremente, sem esperar qualquer tipo de recompensa. Qualquer tipo, você entende?

– Mas... mas... – gaguejei. – Sempre detestei quando a chuva cai forte e o vento sopra à noite. Essa é a primeira vez que me senti aquecida e segura, aqui, com você, diante do fogo.

– Segura? – ele brincou. – Você acha que está segura comigo, quando você se senta no meu colo e me beija assim? Do que você acha que sou feito?

– Do mesmo material que outros homens, só que melhor.

– Catherine – disse Paul, sua voz suave e gentil agora. – Eu cometi muitos erros na minha vida e vocês três me deram a oportunidade de me redimir. Se eu encostar a mão em você novamente, quero que grite por ajuda. Se não houver ninguém aqui, corra para o seu quarto, ou pegue algo e bata na minha cabeça.

– Oh – sussurrei –, e eu pensei que você me amava!

Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu me senti como uma criança novamente, castigada por presumir demais. Que tolice acreditar que o amor já estava batendo na minha porta! Fiquei amuada quando ele me afastou. Em seguida, ele gentilmente me colocou em pé, mas manteve as mãos na minha cintura, enquanto olhava para o meu rosto.

– Meu Deus, como você é bonita e desejável – ele disse com um suspiro. – Não me tente demais, Catherine. Para o seu próprio bem.

– Você não precisa me amar. – Inclinei minha cabeça para esconder o rosto atrás do meu cabelo enquanto dizia, sem sentir nenhuma vergonha: – Apenas me use quando precisar de mim, e isso será o suficiente.

Ele se recostou na cadeira e tirou as mãos da minha cintura.

– Catherine, nunca mais me deixe ouvi-la oferecer tal coisa novamente. Você vive no país das fadas, não na realidade. Meninas pequenas se machucam quando jogam jogos de adultos. Você deve se guardar para o homem com quem se casar. Mas pelo amor de

Deus, espere até você crescer primeiro. Não se apresse em ter relações sexuais com o primeiro homem que desejar.

Eu recuei, com medo dele agora, enquanto ele se mantinha a um braço de distância.

– Linda criança, os olhos de Clairmont estão sobre você e sobre mim, perguntando, especulando. Eu não tenho uma reputação impoluta. Assim, para o bem da minha prática médica e da minha alma e consciência, fique longe de mim. Eu sou apenas um homem, não um santo.

Mais uma vez eu recuei, assustada. Voei até as escadas como se estivesse sendo perseguida. Pois ele não era, afinal, o tipo de homem que eu queria. Não ele, um médico, talvez um mulherengo – o último tipo de homem capaz de realizar meus sonhos de amor fiel, devotado, eternamente florido e romântico.

A escola para onde Paul me enviou era grande e moderna, com uma piscina coberta. Meus colegas achavam que eu era bonita e falava engraçado, como uma nortista. Eles riam da maneira como eu dizia “água, pai, mais” ou qualquer palavra que tivesse um “a”. Eu não gostava de ser ridicularizada. Não gostava de ser diferente. Queria ser como os outros, e embora eu tentasse, descobri que eu *era* diferente. Como poderia ser de outra forma? *Ela* me havia feito diferente. Eu sabia que Chris estava se sentindo solitário em sua escola, porque ele também era um estranho em um mundo que tinha continuado sem nós. Eu estava receosa por Carrie em sua nova escola, sozinha, também diferente dos outros. Maldita seja mamãe por seu esforço em nos separar do resto do mundo, de modo que não conseguíamos nos misturar na multidão, falar como eles falavam e acreditar como eles acreditavam. Eu era uma estranha, e era assim que meus colegas de escola me faziam sentir em todos os momentos possíveis.

Apenas em um lugar eu me sentia à vontade. Logo depois das aulas do colégio, eu pegava um ônibus e ia direto para a aula de balé, carregando minha mochila com os *collants*, sapatilhas de ponta e uma bolsa pequena dobrada dentro dela. No camarim, as meninas compartilhavam todos os seus segredos. Contavam piadas ridículas, histórias sensuais, algumas delas até mesmo depravadas. Sexo

estava no ar, em torno de nós, respirando tépido e exigente sobre nossos pescoços. Infantilmente, tola, elas discutiam se deveriam se guardar para seus maridos. Deviam deixar o namorado acariciá-las com ou sem roupas – ou “ir até o fim” – e como parar um garoto depois que “inocentemente” o haviam deixado excitado?

Eu não dava minha opinião porque me sentia muito mais sábia do que as outras. Se eu me atrevesse a falar do meu passado, daqueles anos quando estava vivendo “em lugar nenhum” e do amor que havia brotado do solo estéril, eu podia imaginar como seus olhos se arregalariam! Eu não podia culpá-las. Não, eu não podia culpar ninguém, exceto aquela que fora responsável por tudo aquilo! Mamãe!

Um dia eu corri do ponto de ônibus para casa e escrevi uma carta longa e venenosa para a minha mãe, e então não soube para onde enviá-la. Deixei-a de lado até que eu descobrisse o endereço em Greenglenna.

Uma coisa era certa: eu não queria que ela soubesse onde morávamos. Embora ela tivesse recebido a petição, a mesma não tinha o nome de Paul ou o nosso endereço, apenas o do juiz. Mais cedo ou mais tarde, porém, ela teria notícias minhas e lamentaria por isso.

Todo dia começávamos vestidas em pesadas polainas de lã, e nos exercitávamos na barra até nosso sangue fluir rápido e quente, então tirávamos as polainas quando começávamos a suar. Nosso cabelo, preso em coques como o das velhinhas que lavavam pisos, logo ficava molhado também. Então nós tomávamos dois ou três banhos por dia, quando praticávamos oito ou dez horas aos sábados.

A barra não era feita para ser agarrada com força, mas apenas para mantermos o equilíbrio, para nos ajudar a desenvolver o controle, a graça. Executávamos o *pliés*, o *tendus*, o *glissés*,¹ o *fondus*,² o *ronds de jambe a terre*³ – e nenhum deles era fácil. Às vezes a dor de girar os quadris nos movimentos de rodopio quase me fazia gritar. Então vinha o *frappé*⁴ em três quartos de ponta, o *ronds de jambe en I'air*, as *petit e grand battements*,⁵ as

*développés*⁶ e todos os exercícios de aquecimento para deixar os nossos músculos alongados, fortes e flexíveis. Em seguida, usávamos a arena central para repetir tudo isso sem o auxílio da barra.

E essa era a parte mais fácil. A partir daí, o trabalho tornava-se cada vez mais difícil, exigindo habilidades técnicas impressionantemente dolorosas de executar.

Ouvir que eu era boa, até mesmo excelente, me levava às alturas... Então, dançar no sótão tinha resultado em alguns benefícios, dançando mesmo quando eu estava morrendo; assim eu pensava, enquanto fazia *pliés, un, deux* e mais uma vez, e outra, enquanto Georges martelava no velho piano. E havia Julian.

Algo o trazia constantemente de volta a Clairmont. Eu achava que suas visitas eram apenas para saciar seu ego, para que pudéssemos nos sentar em um círculo no chão e vê-lo dançar no centro dele, mostrando seu virtuosismo superior, seus rodopios que eram mais rápidos do que a vista podia acompanhar. Seus incríveis saltos desafiavam a gravidade e, depois desses *grand jetés*,⁷ ele pousava no solo como se fosse uma pluma de ganso. Ele me encurralou para dizer que era "seu" tipo de dança que acrescentava mais emoção à performance.

– Realmente, Cathy, você não pode dizer que viu balé até ver um espetáculo em Nova York.

Ele bocejou como se estivesse entediado e dirigiu seus olhos negros e ousados para Norma Belle em seu *collant* branco apertado e transparente. Rapidamente, eu lhe perguntei por que, se Nova York era um lugar tão melhor para estar, ele continuava voltando para Clairmont com tanta frequência.

– Para visitar minha mãe e meu pai – ele disse com certa indiferença. – Madame é a minha mãe, você sabe.

– Oh, eu não sabia disso.

– Claro que não. Eu não gosto de me vangloriar disso. – Ele sorriu, um sorriso devastadoramente perverso. – Você ainda é virgem?

Eu lhe disse que não era da conta dele, e isso o fez rir novamente.

– Você é muito boa para esse lugar caipira, Cathy. Você é diferente. Eu não consigo identificar o motivo, mas você faz as outras meninas parecerem desajeitadas, entediadas. Qual é o seu segredo?

– Qual é o seu?

Ele sorriu e colocou a mão sobre o meu peito.

– Eu sou fantástico, isso é tudo. O melhor que existe. Logo o mundo inteiro vai saber.

Irritada, eu dei um tapa na mão dele. Pisei em seu pé e recuei.

– Pare com isso!

De repente, tão rapidamente quanto havia me encurralado, ele perdeu todo o interesse e se afastou, deixando-me de olhos arregalados.

Na maior parte dos dias, eu ia direto para casa depois da aula e passava a noite com Paul. A companhia dele era muito divertida, quando ele não estava cansado. Ele me falava de seus pacientes sem dizer seus nomes, e contava coisas sobre sua infância, e como sempre quis ser médico, assim como Chris. Logo depois do jantar, ele saía para fazer as rondas em três hospitais locais, incluindo um em Greenglenna.

Eu tentava ajudar Henny após o jantar enquanto esperava Paul voltar. Às vezes nós assistíamos TV, e às vezes ele me levava ao cinema.

– Antes de você chegar, eu nunca ia ao cinema.

– Nunca? – perguntei.

– Bem, quase nunca – ele disse. – Eu tinha alguns encontros antes de você chegar, mas desde que você está aqui o meu tempo disponível simplesmente desaparece. Eu não sei o que o faz passar tão rápido.

– Falar comigo – eu disse a ele, provocando-o com o meu dedo, passando-o ao longo de sua face bem barbeada. – Eu acho que sei mais sobre você do que sei sobre qualquer outra pessoa no mundo, exceto Chris e Carrie.

– Não – ele disse em uma voz firme. – Eu não te disse tudo.

– Por que não?

– Você não precisa saber de todos os meus segredos sombrios.

– Eu já contei a você todos os meus segredos sombrios, e você não se afastou de mim.

– Vá para a cama, Catherine!

Eu pulei e corri até ele e beijei-lhe a bochecha, que estava muito corada. Então corri para as escadas. Quando cheguei ao topo, me virei para vê-lo perto do corrimão, olhando para cima, como se a visão das minhas pernas sob o *baby-doll* rosa e curto o fascinasse.

– E não corra por aí usando essas coisas! – ele disse. – Você deveria usar um roupão.

– Doutor, você me deu essa roupa. Achei que você não queria que eu me cobrisse. Pensei que você queria me ver com ela.

– Você pensa demais.

De manhã eu me levantava cedo, antes das seis, para que pudesse tomar o café da manhã com ele. Ele gostava da minha companhia, embora não dissesse isso. No entanto, eu sabia. Eu o tinha enfeitado, encantado. Estava aprendendo mais e mais a ser como mamãe.

Acho que ele tentava me evitar, mas eu não deixava. Ele era aquele que iria me ensinar o que eu precisava saber.

Seu quarto ficava no final do mesmo corredor do meu, mas eu nunca me atrevera a ir até ele à noite como eu tinha feito com Chris. Eu ansiava por Chris e por Carrie. Quando eu acordava, doía não vê-los no quarto ao meu lado; doía mais ainda não vê-los na mesa de café da manhã, e se Paul não estivesse lá, eu acho que teria começado cada dia com lágrimas em vez de sorrisos forçados.

– Sorria para mim, minha Catherine – Paul disse uma manhã, quando me sentei olhando para o meu prato de cereais, ovos mexidos e bacon. Olhei para cima, intrigada por algo que ouvi em sua voz, algo melancólico, como se ele precisasse de mim.

– Nunca diga o meu nome assim novamente – eu disse com a voz rouca. – Chris costumava me chamar de “minha dama” Catherine, e eu não gostaria de ouvir qualquer outra pessoa me chamar de “minha” Catherine.

Ele não disse mais nada, apenas deixou de lado o jornal, se levantou e foi até a garagem. De lá, ele ia de carro até os hospitais, em seguida, voltava para o seu consultório em casa, e eu não iria vê-lo novamente até a hora do jantar.

Eu nunca o via o suficiente, nunca via o suficiente aqueles que eu amava.

Só nos fins de semana, quando Chris e Carrie estavam em casa, ele realmente parecia à vontade comigo. E, no entanto, quando Chris e Carrie voltavam às suas escolas, algo se intrometia entre nós, alguma faísca sutil, que mostrava que ele estava tão atraído por mim como eu por ele. Fiquei pensando se a verdadeira razão era a mesma para nós dois. Ele estava tentando escapar das lembranças de sua Julia ao me deixar entrar em seu coração? Assim como eu estava tentando escapar de Chris?

Mas minha vergonha era pior do que a dele, ou assim eu achava. Eu pensava que era a única com um passado sombrio, feio. Nunca sonhei que alguém tão bom e nobre como Paul pudesse ter feiura em sua vida também.

Apenas duas semanas se passaram e Julian veio de Nova York novamente. Dessa vez, ele deixou bem claro que tinha vindo só para me ver. Senti-me lisonjeada e um pouco estranha, pois ele já havia alcançado o sucesso, enquanto eu ainda estava esperando por ele. Ele tinha um carro velho que, segundo ele, não lhe custara nada, com exceção de seu tempo, pois todas as partes tinham vindo do ferro-velho.

– Além de dançar, eu amo mexer com carros – ele explicou quando me levou da aula de dança para casa. – Um dia, quando eu for rico, vou ter carros de luxo, três ou quatro, ou talvez sete, um para cada dia da semana.

Eu ri; parecia algo tão ultrajante e ostensivo.

– É possível ganhar tanto dinheiro assim dançando?

– Será possível quando eu atingir o topo – ele respondeu confidencialmente.

Tive que virar a cabeça e olhar para o seu belo perfil. Se você separasse as feições dele em partes, poderia encontrar defeitos nelas, pois o nariz poderia ter sido melhor, a pele precisava de mais cor e talvez seus lábios fossem muito volumosos e vermelhos, sensuais demais. Mas quando essas partes eram colocadas todas juntas, ele era sensacional.

– Cathy – ele começou, me lançando um longo olhar enquanto seu minúsculo carro resfolegava e engasgava –, você vai amar Nova York. Há tanta coisa para fazer, tanta coisa para ver e experimentar. Aquele médico com quem você vive não é seu verdadeiro pai, você não precisa ficar presa aqui só para agradar a ele. Pense em se mudar para Nova York, logo que possível. – Ele colocou o braço sobre os meus ombros para me puxar para mais perto dele. – Que time nós seríamos, você e eu! – ele disse em voz baixa, tentando me convencer, e descreveu para mim imagens brilhantes do que seria a nossa vida em Nova York. Ele deixou bem claro que eu estaria sob suas asas, e em sua cama.

– Eu não conheço você – respondi, afastando-me e sentando o mais longe possível dele. – Eu não conheço o seu passado, e você não conhece o meu. Não somos nada parecidos, e embora eu fique lisonjeada com sua atenção, você também me assusta.

– Por quê? Eu não vou estuprar você.

Eu o odiei por dizer isso. Não era de estupro que eu tinha medo. Na verdade, eu não sabia o que me fazia ter medo dele. Talvez eu tivesse mais medo de mim mesma quando estava com ele.

– Diga-me quem você é, Julian Marquet. Conte-me sobre sua infância, seus pais. Diga por que você acha que é uma dádiva de Deus para o mundo da dança e para cada mulher que encontra.

Casualmente, ele acendeu um cigarro, o que não deveria fazer.

– Deixe-me levá-la para sair hoje à noite e eu darei todas as respostas que você quer.

Tínhamos chegado à casa grande em Bellefair Drive. Ele estacionou na frente, enquanto eu olhava para as janelas suavemente iluminadas com o brilho rosado do crepúsculo. Eu mal podia enxergar a sombra escura de Henny, que espiava para ver quem tinha estacionado em frente à sua casa. Pensei em Paul, mas

mais do que em qualquer outra pessoa, pensei em Chris, minha melhor metade. Será que Chris aprovaria Julian? Eu achava que não, mas ainda assim eu disse que sim, que sairia com ele naquela noite. E que noite foi aquela!

- 1 *Glissés*: exercício de deslizar, escorregar. (N.E.)
- 2 *Fondus*: em tradução literal, derretimento. Movimento suave em que se baixa o nível do corpo através do dobramento dos joelhos da perna de base. (N.E.)
- 3 *Ronds de jambe*: movimento da perna em círculo. Pode ser *a terre* (em direção ao chão) ou *en l'air* (em direção ao ar). (N.E.)
- 4 *Frappé*: movimento brusco e dinâmico de batida. (N.E.)
- 5 *Petit battement*: pequena batida, executada com os pés ou as pernas. *Grand battement*: grande batida, na qual a perna de trabalho é lançada no ar a 90° ou mais e retorna para a posição inicial, com o corpo permanecendo imóvel. (N.E.)
- 6 *Développé*: em tradução literal, desenvolvido. Movimento em que a perna é puxada para cima e estirada no ar, mantendo-se os quadris sempre no mesmo nível. (N.E.)
- 7 *Grand jeté*: grande salto de uma perna para outra. (N.E.)

MEU PRIMEIRO ENCONTRO



Eu estava hesitante em falar de Julian com Paul. Era sábado à noite; Chris e Carrie estavam em casa e, sinceramente, eu preferia ver um filme com eles e Paul. Foi com grande relutância que mencionei que tinha um encontro com Julian Marquet.

– Hoje à noite, Paul. Você não se importa, não é?

Ele me lançou um olhar cansado e um sorriso fraco.

– Eu acho que está na hora de você começar a sair com garotos. Ele não é muito mais velho, é?

– Não – sussurrei, sentindo-me um pouco decepcionada pelo fato de ele não se opor.

Julian chegou pontualmente às oito. Ele estava bonito em um terno novo, com seus sapatos engraxados, seu cabelo rebelde penteado, seus modos tão perfeitos, que não parecia ele mesmo.

Ele apertou a mão de Paul e inclinou-se para beijar a bochecha de Carrie. Chris olhou para ele com animosidade. Os dois estavam andando de bicicleta quando contei a Paul sobre o meu primeiro encontro, e mesmo enquanto Julian segurava meu novo casaco de primavera, senti a desaprovação de Chris.

Ele nos levou a um restaurante muito elegante, com luzes coloridas que brilhavam e rock. Com surpreendente confiança, Julian leu a carta de vinhos, então experimentou o vinho que o garçom

trouxe e acenou com a cabeça, dizendo que estava bom. Era tudo tão novo para mim que me senti nervosa, com medo de cometer um erro. Julian me entregou um cardápio. Minhas mãos tremiam tanto que me virei para ele e pedi-lhe que escolhesse. Eu não sabia ler francês, e parecia que ele sabia, considerando a maneira rápida como escolheu nossa refeição. Quando a salada e o prato principal chegaram, foram tão bons quanto prometiam ser.

Eu estava usando um vestido novo, decotado na frente e ousado demais para uma menina da minha idade. Queria parecer sofisticada, mesmo que não fosse.

– Você é linda – ele disse, enquanto eu pensava a mesma coisa sobre ele. Eu estava com uma sensação engraçada no coração, como se estivesse traindo alguém. – Bonita demais para ficar presa aqui na cidade dos caipiras durante anos a fio, enquanto minha mãe explora seus talentos. Eu não sou o bailarino principal como te disse antes, Cathy; apenas faço parte da companhia de balé. Queria impressionar você, mas sei que se eu tivesse você comigo, como minha parceira, nós dois poderíamos chegar ao topo juntos. Há certa magia entre nós que eu nunca tive com outra bailarina. É claro que você teria que começar na companhia. Mas logo Madame Zolta veria que o seu talento ultrapassa e muito a sua idade e experiência. Ela é um velho corvo, mas não é tola. Cathy, dancei muito para chegar onde estou, mas eu poderia tornar as coisas mais fáceis para você. Com meu apoio, você chegaria lá mais rápido do que eu. Juntos, nós faríamos uma equipe incrível. Sua alvura complementa a minha escuridão; é o contraponto perfeito.

E ele continuou falando e falando, tentando me convencer de que eu já era ótima, quando certa parte de mim sabia que, no fundo, eu não era tão sensacional assim e nem boa o suficiente para Nova York. E havia Chris, que eu não poderia ver se eu fosse para lá, e havia Carrie, que precisava de mim nos fins de semana. E Paul se encaixava em minha vida de algum modo, eu sabia que ele se encaixava. O problema era: onde?

Julian me serviu vinho e jantamos, e então fomos dançar. Logo estávamos dançando rock como ninguém mais naquele lugar podia. Todo mundo recuou apenas para nos assistir, e então aplaudiram.

Fiquei tonta com a proximidade dele e a quantidade de vinho que eu tinha tomado. No caminho para casa, Julian me levou para um local isolado onde namorados estacionavam para dar uns amassos. Eu nunca tinha feito isso e não estava pronta para alguém tão dominador quanto ele.

– Cathy, Cathy, Cathy – ele murmurou, beijando meu pescoço, atrás das orelhas, enquanto sua mão procurava acariciar a parte superior da minha coxa.

– Pare! – gritei. – Não! Eu não te conheço bem o suficiente! Você está indo muito rápido!

– Você está sendo tão infantil! – ele disse com irritação. – Eu venho de avião de Nova York só para estar com você, e você não quer nem mesmo me deixar beijá-la.

– Julian – eu disse, zangada –, leve-me para casa!

– Uma criança – ele murmurou com raiva e ligou o carro. – Apenas uma maldita linda garota que provoca, mas não passa disso. Cresça, Cathy. Eu não vou ficar aqui para sempre.

Ele era parte do meu mundo, meu mundo da dança, um mundo glamoroso, e de repente fiquei com medo de perdê-lo.

– Por que você se chama Marquet quando o nome de seu pai é Rosencoff? – perguntei, esticando a mão para desligar a ignição.

Ele sorriu e se inclinou para trás, e em seguida se virou para mim.

– Ok, se você quer conversar... Eu acho que você e eu somos muito parecidos, mesmo que você não admita. Madame e Georges são a minha mãe e meu pai, mas eles nunca me viram como um filho, especialmente meu pai. Ele me vê como uma extensão de si mesmo. Se eu me tornar um grande dançarino, não será crédito meu; será apenas porque eu sou *seu* filho e tenho o *seu* nome. Então eu coloquei um fim nessa ideia mudando o meu nome. Eu o inventei, assim como qualquer *performer* faz quando quer mudar seu nome. Você sabe quantos jogos de beisebol eu joguei? Nenhum! Eles não me deixavam. Futebol americano estava fora de questão. Além disso, eles me mantinham tão ocupado praticando posições de balé que eu estava cansado demais para qualquer outra coisa.

Ainda me olhando, Julian prosseguiu:

– Georges nunca me deixou chamá-lo de pai quando eu era pequeno. Depois de um tempo, eu não queria mais chamá-lo de pai, mesmo que ele ficasse de joelhos e implorasse. Tentei agradá-lo o máximo que pude, e nunca consegui. Ele sempre encontrava alguma falha, algum erro minúsculo que cometi, para evitar que meu desempenho fosse perfeito. Então, quando eu for famoso, serei famoso por mérito próprio, e ninguém vai saber que ele é meu pai! Ou que Marisha é minha mãe. Por isso, não dê com a língua nos dentes para o resto da turma. Eles não sabem. Não é engraçado? Eu tenho um ataque de cólera se ele sequer se atrever a mencionar que tem um filho, e me recuso a dançar. Isso o deixa arrasado, então ele me deixou ir para Nova York, pensando que eu não conseguiria nada sem o nome dele. Mas eu consegui, e sem a ajuda dele. Acho que isso o deixa mortificado. Agora me conte sobre você. Por que está vivendo com aquele médico e não com seus próprios pais?

– Meus pais estão mortos – eu disse, irritada por ele ter perguntado. – O Dr. Paul era um amigo de meu pai, então ele nos adotou. Ele sentiu pena de nós e não quis que fôssemos parar em um orfanato.

– Sorte a sua – ele disse com certo azedume. – *Eu* nunca teria tanta sorte.

Em seguida, ele se inclinou até que sua testa estivesse pressionada contra a minha e os nossos lábios estivessem a apenas alguns centímetros de distância um do outro. Eu podia sentir sua respiração quente no meu rosto.

– Cathy, eu não quero dizer e nem fazer nada de errado com você. Quero fazer de você a melhor coisa que já aconteceu comigo. Sou o 13º de uma longa linhagem de bailarinos que se casaram com bailarinas, a maioria deles. Como você acha que isso me faz sentir? Não com sorte, pode apostar. Vivo em Nova York desde que eu tinha 18 anos, e em fevereiro passado completei 20. Ou seja, dois anos, e ainda não sou uma estrela. Com você eu poderia ser. Preciso provar para Georges que sou o melhor, e melhor do que ele jamais foi. Eu nunca contei isso a ninguém antes, mas machuquei minhas costas quando era garoto, tentando levantar um motor que era muito pesado. Incomoda o tempo todo, mas ainda assim eu continuo

dançando. E não é só porque você é pequena e não pesa muito. Conheço outras dançarinas que são menores e mais leves, mas suas proporções parecem ter o equilíbrio certo quando eu a levanto. Ou talvez o que você faz com o seu corpo se ajusta às minhas mãos... Seja o que for, você se encaixa como uma luva. Cathy, venha comigo para Nova York, por favor.

– Você não iria se aproveitar de mim se eu fosse?

– Eu seria o seu anjo da guarda.

– Nova York é tão grande...

– Eu conheço a cidade como a palma da minha mão. Logo você irá conhecê-la tão bem quanto eu.

– E há minha irmã e meu irmão. Eu não quero deixá-los ainda.

– Em algum momento você vai ter que deixá-los. Quanto mais tempo você ficar, mais difícil será quando for embora. Cresça, Cathy, seja uma pessoa independente. Você nunca será independente enquanto ficar em casa e deixar que os outros a dominem. – Ele olhou para longe, seu rosto uma máscara amarga. Senti pena dele e fiquei comovida.

– Talvez. Deixe-me pensar um pouco mais sobre isso.

Chris estava na varanda superior do lado de fora do meu quarto quando fui me despir. Quando o vi lá fora, de pijama, seus ombros caídos me atraíram para ele.

– Como foi? – ele perguntou, sem olhar para mim.

Nervosamente, agitei as mãos ao meu redor.

– Tudo bem, eu acho. Nós tomamos vinho no jantar. Acho que Julian ficou um pouco bêbado. Talvez eu também tenha ficado.

Ele se virou para olhar nos meus olhos.

– Eu não gosto dele, Cathy! Eu gostaria que ele ficasse em Nova York e a deixasse em paz! Pelo que ouvi de todas as garotas ou garotos em sua companhia de dança, Julian alegou que você está comprometida com ele, então agora nenhum outro dançarino irá pedir para sair com você. Cathy, ele é de Nova York. Aqueles caras lá do norte avançam rápido demais, e você só tem 15 anos! – Ele se moveu para me tomar em seus braços.

– Quem você está namorando? – perguntei, com um soluço preso na minha garganta. – Não me diga que você não está saindo com nenhuma garota.

Seu rosto estava encostado ao meu quando ele respondeu lentamente:

– Não há nenhuma garota que eu tenha conhecido que possa se comparar a você.

– Como vão seus estudos? – perguntei, na esperança de distrair seu pensamento de mim.

– Ótimos. Quando não estou pensando em tudo o que tenho que fazer no primeiro ano de escola preparatória – anatomia macroscópica, anatomia microscópica e neuroanatomia –, eu me preparo para a faculdade.

– O que você faz no seu tempo livre?

– Que tempo livre? Não sobra nada quando eu termino de me preocupar com o que está acontecendo com você! Eu gosto da escola, Cathy. Eu realmente estaria aproveitando muito mais se você não estivesse constantemente em meus pensamentos. Eu espero ansiosamente pelos fins de semana, quando posso ver você e Carrie novamente.

– Oh, Chris... Você tem que tentar me esquecer e encontrar alguém.

Mas um único longo olhar em seus olhos torturados mostrou que aquilo que tinha sido iniciado há muito tempo não ia ser fácil de parar.

Eu tinha que tentar encontrar outra pessoa e, então, ele sabia que tudo estava acabado, para sempre. Meus pensamentos se dirigiram para Julian, que estava se esforçando para provar a si mesmo que era melhor dançarino do que seu pai. Como ele era parecido comigo, que tinha de ser melhor em todos os aspectos do que a minha mãe!

Eu estava pronta na próxima vez que Julian veio. Quando ele me convidou para sair, desta vez não hesitei. Era melhor que fosse ele; tínhamos os mesmos objetivos. Então, depois do filme e um refrigerante para mim, e cerveja para ele, novamente me levou para a alameda dos amantes que toda cidade parecia ter. Dessa vez eu

permiti que ele fizesse um pouco mais do que apenas me beijar, mas logo ele estava respirando quente e rápido, e tocando-me com tanta perícia que em breve eu estava respondendo, mesmo que não quisesse.

Ele me empurrou para trás no assento. De repente, percebi o que ele estava prestes a fazer, então agarrei minha bolsa e comecei a bater-lhe no rosto.

– Pare! Eu te disse antes, vá mais devagar!

– Você pediu por isso! – ele se enfureceu. – Você não pode me deixar louco de desejo e esperar que eu me controle. Eu desprezo garotas que agem assim!

Pensei em Chris e comecei a chorar.

– Julian, por favor. Eu gosto de você, de verdade. Mas você não me dá uma chance de me apaixonar. Por favor, pare de querer que as coisas aconteçam assim tão depressa.

Ele agarrou meu braço e impiedosamente o torceu por trás das minhas costas até que eu gemi de dor. Pensei que ele ia quebrá-lo. Mas ele me soltou exatamente quando eu estava prestes a gritar.

– Veja só, Cathy. Eu já estou meio apaixonado por você. Mas nenhuma garota me leva pelo cabresto como se eu fosse algum caipira. Há um monte de garotas dispostas a ceder. Então não preciso de você tanto quanto eu pensei, para nada!

É claro que ele não precisava de mim. Ninguém realmente precisava de mim, exceto Chris e Carrie, embora Chris precisasse de mim de um jeito errado. Mãe o havia transformado e deformado, levando-o em direção a mim, e agora ele não conseguia se afastar. Eu não a perdoava por isso. Ela tinha que pagar por tudo de ruim que havia causado. Se eu e ele pecamos, foi porque *ela nos fez pecar*.

Pensei muito naquela noite em como poderia fazer mãe pagar, e finalmente encontrei o preço exato, o que a magoaria mais. Não seria dinheiro, porque ela tinha muito disso. Teria que ser algo que ela valorizava mais do que dinheiro. Duas coisas: sua reputação honrada, que estava um pouco manchada por ela ter se casado com

seu meio-tio, e seu jovem marido. Ambos teriam desaparecido quando eu tivesse acabado com ela.

Então, eu chorei. Chorei por Chris, por Carrie, que não crescera, e por Cory, que agora provavelmente era apenas um monte de ossos em um túmulo.

Virei-me para tocar em Carrie, esticando-me para trazê-la para os meus braços. Mas Carrie estava em uma escola particular para meninas, a 15 quilômetros dos limites da cidade. Chris estava a 50 quilômetros de distância.

Começou a chover forte. O barulho da chuva no telhado era como tambores militares que me levavam, em sonhos, exatamente de volta para onde eu não queria ir. Eu era jogada em uma sala trancada, cheia de brinquedos e jogos, cheia de móveis escuros e maciços, e imagens do inferno nas paredes. Eu estava sentada em uma velha cadeira de balanço de madeira, quase se despedaçando, e no meu colo eu segurava um irmãozinho fantasmagórico, que me chamava de mamãe, e nós balançávamos, e as tábuas do assoalho rangiam, e o vento soprava, e a chuva caía, e abaixo de nós, ao nosso redor, acima de nós, a enorme casa com incontáveis quartos estava à espreita para nos devorar.

Eu odiava ouvir a chuva caindo sobre minha cabeça, tão perto, como costumava ser quando estávamos lá em cima. Nossa vida ficava pior quando chovia, o quarto ficava úmido e frio, e no sótão não havia nada além da escuridão melancólica e dos rostos mortos que se alinhavam contra a parede. Faixas de tecido como o cinza-escuro da vovó se apertaram ao redor da minha cabeça, sufocando os meus pensamentos, deixando-me confusa e aterrorizada.

Incapaz de dormir, saí da cama e coloquei um *negligee* transparente. Por alguma razão curiosa, fui até o quarto de Paul e cautelosamente abri a porta fechada. O despertador em sua cabeceira dizia que eram duas horas da manhã, e ele ainda não havia chegado! Ninguém na casa, com exceção de Henny, que ficava tão longe, muito longe – na outra extremidade da casa, em seu quarto ao lado da cozinha.

Balancei a cabeça e olhei de novo para a cama de Paul, que ainda estava feita. Oh, Chris era louco de querer ser médico! Ele

nunca teria uma noite inteira de sono. E estava chovendo. Acidentes aconteciam tantas vezes em noites chuvosas. E se Paul tivesse morrido? O que faríamos, então? *Paul, Paul*, gritei para mim mesma, enquanto corria em direção às escadas e voava para baixo. Acelerei até chegar e espiar pelas janelas francesas na sala de estar. Eu esperava ver um carro branco estacionado na frente da casa, ou chegando. Deus, rezei, não o deixe sofrer um acidente! Por favor, por favor, não o leve como levou papai!

– Cathy, por que não está na cama?

Eu me virei abruptamente. Lá estava Paul, sentado confortavelmente em sua cadeira favorita, fumando um cigarro no escuro.

Havia luz suficiente para eu ver que ele usava o robe de chambre vermelho que tínhamos dado a ele de Natal. Fiquei aliviada ao ver que ele estava são e salvo, e não estendido, morto, sobre uma mesa de um necrotério. Pensamentos mórbidos. *Papai, eu mal posso me lembrar de como você era, ou como era o som da sua voz, e o seu cheiro especial desapareceu.*

– Há algo de errado, Catherine?

Errado? Por que ele me chamava de Catherine à noite, quando estávamos sozinhos, e de Cathy durante o dia? *Tudo* estava errado! Os jornais de Greenglenna e aquele da Virgínia que eu assinava e que eram entregues na minha escola de balé traziam histórias de como a Sra. Bartholomew Winslow estava preparando sua segunda casa de “inverno” em Greenglenna. Grandes obras de renovação estavam sendo feitas para que a casa de seu marido voltasse a ser o que era quando nova. Somente o melhor para a minha mãe! Por alguma razão que eu não conseguia entender, ataquei Paul como uma víbora.

– Há quanto tempo você está em casa? – perguntei, irritada. – Eu estava lá em cima me preocupando tanto com você que não consigo dormir! E você estava aqui, o tempo todo! Você não veio jantar; ontem à noite também não. Você deveria me levar para ver um filme ontem à noite e se esqueceu disso! Eu terminei o meu dever de casa cedo, vesti minhas melhores roupas e fiquei sentada esperando você chegar, e você se esqueceu! Por que deixa seus

pacientes tomarem tanto do seu tempo que já não tem mais vida própria?

Por um longo tempo ele não respondeu. Então, quando meus lábios se abriram para falar novamente, ele disse em um tom suave:

– Você realmente parece chateada. Acho que a única desculpa que posso te dar é dizer que eu sou um médico, e o tempo de um médico nunca é dele mesmo. Me desculpe, eu me esqueci do filme. Peço desculpas por não ligar e dizer que havia uma emergência que eu não podia deixar de atender.

– *Esquecer! Como você pôde esquecer?* Ontem você se esqueceu de trazer as coisas que estavam na minha lista, então depois eu esperei horas a fio até você vir para casa, e fiquei pensando que você *podia* voltar para casa e me trazer o xampu que eu queria, *mas você não trouxe!*

– Me desculpe novamente. Às vezes eu tenho outras coisas em que pensar além de filmes e os cosméticos de que você precisa.

– Você está sendo sarcástico?

– Estou tentando controlar meu temperamento. Seria bom se você pudesse controlar o seu.

– Eu não estou brava! – gritei.

Ele era tão parecido com mamãe, sempre controlado, sempre equilibrado, enquanto eu nunca era! Ele não se importava. É por isso que ele podia ficar sentado lá e olhar para mim daquele jeito! Ele realmente não se importava se havia feito promessas e depois não as cumpria – como ela! Eu corri em sua direção como se fosse bater nele, mas ele agarrou meus punhos e olhou para mim com absoluta surpresa.

– Você quer me bater, Catherine? Será que perder um filme significa tanto para você que não consegue entender como eu poderia ter esquecido? Agora diga que está arrependida por ter gritado comigo, como eu disse que sentia muito por desapontar você.

O que me torturava era mais do que a simples decepção! Em nenhum outro lugar havia alguém com quem eu pudesse contar – somente Chris, que era proibido para mim. Somente Chris nunca se esqueceria de tudo o que eu precisava ou queria.

Estremeci. Oh, que tipo de pessoa eu era? Tão parecida assim com mamãe que tinha que ter tudo o que eu queria, quando eu queria, não importava o custo para os outros? Eu ia fazer Paul pagar pelo que ela tinha feito? Nada disso era culpa dele.

– Paul, sinto muito por ter gritado com você. Eu entendo.

– Você deve estar muito cansada. Talvez esteja levando suas aulas de balé muito a sério. Acho que você devia relaxar um pouco.

Como eu podia dizer a ele que não podia relaxar? Eu tinha que ser a melhor, e ser a melhor em algo significava horas e horas de trabalho. Minha intenção era desistir de todos os divertimentos que as outras meninas da minha idade tinham. Eu não queria um namorado que não fosse um dançarino. Eu não queria nenhuma amiga que não fosse dançarina. Eu não queria que nada ficasse entre mim e meu objetivo, e ainda assim... sentado ali, olhando para mim, estava um homem que dizia que precisava de mim, e que estava se sentindo magoado pela forma odiosa como eu tinha agido.

– Eu li sobre a minha mãe hoje – disse sem jeito –, e uma casa que ela está remodelando e redecorando. Ela sempre consegue o que quer. Eu nunca consigo nada. Então ajo dessa forma estúpida e esqueço tudo o que você fez. – Recuei alguns metros, sofrendo com a vergonha que sentia. – Há quanto tempo você está em casa?

– Desde as 11 e meia – ele respondeu. – Eu comi a salada e o bife que Henny deixou para mim no forno. Mas eu não durmo bem quando estou excessivamente cansado. E eu não gosto do som da chuva no telhado.

– A chuva o deixa isolado e faz você se sentir solitário?

Ele deu um meio sorriso.

– Sim, algo assim. Como você sabe?

Seu rosto demonstrava como ele se sentia, mesmo na luz fraca da grande sala. Ele estava pensando nela, sua Julia, sua esposa morta. Ele sempre parecia triste quando pensava nela. Aproximei-me da poltrona e impulsivamente estendi a mão para tocar sua face.

– Por que você tem que fumar? Como você pode dizer a seus pacientes para abandonar o hábito e continua a fumar?

– Como você sabe o que eu digo aos meus pacientes? – ele perguntou com aquela voz suave, de um modo que me fez sentir um

arrepio na espinha.

Nervosamente, eu ri, dizendo-lhe que ele nem sempre fechava totalmente a porta de seu consultório, e se por acaso eu estivesse no corredor dos fundos, às vezes, apesar de não ter essa intenção, não podia deixar de ouvir algumas coisas. Ele me disse para ir para a cama e parar de andar pelo corredor dos fundos, que não era meu lugar – e que ele fumaria, se quisesse fumar.

– Às vezes, você age como uma esposa, fazendo essas perguntas, ficando com raiva de mim por eu ter me esquecido de parar na farmácia para você. Tem certeza de que não precisava desesperadamente daquele xampu?

Agora ele estava fazendo com que eu me sentisse uma tola, e mais uma vez fiquei com raiva.

– Eu só te pedi para comprar essas coisas porque você passa por uma loja com descontos, onde tudo é mais barato! Eu só estava tentando poupar o dinheiro! De agora em diante nunca mais pedirei para você comprar qualquer coisa que eu precisar! Quando você me convidar para jantar em um restaurante, ou ver um filme, estarei preparada para me decepcionar, e dessa maneira eu não *ficarei* decepcionada. É melhor mesmo que eu me acostume a esperar o pior de todo mundo.

– Catherine! Você pode me odiar se é isso que você quer. Me fazer pagar por tudo o que sofreram, e então, talvez, você possa ir dormir à noite e não ficar se virando na cama, chorando durante o sono e chamando por sua mãe como uma criança de três anos.

Atordoada, eu olhei para ele.

– Eu chamo por *ela*?

– Sim – ele disse –, muitas e muitas vezes eu ouvi você chamar por sua mãe. – Eu vi a pena em seus olhos. – Não tenha vergonha de ser humana, Catherine. Todos nós esperamos apenas o melhor de nossas mães.

Eu não queria falar sobre ela, então cheguei mais perto.

– Julian está de volta à cidade. Eu saí com ele hoje à noite, já que você me deu o bolo ontem. Julian acha que estou pronta para Nova York. Ele acha que com sua instrutora de dança, Madame

Zolta, eu iria me desenvolver mais rápido do que com a mãe dele. Ele acha que, juntos, nós podemos fazer uma dupla brilhante.

– E o que você acha?

– Acho que eu não estou pronta para Nova York ainda – sussurrei –, mas ele é tão persuasivo! Às vezes ele me faz acreditar, porque ele mesmo parece tão convencido disso!

– Vá devagar, Catherine. Julian é um homem jovem e bonito, com arrogância suficiente para dez homens. Use o seu próprio bom senso e não seja influenciada por alguém que pode estar só querendo usá-la.

– Eu sonho todas as noites em estar em Nova York, no palco. Eu vejo a minha mãe na plateia, olhando para mim com olhos incrédulos. Ela queria me matar. Quero que ela me veja dançar e perceba que tenho mais para dar ao mundo do que ela.

Ele fez uma careta.

– Por que você precisa tanto de vingança? Pensei que se eu cuidasse de vocês três e fizesse o melhor possível, vocês encontrariam paz e perdão. Você não pode perdoar e esquecer? Se há uma chance para nós, pobres seres humanos, de alcançar a santidade, é aprendendo a perdoar e esquecer.

– *Você* e Chris – eu disse amargamente. – É fácil para você falar em perdoar e esquecer. Porque você não foi uma vítima, mas eu fui. Eu perdi meu irmão mais novo, que era como se fosse meu próprio filho. Eu amava Cory, e ela roubou-lhe a vida. *Eu a odeio por isso!* Eu a odeio por dez milhões de razões! Então, não me fale sobre perdoar e esquecer, quando ela tem que pagar pelo que fez! Ela mentiu para nós, nos traiu da pior maneira possível! Ela não nos contou quando o nosso avô morreu e nos manteve trancados, por nove longos, longos meses, e nesses longos meses nós estávamos comendo donuts envenenados! Então, não se atreva a falar para mim sobre perdoar e esquecer! Eu não sei perdoar e esquecer! Tudo o que eu sei fazer é odiar! E você não sabe como é odiar do jeito que eu a odeio!

– Não sei? – ele perguntou, com uma voz sem entonação.

– *Não*, você não sabe!

Ele me puxou para o seu colo quando comecei a chorar e as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Ele me confortou como um pai faria, com beijinhos e mãos gentis e acariciantes.

– Catherine, tenho minha própria história para contar. Talvez, sob alguns aspectos, seja igual ao horror da sua. Talvez, se eu lhe contar, você possa ser capaz de usar um pouco do que aprendi.

Eu olhei para o rosto dele. Seus braços me seguravam levemente quando me inclinei para trás.

– Você vai me contar sobre Julia e Scotty?

– Sim. – Sua voz assumiu um tom áspero. Seus olhos estavam fixos nas janelas lavadas pela chuva, e sua mão encontrou a minha e a segurou apertado. – Você acha que só a sua mãe comete crimes contra as pessoas que ama. Bem, você está errada. Acontece todos os dias. Às vezes isso ocorre por dinheiro, mas há outras razões. – Ele fez uma pausa, suspirou, e então continuou. – Espero que quando ouvir minha história, você possa ir para a cama hoje à noite e esquecer sua vingança. Se você não fizer isso, vai se machucar mais do que ninguém.

Eu não acreditava nisso, porque não queria acreditar. Mas eu estava ansiosa o suficiente para ouvir a história de como Julia e Scotty haviam morrido no mesmo dia.

Quando Paul começou a falar de Julia, fiquei com medo de ouvir o final da história. Apertei os olhos, desejando agora que meus ouvidos não tivessem que ouvir, por que eu não precisava acrescentar mais nada à angústia que eu já sentia por um pequeno menino morto. Mas ele fez isso por amor a mim, para me salvar, como se algo pudesse me salvar.

– Julia e eu éramos amigos de infância. Ela nunca teve outro namorado; eu nunca tive outra namorada. Julia pertencia a mim, e eu deixei que todos os outros meninos soubessem disso. Eu nunca dei a mim, ou a ela, a oportunidade de experimentar como seria com outra pessoa, e isso foi um erro terrível. Éramos tolos o suficiente para acreditar que nosso amor duraria para sempre. Nosso relacionamento era sério, constante, nós escrevíamos cartas de amor um para o outro, embora ela morasse a poucos quarteirões de distância. À medida que Julia crescia, mais bonita ela se tornava. Eu

pensava que era o homem mais sortudo do mundo, e ela pensava que eu era perfeito. Nós dois colocávamos um ao outro em pedestais. Ela ia ser a perfeita mulher do médico, e eu ia ser o marido perfeito, e nós teríamos três filhos. Julia era apenas uma criança, e os pais dela a adoravam. Ela adorava o pai; costumava dizer que eu era como ele.

Sua voz ficou mais profunda aqui, como se o que ele tivesse a dizer fosse muito doloroso.

– Eu coloquei um anel de noivado no dedo de Julia no dia em que ela completou 18 anos. Eu tinha 19 na época. Quando eu estava na faculdade, costumava pensar nela aqui e em qual homem estava de olho nela. Estava com medo de perdê-la para outra pessoa se não nos casássemos. Então, com 19 anos ela se casou comigo. Eu tinha 20.

O tom da fala tornou-se amargo, enquanto seus olhos ficavam sem foco e seus braços me apertavam.

– Julia e eu tínhamos nos beijado muitas vezes, e nós sempre nos dávamos as mãos, mas ela nunca me deixava fazer nada verdadeiramente íntimo. Isso teria que esperar até que ela tivesse uma aliança de casamento no dedo. Eu tinha tido alguns encontros sexuais, não muitos. Ela era virgem e pensava que eu era também. Eu levava os meus votos de casamento muito a sério, e queria ser exatamente o tipo de marido que a faria feliz. Eu a amava muito. Então, na nossa noite de núpcias, ela levou duas horas para se despir no banheiro. Ela saiu do banheiro vestindo uma longa camisola branca, e seu rosto estava tão branco quanto a camisola. Eu podia ver que ela estava apavorada. Convenci-me de que eu seria tão terno, tão amoroso, que ela gostaria de ser minha esposa.

Paul continuou, pesaroso:

– Ela não gostava de sexo, Cathy. Eu fiz o melhor que pude para excitá-la, enquanto ela se encolhia com os olhos arregalados e cheios de choque, e então ela gritou quando eu tentei tirar sua camisola. Parei e pensei em tentar novamente na noite seguinte, depois que ela me pediu para lhe dar mais tempo. A noite seguinte foi a mesma coisa novamente, só que pior. “Por que, por que você não pode simplesmente ficar deitado ao meu lado e me abraçar?”

perguntou ela, entre lágrimas. “Por que isso tem de ser tão repulsivo?”. Eu mesmo era apenas um garoto, e não sabia como lidar com uma situação como aquela. Eu a amava e a desejava, e no final eu a estuproi – isso foi o que ela disse, várias vezes. Ainda assim eu a amava. Eu a tinha amado a maior parte da minha vida e não podia acreditar que tinha feito a escolha errada. Então comecei a ler todos os livros sobre fazer amor que podia encontrar, e tentei todas as técnicas para excitá-la e fazer com que ela me desejasse, e ela somente sentia repulsa. Comecei a beber depois que me formei em Medicina, e quando eu sentia desejo, encontrava alguma outra mulher que ficava feliz por compartilhar sua cama comigo. Os anos se passaram enquanto ela se manteve distante, limpando minha casa, lavando minhas roupas, passando minhas camisas e costurando os botões que faltavam nelas. Ela era tão linda, tão desejável e estava tão perto que às vezes eu a forçava, mesmo que ela chorasse depois. Então, ela descobriu que estava grávida. Eu estava encantado, e acho que ela também estava. Nunca uma criança foi mais amada e mimada do que o meu filho, e, felizmente, ele era o tipo de criança que não podia ser estragada por ser muito amada.

Sua voz ficou ainda mais profunda, enquanto eu me aconchegava em seus braços, temendo o que estava por vir, pois eu sabia que seria terrível.

– Depois do nascimento de Scotty, Julia me disse categoricamente que ela tinha cumprido seu dever e me dado um filho, e que a partir de então eu deveria deixá-la em paz. Eu alegremente a deixei em paz, mas estava profundamente magoado. Conversei com a mãe dela sobre o nosso problema, e ela deu a entender algo sobre um segredo obscuro no passado de Julia, um primo dela que havia feito algo quando ela tinha apenas quatro anos. Eu nunca soube exatamente o que ele tinha feito, mas o que quer que tenha sido, fez com que minha esposa detestasse sexo para sempre. Sugeri a Julia que deveríamos visitar um conselheiro matrimonial ou um psicólogo, mas ela se recusou. Seria muito embaraçoso. Por que eu não podia deixá-la em paz?

Ele continuou:

– Eu a deixei em paz depois disso. Há sempre mulheres ao nosso redor dispostas a acomodar um homem, e em meu consultório eu tinha uma bela recepcionista que deixava claro que estava mais do que disponível, a qualquer hora, em qualquer lugar. Tivemos um caso que durou vários anos. Pensei que éramos muito discretos e que ninguém sabia. Então, um dia, ela veio e me disse que estava grávida de mim. Não conseguia acreditar, pois ela havia me dito que tomava a pílula. Eu não conseguia nem acreditar que a criança era minha, já que eu sabia que ela tinha outros amantes. Então, eu disse que não, que não podia me divorciar de minha esposa e me arriscar a perder Scotty para ser pai de uma criança que podia não ser minha. Ela fez um escândalo. Fui para casa naquela noite, para enfrentar uma esposa que eu nunca conhecera antes. Julia atacou-me por ser infiel, quando ela tinha feito o melhor que podia e me dado o filho que eu queria. E agora eu a havia traído, quebrado os meus votos e feito dela a chacota da cidade! Ela ameaçou se matar. Tive pena dela quando ela gritou que *me faria sofrer!* Ela tinha ameaçado cometer suicídio antes, mas nunca tinha feito nada. Pensei que essa explosão iria melhorar o ar entre nós. Julia nunca falou mais nada sobre o meu caso. Na verdade, ela parou de falar comigo, exceto quando Scotty estava por perto, pois ela queria que ele tivesse um lar normal, com pais ostensivamente felizes. Eu havia lhe dado um filho que ela amava mais do que tudo. Então chegou junho e o terceiro aniversário de Scotty. Ela planejou uma festa para ele e convidou seis pequenos convidados, que, naturalmente, vieram junto com suas mães. Foi em um sábado. Eu estava em casa, e para ajudar a acalmar Scotty, que estava muito animado com a festa, dei a ele um pequeno barco a velas para combinar com a roupa de marinheiro que ele iria vestir. Julia desceu as escadas com ele, vestida de *voile* azul. Seu lindo cabelo escuro estava amarrado para trás com uma fita de cetim azul. Scotty se agarrou à mão de sua mãe, e, na sua mão livre, ele carregava o barquinho. Julia me disse que estava com medo de não ter comprado doces o suficiente para a festa, e estava um dia tão bonito que ela e Scotty iriam a pé até a loja mais próxima para comprar mais um pouco. Eu me ofereci para levá-la até lá. Ela se recusou. Me ofereci para caminhar junto com

eles. Ela disse que não queria que eu fosse. Ela queria que eu esperasse e ficasse lá, no caso de qualquer um dos convidados chegar mais cedo. Sentei-me na frente da varanda e esperei. No interior da casa, a mesa de jantar estava pronta para a festa, com balões pendurados no lustre, estalos, chapéus e outros brindes, e Henny tinha feito um bolo enorme.

Paul prosseguia com seu melancólico relato:

– Os convidados começaram a chegar por volta das duas horas. E Julia e Scotty ainda não tinham voltado. Comecei a me preocupar, então peguei o carro e fui à loja, esperando encontrá-los na calçada, voltando para casa. Não os encontrei. Perguntei ao dono da loja se eles haviam estado lá; nenhum dos vendedores os tinha visto. Foi quando eu comecei a ficar realmente assustado. Dirigi pelas ruas, procurando por eles, e parei para perguntar aos transeuntes se tinham visto uma mulher vestida de azul com um menino usando um terno de marinheiro. Eu acho que já havia perguntado a quatro ou cinco pessoas, quando um menino em uma bicicleta me disse que sim, que ele tinha visto uma mulher de azul, com um menino carregando um barquinho, e ele apontou a direção que eles haviam tomado. Eles estavam indo para o rio! Eu dirigi até onde pude, então, saltei do carro e corri para baixo, pelo caminho de terra, temendo a cada momento chegar tarde demais. Eu não podia acreditar que ela realmente fosse fazer isso. Eu me mantive calmo, pensando que Scotty só queria brincar com seu barquinho na água, como eu costumava fazer. Corri tão rápido que meu coração doía, e então cheguei à margem gramada do rio. E lá estavam os dois, ambos flutuando na água, de rosto para cima. Julia tinha os braços em torno de Scotty, que tinha tentado claramente se libertar dela, e seu pequeno barco estava navegando com a maré. A fita azul tinha se soltado de seu cabelo e flutuava também, e em volta dela seu cabelo escuro boiava como fitas escuras que se entrelaçavam nas plantas aquáticas. A profundidade da água chegava apenas até a altura dos joelhos.

Um som sufocado escapou de minha garganta, sentindo sua angústia terrível, mas ele não ouviu. Continuou:

– Rapidamente, eu tomei os dois em meus braços e os levei até a margem. Julia estava quase morta, mas Scotty parecia morto, por isso, foi nele que trabalhei primeiro, em um esforço inútil para trazê-lo de volta. Eu fiz todo o possível para bombear a água de seus pulmões, mas ele estava morto. Então, virei-me para Julia e fiz o mesmo por ela. Ela tossiu e cuspiu a água. Ela não abriu os olhos, mas pelo menos estava respirando. Coloquei os dois em meu carro e dirigi até o hospital mais próximo, onde eles fizeram de tudo para trazer Julia de volta, mas não conseguiram. Da mesma forma como eu não consegui trazer Scotty de volta à vida.

Paul fez uma pausa e olhou no fundo dos meus olhos.

– Essa é a minha história para uma menina que pensa que é a única que já sofreu, a única que já perdeu alguém querido e a única que está de luto. Oh, eu sofro tanto quanto você, mas eu também carrego a culpa disso. Eu deveria saber como Julia era instável. Nós tínhamos assistido *Medeia*¹ na TV apenas algumas noites antes do aniversário de Scotty, e ela havia demonstrado um interesse incomum na história, e não ligava para televisão. Eu fui estúpido em não perceber o que ela estava pensando e planejando. No entanto, mesmo agora, não posso entender como ela pôde matar nosso filho quando ela o amava tanto. Ela poderia ter se divorciado de mim e ficado com ele. Eu não o teria tirado dela. Mas isso não era vingança suficiente para Julia. Ela tinha que matar a pessoa que eu mais amava, meu filho.

Eu não conseguia falar. Que tipo de mulher tinha sido Julia? Como a minha própria mãe? Minha mãe tinha matado para ganhar uma fortuna. Julia matou por vingança. Eu iria fazer a mesma coisa? Não, não, claro que não. Minha maneira seria muito, muito melhor, por que ela viveria para sofrer e sofrer e sofrer.

– Sinto muito – eu disse com a voz entrecortada, tão triste que tive que beijar seu rosto. – Mas você pode ter outros filhos. Você pode se casar novamente.

Coloquei meus braços ao redor dele enquanto ele balançava a cabeça.

– Esqueça Julia! – eu gritei, jogando meus braços ao redor do seu pescoço e aconchegando-me mais em seus braços. – Você não me diz o tempo todo para perdoar e esquecer? Perdoe a si mesmo, e esqueça o que aconteceu com Julia. Lembro-me de meu pai e minha mãe; eles eram sempre muito amorosos um com o outro e estavam sempre se beijando. Eu sempre soube, desde que eu era uma garotinha, que os homens precisam ser amados e tocados. Eu costumava observar minha mãe para ver como ela domava o papai quando ele estava com raiva. Ela o fazia com beijos, com olhares ternos e pequenos toques. – Inclinei a cabeça para trás e sorri para ele como eu havia visto minha mãe sorrir para o meu pai. – Diga-me como uma mulher deve se comportar em sua noite de núpcias. Eu não quero decepcionar meu noivo.

– Não vou lhe dizer nada sobre isso!

– Então vou fingir que você é meu noivo, e eu acabei de sair do banheiro depois de me despir. Ou talvez eu devesse me despir na sua frente. O que você acha?

Ele limpou a garganta e tentou me empurrar para longe, mas agarrei-me a ele como um carrapicho.

– Eu acho que você deveria ir para a cama e esquecer os jogos de faz de conta.

Fiquei onde estava. Beije-o várias vezes, e logo ele estava respondendo. Senti sua carne se aquecer, mas então seus lábios sob os meus ficaram apertados até se transformarem em uma fina linha, enquanto ele colocava suas mãos sob meus joelhos e ombros. Ele se levantou comigo em seus braços e foi em direção às escadas. Pensei que ele ia me levar para seu quarto e fazer amor comigo, e fiquei com medo, envergonhada – e excitada e ansiosa também. Mas ele foi direto para o meu quarto e, ali ao lado da minha cama estreita, hesitou. Segurou-me contra o seu coração por um tempo dolorosamente longo, enquanto a chuva descia em cascata pelo vidro da janela. Paul pareceu ter esquecido quem eu era quando esfregou sua face áspera contra a minha, acariciando-me com seu rosto, e não com as mãos dessa vez. E novamente, como sempre, eu tive que falar e estragar tudo.

– Paul.

Minha voz tímida o tirou de algum profundo devaneio que, se eu tivesse ficado em silêncio, teria me levado mais cedo em direção a esse êxtase para sempre adiado que meu corpo ansiava.

– Quando estávamos trancados no andar de cima, a nossa avó sempre nos chamava de filhos do diabo. Ela disse que éramos uma má semente plantada no solo errado, que nunca faríamos nada de bom. Ela nos deixou inseguros sobre quem nós éramos, ou se tínhamos o direito de estar vivos. Foi tão terrível o que nossa mãe fez, casar-se com seu meio-tio quando ele era apenas três anos mais velho do que ela? Nenhuma mulher com um coração poderia ter resistido a ele. Eu sei que eu não teria resistido. Ele era como você. Nossos avós acreditavam que os nossos pais tinham cometido um pecado profano, então eles nos desprezavam, mesmo os gêmeos que eram tão pequenos e adoráveis. Chamavam-nos de impuros. Eles estavam certos? Eles tinham o direito de tentar nos matar?

Eu havia dito exatamente as palavras certas para trazê-lo de volta. Ele rapidamente me colocou na cama. Virou a cabeça para o lado, para que eu não pudesse ler seus olhos. Eu detestava que as pessoas escondessem os olhos de mim, de modo que eu não pudesse ver a verdade.

– Eu acho que seus pais estavam muito apaixonados e eram muito jovens – ele disse em uma voz estranha, tensa –, tão apaixonados que não pararam para considerar o futuro e suas consequências.

– Oh! – eu gritei, indignada. – Você acha que os avós estavam certos, que somos filhos do mal!

Ele girou para me encarar, seus lábios cheios e sensuais abertos, sua expressão furiosa.

– Não tome as minhas palavras e as distorça a ponto de atender a sua necessidade de vingança. Não há nenhuma razão, qualquer que seja, para justificar o assassinato, a menos que seja um caso de autodefesa. Você não é filha do mal. Seus avós eram tolos fanáticos, que deveriam ter aprendido a aceitar o que havia acontecido e fazer o melhor disso. E eles tinham muito do que se orgulhar nos quatro netos que seus pais deram a eles. E se seus pais fizeram uma aposta calculada quando decidiram ter filhos, eu digo que eles ganharam.

Deus e as probabilidades estavam do lado deles e deram a você muita beleza e, talvez, talentos demais. Certamente há uma jovem garota que arde com emoções adultas que são muito grandes para seu tamanho e idade.

– Paul...?

– Não olhe para mim desse jeito, Catherine.

– Eu não sei como estou olhando.

– Vá dormir, Catherine Sheffield, nesse minuto!

– Do que você me chamou? – perguntei quando ele recuou em direção à porta.

Ele sorriu para mim.

– Não foi um ato falho, se é isso o que você está pensando. Dollanganger é um nome muito longo. Sheffield seria uma escolha muito melhor. Legalmente, podemos pedir a alteração do seu sobrenome.

– Oh. – Senti-me doente de desapontamento.

– Olhe aqui, Catherine – ele disse da porta. Ele era tão grande que bloqueava a luz do corredor. – Você está jogando um jogo perigoso. Está tentando me seduzir, e você é muito linda e muito difícil de resistir. Mas o seu lugar na minha vida é como minha filha, nada mais.

– Estava chovendo naquele dia em junho, quando você colocou Julia e Scotty no chão?

– Que diferença isso faz? *Qualquer dia* em que você enterra alguém que ama é um dia de chuva!

E ele saiu da minha porta, caminhando rapidamente pelo corredor até o quarto dele, onde bateu a porta com força.

Então, eu havia tentado duas vezes e ele tinha me rejeitado duas vezes. Agora eu estava livre para continuar no meu alegre e destrutivo caminho para a dança, e dançar até chegar ao topo. E isso mostraria à mamãe, que não sabia fazer nada a não ser bordar e tricotar, quem é que tinha mais talento e inteligência. Ela ia ver quem ganharia fortuna com seu próprio esforço sem vender seu corpo, e sem cometer assassinato para herdá-la!

O mundo inteiro ia saber sobre mim! Eles iam me comparar com Anna Pavlova e dizer que eu era melhor. Ela viria a uma festa dada

em minha honra, e seu marido viria com ela. Ela iria parecer velha, cansada, gasta, enquanto eu seria adorável e jovem, e seu querido Bart viria direto até mim, seus olhos deslumbrados quando beijasse minha mão.

– Você é a mulher mais bonita que já vi – ele diria –, e a mais talentosa.

E nos seus olhos eu veria que ele me amava, me amava dez vezes mais do que ele tinha amado mamãe. E então, quando ele estivesse comigo e ela estivesse sozinha, eu diria a ele quem eu era, e ele não iria acreditar a princípio. E então, ele acreditaria. E a odiaria! Ele tomaria todo o dinheiro dela. Para onde o dinheiro iria? Fiz uma pausa, perplexa. Para onde o dinheiro iria se fosse tirado de mamãe? Será que voltaria para a avó?

Ele não viria para nós, não para Chris, nem para Carrie ou para mim, pois nós simplesmente não existíamos como Foxworths. Então eu sorri para mim mesma, pensando nas quatro certidões de nascimento que eu havia encontrado costuradas sob o forro de uma de nossas velhas malas. Comecei a rir. Oh, mamãe, as coisas estúpidas que você faz! Imagine, esconder as certidões de nascimento. Com elas eu podia provar que Cory existiu, e sem elas seria a palavra dela contra a minha, a não ser que a polícia voltasse a Gladstone e encontrasse o médico que havia feito o parto dos gêmeos. E depois havia a nossa velha babá, a Sra. Simpson, e Jim Johnston. Oh, eu esperava que nenhum deles tivesse se mudado e que ainda se lembrassem dos quatro bonecos de Dresden.

Eu sabia que eu era má, assim como a avó me disse desde o começo, nascida para ser má. Eu havia sido punida antes de fazer qualquer coisa de mal, então por que não deixar que a punição fosse adequada ao crime que ainda não fora cometido? Não havia razão para que eu fosse assombrada e punida apenas porque, em uma miserável única vez, havia me refugiado nos braços do meu irmão. Eu seria do homem que mais precisava de mim. Se isso era o mal, dar-lhe o que suas palavras negavam e seus olhos imploravam, então que eu seja má!

Comecei a planejar como seria, enquanto ficava cada vez mais sonolenta. Ele não iria virar-me as costas e me rejeitar, pois eu faria

com que isso fosse impossível. Ele não iria querer me magoar. Eu seria dele e então ele pensaria que tinha que ser assim, e não se sentiria culpado, em absoluto.

A culpa seria toda minha. E Chris me odiaria e buscaria outra pessoa, como deveria ser.

1 Na mitologia grega, Medeia mata os filhos para se vingar do marido que a traiu. (N.T.)

MAIS DOCE QUE TODAS AS ROSAS



Eu fiz 16 anos em abril de 1961. Lá estava eu, na idade florescente e madura, quando todos os homens, jovens e velhos, e a maior parte de todos aqueles com mais de 40, viravam-se para olhar para mim nas ruas. Quando eu esperava o ônibus na esquina, carros diminuían a velocidade porque os motoristas do sexo masculino não podiam deixar de ficar me admirando de boca aberta.

E se eles estavam extasiados, eu ficava ainda mais. Eu me observava na frente dos muitos espelhos na casa de Paul e via, às vezes de surpresa, uma linda garota, que era até mesmo de tirar o fôlego – e então percebia que aquela gloriosa imagem era *eu!* Eu era deslumbrante e sabia disso. Julian vinha várias vezes de avião e eu via seus olhos cheios de desejo por mim, dizendo-me que ele sabia o que *e/le* queria, mesmo que eu não soubesse. Eu via Chris apenas nos finais de semana, e sabia que ele ainda me queria, ainda me amava mais do que jamais amaria alguém novamente.

Chris e Carrie vieram para casa na semana do meu aniversário e nós rimos, nos abraçamos e falamos sem parar, como se nunca tivéssemos tempo para dizer o suficiente, especialmente Chris e eu. Eu queria contar a Chris que mamãe ia se mudar para Greenglenna em breve, mas estava com medo de que ele tentasse me impedir de fazer o que eu havia planejado, então eu nunca falava sobre isso. Depois de um tempo, Carrie se afastou para se sentar com grandes olhos tristes e encarar nosso bondoso benfeitor. Aquele homem

grande e bonito, que me disse para eu vestir minhas melhores roupas.

– Por que você não usa aquele vestido que você está guardando para uma ocasião especial? Para o seu aniversário, vou levar todos nós a um banquete no meu restaurante favorito, A Casa da Fazenda.

Imediatamente corri para cima e comecei a me vestir. Eu ia aproveitar ao máximo o meu aniversário. Meu rosto realmente não precisava de maquiagem, mas eu coloquei assim mesmo, a coisa toda, incluindo rímel negro como tinta, e então usei o aparelho para curvar meus cílios. Minhas unhas brilhavam como pérolas lustrosas e o vestido que eu usava era rosa brilhante. Oh, eu me senti muito linda enquanto me enfeitava e apreciava minha imagem refletida no espelho com moldura de estilo antigo, comprado para satisfazer minha vaidade.

– Minha dama Catherine – disse Chris, parado na porta aberta. – Você está linda, mas é de um mau gosto inimaginável admirar-se tanto a ponto de quase beijar seu próprio reflexo. Realmente, Cathy, espere elogios de outras pessoas, não elogie a si mesma.

– Estou com medo de que ninguém me elogie – eu disse, na defensiva –, então eu digo a mim mesma que sou bela para ter mais confiança. Estou realmente linda e não apenas bonitinha?

– Sim – ele me disse em uma voz engraçada, tensa. – Duvido que algum dia eu veja outra garota tão bonita quanto você está agora.

– Quer dizer que estou melhorando com a idade?

– Não vou mais elogiar você! Não é à toa que a avó quebrou todos os espelhos. Eu mesmo tenho vontade de fazer isso. Que convencida!

Fiz uma careta, porque não gostava de me lembrar daquela velha.

– *Você* está maravilhoso, Chris – eu lhe disse, dando-lhe um sorriso grande e afetuoso. – Eu não tenho vergonha nem fico embaraçada ao distribuir elogios quando eles são merecidos. Você é tão bonito quanto papai.

Toda vez que ele vinha para casa da escola, ele parecia mais maduro e mais bonito. Entretanto, quando eu o olhava mais de

perto, via que o conhecimento dava ao seu olhar um ar estranho, algo que o fazia parecer muito, muito mais velho do que eu. Ele também parecia mais triste do que eu, mais vulnerável, e a combinação era extremamente atraente.

– Por que você não está feliz, Chris? – perguntei. – A vida está desapontando você? É menos gratificante do que você achava que seria quando estávamos trancados e tínhamos tantos sonhos para o futuro? Você se arrependeu por ter decidido ser médico? Em vez disso, você gostaria de dançar como eu?

Eu havia me aproximado dele para olhar em seus olhos, oh, tão reveladores, mas ele os abaixou para se esconder e suas mãos tentaram abarcar minha cintura, mas a minha cintura não era tão pequena, ou as mãos dele não eram tão grandes. Ou ele estava apenas fazendo algo para me tocar? Brincando com o que era sério. Era isso? Eu me abaixei para olhar para o seu rosto e vi o amor que estava procurando, e então desejei não saber disso.

– Chris, você não respondeu.

– O que você perguntou?

– A vida, a formação médica... Estão de acordo com as suas expectativas?

– O que está de acordo com as expectativas?

– Isso parece cinismo. Meu estilo, não seu.

Ele levantou a cabeça e deu um sorriso radiante. *Oh, Deus!*

– Sim – ele disse –, a vida do lado de fora é o que eu pensei que seria. Eu era realista, ao contrário de você. Gosto da escola e dos amigos que fiz. Mas ainda sinto sua falta; é difícil ficar longe de você, sempre querendo saber o que você está fazendo.

Seus olhos se desviaram novamente e tornaram-se velados, enquanto ele ansiava pelo impossível.

– Feliz aniversário, minha dama Cath-er-ine – ele disse baixinho, e depois tocou meus lábios com os dele. Apenas um beijinho que nada tinha de ousado. – Vamos – ele disse resolutamente, tomando a minha mão. – Todos estão prontos, exceto você, garota exigente e convencida.

Descemos a escada de mãos dadas. Paul e Carrie estavam vestidos e esperando, com Henny também. A casa parecia estranha,

tão silenciosa e na expectativa de algo – estranhamente escura, com todas as luzes apagadas, exceto as do vestíbulo. Que esquisito!

Então, de repente, da escuridão ouvi gritos de “*Sur-presa! Sur-presa!*” berrados por um coro de vozes, enquanto as luzes se acendiam e os membros da minha aula de balé cercavam a Chris e a mim.

Henny trouxe um bolo de aniversário de três camadas, cada uma delas menor do que a que estava embaixo, e orgulhosamente disse que ela o tinha feito e decorado sozinha. *Que eu seja sempre bem-sucedida naquilo que me propuser a fazer*, desejei com os olhos fechados quando apaguei todas as velas. *Estou ganhando de você, mamãe, ficando mais velha e mais sábia a cada dia. Então, quando chegar a hora, estarei pronta – pronta para derrotá-la.*

Soprei tão forte que a cera rosa derretida se espalhou sobre as rosas de açúcar cor-de-rosa, docemente aninhadas sobre folhas verde-claras.

Julian estava à minha frente. Seus olhos negros cravados nos meus faziam a mesma pergunta várias vezes, sem que ele proferisse uma palavra.

Sempre que eu tentava encontrar Chris com o olhar, ele tinha se virado para o outro lado ou estava olhando para o chão. Carrie estava agarrada a Paul, que estava sentado a alguma distância da festa barulhenta e tentava não parecer severo demais. Depois que eu abri todos os presentes, Paul levantou-se, pegou Carrie em seus braços, e ambos desapareceram pelas escadas.

– Boa noite, Cathy – ouvi Carrie me chamar, o rostinho feliz e corado de sono. – Essa é a melhor festa de aniversário que eu já fui.

Senti vontade de chorar de dor ao ouvir aquilo, pois ela tinha quase nove anos de idade e as festas de aniversário das quais ela podia se lembrar, exceto do aniversário de Chris em novembro passado, tinham sido lamentáveis tentativas de fazer muito com tão pouco.

– Por que você está triste? – Julian perguntou ao vir me abraçar.
– Alegre-se, pois agora você me tem a seus pés, pronto para deixar o seu coração em chamas juntamente com o seu corpo.

Eu realmente detestava quando ele agia assim. Ele tentava demonstrar, de todas as formas possíveis, que eu pertencia a ele e somente a ele. Seu presente tinha sido uma mochila de couro para carregar meus *collants* de balé, sapatilhas etc. Afastei-me dele, não querendo ser reivindicada por ninguém naquela noite. Todas as garotas que ainda não estavam apaixonadas por Julian imediatamente ficaram apaixonadas por Chris, e isso em nada contribuiu para ajudar Julian a gostar do meu irmão. Eu não sei o que aconteceu para colocar a bola em campo, mas de repente Chris e Julian estavam em um canto discutindo e quase trocando socos.

– Eu não dou a mínima para o que você pensa! – Chris vociferou à sua maneira, calma tal qual o olho de um furacão. – Minha irmã é muito jovem para ter um amante e não está pronta para Nova York!

– Você! Seu... – disparou Julian de volta. – O que você sabe sobre dança? Você não sabe nada! Você não consegue nem sequer mexer os pés sem pisar neles!

– Isso pode ser verdade – Chris disse com uma voz gelada –, mas eu tenho outras habilidades. E estamos falando de minha irmã e do fato de que ela ainda é menor de idade. Eu não vou deixar que você a convença a acompanhá-lo até Nova York, quando ela nem terminou o Ensino Médio ainda!

Minha cabeça girava de um para o outro, e era difícil dizer qual dos dois era o mais bonito. Eu me senti mal por eles estarem mostrando a todos sua hostilidade, e nauseada, porque queria muito que eles gostassem um do outro. Eu estava prestes a gritar “*parem, não façam isso!*”, mas não disse nada.

– Cathy – Chris me chamou, sem afastar seus olhos nem por um segundo de Julian, que parecia pronto para atingi-lo com um soco ou pontapé –, você honestamente acredita que está pronta para fazer sua estreia em Nova York?

– Não... – sussurrei.

Julian olhou com raiva para mim, pois ele estava sempre insistindo comigo, exigindo de mim a cada segundo em que estávamos juntos que eu o acompanhasse até Nova York para ser sua amante e parceira de dança. Eu sabia por que ele me queria – meu peso, minha altura, meu equilíbrio ajustavam-se às suas

habilidades de forma precisa. Era extremamente importante encontrar o parceiro perfeito quando você queria impressionar em um *pas de deux*.¹

– Que todos os seus aniversários sejam o inferno na Terra! – Julian disse enquanto se dirigia para a porta da frente, batendo-a com força atrás dele.

Foi assim que a minha festa terminou, com todo mundo indo para casa parecendo envergonhado. Chris foi para o quarto sem me desejar boa-noite. Com lágrimas nos olhos, comecei a recolher o lixo do carpete da sala. Achei um buraco feito por um cigarro aceso descuidadamente jogado no carpete verde e felpudo. Alguém tinha quebrado uma das peças estimadas de Paul, feita de vidro soprado à mão – uma rosa de cristal transparente e cintilante. Segurei-a nas mãos, pensando em comprar cola e juntar os pedaços novamente, enquanto planejava uma maneira, pois tinha que haver uma, de tapar os buracos no carpete e remover as manchas brancas dos copos nas mesas.

– Não se preocupe com a rosa – a voz de Paul veio por trás de mim. – É uma quinquilharia barata. Sempre posso comprar outra.

Eu me virei para olhar para ele. Ele estava em pé casualmente sob o arco do vestíbulo, olhando de forma suave e gentil para mim, que estava com lágrimas nos olhos.

– Era uma linda rosa – engasguei –, e eu sei que foi cara. Eu vou lhe comprar outra se eu conseguir encontrar uma igual e, se não encontrar, vou comprar algo melhor quando puder...

– Esqueça.

– Obrigada novamente pela linda caixa de música. – Nervosamente, minhas mãos foram até o meu decote ousado e procuraram esconder o meu colo. – Meu pai me deu uma caixa de música de prata com uma bailarina dentro, uma vez, mas eu tive que deixá-la... – Minha voz sumiu e eu não consegui falar mais nada, porque pensar em meu pai sempre me deixava em ruínas infantis de desolação sem esperança.

– Chris me contou sobre a caixa de música que seu pai te deu e eu tentei encontrar uma igual. Tive sucesso?

– Sim – eu disse, embora não fosse igual.

– Bom. Agora vá para a cama. Esqueça a bagunça, Henny vai limpar tudo. Você parece estar com sono.

Subi logo as escadas e fui para o meu quarto, onde, para minha surpresa, Chris estava esperando por mim.

– O que está acontecendo entre você e Julian? – ele perguntou com raiva.

– Nada está acontecendo!

– Não minta para mim, Cathy! Ele não voa para cá assim tantas vezes para *nada*!

– Cuide da sua maldita vida, Christopher! – eu disse cruelmente.

– Eu não tento lhe dizer o que fazer e exijo o mesmo de você! Você não é um santo e eu não sou um anjo! O problema é que você é apenas outro homem que acha que pode fazer o que quiser, enquanto eu tenho que me sentar e ser toda certinha e esperar que alguém venha e se case comigo! Bem, eu não sou esse tipo de mulher! Ninguém vai me dizer o que fazer ou me obrigar a fazer o que eu não quero, nunca mais! Nem Paul! Nem Madame! Nem Julian, e nem você!

Seu rosto empalideceu enquanto ele ouvia e se continha para não me interromper.

– Eu quero que você fique fora da minha vida, Christopher. Vou fazer o que eu tiver que fazer, qualquer coisa que eu tenha que fazer, para chegar ao topo!

Ele olhou para mim com aqueles olhos azuis da cor do céu que emitiam faíscas elétricas diabólicas.

– Devo entender que você vai dormir com qualquer homem, se isso for necessário.

– Eu vou fazer o que for preciso! – gritei de volta, embora eu não tivesse pensado nisso.

Ele parecia prestes a me esbofetear, e o controle que teve que exercer sobre si mesmo para manter as mãos ao lado do corpo o fez cerrar os punhos. Havia uma linha branca ao redor de seus lábios contraídos.

– Cathy – ele começou, com uma voz magoada –, o que está acontecendo com você? Nunca achei que você fosse se tornar outra

oportunista.

Amargamente olhei para os seus olhos. O que *e/le* achava que estava fazendo? Nós havíamos encontrado, por um feliz acaso, um homem solitário e infeliz, e estávamos nos aproveitando dele, e mais cedo ou mais tarde haveria um preço a pagar. Nossa avó sempre nos dizia que ninguém faz algo a troco de nada. Mas, de algum modo, eu não podia mais magoá-lo, e não podia falar uma palavra contra Paul, que tinha nos acolhido em sua casa e estava fazendo tudo o que podia. Sinceramente, eu tinha razões suficientes para saber que ele não esperava nenhuma recompensa.

– Cathy – ele disse em tom de súplica –, eu odeio cada palavra que você acabou de me dizer. Como pode falar assim comigo quando sabe o quanto eu te amo e te respeito? Sinto sua falta todos os dias. Eu vivo para os fins de semana, quando posso ver você e Carrie. Não se afaste de mim, Cathy, eu preciso de você. Eu sempre vou precisar de você. Isso me assusta como o diabo, pensar que não sou mais assim tão necessário na *sua* vida.

Ele estava segurando meus braços e teria me puxado contra seu peito, mas eu me afastei dele e virei as costas. Como eu poderia dizer a ele o que era errado e o que era certo quando ninguém mais parecia se importar?

– Chris – comecei a falar com voz entrecortada –, me desculpe por eu ter falado desse jeito. É muito importante para mim o que você pensa. Mas estou muito confusa por dentro. Sinto que tenho que ter tudo imediatamente para ajudar a compensar tudo que perdi e sofri. Julian quer que eu vá com ele para Nova York. Eu não acho que esteja pronta ainda e não tenho a disciplina de que necessito. Madame me diz isso o tempo todo e ela está certa. Julian diz que me ama e que vai cuidar de mim. Mas eu não tenho certeza sobre o que é o amor, se ele me ama mesmo ou só quer que eu o ajude a alcançar seu objetivo. Mas o objetivo dele é o meu objetivo. Então me diga, como posso saber se ele me ama ou se só quer me usar?

– Você já o deixou fazer amor com você? – ele perguntou sem rodeios, com os olhos sombrios.

– *Não!* Claro que não!

Seus braços me cercaram e ele me segurou firme.

– Espere pelo menos mais um ano, Cathy. Confie em Madame Marisha, não em Julian. Ela sabe mais do que ele. – Ele fez uma pausa e obrigou-me a levantar a cabeça. Estudei seu belo rosto e perguntei-me por que ele hesitava e não ia em frente.

Eu era um instrumento de anseio, cheio de um desejo voraz de satisfação romântica. Eu tinha muito medo do que havia dentro de mim. Tinha medo de ser como mamãe. Quando me olhava nos espelhos, via o rosto de minha mãe começando a surgir de forma mais definida. Adorava ser parecida com ela, e, paradoxalmente, odiava-me por ser seu reflexo. Não, eu não era como ela por dentro, só por fora. Minha beleza não era apenas superficial.

Fiquei repetindo isso para mim mesma enquanto fazia uma jornada particular até o centro de Greenglenna. Lá, na Prefeitura, dei uma desculpa esfarrapada sobre ter que procurar a certidão de nascimento de minha mãe, apenas para que eu pudesse localizar a de Bart Winslow. Descobri que ele era oito anos mais jovem do que minha mãe e também descobri exatamente onde ele morava. Andei 15 quarteirões até que cheguei a uma rua silenciosa, cercada por olmos, onde casarões antigos estavam em um decadente estado de precariedade. Todos, menos o de Bart Winslow! A casa tinha andaimes ao redor. Dezenas de operários estavam colocando proteção contra tempestade nas janelas da casa de tijolos recém-pintada, com uma tarja branca ao redor delas e um pórtico branco.

Outro dia encontrava-me na biblioteca de Greenglenna, onde li sobre a família Winslow. Para a minha alegria, enquanto procurava notícias em jornais antigos, encontrei um colunista social que parecia dedicar a maior parte de sua coluna a Bart Winslow e a sua fabulosamente rica e linda mulher, com sua aristocrática linhagem: “A herdeira de uma das maiores fortunas do país.”

Essa coluna eu recortei furtivamente e a levei para casa para mostrar a Chris. Eu não queria que ele soubesse que mamãe ia morar em Greenglenna. Ele demonstrou certa angústia enquanto examinava o recorte.

– Cathy, onde você achou esse artigo?

Eu dei de ombros.

– Oh, ele estava em algum jornal da Virgínia que eles vendem na banca.

– Ela está na Europa de novo – ele disse de maneira estranha. – Eu gostaria de saber por que ela continua indo para a Europa. – Virou seus olhos azuis para mim e uma expressão sonhadora suavizou suas feições. – Você se lembra do verão, quando ela viajou em lua de mel?

Se eu me lembrava? Como se eu pudesse esquecer! Como se eu fosse algum dia me deixar esquecer! Um dia, quando eu fosse rica e famosa também, mamãe teria notícias minhas e, quando isso acontecesse, era melhor que ela estivesse bem preparada, pois pouco a pouco eu ia tecendo minha estratégia.

Julian não vinha para Greenglenna tanto quanto costumava vir antes da minha festa de aniversário de 16 anos. Imaginei que Chris o havia assustado. Eu não sabia se isso me deixava feliz ou não. Quando visitava seus pais, Julian me ignorava. Ele começou a prestar atenção em Lorraine Duval, minha melhor amiga. Por alguma razão eu me senti magoada e ressentida, não somente com ele, mas também com Lorraine. Nas coxias, eu praticamente me escondia e os observava dançar um apaixonado *pas de deux*. Foi aí que decidi que iria estudar duas vezes mais do que antes, porque eu ia mostrar para Julian também! Eu ia mostrar a todos eles exatamente de quem eu era feita!

Aço, coberto de tolos saiotes de tule, cheios de babados!

1 *Pas de deux*: dueto de dança em que dois dançarinos, geralmente um homem e uma mulher, executam passos de balé juntos. (N.E.)

CORUJA NO TELHADO



Agora eu vou contar um acontecimento na vida de Carrie, pois essa história é tanto dela e de Chris como minha. Quando olho para trás agora e reflito sobre como as coisas aconteceram para Carrie, sinceramente acredito que o que aconteceu com ela na Escola da Srta. Emily Dean Calhoun para Jovens Bem-Nascidas teve muito a ver com o modo como ela enxergaria a si mesma no futuro.

Ah, cave-me um poço para que eu possa chorar antes de começar, pois eu a amava demais, e as dores que ela teve de sofrer eu também sofri, até mesmo agora.

Das peças do quebra-cabeça que eu reuni de Carrie e da Srta. Dewhurst, e de várias outras alunas da escola, este foi o pesadelo que Carrie teve de suportar, e eu vou contá-lo da forma mais honesta possível.

Carrie passava os fins de semana conosco, mas ela havia se tornado aquela criaturinha silenciosa e apática que havia sofrido tanto quando seu irmão gêmeo morreu. Tudo sobre Carrie me preocupava. Porém, quando eu lhe perguntava, ela insistia que estava tudo bem e se recusava a dizer qualquer coisa contra a escola, as alunas ou as professoras. Ela disse uma coisa, e apenas uma coisa, para expressar seus sentimentos, um verdadeiro enigma:

– Eu gosto do carpete. Ele tem a cor da grama.

Era somente isso. Eu ficava imaginando, preocupada, tentando adivinhar o que a estava perturbando. Algo estava errado, eu sabia disso, e ela não queria me dizer o que era.

Toda sexta-feira, lá pelas quatro horas, Paul pegava o carro e ia buscar Carrie e Chris para trazê-los de volta para casa. Ele fazia o melhor possível para que todos os nossos fins de semana fossem memoráveis. Embora Carrie parecesse bastante feliz quando estava conosco, ela raramente ria. Por mais que tentássemos, tudo que conseguíamos extrair dela era um sorriso fraco.

– O que há de errado com Carrie? – sussurrou Chris.

Eu só podia dar de ombros. Em algum lugar ao longo do caminho eu havia perdido a confiança de Carrie. Seus grandes olhos azuis se fixavam em Paul. Eles imploravam por algo, silenciosamente. Mas ele estava olhando para mim, não para Carrie.

Quando se aproximava a hora de ser levada de volta à escola, Carrie ficava muito quieta; seu olhar se tornava inexpressivo e resignado. Nós a beijávamos em despedida e lhe dizíamos para ser boa, fazer amigos, “e se precisar de nós, você sabe como nos chamar”.

– Sim – ela dizia fracamente, os olhos baixos.

Eu a apertava contra mim dizendo-lhe de novo o quanto a amava, e se ela estava infeliz deveria abrir a boca e falar de uma vez.

– Eu não estou infeliz – ela respondia, com os olhos tristemente fixos em Paul.

Era realmente uma escola bonita. Eu teria gostado de estudar ali. Cada menina podia decorar seu lado de um quarto duplo como quisesse. A senhorita Dewhurst tinha apenas uma restrição, e era que cada menina tinha que escolher “atividades adequadas e dignas de uma dama”. A feminilidade passiva e suave era muito enfatizada no Sul. Roupas macias, sussurrantes, *chiffon* esvoaçante, vozes doces, olhos baixos e tímidos, mãos fracas e delicadas para expressar desamparo, e absolutamente nenhuma opinião que entrasse em conflito com as opiniões masculinas – e nunca, nunca deixar um homem saber que você tem um cérebro que pode ser

melhor do que o dele. E eu receio, pensando melhor, que a escola não seria adequada para mim, afinal.

A cama de Carrie era uma cama de solteiro, coberta por uma manta roxa brilhante. Sobre ela havia almofadas decoradas cor-de-rosa, vermelhas, roxas, violetas e verdes. Ao lado de sua cama havia um criado-mudo com o vaso de vidro leitoso cheio de violetas plásticas, dado a ela por Paul. Sempre que podia, ele trazia flores de verdade. Estranhamente, ela adorava aquele pequeno pote de violetas mais do que as flores verdadeiras, que logo murchavam e morriam.

Já que Carrie era a menor menina da escola dentre uma centena de alunas, recebeu como companheira de quarto a segunda menor menina, chamada Sissy Towers. Sissy tinha cabelo vermelho-tijolo, olhos cor de esmeralda que eram longos e estreitos, pele fina e branca como papel e um temperamento vingativo e cruel, que ela nunca exibia para qualquer adulto, mas guardava para as meninas que sabia como intimidar. O pior de tudo era que, embora ela fosse a segunda menor, era 15 centímetros mais alta que minha irmã!

Carrie havia comemorado seu nono aniversário com uma festa na semana antes de seu calvário começar. Era maio, e começou em uma quinta-feira.

O dia escolar terminava às três horas. As meninas tinham duas horas para brincar antes do jantar às cinco e meia. Todas as alunas usavam uniformes de cores determinadas pela série que frequentavam. Carrie estava na terceira série; seu uniforme era feito de popeline amarela com um gracioso avental de organdi branco sobre ele. Ela sentia um forte desagrado pela cor amarela. Amarelo representava para ela, assim como para Chris e para mim, a cor de todas as melhores coisas que não podíamos ter quando estávamos trancados e nos sentindo insalubres, indesejados e mal-amados. Amarelo também era a cor do sol que nos foi negado. O sol era o que Cory mais queria ver, e agora que todas as coisas amarelas eram tão facilmente acessíveis, e Cory não estava mais ali, amarelo era uma coisa odiosa.

Sissy Towers adorava amarelo. Ela tinha inveja dos longos cabelos dourados de Carrie, e desprezava sua própria cabeça cheia

de cabelos crespos e cor de ferrugem. Talvez também invejasse a beleza do rosto de boneca de Carrie, e aqueles grandes olhos azuis rodeados por cílios longos e curvados, e seus lábios vermelhos como morangos maduros.

Oh, sim, a nossa Carrie era uma boneca com um rosto delicado, cabelos dourados sensacionais e, o pior de tudo isso, essa beleza estava fincada sobre um corpo muito, muito magro, muito pequeno, e um pescoço muito delicado para apoiar a cabeça que pertencia a alguém maior e mais alto.

A cor amarela dominava o lado de Sissy no quarto; colcha amarela, o forro das poltronas amarelo; suas bonecas eram loiras vestindo amarelo, seus livros tinham capas amarelas, feitas em casa. Sissy até mesmo usava blusas e saias amarelas quando ia para casa. O fato de Sissy ficar horrivelmente pálida de amarelo não diminuía sua determinação em irritar Carrie com a cor – não importavam as consequências. E nesse dia, por algum motivo insignificante que nunca foi explicado, ela começou a insultar Carrie de forma vingativa e cruel.

– Carrie é uma anã... uma anã... uma anã – Sissy cantou como se fosse uma canção. – Carrie deveria estar em um circo... um circo... um circo – Sissy continuou a cantar. Então ela pulou sobre sua mesa e começou a gritar se forma estridente, como se divulgasse um show de horrores em um parque de diversões: – *Venham! Venham todos! Paguem 25 centavos para ver a irmã viva do Pequeno Polegar! Venham ver a menor mulher do mundo! Venham, paguem e vejam a pequenina com enormes olhos, como uma coruja! Venham ver a enorme cabeça sobre seu pequeno e magro pescoço! Vamos, paguem 25 centavos para ver a nossa pequena aberração nua!*

Dezenas de meninas se aglomeraram no quarto a fim de olhar para Carrie, que se agachara em um canto no chão, com sua cabeça baixa e seu longo cabelo escondendo seu rosto envergonhado e aterrorizado.

Sissy abriu sua pequena bolsa para receber as moedas que as meninas ricas lhe davam de boa vontade.

– Agora tire suas roupas, anãzinha-aberração – ordenou Sissy. – Mostre aos clientes o que eles pagaram para ver!

Tremendo e começando a chorar, Carrie se agachou em uma bola ainda mais apertada, ergueu os joelhos e rezou para que Deus, de alguma forma, abrisse o chão. Mas assoalhos nunca se abrem graciosamente e engolem você quando deveriam. Ele permaneceu duro e inflexível embaixo dela enquanto os insultos de Sissy continuavam sem parar.

– Vejam como ela treme... Vejam como ela se sacode... Ela vai causar... um terremoto!

Todas riram, com exceção de uma menina de porte médio de dez anos que olhava para Carrie com compaixão e simpatia.

– Eu a acho bonita – disse Lacy St. John. – Deixe-a em paz, Sissy. Não é legal o que você está fazendo.

– É claro que não é legal! – Sissy disse com uma risada. – Mas é tão divertido! Ela é um ratinho tímido! Você sabe, ela *nunca* diz nada. Eu acho que ela não sabe falar! – Sissy saltou da cadeira para ir até onde Carrie estava, e lá ela cutucou-a com o pé. – Você tem língua, pequena aberração? Vamos, pequenina de olhos grandes, diga como você ficou assim tão esquisita. Será que o gato roubou a sua língua? Você tem língua? Coloque para fora!

Carrie abaixou a cabeça ainda mais.

– Vejam, ela não tem língua! – proclamou Sissy, pulando para cima e para baixo. Então ela rodopiou e abriu os braços. – Vejam o que eles me deram como companheira de quarto: uma coruja sem língua! O que podemos fazer para que ela fale?

Lacy se moveu protetoramente para mais perto de Carrie.

– Vamos, Sissy, já chega, deixe-a em paz.

Girando, Sissy pisou com força no pé de Lacy.

– *Cale a boca!* Este é o meu quarto! Quando você está em meu quarto, você faz o que eu mando! E eu sou tão grande quanto você, Lacy St. John, e o meu papai tem mais dinheiro também!

– Eu acho que você é uma menina feia, desagradável e cruel por atormentar Carrie! – disse Lacy.

Sissy ergueu os punhos como um boxeador profissional, dançando em volta de Lacy e dando socos rápidos.

– Você quer lutar? Vamos lá, erga esses punhos! Vamos ver se você consegue me atingir antes que eu te deixe com um olho roxo!

E antes que Lacy pudesse levantar as mãos para se proteger, Sissy deu um gancho de direita que atingiu Lacy diretamente sobre o olho esquerdo. Então o gancho de esquerda de Sissy chocou-se contra o delicado nariz reto de Lacy! O sangue jorrou em todos os lugares!

Foi quando Carrie levantou a cabeça, viu que a única garota que tinha mostrado a ela um pouco de bondade tinha sido espancada, e isso foi motivo suficiente para que usasse sua arma mais formidável: sua voz. Ela começou a gritar. No volume máximo, utilizando todo o poder vocal que tinha, Carrie jogou a cabeça para trás e começou a gritar!

Lá embaixo, em seu escritório no primeiro andar, a senhorita Emily Dean Dewhurst deu um salto e manchou de tinta o livro de registros da escola. Ela correu para soar um alarme no vestíbulo a fim trazer todas as professoras depressa.

Eram oito horas da noite. A maior parte do corpo docente havia se retirado para seus quartos. Vestidas com roupões de banho, *negligees*, e uma delas num vestido de noite escarlate, aparentemente pronta para escapar às escondidas, as professoras correram em direção ao barulho.

Elas invadiram o quarto que Carrie compartilhava com Sissy e encontraram uma cena terrível. Doze meninas estavam brigando, enquanto as outras observavam. Uma menina, do mesmo modo que Carrie, apenas gritava, mas as outras estavam berrando, chutando, lutando no chão, puxando o cabelo, mordendo e rasgando as roupas, e por cima de todo aquele barulho, havia a trombeta estridente de um pequeno ser humano aterrorizado.

– Onde está o homem? – gritou a senhorita Longhurst, a do vestido de noite escarlate, o peito prestes a sair do corpete decotado.

– Senhorita Longhurst, controle-se! – ordenou a senhorita Dewhurst, que prontamente avaliou a situação e planejou sua estratégia. – Não há nenhum homem aqui. *Meninas!* – ela gritou –, *acabem com esse tumulto nesse exato momento, ou cada uma de*

vocês terá sua saída negada nesse fim de semana! – Então, ela disse em voz baixa para a sexy Longhurst: – Quanto a você, dirija-se ao meu escritório quando isso estiver sob controle.

Toda garota naquela sala prestes a ter seu cabelo puxado ou o rosto arranhado ficou abruptamente quieta e silenciosa. Horrorizadas, elas olharam em volta e viram a sala cheia de professoras e, o pior de tudo, a senhorita Dewhurst, que não era conhecida por mostrar misericórdia quando havia tumulto, como frequentemente acontecia. Todas ficaram em silêncio. Todas, menos Carrie, que continuou a gritar, com os olhos fechados, suas mãos pequenas, pálidas, cerradas em punhos apertados.

– Por que é que a criança está gritando? – perguntou a senhorita Dewhurst, enquanto a senhorita Longhurst, de aparência culpada, furtivamente se afastava para eliminar as provas incriminadoras, de que em algum lugar um homem *estava* escondido e esperando.

Naturalmente, foi Sissy Towers que se recuperou primeiro.

– Foi ela que começou tudo, senhorita Dewhurst. É *tudo* culpa de Carrie. Ela é como um bebê. Vocês têm que me dar uma nova companheira de quarto ou eu vou morrer vivendo tão perto de um bebê.

– Repita o que você acabou de dizer, senhorita Towers. Diga-me novamente o que devo fazer.

Intimidada, Sissy sorriu desconfortavelmente.

– Quero dizer, eu gostaria de ter uma nova companheira de quarto. Não me sinto bem estando tão perto de alguém tão anormalmente pequena.

Friamente, a senhorita Dewhurst olhou para Sissy.

– Senhorita Towers, *você é anormalmente cruel. A partir de agora você vai ficar no quarto do primeiro andar ao lado do meu, onde eu possa ficar de olho em você. – Ela lançou seu olhar arguto em torno do quarto. – Quanto ao resto de vocês, vou notificar os seus pais que suas saídas de fim de semana estão canceladas! Agora, cada uma de vocês vai se reportar à Srta. Littleton, para que ela possa marcar seus registros com deméritos.*

As meninas gemeram e, uma a uma, saíram do quarto para ter seus nomes registrados com marcas negativas. Só depois disso a

senhorita Dewhurst foi até onde Carrie estava, apoiada em suas mãos e joelhos, sua voz reduzida a um gemido, mas a cabeça ainda se movendo de um lado para outro, de forma histérica.

– Senhorita Dollanganger, você está calma o suficiente agora para me dizer o que aconteceu?

Carrie emudecera de terror. O terror e a visão do sangue a tinham levado de volta para a sala trancada, para um dia faminto em que tinha sido forçada a beber sangue ou morrer de fome. A senhorita Dewhurst estava emocionada e desnorteada. Por 40 anos ela tinha visto meninas chegando e partindo, e sabia que meninas podiam ser tão devastadoramente maldosas e cruéis quanto meninos.

– Senhorita Dollanganger, a menos que possa me responder, você não vai visitar a sua família nesse final de semana. Eu sei que você passou por maus bocados e quero ser gentil. Você não pode me explicar o que aconteceu?

Esparramada no chão agora, Carrie olhou para cima. Ela viu a mulher mais velha pairando sobre ela, e a saia azul que ela usava era quase cinza. Cinza era a cor que a avó sempre usava. E a avó fazia coisas terríveis; de alguma forma, a avó tinha causado a morte de Cory, e agora ela tinha vindo para matar Carrie também!

– Eu odeio você! Eu odeio você! – gritou Carrie mais e mais, até que finalmente a senhorita Dewhurst foi conduzida para fora do quarto e a enfermeira da escola foi enviada ao local para dar um sedativo a Carrie.

Naquela sexta-feira, atendi ao telefone quando a senhorita Dewhurst ligou para dizer que 12 de suas meninas tinham quebrado as regras e desobedecido suas ordens, e Carrie era uma delas.

– Eu sinto muito, realmente sinto. Mas eu não posso dar privilégios à sua irmã e ainda assim punir as outras. Ela estava no quarto e se recusou a se acalmar quando lhe pedi.

Esperei até a noite para discutir o assunto com Paul, à mesa de jantar.

– É um erro terrível deixar Carrie lá no fim de semana, Paul. Você sabe que prometi que ela poderia voltar para casa todo fim de semana. Ela é muito pequena para ser a causa de qualquer coisa, por isso não é justo que ela deva ser punida também!

– Veja bem, Cathy – disse ele, colocando o garfo sobre a mesa –, a senhorita Dewhurst me ligou logo depois que falou com você. Ela tem regras, e se Carrie se comportou mal, então ela tem que sofrer a punição junto com o resto das meninas. E eu respeito a senhorita Dewhurst, mesmo que você não a respeite.

Chris, em casa para o fim de semana, deu sua opinião e concordou com Paul.

– Claro, Cathy, você sabe tão bem quanto eu que Carrie pode aprontar quando quer. Mesmo que ela não tivesse feito nada a não ser gritar, ela poderia deixar alguém maluco. E surdo.

Aquele fim de semana foi uma decepção sem Carrie. Eu não conseguia parar de pensar nela. Pensei e repensei em tudo aquilo, preocupada com ela. Parecia ouvi-la me chamando. Fechei os olhos e vi seu rosto pequeno, branco, com os olhos arregalados e assombrados pelo medo. Ela *estava* bem! Ela tinha que estar, não é? O que pode acontecer a uma menina em uma escola cara controlada por uma mulher tão responsável e respeitável como a Srta. Emily Dean Dewhurst?

Quando Carrie estava machucada, em desacordo com ela mesma e com o mundo, e não havia ninguém por perto que a amasse, ela recuava para o passado e para o conforto seguro de seus pequenas bonecos de porcelana que ela havia cuidadosamente escondido embaixo de todas as suas roupas. Agora ela era a única garota na escola com um quarto só para ela. Ela nunca tinha ficado sozinha antes. Nem uma única vez em seus nove anos de vida Carrie tinha passado uma noite em um quarto sozinha. Ela estava sozinha agora e sabia disso. Todas as garotas da escola haviam se voltado contra ela, até mesmo a linda Lacy St. John.

De seu lugar muito secreto, Carrie retirava bonecos, o Sr. e a Sra. Parkins e o querido bebezinho Clara, e ela falava com eles como

costumava fazer quando estava trancada no sótão.

– E Cathy – ela me disse depois –, eu pensei que talvez mamãe estivesse no céu com Deus, no jardim com Cory e papai, e eu senti tanta raiva de você e Chris, porque vocês deixaram o Dr. Paul me colocar naquele lugar, e você sabe o quanto eu gostava de ficar com todos vocês! E eu odiei você, Cathy! Odiei todo mundo! Odiei Deus por Ele me fazer tão pequena que as pessoas riem da minha cabeça grande e do meu corpo pequeno!

Nos vestibulos curtos e corredores longos forrados de carpete verde, Carrie ouvia as garotas sussurrando. Furtivamente, elas desviavam os olhos quando ela olhava.

– Eu disse a mim mesma que não me importava – Carrie sussurrou para mim com voz rouca –, mas eu me importava. Eu disse a mim mesma que podia ser corajosa como você queria e Chris queria e Dr. Paul queria. Continuei tentando me sentir corajosa, mas eu não era realmente corajosa. Não gosto de escuro. E eu disse a mim mesma, Deus vai ouvir minhas orações e me fazer crescer, porque todo mundo cresce e fica mais alto quando envelhece, e eu também ficaria! Estava tão escuro, Cathy, e o quarto parecia tão grande e assustador. Você sabe que eu não gosto da noite e da escuridão sem lâmpada acesa, sem ninguém lá comigo. Eu até mesmo queria Sissy de volta, até ela parecia melhor do que ninguém. Algo nas sombras se moveu e eu fiquei apavorada, e, embora a gente não pudesse, acendi uma lâmpada. Eu queria levar todos os meus bonequinhos para a cama comigo, então teria companhia. Eu ia ter cuidado para não me virar na cama e quebrar suas cabeças. Eu sempre colocava o Sr. e a Sra. Parkins à esquerda e à direita com o bebê Clara no meio, no fundo da gaveta da minha cômoda. Peguei o enchimento de algodão que estava no meio e senti algo duro. Mas quando eu olhei, Cathy, quando eu olhei não havia bebê, apenas um pauzinho! Desembrulhei o Sr. e a Sra. Parkins, e eles eram apenas pauzinhos também, só que maiores! Fiquei tão triste em não encontrá-los que comecei a chorar. Todos os meus bonequinhos tinham sumido, transformados em madeira, então eu soube que Deus nunca ia me fazer crescer, porque Ele fez meus lindos bonecos se transformarem em pauzinhos. Algo

engraçado aconteceu comigo, então, como se eu tivesse me transformado em madeira também. Me senti endurecida e não conseguia enxergar muito bem. Fiquei agachada em um canto e esperei algo ruim acontecer. A avó disse que algo terrível aconteceria se eu quebrasse um boneco, não disse?

Ela não disse nem mais uma palavra, mas fiquei sabendo das outras o que aconteceu depois disso.

No escuro, muito tempo depois da meia-noite, as 12 pequenas meninas ricas a quem a senhorita Dewhurst havia negado a saída no fim de semana entraram furtivamente no quarto de Carrie. Foi Lacy St. John que teve a integridade de me contar, mas só quando os ouvidos da senhorita Dewhurst estavam fora de alcance.

Doze meninas, todas vestindo longas camisolas brancas de algodão, as roupas de dormir oficiais da escola, entraram no quarto de Carrie, cada uma com uma única vela acesa para que o rosto ficasse iluminado sob o queixo. Essa iluminação fazia seus olhos parecerem afundados, depressões escuras, e emprestava a seus rostos jovens uma aparência macabra – assustadora o suficiente para aterrorizar uma menininha ainda agachada no canto, já em um transe de medo assombrado.

Elas vieram para formar um semicírculo em torno de Carrie, para olhar para ela, cada uma delas com uma fronha sobre sua cabeça com buracos para os olhos. Depois veio o ritual de agitar as velas intrincadamente em padrões repetitivos, enquanto cantavam como se fossem bruxas de verdade. Tentaram remover a pequenez de Carrie. Tentaram libertá-la e se libertarem de qualquer mal que tinham sido levadas a fazer para sua autoproteção contra alguém tão “estranhamente pequena e esquisita”.

Uma voz guinchou acima de todas as outras, e Carrie sabia que era Sissy Towers. Para Carrie, todas aquelas meninas envoltas em suas longas camisolas com capuzes brancos sobre as cabeças e buracos negros para os olhos eram demônios vindos direto do inferno! Ela começou a choramingar, a tremer, e oh, ela estava tão assustada, como se mais uma vez a avó estivesse no quarto, só que dessa vez ela havia se multiplicado até que houvesse uma dúzia delas!

– Não chore, não tema – a voz de pesadelo saída de um capuz sem boca tentou acalmá-la. – Se você sobreviver a essa noite, a essa iniciação, você, Carrie Dollanganger, vai se tornar um membro da nossa *mais* adorada e muito exclusiva sociedade. Se você tiver sucesso, a partir dessa noite em diante você vai compartilhar os nossos rituais secretos, nossas festas secretas, nosso estoque secreto de guloseimas.

– Ohhh – gemeu Carrie –, vá embora, me deixe em paz, vá embora, me deixe em paz.

– *Silêncio!* – ordenou a voz estridente do ser escondido atrás do capuz. – Você não tem chance de se tornar uma de nós a menos que sacrifique seus objetos mais queridos e preciosos. É isso ou sofrer nosso julgamento.

Agachada no canto, Carrie só conseguia olhar para as sombras em movimento por trás das bruxas brancas que a ameaçavam. O brilho das velas cresceu cada vez mais, fazendo o seu mundo se transformar em um mundo de fogo amarelo e escarlate.

– Nos dê o que você mais gosta ou você vai sofrer, sofrer, sofrer.

– Eu não tenho nada – sussurrou Carrie honestamente.

– Os bonecos, os pequenos e bonitos bonecos de porcelana, nos dê – entoou a voz austera daquela que estava falando. – Suas pequenas roupas não nos servirão; não queremos suas roupas; nos dê seus bonecos, seus bonecos bonitos de homem, mulher e criança.

– Eles desapareceram – gritou Carrie, com medo de que fossem atear fogo a ela. – Eles viraram pedaços de madeira.

– Ho-ho! Uma grande mentira! É mentira! Então, agora você deve sofrer, pequena coruja, para se tornar uma de nós, ou morrer. Faça sua escolha.

Foi uma decisão fácil. Carrie assentiu e tentou não fungar.

– Muito bem, a partir dessa noite você, Carrie Dollanganger, nome engraçado, cara engraçada, você será uma de *nós*.

Dói-me escrever como elas levaram Carrie e a vendaram, amarraram suas mãos pequenas para trás e, então, a empurraram para o corredor, depois por um lance de escadas íngremes, e de repente estavam lá fora. Carrie sentiu o ar fresco da noite, a

inclinação do apoio embaixo de seus pés descalços, e adivinhou corretamente que as meninas a tinham levado para o telhado! Só havia uma coisa que ela temia mais do que a avó e isso era o telhado – qualquer telhado! Antecipando seus altos gritos, as meninas tinham-na amordaçado.

– Agora deite-se ou fique quietinha como uma coruja bem-comportada deve ficar – disse a mesma voz áspera. – Fique empoleirada aqui no telhado, perto da chaminé sob a lua, e de manhã você será uma de *nós*.

Debatendo-se freneticamente agora, Carrie tentou resistir à força a todas aquelas que a obrigaram a se sentar. Então, pior ainda, elas de repente tiraram as mãos de Carrie e a deixaram ali na escuridão, sobre o telhado – totalmente sozinha. Ao longe ela ouviu os risinhos sussurrantes delas se retirando e o leve clique de uma porta sendo trancada lá embaixo.

Cathy, Cathy, ela gritou para si mesma, *Chris, venha me salvar! Dr. Paul, por que você me colocou aqui? Ninguém me quer?* Soluçando, emitindo pequenos sons parecidos a miados enquanto estava de olhos vendados, amordaçada e amarrada, Carrie enfrentou a inclinação íngreme do enorme e estranho telhado e começou a se mover em direção de onde o som da porta sendo trancada tinha vindo. Centímetro a centímetro, sentada e deslizando sobre as nádegas, Carrie avançou, rezando o tempo todo enquanto se movia para não cair. De acordo com o vacilante relato que ela me deu muito, muito tempo depois, parece que ela não foi guiada apenas pelo instinto, mas podia ouvir, acima e por trás da tempestade de primavera que se aproximava, a voz doce e distante de Cory, cantando enquanto dedilhava sua canção melancólica sobre encontrar sua casa e ver o sol novamente.

– Oh, Cathy, era tão estranho lá no alto, e o vento começou a soprar, e a chuva começou a cair, e o trovão ressoou e um raio caiu para que eu pudesse ver o brilho dele através da venda... e o tempo todo Cory estava cantando e me levando para o alçapão, que se abriu quando usei meus pés para forçá-lo para cima, e de algum jeito eu consegui entrar. Então eu caí pelas escadas! Eu caí na escuridão e ouvi um osso quebrando. E a dor, ela veio como dentes

e me mordeu, então eu não pude ver ou sentir mais nada, nem mesmo ouvir a chuva. E Cory, ele foi embora.

Domingo de manhã chegou, e Paul, Chris e eu estávamos à mesa do café da manhã comendo o *brunch*.

Chris tinha um pãozinho caseiro, quente e amanteigado em sua mão, os lábios bem abertos para colocar pelo menos metade dele na boca com uma mordida, quando o telefone tocou na sala. Paul gemeu enquanto largava o garfo. Eu gemi também, pois tinha feito meu primeiro suflê de queijo e ele tinha que ser comido na hora.

– Você se importaria de me passar isso aí, Cathy? – ele perguntou. – Eu realmente quero experimentar o seu suflê. Parece delicioso e cheira maravilhosamente bem.

– Fique sentado aí e coma – eu disse, levantando-me de um pulo e correndo para atender ao telefone –, e eu vou fazer o que puder para proteger você da irritante Sra. Williamson...

Ele riu suavemente e me deu um olhar divertido enquanto pegava o garfo novamente.

– Pode não ser a minha solitária senhora viúva sofrendo de outra de suas pequenas aflições.

Chris continuou a comer.

Peguei o telefone e, no meu tom de voz mais adulto e gracioso, eu disse:

– Residência do Dr. Paul Sheffield.

– Aqui é Emily Dean Dewhurst – disse a voz severa na outra extremidade. – Por favor, coloque o Dr. Sheffield ao telefone imediatamente!

– Senhorita Dewhurst! – eu disse, já alarmada. – É Cathy, a irmã de Carrie. Ela está bem?

– Você e o Dr. Sheffield precisam vir aqui imediatamente!

– Senhorita Dewhurst...

Mas ela não me deixou terminar.

– Parece que sua irmã mais nova desapareceu misteriosamente. Aos domingos, as meninas que estão sendo punidas ao terem sua saída de fim de semana negada são obrigadas a frequentar a missa

na capela. Fiz a chamada e Carrie não respondeu quando chamei o seu nome.

O meu coração começou a bater mais rápido, com medo do que eu ia ouvir a seguir, mas meu dedo moveu-se para apertar um botão e colocar a Sra. Dewhurst no viva voz, para que Chris e Paul pudessem ouvi-la enquanto comiam.

– Onde ela estava? – eu perguntei em voz baixa, já aterrorizada. Ela falou calmamente.

– Um estranho silêncio pairou no ar esta manhã quando o nome de sua irmã foi chamado e quando perguntei onde ela estava. Enviei uma professora para verificar o quarto de sua irmã e ela não estava lá. Então, fizemos uma busca minuciosa nos jardins e em toda a escola, do porão ao sótão, e ainda assim ela não foi encontrada. Se ela tivesse um tipo de personalidade diferente, eu teria presumido que ela havia fugido e estava a caminho de casa. Mas algo na atmosfera me adverte que há pelo menos 12 meninas aqui que sabem o que aconteceu com Carrie, e elas se recusam a falar e a se incriminar.

Meus olhos se arregalaram.

– Quer dizer que você ainda não sabe onde Carrie está?

Paul e Chris tinham parado de comer. Agora, ambos olhavam para mim com preocupação crescente.

– Eu sinto muito em dizer que não. Carrie não foi vista desde as nove horas da noite passada. Mesmo se ela tivesse percorrido a pé todo o caminho para casa, ela já deveria ter chegado aí. É quase meio-dia. Se ela não está aí e não está aqui, então ou ela está ferida, perdida ou algum outro acidente se abateu sobre ela...

Eu poderia ter gritado. Como ela podia falar tão calmamente? Por que toda vez que algo terrível acontecia em nossas vidas, era uma voz monótona e sem compaixão que nos dava a má notícia?

O carro branco de Paulo corria pela estrada Overland em direção à escola de Carrie. Eu estava espremida no assento da frente, entre Paul e Chris. Meu irmão estava carregando sua mochila, de modo que pudesse pegar um ônibus e ir para a escola depois que ele

descobrisse o que havia acontecido com Carrie. Ele apertava minha mão com força, para me tranquilizar que essa *nossa* criança ia viver!

– Pare de ficar tão preocupada, Cathy – Chris disse, enquanto colocava um braço em torno de mim e minha cabeça repousava em seu ombro. – Você sabe como Carrie é. Ela provavelmente está se escondendo e simplesmente não quer responder. Lembra-se de como ela ficava no sótão? Ela não ficava lá, nem mesmo quando Cory queria. Carrie saía para brincar sozinha. Ela não fugiu, ficaria com medo demais do escuro. Está escondida em algum lugar. Alguém fez algo que a magoou e ela os está punindo, deixando que se preocupem. Ela não iria enfrentar o mundo, sozinha, na calada da noite.

Calada da noite! Oh, Deus! Desejei que Chris não tivesse mencionado o sótão, onde Cory quase tinha morrido em um baú, antes que ele fosse se encontrar com papai lá no céu.

Chris beijou meu rosto e enxugou minhas lágrimas.

– Vamos, não chore. Eu usei as palavras erradas. Ela vai ficar bem.

– Como assim você não sabe onde ela está? – disparou Paul em um tom de voz alto, enquanto olhava friamente para a senhorita Dewhurst. – Era de meu entendimento que as meninas nessa escola eram devidamente fiscalizadas 24 horas por dia!

Estávamos no escritório elegante da Srta. Emily Dean Dewhurst. Ela não estava sentada atrás de sua impressionante e grande mesa, mas andando inquieta pela sala.

– Realmente, Dr. Sheffield, nada assim nos aconteceu antes. Nunca *perdemos* uma menina. Fazemos uma verificação nos quartos, todas as noites, para ver se as meninas estão deitadas em suas camas, com as luzes apagadas, e Carrie estava em sua cama. Eu mesma fui até ela, querendo confortá-la, se ela me deixasse, mas ela se recusou a olhar para mim ou falar. Claro que tudo começou com a briga no quarto de sua tutelada e os deméritos que resultaram na sua perda das saídas no fim de semana. Cada membro da escola me ajudou a procurar, e perguntamos às nossas

meninas, que afirmam não saber nada sobre isso... Imagino que elas saibam, mas se não vão falar, eu não sei o que fazer.

– Por que você não me avisou quando descobriu que ela havia desaparecido? – perguntou Paul.

Então eu os interrompi e pedi para ser levada ao quarto de Carrie. A senhorita Dewhurst virou-se avidamente para mim, ansiosa para escapar da ira do médico. Enquanto nós três a seguíamos até as escadas, ela desfiou uma longa lista de desculpas por isso, para que entendêssemos como era difícil lidar com tantas meninas travessas. Quando finalmente entramos no quarto de Carrie, várias alunas nos seguiram, sussurrando entre elas sobre o quanto Chris e eu nos parecíamos com Carrie, só que não éramos “tão assustadoramente pequenos”.

Chris virou-se para fazer uma cara feia para elas.

– Não é de admirar que ela odeie isso aqui, se vocês podem dizer coisas assim! – Então assegurou: – Nós vamos encontrá-la. Mesmo se tivermos que ficar aqui a semana inteira e torturar cada uma dessas bruxinhas, nós vamos obrigá-las a nos dizer onde ela está.

– Jovem – disparou a senhorita Dewhurst –, ninguém tortura as minhas meninas, a não ser eu!

Eu conhecia Carrie melhor do que ninguém e tentei pensar como ela. Agora, se eu fosse da idade de Carrie, tentaria escapar de uma escola que havia injustamente me impedido de ir para casa? Sim! *Eu* faria exatamente isso. Mas eu não era Carrie; eu não iria fugir vestindo apenas uma camisola. Todos os seus pequenos uniformes estavam lá, costurados especialmente por Henny, e seus pequenos suéteres, saias, blusas e vestidos bonitos, tudo lá. Tudo o que ela havia trazido para a escola estava em seu devido lugar. Somente os bonecos de porcelana estavam faltando.

Ainda de joelhos diante da cômoda de Carrie, sentei-me sobre os meus calcanhares, olhei para Paul e mostrei-lhe a caixa que não continha nada além de enchimento de algodão e pedaços de madeira.

– Os bonecos dela não estão aqui – eu disse de forma monótona, sem compreender em absoluto a presença das varetas –,

e até onde posso ver, a única peça de roupa que está faltando é uma de suas camisolas. Carrie não iria sair vestindo apenas sua camisola. Ela tem que estar aqui! Em algum lugar onde ninguém olhou.

– Procuramos em *todos* os lugares! – a senhorita Dewhurst falou impaciente, como se eu não tivesse direito nenhum sobre Carrie para falar sobre isso, mas apenas o guardião, o médico, cujas boas graças ela procurava mesmo quando Paul se virava para ela e lhe dava outro de seus olhares severos e duros.

Por alguma razão que não posso explicar, virei minha cabeça e vi uma expressão culpada, de “gato-que-comeu-o-canário”, no rosto pálido e doentio de uma menina magra de cabelos frisados, cor ferrugem, que eu detestava somente de ouvir o pouco que Carrie tinha me contado sobre sua companheira de quarto. Talvez fossem apenas seus olhos, ou a forma como ela continuou a tocar o grande bolso quadrado de seu avental de organdi, que me fez estreitar meus próprios olhos enquanto tentava perscrutar as profundezas dos dela. Ela empalideceu e virou seus olhos verdes para as janelas, movendo os pés de forma inquieta, e rapidamente tirou a mão do bolso. Era um bolso forrado e estava misteriosamente cheio.

– Você – eu disse –, você é a companheira de quarto de Carrie, não é?

– Eu era – ela murmurou.

– O que é que você tem no seu bolso?

Sua cabeça virou-se na minha direção. Seus olhos emitiram faíscas verdes, enquanto os músculos perto dos lábios tremeram.

– Não é da sua conta!

– Senhorita Towers! – a senhorita Dewhurst disse severamente.

– Responda à pergunta da senhorita Dollanganger!

– É minha bolsa – disse Sissy Towers, olhando para mim desafiadoramente.

– É uma bolsa muito cheia – eu disse, e de repente pulei para frente e agarrei Sissy pelos joelhos. Com a mão livre, enquanto ela lutava e uivava, puxei do bolso um lenço azul. Do lenço caíram o Sr. e a Sra. Parkins e bebê Clara. Segurei os três bonecos de porcelana

na minha mão e a intimei: – O que você está fazendo com os bonecos de minha irmã?

– Eles são meus bonecos! – disse a menina, seus penetrantes olhos estreitando-se até se transformarem em fendas.

As meninas reunidas ao nosso redor começaram a dar risadinhas e a fazer comentários, sussurrando umas com as outras.

– Seus bonecos? Eles pertencem à minha irmã!

– *Você está mentindo!* – ela disparou de volta. – Você está roubando meus bonecos e meu pai pode te prender! Senhorita Dewhurst – ordenou o pequeno demônio, sua mão estendida para os bonecos –, faça essa pessoa me deixar em paz! Eu não gosto dela, assim como não gosto de sua irmã anã!

Fiquei de pé e me ergui ameaçadoramente acima dela. Para proteger os bonecos, coloquei-os atrás das minhas costas. Ela teria que me matar para pegá-los de volta.

– Senhorita Dewhurst! – gritou o duende enquanto me atacava.

– *Minha mamãe e meu papai me deram aqueles bonecos no Natal!*

– Pequeno demônio mentiroso! – eu disse, ansiosa para dar um tapa em seu rosto desafiador. – Você roubou aqueles bonecos e o berço deles de minha irmã. E por causa disso, Carrie está nesse exato momento em grande perigo! – Eu sabia. Eu sentia isso. Carrie precisava de ajuda, e rápido. – Onde está minha irmã? – perguntei, enfurecida.

Olhei fixamente para aquela menina de cabelos vermelhos chamada Sissy, sabendo que ela tinha a resposta, mas que nunca iria me dizer. Isso estava estampado em seus olhos, seus olhos pequenos e rancorosos. Foi então que Lacy St. John falou e nos disse o que tinham feito com Carrie na noite anterior.

Oh, Deus! Não havia nenhum lugar no mundo mais aterrorizante para Carrie do que um telhado – qualquer telhado! Fui levada de volta ao passado, quando Chris e eu tínhamos tentado levar os gêmeos para o telhado de Foxworth Hall a fim de que pudessem tomar um pouco de sol e ar fresco, para que crescessem. E as crianças, aterrorizadas de medo, tinham gritado e nos chutado.

Fechei os olhos com força, concentrando-me totalmente em Carrie. Onde, onde, onde? E por trás de meus olhos, eu a vi

agachada em um canto escuro do que parecia um abismo, pairando, alto, ao seu redor.

– Eu mesma quero inspecionar o sótão – eu disse à senhorita Dewhurst, e ela rapidamente falou que elas já tinham vasculhado o sótão, chamando o nome de Carrie. Mas elas não conheciam Carrie como eu. Elas não sabiam que minha pequena irmã podia se transportar para uma “terra do nunca”, onde não havia palavras, não quando ela estava em estado de choque.

Subi as escadas do sótão com todas as professoras, Chris e Paul atrás de mim. Era bem parecido com o outro, um lugar enorme, empoeirado e mal iluminado. Mas não era cheio de móveis antigos cobertos com lençóis de cor cinza empoeirados ou restos do passado. Aqui havia somente pilhas e pilhas de pesados caixotes de madeira.

Carrie estava aqui. Eu podia sentir isso. Senti sua presença como se ela estendesse a mão e me tocasse, mas, quando olhei ao redor, não vi nada a não ser caixotes.

– Carrie! – eu a chamei o mais alto possível. – Sou eu, Cathy. Não se esconda nem fique quieta por estar com medo! Estou com seus bonecos aqui e o Dr. Paul está comigo, e Chris também. Viemos para levar você para casa, e nunca mais vamos mandar você embora para a escola! – cutuquei Paul. – Agora você pode lhe dizer isso também.

Ele abandonou seu tom de voz suave e gritou:

– Carrie, se você pode me ouvir, é exatamente como sua irmã diz. Nós queremos que você volte para casa com a gente para ficar. Sinto muito, Carrie. Achei que você ia gostar daqui. Agora sei que você não podia ser feliz aqui. Carrie, por favor, venha para fora, nós precisamos de você.

Então pensei ter ouvido um gemido suave. Corri em sua direção, com Chris logo atrás de mim. Eu sabia tudo sobre sótãos, como procurar, como encontrar.

Parei abruptamente e Chris colidiu comigo. Pouco mais à frente, nas sombras escuras criadas pelas torres de pesados caixotes de madeira, ainda de camisola, toda rasgada, suja e sangrando, amordaçada e ainda com os olhos vendados, avistei Carrie. Seu

cabelo loiro esparramado brilhava à luz fraca. Por baixo dela, sua perna estava torcida de forma grotesca.

– Oh, Deus – sussurraram Chris e Paul ao mesmo tempo –, a perna parece quebrada.

– Espere um minuto – Paul advertiu em voz baixa, colocando ambas as mãos sobre meus ombros, quando eu queria correr para a frente sem pensar em mais nada e resgatar Carrie. – Olhe para esses caixotes, Cathy. Apenas um movimento descuidado de sua parte e todos eles vão desabar sobre você e Carrie.

Em algum lugar atrás de mim, uma professora gemeu e começou a rezar. Era algo inacreditável que Carrie tivesse conseguido se arrastar para baixo através da passagem estreita, vendada e com as mãos amarradas. Um adulto não conseguiria fazer isso. Mas eu podia; eu ainda era pequena o suficiente.

Enquanto eu falava, planejava uma maneira de fazer aquilo.

– Carrie, faça exatamente o que eu disser. Não se incline para a direita nem para a esquerda. Deite-se de barriga para baixo, na direção da minha voz. Eu vou rastejar até você e te pegar nos braços. Levante a cabeça bem alto para não arranhar o seu rosto. O Dr. Paul vai agarrar meus tornozelos e puxar nós duas para fora.

– Diga a ela que a perna vai doer.

– Você ouviu o Dr. Paul, Carrie? Sua perna vai doer por causa disso, então, por favor, não se mexa se você sentir dor; tudo vai acabar em um ou dois segundos, e Dr. Paul vai deixar sua perna boa novamente.

Pareceu levar horas até que eu conseguisse me arrastar pelo túnel de caixotes que balançavam e se inclinavam, e, quando eu a agarrei pelos ombros, ouvi Dr. Paul gritar:

– Ok, Cathy!

Então ele nos puxou, rápido e forte! E os caixotes de madeira vieram abaixo! Poeira voou por toda parte. Na confusão, eu estava ao lado de Carrie, removendo a mordaca e a venda nos olhos, enquanto o médico a desamarrava.

E então, Carrie estava agarrada a mim, piscando por causa da luz que incomodava seus olhos, chorando de dor e de medo ao ver as professoras e sua perna tão torta.

Na ambulância que veio para levar Carrie ao hospital, Chris e eu a acompanhamos e compartilhamos o mesmo banco, cada um de nós segurando uma das mãos de Carrie. Paul seguiu em seu carro branco a fim de que, quando chegássemos, ele já estivesse lá para supervisionar o ortopedista que iria tratar da fratura na perna de Carrie. Deitados com o rosto virado para cima, no travesseiro perto de sua cabeça, com sorrisos fixos e corpos rígidos, estavam os três bonecos de Carrie. Foi quando me lembrei. Agora a caminha estava faltando também, exatamente como o berço havia desaparecido há anos.

A perna quebrada de Carrie estragou a viagem que nosso médico tinha planejado para todos nós nas férias de verão. Mais uma vez, fiquei furiosa com mamãe em meu coração. Era culpa dela; sempre éramos punidos pelo que ela causara! Não era justo que Carrie tivesse que ficar de repouso e não pudéssemos fazer a viagem para o Norte, enquanto nossa mãe perambulava para lá e para cá, ia a festas, lado a lado com a alta roda e as estrelas de cinema, como se nós simplesmente não existíssemos! Ela estava na Riviera Francesa agora. Fiquei sabendo disso através de uma nota na coluna social de Greenglenna e a coleí no meu enorme álbum de recortes dedicado à minha vingança. Esse foi um dos artigos que mostrei a Chris antes de colocá-lo no álbum. Eu não lhe mostrava todos. Era melhor ele não saber que eu assinava o jornal da Virgínia, que informava tudo o que os Foxworths faziam.

– Onde você conseguiu isso? – ele interrogou, erguendo os olhos do recorte que devolveu para mim.

– O jornal de Greenglenna. Está mais interessado com a alta sociedade do que o *Daily News* de Clairmont. Nossa mãe é uma celebridade, você não sabia?

– Eu tento esquecer, ao contrário de você! – ele disse bruscamente. – Não estamos tão mal agora, não é? Temos sorte de estar com Paul, e a perna de Carrie vai se curar e ficar tão boa quanto sempre foi. E haverá outros verões, quando poderemos ir para a Nova Inglaterra.

Como ele sabia disso? Nada era oferecido duas vezes. Talvez em outros verões estivéssemos muito ocupados ou Paul estaria.

– Você percebe, sendo um “quase” doutor, que a perna dela pode não crescer enquanto estiver engessada?

Ele parecia estranhamente pouco à vontade.

– Se ela crescesse como as crianças normais, eu acho que poderia haver esse risco. Mas, Cathy, ela não cresce muito, por isso há pouca chance de que uma perna seja mais curta do que a outra.

– Oh, vá enfiar o nariz na *Anatomia de Gray*!¹ – esbravejei, com raiva, porque ele sempre fazia pouco de qualquer coisa que eu dissesse que era culpa de mamãe. Ele sabia por que Carrie não crescera tão bem quanto eu. Privada de amor, da luz do sol e de liberdade, era um milagre que ela tivesse sobrevivido! E havia o arsênico também! Que mamãe fosse para o inferno!

Dia a dia, cuidadosamente, eu aumentava a minha coleção de recortes de notícias e fotografias desfocadas cortadas de muitos jornais. Era nisso que eu gastava a maior parte do meu dinheiro extra.

Embora eu olhasse para todos os retratos de mamãe com raiva e ódio, eu via seu marido com admiração. Ele era muito bonito, com uma constituição jovem e robusta, alto, esbelto e bronzeado. Olhei para a fotografia que o mostrava levantando uma taça de champanhe enquanto ele brindava à sua esposa no seu segundo aniversário de casamento.

Decidi escrever um curto bilhete à mamãe naquela noite. Enviado por correio expresso, ele chegaria em suas mãos.

Cara Sra. Winslow,

Como eu me lembro bem do verão de sua lua de mel. Foi um maravilhoso verão, tão agradavelmente fresco nas montanhas em um quarto trancado com janelas que nunca eram abertas.

Parabéns e os meus melhores votos, Sra. Winslow, e eu espero que todos os seus futuros verões, invernos, primaveras e outonos sejam assombrados pela lembrança do tipo de verões, invernos, primaveras e verões que seus bonecos de Dresden costumavam ter.

*Não mais seus,
O boneco-médico,
A boneca-bailarina,
A boneca rezando-para-crescer,
E o boneco morto.*

Corri para postar a carta e, assim que a deixei cair na caixa do correio, na esquina, desejei poder tê-la de volta. Chris me odiaria por fazer isso.

Choveu naquela noite e me levantei para ver a tempestade. Lágrimas desciam de meu rosto, como a chuva descendo pelo vidro da janela. Era sábado, então Chris estava em casa. Ele estava lá fora, na varanda, deixando que o vento e a chuva molhassem seu pijama, colando-o à sua pele.

Ele me viu ao mesmo tempo em que o vi, e entrou no meu quarto sem dizer uma palavra. Abraçamo-nos, eu chorando e ele se esforçando para não chorar. Eu queria que ele fosse embora, mesmo enquanto o abraçava apertado e chorava em seu ombro.

– Por que, Cathy, por que todas essas lágrimas? – ele perguntou enquanto eu chorava sem parar.

– Chris, você não *a* ama mais, não é?

Ele hesitou antes de responder. Isso fez meu sangue ferver de raiva.

– *Você a ama!* – gritei. – Como você pode amá-la depois do que ela fez com Cory e Carrie? Chris, o que há de errado com você para continuar a amá-la, quando você deveria odiá-la como eu?

Ainda assim, ele não disse nada. E o seu próprio silêncio me deu a resposta. Ele continuava a amá-la porque ele tinha que fazer isso para continuar me amando. Toda vez que olhava em meu rosto ele a via, do jeito que ela tinha sido na juventude. Chris era exatamente como papai, que também tinha sido vulnerável ao tipo de beleza que eu possuía. Mas era apenas uma semelhança superficial. Eu não era fraca! Eu tinha aptidões! Eu podia pensar em mil maneiras de ganhar a vida, ao invés de trancar os meus quatro filhos em um

quarto miserável e deixá-los aos cuidados de uma velha malvada que queria vê-los sofrer por pecados que nem sequer eram deles!

Enquanto eu ruminava pensamentos de vingança e fazia meus planos para arruinar a vida dela quando pudesse, Chris estava me beijando ternamente. Eu nem tinha notado.

– Pare! – gritei, quando senti seus lábios pressionando os meus.
– Me deixe em paz! Você não me ama como eu quero ser amada, pelo que sou. Você me ama porque meu rosto é parecido com o dela! Às vezes eu odeio o meu rosto!

Ele parecia terrivelmente magoado quando recuou em direção à porta.

– Eu só estava tentando consolar você – ele disse com a voz sufocada. – Não transforme isso em algo feio.

Meu medo de que a perna de Carrie ficasse mais curta do que a outra mostrou-se infundado. Pouco depois que sua perna foi libertada do gesso, ela estava andando, tão bem como sempre tinha andado.

Com a chegada do outono, Chris, Paul e eu conversamos e decidimos que uma escola pública, de onde Carrie poderia vir para casa toda tarde, seria melhor para ela depois de tudo o que acontecera. Tudo o que ela tinha que fazer era pegar um ônibus a três quarteirões de casa; o mesmo ônibus iria trazê-la de volta às três da tarde. Na grande cozinha da casa de Paul, ela ficaria com Henny enquanto eu ia à aula de balé.

Setembro logo chegou, então novembro passou, e Carrie ainda não tinha feito um único amigo. Ela queria desesperadamente se enturmar, mas era sempre uma estranha. Queria alguém tão querido quanto uma irmã, mas encontrou apenas suspeitas, hostilidade e zombaria. Parecia que Carrie estava destinada a percorrer os longos corredores daquela escola para sempre antes de encontrar um amigo.

– Cathy – ela me dizia –, ninguém gosta de mim.

– Eles vão gostar. Mais cedo ou mais tarde eles vão saber como você é doce e maravilhosa. E você tem a todos nós, que a amamos e admiramos, por isso não deixe os outros preocuparem você. O que eles pensam não é importante!

Ela suspirou, por que ela se importava, ela realmente se importava!

Carrie dormia em sua cama de solteiro colada junto à minha, e todas as noites eu a vi se ajoelhar ao lado da cama, colocar suas pequenas mãos juntas sob o queixo e, abaixando a cabeça, orar:

– E, por favor, Deus, deixe-me encontrar minha mãe novamente. Minha mãe de verdade. E acima de tudo, Senhor Deus, deixe-me crescer um pouco mais. Você não precisa me fazer tão alta quanto mamãe, mas quase tão alta quanto Cathy, por favor, Deus, por favor, por favor.

Deitada na minha cama e ouvindo isso, eu olhava tristemente para o teto e odiava mamãe, realmente desprezando-a e detestando-a! Como Carrie ainda podia amar uma mãe que tinha sido tão cruel? Chris e eu tínhamos feito a coisa certa em poupá-la da verdade sombria de como a nossa própria mãe tinha tentado nos matar? Que ela havia sido a causa de Carrie ser tão pequena como era?

Carrie atribuía toda a sua infelicidade e solidão à sua pequena estatura. Ela sabia que tinha um rosto bonito e um cabelo maravilhoso, mas o que eles importavam quando estavam em uma cabeça muito grande para o corpinho magro? A beleza de Carrie de nada adiantava para obter amigos e admiração, era exatamente o oposto. “Rosto de boneca, cabelo de anjo. Ei, você, baixinha, ou você é uma anã? Você vai se juntar a um circo e será a menor aberração?”. E ela corria para casa, os três quarteirões de distância do ponto de ônibus, assustada e chorando, novamente atormentada por crianças sem sensibilidade.

– Eu não sou boa, Cathy! – ela chorava com o rosto enterrado no meu colo. – Ninguém gosta de mim. Eles não gostam do meu corpo porque é muito pequeno, e eles não gostam da minha cabeça porque é muito grande, e eles nem sequer gostam do que é bonito em mim, porque acham que é um desperdício em alguém tão pequeno como eu!

Eu dizia tudo o que podia para consolá-la, mas me sentia muito incômoda. Sabia que ela observava cada movimento meu e comparava minhas proporções com as dela. Ela percebeu que eu era muito bem proporcionada e como era grotesca a sua constituição.

Se eu pudesse ter dado a ela uma parte da minha altura, eu o teria feito de bom grado. Em vez disso, dei-lhe as minhas orações. Noite após noite, eu também ficava de joelhos e orava a Deus:

– Por favor, faça com que Carrie cresça! Por favor, Deus, ela é tão jovem, e isso dói tanto nela, e ela passou por tanta coisa. Seja gentil. Olhe para baixo, Deus! Veja-nos! Ouça-nos!

Uma tarde, Carrie foi até a única pessoa que podia lhe dar quase tudo – por que não o tamanho?

Paul estava sentado na varanda dos fundos, bebendo vinho e comendo queijo e biscoitos. Eu estava na aula de balé, então apenas ouvi a versão de Paul do que acontecera.

– Ela veio até mim, Cathy, e perguntou se eu não tinha uma máquina de alongamento para esticá-la mais um pouco.

Suspirei quando ele me contou isso.

– “Se eu tivesse uma máquina desse tipo”, eu disse a ela – e eu sabia que ele tinha dito isso com amor, bondade e compreensão, não com crueldade –, “seria um processo muito doloroso. Tenha paciência, querida, você é mais alta do que você era quando chegou aqui. O tempo vai fazer você crescer. Por que eu já vi crianças menores de repente crescerem do dia para a noite, depois de atingirem a puberdade”. Ela olhou para mim com aqueles grandes olhos azuis assombrados e vi sua decepção. Eu havia falhado com ela. Percebi isso pelo modo como ela caminhou para fora com os ombros caídos e sua cabeça virada para baixo. Suas esperanças devem ter sido grandes quando essas crianças cruéis em sua escola disseram a ela para encontrar uma “máquina de alongar”.

– Não há nada que a medicina moderna possa fazer para ajudá-la a crescer? – perguntei a Paul.

– Estou pesquisando isso – ele disse com voz firme. – Eu daria minha alma para ver Carrie alcançar a altura que ela quer. Eu lhe daria centímetros de minha altura, se eu pudesse.

1 *Henry Gray's Anatomy of the Human Body*, geralmente referida como *Gray's Anatomy* ("Anatomia de Gray"), é uma obra reconhecida como um clássico sobre anatomia humana. (N.E.)

SOMBRAS DE MAMÃE



Nós já estávamos morando com o nosso médico há um ano e meio, e que dias divertidos e desconcertantes tinham sido! Eu era como uma toupeira, que sai das trevas apenas para descobrir que os dias brilhantes não eram exatamente como eu os havia imaginado.

Eu pensei que quando estivéssemos livres de Foxworth Hall e eu fosse quase adulta, a vida me levaria por um caminho direto para a fama, fortuna e felicidade. Eu tinha o talento; eu via isso nos olhos cheios de admiração de Madame e Georges. Madame, especialmente, criticava cada pequena falha de técnica, de controle. Toda crítica me dizia que eu merecia todos os seus esforços para me tornar não só uma excelente dançarina, mas uma bailarina excepcional.

Durante as férias de verão, Chris arranhou um emprego como garçom em um café, das sete da manhã às sete da noite. Em agosto, ele iria voltar para a Universidade Duke, onde iria começar o segundo ano de estudos. Carrie passava seu tempo brincando no balanço e com seus brinquedos de menina, embora ela tivesse dez anos agora e estivesse passando da idade de brincar com bonecas. Eu passava cinco dias por semana na aula de balé, e metade de sábado. Minha irmãzinha era como uma sombra atrás de mim quando eu estava em casa. Quando não estava, ela era a sombra de Henny. Ela precisava de companhia de sua própria idade, mas não

conseguia encontrar uma. Tinha apenas os bonecos de porcelana em quem confiar, agora que se sentia crescida demais para agir como um bebê comigo e com Chris, e de repente ela parou de reclamar sobre seu tamanho. Mas seus olhos, aqueles olhos tristes e ansiosos, diziam que ela desejava ser tão alta como as meninas que víamos andando nos shoppings.

A solidão de Carrie doía tanto que eu pensei novamente em mamãe e desejei que ela fosse para o inferno, por todo o sempre! Desejei que ela fosse pendurada sobre os fogos eternos por seus tornozelos e fosse cutucada por diabinhos com lanças.

Mais e mais frequentemente eu escrevia pequenos bilhetes para mamãe, para atormentar sua vida ensolarada, onde quer que ela estivesse. Ela nunca ficava em um lugar tempo suficiente para receber minhas cartas, ou se as recebia, não respondia. Esperei que as cartas voltassem carimbadas com ENDEREÇO DESCONHECIDO no envelope, mas isso nunca aconteceu.

Toda noite eu lia o jornal de Greenglenna cuidadosamente, tentando descobrir exatamente o que minha mãe estava fazendo e onde ela estava. Às vezes, havia uma notícia.

A Sra. Bartholomew Winslow deixou Paris e voou para Roma para visitar o novo costureiro chique da Itália. Eu recortei aquela notícia e acrescentei-a ao meu álbum de recortes. Oh, o que eu faria quando me encontrasse com ela! Mais cedo ou mais tarde, ela teria que vir para Greenglenna e viver na casa de Bart, que tinha sido recentemente reformada, remodelada e redecorada. Olhei durante muito tempo para a fotografia, que não era nada lisonjeira. Isso era incomum. Habitualmente, ela dava um sorriso brilhante para mostrar ao mundo o quão feliz era e quão contente estava com a vida que levava.

Chris partiu em agosto, duas semanas antes que eu voltasse para a escola. No final de janeiro eu iria me formar. Mal podia esperar para terminar o Ensino Médio, então eu estudava como louca.

Os dias de outono passaram rapidamente; rápido demais, em contraste com outros outonos, quando o tempo havia se arrastado monotonamente enquanto nós ficávamos mais velhos e nossa juventude era roubada de nós. Manter o controle das atividades da minha mãe já tomava muito do meu tempo, e então, quando eu realmente comecei a desenterrar coisas sobre a história da família de Bart, usei mais do meu precioso tempo.

Em Greenglenna, debrucei-me durante horas sobre livros antigos, escritos sobre as famílias fundadoras da cidade. Seus antepassados tinham chegado quase ao mesmo tempo que os meus, no século XVIII, e eles também tinham vindo da Inglaterra, estabelecendo-se na Virgínia, na parte que era agora a Carolina do Norte. Levantei os olhos e olhei para o espaço. Era apenas uma coincidência que os antepassados dele e os meus tivessem sido parte da “Colônia Perdida”?¹ Alguns dos maridos tinham navegado de volta para a Inglaterra a fim de obter mais suprimentos, apenas para retornar algum tempo depois e encontrar sua colônia abandonada, sem um único sobrevivente para contar o que acontecera. Após a Revolução, os Winslow haviam se mudado para a Carolina do Sul. Que estranho! Agora os Foxworths também estavam na Carolina do Sul.

Não se passava um único dia sem que eu comprasse algo e passeasse pelas ruas movimentadas de Greenglenna e não esperasse encontrar minha mãe. Eu observava todas as mulheres loiras que via. Ia a lojas caras, procurando por ela. As vendedoras esnobes vinham atrás de mim silenciosamente e perguntavam se podiam me ajudar em alguma coisa. É claro que não podiam ajudar. Eu estava procurando minha mãe, e ela não estava pendurada em um cabideiro de roupas. Mas ela estava na cidade! A coluna social tinha me dado essa informação. Qualquer dia eu a veria!

Em um sábado de sol, eu estava correndo para fazer algo que Madame Marisha me pedira quando, de repente, avistei na calçada à minha frente um homem e uma mulher tão familiares que meu coração quase parou de bater! Eram eles! Apenas o fato de vê-la passeando tão casualmente ao lado dele, se divertindo, me colocou

em um estado de pânico! Bile azeda subiu à minha garganta. Eu me atrevi a chegar mais perto, até estar muito próxima, atrás deles. Se ela se virasse, com certeza me veria – e o que eu faria então? Cuspiria no seu rosto? Sim, eu gostaria de fazer isso. Eu poderia derrubá-la e fazê-la cair e vê-la perder sua dignidade. Isso seria bom. Mas eu não fiz nada, a não ser tremer e me sentir mal enquanto os ouvia conversarem.

A voz dela era tão suave e doce, tão educada e gentil. Fiquei maravilhada ao ver como ela ainda era esbelta, como era adorável seu cabelo loiro e brilhante, que ondeava suavemente em volta de seu rosto. Quando ela virou a cabeça para falar novamente com o homem ao seu lado, eu vi seu perfil. Suspirei. Oh, Deus, minha mãe, usando um terninho caro, cor-de-rosa. A bela mãe que eu tanto tinha amado. Minha mãe assassina, que ainda podia tocar meu coração e torcê-lo até deixa-lo ressecado, a quem uma vez eu amei e confiei... E dentro de mim ainda estava aquela menininha, como Carrie, que ainda queria uma mãe para amar.

Por que, mamãe? Por que você tinha que amar o dinheiro mais do que amava seus filhos?

Sufoquei o soluço que ela poderia ter ouvido. Minhas emoções estavam fora de controle. Queria correr até ela e gritar acusações na presença de seu marido, chocando-o e aterrorizando-a! Eu também queria correr até ela e colocar meus braços ao seu redor, gritar seu nome e implorar que ela me amasse novamente. Mas todas as emoções tempestuosas que senti foram submergidas por uma onda de rancor e vingança. Não a abordei, pois não estava pronta para enfrentá-la ainda. Eu não era rica ou famosa. Eu não era ninguém especial e ela ainda era uma grande beleza, uma das mulheres mais ricas da região e também uma das mais bem-sucedidas.

Eu ousei muito nesse dia, mas eles não se viraram para olhar para mim. Minha mãe não era do tipo que olhava para trás ou fixava o olhar em transeuntes. Ela estava acostumada a ser a única que atraía todos os olhares admirados. Como uma rainha entre camponeses, passeava como se não houvesse mais ninguém na rua, exceto ela e seu jovem marido.

Quando me cansei de vê-la, olhei para o seu marido e apreciei o tipo especial de beleza viril, felina, que era a dele. Ele já não ostentava um enorme e espesso bigode. Seu cabelo escuro estava penteado suavemente para trás e tinha sido bem ajustado ao corte da moda. Ele me lembrou um pouco de Julian.

As palavras que minha mãe e seu marido trocaram não foram particularmente reveladoras. Eles estavam discutindo em qual restaurante deviam jantar, e se ele achava que os móveis que tinham comprado essa tarde poderiam ter sido melhores se os tivessem comprado em Nova York.

– Eu realmente adoro o armário que escolhemos – ela disse, em uma voz que me levou de volta à minha infância. – Ele me lembra muito de um que comprei pouco antes de Chris morrer.

Oh, sim. Aquele armário tinha custado 2500 dólares e era bem necessário para equilibrar uma extremidade da sala de estar. Então papai morreu na rodovia e tudo que não tinha sido pago foi retomado, incluindo o armário.

Eu os segui aonde eles me levaram, desafiando o destino para que me vissem. Eles estavam aqui, vivendo na casa de Bart Winslow. Enquanto eu os seguia, cheia de planos vingativos, desprezando-a, admirando-a, eu tramava de que forma poderia feri-la mais. E o que fiz? Eu me acovardei! Não fiz nada, absolutamente nada! Furiosa comigo mesma, fui para casa e fiquei na frente do espelho, me odiando, odiando minha imagem porque eu era igualzinha a ela! Maldita seja! Peguei um grande peso de papel da pequena e especial escrivania em estilo francês colonial que Paul tinha me dado e arremessei-o contra o espelho! *Veja só, mamãe! Agora você está quebrada em mil pedacinhos! Sumiu! Sumiu! Sumiu!* Então eu estava chorando, e mais tarde um homem veio e substituiu o vidro na moldura. Tola, era isso o que eu era. Agora eu havia desperdiçado um pouco do dinheiro que estava planejando usar para comprar um presente maravilhoso para o aniversário de 42 anos de Paul.

Algum dia me vingaria, e de um modo que eu não ficasse ferida. Seria mais do que apenas um espelho quebrado. Muito, muito mais.

1 A Colônia de Roanoke, na ilha de mesmo nome, na atual Carolina do Norte, foi um empreendimento financiado e organizado por Sir Walter Raleigh, em fins do século XVI, para estabelecer um assentamento inglês permanente na colônia da Virgínia. Entre 1585 e 1587, grupos de colonos foram deixados ali com este intuito, mas todos abandonaram a colônia ou desapareceram. O último grupo desapareceu após um período de três anos sem receberem suprimentos da Inglaterra, o que levou ao surgimento de um mistério que perdura até os dias de hoje, conhecido como "The Lost Colony" ("A Colônia Perdida"). (N.T.)

UM PRESENTE DE ANIVERSÁRIO



Convenções médicas arruinaram muitos dos meus planos, bem como os pacientes. Nesse dia eu faltei pela primeira vez a uma aula de balé para correr direto do colégio para casa. Encontrei Henny na cozinha, trabalhando arduamente sobre um cardápio *gourmet* que eu havia planejado – todos os pratos favoritos de Paul. *Jambalaya*¹ no estilo *creole*² com camarão, carne de caranguejo, arroz, pimentões verdes, cebola, alho, cogumelos e tantas outras coisas que eu pensei que nunca ia terminar de medir meia colher de chá disso e daquilo. Em seguida, todos os cogumelos e outros legumes tinham de ser salteados na manteiga. Era um prato problemático que eu provavelmente não faria novamente.

Quando ele estava no forno, comecei a fazer o bolo. O primeiro afundou no meio e não cresceu. Cobri o buraco com uma espessa camada de glacê e dei para as crianças do bairro. Henny se movimentava e se agitava ao meu redor, balançando a cabeça e me dando olhares críticos.

Eu estava espremendo a última rosa de glacê quando Chris entrou pela porta de trás trazendo seu presente.

– Estou atrasado? – ele perguntou, ofegante. – Eu só posso ficar até as nove horas; tenho que estar de volta a Duke antes da chamada.

– Você chegou na hora – eu disse, toda suada e ansiosa para ir lá para cima tomar banho e me vestir. – Você coloca a mesa enquanto Henny termina a salada.

Isso estava abaixo de sua dignidade, é claro, colocar a mesa, mas pelo menos dessa vez ele fez o que pedi sem reclamar.

Lavei meus cabelos e enrolei-os em bobs, pintei as unhas das mãos e dos pés com um esmalte cor-de-rosa prateado brilhante. Coloquei maquiagem no rosto com a expertise de horas de prática e longas consultas com Madame Marisha e com as vendedoras do setor de produtos de beleza nas lojas de departamento. Quando acabei, ninguém teria imaginado que eu tinha apenas 17 anos. Desci as escadas como se flutuasse, encantada pela admiração que brilhava nos olhos de meu irmão, pela inveja de Carrie e por um grande sorriso que dividia o rosto de Henny de orelha a orelha.

Exigente com os detalhes, arrumei a mesa novamente, mudando de lugar as línguas-de-sogra, os estalos e os chapéus de palhaço coloridos, feitos de papel. Chris encheu alguns balões e pendurou-os no lustre. E então todos nós nos sentamos para esperar que Paul chegasse e desfrutasse de sua “festa surpresa”.

Quando ele não apareceu e as horas passavam, comecei a andar de um lado a outro, como mamãe tinha feito na festa de aniversário de 36 anos de papai, quando ele nunca mais voltou para casa.

Finalmente Chris teve que sair. Então Carrie começou a bocejar e reclamar. Nós demos comida a ela e deixamos que fosse para a cama. Ela dormia em seu próprio quarto agora, especialmente decorado em roxo e vermelho. Então, ficamos apenas Henny e eu assistindo TV com a comida *creole* mantida aquecida e finalmente ressecando, e nossa salada foi murchando, até que Henny bocejou e foi para o seu quarto. Fiquei sozinha, andando para lá e para cá, preocupada, a minha festa em ruínas.

Às dez horas, eu ouvi o barulho do carro de Paul estacionando na frente de casa, e ele entrou pela porta dos fundos, trazendo com ele as duas malas que tinha levado para Chicago. Cumprimentou-me rapidamente antes que percebesse meu traje de gala.

– Ei... – ele disse, lançando um olhar desconfiado para a sala de jantar e vendo as decorações da festa –, será que eu de alguma

forma consegui estragar algo que você tinha planejado?

Ele não estava nem um pouco preocupado pelo fato de estar três horas atrasado, tanto que eu poderia tê-lo matado se não o amasse tanto. Como todos aqueles que sempre tentam esconder a verdade, eu o ataquei:

– Por que você tinha que ir a essa convenção médica, afinal? Você deveria saber que tínhamos planos especiais para seu aniversário! E aí você liga e diz a que horas vai chegar, e então chega com três horas de atraso!

– Meu voo estava atrasado... – ele começou a explicar.

– Eu trabalhei que nem uma escrava para fazer um bolo para você, igualzinho ao da sua mãe – eu o interrompi –, *e aí você não aparece!* – Passei por ele e tirei a caçarola do forno.

– Estou faminto – Paul disse humildemente, desculpando-se. – Se você não comeu, poderíamos muito bem aproveitar o que poderia ter sido uma ocasião feliz muito festiva. Tenha compaixão de mim, Cathy. Eu não controlo o tempo.

Balancei a cabeça com severidade, para indicar que eu tinha pelo menos um pouco de compreensão. Ele sorriu e tocou levemente o meu rosto com as costas da mão.

– Você está absolutamente maravilhosa – ele respirou suavemente –, então desenrue a testa e prepare as coisas, e eu estarei de volta aqui embaixo em dez minutos.

Em dez minutos, ele havia tomado banho, raspado a barba e colocado roupas limpas. À luz de quatro velas nós dois nos acomodamos à mesa de jantar, eu sentada à sua esquerda. Eu tinha planejado essa refeição para que não fosse preciso me levantar para servi-lo. Tudo o que era necessário foi colocado sobre um carrinho de servir. Os pratos que tinham que ser servidos quentes estavam dentro de aparelhos aquecedores elétricos, e o champanhe estava gelando em um balde.

– O champanhe é presente de Chris – expliquei. – Ele desenvolveu certo gosto por champanhe.

Ele levantou a garrafa do gelo e olhou para o rótulo.

– É um bom ano e deve ter custado caro; seu irmão desenvolveu gostos refinados.

Nós comemos devagar, e parecia que sempre que eu levantava meus olhos, encontrava os dele. Ele havia chegado em casa parecendo cansado, com as roupas amassadas; agora parecia estar completamente renovado. Ele havia ficado fora por duas longas semanas. Semanas mortas que me fizeram sentir falta de sua presença junto à porta aberta do meu quarto enquanto eu praticava na barra, fazendo meus exercícios de aquecimento antes do café da manhã, ouvindo belas músicas que faziam minha alma voar alto.

Quando a nossa refeição acabou, corri para a cozinha, e então deslizei de volta trazendo um lindo bolo de coco com velas verdes em miniatura aninhadas em rosas vermelhas feitas de glacê. Na parte de cima eu havia escrito, tão habilmente quanto pude com o glacê de confeitiro, *Feliz aniversário, Paul*.

– O que você acha? – Paul perguntou depois que assoprou as velas.

– Acho sobre o quê? – perguntei, cuidadosamente colocando o bolo na mesa, o bolo que continha 26 velas, pois essa era a idade que ele parecia ter para mim e a idade que eu queria que ele tivesse. Eu me sentia demasiado adolescente, andando no mundo adulto feito de areia movediça. Meu vestido curto, formal, era de *chiffon* cor de fogo, com alças finas e um grande decote. Mas, se as minhas tentativas de parecer sofisticada tinham sido bem-sucedidas, por dentro eu estava atordoada, enquanto tentava desempenhar o papel de sedutora.

– Meu bigode. Certamente você já reparou. Você está olhando para ele há meia hora.

– É legal – gaguejei, ficando tão vermelha quanto o meu vestido.
– Fica bem em você.

– Veja bem, desde que você chegou, você vem insinuando como eu ficaria muito mais bonito e atraente de bigode. E agora que eu me dei ao trabalho de deixar um crescer, você vem e me diz que é *legal*. “Legal” é uma palavra tão inexpressiva, Catherine.

– É que você... você fica tão bonito assim – eu gaguejei – que eu não consigo encontrar palavras, somente as inexpressivas. Receio que Thelma Murkel já tenha usado todas as palavras expressivas para elogiar você.

– Como diabos você sabe sobre ela? – ele disparou, enquanto estreitava os olhos bonitos.

Puxa, ele devia saber – fofocas –, e então eu disse a ele:

– Eu fui àquele hospital onde Thelma Murkel é a enfermeira-chefe do terceiro andar. E eu me sentei perto do posto das enfermeiras e a observei por algumas horas. Na minha opinião, ela não é tão bonita, apenas apresentável, e me pareceu ser terrivelmente mandona. E ela flerta com todos os médicos, caso você não saiba disso.

Eu o deixei rindo com os olhos iluminados. Thelma Murkel era uma enfermeira-chefe no Clairmont Memorial Hospital e todos lá pareciam saber que ela estava determinada a se tornar a segunda Sra. Paul Scott Sheffield. Mas ela era apenas uma enfermeira usando um uniforme branco e estéril, a quilômetros de distância, e eu estava debaixo do nariz dele, com o meu novo perfume inebriante fazendo cócegas em seus sentidos (como o anúncio dizia, um aroma fascinante, encantador, sedutor, a que nenhum homem podia resistir). Que chance Thelma Murkel tinha, aos 29 anos de idade, quando comparada a mim?

Eu estava tonta por causa das três taças da champanhe importada de Chris e meio sonolenta quando Paul começou a abrir os presentes que Carrie, Chris e eu tínhamos economizado para comprar para ele. Eu havia bordado uma tapeçaria de sua casa branca, com árvores aparecendo acima do telhado e uma parte da parede lateral de tijolos mostrando algumas das flores. Chris havia feito o desenho para mim e eu tinha trabalhado muitas horas para deixá-lo perfeito.

– É uma belíssima obra de arte! – ele disse, impressionado. Eu não podia deixar de pensar na avó, e como ela cruelmente havia rejeitado nosso enfadonho e esperançoso gesto para tentar ganhar sua amizade. – Muito obrigado, Catherine, por pensar tanto em mim. Vou pendurá-lo em meu escritório, onde todos os meus pacientes poderão vê-lo.

Lágrimas inundaram meus olhos, manchando meu rímel, enquanto eu furtivamente tentava limpar o rosto, antes que ele percebesse que não era apenas a luz de velas que me fazia parecer

bela, mas três horas de preparação. Ele não percebeu as lágrimas ou o lenço que tirei do decote do meu vestido; ainda estava admirando os pontos da pequena tapeçaria que eu tão cuidadosamente havia bordado. Ele colocou o presente de lado, capturou meu olhar com seus olhos brilhantes e se pôs de pé para me ajudar a levantar.

– É uma noite bonita demais para ir para a cama – ele disse ao olhar para o relógio. – Estou com vontade de caminhar no jardim ao luar. Você já teve desejos assim?

Desejos? Eu era feita de desejos, metade deles de adolescente e muito fantasiosos para se tornarem realidade. No entanto, enquanto eu passeava ao lado dele através da magia de seu jardim japonês e sobre a pequena ponte de laca vermelha, e enquanto subíamos os degraus de mármore e caminhávamos de mãos dadas, senti que nós dois havíamos entrado em uma mágica terra do nunca. Eram as estatuetas de mármore, é claro, estátuas de mármore de tamanho real em pé na sua nudez fria e perfeita.

A brisa estava soprando o musgo espanhol, e Paul teve que se agachar para não ser atingido, enquanto eu podia ficar ereta e sorrir, porque ser alto causava alguns problemas dos quais eu conseguia escapar.

– Você está rindo de mim, Cath-er-ine – ele disse, assim como Chris costumava brincar, separando meu nome em sílabas lentas e distintas. *Minha dama Cath-er-ine.*

Eu corri à frente e desci os degraus de mármore até o centro, onde *O beijo* de Rodin dominava o jardim. Tudo parecia azul-prateado e irreal, e a lua estava grande e brilhante, cheia e sorridente, com longas nuvens escuras que criavam listras sobre seu rosto, fazendo-a parecer sinistra em um momento e alegre no outro. Suspirei, pois tudo estava como naquela estranha noite que colocou Chris e eu sobre o telhado de Foxworth Hall, ambos com medo de que fôssemos arder pela eternidade no fogo do inferno.

– É uma pena que você esteja aqui comigo e não com aquele garoto bonito com quem você dança – disse Paul, me trazendo de volta do passado.

– Julian? – perguntei, surpresa. – Ele está em Nova York essa semana, mas suspeito que ele estará de volta novamente na

próxima.

– Oh – ele disse. – Então, a próxima semana vai pertencer a ele, e não a mim.

– Isso tudo depende...

– Do quê?

– Às vezes eu o quero e às vezes não. Às vezes ele parece apenas um menino, e eu quero um homem. Então, ele às vezes parece ser muito sofisticado novamente e isso me impressiona. E quando eu danço com ele, me apaixono loucamente pelo príncipe que ele deveria ser. Ele fica esplêndido naqueles trajes.

– Sim – ele disse –, eu já percebi.

– O cabelo dele é negro como azeviche, enquanto o seu é uma espécie de preto-castanho esfumado.

– Eu suponho que negro como azeviche seja mais romântico do que preto-castanho esfumado? – ele brincou.

– Isso tudo depende.

– Catherine, você é totalmente mulher. Pare de me dar respostas enigmáticas.

– Eu não sou enigmática, só estou dizendo a você que amor não é suficiente, nem romance. Quero habilidades que me sustentem durante a minha vida para que eu nunca tenha que trancar meus filhos para herdar uma fortuna pela qual não trabalhei. Quero saber como ganhar algum dinheiro e me manter, mesmo que eu não tenha um homem em quem me apoiar e para me sustentar.

– Catherine, Catherine – ele disse suavemente, tomando minhas mãos nas dele e mantendo-as apertadas. – Quão profundamente você foi magoada por sua mãe! Você parece tão adulta, de uma maneira dura. Não deixe que as lembranças amargas a privem de um dos seus maiores talentos: sua personalidade suave e amorosa. Um homem gosta de cuidar da mulher que ele ama e de seus filhos. Um homem gosta que a mulher se apoie nele, o admire, o respeite. Uma mulher dominadora e agressiva é uma das criaturas mais temíveis que Deus criou.

Libertei-me dele, corri para o balanço e joguei-me sobre o assento. Comecei a balançar alto, cada vez mais alto, rápido, mais rápido, voando tão alto que estava de volta ao sótão e aos balanços

de lá, quando as noites eram longas e abafadas. E aqui estava eu, livre, do lado de fora e balançando-me loucamente para me colocar *de volta* no sótão! Tinha sido o fato de ver mamãe e seu marido mais uma vez que estava me deixando desesperada, me fazendo querer aquilo que devia ser adiado até que eu fosse mais velha.

Eu balancei tão alto, de forma tão selvagem, tão descuidada, que minhas saias espalharam-se sobre meu rosto e me deixaram cega. Tonta, de repente caí no chão! Paul veio correndo até mim, caindo de joelhos para me levantar em seus braços.

– Você se machucou? – ele perguntou, e me beijou antes que eu pudesse responder.

Não, não me machucara. Eu era uma dançarina que sabia como cair. Ele começou a murmurar as palavras de amor que eu precisava ouvir entre beijos que vieram mais lentos e duraram mais tempo, e seu olhar me encheu de uma embriaguez muito mais forte e espumante do que qualquer champanhe francês importado.

Meus lábios se abriram sob seu longo beijo. Ofeguei quando sua língua tocou a minha. Seus beijos eram quentes, macios, úmidos sobre as minhas pálpebras, bochechas, queixo, pescoço, ombros, decote, enquanto suas mãos percorriam incessantemente e procuravam todos os meus lugares mais íntimos.

– Catherine – ele suspirou, afastando-se e olhando para mim com o olhar em fogo –, você é apenas uma criança. Não podemos deixar que isso aconteça. Eu jurei que nunca iria deixar que isso acontecesse, não com você.

Palavras inúteis que eu interrompi envolvendo seu pescoço com meus braços. Meus dedos afundaram em seus cabelos espessos e escuros, enquanto eu murmurava com voz rouca:

– Eu queria lhe dar um Cadillac prata de aniversário, mas não tinha dinheiro suficiente. Então eu pensei em lhe dar o segundo melhor presente: eu.

Ele gemia baixinho.

– Eu não posso deixar você fazer isso. *Você não me deve nada.*

Eu ri e o beijei, beijei sem vergonha alguma, longa e profundamente.

– Paul, é *você* que me deve! Você me deu olhares longos e desejosos demais para me dizer que agora não me quer. Se você disser isso, está mentindo. Você pensa em mim como uma criança. Mas eu cresci há muito tempo atrás. Não me ame, eu não me importo. Porque eu te amo e isso é o suficiente. Eu sei que você vai me amar do jeito que eu quero ser amada, porque mesmo que não admita isso, você me ama e me deseja.

A lua iluminou os olhos dele e os fez brilhar. Mesmo enquanto ele dizia “Não, você é uma tola em pensar que isso vai funcionar”, seus olhos estavam dizendo outra coisa.

Na minha maneira de pensar, seu próprio autocontrole provava exatamente o quanto ele *me amava*. Se ele me amasse menos, já teria ansiosamente tomado há muito tempo o que eu não teria negado. Então, quando ele fez um movimento para se levantar, a fim de me deixar e acabar com a tentação, peguei a mão dele e a coloquei onde ele poderia me dar mais prazer. Ele gemeu. E gemeu ainda mais alto quando coloquei *minha* mão onde eu poderia dar mais prazer *a ele*. Vergonhoso o que fiz, eu sabia disso. Desviei meus pensamentos do que Chris poderia pensar, de como a avó me consideraria uma mulher perdida. Oh, era sorte ou exatamente o oposto eu ter encontrado aquele livro na gaveta do criado-mudo de mamãe, e ele tivesse me mostrado o que fazer para dar prazer a um homem e como responder?

Eu pensei que ele iria me possuir lá na grama, sob as estrelas, mas ele me pegou e me levou de volta para a casa. Subiu as escadas, calmamente. Nenhum de nós falou, embora meus lábios vagassem pelo seu pescoço e rosto. Lá longe, no quarto atrás da cozinha, eu podia ouvir a TV de Henny enquanto ela assistia a um programa noturno de entrevistas.

Ele me colocou cuidadosamente sobre sua cama e começou a fazer amor comigo apenas com os olhos, e neles eu me afoguei. As coisas ficaram embaçadas enquanto minhas emoções cresciam como uma onda que engolia a nós dois. Pele contra pele, apenas nos abraçando, a princípio, e sentindo cada vez mais a exaltação de compartilhar o que o outro tinha para dar. Cada toque dos seus lábios e das suas mãos me fazia sentir sensações eletrizantes, até

que finalmente eu estava selvagem para tê-lo dentro de mim, não mais suavemente, mas fervendo com a sua própria necessidade feroz e exigente de alcançar as mesmas alturas que eu estava buscando.

– Catherine! Depressa, depressa, *venha!*

Do que ele estava falando? Eu estava lá embaixo dele, fazendo o que podia. Venha para onde? Ele estava escorregadio e molhado de suor. Minhas pernas estavam levantadas e enroladas ao redor de sua cintura e eu podia sentir o terrível esforço de seu controle, enquanto ele ficava me dizendo “venha, venha, venha”!

Então ele gemeu e desistiu.

Seu líquido quente jorrou dentro de mim, aquecendo meu interior agradavelmente cinco ou seis vezes, e depois acabou, tudo acabou, e ele estava saindo de dentro de mim. E eu não tinha chegado a nenhum clímax no alto da montanha, ou ouvido sinos tocando, ou me sentido prestes a explodir, não como ele havia sentido. Seu rosto estava relaxado e em paz agora, vagamente manchado de alegria.

Como é fácil para os homens, pensei, enquanto ainda queria mais.

Lá estava eu, à beira dos fogos de artifício do dia da Independência, e então tudo estava acabado.

Tudo acabado, exceto por mãos sonolentas que percorriam meu corpo, explorando todas as colinas e fendas antes de adormecer. Agora a perna pesada de Paul estava sobre a minha. Fiquei olhando para o teto, com lágrimas nos olhos. *Adeus, boneco Christopher – agora você está livre.*

A luz solar entrando pela janela me acordou cedo. Paul estava apoiado em um cotovelo olhando para mim com um ar sonhador.

– Você é tão bonita, tão jovem, tão desejável. Você não lamenta o que houve, não é? Espero que não tenha se arrependido.

Eu me aconcheguei mais contra sua pele nua.

– Explique uma coisa, por favor. Por que você continuou me dizendo “venha”?

Ele caiu na gargalhada.

– Catherine, meu amor – ele finalmente conseguiu dizer. – Eu quase me matei tentando me segurar até que você atingisse o clímax. E agora você fica aí com esses grandes olhos azuis inocentes e pergunta o que eu quis dizer! Eu pensei que essas amigas que dançam com você tinham te explicado tudo! Não me diga que nunca leu um livro sobre o assunto!

– Bem, havia um livro que eu encontrei na gaveta do criado-mudo de mamãe... Mas eu só olhei para as fotografias. Eu nunca li o texto, embora Chris tenha lido, mas ele entrava escondido no quarto dela mais frequentemente do que eu.

Ele limpou a garganta.

– Eu poderia lhe contar o que eu quis dizer, mas demonstrar seria mais divertido. Você realmente não tem a menor ideia?

– Sim – eu disse defensivamente –, é claro que tenho. Eu deveria me sentir como se tivesse sido atingida por relâmpagos. Então meu corpo ficaria rígido e inconsciente e eu me dividiria em átomos que flutuam no espaço, se reúnem novamente e me fariam formigar, para que eu pudesse flutuar de volta para a realidade com estrelas de sonhos em meus olhos. Como as que você tinha no olhar.

– Catherine, não me faça te amar demais. – Ele falava sério, como se eu fosse magoá-lo se isso acontecesse.

– Eu vou tentar te amar do jeito que você quiser.

– Vou fazer a barba primeiro – ele disse, jogando as cobertas para longe e se preparando para se levantar.

Estiquei a mão para puxá-lo de volta.

– Eu gosto da maneira como você está agora, tão sombrio e perigoso.

Ansiosamente, me entreguei a todos os desejos de Paul. Nós desenvolvemos maneiras delicadas de manter nossos encontros secretos para que Henny não descobrisse. No dia de folga dela, eu lavava a roupa de cama que era uma duplicata da roupa suja que eu escondia até que pudesse ser lavada. Carrie poderia estar em outro mundo, do jeito como ela era desatenta. Mas quando Chris estava

em casa, tínhamos que ser mais discretos e nem mesmo olhar um para o outro, para não traírmos a nós mesmos.

Eu me sentia estranha com Chris agora, como se o tivesse traído.

Não sei por quanto tempo o arrebatamento entre Paul e eu duraria. Eu ansiava por paixão imorredoura, por êxtase eterno. No entanto, minha personalidade desconfiada não podia adivinhar que algo tão glorioso quanto o que Paul e eu tínhamos pudesse continuar indefinidamente. Ele logo se cansaria de mim, uma criança cuja capacidade mental não podia competir com a dele, e voltaria às antigas escapadas – possivelmente com Thelma Murkel. Talvez ela tivesse ido com ele àquela convenção médica, embora eu fosse sábia o suficiente para nunca perguntar sobre o que ele fazia quando eu não estava com ele. Eu queria dar-lhe tudo o que Julia tinha negado, e dar de bom grado, sem recriminações quando nos separássemos.

Mas, no momento da nossa obsessão flamejante um com o outro, eu me sentia tão grande, tão generosa, e me regozijava com o nosso abandono altruísta. E eu acho que a avó, com seu discurso sobre o mal e o pecado, fazia com que fosse dez vezes mais excitante, porque era muito, muito perverso.

E então, eu novamente me debatia, não querendo que Chris achasse que eu era má. Oh, isso era tão importante para mim, o que Chris iria pensar. *Por favor, Deus, faça Chris entender por que eu estou fazendo isso. E eu amo Paul, de verdade!*

Depois do Dia de Ação de Graças, Chris ainda tinha alguns dias de férias, e enquanto estávamos na mesa de jantar com Henny por perto, Paul perguntou a todos nós o que queríamos de Natal. Esse seria o terceiro Natal com Paul. No final de janeiro eu iria me formar no Ensino Médio. Não faltava muito tempo até o meu próximo passo, que, assim eu esperava, seria Nova York.

Falei a Paul o que eu queria de Natal. Queria ir para Foxworth Hall.

Os olhos de Chris se esbugalharam e Carrie começou a chorar.

– Não! – disse Chris firmemente. – Não vamos abrir feridas cicatrizadas!

– *Minhas feridas não estão cicatrizadas!* – declarei com a mesma firmeza. – *Elas nunca cicatrizarão, até que a justiça seja feita!*

- 1 Espécie de cozido de frutos do mar, típico do sul dos EUA. (N.T.)
- 2 Originário da região de Nova Orleans. (N.T.)

DO LADO DE FORA DE FOXWORTH HALL



No minuto em que as palavras saíram da minha boca, ele gritou:

– Não! Por que você não pode esquecer o passado?

– *Porque eu não sou como você, Christopher!* Você gosta de fingir que Cory não morreu de envenenamento por arsênico, mas de pneumonia, porque você se sente mais confortável com isso! No entanto, foi você que me convenceu de que *ela* fez isso! Então, por que não podemos ir até lá e ver por nós mesmos se algum hospital tem um registro da morte de Cory?

– Cory pode ter morrido de pneumonia. Ele tinha todos os sintomas. – Chris disse aquilo sem convicção, sabendo muito bem que a estava protegendo.

– Espere um minuto – disse Paul, que havia ficado quieto, e falado somente quando viu o fogo ardente em meus olhos. – Se Cathy sente que deve fazer isso, por que não, Chris? Entretanto, se a sua mãe internou Cory em um hospital sob um nome falso, isso não será fácil de verificar.

– Ela colocou um nome falso em sua lápide também – Chris disse, dando-me um longo olhar de ódio. Paul pensou nisso por alguns instantes, comentando em voz alta como poderíamos encontrar um túmulo quando não sabíamos o nome que fora colocado nele.

Eu acreditava que tinha todas as respostas. Se ela havia internado Cory em um hospital para tratamento sob um determinado nome, então, naturalmente, ela teria usado o mesmo nome quando ele foi enterrado.

– E Paul, como você é um médico, você tem acesso aos registros de todos os hospitais, certo?

– Você realmente quer fazer isso? – ele perguntou. – Com certeza trará de volta um monte de lembranças infelizes e, como Chris acabou de dizer, vai reabrir feridas cicatrizadas.

– Minhas feridas *não* estão cicatrizadas, e nunca ficarão! Eu quero colocar flores no túmulo de Cory. Eu acho que isso vai consolar Carrie, saber onde ele está enterrado, então nós poderemos visitá-lo de vez em quando. Chris, você *não precisa ir* se é tão contra a ideia!

O que eu queria, Paul tentava me dar, apesar da oposição de Chris. Chris foi conosco até Charlottesville, sentado no banco de trás com Carrie. Paul entrou em vários hospitais e convenceu as enfermeiras a lhe dar os registros que ele queria. Ele procurou e eu procurei enquanto Carrie e Chris esperavam do lado de fora. Nenhum menino de oito anos tinha morrido de pneumonia há dois anos no final de outubro! Não só isso, os cemitérios não tinham registro de nenhuma criança de sua idade que fora enterrada! Ainda teimosamente determinada, caminhei por todos os cemitérios, sentindo que mamãe poderia ter mentido e colocado Dollanganger na sua lápide, afinal. Carrie chorou, pois Cory deveria estar no céu, não na terra levemente gelada com uma queda de neve recente.

Desperdício de tempo infrutífero, ingrato, improdutivo! Parecia que para o mundo, nenhuma criança do sexo masculino de oito anos tinha morrido entre os meses de outubro e novembro de 1960! Chris insistiu em voltar para a casa de Paul. Tentou me persuadir de que eu realmente não queria ver Foxworth Hall.

Eu me virei para olhar fixamente para Chris.

– *Eu quero voltar! Nós temos tempo!* Por que vir até aqui e voltar sem ver aquela casa? Pelo menos uma vez durante o dia, do lado de fora! Por que não?

Foi Paul que convenceu Chris, dizendo-lhe que eu precisava ver a casa.

– E para ser honesto, Chris, eu gostaria de ver por mim mesmo.

Calado e emburrado no banco de trás ao lado de Carrie, Chris cedeu. Carrie chorou enquanto Paul dirigia seu carro em direção às estradas de montanha que mamãe e seu marido devem ter percorrido milhares de vezes. Paul parou em um posto de gasolina para pedir orientações sobre como chegar a Foxworth Hall. Nós facilmente poderíamos ter guiado Paul até lá, se soubéssemos onde os trilhos do trem ficavam e conseguíssemos encontrar o posto dos correios que era um ponto de parada.

– Lugar bonito – disse Paul enquanto dirigia. Por acaso, encontramos a grande casa que reinava sozinha ao lado de uma montanha.

– É essa! – gritei, muito agitada.

Era enorme como um hotel, com anexos duplos que se projetavam para frente e para trás da longa construção principal feita de tijolos cor-de-rosa com venezianas pretas em todas as janelas. O telhado de ardósia preta era tão escuro que parecia assustador – como tínhamos ousado andar lá em cima? Contei as oito chaminés e os quatro conjuntos de janelas no sótão.

– Olhe lá, Paul – eu disse, apontando para as duas janelas na ala norte, onde tínhamos sido mantidos prisioneiros por tanto tempo, esperando indefinidamente que o nosso avô morresse.

Enquanto Paul olhava fixamente para essas duas janelas, olhei para as trapeiras do sótão e vi que as ripas que tinham caído de uma das venezianas negras tinham sido substituídas. Não havia marca de queimadura em qualquer lugar ou sinais de incêndio. A casa não tinha queimado! Deus não havia enviado uma brisa errante para soprar a chama da vela até que uma flor de papel pendurada pegasse fogo. Deus não iria punir a nossa mãe ou a avó, por nada!

De repente, Carrie soltou um grito alto.

– Eu quero mamãe! – ela gritou. – Cathy, Chris, é ali que vivíamos com Cory! Vamos entrar! Eu quero a mamãe, por favor, deixe-me ver a minha verdadeira mamãe!

Era terrível o jeito como ela chorava e implorava. Como ela conseguia se lembrar da casa? Estava escuro na noite em que chegamos, com os gêmeos tão sonolentos que não podiam ver nada. Na manhã em que fugimos, o sol ainda não havia nascido e tínhamos partido pela porta dos fundos. O que foi que mostrou a Carrie que essa tinha sido a nossa prisão no passado?

Então eu soube. Eram as casas que ficavam mais abaixo, na rua. Estávamos no final de uma rua sem saída em um lugar muito mais alto. Nós tínhamos muitas vezes espiado pelas janelas de nossa sala trancada e olhado para baixo, para todas as belas casas. Proibidos de olhar para fora pelas janelas, e ainda assim ousávamos fazer isso, de vez em quando.

O que conseguimos com a nossa longa jornada? Nada, absolutamente nada, exceto mais uma prova de que a nossa mãe era uma mentirosa inacreditável. Eu refletia sobre isso, dia após dia, mesmo quando estava no assento embutido para banho, enquanto Paul ensaboava meu cabelo e cuidadosamente começava a lavá-lo. Meu longo cabelo não podia ser empilhado em cima da cabeça e esfregado, ou eu nunca seria capaz de desembaraçá-lo. Então ele fazia da maneira como eu lhe ensinara, esfregando a espuma de sabão no couro cabeludo até as pontas, e quando acabava, ele os secava e os escovava para desembaraçá-los e eles caíam ao meu redor como um xale de seda para cobrir a minha nudez, tal qual Eva deve ter coberto a dela.

– Paul – perguntei, meus olhos baixos –, não é pecado o que estamos fazendo, é? Eu continuo pensando na avó e em toda a sua conversa sobre o mal. Diga-me que o amor faz com que tudo fique bem.

– Abra os olhos, Cathy – ele disse baixinho, usando uma toalhinha para enxugar a espuma antes que eu o fizesse. – Olhe para o que você vê, um homem nu, da maneira como Deus planejou que fosse. – Quando eu olhei, ele inclinou o rosto para cima e, em seguida, levantou-me para que pudesse me segurar próximo a ele.

Abraçando-me apertado, ele começou a falar, e cada palavra que dizia falava que nosso amor era lindo e bom.

Eu não conseguia falar. Silenciosamente, chorei por dentro, pois eu facilmente poderia ter me transformado na pequena puritana em que a avó queria me transformar.

Como uma criança pequena, permitia que ele me secasse e escovasse meu cabelo, e fizesse o que ele queria com seus beijos e carícias, até que as brasas sempre prontas entre nós pegassem fogo; então, ele me levava para sua cama.

Quando a nossa paixão estava saciada, ficava deitada em seus braços e pensava em tudo o que eu podia fazer. Coisas que teriam me chocado quando criança. Coisas que no passado eu teria considerado terrivelmente grosseiras, feias, pois até então eu havia pensado somente nos atos, e não no sentimento de doação. Como era estranho que as pessoas nascessem tão sensuais e tivessem de sufocar isso por tantos anos. Lembrei-me da primeira vez que sua língua havia me tocado *lá* e a eletrizante sensação que senti.

Oh, eu podia beijar Paul em todos os lugares e não sentir vergonha, pois amá-lo era melhor do que cheirar as rosas em um ensolarado dia de verão, melhor do que dançar a música mais bonita com o melhor de todos os parceiros.

Isso foi o que amar Paul parecia para mim quando eu tinha 17 anos e ele tinha 42.

Ele havia me restaurado e me curado, e no mais profundo do meu ser enterrei o remorso que sentia por Cory.

Havia esperança para Chris, ele estava vivo.

Havia esperança para Carrie, que ela pudesse crescer e encontrar o amor também.

E talvez, se as coisas dessem certo, havia esperança também para mim.

EM DIREÇÃO AO TOPO



Julian não voava mais tão frequentemente de Nova York como ele costumava fazer, e seus pais reclamavam a respeito. Quando ele vinha, dançava melhor do que nunca, mas já não olhava para mim. Eu suspeitava, porém, que ele me olhava bastante, quando ele sabia que eu não podia vê-lo.

Eu estava ficando melhor, mais disciplinada, mais controlada... e eu treinava. Ah, como eu treinava!

Desde o início eu havia sido incluída no grupo profissional da Companhia de Balé Rosencoff, mas apenas como um membro do corpo de balé. Nesse Natal teríamos performances alternadas de *O Quebra-Nozes* e *Cinderela*.

Muito tempo depois que os outros tinham ido para casa, eu tinha o estúdio de dança só para mim em uma tarde de sexta-feira, e estava perdida no mundo da fada Sugarplum,¹ preocupada em dar a esse papel algo diferente, quando de repente Julian estava dançando comigo. Ele era como minha sombra, fazendo o que eu fazia, mesmo as piruetas, me parodiando.

Ele franziu a testa, em seguida, pegou uma toalha para secar o rosto e o cabelo. Eu mexi meus dedos dos pés e dirigi-me para o camarim. Ia sair para jantar com Paul naquela noite.

– Cathy, espere! – ele chamou. – Eu sei que você não gosta de mim...

– Não gosto.

Ele sorriu maliciosamente, inclinando-se para olhar em meus olhos. Seus lábios roçaram minha face enquanto eu me distanciava dele, então ele me encurralou entre seus braços, com as palmas das mãos contra a parede para evitar que eu fugisse.

– Sabe, acho que você deveria ser a única a dançar Clara, ou Cinderela. – Ele fez cócegas debaixo do meu queixo, depois me beijou perto da orelha. – Se você for boazinha para mim, eu poderia arrumar as coisas para que você dançasse ambos os papéis principais.

Eu me abaixei e saí correndo.

– Pare com isso, Julian! – gritei. – Seus favores têm um preço... e você não me interessa.

Dez minutos mais tarde, eu tinha tomado banho e me vestido, e estava pronta para sair do prédio quando Julian apareceu vestido com roupas comuns.

– Cathy, sério, eu acho que você está pronta para Nova York agora. Marisha também pensa assim. – Seu sorriso era irônico, como se a opinião da sua mãe não fosse tão digna de respeito quanto a dele. – Sem compromissos. A menos que algum dia você decida que quer o compromisso.

Agora eu não sabia o que dizer; então não disse nada.

Fui escolhida para ambos os papéis na apresentação do Balé Rosencoff. Pensei que as outras meninas ficariam com ciúmes e ressentidas, mas, em vez disso, elas aplaudiram quando foi anunciado. Nós todos trabalhávamos bem juntos, fazendo com que aquela época fosse um tempo alegre, agitado.

Então veio a minha estreia como Cinderela!

Julian nem sequer bateu antes de entrar no camarim das garotas para me inspecionar no meu traje de panos velhos e farrapos.

– Pare de ficar tão nervosa, com os diabos. São apenas pessoas lá fora. Você não acha que eu ia voltar aqui para dançar com uma menina que não fosse sensacional, não é?

Enquanto estávamos nas coxias, seu braço ficou sobre os meus ombros, dando-me confiança à medida que ambos contávamos esperando a minha deixa para entrar. A parte dele só acontecia

muito mais tarde. Eu não podia ver Paul, Chris, Carrie ou Henny na plateia escurecida. Eu tremia ainda mais quando as luzes se esmaeceram e a abertura foi tocada, e em seguida, a cortina subiu. Minha ansiedade crescente desapareceu e levou toda minha insegurança junto com ela, enquanto alguma memória sinestésica surpreendente assumia o controle e eu permitia que a música me comandasse e dirigisse. Eu não era Cathy, Catherine ou qualquer outra, mas Cinderela! Varri as cinzas da lareira e, com inveja, vi minhas duas odiosas irmãs prepararem-se para o baile, sentindo que o amor e o romance nunca iriam entrar em minha vida.

Se cometi erros, se minha técnica não era perfeita, eu não sabia. Estava apaixonada pela dança, por estar me apresentando para um grande público, por ser jovem e bonita e, acima de tudo, estava apaixonada pela vida e por tudo o que ela tinha para me oferecer fora de Foxworth Hall.

Rosas vermelhas, amarelas e cor-de-rosa vieram encher meus braços. Fiquei emocionada quando o público se levantou para nos aplaudir em pé. Três vezes entreguei a Julian uma rosa de cor diferente; a cada vez nossos olhos se encontravam e se fixavam um no outro. *Veja*, seus olhos estavam dizendo para mim em silêncio, *realmente* criamos magia juntos! Nós *somos* os parceiros de dança perfeitos!

Ele me encurralou novamente durante a festa no buffet.

– Agora você teve um gostinho de como é – ele disse em voz baixa e persuasiva, seus olhos escuros suplicantes. – Você pode desistir dos aplausos? Você pode continuar a ficar aqui, em uma cidade caipira, quando Nova York está esperando por você? Cathy, como uma equipe somos sensacionais! Nós nos encaixamos tão bem juntos! Eu danço com você melhor do que danço com qualquer outra bailarina. Oh, Cathy, você e eu poderíamos chegar ao topo muito rápido juntos. Eu juro que vou cuidar bem de você. Vou cuidar de você e nunca deixá-la se sentir solitária.

– Eu não sei – eu disse miseravelmente, embora estivesse me sentindo iluminada por dentro. – Eu tenho que terminar o Ensino Médio primeiro, mas você realmente acha que eu sou boa o suficiente? Lá em cima eles esperam o melhor.

– Você é a melhor! Confie em mim, acredite em mim. A companhia de Madame Zolta não é a maior, ou a melhor, mas Madame tem o que é preciso para tornar a nossa companhia tão famosa quanto as maiores e mais antigas, desde que ela tenha um par de bailarinos fantásticos como nós dois!

Eu perguntei a ele como Madame Zolta era. De alguma forma, isso o deixou confiante de que eu já havia concordado e, rindo primeiro, ele conseguiu dar um beijo em meus lábios.

– Você vai adorar Madame Zolta! Ela é da Rússia e é a mais doce, suave e gentil velhinha que você já conheceu. Ela vai ser como sua mãe. [Meu Deus!] Ela sabe tudo o que há para saber sobre dança. Às vezes ela é nossa médica, nossa psicóloga; ela é tudo o que precisamos. A vida em Nova York é como viver em Marte comparado com aqui, um outro mundo, um mundo melhor. Você vai se apaixonar rapidamente. Vou levá-la a restaurantes famosos, onde você vai comer coisas que nunca provou antes. Vou apresentá-la às estrelas de cinema, celebridades da TV, atores, atrizes, autores.

Tentei resistir a ele, dirigindo meus olhos para Chris, Carrie e Paul, mas Julian se moveu para bloquear minha visão. Tudo o que eu podia ver era ele.

– É o tipo de vida para o qual você nasceu, Cathy – e dessa vez ele pareceu sincero e profundamente verdadeiro. – Por que você estudou e treinou tanto, se não para atingir o sucesso? Você pode conseguir o tipo de fama que quer aqui?

Não. Eu não podia.

Mas Paul estava aqui. Chris e Carrie também. Como eu poderia deixá-los?

– Cathy, venha comigo para onde você pertence, sob as luzes do palco, com rosas em seus braços. Venha comigo, Cathy, e realize meus sonhos também.

Oh, ele estava ganhando naquela noite, e eu estava inebriada com meu primeiro sucesso. Mesmo querendo dizer não, balancei a cabeça e disse:

– Sim... eu vou, mas só se você vier aqui e voar comigo. Eu nunca estive em um avião, e não sei para onde ir quando desembarcar.

Ele me tomou em seus braços, e em seguida, com ternura, me segurou enquanto seus lábios roçavam pelo meu cabelo. Por cima do ombro, eu podia ver Chris e Paul olhando em nossa direção, ambos atônitos e mais do que um pouco magoados.

Em janeiro de 1963, me formei no Ensino Médio. Eu não era particularmente brilhante, como Chris, mas havia conseguido.

Chris era tão inteligente que era mais do que provável que ele concluísse a escola preparatória em três anos, em vez de quatro. Ele já tinha ganhado várias bolsas de estudo para ajudar a tirar o fardo financeiro de sua educação dos ombros de Paul, embora ele nunca tivesse mencionado uma palavra sobre qualquer um de nós ter que lhe pagar algo – por qualquer coisa. Entendia-se, porém, que Chris se tornaria um associado de Paul quando ele obtivesse seu diploma de médico. Eu ficava impressionada com o fato de que Paul continuava a gastar conosco, sem nunca reclamar, e quando eu perguntei, ele explicou:

– Gosto de saber que estou contribuindo com o mundo dando a ele um médico maravilhoso como Chris e a superbailarina que você será um dia. – Ele parecia muito triste quando disse isso, terrivelmente triste. – Quanto a Carrie, espero que ela decida ficar em casa comigo e se case com um rapaz local, para que eu possa vê-la muitas vezes.

– Quando eu for embora, será Thelma Murkel para você de novo, não é? – eu perguntei com certa amargura, porque eu queria que ele fosse fiel, não importa quantos quilômetros eu colocasse entre nós.

– Talvez – ele disse.

– Você não vai amar ninguém tanto quanto me ama, diga que não vai.

Ele sorriu.

– Não. Como eu poderia amar alguém tanto quanto eu te amo? Nenhuma outra poderia entrar em meu coração como você fez, poderia?

– Paul, não zombe de mim. Diga uma palavra e eu não vou. Eu ficarei.

– Como posso dizer as palavras para te fazer ficar quando você tem que cumprir o seu destino? Você nasceu para dançar, não para ser a esposa de um médico tedioso de cidade pequena.

Casamento! Ele tinha dito esposa! Ele nunca havia mencionado casamento antes.

Foi mais do que horrível dizer a Carrie que eu estava partindo. Seus gritos foram ensurdecedores e lamentáveis.

– *Você não pode ir!* – ela gritou, lágrimas descendo pelo seu rosto. – *Você prometeu que iríamos ficar todos juntos, e agora você e Chris vão embora e me deixarão! Me leve também! Me leve!* – Ela me bateu com seus pequenos punhos e chutou minhas pernas, determinada a infligir um pouco de dor pelo que Chris e eu estávamos fazendo a ela, e eu já sentia bastante dor em ter que deixá-la.

– Por favor, tente entender, Carrie, eu vou voltar e Chris também. Você não será esquecida.

– Eu odeio você! – ela gritou. – Eu odeio você e Chris! Espero que você morra em Nova York! Espero que ambos caiam e morram! Foi Paul quem veio me salvar.

– Você ainda tem a mim todos os dias, e Henny – ele disse, levantando o leve corpo de Carrie em seus braços. – Nós não vamos a lugar nenhum. E você vai ser a única filha que temos quando Cathy for embora. Venha, enxugue suas lágrimas, coloque um sorriso no rosto e fique feliz por sua irmã. Lembre-se que é por isso que ela vem se esforçando por todos aqueles longos anos, quando vocês estavam trancados.

Eu doía por dentro enquanto me perguntava se realmente queria uma carreira tanto quanto sempre pensei. Chris me lançou um olhar longo, triste, e se abaixou para pegar minhas novas malas azuis. Ele correu para a porta da frente, tentando não me deixar ver as lágrimas em seus olhos. Quando fomos todos para fora, ele estava perto do carro branco de Paul, os ombros erguidos, seu rosto sem expressão, determinado a não mostrar qualquer emoção.

Henny teve que se apertar com o resto de nós; ela não queria ser deixada em casa para chorar sozinha. Seus eloquentes olhos

castanhos falaram comigo, desejando-me boa sorte, enquanto suas mãos estavam ocupadas limpando as lágrimas do rosto de Carrie.

No aeroporto, Julian andava para lá e para cá, constantemente olhando para o relógio. Ele estava com medo de que eu desistisse e não aparecesse. Parecia muito bonito em seu novo terno, e seus olhos se iluminaram quando me viu chegar.

– Graças a Deus! Eu estava pensando que tinha voado até aqui para nada, e eu não faria isso duas vezes.

Na noite anterior, eu já havia dado um adeus particular a Paul. Suas palavras soaram em meus ouvidos para me assombrar mesmo quando eu estava entrando no avião.

– Nós dois sabíamos que não podia durar, Catherine. Desde o início eu avisei você. A primavera simplesmente não pode se casar com o outono.

Chris e Paul nos seguiram até a rampa para ajudar com as muitas peças de bagagem que eu não queria despachar, e eu tive que abraçar Paul apertado mais uma vez.

– Obrigado, Catherine – ele sussurrou de modo que nem Chris, nem Julian pudessem ouvir –, por tudo. Não olhe para trás com nenhum tipo de arrependimento. Esqueça-me. Esqueça todo o passado. Concentre-se na sua dança e espere até você se apaixonar por alguém, e que esse alguém seja mais próximo de sua idade.

Com a voz sufocada, eu perguntei:

– E quanto a você?

Ele forçou um sorriso, e então riu.

– Não se preocupe comigo. Eu tenho as minhas lembranças de uma bailarina bonita e isso é o suficiente.

Rompi em lágrimas! Lembranças! O que eram lembranças? Apenas algo com que se torturar, só isso! Cega de emoção, virei-me para me encontrar presa nos braços de Chris. Meu boneco Christopher, que tinha 1,80m de altura, agora, meu cavaleiro tão galante, cavalheiresco e sensível. Finalmente eu consegui me libertar e, então, ele pegou minhas mãos, as duas, enquanto nossos olhares se encontravam e se fixavam um no outro. Nós também tínhamos compartilhado muita coisa, ainda mais do que Paul e eu. *Adeus, minha enciclopédia ambulante, que anda, fala, se alegra, repreende,*

meu companheiro de prisão, cheio de esperança... Você não precisa chorar por mim... Chore por si mesmo... ou simplesmente não chore. Acabou. Aceite, Chris, como eu aceitei, como você tem que aceitar. Você é apenas meu irmão. Eu sou apenas uma irmã, e o mundo está cheio de mulheres bonitas que irão amar você melhor do que eu posso, ou poderia.

Eu sabia que ele ouvira cada palavra não dita, e ainda assim ele continuou olhando para mim com o coração nos olhos, ferindo-me completamente.

– Cathy – ele disse com a voz rouca, alto o suficiente para Julian ouvir –, não é que eu tenha medo de que você não vai conseguir chegar lá... Eu tenho certeza de que vai, se não se deixar levar pelos seus malditos impulsos! Por favor, não faça nada imprudente de que você vá se arrepender mais tarde. Prometa-me que vai pensar em todas as consequências antes de mergulhar de cabeça. Vá devagar com sexo e amor. Espere até que você tenha idade suficiente para saber o que quer em um homem antes de escolher um.

Tenho certeza de que o meu sorriso era traiçoeiro, pois eu já havia escolhido Paul. Olhei rapidamente para Paul, que parecia sério, para Julian, que estava franzindo a testa e olhando feio para Chris, e novamente para Paul.

– Você também, vá devagar no sexo e no amor – brinquei, certificando-me que o meu tom de voz fosse descontraído.

Eu o abracei apertado mais uma vez, triste em deixá-lo.

– E não deixe de escrever para mim. E venha para Nova York com Paul, Carrie e Henny sempre que puder, ou venha sozinho, mas venha. Promete?

Solenemente ele prometeu. Nossos lábios se encontraram brevemente, e, então, eu me virei para tomar o meu lugar perto da janela. Uma vez que esta era a minha primeira viagem de avião, Julian graciosamente havia deixado esse privilégio para mim. Acenei como louca para minha família, que eu não conseguia mais ver da janela do avião.

Julian, tão ágil e habilidoso no palco, não sabia o que fazer quando se tratava de lidar com uma menina que chorava em seu

ombro, tremendo, já com saudades de casa, desejando não ir antes mesmo que o avião estivesse a cinco mil pés de altura.

– Você tem a mim – ele disse suavemente. – Eu não jurei cuidar de você? E eu vou, juro por Deus. Farei o possível para fazer você feliz. – Ele sorriu para mim e me beijou de leve. – E, meu amor, receio ter exagerado quanto aos encantos de Madame Zolta só um pouquinho, bem pouquinho, como você vai descobrir em breve.

Olhei para ele.

– O que você quer dizer?

Ele limpou a garganta e, sem o menor sinal de embaraço, me contou sobre seu primeiro encontro com a outrora famosa bailarina russa.

– Eu não quero estragar a surpresa que a espera quando você se encontrar com essa grande beleza, então vou ficar quieto e deixar você ver por si mesma. Mas vou lhe avisar sobre algo: Madame Z. gosta de tocar nas pessoas. Ela gosta de sentir você, seus músculos, quão duros e firmes eles são. Você acredita que ela colocou a mão diretamente na minha virilha para descobrir o tamanho do que estava por baixo?

– Não, não posso acreditar nisso!

Ele riu alegremente e jogou o braço sobre mim.

– Oh, Cathy, que vida nós teremos, você e eu! O céu será nosso, quando você descobrir que tem direitos de propriedade sobre o mais belo, talentoso e gracioso dançarino que já nasceu. – Ele me puxou ainda mais para perto e sussurrou em meu ouvido: – E eu não disse uma palavra sobre o amante talentoso que sou.

Eu ri também, e o empurrei para longe.

– Você é a pessoa mais vaidosa e arrogante que eu já conheci. E suspeito que pode ser muito cruel também quando se trata de conseguir o que quer.

– Na mosca! – ele disse com uma risada. – Eu sou tudo isso e muito mais, como você vai descobrir em breve. Afinal, não fui cruelmente determinado para chegar onde eu queria com você?

1 Personagem do balé *O Quebra-Nozes*, de Tchaikovsky. (N.T.)

NOVA YORK, NOVA YORK



Estava nevando compulsivamente quando nosso avião pousou em Nova York. O frio em minhas narinas me surpreendeu. Eu tinha me esquecido de invernos rigorosos como esse. O vento uivando sob as ruas estreitas parecia querer rasgar a pele de meu rosto. Gelo parecia entrar em meus pulmões e espremê-los até que doessem. Engoli em seco, ri, virei-me para olhar para Julian, que estava pagando o motorista de táxi, e então puxei do bolso do casaco um cachecol vermelho de tricô que Henny tinha feito para mim. Julian o pegou e me ajudou a enrolá-lo ao redor de minha cabeça e pescoço de modo que meu rosto ficasse semicoberto. Então eu o choquei ao puxar do outro bolso um cachecol vermelho que havia tricotado para ele.

– Puxa, obrigado! Nunca pensei que você se importava comigo. – Ele parecia muito satisfeito enquanto o enrolava no pescoço e nas orelhas.

Nesse dia especial, o frio tinha deixado suas bochechas vermelhas como seus lábios, e com aquele cabelo preto-azulado, que se encaracolava logo acima da gola do seu casaco, e aqueles olhos escuros brilhantes, toda aquela beleza dele era suficiente para deixar alguém sem fôlego.

– Muito bem – ele disse –, controle-se e prepare-se para conhecer a personificação do balé. Minha doce, delicada, deliciosa

instrutora de dança a quem você vai certamente adorar.

Apenas o fato de estar aqui me deixava nervosa, então me agarrei tanto quanto pude a Julian, olhando para todas as pessoas que se atreviam a enfrentar um clima tão feroz.

A bagagem que tínhamos trazido foi deixada em uma sala de espera do enorme edifício, e na pressa de sair correndo atrás de Julian, não prestei muita atenção a nada, até que estávamos no escritório da nossa grande professora de balé, Madame Zolta Korovenskov.

Sua postura e arrogância imediatamente me fizeram lembrar de Madame Marisha. Mas essa mulher era muito mais velha, se todas aquelas rugas pudessem ser contadas, como os anéis de uma árvore, para indicar sua idade.

Como uma rainha, ela se ergueu de trás de uma mesa que era impressionantemente grande. De maneira fria, totalmente profissional, ela veio até nós e nos examinou com seus olhinhos de contas negras, tão pequenos como os de um rato. O pouco cabelo que ela tinha estava puxado para trás do rosto frágil e seco, e eram como algodão branco e fino. Ela não tinha mais de um metro e meio de altura, mas irradiava um metro e oitenta de autoridade. Seus óculos de meia-lua estavam precariamente assentados na ponta de um nariz surpreendentemente longo e fino. Ela olhou para nós por cima dessas meias-luas, apertando os olhos minúsculos, de modo que quase desapareceram em meio aos pés de galinha. Julian teve o azar de passar por seu escrutínio primeiro.

Sua boca de ameixa seca se enrugou como uma bolsa de cordão. Eu observei e esperei que um sorriso aparecesse e quebrasse sua pele de pergaminho. Imaginei que sua voz seria como a de uma bruxa, crepitante, cacarejante.

– Então! – ela disse desdenhosamente para Julian. – Você vai embora quando quer, volta quando quer e espera que eu diga que estou contente de vê-lo! Bah! Faça isso mais uma vez e você está fora! Quem é essa garota com você?

Julian deu à velha bruxa um sorriso encantador, e rapidamente colocou o braço sobre ela.

– Madame Zolta Korovenskov, deixe-me apresentar-lhe à senhorita Catherine Doll,¹ a maravilhosa dançarina sobre a qual tenho lhe falado por meses e meses. Ela é a razão pela qual eu parti sem a sua permissão.

Ela olhou para mim com olhos penetrantes muito interessados.

– Você também vem de algum lugar sem importância? – ela chicoteou. – Você tem aquele olhar de um outro lugar, como o meu diabo negro aqui tem. Ele é um dançarino muito bom, mas não tão bom quanto ele pensa. Posso acreditar no que ele diz sobre você?

– Eu acho, Madame, que a senhora terá que me ver dançar e julgar por si mesma.

– Você pode dançar?

– Como eu disse antes, Madame, espere e julgue por si mesma.

– Veja, Madame – Julian disse ansiosamente –, Cathy tem o espírito, o fogo! Você deveria vê-la rodopiando, sua perna fazendo *fouettés*.² Ela é tão rápida que se torna um borrão!

– Ha! – ela bufou, e então me cercou e depois examinou meu rosto tão de perto que eu corei. Ela tocou meus braços, meu peito, até mesmo meus seios, e em seguida, colocou as mãos ossudas no meu pescoço e apalpou meus músculos. Aquelas mãos audaciosas percorreram toda a extensão do meu corpo, enquanto eu queria gritar que não era uma escrava para ser vendida no mercado. Fiquei grata por ela não colocar a mão na minha virilha como havia feito com Julian. Fiquei parada e suportei a inspeção, sentindo o tempo todo um profundo e quente rubor. Ela percebeu e sorriu sarcasticamente.

Quando ela acabou e eu tinha sido calculada e avaliada fisicamente, mergulhou nas profundezas dos meus olhos para beber minha essência. Senti que ela estava tentando absorver minha juventude com os olhos e drená-la de mim. Então, tocou o meu cabelo.

– Quando você planeja se casar? – ela disparou.

– Quando eu tiver perto de 30 anos, talvez, ou quem sabe nunca – respondi, inquieta. – Mas certamente vou esperar até que eu seja rica e famosa, e a melhor bailarina do mundo.

– Ha! Você tem muitas ilusões sobre si mesma. Rostos bonitos não combinam com grandes dançarinas. A beleza acha que não precisa de talento e pode alimentar a si própria, por isso, logo morre. Olhe para mim. Uma vez eu fui jovem e bela. O que você vê agora?

Ela era horrível! E não poderia ter sido bonita, ou haveria algum traço disso.

Como se sentisse a minha dúvida em relação à sua reivindicação, ela gesticulou arrogantemente em direção a todas as fotografias nas paredes, sobre sua escrivaninha, nas mesas, estantes. Todas mostravam a mesma adorável jovem bailarina.

– Eu – ela informou orgulhosamente.

Eu não podia acreditar. Eram fotos antigas, de coloração marrom, os trajes antigos, e ainda assim ela tinha sido adorável. Ela me deu um sorriso largo e divertido, bateu no meu ombro e disse:

– Bom. A velhice chega para todos e faz todos iguais. Com quem você estudou antes de Marisha Rosencoff?

– Com a senhorita Denise Danielle. – Hesitei, com medo de contar a ela sobre todos os anos em que havia dançado sozinha e fora minha própria instrutora.

– Ah – ela suspirou, parecendo muito triste –, eu vi DeniseDanielle dançar muitas vezes, uma *performer* tão brilhante, mas ela cometeu o velho erro e rendeu-se ao *amour*. Fim de uma promissora carreira. Agora, tudo o que ela faz é ensinar. – Sua voz subia e descia, tremendo, ganhando força, e então perdendo-a. Ela pronunciava *amour* com um longo “u”, fazendo com que a palavra soasse estranha e tola. – Esse metido do Julian diz que você é uma grande dançarina, mas tenho que ver você dançar antes de acreditar, e então vou decidir se a beleza é sua própria desculpa para existir. – Mais uma vez, ela suspirou. – Você bebe?

– Não.

– Por que a sua pele é tão pálida? Você nunca toma sol?

– Muito sol queima minha pele.

– Ah... Você e seu amante têm medo do sol.

– Julian *não* é meu amante! – eu disse entre dentes cerrados, atirando-lhe um olhar feroz, pois ele provavelmente tinha dito a ela

que éramos.

Nenhum elemento de nossas expressões escapou à observação interessada daqueles olhos de ébano.

– Julian, você não me disse que estava caído de *amour* por essa garota?

Ele corou e baixou os olhos, e teve a decência de parecer envergonhado pelo menos uma vez.

– Madame, o amor é todo de minha parte, tenho vergonha de admitir. Cathy não sente nada por mim... Mas ela vai, cedo ou tarde.

– Muito bem – disse a velha bruxa com um aceno de sua cabeça de pássaro. – Você tem uma grande paixão por ela, ela não sente nada por você. Isso se transforma em um desempenho escaldante, sensacional de sua parte. Nossa bilheteria vai transbordar. *Consigno ver!*

Essa foi, é claro, a razão pela qual ela me aceitou – saber que Julian tinha sua luxúria insatisfeita e que eu tinha um desejo latente de encontrar alguém fora do palco.

No palco, ele era absolutamente lindo, romântico e sensual – meu amante ideal. Se pudéssemos ter dançado durante todos os nossos dias e noites, poderíamos ter deixado o mundo em chamas. Quando ele era apenas ele mesmo, com sua língua desinibida e muitas vezes suja, eu fugia dele. Fui para a cama todas as noites pensando em Paul andando por seus jardins solitários, e me recusei a permitir-me sonhar com Chris.

Logo estava morando em um pequeno apartamento a 12 quarteirões do estúdio de dança. Outras duas dançarinas compartilhavam os três pequenos cômodos e um pequeno banheiro comigo. Dois andares acima, Julian dividia um apartamento com dois dançarinos em cômodos não muito maiores do que aqueles que nós, as três garotas, dividíamos. Seus companheiros de apartamento eram Alexis Tarrell e Michael Michelle, ambos na casa dos vinte e poucos anos, e ambos tão determinados quanto Julian a se tornarem o melhor dançarino de sua geração. Fiquei espantada ao descobrir que Madame Zolta considerava Alexis o melhor, Michael o

segundo e Julian o terceiro melhor. Logo descobri por que ela o mantinha para trás – ele não tinha respeito por sua autoridade. Ele queria fazer tudo à sua maneira, e por causa disso ela o punia.

Minhas companheiras de quarto eram tão diferentes quanto a noite e o dia. Yolanda Lange era meio britânica, meio árabe, e a estranha combinação resultara em uma das belezas mais exóticas que eu já tinha visto, com cabelos escuros e olhos azul-escuros. Ela era alta para uma dançarina, pouco mais de 1,70 m, a mesma altura de mamãe. Seus seios, quando os vi, eram pequenos e duros carochos, com grandes mamilos escuros, mas ela não tinha vergonha do tamanho deles. Adorava andar nua, se exibindo, e logo descobri que seus seios retratavam sua personalidade – pequena, dura e mesquinha. Yolanda queria o que queria, quando queria, e faria qualquer coisa para obtê-lo. Ela me fez mil perguntas em menos de uma hora, e naquela mesma hora me contou a história de sua vida. Seu pai era um diplomata britânico que se casara com uma dançarina do ventre. Ela tinha morado em toda parte, feito de tudo. Eu imediatamente não gostei de Yolanda Lange.

April Summers era de Kansas City, Missouri. Ela tinha cabelo castanho suave e olhos azul-esverdeados; tínhamos a mesma altura, aproximadamente 1,63 m. Ela era tímida e raramente levantava a voz acima de um sussurro. Quando a estridente e escandalosa Yolanda estava por perto, April parecia não ter voz. Yolanda gostava de barulho; o tocador de discos ou a televisão tinham que ficar ligados o tempo todo. April falava de sua família com amor, respeito e orgulho, enquanto Yolanda professava ódio pelos pais que a tinham largado em internatos, deixando-a sozinha em feriados.

April e eu rapidamente nos tornamos amigas antes que nosso primeiro dia juntas tivesse terminado. Ela tinha 18 anos e era bonita o suficiente para agradar a qualquer homem, mas por alguma estranha razão os garotos da academia não prestavam nem um pouco de atenção nela. Era Yolanda que os deixava excitados e ofegantes, e eu logo entendi por quê – ela era aquela que cedia.

Quanto a mim, os garotos me viam, me chamavam para sair, mas Julian deixava claro que eu não estava disponível – eu era *dele*. Ele disse a todos que nós éramos amantes. Embora eu

persistentemente negasse isso, ele lhes dizia em particular que eu era antiquada e tinha vergonha de admitir que estávamos “vivendo em pecado”. Ele jocosamente explicou em minha própria presença:

– É aquela velha tradição das “*belles*” do sul. Garotas do sul gostam que os rapazes pensem que são doces, tímidas, recatadas, mas por baixo daquele exterior frio de magnólia, todas são máquinas de sexo!

É claro que acreditavam nele e não em mim. Por que eles deveriam acreditar na verdade quando uma mentira era muito mais emocionante?

Porém, eu estava feliz o suficiente. Adaptei-me a Nova York como uma nativa, andando apressada como todos os nova-iorquinos faziam – chegue lá mais rápido, não perca um segundo. Havia muita coisa para provar antes que alguém com um lindo rosto e mais talento aparecesse para tomar seu lugar. Mas apesar de eu estar à frente no jogo, era algo selvagem e temerário, cansativo e exigente. Eu era grata a Paul, que continuava a me enviar uma mesada, pois o que eu ganhava na companhia de dança não teria pagado nem os meus cosméticos.

Nós três que compartilhávamos o quarto 416 precisávamos de pelo menos dez horas de sono. Nos levantávamos de madrugada para fazer alongamento na barra em casa antes do café da manhã, que era muito leve, como o almoço. Somente na última refeição do dia, depois de uma apresentação, podíamos realmente satisfazer nossos apetites vorazes. Parecia que eu estava sempre com fome, que nunca tinha o suficiente para comer. Em apenas uma apresentação no corpo de balé eu perdi de dois e meio a três quilos.

Julian estava comigo constantemente, sempre por perto, me impedindo de namorar alguém. Dependendo do meu humor ou estado de exaustão, eu me ressentia disso, e outras vezes ficava feliz por ter alguém por perto que não fosse um estranho.

Madame Zolta me disse um dia, em junho:

– Seu nome é tolo! Mude-o! Catherine Doll... Que tipo de nome é esse para uma dançarina? Um nome vazio, desinteressante, que não combina com você em nada!

– Agora espere um minuto, Madame! – rebati, abandonando a minha atitude passiva. – Escolhi esse nome quando eu tinha sete anos e meu pai gostava. *Ele* achava que era adequado, então vou usá-lo, tolo ou não! – Eu desejava dizer a ela que Madame Naverena Zolta Korovenskov não era exatamente o que eu chamaria de um nome lírico.

– Não discuta comigo, menina, mude-o! – Ela usou sua bengala de marfim para bater no chão. Mas, se eu mudasse meu nome, como é que a minha mãe ia saber quando eu chegasse ao topo? Ela tinha que saber! Ainda assim, aquela miserável bruxa, em seu traje antiquado e bobo, estreitava os olhos escuros ferozes e levantava a bengala e a brandia, de forma que fui obrigada a ceder! Julian estava largado ali perto e sorria, divertido.

Concordei em mudar a grafia do meu sobrenome de “Doll” para “Dahl”.

– Isso é melhor – ela disse com azedume –, mas só um pouco.

Madame Z. pegava no meu pé. Ela reclamava. Ela criticava. Queixava-se de que eu era inovadora e reclamava quando eu não era. Ela não gostava do jeito que eu usava meu cabelo e disse que eu tinha muito.

– Corte-o! – ela ordenou, mas eu me recusei a cortar, nem mesmo dois centímetros, pois acreditava que meu cabelo comprido seria um grande trunfo para o papel de Bela Adormecida. Ela bufou quando eu disse isso (bufar era um de seus meios favoritos de expressão). Se ela não fosse uma instrutora maravilhosamente talentosa, nós todos a odiaríamos. Sua natureza muito séria nos forçava a dar o melhor de nós, pois queríamos muito vê-la sorrir. Além de tudo ela era coreógrafa, mas tínhamos outro também, que ia e vinha e supervisionava quando não estava em Hollywood, na Europa ou em algum lugar remoto sonhando com novas apresentações de dança.

Uma tarde, depois da aula, quando nós, bailarinos, estávamos brincando tolamente, eu pulei e comecei a dançar descontroladamente ao som de uma canção popular. Madame entrou e me pegou em flagrante, então explodiu:

– Nós dançamos música *clássica* aqui! Nada de dança moderna!
– O rosto dela, seco, enrugado, parecia um árido ornamento na prateleira de um caçador de cabeças. – Você, Dahl, explique a diferença entre o clássico e o moderno.

Julian piscou para mim, então se sentou, jogando o corpo para trás, descansando sobre seus cotovelos e cruzando um tornozelo elegante sobre um joelho, enquanto apreciava meu desconforto.

– De forma sucinta, Madame – comecei a dizer, imitando a atitude de minha mãe –, o balé moderno consiste principalmente em rastejar pelo chão e fazer poses, enquanto o balé clássico paira acima disso, apoiado nos dedos dos pés, girando, volteando, e nunca é sedutor ou constrangedor demais. E ele conta uma história.

– Você está certa – ela disse friamente. – Agora vá para casa e para a sua cama e faça as poses e rasteje lá, se você sentir a necessidade de expressar-se de tal maneira. Nunca mais me deixe ver você fazer tal coisa diante dos meus olhos de novo!

Moderno e clássico podiam se misturar e resultar em algo belo. A estreiteza daquela pequena megera me enfureceu, e eu gritei de volta:

– Eu te odeio, Madame! Eu desprezo seus trajes cinzentos, velhos e maltrapilhos que deveriam ter sido jogados fora há 30 anos! Eu odeio seu rosto, sua voz, sua forma de andar e sua conversa! Encontre outra dançarina. *Eu vou para casa!* – Saí em direção ao camarim, deixando todos os dançarinos em choque olhando para minhas costas.

Arranquei minhas roupas de treino e vesti a roupa de baixo. No camarim, entrou a bruxa de rosto sombrio, seus olhinhos malvados, seus lábios pressionados firmemente um contra o outro.

– Se você for para casa, você *nunca mais vai voltar!*

– Eu não quero voltar!

– Você vai murchar e morrer!

– Você é uma idiota se acha isso! – vociferei, sem levar em conta a sua idade ou respeitar seu talento. – Eu posso viver a minha vida sem a dança, e ser feliz também. *Portanto, vá para o inferno, Madame Zolta!*

Como se um feitiço tivesse sido quebrado, a bruxa velha sorriu para mim, docemente.

– Ah... Você tem espírito. Eu estava me perguntando se você o tinha. Diga-me para ir para o inferno, é bom ouvir. O inferno é melhor do que o céu, de qualquer maneira. Agora vamos falar sério, Catherine – ela disse, em um tom mais amável e gentil do que eu já tinha ouvido dela. – Você é uma dançarina maravilhosamente talentosa, a melhor que eu tenho, mas é tão impulsiva que abandona o clássico e faz o que vem à sua mente. Eu apenas tento lhe ensinar. Invente o quanto quiser, mas mantenha-o clássico, elegante, bonito. – Lágrimas brilharam em seus olhos. – Você é minha alegria, sabia? Acho que você é a filha que eu nunca tive; você me leva de volta para quando eu era jovem e pensava que a vida era uma grande aventura romântica. Tenho muito medo de que a vida roube o seu olhar de encantamento, sua admiração infantil. Se você puder manter aquela expressão, em breve vai ter o mundo a seus pés.

Era do meu rosto do sótão que ela estava falando. Essa expressão encantada que costumava enfeitiçar Chris.

– Eu sinto muito, Madame – eu disse humildemente. – Eu fui rude. Eu não devia gritar, mas você me critica o tempo todo e eu estou cansada, com saudades de casa também.

– Eu sei, eu sei – ela sussurrou quando veio me abraçar, e em seguida, me embalou para frente e para trás. – Ser jovem em uma cidade estranha é difícil para os nervos e a confiança. Mas lembre-se, eu só precisava saber do que você era feita. Uma dançarina sem fogo não é uma dançarina.

Eu estava vivendo em Nova York há sete meses, trabalhando até mesmo nos fins de semana até cair na cama morta de cansaço antes que Madame Zolta achasse que eu deveria ter uma chance de dançar um papel principal com Julian como parceiro. A regra de Madame era alternar papéis principais, de modo que não houvesse estrelas em sua companhia, e embora ela tivesse insinuado várias vezes que me queria no papel de Clara em *O Quebra-Nozes*, eu

achava que ela apenas usava isso para me tentar, como um doce maravilhoso que nunca me seria permitido comer.

Então, isso se tornou uma realidade. Nossa companhia estava concorrendo com outras muito maiores e mais conhecidas, e foi um golpe de gênio absoluto que ela tenha sido capaz de vender a um produtor de TV a noção de que as pessoas que não podiam se dar ao luxo de comprar entradas para assistir ao balé poderiam ser alcançadas através da televisão.

Liguei para Paul para dar-lhe a grande notícia.

– Paul, vou aparecer na TV em *O Quebra-Nozes*. Serei Clara!

Ele riu e me parabenizou.

– Acho que isso significa que você não vai voltar para casa nesse verão – ele me disse, um tanto triste tristemente. – Carrie sente demais a sua falta, Cathy. Você só nos fez uma curta visita desde que foi embora.

– Eu sinto muito, eu quero ir, mas preciso dessa oportunidade de ter o papel principal, Paul. Por favor, explique a Carrie, para não ferir os sentimentos dela. Ela está aí?

– Não, ela finalmente arrumou uma amiga e foi dormir na casa dela. Mas ligue novamente amanhã à noite a cobrar, e conte-lhe você mesma.

– E Chris, como ele está? – perguntei.

– Bem, bem. Ele só tira “A”, e se puder manter as notas assim, será aceito para um programa acelerado e poderá terminar o quarto ano da escola preparatória ao mesmo tempo em que inicia seu primeiro ano na faculdade.

– Ao mesmo tempo? – perguntei, maravilhada que qualquer pessoa, mesmo Chris, pudesse ser tão inteligente e conseguisse ir tão longe.

– Claro, isso pode ser feito.

– Paul, e você? Você está bem? Tem trabalhando muito, muitas e longas horas?

– Estou bem de saúde, e sim, eu trabalho longas horas, como todo médico faz. E já que você não pode vir nos visitar, acho que seria bom para Carrie se ela fosse te visitar.

Oh, essa era a melhor ideia que eu tinha ouvido em meses e meses!

– E traga Chris – eu disse. – Ele vai adorar conhecer todas as bailarinas bonitas que eu posso apresentar a ele. Mas você, Paul, é melhor não olhar para ninguém além de mim.

Ele fez um som estranho na garganta antes de rir.

– Não se preocupe, Catherine, vejo o seu rosto diante de mim todos os dias.

No início de agosto, a produção televisiva de *O Quebra-Nozes* foi gravada para lançamento no Natal. Julian e eu nos sentamos juntos e assistimos às gravações. Quando acabaram, ele se virou para me tomar em seus braços, e, pela primeira vez, me disse algo com o tipo de sinceridade que eu podia acreditar:

– Eu te amo, Cathy. Por favor, pare de me tratar de forma tão distante!

Mal tínhamos descansado depois de *O Quebra-Nozes* quando Yolly caiu e torceu o tornozelo, e April tinha ido visitar seus pais; então tive a chance de ser a Bela Adormecida! Já que Julian tinha tido dois papéis na produção de TV, tanto Alexis quanto Michael pensaram que deveria ser a vez deles de fazer parceria comigo. Madame Zolta franziu a testa e olhou para Julian, depois para mim.

– Alexis, Michael, eu prometo a vocês o próximo papel principal, mas vamos deixar Julian dançar com Catherine. Os dois têm uma magia rara entre eles que é fascinante. Eu quero ver como eles se saem em uma produção realmente generosa como *A Bela Adormecida*.

Oh, os pensamentos que tive no palco enquanto jazia tão imóvel no sofá de veludo roxo, esperando meu amante vir e pousar sobre meus lábios um excitante beijo de despertar... A gloriosa música me fazia sentir mais real naquele sofá do que quando eu era apenas eu, sem sangue real nenhum. Senti-me encantada, rodeada por uma aura de beleza, enquanto tranquila e graciosamente me deitava com os braços cruzados sobre os seios e meu coração pulsava ao ritmo da gloriosa música. Lá na plateia escura, Paul, Chris, Carrie e Henny estavam assistindo pela primeira vez a um espetáculo nova-iorquino.

Verdadeiramente, sentia em meus ossos que era essa princesa medieval mística.

Eu o vi como em um sonho, através dos meus olhos semicerrados, meu príncipe. Ele dançou ao meu redor, então se ajoelhou para olhar com ternura meu rosto antes de se atrever a pousar um beijo hesitante em meus lábios fechados. Despertei, tímida, desorientada, batendo minhas pálpebras. Fingi amor à primeira vista, mas estava muito assustada, como uma donzela virtuosa, e ele teve que me cortejar com mais dança e persuadir-me a dançar também, e no mais apaixonado *pas de deux* logo sucumbi aos seus encantos. Em sua conquista, ele me levantou lá no alto e, bem no centro da palma de sua mão, sabia o local exato onde equilibrar meu peso, e eu fui levada para fora do palco.

O último ato terminou; os aplausos trovejantes ressoaram quando a cortina se ergueu e desceu diversas vezes. Apenas eu e Julian tivemos oito chamadas ao palco! Rosas vermelhas foram colocadas em meus braços inúmeras vezes, e flores foram atiradas para o palco. Olhei para baixo para ver um único botão-de-ouro amarelo embrulhado em um pedaço de papel dobrado. Inclinei-me para pegá-lo e sabia que era de Chris antes mesmo de ter a oportunidade de ler o seu bilhete. Os quatro botões-de-ouro amarelos do papai, e um deles fora colocado em um refrigerador para mantê-lo fresco até que pudesse ser jogado para mim, como um tributo ao que costumávamos ser.

Cegamente olhei em direção à audiência de rostos borrados, à procura daqueles que eu amava. Tudo o que eu podia ver era o sótão, o impressionante, sombrio e enorme sótão, com suas flores de papel, e lá, perto da escada, estava Chris, em pé, nas sombras, perto do sofá coberto e do enorme baú, o desejo ansioso no rosto enquanto me observava dançar sem parar.

Eu estava chorando, e o público adorou. Eles me aplaudiram de pé. Virei-me para entregar uma rosa vermelha para Julian, e novamente os aplausos trovejaram. E ele me beijou! Bem na frente de milhares de pessoas, ele se atreveu a me beijar – e não foi um beijo respeitoso, foi possessivo.

– Dane-se você por fazer isso! – sibilei, sentindo-me humilhada.

- Dane-se você por não me querer! – ele sussurrou de volta.
- Eu não sou sua!
- Você será!

Minha família veio até os bastidores para me prodigalizar louvores. Chris tinha crescido ainda mais, mas Carrie estava do mesmo tamanho, talvez um pouquinho mais alta, mas não muito. Beije o rosto redondo e firme de Henny, só então pude olhar para Paul. Nossos olhos se encontraram e se fixaram um no outro. Será que ele ainda me amava, me desejava, precisava de mim? Ele não tinha respondido a minha última carta. Eu me magoava facilmente, portanto tinha escrito apenas para Carrie para lhe contar sobre as próximas apresentações, e só então Paul tinha telefonado para dizer que traria a minha família para Nova York.

Após a apresentação veio a festa com buffet que nos havia sido ofertada pelos ricos mecenas que Madame Z. cultivava.

– Fiquem vestidos com os trajes que estão usando – ela nos instruiu. – Os aficionados sentem uma grande emoção ao ver de perto os dançarinos em seus trajes. Mas tirem a maquiagem de palco, usem o que vocês usam todos os dias para parecerem deslumbrantes. Nunca, nem por um segundo, deem ao público a ideia de que são menos do que fascinantes!

Música estava tocando e Chris tomou-me em seus braços para dançar uma valsa, a dança que eu havia lhe ensinado tantos anos atrás.

– Esse ainda é o jeito que você dança? – eu o repreendi.

Ele sorriu de um modo discreto.

– Não posso fazer nada se você tem todo o talento para a dança e eu tenho o cérebro.

– Observações como essa poderiam facilmente me fazer pensar que você não tem cérebro.

Ele riu de novo e me puxou para mais perto.

– Além disso, eu não preciso dançar e ficar fazendo poses para conquistar as garotas. Basta dar uma olhada na sua amiga Yolanda. Ela é bem bonita, e está de olho em mim a noite toda.

– Ela fica de olho em todo homem bonito que vê, por isso não se sintam tão lisonjeados. Ela vai dormir com você hoje à noite, se você quiser isso, e amanhã à noite com outra pessoa.

– Você é como ela também? – ele rebateu, estreitando os olhos.

Eu sorri para ele maliciosamente, pensando, não, eu era como mamãe, doce e suave e capaz de lidar com os homens – pelo menos, eu estava aprendendo. Para provar isso, pisquei para Paul, tentando ver se ele viria e nos interromperia. Rapidamente Paul ficou em pé, movendo-se graciosamente pela pista de dança para me tirar de Chris. Os lábios de meu irmão se apertaram, e então ele foi direto até Yolanda. Em um minuto ou dois eles desapareceram.

– Acho que você pensa que sou um grandalhão com mãos e pés desajeitados, depois de dançar com Julian – disse Paul, que podia dançar melhor do que Chris. Mesmo quando a música mudou para um ritmo mais rápido, com uma batida selvagem, ele a acompanhou, surpreendendo-me de que ele pudesse deixar de lado sua dignidade e saltitar de forma quase tão desinibida quanto um garoto de faculdade.

– Paul, você é maravilhoso!

Ele riu e disse que eu o fazia sentir jovem novamente. Era tão divertido vê-lo assim, relaxado, que eu fui um pouco mais atrevida na minha dança.

Carrie e Henny pareciam cansadas e pouco à vontade.

– Estou com sono – queixou-se Carrie, esfregando os olhos. – Não podemos ir para a cama agora?

Era meia-noite quando deixamos Henny e Carrie no hotel, e então, Paul e eu nos sentamos em um tranquilo café italiano e olhamos um para o outro. Ele ainda usava o bigode – não um bigodinho emperiquitado, mas um bigode grosso sobre seus lábios sensuais. Ele tinha engordado alguns quilos, mas isso não prejudicava sua aparência ou seu charme. Ele estendeu a mão sobre a mesa para tomar as minhas mãos nas dele, levando-as até seu rosto e esfregando-as nele. E o tempo todo em que ele fazia isso, seus olhos me interrogavam ardentemente, forçando uma pergunta de minha parte.

– Paul, você encontrou outra pessoa?

- E você?
- Eu perguntei primeiro.
- Não estou à procura de ninguém.

Foi uma resposta para fazer meus batimentos cardíacos ficarem mais rápidos, pois fazia muito tempo que não o via, e eu o amava muito. Observei-o pagar a conta, pegar meu casaco e segurá-lo, e depois o seu próprio, para que eu o segurasse. Nossos olhos se encontraram, e então nós quase saímos correndo do café para o hotel mais próximo, onde ele nos registrou como Sr. e Sra. Paul Sheffield. Em um quarto pintado de vermelho escuro, ele tirou minhas roupas com tal lentidão sedutora que eu estava pronta mesmo antes que ele ficasse de joelhos para me beijar em todos os lugares.

Ele me abraçou apertado, me encheu de carícias e afagos, me beijou e me deu prazer até que nós éramos novamente um só.

Depois que estávamos satisfeitos, ele traçou com o dedo o contorno dos meus lábios, olhando para mim com muita ternura.

– Catherine, quando escrevi aquilo no registo do hotel, eu falava sério – disse ele, beijando-me suavemente.

Eu olhei para ele, incrédula.

– Paul, não me provoque.

– Eu não estou brincando, Catherine. Tenho tantas saudades desde que você foi embora! Percebi que tolo eu fui, em negar a você e a mim a chance de encontrar a felicidade. A vida é muito curta para tantas dúvidas. Agora você está encontrando o sucesso em Nova York; quero compartilhá-lo com você. Não quero que tenhamos de nos esgueirar pelas costas de Chris, e não quero ter que me preocupar com fofocas de cidade pequena. Quero ficar com você, quero você para sempre, quero que seja minha mulher.

– Oh, Paul! – exclamei, jogando meus braços sobre seu pescoço.

– Eu vou te amar para sempre, prometo! – Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu estava tão aliviada que ele tivesse me pedido em casamento, afinal. – Serei a melhor esposa que qualquer homem jamais teve. – Eu falava sério também.

Nós não dormimos naquela noite. Ficamos acordados, planejando como seria quando nos casássemos. Eu permaneceria

com a companhia; de alguma forma, nós iríamos dar um jeito nisso. A única sombra que escurecia a nossa alegria era Chris. Como poderíamos contar a Chris? Decidimos esperar até o Natal, quando eu estaria em Clairmont. Até lá, teria que manter a minha felicidade em segredo, escondê-la do mundo, de modo que ninguém pudesse imaginar que eu estava prestes a me tornar a Sra. Paul Scott Sheffield.

1 "Boneca", em inglês. (N.T.)

2 *Fouetté*: chicoteado. Um passo giratório, geralmente feito em série, onde uma perna é jogada para o lado em um movimento circular, enquanto o dançarino gira sobre a perna de base, mantendo a outra elevada. (N.E.)

UMA CHANCE DE LUTAR



Esse foi o outono da minha felicidade, do florescimento do meu sucesso, do meu amor por Paul. Eu pensei que tinha o destino totalmente sob meu controle; desafiei-o a me impedir, pois eu era livre e percorria meu próprio caminho. Quase no topo agora. Eu não tinha nada a temer agora, nada. Mal podia esperar para contar ao mundo sobre o meu noivado com Paul. Mas, furtivamente, protegi o meu segredo. Não contei a ninguém, nem a Julian, nem a Madame Zolta, pois havia muita coisa em jogo, e eu tinha que esperar algum tempo para garantir que tudo continuasse a seguir o seu caminho. Agora eu ainda precisava de Julian para ser meu parceiro, tanto quanto ele precisava de mim. E eu precisava que Madame Zolta tivesse total confiança em mim. Se ela soubesse que eu ia me casar, algo que não tinha sua aprovação, ela poderia não dar todos os papéis principais a mim, poderia pensar que eu era uma causa perdida e não valia o seu tempo. E eu ainda tinha que ser famosa. Ainda tinha que mostrar a mamãe que eu era melhor do que ela.

Agora que Julian e eu tínhamos conseguido um pouco de reconhecimento, Madame Zolta começou a nos pagar mais. Julian veio correndo até mim em uma manhã de sábado, muito animado enquanto me agarrava e dançava comigo em círculos.

– Adivinhe só? A bruxa velha disse que posso comprar o seu Cadillac em prestações! Ele tem apenas dois anos e meio de idade,

Cathy. – Ele pareceu ficar melancólico. – Claro, eu sempre pensei que meu primeiro Cadillac seria um zero quilômetro, mas quando certa dama do balé está morrendo de medo de que certo dançarino sensacional possa se juntar a outra companhia de balé e levar junto com ele sua melhor bailarina, como essa certa pessoa pode se recusar a quase doar seu Cadillac?

– Chantagem! – gritei. Ele riu e agarrou minha mão, e corremos para olhar para o seu novo carro estacionado do lado de fora do nosso prédio. Fiquei ofegante; parecia tão novo! – Oh, Julian, eu adorei! Você não poderia chantageá-la se ela não quisesse que você tivesse um dos brinquedos favoritos dela. Ela sabe que você vai mimá-lo. E nunca, nunca o venda!

– Oh, Cathy! – Seus olhos brilhavam intensamente com as lágrimas que ele não derramara. – Você não pode ver por que eu te amo tanto? Somos parecidos. Por que você não pode me amar, só um pouquinho?

Orgulhosamente, ele abriu a porta para me dar o raro privilégio de ser a primeira garota a andar em seu primeiro Cadillac.

Tivemos um dia selvagem e louco a partir daí. Nós dirigimos pelo Central Park e fomos até o Harlem, para a Ponte George Washington e voltamos. Estava chovendo, mas eu não me importei. Estava quente e aconchegante no carro.

Então Julian começou novamente.

– Cathy... Você nunca vai me amar, não é?

Era uma pergunta que ele fazia pelo menos uma ou duas vezes por dia, de um modo ou de outro. Eu desejava lhe contar sobre o meu noivado com Paul, para pôr fim às suas perguntas de uma vez por todas. Mas me mantive firme em meu segredo.

– É porque você ainda é virgem, não é? Eu serei tão cuidadoso, tão suave, Cathy... Me dê uma chance, por favor.

– Bom Deus, Julian, isso é tudo com que você se importa?

– Sim! – ele rosou. – Pode ter a maldita certeza que sim! Estou cansado dos seus joguinhos comigo! – Ele guiou o carro para um fluxo intenso de tráfego. – Você é uma provocadora. Você me provoca quando estamos dançando, então me chuta na virilha quando não estamos!

– Leve-me para casa, Julian! Acho esse tipo de conversa nojento!

– Certo! Pode apostar que vou levá-la para casa! – Ele cuspiu em mim enquanto eu me encolhia perto da porta do passageiro que ele havia trancado. Lançou-me um olhar feroz, perturbado, então pisou duro no acelerador! Nós corremos por todas aquelas ruas escorregadias por causa da chuva, e de vez em quando ele olhava para mim para apreciar como eu estava aterrorizada com o passeio! Ele riu, selvagem e loucamente, então freou tão rápido que fui arremessada para frente e minha testa atingiu o para-brisa! O sangue escorria do corte. Em seguida, ele pegou a bolsa do meu colo, inclinou-se para abrir a porta e me empurrou para fora, na chuva!

– Vá para o inferno, Catherine Dahl! – ele gritou enquanto eu ficava lá na chuva, recusando-me a implorar. Os bolsos do meu casaco estavam vazios. Nenhum dinheiro. – Você fez o seu primeiro e último passeio no meu carro. Espero que saiba achar o caminho! – ele me cumprimentou com um sorriso maligno. – Chegue em casa da melhor maneira que puder, santinha puritana – ele cuspiu –, se você conseguir!

E ele foi embora, deixando-me em uma esquina debaixo da chuva, no Brooklyn, onde eu nunca tinha estado antes. Eu não tinha sequer uma moeda. Não podia fazer uma chamada telefônica, ou usar o metrô, e a chuva estava forte. Meu casaco leve estava encharcado. Sabia que estava em um bairro perigoso, onde tudo podia acontecer... E ele tinha me deixado aqui, quando tinha jurado cuidar de mim!

Comecei a andar, não sabendo distinguir o norte do sul, leste do oeste, então vi um táxi andando por ali e fiz sinal para ele parar. Nervosa, me inclinei para frente para ver o taxímetro marcar os quilômetros – e os dólares. *Maldito seja você, Julian, por me levar tão longe!* Finalmente chegamos ao meu apartamento, ao custo de 15 dólares!

– Como assim 'cê num tem dinheiro aí? – o taxista esbravejou. – Eu vou te levar direto pra delegacia de polícia!

Discutimos por algum tempo, eu tentando explicar a ele que não poderia pagá-lo a menos que ele me deixasse sair para pegar o

dinheiro, e todo o tempo o taxímetro estava correndo. Por fim, ele concordou.

– Mas é melhor `cê voltar, garotinha, em cinco minutos, senão...

Uma raposa inglesa perseguida por uma centena de cães não teria corrido mais rápido do que eu. O elevador se arrastou para cima, rangendo o tempo todo. Eu nunca pisava naquela coisa sem ficar com medo de que fosse parar entre os andares e eu ficasse presa. Finalmente, a porta se abriu e corri pelo corredor até bater na porta, rezando para April ou Yolanda estarem lá. O louco do Julian tinha minha bolsa e minha chave!

– Calma – berrou Yolanda. – Estou indo. Quem é?

– Cathy! Deixe-me entrar, rápido! Eu tenho um taxista esperando com o taxímetro correndo!

– Se você pensa que vai me fazer pagar por isso, esqueça! – ela disse, abrindo a porta. Ela usava apenas calcinhas de náilon, e sua cabeça recém-lavada estava embrulhada em uma toalha vermelha. – Você se parece com algo que o mar devolveu – ela disse, convidativa.

Eu não era de dar muita atenção a Yolanda. Empurrei-a para o lado, corri para onde eu tinha o meu esconderijo com dinheiro de emergência, então desabei. A pequena chave do meu baú secreto estava na bolsa que Julian havia tirado de mim – isso se ele não a tivesse jogado fora.

– Por favor, Yolly, empreste-me 15 dólares e mais um para a gorjeta.

Ardilosamente, ela me olhou enquanto removia a toalha e começava a pentear os longos cabelos escuros.

– O que tem para trocar por pequenos favores como esse?

– Eu lhe dou o que quiser. Só me dê o dinheiro.

– Tudo bem, você apenas mantenha sua promessa de pagar.

Lentamente, ela pegou uma nota de 20 de sua gorda carteira.

– Dê ao motorista uma nota de cinco de gorjeta; isso vai deixá-lo feliz. Qualquer coisa que eu quiser, certo?

Concordei e saí correndo.

Assim que o motorista pegou a nota de 20, ele sorriu, amigável, enquanto tirava o boné.

– Te vejo por aí, garota!

Eu esperava que ele caísse morto!

Estava tão congelada que a primeira coisa que fiz foi encher a banheira de água quente, mas só depois de ter esfregado a sujeira que Yolly havia deixado nela.

Meu cabelo ainda estava molhado quando coloquei a roupa, planejando ir até Julian e exigir minha bolsa de volta, quando Yolly bloqueou meu caminho.

– Vamos lá, Cathy... Eu quero que você mantenha a promessa. O que eu quiser, certo?

– Certo – eu disse, aborrecida. – O que você quer?

Ela sorriu e inclinou-se provocativamente contra uma parede.

– Seu irmão... Eu quero que você o convide para o fim de semana.

– Não seja ridícula! Chris está na faculdade. Ele não pode vir para cá na hora que ele quiser.

– Faça o que for preciso para trazê-lo aqui. Diga que está doente, que precisa desesperadamente dele, mas traga-o aqui! E então você pode ficar com a nota de 20.

Eu me virei para olhar para ela com hostilidade.

– Não! Eu tenho o dinheiro para pagar você... Eu não vou deixar Chris se envolver com gente como você!

Ainda vestindo apenas a calcinha, ela passou um batom escarlate sem se olhar em um espelho.

– Cathy, meu amor, seu querido e precioso irmão já está envolvido com gente como eu.

– Eu não acredito em você! Você não é o tipo dele!

– Nããã – ela ronronou, estreitando os olhos, observando-me enquanto eu terminava de me vestir. – Deixe-me lhe dizer uma coisa, cara de boneca, não há um homem vivo que não goste do meu tipo. Incluindo o seu querido irmão e seu amante Julian!

– Você está mentindo! – gritei. – Chris nunca chegaria perto de você, e quanto a Julian, não dou a mínima se ele dorme com dez prostitutas como você!

De repente, seu rosto se inflamou, vermelho. Ela se enrijeceu e veio na minha direção com as mãos levantadas e os dedos em

garras com longas unhas vermelhas.

– Vagabunda! – ela rosnou. – Não se atreva a me chamar de prostituta! Eu não recebo nada pelo que eu dou... E seu irmão gosta do que eu dou! Vá e pergunte a ele quantas vezes ele...

– Cale a boca! – eu gritei, não a deixando terminar. – Eu não acredito em nada do que você diz! Ele é esperto demais para fazer qualquer coisa a não ser usá-la para as necessidades dele... Além disso, você não significa nada para ele!

Ela me agarrou e eu a empurrei com força. Com força suficiente para que ela caísse no chão.

– Você não passa de uma rameira superficial e mesquinha, Yolanda Lange! – gritei com fúria. – Não é boa o suficiente para que meu irmão limpe os pés em você! Você dormiu com todos os dançarinos da companhia. Eu não me importo com o que você faz... Apenas me deixe em paz e deixe o meu irmão em paz!

O nariz dela estava sangrando e começando a inchar... Oh, não sabia que eu ia bater com tanta força! Rapidamente ela ficou em pé, mas por alguma razão se afastou de mim.

– Ninguém fala assim comigo e fica tudo por isso mesmo... Você vai se arrepender disso algum dia, Catherine Dahl! Vou pegar o seu irmão. Melhor ainda, vou tomar Julian de você também! E quando ele for meu, você vai descobrir que sem ele você não é nada! Nada além de uma dançarina caipira que Madame Z. expulsaria se Julian não insistisse em mantê-la aqui somente porque ele está excitado por uma virgem.

O que ela gritou poderia ser bem verdadeiro. Talvez ela estivesse certa, que sem Julian eu não seria nada em especial. Senti-me mal e a odiei – a odiei por sujar Chris e a imagem que eu fazia dele. Comecei a jogar minhas roupas nas malas, determinada. Eu voltaria para Clairmont antes de ficar mais uma hora perto de Yolanda!

– Vá em frente! – ela sussurrou entre os dentes cerrados. – Fuja, pequena puritana. Que tola você é! Eu não sou uma puta! Só não sou a provocadora que você é, e, entre os dois, escolho o meu tipo!

Sem me importar com o que ela dizia, terminei de arrumar minhas coisas, então amarrei as alças das minhas três mochilas juntas para que pudesse arrastá-las pelo corredor, e debaixo do

braço eu carregava uma mochila de couro macio, totalmente cheia. Virei-me na porta para olhar para trás, para Yolanda, que havia se esparramado na cama como um gato elegante.

– Você realmente me aterroriza, Yolanda. Estou com tanto medo que se eu pudesse, riria. Já enfrentei coisas maiores e melhores do que você, e ainda estou viva... Então, não se aproxime de mim, ou será *você* que vai lamentar esse dia!

Logo depois que bati a porta, estava no andar de Julian. Arrastando a minha bagagem amarrada, bati na porta do apartamento dele com ambos os punhos.

– Julian – gritei –, se você está aí, abra essa porta e devolva minha bolsa. Abra essa porta ou nunca mais serei sua parceira de dança novamente!

Ele abriu a porta rapidamente, vestindo apenas uma toalha de banho enrolada em torno de seus quadris estreitos. Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, ele me arrastou para o quarto e me jogou na cama. Olhei em volta freneticamente, esperando ver Alexis ou Michael, mas para meu azar ele estava sozinho no apartamento.

– Claro – ele uivou –, você pode ter sua maldita bolsa de volta... Depois de responder a algumas perguntas!

Levantei-me da cama e ele me empurrou para baixo novamente, depois ajoelhou-se sobre mim, prendendo o meu corpo, de modo que eu não pudesse escapar.

– Você me largou lá, seu maldito! – berrei. – Eu andei seis quarteirões na chuva e estava congelando de frio. Agora, me deixe ir e me dê a minha bolsa!

– Por que você não pode me amar? – ele proferiu, me segurando para baixo com ambas as mãos enquanto eu lutava para me libertar. – É porque você está apaixonada por outra pessoa? Quem é? É o grande médico que a acolheu, não é?

Sacudi a cabeça, com muito medo dele. Não podia dizer-lhe a verdade. Ele parecia quase louco de ciúme. Seu cabelo estava tão molhado do banho recente que pingava água em mim.

– Cathy, não aguento mais essa situação com você! Faz três anos desde que nos conhecemos, e eu não cheguei a lugar nenhum. O

problema não pode ser comigo. Deve ser você! Quem é ele?

– Ninguém! – menti. – E você não pode dar certo para mim! A única coisa que eu gosto em você, Julian Marquet, é o jeito como você dança!

O sangue inundou seu rosto.

– Você acha que eu sou cego e estúpido, não é? – ele perguntou, tão furioso que parecia a ponto de explodir. – Mas eu não sou cego, não sou estúpido e vejo como você olha para aquele médico! E Deus me ajude se eu não vi você olhar para o seu próprio irmão da mesma maneira! Portanto, não venha me dar lição de moral, Catherine Dahl, pois eu nunca vi um irmão e uma irmã tão fascinados um com o outro antes!

Eu lhe dei um tapa! Ele bateu de volta, duas vezes mais forte! Tentei lutar, mas ele era como uma enguia enquanto se engalinhava comigo no chão, onde eu temia que a qualquer momento ele rasgasse minhas roupas e me estuprasse, mas ele não fez isso. Só me segurou por baixo dele e respirou pesadamente, até que conseguiu algum controle sobre sua fúria, e só então falou:

– Você é minha, Cathy, quer você saiba disso ou não... Você pertence a mim. E se qualquer homem ficar entre nós dois, eu vou matá-lo, e mato você também. Então lembre-se disso antes de colocar os olhos em alguém além de mim.

Ele me deu a minha bolsa, então, e disse-me para contar o meu dinheiro para ver se ele havia me roubado. Eu tinha 42 dólares e 62 centavos, estava tudo lá.

Trêmula, fiquei em pé, quando ele me permitiu, e eu ainda tremia quando recuei até a porta, abri-a e saí para o corredor segurando minha bolsa apertada. Só então me atrevi a falar o que eu pensava.

– Há instituições mentais para loucos como você, Julian. Você não pode me ordenar a quem devo amar e não pode me forçar a amá-lo. Se você tivesse deliberadamente tentando se tornar repugnante para mim, não poderia ter feito um melhor trabalho. Agora eu não consigo nem mesmo gostar de você. E quanto a dançar juntos novamente, esqueça! – Bati a porta em seu rosto e saí correndo.

Mas quando cheguei ao elevador, ele tinha aberto a porta novamente, e disse algo tão terrível que não posso repeti-lo, exceto o modo como terminava:

– Vá para o inferno, Cathy... Eu já disse isso antes, e vou dizer de novo... Você vai pedir a Deus para estar no inferno antes que eu acabe com você!

Depois daquela cena terrível com Yolanda, e então com Julian, procurei Madame Zolta e disse a ela que eu simplesmente não podia viver por mais tempo em um apartamento com uma garota determinada a arruinar minha carreira.

– Ela tem medo de você, Catherine, isso é tudo. Yolanda era a estrela em minha pequena companhia até que você chegou. Agora ela se sente ameaçada. Faça as pazes com ela... Seja uma boa menina, e vá até lá e diga que está arrependida pelo que quer que tenha acontecido.

– Não, Madame. Não gosto dela, e me recuso a viver no mesmo apartamento que ela. Então, se você não me der mais dinheiro, vou ter que ir para outra companhia e ver se eles me querem, e se não quiserem, então vou voltar para Clairmont.

Ela gemeu, colocou a cabeça esquelética em suas mãos ossudas e lamentou um pouco mais. Oh, como os russos eram exagerados ao expressar emoções!

– Ok... Você me chantageia, e eu cedo. Eu vou lhe dar um pequeno aumento, e dizer-lhe onde encontrar um apartamento barato, mas ele não vai ser tão bom como aquele que você deixou.

Ha! Aquilo era bom? Mas ela estava certa. O único apartamento que eu pude encontrar caberia no menor quarto da casa de Paul, os dois cômodos juntos. Mas era meu... O primeiro lugar que eu tinha só para mim, e por alguns dias me deleitei em decorá-lo o melhor que pude. Então, realmente comecei a ter um sono inquieto, acordando a cada poucos minutos para ouvir todos os ruídos e rangidos do velho edifício. Ansiava por Paul. Ansiava por Chris. Ouvia o vento soprar, e não havia ninguém em outra cama a um metro da

minha para me consolar com palavras suaves e olhos azuis cintilantes.

Os olhos de Chris estavam à minha frente quando me levantei e sentei em minha mesa da cozinha para escrever uma nota para a "Sra. Winslow". Eu havia lhe enviado um recorte da minha primeira crítica favorável na mídia, uma que tinha uma foto sensacional de Julian e eu dançando *A Bela Adormecida*. E escrevi na parte inferior do meu bilhete:

Não vai demorar muito agora, senhora Winslow. Pense nisso todas as noites antes de dormir. Lembre-se de que ainda estou viva, em algum lugar, pensando em você e planejando.

Despachei essa carta no meio da noite, antes que tivesse a chance de reconsiderar e rasgá-la. Corri para casa, me joguei na minha cama e chorei. Oh, Deus, eu nunca iria me libertar! Nunca! E apesar de todas as minhas lágrimas, acordei de novo, pensando em como poderia feri-la de modo que ela nunca mais fosse a mesma. *Seja feliz agora, mamãe, porque não será por muito tempo!*

Comprei seis cópias de todos os jornais que tinham alguma notícia ou crítica sobre mim. Infelizmente, na maioria das vezes, meu nome aparecia juntamente com o de Julian. Paul e Chris também recebiam notícias; as outras eu guardava para mim mesma – ou para mamãe. Imaginei como ela ficaria quando abrisse o envelope, embora tivesse medo de que ela jogasse na lata de lixo depois de tê-lo rasgado sem ter lido o conteúdo. Eu não a chamei de mãe ou mamãe nem uma única vez, mas mantive minhas saudações sempre formais e frias. Chegaria um dia, porém, em que ela me veria cara a cara; eu a chamaria de mãe e a veria empalidecer, e então estremecer.

Certa manhã, fui acordada por alguém batendo na minha porta.

– Cathy, deixe-me entrar! Eu tenho uma ótima notícia!

Era a voz de Julian.

– Vá embora! – eu disse, sonolenta, levantando-me e colocando um roupão enquanto ia até a porta para fazê-lo parar de bater. – Pare com isso! – berrei. – Eu não o perdoei, e nunca vou perdoá-lo! Fique fora da minha vida!

– Deixe-me entrar ou eu vou chutar a porta até derrubá-la! – ele gritou.

Destranquei a porta e a abri apenas um pouquinho. Julian invadiu meu apartamento, me pegou em seus braços e plantou em meus lábios um beijo longo e quente enquanto eu ainda estava meio bocejando.

– Madame Zolta... Ontem depois que você saiu, ela nos deu a notícia! Vamos sair em turnê para Londres! Duas semanas lá! Eu nunca fui a Londres, Cathy, e Madame está tão encantada de eles terem conhecimento de nós lá!

– Sério? – eu perguntei, sentindo seu entusiasmo. Então eu cambaleei em direção à minha minúscula cozinha... Café, eu tinha que tomar um café antes que pudesse pensar direito.

– Deus, você fica sempre tão desorientada no período da manhã? – ele perguntou, me seguindo até a cozinha, onde sentou-se ao contrário em uma cadeira e se apoiou nos cotovelos para observar cada movimento meu. – Acorde, Cathy! Me perdoe, me beije, seja minha amiga novamente. Me odeie o quanto você quiser amanhã, mas me ame neste dia, pois eu nasci para este dia, você também! Cathy, nós vamos conseguir! Eu sei que vamos! A companhia de Madame Zolta nunca foi notada antes de nos tornarmos uma equipe! O sucesso não é dela, é nosso!

Sua modéstia merecia uma medalha.

– Você tomou café da manhã? – perguntei, e esperei. Eu tinha apenas duas fatias de bacon e queria as duas para mim.

– Claro que tomei, antes de vir para cá... Mas eu posso comer de novo.

Naturalmente ele podia comer de novo! Ele sempre podia comer... E foi aí que entendi... Londres! Nossa companhia vai para Londres! Virei-me e gritei:

– Julian, o que você disse não é brincadeira? Vamos todos para lá, todos nós?

Ele deu um pulo.

– Sim, todos nós! É uma grande oportunidade, a nossa chance de nos tornarmos famosos! Vamos fazer o mundo sentar e nos apreciar! E você e eu, nós seremos as estrelas! Porque juntos somos os melhores, e você sabe disso tão bem quanto eu.

Compartilhei minha refeição e escutei-o falar com entusiasmo sobre a longa e fantástica carreira que teríamos à frente. Seríamos ricos, e quando ficássemos mais velhos, iríamos sossegar e ter um casal de filhos, e depois ensinar balé – eu gostaria disso, não é? Eu odiava estragar seus planos, mas tinha que dizê-lo.

– Julian, eu não te amo, por isso nunca poderemos nos casar. Vamos para Londres dançar juntos, e vou fazer o melhor que puder, mas pretendo me casar com outra pessoa. Estou noiva. Estou noiva já há algum tempo.

Seu longo olhar de descrença e puro ódio pareceu atingir meu rosto como uma série de tapas.

– Você está mentindo! – ele gritou. Eu balancei a cabeça para negar. – Maldita seja você por me deixar sempre ter esperança! – ele gritou, e então se atirou para fora do meu apartamento. Eu nunca lhe dava esperança, exceto quando estávamos dançando, e esse era o meu papel a desempenhar... Isso era tudo, tudo o que havia entre nós.

SONHOS DE INVERNO



Eu ia para casa passar o Natal. A cena desagradável com Julian foi esquecida na minha antecipação feliz de ver Paul, e trazer comigo uma notícia tão boa. Graças a Deus eu tinha Paul para compensar. E eu não ia deixar Julian estragar a alegria desse Natal. Pois esse era o momento que Paul e eu tínhamos concordado em anunciar nosso noivado, e a única pessoa que poderia arruinar minha felicidade agora era Chris.

Às duas horas da manhã, Chris e Paul me encontraram no aeroporto. Estava muito frio, mesmo na Carolina do Sul. Foi Chris que chegou primeiro até mim e me pegou em seus braços fortes, e tentou dar um beijo nos meus lábios, mas virei o rosto para que seu beijo pousasse em minha bochecha.

– Viva a grande bailarina vitoriosa! – ele gritou, abraçando-me com força e olhando para mim, cheio de orgulho. – Oh, Cathy, você está tão bonita! Cada vez que a vejo, você faz meu coração doer.

Ele fazia o meu coração doer também, ver que ele era mais bonito do que até mesmo papai tinha sido. Rapidamente olhei em outra direção. Saí do abraço do meu irmão e corri em direção a Paul, que estava em pé nos observando. Ele estendeu as mãos para pegar as minhas. *Cuidado, cuidado*, advertiu seu longo olhar, *não devemos deixar que nossas notícias escapem cedo demais.*

Esse foi o nosso melhor Natal, do começo ao fim ou quase até o fim. Carrie tinha crescido mais de um centímetro, e era uma satisfação vê-la sentada no chão na manhã de Natal, com seus grandes olhos azuis felizes e brilhantes enquanto ela soltava exclamações sobre o vestido de veludo vermelho que eu tinha comprado para ela, encontrado depois de horas e horas de busca em quase todas as lojas de Nova York. Ela parecia uma pequena princesa radiante quando experimentou o vestido. Tentei imaginar Cory sentado de pernas cruzadas no chão, olhando para os seus presentes também. Era impossível deixar a lembrança dele de fora em todas as ocasiões felizes. Oh, muitas vezes, quando eu vislumbrava um menino pequeno com cachos loiros e olhos azuis nas ruas de Nova York, eu corria atrás dele, esperando, por um milagre, que fosse ele – e nunca era, nunca era.

Chris colocou uma pequena caixa em minhas mãos. Dentro havia um minúsculo relicário de ouro em formato de coração, e no centro do relicário havia um diamante verdadeiro, pequeno, mas um diamante, no entanto.

– Pago com meu próprio dinheiro suado – ele disse, enquanto prendia a corrente no meu pescoço. – Trabalhar de garçom paga bem quando você presta um bom serviço com um sorriso.

Então, furtivamente, ele deixou um bilhete dobrado na minha mão. Uma hora depois, quando tive a oportunidade, eu li o bilhete, que me fez chorar:

*Para minha dama Catherine,
Eu lhe dou o ouro com um diamante que você mal consegue
ver,
Mas a joia teria o tamanho de um castelo se fosse expressar
tudo o que sinto por você.
Eu lhe dou ouro, pois ele resiste, e amor como o mar eterno.
Apenas o seu irmão, Christopher.*

Eu ainda não tinha lido o bilhete quando Paul me deu seu presente, envolto em papel dourado e coberto por um enorme laço

de cetim vermelho. Minhas mãos tremiam enquanto eu me atrapalhava com as muitas camadas de papel de seda, tudo isso enquanto ele me observava com expectativa. Um casaco de pele de raposa cinzenta!

– O tipo de casaco que você realmente precisa para os invernos de Nova York – ele disse, com os olhos brilhando com todo o calor e o amor que ele sentia.

– É demais para mim – engasguei –, mas eu adoro isso, absolutamente adoro!

Ele sorriu; ficava feliz com muita facilidade.

– Toda vez que usá-lo, é essencial que você pense em mim, e ele vai mantê-la aquecida nesses dias de nevoeiro e frio em Londres também.

Eu disse a ele que era o mais belo casaco que eu já tinha visto, embora me sentisse desconfortável. Ele me fazia pensar em mamãe e em seu armário cheio de muitas peles, conseguidas porque ela era cruel e sem coração o suficiente para nos deixar trancados e, assim, ganhar uma fortuna, e peles e joias, e todo o resto que o dinheiro podia comprar.

Chris virou a cabeça para ver algo em meu rosto que deve ter traído o meu amor por Paul. Suas sobrancelhas se uniram em uma carranca, antes que ele lançasse um olhar a Paul. Depois, ele se levantou e saiu da sala. Em algum lugar no andar de cima, uma porta bateu violentamente. Paul fingiu não notar.

– Olha lá no canto, Catherine. Isso é um presente para todos nós desfrutarmos.

Olhei para o enorme aparelho de TV embutido; Carrie levantou-se e correu para ligá-lo.

– Ele o comprou para que pudéssemos ver você dançar *O Quebra-Nozes* em cores, Cathy. Agora ele não me deixa tocá-lo.

– É só porque é terrível de sintonizar corretamente – Paul se desculpou.

Durante o resto do dia de Natal eu vi Chris pouquíssimo, exceto na hora das refeições. Ele usava o brilhante suéter azul que eu havia tricotado – e ficava perfeito nele –, e sob ele vestia a camisa e a gravata que eu tinha dado a ele também. Mas nenhum dos meus

presentes podia se igualar ao relicário de ouro e diamante com o pequeno poema que havia deixado meu coração sangrando. Eu odiava o fato de que ele ainda se importava tanto comigo, mas – quando eu pensei sobre isso mais tarde – eu o odiaria ainda mais se ele não se importasse.

Naquela noite, todos nos sentamos confortavelmente em frente à nova TV em cores. Enrolei-me no chão perto da perna de Paul enquanto ele se sentava em uma cadeira, com Carrie ao meu lado. Chris sentou-se bem distante, profundamente imerso em um estado de espírito que o levava mais longe do que a distância real que nos separava. Por isso, eu não estava tão feliz quanto deveria estar, enquanto observava os créditos rolares pela tela colorida. Uma fita que tinha sido feita em agosto e só agora seria vista em centenas de cidades em todo o país. Que lindos os cenários pareciam em cores; eles não tinham parecido tão etéreos ao vivo. Olhei para mim mesma como Clara: eu realmente era parecida com aquilo? Esqueci-me de mim mesma e inclinei-me inconscientemente contra a coxa de Paul, sentindo seus dedos se enrolarem no meu cabelo, e então já não sabia onde estava, exceto no palco, com Julian agora transformado pela magia do feio quebra-nozes no bonito príncipe.

Quando acabou, voltei a mim e a primeira coisa em que pensei foi em minha mãe. *Deus, que ela esteja em casa essa noite, e que ela tenha me visto. Deixe que ela saiba o que ela tentou matar! Deixe que ela sinta dor, chore, lamente... Por favor, por favor!*

– O que posso dizer, Cathy? – Paul disse de forma reverente. – Nenhuma dançarina poderia ter realizado esse papel melhor do que você fez. E Julian foi excelente também.

– Sim – disse Chris, com frieza, ficando em pé e levantando Carrie em seus braços. – Vocês foram sensacionais, mas com certeza não foi o espetáculo infantil que me lembro de ter visto quando era criança. Vocês dois fazem parecer um romance. Realmente, Cathy, mande esse cara sumir, e depressa! – Com essas palavras, ele saiu da sala e subiu as escadas para colocar Carrie na cama.

– Eu acho que o seu irmão suspeita – Paul disse suavemente –, não só de Julian, mas também de mim. O dia todo ele tem me

tratado como um rival. Ele não vai ficar feliz quando souber das nossas novidades.

Assim como todo mundo quer adiar o que é desagradável, sugeri que não disséssemos nada a ele até o dia seguinte. Então, quando eu estava enrolada no colo de Paul e nossos braços estavam ao redor um do outro, trocamos o tipo de beijo apaixonado que tínhamos evitado até agora. Eu ansiava por ele. Depois que tínhamos desligado todas as luzes, subimos as escadas de trás e, com o desejo nascido da inanição, fizemos amor em sua cama. Mais tarde, dormimos, então acordamos para fazer amor novamente. Ao amanhecer, beijei-o mais uma vez, então, coloquei um roupão e me esgueirei pelo corredor até o meu próprio quarto. Para minha total consternação, assim que saí do quarto de Paul para o corredor, Chris abriu a porta e saiu! Abruptamente, ele parou e olhou para mim com os olhos espantados, feridos. Recuei, tão envergonhada que poderia chorar! Nenhum de nós disse uma palavra. Seus olhos foram os primeiros a romper com o olhar congelado que também paralisava os nossos membros. Ele correu para as escadas, mas no meio do caminho se virou para me lançar um olhar de desgosto indignado. Eu queria morrer! Fui dar uma olhada em Carrie, que estava dormindo com o vestido de veludo vermelho apertado em seus braços. E na minha cama eu estava tentando pensar o que deveria dizer a Chris para que tudo ficasse bem entre nós novamente. Por que eu sentia no meu coração que o estava traindo?

O dia depois do Natal era um dia para devolver os presentes que você odiou, não queria, ou aqueles que não serviram. Forcei-me a me aproximar de Chris, que estava no jardim, ferozmente podando as roseiras com a tesoura.

– Chris, eu preciso falar com você e explicar algumas coisas.

Ele explodiu.

– Paul não tinha o direito de lhe dar um casaco de pele! Um presente como esse faz você parecer que é amante dele! Cathy, devolva-lhe o casaco! E, acima de tudo, pare de fazer o que você está fazendo com ele!

Primeiro eu tirei a tesoura de suas mãos, antes que ele arruinasse as amadas rosas de Paul.

– Chris, não é tão ruim quanto você pensa. Entenda... Paul e eu... Bem, estamos planejando nos casar na primavera. Nós nos amamos, por isso não é errado o que fazemos juntos. Não é um caso para ser esquecido amanhã; ele precisa de mim e eu preciso dele. – Aproximei-me quando ele virou as costas para esconder sua expressão. – É melhor assim para mim e para você também – eu disse suavemente.

Abracei sua cintura e me virei para olhar seu rosto. Ele parecia atordoado, como um homem saudável que de repente ficara sabendo que tinha uma doença terminal – e toda a esperança havia fugido dele.

– Ele é velho demais para você!

– Eu o amo.

– Então você o ama. E a sua carreira? Vai jogar fora todos esses anos de sonhos, de trabalho? Vai quebrar a sua palavra? Você sabe que nós juramos um para o outro ir atrás de nossos objetivos e não deixar que os anos que foram perdidos fizessem diferença.

– Paul e eu discutimos isso. Ele entende. Ele acha que podemos dar um jeito...

– *Ele* acha? O que sabe um médico sobre a vida de uma bailarina? Você nunca vai estar com ele. Ele estará aqui; você estará Deus sabe onde, com homens da sua idade. Você não deve nada a ele, Cathy, não deve! Iremos pagá-lo, cada centavo que ele gastou conosco. Nós vamos lhe dar o respeito que ele merece, e o amor, mas você não deve a ele a sua vida.

– Não? – perguntei em um sussurro, sentindo a dor dentro de mim por Chris. – Eu acho que devo a ele minha vida, sim. Você sabe como eu me sentia quando cheguei aqui. Pensei que não podia confiar ou depender de ninguém. Esperava que o pior acontecesse conosco, e teria acontecido se não fosse ele. E eu não o amo apenas pelo que ele fez. Eu o amo por causa de quem e do que ele é. Chris, você não o vê como eu o vejo.

Ele se virou, pegando a tesoura de minhas mãos.

– E o que me diz de Julian? Você vai se casar com Paul e dançar com Julian? Você sabe que Julian está louco por você. É só olhar para ele para ver isso, o jeito que ele olha para você, o jeito que ele toca em você.

Eu recuei, abalada. Chris não estava falando *apenas* de Julian.

– Eu sinto muito se isso arruinou seu Natal – eu disse –, mas você vai encontrar alguém também. Você ama Paul, sei que ama. E quando você pensar sobre isso, vai saber que somos feitos um para o outro, apesar da nossa diferença de idade, apesar de tudo.

Fui embora, deixando Chris no jardim com as tesouras de podar.

Paul me levou para Greenglenna enquanto Carrie ficou em casa para desfrutar da TV em cores e de todas as suas novas roupas e jogos. Paul conversou alegremente sobre a festa que ele planejara para todos nós naquela noite, no seu restaurante favorito.

– Gostaria de ser egoísta e deixar Chris e Carrie em casa. Mas quero que eles estejam lá quando eu colocar o anel no seu dedo.

Fixei os olhos na paisagem de inverno que passava por mim, as árvores nuas, a grama marrom, as bonitas casas com decorações e luzes ao ar livre ligadas depois de escurecer. Agora eu era parte do show, não mais apenas uma espectadora trancada, e ainda assim me sentia tão dividida, tão infeliz!

– Cathy, você está sentada ao lado do homem mais feliz do mundo!

E lá no seu jardim, eu havia deixado um homem tão infeliz como eu me sentia.

Na minha bolsa eu tinha um anel que havia comprado para Carrie em Nova York. Um minúsculo rubi para um dedo muito pequeno, e, mesmo assim, era muito grande para qualquer dedo, exceto o polegar. Enquanto eu estava ali, no melhor departamento de joias da melhor loja na cidade, discutindo como o anel poderia ser reduzido em tamanho sem arruinar o desenho, de repente ouvi uma voz muito familiar! Uma voz melodiosa, rouca, doce. Como em câmera lenta, virei minha cabeça cautelosamente.

Mamãe! Em pé ao meu lado! Se ela estivesse sozinha talvez tivesse me visto, mas ela estava absorvida em conversar com sua companheira, tão elegantemente vestida quanto ela. Eu tinha mudado consideravelmente desde a última vez em que ela me vira – entretanto, se me olhasse, ela teria que saber quem eu era. As duas estavam discutindo sobre a festa à qual tinham ido na noite passada.

– Realmente, Corrine, Elsie não sabe utilizar o tema festivo sem exagerar escandalosamente... Todo aquele vermelho!

Festas! Isso era tudo o que ela fazia, ir a festas! Meu coração batia em ritmo de foxtrote. Meu espírito se esvaiu, dominado pela decepção. Uma festa – eu deveria ter sabido! Ela nunca ficaria em casa e assistiria à TV! Ela não tinha me visto! Ah, mas eu estava com raiva! Virei-me para fazer com que ela me visse! Um pequeno espelho de pé na vitrine de joias refletia seu perfil, e mostrou-me como ela ainda era adorável. Um pouco mais velha, mas ainda impressionante, no entanto. Seus cabelos loiros estavam puxados para trás para enfatizar a perfeição de sua pequena joia de nariz, seus lábios vermelhos formando um beicinho, seus cílios longos e naturalmente escuros que eram deixados mais espessos por camadas de rímel. Suas orelhas brilhavam com ouro e diamantes verdadeiros – e ela estava falando.

– Você pode me mostrar algo perfeito para uma jovem? – ela perguntou à vendedora. – Algo de bom gosto, nem berrante, nem muito grande, mas algo que uma jovem possa ter por toda a sua vida e se orgulhar.

Quem? Quem era a garota para quem ela tinha de dar presentes? Fiquei com ciúmes e observei-a selecionar um belo relicário de ouro muito parecido com o que Chris tinha me dado! Trezentos dólares! Agora a nossa querida mãe estava gastando dinheiro com uma garota que não era dela, esquecendo-se de nós. Será que ela não pensava em nós, querendo saber como nós estávamos nos saindo? Como ela podia dormir à noite, quando o mundo podia ser tão frio, feio e cruel para crianças que estavam por conta própria?

Tanto quanto eu podia dizer, ela não sentia nenhuma culpa ou arrependimento. Talvez esse fosse o efeito de milhões de dólares – colocar um sorriso satisfeito no seu rosto, a despeito do que ele encobria. Eu queria falar com ela e ver sua pose desabar! Queria que seu sorriso se descolasse como a casca de uma árvore e que ela fosse exposta diante de sua amiga pelo que ela era – um monstro sem coração! Uma assassina! Uma fraude! Mas eu não disse nada.

– Cathy – Paul disse, vindo por trás de mim e colocando as mãos sobre meus ombros –, eu devolvi tudo. E você? Pronta para ir agora?

Eu queria desesperadamente que a minha mãe me visse com Paul, um homem tão bonito quanto seu querido “Bart”. Eu queria gritar. *Veja, eu também posso atrair homens inteligentes, amáveis, educados e bonitos!* Assim, olhei rapidamente para ver se mamãe tinha ouvido Paul falar meu nome, na esperança de me deliciar com sua surpresa atordoada, sua culpa, sua vergonha. Mas ela se afastou para a extremidade do balcão, e se ouviu o nome, Cathy, isso não a fez virar a cabeça.

Por alguma razão que não entendi, soluzei.

– Você está bem, querida? – perguntou Paul. Ele viu algo em meu rosto que o confundiu e colocou preocupação em seus olhos. – Não está tendo dúvidas sobre nós, não é?

– Não, claro que não! – neguei.

Mas eu estava tendo dúvidas sobre mim. Por que eu não tinha feito alguma coisa? Por que não tinha colocado o pé no meio do caminho para fazê-la tropeçar? Então eu poderia tê-la visto esparramada no chão, sua pose desaparecer – talvez. Ela provavelmente cairia graciosamente e todos os homens na loja se apressariam para ajudá-la a levantar-se – até mesmo Paul.

Eu estava me vestindo para o grande evento no restaurante A Casa da Fazenda quando Chris entrou no meu quarto e mandou Carrie sair.

– Vá assistir TV – ele disse, com mais rispidez do que eu jamais o ouvira usar com ela. – Eu quero falar com sua irmã.

Carrie dirigiu a ele e a mim um olhar estranho antes de sair do quarto. Mal ela fechou a porta atrás de si, Chris estava ao meu lado, agarrando meus ombros. Ele me sacudiu violentamente.

– Você vai continuar com essa farsa? Você não o ama! Você ainda me ama! Eu sei que você me ama! Cathy, por favor, não faça isso comigo! Sei que você está tentando me libertar ao se casar com Paul, mas isso não é uma boa razão para se casar com um homem.

– Ele abaixou a cabeça, libertando meus ombros, e parecia terrivelmente envergonhado. Sua voz veio tão baixo que precisei aguçar meus ouvidos para ouvir suas palavras. – Eu sei que é errado o que sinto por você. Eu sei que deveria tentar encontrar alguém, como você tenta fazer... Mas não consigo deixar de amar e desejar você. Penso em você durante o dia todo, todos os dias. Sonho com você à noite. Quero acordar e ver você no quarto comigo. Quero ir para a cama e saber que você está lá, muito perto, onde eu possa vê-la, tocá-la. – Um soluço lhe saiu da garganta antes que ele pudesse continuar. – Eu não posso suportar a ideia de te ver com outro homem! Droga, Cathy, eu te quero! Você não pretende ter filhos de qualquer maneira, então *por que não pode ser eu?*

Eu havia me afastado quando ele libertara meus ombros. Quando parou de falar, corri para colocar meus braços sobre ele, enquanto ele me agarrava, como se eu fosse a primeira e única mulher que pudesse salvá-lo de morrer afogado. E nós ambos nos afogaríamos se eu fizesse o ele queria.

– Oh, Chris, o que posso dizer? Mamãe e papai cometeram um erro ao se casarem, e fomos os únicos a pagar o preço. Não podemos correr o risco de repetir o erro deles!

– Sim, nós podemos! – ele gritou fervorosamente. – Não precisamos ter uma vida sexual! Nós podemos apenas viver juntos, ficar juntos, só irmão e irmã, com Carrie também. Por favor, por favor, *eu imploro a você para não se casar com Paul!*

– *Cale-se!* – gritei. – *Deixe-me em paz!* – Bati nele, então, querendo machucá-lo, como cada palavra que ele me dizia me machucava. – Você faz eu me sentir tão culpada, tão envergonhada! Chris, eu fiz o melhor que pude por você quando éramos prisioneiros. Talvez nós tenhamos nos apaixonado um pelo outro, mas apenas porque não havia outros! Se tivesse havido, você nunca iria me querer, e eu nunca teria lhe dado uma segunda olhada! Você

é apenas um irmão para mim, Chris, e eu quero mantê-lo onde você deve ficar... que não é na minha cama!

Então, eu estava em seus braços, e não podia evitar me agarrar a ele com meu rosto pressionado contra seu coração que batia rápido. Ele estava tendo dificuldade em controlar as lágrimas. Eu queria que ele esquecesse... mas cada segundo em que me segurava com força contra ele aumentava as suas esperanças, e estava excitado! E ele era o único que pensava que podíamos viver platonicamente juntos!

– Deixe-me ir, Chris. Se você me ama para o resto de sua vida, guarde isso para si. Nunca mais quero ouvir sobre isso de novo! Eu amo o Paul, e nada que você disser vai me impedir de casar com ele!

– Você está mentindo para si mesma – ele engasgou, me segurando mais apertado. – Eu vejo você me olhando antes de desviar o olhar para ele. Você me quer, e você o quer também. Você quer tudo e todos! Não arruíne a vida de Paul quando ele já sofreu o suficiente! Ele é velho demais para você, e idade *realmente* conta! Ele vai ficar velho e impotente sexualmente quando você estiver no auge! Ora, até mesmo Julian seria melhor!

– Você é um grande idiota se acredita nisso!

– Então, eu sou um idiota! Sempre fui um idiota, não é? Quando coloquei o meu amor e confiança em você, esse foi o maior erro da minha vida, não foi? Você é tão sem coração, à sua própria maneira, como nossa mãe! Você quer todo homem que lhe agrada, independente das consequências... Mas eu a deixaria ter quem você quisesse, contanto que sempre voltasse para mim.

– Christopher, você está com ciúmes porque eu encontrei alguém para amar antes de você! E não fique parado aí, com esse brilho gelado em seus olhos azuis, pois você já teve muitos casos! Eu sei que você já dormiu com Yolanda Lange, e Deus sabe com quem mais. E o que você disse a elas? Você disse que as amava também! Bem, eu não te amo agora! Eu amo o Paul, e não há nada que você possa fazer para nos impedir de nos casarmos!

Ele ficou ali, pálido e com o corpo tremendo, e me disse num sussurro rouco:

– Sim, há. Eu poderia contar a ele sobre nós... Ele não iria querer você, então.

– Você não vai dizer isso a ele. Você é muito honrado, e, além disso, ele já sabe.

Por longos, longos momentos, olhamos um para o outro com raiva... Então ele saiu correndo do quarto, batendo a porta com tanta força atrás dele que causou uma longa rachadura no teto de gesso.

Só Carrie acompanhou a Paul e a mim até a Casa da Fazenda.

– É uma pena que Chris não se sinta bem. Espero que ele não esteja com gripe... Todos estão pegando.

Eu não disse nada, apenas fiquei sentada e ouvi Carrie tagarelar sobre o quanto ela amava o Natal e a maneira como ele fazia tudo que era normal parecer tão bonito.

Paul colocou um anel de diamante de dois quilates no meu dedo enquanto um enorme fogo crepitava, e música suave tocava. Fiz o meu melhor para tornar aquela ocasião alegre, rindo, sorrindo, trocando longos olhares românticos enquanto tomávamos champanhe e brindávamos um ao outro e ao nosso futuro longo e feliz juntos. Eu dancei com ele sob os lustres de cristal gigantes e mantive meus olhos fechados, imaginando Chris em casa sozinho, de mau humor em seu quarto, me odiando.

– Nós vamos ser muito felizes, Paul – sussurrei, ficando na ponta dos pés nos meus sapatos prateados de salto alto.

Sim, era assim que a nossa vida juntos seria. Fácil. Doce. Sem esforço. Assim como a valsa cadenciada, antiga, que dançamos. Porque quando você realmente ama, não há problemas que o amor não consiga superar.

Eu... e minhas ideias.

PRIMEIRO DE ABRIL



Direção. Dedicção. Desejo. Determinação. Os quatro D's do mundo do balé sob os quais vivíamos. Se Madame Z. tinha sido dura conosco antes do Natal, agora ela apertou o cerco contra nós, com uma agenda tão pesada de treinos que tudo o que fazíamos era trabalhar. Ela constantemente nos lembrava de quão perfeito o Royal Ballet de Londres era, estritamente clássico – mas devíamos fazer tudo à nossa própria maneira americana original, clássica... porém de forma mais bonita e inovadora.

Julian era absolutamente cruel, mesmo demoníaco. Comecei a realmente desprezá-lo! Nós dois estávamos molhados de suor e nosso cabelo pendia em mechas molhadas. O meu *collant* estava grudado à minha pele. Julian usava apenas uma tanga. Ele gritou como se eu fosse surda:

– Faça direito dessa vez, com os diabos! Não quero ficar aqui a noite toda!

– Pare de gritar comigo, Julian! Eu posso ouvir perfeitamente bem!

– Então *faça a coisa direito!* Primeiro faça os três passos, depois você chuta, e depois salta para que eu a pegue, e pelo amor de Deus, dessa vez deite-se imediatamente! Não fique na posição vertical e rígida; no momento em que eu te pegar, você cai para trás e fica mole, isso se você conseguir fazer algo direito ou gracioso hoje.

Esse era o meu problema. Eu não confiava nele agora. Estava com medo de que ele fosse tentar me machucar.

– Julian, você grita comigo como se eu estivesse deliberadamente fazendo tudo errado!

– Parece que está! Se realmente quisesse fazer isso direito, você poderia. Tudo o que tem que fazer é dar três passos, chutar e depois saltar, e eu a levanto e você cai para trás. Agora vamos ver se você consegue fazer isso direito, pelo menos uma vez em 50 tentativas!

– Você acha que eu gosto disso? Olhe para minhas axilas – eu disse enquanto levantava meus braços para mostrar a ele. – Vê como estão arranhadas, como você esfolou a minha pele? E amanhã eu vou estar toda preta e azul por causa das contusões que você causou com os seus apertos!

– Então *faça isso direito!* – ele se enfurecia não apenas com sua voz, mas com seus olhos negros, e eu tinha um medo terrível de que ele estivesse apenas esperando pela oportunidade de me deixar cair, de propósito, para se vingar. Mas eu me levantei, e nós fizemos o movimento novamente. E mais uma vez eu falhei em cair para trás e confiar plenamente nele. Dessa vez, ele me jogou no chão, onde fiquei ofegando, arquejando e me perguntando por que diabos eu continuava com isso.

– Você está tentando recuperar o fôlego? – ele perguntou sarcasticamente, elevando-se acima de mim, os pés descalços afastados e prendendo os lados das minhas pernas. Seu peito nu brilhava com suor que escorria e caía sobre mim. – Eu faço todo o trabalho duro, e você fica aí esparramada e parecendo exausta. O que aconteceu com você lá no sul? Usou toda a sua energia transando com o seu médico?

– Cale a boca! Estou cansada de 12 horas seguidas de treino, só isso!

– Se você está cansada, eu estou dez vezes mais! Então levante-se e vamos fazê-lo novamente e acertar dessa vez, com os diabos!

– Pare de me xingar! Arranje outra parceira! Você me fez tropeçar e me fez cair, por isso o meu joelho vai doer por três dias.

Assim, como eu posso correr e pular em seus braços? Você é ruim o suficiente para me aleijar permanentemente!

– Mesmo que odiasse você, eu não iria deixá-la cair. E, Cathy, eu não te odeio. *Ainda não.*

Depois de praticar mais repetidas vezes com a música do piano, a contagem, a temporização, repetindo a mesma série de passos, finalmente eu consegui fazer direito, e até mesmo Julian sorriu e me parabenizou. Depois veio o ensaio final com as roupas e a apresentação de *Romeu e Julieta*.

Eram os cenários deslumbrantes e os figurinos maravilhosos que traziam o melhor de nós à tona quando combinados com uma orquestra completa. Agora eu podia dar ao papel de Julieta todas as pequenas nuances que a tornariam verdadeira, e não uma vareta de madeira como Yolanda parecia essa noite, quando ela fez seus *pliés*, enquanto seus olhos pareciam vidrados, sem foco.

Madame Z. veio para espiar de perto o seu rosto, e então cheirou a respiração de Yolly.

– Por Deus... Você fumou maconha! Nenhuma das minhas dançarinas vai para o palco dopada e engana o meu público! Vá para casa e para a cama. Catherine, prepare-se para ser Julieta!

Yolanda passou cambaleando por mim, então tentou me dar um chute violento enquanto sussurrava:

– Por que você tinha que voltar? Por que não ficou lá onde é o seu lugar?

Eu não pensei em Yolanda e em suas ameaças enquanto estava na frágil varanda e olhava com ar sonhador para baixo, para o rosto pálido de Julian, que se inclinava para cima em direção ao meu. Ele estava tão bonito sob as luzes azuladas, vestindo meias brancas, com seu cabelo escuro brilhante, seus olhos negros brilhando junto com as joias falsas sobre seu traje medieval. Ele parecia ser o meu amante do sótão que sempre fugia para longe de mim, e nunca me deixava chegar perto o suficiente para ver os traços de seu rosto.

Os aplausos trovejaram quando a cortina foi abaixada. E atrás dela, sem fôlego, Julian surgiu para me abraçar apertado.

– Você estava sensacional essa noite! Como você consegue me frustrar até o momento do espetáculo? – A cortina subiu para os

nossos agradecimentos, então ele me beijou nos lábios.

– Bravo – eles gritaram, pois esse era o tipo de drama e paixão que todos os fanáticos por balé almejavam.

Foi a nossa noite, a melhor de todas até então, e, bêbada com nosso sucesso, passei por fotógrafos e caçadores de autógrafos em direção ao meu camarim, pois havia uma grande festa depois, uma celebração antes de nossa companhia decolar para Londres. Rapidamente passei creme no rosto para tirar a maquiagem, então tirei o traje do último ato, colocando um vestido curto formal azul. Madame Zolta bateu na minha porta e gritou:

– Catherine, uma senhora aqui diz que veio lá de sua cidade natal para ver você dançar. Vamos, abra sua porta e esperamos você chegar para começar a festa.

Uma mulher alta e atraente entrou. De cabelos e olhos escuros, suas roupas eram caras e caíam bem em sua figura. Por algum motivo estranho, parecia que eu já a tinha visto antes, ou ela me lembrava alguém. Olhou-me da cabeça aos pés, e só então se voltou para olhar ao redor do pequeno camarim cheio de sacolas plásticas repletas de todos os trajes que eu levaria comigo para a Inglaterra, cada uma marcada com o meu nome e o nome do balé para o qual os figurinos tinham sido projetados. Esperei impaciente que ela dissesse algo e saísse, para que eu pudesse então colocar meu casaco.

– Acho que não conheço você – eu disse para apressá-la.

Ela deu um sorriso torto, depois se sentou sem ser convidada e cruzou as pernas bem torneadas. Ritmicamente ela balançou um pé, usando um sapato de salto alto preto, para frente e para trás.

– É claro que você não me conhece, minha querida menina... Mas eu sei muito sobre você.

Havia algo em sua língua doce e muito suave que me deixou de sobreaviso, e eu me enrijeci, preparada para o que quer que ela tivesse vindo me falar – e seria algo ruim. Eu sabia disso por causa do olhar malévolo que se escondia sob a falsa doçura.

– Você é muito bonita, talvez até bonita demais.

– Obrigada.

– Você dança excepcionalmente bem. Isso me surpreendeu. Apesar, é claro, de que você teria que dançar bem para estar nesta companhia, que, segundo ouvi, está rapidamente se tornando importante.

– Obrigada mais uma vez – eu disse, pensando que ela nunca chegaria ao ponto.

Ela levou um longo tempo antes de falar novamente, mantendo-me em suspense, à espera. Peguei meu casaco, tentando mostrar a ela que eu estava tentando sair.

– Belo casaco de pele – ela comentou. – Suponho que o meu irmão lhe deu isso. Ouvi dizer que ele está jogando fora seu dinheiro como um marinheiro bêbado. Dando tudo que ele poupou a três ninguéns que vieram em um ônibus e tomaram conta de sua vida. – Ela riu baixo e sarcasticamente, da maneira que mulheres cultas sabem rir. – Agora eu sei por que, ao vê-la; embora eu tenha ouvido de outras pessoas que você era bonita o bastante para fazer qualquer homem de tolo. Ainda assim, eu não tinha ideia de que uma criança como você poderia ser tão voluptuosa, tão sensual e esguia, tudo ao mesmo tempo. Você é uma mistura peculiar, senhorita Dahl. Toda inocência e sofisticação também. Essa mistura deve ser uma intoxicação inebriante para um homem do tipo do meu irmão. – Ela riu. – Não há nada como a combinação de juventude, longos cabelos loiros, um rosto bonito e seios fartos para trazer à tona a fera, mesmo no melhor dos homens. – Ela suspirou, como se tivesse pena de mim. – Sim, esse é o problema de ser muito jovem e bonita. Traz o pior dos homens à tona. Paul já se comportou como um tolo antes, você sabe. Você não é a primeira amiguinha dele; embora ele nunca tenha dado um casaco de pele antes, e um anel de diamante. Como se ele pudesse se casar com você.

Portanto, esta era a irmã de Paul, Amanda – a irmã estranha que tricotava malhas e as enviava pelo correio, mas se recusava a falar com ele nas ruas.

Amanda se levantou e perambulou em torno de mim. Um gato à caça, pronto para saltar. Seu perfume era oriental, almiscarado, pesado, enquanto ela se movia sobre o que devia pensar ser uma presa tímida.

– Que pele impecável você tem – ela disse, esticando a mão para acariciar minha bochecha –, tão firme, como porcelana. Você não vai manter essa pele, ou todo esse cabelo, quando tiver 35 anos ou mais, e muito antes disso ele vai ter se cansado de você. Ele gosta de suas mulheres jovens, muito jovens. Gosta que sejam bonitas, inteligentes e talentosas. Tenho que reconhecer que ele tem bom gosto, mesmo que não tenha bom senso. Você vê – ela sorriu de novo aquele sorriso odioso –, eu realmente não dou a mínima para o que ele faz, contanto que permaneça dentro dos limites da decência e não tenha nenhum efeito sobre a *minha* vida.

– Saia daqui – consegui dizer. – Você absolutamente não conhece o seu irmão. Ele é um homem nobre, generoso, e não há nenhuma maneira de ele prejudicar *sua* vida.

Com pena, ela sorriu.

– Minha querida menina, você não percebe que está arruinando a carreira dele? Você é tola o suficiente para pensar que esse assunto passou despercebido? Em uma cidade do tamanho de Clairmont, todo mundo sabe tudo. Embora Henny não possa falar, os vizinhos têm olhos e ouvidos. Fofocas, isso é tudo que eu ouço, fofocas. Jogando seu dinheiro fora com delinquentes juvenis que se aproveitam de seu bom caráter, e em breve ele vai estar arruinado, e não terá mais um consultório médico! – Ela estava ficando agitada agora, e eu temia que a qualquer momento ela arranhasse meu rosto com aquelas unhas vermelhas e longas.

– Saia daqui! – ordenei com veemência. – Eu sei tudo sobre você, Amanda, pois as fofocas chegaram aos meus ouvidos também! Seu problema é que você acha que seu irmão lhe deve o resto da vida dele porque você trabalhou para ajudá-lo a se formar em Medicina. Mas eu fazia a contabilidade dele e ele pagou tudo a você, acrescido de dez por cento de juros. Portanto, ele não lhe deve nada! Você é uma mentirosa por tentar fazê-lo parecer pequeno a meus olhos, pois não vai conseguir fazer isso! Eu o amo e ele me ama, e nada do que você disser pode impedir o nosso casamento!

Ela riu de novo, asperamente e sem alegria, então seu rosto ficou duro, determinado.

– Não me *ordene* que eu faça nada! Quando eu estiver pronta para ir, eu irei, e isso será quando eu tiver acabado! Voei até aqui só para ver a sua mais nova amante, sua boneca dançarina... E acredite em mim, você não será a última. Ora, Julia costumava me contar que ele...

Eu a interrompi, com raiva.

– Saia! Não se atreva a dizer mais uma palavra sobre ele! Eu sei tudo sobre Julia. Ele me contou. Se ela o levou a ter outras, eu não o culpo; ela não foi uma verdadeira esposa. Ela era uma dona de casa, uma cozinheira, não uma esposa!

Alegremente ela riu. Deus, como ela gostava de rir! Ela estava gostando disso, alguém competitivo o suficiente para lutar com ela, alguém que ela poderia rasgar ao meio.

– Menina tola! Isso é o que todo homem casado de certa idade diz para sua mais nova conquista. Julia era uma das mulheres mais queridas, doces, gentis e maravilhosas que já viveram. Ela fez tudo o que podia para agradá-lo. Sua única falha estava no fato de que ela não conseguia lhe dar todo o sexo que ele queria, ou o tipo de sexo que ele exigia, então, sim, de certa forma, ele teve que procurar outras, como você. Admito que a maioria dos homens casados trai as esposas por aí, mas eles ainda assim não fazem o que ele fez!

Eu odiei a bruxa malévola agora, realmente a detestei.

– O que ele fez, que foi tão terrível? Julia afogou seu filho de três anos de idade! Não há nada na Terra que me faria tirar a vida do meu filho! Eu não preciso me vingar tanto assim!

– Eu concordo – ela disse, de volta ao tom leve agora. – Isso foi uma coisa insana que Julia fez. Scotty era um menino tão bonito, adorável... mas Paul a levou a fazer o que ela fez. Eu entendo o raciocínio dela. Scotty era a coisa que Paul mais amava. Quando procuramos destruir alguém emocionalmente, você mata o que ele mais ama.

Oh! Que horror ela era!

– Ele usa um cilício, não é? – ela perguntou de maneira satisfeita, seus olhos escuros e bonitos brilhando com satisfação. – Ele se tortura, se culpa, anseia por seu filho, e então você chegou, e

ele colocou um bebê dentro de você. Não pense que a cidade inteira não sabe sobre o seu aborto! Nós sabemos! Sabemos de tudo!

– Você está mentindo! – gritei. – Não foi um aborto! Eu passei por uma D&C porque meus períodos menstruais não eram regulares!

– Está nos registros do hospital – ela me disse presunçosamente.
– Você abortou um embrião com duas cabeças e três pernas. Gêmeos que não se separaram corretamente. Pobrezinha, você não sabe que a D&C é um procedimento de aborto?

Eu estava me afogando, afogando, caindo em redemoinhos negros de água ao meu redor... Duas cabeças? Três pernas? Oh, Deus – o bebê monstro que eu tanto temia! Mas Paul não havia me tocado então. Não Paul.

– Não chore – ela me acalmou, e eu puxei minha mão para longe da sua mão grande que brilhava com diamantes. – Todos os homens são animais, e eu acho que ele não lhe disse. Mas você não vê que não pode se casar com ele? Estou fazendo isso para o seu próprio bem. Você é linda, jovem, talentosa, e viver em pecado com um homem casado é puro desperdício. Salve-se enquanto pode.

Lágrimas turvaram minha visão. Esfreguei meus olhos como uma criança faria, sentindo-me como uma em um mundo adulto louco enquanto olhava estupidamente para seu rosto suave e sereno.

– Paul não é um homem casado. Paul é viúvo. Julia está morta. Ela se matou no dia em que afogou Scotty.

Como uma mãe, ela deu um tapinha no meu ombro.

– Não, criança, Julia *não está* morta. Julia vive em uma instituição onde o meu irmão a colocou depois que ela afogou Scotty. Ela ainda é sua esposa legal, insana ou não.

Ela enfiou em minha mão várias fotos, fotografias de uma mulher de aparência lamentavelmente magra, deitada em uma cama de hospital, com o rosto em perfil em ambas. Uma mulher devastada pelo sofrimento. Seus olhos bem abertos olhavam fixamente o espaço, e seu cabelo escuro jazia sem vida nos travesseiros. No entanto, eu tinha visto muitas fotos de Julia para não reconhecê-la, mesmo que ela tivesse mudado tanto.

– A propósito – disse a irmã de Paul, me deixando com os instantâneos –, gostei muito do seu desempenho. Você é uma

dançarina maravilhosa. E esse homem, ele é um jovem espetacular. Fique com *e/e*. Ele está obviamente apaixonado por você.

Então ela saiu. Deixou-me em um transe de sonhos desfeitos e chafurdando em desespero. Como é que eu iria aprender a nadar em um oceano de mentiras?

Julian me levou para a grande festa que estava sendo dada em nossa honra. Hordas de pessoas nos cercaram, felicitaram-nos, dizendo muitas palavras lisonjeiras. Elas não significavam nada para mim. Tudo o que eu conseguia pensar era que Paul tinha mentido para mim, mentido para mim, me possuído quando ele sabia que era casado – *mentiras*, eu odiava mentiras!

Nunca Julian tinha sido mais doce ou mais amável. Ele me segurou perto dele durante uma dessas músicas lentas, antiquadas, tão perto que eu podia sentir cada músculo rígido de seu corpo magro, e a masculinidade dele pressionada contra mim, duro, duro.

– Eu amo você, Cathy – ele sussurrou. – Eu te quero tanto, mas tanto, que eu não consigo dormir à noite. Eu quero te abraçar, fazer amor com você. Se não me deixar fazer isso em breve, eu vou enlouquecer. – Ele enterrou seu rosto no meu cabelo empilhado. – Nunca tive ninguém tão inocente como você. Cathy, por favor, por favor, me ame, me ame.

Seu rosto flutuou à minha frente. Ele parecia um deus em um sonho, perfeito, e ainda assim, ainda assim...

– Julian, e se eu disser que não sou inocente?

– Mas você é! Eu sei que é!

– Como você pode saber? – Eu ri, bêbada. – Existe algo escrito no meu rosto que diz que ainda sou virgem?

– Sim – ele disse com firmeza. – Seus olhos. Seus olhos me dizem que você não sabe o que é ser amada.

– Julian, temo que *você* não saiba muito.

– Você me subestima, Cathy. Me trata como um garotinho num minuto, e no próximo como um lobo esfomeado que vai te devorar. Deixe-me fazer amor com você, então saberá que nenhum homem jamais te tocou antes.

Eu ri.

– Muito bem. Mas apenas uma noite.

– Se me tiver por uma noite, você nunca, nunca vai querer que eu vá embora – ele me advertiu, e seus olhos brilhavam e brilhavam, negros como o carvão.

– Julian... eu não amo você.

– Mas você vai. Depois dessa noite.

– Oh, Julian – eu disse com um longo bocejo. – Estou cansada e um pouco bêbada. Vá embora, me deixe em paz.

– De jeito nenhum, garota. Você disse que sim, e eu estou lhe cobrando a promessa. Sou eu essa noite... e todas as noites para o resto de sua vida, ou da minha.

Em uma chuvosa manhã de sábado, com toda a nossa bagagem já embarcada nos táxis que levariam nossa companhia para o aeroporto, Julian e eu fomos até a Prefeitura com os nossos melhores amigos para nos apoiar, e um juiz disse as palavras que nos uniriam, “até que a morte nos separasse”. Quando chegou a minha vez de falar os meus votos, eu hesitei, querendo fugir dali e voar para Paul. Ele ficaria arrasado quando descobrisse. E havia Chris. Mas Chris preferia me ver casada com Julian ao invés de Paul; isso é o que ele me dissera.

Julian me segurou firme, seus olhos escuros suaves e brilhando com amor e orgulho. Eu não podia fugir. Eu só podia dizer o que devia, e então eu estava casada com o único homem que eu jurara nunca permitir que me tocasse intimamente. Não só Julian estava feliz e orgulhoso, mas também Madame Zolta, que sorriu para nós e nos deu suas bênçãos, beijou nossas bochechas e derramou lágrimas maternais.

– Você fez a coisa certa, Catherine. Vocês vão ser felizes juntos, um casal tão bonito... Mas lembrem-se, nada de bebês!

– Querida, amada, amor – Julian sussurrou quando estávamos no avião voando sobre o Atlântico –, não fique tão triste. Este é o nosso dia de alegria! Eu juro que você nunca vai se arrepender. Serei

um marido fantástico para você. Nunca mais vou amar ninguém além de você.

Minha cabeça inclinou-se sobre seu ombro, então eu chorei! Chorei por tudo o que deveria ter sido meu no dia do meu casamento. Onde estavam os meus pássaros, os sinos que deveriam tocar? Onde estava a grama verde, e o amor que era meu? E onde estava a minha mãe, que tinha sido a causa de tudo o que deu errado? *Onde?*

Ela chorava quando pensava em nós? Ou, o que era mais provável, ela simplesmente pegava meus bilhetes com os recortes de jornal e os rasgava? Sim, isso era bem do seu feitio, nunca enfrentar o que tinha feito. Como ela facilmente partiu em sua segunda lua de mel e nos deixou sob os cuidados de uma avó impiedosa, e então voltou, toda sorrisos e feliz, contando-nos como tudo tinha sido maravilhoso. Enquanto nós, presos, tínhamos sido brutalizados e passado fome, e ela nunca sequer olhou para Cory e Carrie, que não cresciam. Nunca percebeu seus olhos fundos, rodeados de círculos escuros, as pernas e braços finos e fracos. Nunca notou qualquer coisa que não queria ver.

A chuva continuava caindo, caindo, a previsão do que seria o meu futuro. Aquela torrente de água fria e congelante colocava gelo sobre as asas do avião que me transportava cada vez mais para longe de todos aqueles que eu amava. Aquele gelo estava em meu coração também. E hoje à noite tinha que dormir com um homem de quem eu não gostava, mesmo quando ele estava no palco, usando um traje e fazendo o papel de um príncipe.

Mas para dar a Julian o que lhe era devido, ele era tudo o que se gabava de ser na cama. Esqueci-me dele e fingi que ele era outra pessoa enquanto seus beijos percorriam meu corpo, sem deixar nenhuma polegada inexplorada, não beijada ou não acariciada.

Antes que ele terminasse, eu já o desejava. Estava mais do que disposta a deixá-lo me possuir... e tentar apagar o pensamento persistente de que eu tinha acabado de cometer o pior erro da minha vida.

E eu já havia cometido muitos erros.

LABIRINTO DE MENTIRAS



Antes que nossos corpos tivessem se ajustado ao fuso horário, fomos para os ensaios, com o Royal Ballet nos observando, comparando o nosso estilo com o deles. Madame Z. já nos havia dito que eles eram estritamente clássicos, mas que deveríamos fazer tudo do nosso próprio jeito e não ficarmos intimidados.

– Fiquem firmes, mantenham-se fiéis à dança, mas mostrem sua própria atuação. Julian, Catherine, como recém-casados, todos os olhos estarão sobre vocês dois, então façam cada cena tão romântica quanto possível. Vocês dois juntos tocam meu coração e o fazem chorar.. E se continuarem assim, poderão ficar famosos.

Ela sorriu, e as lágrimas encheram os sulcos profundos ao redor de seus pequenos olhos.

– Vamos todos provar que a América também pode produzir o melhor! – Então sua voz fraquejou e ela se virou, para que não pudéssemos ver sua face emocionada. – Meu *amour* por vocês é tão grande – ela soluçou. – Agora saiam daqui... deixem-me sozinha... e façam com que eu fique orgulhosa de vocês.

Estávamos absolutamente determinados a fazer o nosso melhor para tornar o nome de Madame Zolta famoso mais uma vez, não como dançarina, mas como professora. Praticávamos até cairmos esgotados em nossas camas.

O Royal Opera House, em Covent Gardens, compartilhava seu espaço com a companhia de balé, e quando o vi pela primeira vez, ofeguei e segurei com força a mão de Julian. O auditório vermelho e dourado tinha espaço para mais de duas mil pessoas. O brilhante redemoinho dos balcões que se elevavam até uma alta cúpula com um desenho de um sol no meio me surpreendeu com seu esplendor antigo. Logo descobrimos que os bastidores eram muito menos opulentos, sem charme algum em seus camarins lotados e um labirinto de pequenos escritórios e salas de trabalho; o pior de tudo, não havia estúdios para ensaios! Apesar de tentar encontrar algo para ser admirado em relação à rede britânica de encanamentos e aquecimento, falhei completamente. Eu estava sempre com frio, exceto quando estava dançando. Eu odiava o mesquinho fornecimento de água quente nos banheiros, forçando-me a tomar banho o mais rápido possível antes que morresse congelada.

E todo o tempo Julian ficava colado ao meu lado. Privacidade era algo de que ele nunca tinha ouvido falar e pela qual não tinha respeito. Mesmo quando eu estava no banheiro, ele tinha que estar lá, então eu corria para trancar a porta e deixá-lo batendo nela.

– Deixe-me entrar! Eu sei o que você está fazendo aí, por que todo esse segredo?

Não apenas isso, ele queria entrar em minha mente e saber tudo sobre o meu passado, todos os meus pensamentos, tudo o que eu tinha feito.

– Então sua mãe e seu pai morreram em um acidente de automóvel, e o que aconteceu depois? – ele me perguntou, segurando-me em um abraço de ferro.

Por que ele tinha que ouvir a respeito disso novamente? Engoli em seco. Até agora eu tinha inventado uma história verossímil sobre a lei querendo nos colocar em um orfanato, de modo que Chris, Carrie e eu tivemos que fugir.

– Tínhamos um pouco de dinheiro guardado, você sabe, de aniversários, Natal etc. Pegamos um ônibus que nos levaria até a Flórida, mas Carrie ficou doente e vomitou, e essa enorme senhora negra gorda veio e nos levou até seu “médico-filho”. Acho que ele sentiu pena de nós; ele nos acolheu... E isso é tudo que aconteceu.

– Tudo o que aconteceu – ele repetiu lentamente. – Diabos, há muita coisa que você não está me dizendo! Embora eu possa adivinhar o resto. Ele viu uma presa fácil em uma linda e jovem garota, e é por isso que foi tão generoso assim. Cathy, quão íntimos vocês foram?

– Eu o amava, e planejava me casar com ele.

– Então por que não se casou? – ele perguntou. – Por que você finalmente me disse sim?

Tato e sutileza nunca foram parte de minhas virtudes. Minha raiva aumentou porque ele estava me obrigando a explicar, quando eu não queria explicar nada.

– Você me perseguia o tempo todo! – gritei. – Você me fez acreditar que eu poderia aprender a amar você, mas acho que não posso! Nós cometemos um erro, Julian! Um erro terrível!

– Nunca repita isso novamente, está me ouvindo? – Julian soluçou como se eu o tivesse ferido terrivelmente, e me lembrei de Chris. Eu não podia viver minha vida magoando todas as pessoas que encontrava, então minha raiva desapareceu, enquanto eu permitia que ele me tomasse em seus braços. Sua cabeça escura abaixou-se para que ele pudesse beijar meu pescoço.

– Cathy, eu te amo tanto! Mais do que eu já quis amar qualquer mulher. Eu nunca tive ninguém que me amasse por mim mesmo. Obrigado por tentar me amar, mesmo que você diga que não me ama.

Doeu ouvir o tremor em sua voz. Ele parecia um menininho que estava pedindo que o impossível acontecesse, e talvez eu estivesse cometendo uma injustiça com ele. Virei-me e coloquei meus braços em volta de seu pescoço.

– Eu quero amar você, Jule. Eu me casei com você e temos um compromisso, por isso tentarei ser a melhor esposa que puder. Mas não tente me forçar! Não faça exigências. Deixe o amor acontecer enquanto aprendo mais sobre você. Você é quase um estranho para mim, embora eu o conheça há três anos.

Ele fez uma careta, como se quisesse dizer que, se eu o conhecesse de verdade, então o amor seria, de fato, impossível. Ele duvidava tanto de si mesmo... Oh, Deus, o que eu tinha feito? Que

tipo de pessoa eu era, que podia abandonar um homem honrado, sincero e honesto, e correr desenfreadamente para os braços de alguém que eu suspeitava ser um bruto?

Mamãe tinha um jeito de agir impulsivamente, e então se arrependeu quando já era tarde demais. Eu *não* era como ela por dentro; não podia ser! Eu tinha muitos talentos para ser como alguém que não tinha nenhum... nenhum, a não ser fazer com que todos os homens se apaixonassem por ela, e isso não era inteligência. Não, eu queria ser como Chris... E então eu me afundava novamente, presa como sempre na areia movediça que havia sido criada por *ela*. A culpa era toda dela, inclusive meu casamento com Julian!

– Cathy, você vai ter que aprender a ignorar um monte de defeitos – Julian disse. – Não me coloque em um pedestal, não espere perfeição. Eu tenho pés de barro, como você já sabe, e se você tentar me transformar no Príncipe Encantado que eu acho que deseja... você vai falhar. Você colocou aquele seu médico sobre um pedestal também; acho que você é do tipo que coloca todos os homens que ama tão lá no alto que eles só podem acabar despencando lá de cima. Simplesmente me ame e tente ignorar o que não lhe agrada.

Eu não era muito boa em ignorar defeitos. Eu sempre tinha sido capaz de enxergar os defeitos de mamãe, ao passo que Chris nunca fora. Eu sempre jogava a moeda mais brilhante para o alto e procurava as nódoas. Engraçado. Todas as nódoas de Paul pareciam ser culpa de Julia, até Amanda surgir com sua história de horror. Outra razão para odiar mamãe, me fazendo duvidar dos meus instintos!

Muito tempo depois de Julian ter voltado para a cama, sentei-me perto das janelas e observei a mim mesma, meus olhos fixos nos longos rastros de gelo que escorriam pelo vidro. O clima estava apenas me dizendo o que estava por vir. A primavera estava de volta lá no jardim com Paul... e eu mesma tinha feito isso. Eu não precisava acreditar em Amanda. Deus me ajude se eu acabasse sendo como mamãe por dentro, bem como por fora!

Nossas semanas em Londres foram ocupadas, emocionantes e desgastantes, mas eu temia o momento em que voltássemos a Nova York. Por quanto tempo eu seria capaz de continuar adiando o momento de contar a Paul? Não para sempre. Mais cedo ou mais tarde, ele teria que saber.

Pouco antes do primeiro dia de primavera, voamos de volta para Clairmont, e fomos de táxi até a casa de Paul. Era o lugar de nossa libertação, e parecia que nada havia mudado lá. Somente eu havia mudado, porque magoaria um homem que não tinha necessidade de ser magoado novamente.

Olhei para os arbustos de buxo, cuidadosamente podados em formato de cones e esferas, e as glicínias que estavam florescendo; azaleias se espalhavam coloridas por todos os lugares, e as grandes magnólias estavam maduras e logo iriam florescer, e por cima de toda aquela vegetação esmeralda pendia o acinzentado musgo espanhol, nebuloso e brumoso, criando retalhos de renda viva. Suspirei. Se à luz do crepúsculo havia algo mais bonito, e de algum modo, romântico e tristemente místico do que um carvalho cheio de musgo espanhol pendendo de seus galhos, que no final iria matar seu hospedeiro, eu ainda não tinha visto. Amor que sufoca e mata.

Eu pensei que conseguiria levar Julian comigo, e então dar a Paul nossas notícias, mas não consegui.

– Você se importaria de esperar na varanda até que eu conte a Paul? – perguntei.

Por alguma razão, ele apenas acenou com a cabeça. Pensei que haveria uma discussão. Concordando comigo, o que era incomum, ele sentou-se em uma cadeira de balanço de vime branco, a mesma em que Paul estava sentado quando o encontramos pela primeira vez, cochilando naquele domingo à tarde, depois de descermos do ônibus. Ele tinha 40 anos então. Agora ele estava com 43.

Tremendo um pouco, fui sozinha abrir a porta da frente com a minha própria chave. Eu poderia ter telefonado ou enviado um telegrama. Mas eu tinha que olhar para o seu rosto e ver os seus olhos, e tentar ler seus pensamentos. Precisava saber se eu

realmente havia magoado seu coração ou apenas ferido seu orgulho e seu ego.

Ninguém me ouviu abrir a porta. Ninguém ouviu meus passos no piso duro de madeira do vestibulo. Paul estava esparramado em sua cadeira favorita em frente à televisão em cores e à lareira, cochilando. Suas longas pernas estavam esticadas, apoiadas sobre o banquinho estofado que fazia conjunto com a poltrona, os tornozelos cruzados e sem sapatos. Carrie estava sentada de pernas cruzadas no chão perto de sua poltrona, sempre necessitando estar perto de alguém que amava. Ela estava profundamente envolvida em sua brincadeira com os pequenos bonecos de porcelana. Usava um suéter branco debruado de roxo no pescoço e nos pulsos, e sobre ele, um macaquinho de veludo vermelho. Parecia uma linda bonequinha.

Meus olhos se viraram novamente para Paul. Em seu leve cochilo, ele tinha a expressão de alguém que esperava ansiosamente. Até mesmo seus pés se moviam frequentemente, cruzando e descruzando, enquanto os dedos se fechavam em punho e se abriam novamente. Sua cabeça estava jogada para trás, descansando no apoio da poltrona, mas também se movia de um lado para o outro... Sonhando, eu pensei, talvez comigo. Então seu rosto se virou em minha direção. Será que ele sentia minha presença, mesmo dormindo?

Muito lentamente, suas pálpebras se abriram. Ele bocejou e levantou a mão para cobrir a boca... Então olhou para mim, ainda atordoado pelo sono. Como se eu fosse apenas uma aparição.

– Catherine – ele murmurou –, é você?

Carrie ouviu a pergunta dele, levantou-se e veio voando para mim, gritando o meu nome enquanto eu a pegava no colo e a girava no alto. Dei uma dúzia ou mais de beijos sobre o seu pequeno rosto e abracei-a com tanta força que ela gritou:

– Ai, isso dói!

Ela estava muito bonita, disposta e bem alimentada.

– Oh, Cathy, por que você ficou longe *por tanto tempo*? Ficamos esperando você voltar para casa todos os dias, e você nunca voltava. Fizemos planos para seu casamento, mas quando você não

escreveu, Dr. Paul disse que devíamos esperar. Por que você nos enviou apenas cartões postais? Você não teve tempo para escrever cartas? Chris disse que você devia estar muito ocupada.

Ela tinha saído dos meus braços e estava de volta ao chão, perto da poltrona de Paul, olhando para mim com um olhar de censura.

– Cathy... você se esqueceu da gente, não é? Você só se importa com a dança. Você não precisa de nenhuma família quando dança.

– Sim, eu preciso de uma família, Carrie – eu disse distraidamente, com meus olhos fixos em Paul, tentando ler o que ele estava pensando.

Paul levantou-se e veio em minha direção, seus olhos fixos nos meus. Abraçamo-nos e Carrie sentou-se calmamente no chão e observou, como se estudasse a maneira como uma mulher deveria agir com o homem que amava. Os lábios dele tocaram levemente os meus. No entanto, seu toque me fez estremecer de um jeito que o toque de Julian nunca fazia.

– Você está diferente – ele me disse com seu jeito vagaroso, suave. – Você perdeu peso. Parece cansada também. Por que não telefonou ou telegrafou para me avisar que estava a caminho? Eu teria ido pegá-la no aeroporto.

– Você parece mais magro também – eu disse em um sussurro rouco.

A perda de peso ficava melhor nele do que em mim. Seu bigode parecia mais escuro, mais grosso. Toquei-o timidamente, com saudade, sabendo que ele não era mais meu – e ele o tinha deixado crescer apenas para me agradar.

– Fiquei magoado quando você parou de escrever para mim todos os dias. Sua agenda ficou cheia demais?

– Algo parecido com isso. É cansativo dançar todos os dias, e tentar escrever tanto quanto possível, ao mesmo tempo... Fiquei tão ocupada, nunca tinha tempo suficiente.

– Tenho uma assinatura da *Variety* agora.

– Oh... – Foi tudo o que eu pude dizer, rezando para que eles não tivessem dado a notícia sobre o meu casamento com Julian.

– Eu me automeiei seu serviço de recortes, embora Chris esteja fazendo um álbum de recortes também. Sempre que ele está

em casa, nós comparamos os recortes; se um de nós tem algo que o outro não tem, nós tiramos uma fotocópia. – Ele fez uma pausa, como se estivesse intrigado com minha expressão, meu comportamento, alguma coisa. – Os recortes são todos de elogios, Catherine, por que você parece tão... tão... sem emoção?

– Cansada, como você disse. – Abaixei a cabeça sem saber o que dizer, ou como olhar em seus olhos. – E como você tem estado?

– Catherine, qual o problema? Você está agindo de um jeito estranho.

Carrie estava olhando para mim... como se Paul tivesse expressado os pensamentos dela também. Olhei ao redor da grande sala, cheia das coisas belas que faziam parte da coleção de Paul. A luz solar filtrando-se através das cortinas cor de marfim brilhava sobre as miniaturas na estante alta com prateleiras de vidro, o espelho negro com estrias em dourado por trás delas, iluminado na parte superior e inferior. Como é fácil se esconder, olhando ao seu redor, fingindo que tudo estava bem, quando tudo estava errado.

– Catherine, fale comigo! – Paul gritou. – Há algo errado!

Sentei-me, meus joelhos fracos, minha garganta apertada. Por que eu não conseguia fazer nada direito? Como ele podia ter mentido para mim, me enganado, quando ele sabia que eu já havia sofrido o suficiente por causa de mentiras e enganos? E como ele podia parecer tão confiável ainda?

– Quando Chris estará em casa?

– Sexta-feira, para o feriado da Páscoa. – Seu longo olhar era reflexivo, como se ele achasse isso estranho, pois geralmente Chris e eu estávamos em constante comunicação. Então, havia Henny para cumprimentar e abraçar e beijar... e não pude mais adiar... embora eu tivesse encontrado uma maneira.

– Paul, eu trouxe Julian para casa comigo... Ele está lá na varanda, esperando. Tudo bem?

Ele me olhou de modo estranho e assentiu.

– Claro. Diga a ele para entrar. – Então, ele se virou para Henny.
– Coloque mais dois lugares, Henny.

Julian entrou, e, como eu o havia advertido, não disse uma palavra sobre estarmos casados. Nós havíamos tirado nossas

alianças de casamento e as colocado em nossos bolsos. Foi a mais estranha e silenciosa refeição, e mesmo quando Julian e eu entregamos nossos presentes, o desconforto aumentou, e Carrie apenas olhou para o bracelete de rubis e ametistas, embora Henny tivesse dado um grande sorriso quando colocou seu bracelete de ouro sólido.

– Obrigado pela linda estatueta que representa você, Cathy – disse Paul, colocando-a cuidadosamente na mesa mais próxima. – Julian, você poderia, por favor, dar licença a Cathy e a mim por um tempo? Eu gostaria de ter uma conversa particular com ela.

Ele disse isso como um médico que solicita uma conversa em particular com o membro da família responsável por um paciente grave. Julian acenou e sorriu para Carrie. Ela olhou para ele com raiva.

– Eu vou para a cama – Carrie disse desafiadoramente. – Boa noite, Sr. Marquet. Eu não sei por que você tinha que ajudar Cathy a comprar essa pulseira para mim, mas obrigada de qualquer forma.

Julian foi deixado na sala de estar olhando para a TV, enquanto Paul e eu dávamos um passeio em seu magnífico jardim. As árvores frutíferas já mostravam os primeiros botões, e rosas vermelhas, cor-de-rosa e brancas faziam uma brilhante exibição nas treliças brancas.

– Qual o problema, Catherine? – Paul perguntou. – Você vem para casa e traz outro homem junto, talvez por isso não tenha que explicar nada. Eu posso adivinhar.

Rapidamente estiquei a mão para agarrar a dele.

– Pare! Não diga nada!

Hesitante e muito lentamente, comecei a lhe contar sobre a visita de sua irmã. Eu disse a ele que sabia agora que Julia ainda estava viva, e embora eu pudesse compreender seus motivos, ele *deveria* ter me dito a verdade.

– Por que você me deixou acreditar que ela estava morta, Paul? Você me acha tão criança assim, que eu não possa suportar ouvir a verdade? Eu poderia ter compreendido se você tivesse me dito. Eu amava você, nunca duvide disso! Não me entreguei a você por achar que lhe devia algo. Me entreguei porque eu quis, porque precisava

desesperadamente de você. Eu não esperava que você se casasse comigo, e estava feliz o suficiente com o relacionamento que tínhamos. Eu teria sido sua amante para sempre! Mas você deveria ter me contado sobre Julia! Você deveria me conhecer bem o suficiente para perceber que sou impulsiva, que ajo sem pensar quando estou magoada, e fiquei terrivelmente magoada naquela noite, quando Amanda veio e me disse que sua esposa ainda estava viva! Mentiras! – gritei. – Oh, como eu odeio os mentirosos! *Você*, entre todas as pessoas, mentir para mim! Além de Chris, não havia ninguém em quem eu confiasse mais do que você.

Ele parou de caminhar, como eu. As estátuas de mármore nuas estavam ao nosso redor, zombando de nós. Rindo do amor que dera errado. Pois agora éramos como elas, paralisadas e frias.

– Amanda – ele disse, revirando o nome em sua língua como algo amargo e pronto para ser cuspidor. – Amanda e suas meias-verdades. *Você* me pergunta por quê... por que você não me perguntou *por quê* antes de voar para Londres? Por que você não me deu a chance de me defender?

– Como você pode se defender de mentiras? – gritei de volta maldosamente, querendo que ele ficasse tão magoado como eu havia ficado naquela noite, quando Amanda bateu a porta ao sair do teatro.

Ele se afastou, encostando-se no carvalho mais velho, e tirou um maço de cigarros do bolso.

– Paul, eu sinto muito. Agora me diga qual teria sido a sua defesa.

Lentamente, ele tragou o cigarro e soltou a fumaça. Essa fumaça veio em minha direção e envolveu minha cabeça, meu pescoço e corpo – e expulsou o cheiro das rosas.

– Lembra-se de quando você chegou aqui? – ele começou, vagarosamente. – Você estava tão amarga com a perda de Cory, para não falar de como você se sentia sobre a sua mãe. Como eu podia lhe contar a minha própria história sórdida, quando você já havia experimentado tanta dor? Como eu iria saber que você e eu nos tornaríamos amantes? Você me parecia ser apenas uma garota bonita, atormentada, embora tenha me tocado profundamente;

sempre teve esse efeito em mim. Você tem esse efeito em mim agora, aí em pé, com seus olhos acusadores. Embora esteja certa. Eu deveria ter te contado. – Ele suspirou pesadamente. – Eu lhe contei sobre o dia em que Scotty fez três anos, e como Julia o levou até o rio e segurou-o sob a água até ele morrer. Mas eu não lhe contei que ela sobreviveu... Uma equipe inteira de médicos cuidou dela por horas a fio, tentando fazê-la sair do coma, mas ela nunca saiu.

– Coma – sussurrei. – Ela está viva agora, e ainda no mesmo coma?

Ele sorriu de forma muito amarga e, então, olhou para a lua que estava sorrindo também, de forma sarcástica, pensei. Ele virou a cabeça e permitiu que seus olhos se encontrassem com os meus.

– Sim, Julia continuou a viver, com o coração batendo, e antes de você chegar junto com seu irmão e irmã, eu dirigia todos os dias para visitá-la em uma instituição privada. Eu me sentava ao lado de sua cama, segurava sua mão e me forçava a olhar para seu rosto magro e seu corpo esquelético... Era a melhor maneira que eu tinha para me atormentar e tentar lavar a culpa que sentia. Observei os cabelos ficarem mais finos a cada dia, os travesseiros, cobertores, tudo coberto por seus cabelos, enquanto ela murchava diante dos meus olhos. Ela estava ligada a tubos que a ajudavam a respirar, e um deles estava enfiado em seu braço, por meio do qual era alimentada. Suas ondas cerebrais eram planas, mas seu coração continuou a bater. Mentalmente ela estava morta, fisicamente estava viva. Se ela saísse do coma, nunca mais falaria, se moveria ou até mesmo seria capaz de pensar. Teria sido uma mulher morta-viva com a idade de 26 anos. Era essa sua idade quando ela levou meu filho até o rio para segurá-lo sob a água rasa. Para mim, era difícil acreditar que uma mulher que amava tanto seu filho pudesse afogá-lo e sentir sua luta para viver... E mesmo assim, ela fez isso apenas para se vingar de mim. – Ele fez uma pausa, sacudiu a cinza do cigarro e voltou seus olhos obscuros para mim. – Julia me faz lembrar de sua mãe... Ambas capazes de fazer qualquer coisa quando sentiam que era justificado.

Eu suspirei, ele suspirou, e o vento e as flores suspiraram também. Acho que aquelas estátuas de mármore também suspiraram, na sua falta de compreensão da condição humana.

– Paul, quando foi a última vez que você viu Julia? Ela não tem nenhuma chance de recuperação? – Comecei a chorar.

Ele me tomou em seus braços e beijou o topo da minha cabeça.

– Não chore por ela, minha linda Catherine. Está tudo acabado para Julia agora; ela está finalmente em paz. No ano em que nos tornamos amantes, ela morreu menos de um mês depois que começamos. Silenciosamente, ela simplesmente evadiu-se. Lembro-me que, naquela época, você olhava para mim como se sentisse que havia algo errado. Não foi o fato de sentir menos amor por você que me fez dar um passo atrás e olhar para mim mesmo. Foi uma mistura de culpa dolorosa e tristeza por alguém tão doce e adorável como Julia, minha namorada de infância, ter de deixar a vida sem ter experimentado todas as coisas belas e maravilhosas que a vida tinha para lhe dar.

Ele segurou meu rosto entre as palmas das mãos, e carinhosamente beijou minhas lágrimas.

– Agora, sorria e diga as palavras que vejo em seus olhos, diga que me ama. Quando você trouxe Julian para casa, pensei que tudo estava acabado entre nós, mas agora posso ver que nunca vai acabar. Você me deu o melhor que há dentro de ti, e eu sempre saberei que isso é verdade, mesmo quando você estiver longe, a milhares de quilômetros, dançando com homens mais jovens e mais bonitos... Você será fiel a mim, como eu serei fiel a você. Vamos fazer com que isso funcione, porque duas pessoas que estão sinceramente apaixonadas sempre podem superar os obstáculos, não importam quais sejam eles.

Oh... como eu poderia contar a ele agora?

– Julia está morta? – perguntei, tremendo, em profundo estado de choque, me odiando e odiando Amanda! – Amanda mentiu para mim... Ela sabia que Julia estava morta, e ainda assim ela voou para Nova York para me contar uma mentira? Paul, que tipo de mulher ela é?

Ele me segurava com tanta força que eu sentia minhas costelas doerem, mas o abracei tão forte quanto ele me abraçava, sabendo que essa era a última vez que eu poderia fazê-lo. Beije-o selvagem e apaixonadamente, sabendo que nunca mais iria sentir seus lábios novamente nos meus. Ele riu com júbilo, sentindo todo o amor e a paixão que eu tinha por ele, e, em uma voz feliz, mais leve, ele disse:

– Sim, minha irmã ficou sabendo quando Julia morreu; ela estava no seu funeral, muito embora não tivesse falado comigo. Agora, por favor, pare de chorar. Deixe-me secar suas lágrimas. – Ele usou o lenço para tocar nas minhas bochechas e nos cantos dos meus olhos, em seguida, segurou-o para que eu pudesse assoar o nariz.

Eu tinha agido como criança, a criança impaciente e impulsiva que Chris tinha me avisado para não ser – e tinha traído Paul, que havia confiado em mim.

– Ainda não entendo Amanda – eu disse em um gemido triste, ainda adiando aquele momento da verdade que não sabia se poderia enfrentar. Ele me abraçou e acariciou minhas costas, meus cabelos, enquanto eu colocava meus braços em volta de sua cintura, olhando para o rosto dele.

– Querida Catherine, por que você está com essa expressão e agindo de modo tão estranho? – ele disse, em um tom de voz que tinha voltado a ser normal. – Nada do que a minha irmã disse deveria nos privar das alegrias que a vida pode nos proporcionar. Amanda quer me expulsar de Clairmont. Ela quer ficar com essa casa, para poder deixá-la para seu filho, então ela faz o possível para arruinar minha reputação. Ela é muito ativa socialmente e enche os ouvidos de seus amigos com mentiras sobre mim. E se houve mulheres antes de Julia afogar o meu filho, isso foi lição suficiente para que eu mudasse a minha maneira de ser. Não houve outra mulher até você chegar! Até mesmo já ouvi rumores que Amanda espalhou que eu te engravidei e que sua D&C foi na verdade um aborto. Veja o que uma mulher rancorosa pode fazer! Qualquer coisa!

Agora era tarde demais, tarde demais. Ele me pediu novamente para parar de chorar.

– Amanda – eu disse severamente, quase perdendo o controle – me disse que a D&C foi realmente um aborto. Disse que você manteve o embrião, um embrião com duas cabeças. Eu vi essa coisa em seu escritório em uma garrafa. Paul, como você pôde mantê-lo? Por que não o enterrou? Um bebê monstro! Não é justo, não é! Por que, por quê?

Ele gemeu e passou a mão sobre os olhos, para rapidamente negar tudo.

– Eu poderia matá-la por te dizer isso! Uma mentira, Catherine, tudo mentira!

– Isso foi uma mentira? Poderia ter sido meu, você sabe disso. Pelo amor de Deus, Chris não sabe, não é? Ele não mentiu para mim também, mentiu?

Ele parecia agitado enquanto negava tudo e tentou me abraçar mais uma vez, mas eu pulei para trás e estiquei os dois braços à minha frente para afastá-lo.

– Há uma garrafa em seu escritório com um bebê assim dentro dela! Eu vi! Paul, como você pôde? *Você*, dentre todas as pessoas, guardar algo *assim*!

– Não! – ele gritou imediatamente. – Alguém me deu essa coisa anos atrás, quando eu estava na faculdade de Medicina; uma brincadeira, verdade! Alunos de Medicina gostam de fazer todos os tipos de brincadeiras que você acharia horrível, e eu estou lhe dizendo a verdade, Catherine, você *não* abortou. – Então ele parou abruptamente, assim como eu, com os meus pensamentos rodando. Eu havia me traído!

Comecei a chorar. *Chris, Chris, havia um bebê, havia um monstro como temíamos.*

– Não – Paul disse de novo e de novo –, ele não é seu, e mesmo que fosse, não faria qualquer diferença para mim! Sei que você e Chris amam um ao outro de uma maneira especial. Eu sempre soube disso, e entendo.

– Uma vez – eu sussurrei através dos meus soluços –, apenas uma vez em uma noite terrível.

– Sinto muito que tenha sido terrível.

Olhei para ele, então, maravilhada de que ele pudesse olhar para mim com tanta suavidade e tanto respeito, mesmo sabendo a verdade completa.

– Paul – perguntei tremulamente, timidamente –, foi um pecado imperdoável?

– Não... Eu o chamaria de um ato compreensível de amor.

Ele me segurou, me beijou, acariciou minhas costas e começou a me contar seus planos para o nosso casamento.

– ... E Chris vai levar você até o altar, e Carrie será sua dama de honra. Chris foi muito hesitante e não quis olhar em meus olhos quando discuti isso com ele. Ele disse que achava que você não era madura o suficiente para lidar com um casamento complicado como o nosso vai ser. Eu sei que não será fácil para você, ou para mim. Você vai estar em turnê pelo mundo, dançando com homens jovens e bonitos. No entanto, estou ansioso para acompanhá-la em algumas dessas turnês. Ser o marido de uma bailarina será inspirador, emocionante. Ora, eu poderia até mesmo ser o médico da sua companhia. Certamente dançarinos precisam de médicos de vez em quando?

Eu me senti morta por dentro.

– Paul – comecei sombriamente –, não posso me casar com você. – Então, muito fora do contexto, continuei: – Você sabe, mamãe não foi uma idiota em ocultar nossas certidões de nascimento dentro dos forros das nossas duas malas? Ela não fez um trabalho muito bom, os forros rasgaram e eu as encontrei. Sem a minha certidão de nascimento eu não poderia ter solicitado um passaporte, e também precisei dela para provar que tinha idade suficiente para me casar. Veja, vários dias antes de nossa companhia voar para Londres, Julian e eu fizemos exames de sangue e nossa cerimônia de casamento foi muito simples, somente com Madame Zolta e os dançarinos da companhia lá, e mesmo enquanto recitava meus votos de casamento, e jurava fidelidade a Julian... eu estava pensando em você, e em Chris, e odiando a mim mesma, e sabendo que estava fazendo a coisa errada.

Paul não disse nada. Ele tropeçou para trás, e então cambaleou até cair em cima de um banco de mármore. Por alguns momentos

ele simplesmente ficou sentado, e então colocou sua cabeça entre as mãos, escondendo o rosto.

Fiquei em pé. Ele ficou sentado. Ele se perdeu em algum lugar, enquanto eu esperava que ele voltasse e gritasse comigo. Mas sua voz, quando veio, era tão suave como um sussurro:

– Venha, sente-se ao meu lado por algum tempo. Segure a minha mão. Dê-me algum tempo para entender que está tudo acabado entre nós.

Fiz o que ele disse e segurei sua mão, enquanto nós dois olhávamos para o céu cheio de diamantes e nuvens escuras.

– Eu nunca mais vou ouvir o seu tipo de música novamente sem pensar em você...

– Paul, me perdoe! Eu queria muito ter dado ouvidos ao meu instinto, que me dizia que Amanda estava mentindo. Mas a música também estava tocando onde eu estava e você estava longe, e Julian estava lá, me implorando, dizendo que me amava e precisava de mim, e eu acreditei nele, e me convenci de que você não me amava de verdade. Eu não consigo ficar sem ter alguém que me ame perto de mim.

– Estou muito feliz porque ele a ama – disse ele, e então levantou-se rapidamente e foi em direção à casa, seus passos tão longos e rápidos que eu nunca o alcançaria, mesmo que corresse. – Não diga mais nem uma palavra! Deixe-me sozinho, Catherine! Não me siga! Você fez a coisa certa, não duvide disso! Eu fui um velho tolo, querendo ficar com uma jovem, e você não precisa me dizer que eu devia ter mais juízo, eu já sei disso!

AMORES DEMAIS PARA PERDER



Surda e petrificada como uma das estátuas de mármore de Paul, sentei-me na varanda e olhei para o céu noturno, que estava ficando tempestuoso e negro com nuvens. Julian veio sentar-se ao meu lado e, em seus braços, comecei a chorar suavemente.

– Por quê? – ele perguntou. – Você me ama um pouco, não ama? O seu médico não deve estar sofrendo tanto assim; ele foi muito gentil comigo e me disse para sair e confortá-la.

Foi então que Henny saiu para me dizer com seus sinais ultrarrápidos que o médico-filho estava fazendo as malas para fazer uma viagem e que eu deveria ficar aqui.

– O que ela está dizendo para você? – perguntou Julian com aborrecimento. – Diabos, é como ouvir alguém falar em uma língua estrangeira. Eu me sinto tão perdido.

– Fique aqui e espere! – pedi, então me levantei de um pulo e corri para dentro de casa e subi as escadas de trás, entrando no quarto de Paul, onde ele estava atirando suas roupas em uma mala aberta em sua cama.

– Veja – gritei com desespero –, não há nenhuma razão para você sair daqui! Esta é a sua casa. *Eu* vou embora. Vou levar Carrie comigo, então você nunca mais verá a minha cara novamente!

Ele se virou para mim e seu olhar foi longo e amargo, enquanto continuava colocando camisas em sua mala.

– Cathy, você roubou a esposa que eu esperava ter, e agora quer roubar a minha filha. Carrie é como a minha própria carne e sangue, e ela não se encaixaria em seu tipo de vida. Deixe que ela fique comigo e com Henny. Deixe-me ter algo para chamar de meu. Estarei de volta antes que você vá embora... E você precisa saber que o pai de Julian está muito, muito doente.

– Georges está doente?

– Sim. Talvez você não saiba que ele tem doença renal há muitos anos, e está fazendo diálise há vários meses. Acho que não vai viver muito mais tempo. Ele não é meu paciente, mas eu o visito sempre que posso, mais ou menos para ouvir algo sobre você e Julian. Agora, por favor, saia, Cathy, e não me force a dizer coisas das quais eu iria me arrepender.

Chorei de bruços sobre a minha cama até que Henny entrou em meu quarto.

Mãos fortes, maternais e escuras acariciaram minhas costas. Os olhos castanhos, úmidos e brilhantes de Henny falavam, já que sua língua não podia. Ela falou comigo com seus gestos e, então, tirou do bolso de seu avental um recorte do jornal local. Uma notícia sobre o meu casamento com Julian!

– Henny – gemi –, o que é que eu vou fazer? Estou casada com Julian, e não posso pedir o divórcio; ele depende de mim, acredite!

Henny encolheu os ombros largos, querendo expressar que as pessoas eram tão complexas para ela como eram para mim. Em seguida, rapidamente ela sinalizou: “irmã mais velha sempre foi grande encenqueira. Um homem já magoado, não é bom magoar dois. Médico é bom homem, homem forte, vai sobreviver decepção, mas jovem dançarino talvez não. Limpe as lágrimas, chore mais, dê grande sorriso e desça escadas para pegar a mão do novo marido. Tudo dar certo. Você verá”.

Eu fiz como Henny me disse; fui até Julian na sala de estar, e lá contei a ele que seu pai estava no hospital e não viveria muito. Seu rosto pálido ficou ainda mais branco. Nervoso, ele mordeu o lábio inferior.

– É realmente tão grave?

Eu tinha a opinião de que Julian não se importava muito com o pai, então fiquei surpresa ao ver a reação dele. Naquele momento, Paul entrou na sala de estar com a sua mala e se ofereceu para nos levar para o hospital.

– E lembrem-se, minha casa tem muitos quartos, e não há nenhuma razão para que vocês dois sequer considerem ficar em um hotel. Fiquem o tempo que quiser. Estarei de volta em alguns dias.

Ele tirou seu carro da garagem para que Julian e eu pudéssemos nos sentar com ele no banco da frente. Poucas palavras foram ditas entre nós até que ele nos deixou na frente do hospital, e, com tristeza, hesitei diante das escadas, observando enquanto o carro de Paul desaparecia na noite.

Eles tinham colocado Georges em um quarto particular, e Madame Marisha estava com ele. Quando vi Georges na cama, preendi a respiração! Oh! Ficar assim! Ele estava tão magro que parecia já estar morto. Seu rosto tinha uma palidez acinzentada, e todos os seus ossos se projetavam para a frente, formando picos irregulares sob a pele fina. Madame M. estava agachada ao seu lado, olhando para o rosto magro, suplicando com os olhos, ordenando-lhe que aguentasse e continuasse vivo.

– Meu amor, meu amor, meu amor – ela cantarolou como se ele fosse um bebê –, não vá, não me deixe sozinha. Temos tanta coisa para fazer ainda, para experimentar... Nosso filho precisa atingir a fama antes de você morrer... Agente, meu amor, agente.

Só então Madame Marisha olhou para cima e nos viu lá, e com a mesma velha autoridade de sempre, ela retrucou:

– *Bem, Julian. Você finalmente veio!* E depois de todos os telegramas que lhe enviei! O que você fez, rasgou-os e dançou sobre eles, como se nada importasse?

Empalideci, muito surpresa, e olhei para ele e para Madame.

– Minha querida mãe – ele disse friamente –, nós estávamos em turnê, você sabe disso. Tínhamos obrigações e contratos, portanto, minha esposa e eu mantivemos os nossos compromissos.

– Seu bruto sem coração! – ela rosnou, e então fez um gesto para que ele se aproximasse. – Agora diga algo gentil e amoroso para o homem nessa cama – ela disse em um sussurro –, ou Deus me ajude, *mas eu farei com que você deseje nunca ter nascido!*

Julian teve que fazer um grande esforço para se aproximar da cama, tanto que eu precisei lhe dar um empurrão, enquanto sua mãe chorava em um punhado de lenços de papel cor-de-rosa.

– Olá, pai – foi tudo o que ele conseguiu, junto com: – Sinto muito que você esteja tão mal. – Rapidamente ele veio até mim e me segurou com força contra ele. Senti seu corpo todo tremendo.

– Veja, meu amor, meu amado, meu querido – cantarolou Madame Marisha novamente, mais uma vez curvando-se sobre o marido e alisando seu cabelo úmido, escuro. – Abra seus queridos olhos e veja quem voou milhares de milhas para estar ao seu lado. Seu Julian e a esposa dele. Vieram de Londres, pegaram o avião no momento em que souberam que você estava tão doente. Abra os olhos, meu coração, veja-o novamente, veja-os juntos, um casal recém-casado tão lindo. Por favor, abra seus olhos, por favor, veja.

Na cama, o pálido e magro espectro do homem abriu levemente seus olhos escuros e eles se moveram lentamente, tentando focar Julian e eu. Estávamos ao pé de sua cama, mas ele parecia não nos ver. Madame levantou-se e nos empurrou para mais perto, e então segurou Julian para que ele não pudesse recuar. Georges abriu os olhos um pouco mais e sorriu.

– Ah, Julian – ele suspirou. – Obrigado por terem vindo. Tenho tanto para lhe dizer... Coisas que eu deveria ter dito antes... – Ele hesitou, gaguejando. – Eu deveria ter... – e então ele silenciou.

Esperei que ele continuasse – e esperei. Vi seus olhos se abrirem e então ficarem sem expressão, e sua cabeça ficou completamente imóvel. Madame gritou! Um médico e uma enfermeira vieram correndo e nos enxotaram, enquanto cuidavam de Georges.

Éramos um grupo lamentável no corredor, do lado de fora de seu quarto, e em pouco tempo o médico de cabelos grisalhos veio dizer que sentia muito, tudo que poderia ser feito tinha sido feito. Estava tudo acabado.

– É melhor assim – ele acrescentou. – A morte pode ser uma boa amiga para aqueles em situação de extrema dor. Eu me perguntava como ele durou tanto tempo...

Eu olhei fixamente para Julian, pois nós poderíamos ter voltado mais cedo. Mas ele manteve seus olhos sem expressão e recusou-se a falar.

– Ele era o seu pai! – Madame gritou, enquanto lágrimas desciam por suas faces. – Durante duas semanas ele sofreu, esperando para vê-lo, antes que ele pudesse se permitir morrer e escapar do inferno de viver!

Julian girou, sua pele pálida inflamada com o vermelho brilhante da fúria enquanto ele atacava sua mãe:

– Madame minha mãe, exatamente *o quê* meu pai me deu? Para ele, eu era apenas uma extensão dele mesmo! Tudo o que ele foi para mim foi um instrutor de dança! Trabalho, dança, isso é tudo o que ele me dizia! Ele nunca discutiu o que eu queria, além da dança; não dava a mínima para o que eu queria, ou necessitava! Eu queria que ele me amasse por mim mesmo; queria que ele me visse como seu filho, e não apenas como um dançarino. Eu o amei; queria que ele visse que eu o amava, e dissesse que me amava também... mas nunca disse! E embora eu tentasse com todas as minhas forças dançar de forma perfeita, ele nunca me deu um cumprimento, pois nunca fiz nada tão bem quanto ele poderia ter feito quando tinha a minha idade! Então, isso é o que eu era para ele, alguém para seguir seus passos e continuar seu nome! Mas, malditos sejam ele e você, eu tenho o meu próprio nome legal... Julian Marquet, não Georges Rosencoff, e o nome dele não será famoso e não irá roubar-me a fama que eu conseguir atingir!

Segurei Julian em meus braços naquela noite, compreendendo-o como nunca tinha compreendido antes. Quando ele cedeu e chorou, chorei junto, por um pai que ele dizia desprezar, quando, no fundo, ele amava. E eu pensei em Georges, e como era triste que ele tivesse tentado dizer, tarde demais, o que devia ter dito anos e anos atrás.

Então nós tínhamos vindo de uma lua de mel, onde havíamos alcançado certa fama e publicidade, depois de muitas e muitas horas

de trabalho duro, apenas para assistir ao funeral de um pai que não viveria para ver as realizações de seu filho. Toda a glória de Londres agora parecia envolta em névoas de funeral.

Madame Marisha estendeu os braços para mim quando a cerimônia fúnebre acabou. Ela me segurou em seus braços finos, como poderia ter abraçado Julian no passado, e em uma espécie de transe hipnótico, nos balançamos para frente e para trás, nós duas chorando.

– Seja boa para o meu filho, Catherine – ela soluçou e fungou. – Tenha paciência quando ele agir de modo selvagem. Sua vida não foi uma vida fácil, pois muito do que ele diz é verdade. Ele sempre se sentiu como se estivesse competindo com Georges, e nunca conseguiu superar a capacidade do pai. Agora vou lhe dizer uma coisa. Meu Julian tem um amor por você que é quase sagrado. Ele acha que você é a melhor coisa que já aconteceu na vida dele, e para ele você não tem defeitos. Se você tiver defeitos, esconda-os. Ele não vai entender. Ele se apaixonou e então se desapaixonou uma centena de vezes, em um espaço de poucos meses. Você o tem mantido frustrado há anos. Portanto, agora que ele é seu marido, dê-lhe generosamente todo o amor que lhe foi negado, pois não sou uma mulher expansiva. Eu sempre quis ser, mas de alguma forma nunca pude humilhar-me e ser a primeira a tocá-lo. Toque-o muitas vezes, Catherine. Pegue sua mão quando ele se afastar de você e ficar de mau humor, sozinho. Entenda por que ele é mal-humorado e ame-o três vezes mais. Dessa maneira, você irá trazer à tona o melhor dele, pois ele tem qualidades admiráveis. Ele tem que ter, pois é filho de Georges.

Ela me beijou e nos despedimos por algum tempo, e me fez jurar que viria visitá-la frequentemente com Julian.

– Encontre um cantinho para mim em sua vida – ela disse, a tristeza fazendo seu rosto parecer longo e seus olhos ocos. Mas quando prometi, e me virei para olhar, Julian estava nos encarando com raiva.

Chris voltou para casa para o feriado da Páscoa, e cumprimentou Julian com frieza. Notei que Julian olhava para Chris com os olhos apertados e cheios de suspeita.

Quando Chris e eu ficamos sozinhos, ele gritou:

– Você se casou *com ele*? Por que não pôde esperar? Como você podia ser tão intuitiva quando estávamos trancados e tão estúpida agora que estamos livres? Eu estava errado em não querer que você se casasse com Paul só porque ele é muito mais velho. E admito, eu estava com ciúmes, e não queria que você se casasse com ninguém. Eu sonhei que você e eu... algum dia. Bem... você sabe o que eu sonhei. Mas se tivesse que escolher entre Paul e Julian, então deveria ter sido Paul! Foi ele que nos acolheu, nos alimentou e vestiu e nos deu o melhor de tudo. Eu não gosto de Julian. Ele vai destruí-la.

Ele hesitou, virando as costas para que eu não pudesse ver seu rosto. Ele tinha 21 anos e estava começando a mostrar a força viril de um homem. Nele eu podia ver muito de nosso pai – e de nossa mãe. E quando eu queria, podia pegar as coisas e torcê-las para atender aos meus propósitos, e assim pensei que ele era mais como mamãe de algumas maneiras do que como papai. Comecei a lhe dizer isso, e então também fiquei em silêncio, pois eu não podia fazê-lo. Ele não era nada parecido com a nossa mãe!

Chris era forte... ela era fraca. Ele era nobre, ela não tinha honra alguma.

– Chris... não torne isso mais difícil para mim. Vamos ser amigos novamente. Julian é cabeça quente e arrogante e um monte de coisas que irritam por fora, mas por dentro ele é apenas um menino.

Em algumas horas, Julian e eu iríamos embora. Perguntei a Carrie se ela gostaria de ir morar em Nova York conosco, mas ela havia perdido a confiança em mim; eu a tinha traído muitas vezes e ela me mostrou isso.

– Você pode voltar para Nova York, Cathy, onde neva o tempo todo, e assaltantes te atacam no parque, e assassinos te atacam no metrô, *mas me deixe ficar aqui!* Antes eu queria ficar com você, agora *eu não me importo!* Você foi e se casou com esse Julian de olhos negros quando poderia ter sido a esposa do Dr. Paul, e minha

mãe de verdade. *Eu vou me casar com ele!* Você acha que ele não vai me querer, porque sou muito pequena, mas ele vai. Você acha que ele é muito velho para mim, mas eu não vou conseguir me casar com mais ninguém, então ele vai sentir pena de mim e se casar comigo, e nós vamos ter seis filhos. *Espere para ver!*

– Carrie...

– Cale a boca! Eu não gosto de você agora! *Vá embora! Fique longe! Dance até morrer! Chris e eu não queremos você! Ninguém aqui quer que você!*

Essas palavras gritadas doeram! Minha Carrie, me dizendo aos gritos para ir embora, quando eu tinha sido como uma mãe para ela na maior parte de sua vida. Então, olhei para onde Chris estava, perto dos botões rosados, os ombros caídos, e em seus olhos, oh, aqueles olhos azuis, azuis... Aquele olhar sempre iria me seguir. Nunca, seu amor nunca iria me libertar para amar outra pessoa sem reservas, enquanto ele continuasse me amando.

Uma hora antes de sairmos para o aeroporto, o carro de Paul estacionou na frente de casa. Ele sorriu para mim como sempre sorria, como se nada entre nós tivesse mudado. Ele disse algo a Julian sobre uma convenção médica que o havia mantido afastado, e que ficou muito triste e sentiu muito quando soube que o pai de Julian havia morrido. Apertou a mão de Chris e deu-lhe um tapa nas costas com força, da maneira como os homens usualmente demonstram carinho uns pelos outros. Cumprimentou Henny, beijou Carrie e deu-lhe uma pequena caixa de doces, e só então olhou para mim.

– Olá, Cathy.

Isso foi o suficiente. Eu já não era Catherine, uma mulher que ele podia amar como uma igual; eu havia sido transformada novamente em apenas uma filha.

– E, Cathy, você não pode levar Carrie com você para Nova York. Ela precisa ficar comigo e com Henny para que possa ver o irmão dela de vez em quando, e eu odiaria que ela tivesse que mudar de escola também.

– Eu não deixaria você por nada – Carrie disse firmemente.

Julian foi ao andar de cima para terminar de fazer as malas e eu me atrevi a seguir Paul até o jardim, apesar do olhar proibitivo que Chris me deu. Ele estava de joelhos, ainda usando um bom terno, removendo algumas ervas daninhas que alguém havia esquecido. Levantou-se rapidamente quando ouviu meus passos e removeu a grama das calças com as mãos, e então olhou para longe, como se a última coisa que ele quisesse fazer fosse olhar para mim.

– Paul... hoje teria sido o dia do nosso casamento.

– É mesmo? Eu tinha esquecido.

– Você não esqueceu – eu disse, me aproximando. – “O primeiro dia da primavera, um novo começo”, você disse. Sinto muito por ter estragado tudo. Eu fui uma idiota por ter acreditado em Amanda. E fui uma idiota em dobro por não ter esperado até falar com você antes de me casar com Julian.

– Não vamos mais falar sobre isso – ele disse com um suspiro pesado. – Está tudo acabado agora, terminado.

Voluntariamente, ele se aproximou o suficiente para me pegar em seus braços.

– Cathy, eu fui embora para ficar sozinho. Precisava desse tempo para pensar. Quando perdeu a fé em mim, você se virou de forma impulsiva, mas sincera, para o homem que amava você há muitos anos. Qualquer idiota com olhos podia ver isso. E se você pode ser honesta consigo mesma, você ama Julian há quase tanto tempo quanto ele a ama. Acredito que você colocou o seu amor por ele de lado porque pensou que me devia algo...

– Pare de dizer isso! Eu amo você, não ele. Eu sempre vou te amar!

– Você está toda confusa, Cathy... Você me quer, você o quer, você quer segurança, você quer aventura. Você acha que pode ter tudo, e não pode. Eu lhe disse há muito tempo atrás que a primavera não foi feita para se casar com o outono. Fizemos e dissemos um monte de coisas para nos convencermos de que os anos entre nós não faziam diferença, mas eles fazem. E não são apenas os anos, é o espaço que iria nos separar. Você estaria em algum lugar dançando e eu estaria aqui, enraizado e amarrado, com exceção de algumas semanas por ano. Eu sou um médico em

primeiro lugar e um marido em segundo; mais cedo ou mais tarde você iria descobrir isso e iria procurar Julian eventualmente, de qualquer maneira. – Ele sorriu e beijou com ternura as lágrimas que eu sempre tinha que chorar, e me disse que o destino sempre dava as cartas certas. – E ainda vamos ver um ao outro. Não é como se estivéssemos separados para sempre um do outro... E eu tenho as minhas lembranças de como foi maravilhosamente doce e emocionante entre nós.

– Você não me ama! – gritei acusadoramente. – Você nunca me amou, ou não estaria reagindo de modo tão agradável!

Suavemente, ele riu e me abraçou de novo, como um pai faria.

– Querida Catherine, minha dançarina de sangue quente e irascível, qual homem não a ama? Como você aprendeu tanto sobre o amor trancada em um quarto frio e escuro?

– Dos livros – eu disse, mas nem todas as lições aprendidas tinham vindo dos livros.

Suas mãos estavam em meus cabelos e seus lábios estavam próximos aos meus.

– Nunca me esquecerei do melhor presente de aniversário que já tive. – Sua respiração era quente em meu rosto. – Então é desse jeito que as coisas serão a partir de agora – ele disse com firmeza. – Você e Julian vão voltar para Nova York, e você será a melhor esposa que for capaz de ser para ele. Vocês dois irão fazer o melhor possível para incendiar o mundo com sua dança, e você precisa decidir nunca mais olhar para trás com arrependimentos, e esquecer de mim.

– E você? O que vai ser de você?

Ele ergueu a mão e tocou o bigode.

– Você ficaria surpresa em saber o que esse bigode fez pelo meu *sex appeal*. Eu nunca vou tirá-lo.

Nós dois rimos, um riso de verdade, sem falsidade. Então, tirei o anel de diamante de dois quilates que ele havia me dado e tentei devolvê-lo.

– Não! Quero que você fique com esse anel. Guarde-o para penhorá-lo, quando ou se você precisar de um pouco de dinheiro extra.

Julian e eu voamos de volta para Nova York e procuramos durante semanas um apartamento aconchegante apropriado. Ele queria algo muito mais elegante, mas nós dois juntos não ganhávamos o suficiente para o apartamento de cobertura que ele achava que merecíamos.

– Mais cedo ou mais tarde, porém, iremos viver nesse tipo de lugar, perto do Central Park, em quartos cheios de flores de verdade.

– Não temos tempo para cuidar de plantas e flores de verdade – eu disse, já tendo experimentado quanto tempo e trabalho eram necessários para manter flores e plantas vivas e saudáveis. – E quando formos visitar Carrie, nós podemos sempre apreciar os jardins de Paul.

– Eu não gosto desse seu médico.

– Ele não é o *meu* médico! – Senti-me instável por dentro, com medo de algo sem nenhuma razão. – Por que você não gosta de Paul? Todo mundo gosta muito dele.

– Sim, eu sei – ele respondeu prontamente, parando o garfo a meio caminho entre o prato e sua boca. Ele me deu um olhar pesado, solene. – Esse é o problema, minha querida esposa, acho que você gosta *demais* dele, mesmo agora. E mais ainda, eu não sou louco pelo seu irmão, também. Sua irmã é ótima. Você pode pedir a ela que venha nos visitar de vez em quando, mas nunca se esqueça, nem por um segundo, que eu venho em primeiro lugar em sua vida agora. Não Chris, não Carrie, e, acima de tudo, não o médico de quem você foi noiva. Não sou cego ou estúpido, Cathy. Já o vi olhar para você e, embora eu não saiba o que se passou entre vocês, agora está tudo acabado!

Minha cabeça se inclinou com o pânico que eu sentia. Meu irmão e irmã eram como extensões de mim mesma! Eu precisava deles em minha vida, e não apenas ocasionalmente. O que eu tinha feito? Tive uma ofuscante premonição de que ele iria ser o meu guardião, meu amoroso carcereiro, e eu seria sua prisioneira como havia sido trancada no quarto em Foxworth Hall! Só que dessa vez eu seria livre para ir e vir, tanto quanto a sua corrente invisível permitisse.

– Eu te amo como um louco – ele disse, terminando sua refeição.

– Você é a melhor coisa que já me aconteceu. Quero você ao meu

lado o tempo todo, *nunca* fora de minha vista. Preciso de você para me manter na linha. Eu bebo muito, às vezes, e então fico cruel, muito cruel, Cathy. Quero que você me transforme no que você pensa que eu sou no palco; não quero te machucar.

Aquilo me tocara, pois eu sabia que ele havia sido terrivelmente ferido, como eu havia sido, e ele estava muito decepcionado com seu pai, como minha mãe havia me decepcionado. E ele precisava de mim. Talvez Paul estivesse certo. O destino tinha usado Amanda para dar as cartas certas a fim de que Julian e eu fôssemos vencedores, não perdedores. A juventude gostava de companhia de sua própria idade, e ele era jovem, bonito, um dançarino talentoso – e encantador quando queria ser. Ele tinha um lado cruel, escuro, eu sabia disso. Eu havia experimentado um pouco desse seu lado... mas poderia domá-lo. Não iria deixá-lo ser meu senhor e meu juiz, meu superior ou meu mestre. Nós faríamos isso meio a meio, compartilhando e sendo iguais, e eventualmente, em uma brilhante e ensolarada manhã, eu acordaria e veria seu rosto mal barbeado e sombrio e saberia que o amava.

Saberia que eu o amava mais do que qualquer um que eu havia amado antes – qualquer um.

PARTE
Três

SONHOS QUE SE REALIZAM



Enquanto Julian e eu trabalhávamos como escravos para chegar ao topo do mundo do balé, Chris seguia seu caminho, e em seu quarto ano de estudos, ele entrou em um programa acelerado de educação para estudantes de Medicina, completando o quarto ano de escola preparatória ao mesmo tempo em que iniciava seu primeiro ano de Medicina.

Ele voou para Nova York e explicou isso para mim enquanto passeávamos de mãos dadas no Central Park. Era primavera e os pássaros estavam cantando e alegremente recolhendo o entulho de que precisavam para construir seus ninhos.

– Chris, Julian não sabe que você está aqui, e eu gostaria que ele não soubesse. Ele é terrivelmente ciumento em relação a mim quando estou com você, e com Paul também. Você se sentiria ofendido se eu não lhe convidar para jantar?

– Sim – ele disse teimosamente. – Eu vim para visitar a minha irmã, e visitar minha irmã é o que eu vou fazer. Também não vou ficar me escondendo. Você pode dizer a ele que eu vim visitar Yolanda. Além disso, só pretendo ficar para o fim de semana.

Julian era obsessivamente possessivo comigo. Ele era como um filho único que precisava de mimos constantes, e eu não me importava, exceto quando ele tentava me impedir de ficar com a minha família.

– Ok. Ele está ensaiando agora e acha que estou em casa fazendo tarefas domésticas antes de me reunir a ele essa tarde. Mas fique longe de Yolanda, Chris. Ela não é nada além de problemas. Tudo o que ela faz com qualquer homem vira fofoca no dia seguinte.

Ele me deu um olhar estranho.

– Cathy, eu não dou a mínima para Yolanda. Ela era apenas a minha desculpa para ver você. Eu sei que seu marido me odeia.

– Eu não diria que ele o odeia... Não exatamente.

– Certo, chame de ciúme, mas seja o que for, ele não vai me manter longe de você. – Seu tom de voz e seu olhar ficaram sérios.

– Cathy, você e Julian sempre parecem estar prestes a se tornarem famosos, e então algo acontece, e vocês nunca se tornam as estrelas que deveriam ser. Qual o problema?

Dei de ombros. Eu não sabia o que era. Achava que Julian e eu éramos tão dedicados à dança como qualquer um dos outros, e mais ainda, e ainda assim Chris estava certo... Nós fazíamos uma apresentação espetacular e recebíamos grandes elogios da crítica, e então tudo voltava à estaca zero. Talvez Madame Zolta não quisesse que nos tornássemos grandes estrelas, para que não saíssemos de sua companhia e fôssemos nos juntar a outra.

– Como está Paul? – perguntei, enquanto nos sentávamos em um banco manchado de sol e sombra.

Chris segurava a minha mão na dele com força.

– Paul é o mesmo de sempre... Ele nunca muda. Carrie o adora; ele a adora. Ele me trata como a um irmão mais novo de quem tem muito orgulho. E realmente, Cathy, acho que não teria conseguido fazer tudo isso sem ele como meu tutor.

– Ele não encontrou ninguém para amar? – perguntei em um tom de voz tenso. Eu não acreditava plenamente nas cartas de Paul, que diziam que não havia nenhuma mulher que lhe interessasse.

– Cathy – Chris disse, colocando os dedos carinhosamente debaixo do meu queixo para inclinar o meu rosto para cima, em direção ao dele –, como Paul poderia encontrar alguém que se igualasse a você?

Senti vontade de chorar ao ver a expressão em seus olhos. Será que o passado nunca iria me libertar?

Assim que Julian pôs os olhos em Chris, os dois começaram a brigar.

– Não quero você dormindo debaixo do meu teto! – Julian gritou.

– Eu não gosto de você, nunca gostei e nunca vou gostar, portanto dê o fora e esqueça que você tem uma irmã!

Chris saiu para ficar em um hotel, e, às escondidas, nós nos encontramos uma ou duas vezes antes de ele voltar para a faculdade.

Indiferente, voltei a assistir às aulas com Julian, depois o ensaio da tarde e a atuação da noite. Às vezes, tínhamos os papéis principais, às vezes apenas papéis menores, e às vezes, como castigo por algum comentário sarcástico de Julian para Madame Zolta, nós dois tínhamos de dançar com o corpo do balé. Chris não visitou Nova York outra vez por três anos.

Quando Carrie tinha 15 anos, ela veio passar seu primeiro verão conosco em Nova York. Hesitante e com um olhar assustado devido à longa viagem de avião que havia feito sozinha, caminhou lentamente através da agitada e barulhenta multidão no terminal do aeroporto. Julian avistou-a primeiro e gritou, então correu para a frente para pegá-la em seus braços.

– Oi, deslumbrante cunhada! – ele a cumprimentou, dando um beijo caloroso em sua bochecha. – Meu Deus, como você está crescendo e ficando parecida com Cathy! Logo, logo eu não vou conseguir distinguir uma da outra, por isso fique atenta! Você tem certeza de que a vida de dançarina não é para você?

Ela se sentia feliz e segura com o prazer de Julian em vê-la novamente, e rapidamente respondeu jogando os braços em volta do pescoço dele. Nos três anos do meu casamento com Julian, ela tinha aprendido a amá-lo pelo que ele parecia ser.

– Não se atreva a me chamar de Sininho! – ela disse, rindo. Era nossa piada particular, pois Julian achava que Carrie tinha o tamanho exato para representar uma fada, e continuava dizendo a ela que não era tarde demais para se tornar uma dançarina. Se outra pessoa tivesse sugerido tal coisa, ela teria ficado profundamente ofendida, mas para Julian, alguém que admirava

profundamente, ela era uma fada ao dançar nas pontas dos pés, enquanto mexia os braços. Carrie sabia que ele dizia “fada” como um elogio, e não uma crítica ao seu pequeno tamanho.

Depois foi a minha vez de tê-la em meus braços. Eu a amava tanto que me senti dominada pela força que tomou conta de mim e me fez sentir que eu estava segurando uma criança nascida da minha própria carne. Embora nunca pudesse olhar por muito tempo para Carrie sem me lembrar de Cory, que deveria estar ao seu lado. Perguntei-me também: se estivesse vivo, ele também teria apenas 1,40 m de altura? Carrie e eu rimos e choramos, trocamos notícias, e então ela sussurrou para que Julian não pudesse ouvir:

– Eu não uso mais sutiã com enchimento. Eu uso um *de verdade* agora.

– Eu sei – sussurrei de volta. – A primeira coisa que eu notei foi o seu busto.

– Sério? – ela parecia encantada. – Você pode vê-los? Pensei que eles não apareciam tanto.

– Bem, é claro que eles aparecem – disse Julian, que não deveria ter chegado tão perto para espionar essa confidência fraternal. – Essa é a primeira coisa que meus olhos examinam depois de um rosto fabuloso. Carrie, você percebe que tem um rosto fabuloso? Estou pensando em chutar minha esposa para fora de casa e me casar com você.

Foi uma observação que eu não gostei de ouvir. Tivemos muitas brigas porque ele dava atenção demais a meninas muito jovens. No entanto, eu estava determinada a não deixar que nada estragasse as férias de Carrie em Nova York, na primeira vez em que ela vinha sozinha, e Julian e eu tínhamos criado um cronograma para que pudéssemos lhe mostrar tudo. Pelo menos havia um membro da minha família que Julian aceitava.

Os meses voaram rapidamente e, então, a primavera que havíamos esperado por tanto tempo chegou.

Julian e eu estávamos em Barcelona, aproveitando as nossas primeiras férias de verdade desde que nos casamos. Cinco anos e

três meses de vida de casados, e ainda havia momentos em que Julian parecia um estranho. Madame Zolta havia sugerido as férias, pensando que era uma boa ideia se visitássemos a Espanha, para que pudéssemos estudar o estilo de dança flamenco. Em um carro alugado, nós fomos de uma cidade a outra, apreciando a bela paisagem. Gostávamos das refeições noturnas tardias, das tardes sonolentas de *siesta* deitados nas margens rochosas da Côte d'Azur, mas, acima de tudo, amávamos a música e a dança espanholas.

Madame Z. havia traçado o nosso passeio pela Espanha, listando todas as *villas* que cobravam taxas mínimas. Ela era parcimoniosa e ensinava seus truques a todos os seus dançarinos. Se você ficasse em uma das pequenas casas perto de um hotel e cozinhasse suas próprias refeições, os gastos eram ainda menores. Portanto, era aí que Julian e eu estávamos no dia em que o convite de formatura de Chris chegou. O convite nos havia seguido por toda a Espanha até chegar aqui.

Meu coração pulou quando vi o grosso envelope cor de creme, sabendo que continha o anúncio da conquista de Chris – o diploma de médico –, finalmente! Era quase como se eu própria tivesse concluído a faculdade; médico em apenas sete anos!

Com muito cuidado, usei um abridor de cartas para que pudesse colocar esse souvenir em meu álbum de recortes de sonhos, alguns dos quais estavam se tornando realidade. Dentro havia não apenas o convite formal, mas também uma nota, na qual Chris havia escrito modestamente:

Tenho vergonha de dizer isso, mas estou me formando em primeiro lugar em uma turma de 200 alunos. Não se atreva a encontrar uma desculpa para não vir. Você tem que estar lá para banhar-se no brilho da minha emoção, enquanto eu aproveito o esplendor de sua admiração. Não posso simplesmente aceitar o meu diploma se você não estiver lá para ver. E pode dizer isso a Julian quando ele tentar impedir a sua vinda.

O problema era que Julian e eu tínhamos assinado um contrato há algum tempo para gravar uma produção para a TV de *Giselle*.¹ Estava marcado para junho, mas eles nos queriam agora, em maio. Tínhamos certeza de que a exposição na televisão nos daria o status de estrelas pelo qual batalhávamos há tanto tempo.

Parecia um momento perfeito para abordar Julian com a notícia. Nós havíamos retornado ao nosso chalé depois de fazer uma turnê por velhos castelos. Assim que nossa refeição da noite terminou, nos sentamos no terraço tomando taças de um vinho tinto que ele adorava, mas que me dava dor de cabeça. Só então me atrevi a sugerir timidamente que voltássemos para os Estados Unidos a tempo para a formatura de Chris em maio.

– De verdade, temos tempo para voar até lá e estar de volta com tempo de sobra para ir aos ensaios de *Giselle*.

– Ah, pare com isso, Cathy! – ele disse, impaciente. – É um papel difícil. Você vai estar cansada e precisa descansar.

Discordei. Duas semanas eram tempo suficiente... E uma gravação de TV não demorava tanto assim.

– Por favor, querido, vamos lá. Eu ficaria doente em não ver o meu irmão se tornar um médico, assim como você ficaria se o seu irmão tivesse alcançado a meta pela qual ele se esforçou por tantos anos.

– Com os diabos, não! – ele gritou, estreitando os olhos escuros e enviando faíscas em minha direção. – Estou cansado de ouvir que Chris isso, e Chris aquilo, e quando não é o nome dele que você matraqueia em meus ouvidos, então é Paul isso e Paul aquilo! *Você não vai!*

Implorei para que ele fosse razoável.

– Ele é meu único irmão, seu dia de formatura é tão importante para mim como é para ele. Você não consegue entender o quanto isso significa, não apenas para ele, mas para mim também! Você acha que ele e eu vivíamos uma vida de luxo em comparação com a sua, mas pode acreditar, não era nenhum piquenique!

– O seu passado é algo sobre o qual você não quer me contar – ele retrucou. – É exatamente como se você tivesse nascido no dia

em que encontrou o seu precioso Dr. Paul! Cathy, você é minha esposa agora, e seu lugar é comigo. O seu Paul tem Carrie, e eles estarão lá, então não vão faltar aplausos para seu irmão quando ele receber aquele maldito diploma de médico!

– Você não pode me ordenar o que posso e o que não posso fazer! Sou sua esposa, não sua escrava!

– Eu não quero mais falar sobre isso – ele disse, ficando em pé e pegando meu braço. – Vamos lá, vamos nos deitar. Estou cansado.

Sem falar nada, permiti que ele me puxasse para o quarto, onde comecei a me despir. Mas ele veio me ajudar, e assim fui informada de que aquela era uma noite de amor, ou melhor, de sexo. Empurrei as suas mãos. Carrancudo, ele as colocou de volta sobre meus ombros e inclinou-se para morder o meu pescoço; ele acariciou meus seios antes de esticar a mão para abrir meu sutiã. Empurrei suas mãos para longe, gritando *não!* Mas ele persistiu em tirar meu sutiã. Em um gesto fácil como tirar uma máscara, ele jogou fora sua raiva e colocou seu olhar romântico e sonhador.

Houve um tempo em que Julian me parecia ser o epítome de tudo o que era sofisticado, cosmopolita e elegante, mas comparado com a forma como ele era agora, desde a morte de seu pai, parecia ser apenas um caipira rústico. Havia momentos em que eu realmente o detestava. Esta era uma dessas vezes.

– Eu *vou*, Julian. Você pode vir comigo, ou pode me encontrar em Nova York quando eu voltar da cerimônia de formatura. Ou você pode ficar aqui de mau humor. De qualquer forma, *eu vou*. Quero que venha comigo e compartilhe a celebração em família, porque você nunca compartilha nada! Você me mantém a distância para que eu não compartilhe também, mas desta vez *você não pode me impedir!* É importante demais!

Calmamente ele me ouviu, e sorriu de uma maneira que me dava arrepios na espinha. Oh, ele parecia tão perverso às vezes.

– Ouça isso, amada esposa, quando você se casou comigo, eu me tornei o seu mestre, e ao meu lado você vai ficar até que eu a expulse. E ainda não estou pronto para fazer isso. Você não vai me deixar sozinho na Espanha quando eu não falo espanhol. Você consegue aprender com os discos, mas eu não.

– Não me ameace, Julian – eu disse friamente, embora recuasse e estivesse começando a me sentir em pânico. – Sem mim você não tem ninguém que se importe com você, com exceção de sua mãe, e já que você não se importa com ela, o que lhe resta?

Levemente ele estendeu a mão para me dar um tapa em ambos os lados do rosto. Fechei os olhos, resignada a aceitar qualquer coisa que ele fizesse, desde que pudesse ver Chris. Permiti que ele me despisse e fizesse o que queria, mesmo quando agarrou minhas nádegas com tanta força que me machucou. Eu podia, quando queria, me distanciar até que estivesse fora de meu corpo, observando, e o que ele fazia comigo, que era realmente terrível, não importava – pois eu não estava verdadeiramente ali –, a não ser que a dor fosse muita, como às vezes era.

– Não tente fugir – ele me alertou, suas palavras abafadas, porque estava me beijando em todos os lugares, me provocando como um gato que brinca com um rato quando não está com fome. – Jure pela sua honra que você vai ficar e não irá à formatura de seu querido e amado irmão. Fique com o marido que precisa de você, que te adora, que não pode viver sem você.

Ele estava zombando de mim, embora a necessidade que ele tinha de mim fosse a de uma criança que precisa de sua mãe. Isso era o que eu havia me tornado – sua mãe, em tudo, menos no sexo. Eu tinha que escolher seus ternos, suas meias e camisas, seus trajes de balé e roupas para treinar, embora ele sempre se recusasse a me deixar lidar com as contas da casa.

– Eu não vou jurar nada tão injusto. Chris já veio ver você dançar e você adorou se exhibir para ele. Agora deixe-o ter a vez dele. Ele trabalhou duro para isso. – Libertei-me de suas mãos e fui pegar uma camisola de renda preta que ele gostava que eu usasse. Eu odiava camisolas e roupas íntimas pretas; elas me faziam lembrar de prostitutas e garotas de programa, e de minha própria mãe, que gostava de lingerie preta. – Levante-se do chão, Julian. Você fica ridículo de joelhos. Você não pode fazer nada comigo se eu escolher ir. Um hematoma apareceria e, além disso, você está tão acostumado ao meu peso e equilíbrio que não pode sequer levantar outra dançarina adequadamente.

Ele veio em minha direção com raiva.

– Você está zangada porque nós não chegamos ao topo, não é? Você está me culpando porque nossas apresentações foram canceladas. E agora Madame Z. nos deu uma licença para que eu possa ficar sóbrio e voltar revigorado, saudável, depois de me divertir com a minha esposa. Cathy, eu não sei como me divertir, exceto pela dança; não estou interessado em livros ou museus como você, e há maneiras de feri-la e humilhá-la que não irão deixar qualquer marca, exceto no seu ego. Você já deveria saber disso agora.

Sorri tolamente, mas deveria saber que era melhor não desafiá-lo quando ele estava se sentindo menos do que confiante.

– Qual é o problema, Jule? As férias sexuais não foram o suficiente para satisfazer o seu desejo de perversão? Por que você não sai e encontra uma colegial? Pois eu não vou cooperar.

Eu nunca tinha jogado antes em seu rosto que sabia sobre suas perversões sexuais com meninas muito jovens. Eu tinha ficado magoada quando descobrira, mas agora eu sabia que ele usava essas meninas como usava guardanapos de papel, para depois jogar fora quando sujassem, e então ele voltava para mim, para dizer que me amava, que precisava de mim e que eu era a única.

Lentamente ele avançou, usando seu andar de pantera que me disse que ele seria cruel, mas mantive a minha cabeça erguida, sabendo que eu poderia escapar ao me desligar, e ele não podia se dar ao luxo de me bater. Ele parou a 30 centímetros de distância. Ouvi o relógio na mesa de cabeceira fazer tique-taque.

– Cathy, você vai fazer o que eu digo, se sabe o que é bom para você.

Ele foi cruel naquela noite, mau e rancoroso; ele me forçou a fazer o que só deve ser feito com amor. Ele me desafiou a resistir. E dessa vez eu não teria apenas um olho preto, mas dois, e talvez pior.

– E eu direi a todos que você está doente. Seu período menstrual deixa você com cólicas tão fortes que você não consegue dançar. E você não vai fugir de mim, ou ligar para alguém, porque eu vou amarrá-la à cama e esconder o seu passaporte. – Ele sorriu e deu

um tapa leve em meu rosto. – E agora, meu amor, o que vai fazer dessa vez?

Sorrindo e se sentindo no controle novamente, Julian veio nu para a mesa de café da manhã, sentou-se, esparramando suas pernas longas e bem torneadas, e perguntou casualmente:

– O que é que há para o café da manhã?

Ele estendeu os braços para que eu pudesse vir até ele e beijar seus lábios, o que fiz. Sorri, afastei o cacho de cabelos de sua testa, servi seu café, e então disse:

– Bom dia, querido. O café da manhã de sempre para você. Ovos fritos e presunto frito. Eu vou comer uma omelete de queijo.

– Perdoe-me, Cathy – ele murmurou. – Por que você tenta trazer à tona o pior de mim? Eu só uso aquelas meninas para poupar você.

– Se elas não se importam, então eu não me importo... Mas nunca mais me force a fazer o que eu fiz ontem à noite. Sou muito boa em odiar, Julian. Tão boa como você é em forçar. E sou uma especialista em planejar uma vingança!

Coloquei em seu prato dois ovos fritos e duas fatias de presunto. Sem torrada e sem manteiga. Nós dois comemos em silêncio. Ele se sentou do outro lado da toalha quadriculada em vermelho e branco, bem barbeado, limpo e cheirando a sabonete e loção pós-barba. À sua maneira levemente exótica e morena, ele era o homem mais bonito que eu já vira.

– Cathy... você não disse que me ama hoje.

– Eu te amo, Julian.

Uma hora depois do almoço, eu estava vasculhando loucamente a sala para encontrar o meu passaporte, enquanto Julian dormia na cama, para onde eu o arrastara da cozinha depois que ele adormecera por causa de todos os sedativos que eu havia despejado em seu café.

Ele não era tão bom em esconder como eu era em achar. Encontrei o meu passaporte embaixo da cama, sob o tapete azul. Rapidamente joguei a roupa em minhas malas. Quando as malas estavam feitas e eu estava vestida e pronta para ir, me inclinei sobre ele e dei-lhe um beijo de adeus. Ele estava respirando profunda e regularmente, e sorrindo levemente; talvez as drogas estivessem lhe

dando sonhos agradáveis. Embora eu o tivesse drogado, hesitei, me perguntando se o que eu tinha feito era a coisa certa. Encolhendo os ombros para minha indecisão, fui em direção à garagem. Sim, fiz o que tinha que fazer. Se ele estivesse acordado agora, ficaria grudado em mim durante todo o dia, com o meu passaporte no bolso. Eu tinha deixado um bilhete dizendo a ele aonde estava indo.

Paul e Carrie me encontraram no aeroporto na Carolina do Norte. Eu não via Paul há três anos. Desci a rampa, meus olhos fixos nos dele. Seu rosto inclinou-se para cima em direção ao meu, o sol em seus olhos de modo que ele teve que apertá-los.

– Estou feliz que você pôde vir – ele disse –, porém sinto muito que Julian não pôde vir com você.

– Ele também sente muito – eu disse, olhando para seu rosto. Ele era o tipo de homem que melhorava com a idade. O bigode que eu o convencera a deixar crescer ainda estava lá, e quando ele sorriu, covinhas apareceram em ambas as bochechas.

– Você está à procura de cabelos grisalhos? – ele brincou quando eu o olhei fixamente por muito tempo, talvez com demasiada admiração. – Se encontrar algum, conte-me e eu vou mandar meu barbeiro tingi-los. Não estou pronto para cabelos grisalhos ainda. Gosto do seu novo corte de cabelo; te deixa ainda mais bonita. Mas você está muito magra. O que precisa é de muita comida caseira da Henny. Ela está aqui, você sabe, na pequena cozinha de um motel, preparando os pães caseiros que seu irmão tanto ama. É o presente dela para ele por se tornar outro médico-filho.

– Chris recebeu o meu telegrama? Ele sabe que eu viria?

– Oh, sim, claro! Ele estava se preocupando a todo momento, com medo de Julian se recusar a deixá-la vir sem ele, e sabendo que Julian não viria. Honestamente, Cathy, se você não tivesse aparecido, acho que Chris não aceitaria seu diploma.

Sentar-me ao lado de Paul, com Henny ao lado dele e Carrie ao meu lado, e ver meu Christopher andar pelo corredor e subir os degraus para aceitar o seu diploma, e então ficar atrás do pódio e fazer o discurso como orador da turma, trouxe-me lágrimas aos

olhos, e a felicidade encheu meu coração. Ele fez tudo isso tão bem que chorei. Paul, Henny e Carrie também tinham chorado. Mesmo o meu sucesso no palco não poderia se comparar com o orgulho que eu sentia agora. E Julian, ele deveria estar aqui também, tornando-se parte de minha família, e não resistindo teimosamente o tempo todo.

Pensei em nossa mãe também, que deveria estar aqui para testemunhar isso. Sabia que ela estava em Londres, pois eu ainda estava seguindo suas viagens pelo mundo. Esperando, sempre esperando para vê-la novamente. O que eu faria quando isso acontecesse? Será que perderia a coragem e a deixaria escapar novamente? Uma coisa era certa: ela ficaria sabendo que seu filho mais velho agora era um médico – pois eu me assegurara de que ela soubesse, exatamente como a mantinha informada sobre o que Julian e eu estávamos fazendo.

Claro que agora eu sabia por que minha mãe estava sempre em movimento – ela estava com medo, muito medo de que eu a encontrasse! Ela estava na Espanha quando Julian e eu chegamos. A notícia tinha sido publicada em vários jornais, e não muito tempo depois peguei um jornal espanhol e vi o lindo rosto da Sra. Bartholomew Winslow, voando para Londres o mais rápido que podia.

Tirando meus pensamentos dela, olhei em volta para os milhares de parentes que lotavam o enorme auditório. Quando olhei de novo para o palco, Chris estava lá em cima, pronto para se colocar atrás do pódio. Não sei como ele conseguiu me encontrar, mas de alguma forma o fez. Nossos olhares se encontraram e se fixaram um no outro, e por cima de todas as cabeças daquelas pessoas sentadas entre nós, nos encontramos em uma comunicação silenciosa e compartilhamos um júbilo avassalador!

Nós tínhamos conseguido! Nós dois! Tínhamos atingido nossos objetivos: tornarmo-nos o que havíamos decidido ser quando éramos crianças. Todos aqueles anos e meses que tínhamos perdido não teriam importância – se Cory não tivesse morrido, se nossa mãe não tivesse nos traído, se Carrie tivesse atingido a altura que deveria ter sido dela, e teria sido se mamãe tivesse encontrado outra

solução. Talvez eu não fosse uma bailarina famosa ainda, mas eu seria um dia, e Chris seria o melhor médico do mundo.

Observando Chris, acreditei que compartilhávamos os mesmos pensamentos. Eu o vi balançar um bastão de beisebol quando ele tinha dez anos para mandar uma bola por cima da cerca, e, em seguida, correr como um louco para tocar todas as bases no menor tempo possível, quando ele poderia ter caminhado e feito o seu *home run*. Mas essa não era a sua maneira de fazer as coisas, fazê-las parecerem fáceis demais. Eu o vi correndo em sua bicicleta à minha frente, então diminuindo a velocidade de propósito para que eu pudesse alcançá-lo e nós dois chegássemos em casa ao mesmo tempo. Eu o vi no quarto trancado, na sua cama a um metro da minha, sorrindo para me encorajar. Eu o vi novamente nas sombras do sótão, quase escondido no espaço imenso, parecendo tão perdido e desorientado quando ele se afastou da mãe que ele amava... para ficar comigo. Indiretamente, nós havíamos compartilhado muitos romances deitados em um colchão velho e sujo no sótão, enquanto a chuva caía e nos separava de toda a humanidade. Isso fora a causa de tudo? Era por isso que ele não conseguia enxergar nenhuma garota, a não ser eu? Como isso era triste para ele, para mim.

A universidade havia planejado um grande almoço, e na nossa mesa Carrie falou o tempo todo, mas Chris e eu só conseguíamos olhar um para o outro, cada um de nós tentando encontrar as palavras certas para dizer.

– Dr. Paul se mudou para um novo edifício de escritórios, Cathy – Carrie falou, sem fôlego. – Eu odiaria o fato de ele estar tão longe, mas eu serei a secretária dele! Vou ter uma máquina de escrever elétrica nova de cor vermelha! Dr. Paul achou que uma máquina de escrever pintada de roxo por encomenda poderia parecer um pouco espalhafatosa, mas não achei que iria, então me contentei com a segunda melhor opção. E ninguém vai ter uma secretária melhor do que eu! Vou atender ao telefone, marcar suas consultas, manter seus arquivos em ordem, fazer sua contabilidade, e todos os dias ele

e eu vamos almoçar juntos! – Ela deu a Paul um sorriso brilhante. Parecia que ele tinha dado a ela a segurança para recuperar a autoconfiança exuberante que ela havia perdido. Mas eu iria descobrir mais tarde, infelizmente, que essa fachada de Carrie era falsa, para que Paul, Chris e eu víssemos, e quando ela estava sozinha era muito diferente.

Então Chris franziu a testa e perguntou por que Julian não tinha vindo.

– Ele queria vir, Chris, ele realmente queria – menti. – Mas ele tem obrigações que o mantêm tão ocupado que não tinha tempo livre para vir. Ele me pediu para lhe dar os parabéns. Nós temos horários muito apertados. Na verdade, só posso ficar por dois dias. Nós vamos fazer uma produção para a TV de *Giselle* no próximo mês.

Mais tarde, comemoramos novamente em um restaurante fino no hotel. Essa foi a nossa chance de dar a Chris os nossos presentes. Tinha sido nosso hábito quando crianças sempre chacoalhar um presente antes de abri-lo, mas a caixa grande que Paul deu a Chris era muito pesada para chacoalhar.

– Livros! – Chris disse acertadamente. Seis enormes volumes de referência médica que representavam todo um conjunto que deveria ter custado a Paul uma fortuna.

– Eu não consegui carregar mais de seis – ele explicou. – O restante do conjunto estará esperando por você em casa.

Eu olhei para ele, percebendo que sua casa havia sido a única casa de verdade que tínhamos.

Deliberadamente, Chris deixou o meu presente para ser aberto por último, antecipando que ele seria o melhor e, dessa forma, assim como nós costumávamos fazer, poderíamos estender a diversão. Era muito grande e muito pesado para chacoalhar e, além disso, eu o adverti de que era frágil, mas ele riu, pois costumávamos sempre tentar enganar o outro:

– Não, são mais livros; nada mais poderia ser tão pesado. – Ele me deu um sorriso engraçado, melancólico, que o fazia parecer um menino novamente.

– Você pode tentar adivinhar uma única vez, meu boneco Christopher, e darei uma dica. Dentro dessa caixa está a única coisa que você disse que queria mais do que qualquer outra e nosso pai disse que te daria no dia em que você recebesse sua maleta preta de médico.

Por que eu tinha de usar esse tom de voz suave, que fez Paul virar os olhos e estreitá-los, e ver o sangue que subiu e deixou o rosto do meu irmão ruborizado? *Nós nunca iríamos esquecer e mudar? Nossos sentimentos seriam sempre tão fortes?* Chris mexeu nas fitas, com cuidado para não rasgar o papel de embrulho. Quando ele tirou o papel, lágrimas de saudade brotaram de seus olhos. Suas mãos tremiam quando ele cuidadosamente levantou da caixa almofadada um estojo de mogno francês com um reluzente fecho de bronze, chave e alça para transporte. Ele me deu um olhar torturado enquanto seus lábios tremeram, parecendo não acreditar que depois de todos esses anos eu tivesse me lembrado.

– Oh, droga, Cathy – ele disse, engasgado com a emoção. – Eu nunca realmente esperei possuir um desses. Você não deveria ter gastado tanto dinheiro... Ele deve ter custado uma fortuna... e você não deveria ter feito isso!

– Mas eu queria, e não é um original, Chris, só uma réplica de um microscópio John Cuff Side Pillar. Mas o homem da loja disse que era uma cópia exata do original e um item de colecionador, de qualquer modo. E funciona também. – Ele balançou a cabeça enquanto mexia nos instrumentos acessórios sólidos de latão e marfim, as lentes ópticas, as pinças, e o livro encadernado em couro intitulado *Microscópios Antigos, 1675-1840*.

Eu disse baixinho:

– Caso você decida brincar no seu tempo livre, pode fazer suas próprias investigações sobre germes e vírus.

– Que brinquedo que você me deu – ele disse com a voz seca, e agora as duas lágrimas nos cantos dos olhos começaram a deslizar pelo seu rosto. – Você se lembrou do dia em que papai disse que me daria isso quando eu me tornasse um médico.

– Como eu poderia esquecer? Aquele pequeno catálogo foi a única coisa sua que você levou, com exceção das roupas, quando

fomos para Foxworth Hall. E cada vez que ele matava uma mosca ou uma aranha, Paul, Chris desejava muito ter um microscópio John Cuff. E uma vez ele disse que queria ser o Homem-Camundongo do sótão, e descobrir por ele mesmo por que os camundongos morrem tão jovens.

– Camundongos morrem jovens? – Paul perguntou, sério. – Como você sabia que eles eram jovens? Você capturava os bebês e os marcava de alguma maneira?

Chris e eu olhamos nos olhos um do outro. Sim, nós tínhamos vivido em outro mundo quando éramos jovens e estávamos presos, de modo que podíamos olhar para os camundongos que vinham roubar e roer a nossa comida, especialmente um deles, chamado Mickey.

Agora eu tinha que voltar para Nova York e enfrentar a raiva de Julian. Mas primeiro eu precisava ter um pouco de tempo sozinha com meu irmão. Paul levou Henny e Carrie para ver um filme enquanto Chris e eu dávamos uma volta no campus de sua universidade.

– E você vê aquela janela lá em cima, no segundo andar, a quinta a partir desse canto? Aquele era meu quarto, que eu compartilhava com Hank. Tínhamos um grupo de estudo de oito rapazes, e durante todos esses anos de estudo, ficamos juntos e estudamos juntos, e quando nós saíamos com garotas, saíamos juntos.

– Oh – suspirei. – Você sai com muitas garotas?

– Só nos fins de semana. O esquema de estudo era muito pesado para podermos sair durante a semana. Nada disso foi fácil, Cathy. Há coisa demais para saber, física, biologia, anatomia, química, e assim por diante.

– Você não está me dizendo o que quero ouvir. Com quem você saiu? Houve, ou há, alguém especial?

Ele pegou minha mão e me puxou para mais perto dele.

– Bem, preciso lhe dar uma lista, uma por uma, e por nome? Se eu fizesse isso iria demorar várias horas. Se houvesse alguém

especial, tudo o que eu faria é dar o nome de uma, e não posso fazer isso. Eu gostava de todas... Mas não gostei de nenhuma o suficiente para amá-la, se é isso o que você quer saber.

Sim, era exatamente o que eu queria saber.

– Tenho certeza de que você não viveu uma vida celibatária, mesmo que não tenha se apaixonado...?

– Isso não é da sua conta – ele disse levemente.

– Eu acho que é. Eu ficaria em paz se soubesse que você tem uma garota a quem ama.

– Eu tenho uma garota que amo – ele respondeu. – Eu a conheço por toda a minha vida. Quando vou dormir à noite, sonho com ela, dançando à minha frente, chamando meu nome, beijando meu rosto, gritando quando ela tem pesadelos, e eu acordo para tirar o piche de seu cabelo. Às vezes acordo com dores por todo corpo, como ela também, e sonho que beijo as marcas que o chicote fez em seu corpo... E sonho com uma certa noite, quando eu e ela saímos para ficar sobre o frio telhado de ardósia e olhamos para o céu, e ela disse que a lua era o olho de Deus olhando para baixo e nos condenando pelo que éramos. Portanto, Cathy, há uma garota que me assombra e me governa, e me enche de frustrações, e escurece todas as horas que passo com outras garotas que simplesmente não podem alcançar os padrões que ela estabeleceu. E espero em Deus que você esteja satisfeita.

Virei-me para me mover como em um sonho, e nesse sonho eu coloquei meus braços ao redor dele e olhei para o seu rosto, seu belo rosto que também me assombrava.

– Não me ame, Chris. Esqueça-se de mim. Faça como eu, pegue a primeira que bater à sua porta e deixe-a entrar.

Ele sorriu ironicamente e me afastou rapidamente dele.

– Eu fiz exatamente o que você fez, boneca Catherine, deixei entrar a primeira que bateu à minha porta, e agora não consigo mandá-la embora. Mas isso é problema meu, não seu.

– Eu não mereço estar aí. Eu não sou um anjo, nem uma santa... Você deveria saber disso.

– Anjo, santa, filha do diabo, boa ou má, você me tem preso à parede e marcado como seu até o dia em que eu morrer. E se você

morrer primeiro, então eu vou segui-la muito em breve.

1 O balé *Giselle*, de Vladimir Vasiliev, conta a história de uma camponesa, Giselle, que se apaixona por um fidalgo disfarçado de aldeão, Albrecht. Apaixonado por Giselle, Hilarion, caçador da aldeia, descobre toda a farsa e o desmascara. Giselle acaba por morrer de tristeza dias antes de seu casamento. O amor eterno de Albrecht por Giselle o leva a visitar seu túmulo. O rapaz quase tem seu espírito vital tomado pelas *willis*, espíritos vingadores, que o obrigam a dançar até a morte. Giselle dança em seu lugar e, assim, impede que Albrecht morra, quebrando o encanto das *willis*. (N.T.)

RECOLHENDO SOMBRAS



Tanto Chris quanto Paul, para não falar de Carrie, persuadiram-me a voltar para Clairmont e passar alguns dias com a família. Quando eu estava lá, rodeada por todos os confortos acolhedores, o charme da casa e dos jardins tiveram sua chance de me seduzir novamente. Eu disse a mim mesma que era assim que as coisas teriam acontecido se eu tivesse me casado com Paul. Sem problemas. Uma vida fácil, doce. Então, quando me deixei imaginar como Julian estaria se saindo, pensei em todas as coisas maldosas e rancorosas que ele fazia para me aborrecer, abrindo a correspondência que Paul ou Chris me enviavam, como se estivesse procurando provas incriminadoras. Sem dúvida, quando voou de volta da Espanha, ele deliberadamente teria deixado minhas plantas da casa morrerem como uma forma de me punir.

Deve haver algo de estranho em mim, eu pensei enquanto estava na varanda com vista para os magníficos jardins de Paul. Eu não era tão bonita assim, ou tão inesquecível, ou tão indispensável para qualquer homem. Fiquei lá parada e deixei Chris vir por trás de mim e colocar seus braços sobre os meus ombros. Coloquei minha cabeça contra ele e suspirei, olhando para a lua. A mesma velha lua que havia conhecido a nossa vergonha antes, ainda presente lá no alto para presenciar mais. Eu não fiz nada; juro que não, apenas deixei que seus braços ficassem ao meu redor. Talvez eu tenha me

movido um pouco para apertar meu corpo contra ele enquanto ele me abraçava apertado.

– Cathy, Cathy – ele gemeu, pressionando os lábios sobre os meus cabelos –, às vezes a vida simplesmente não tem qualquer sentido sem você. Eu jogaria fora meu diploma de médico e partiria para o Pacífico Sul se você fosse comigo...

– E abandonar Carrie?

– Nós poderíamos levá-la conosco. – Pensei que ele estava jogando um jogo de desejar, como fazíamos quando crianças. – Eu compraria um barco a vela e levaria os turistas para passear, e se eles se machucassem, eu teria todo o treinamento necessário para cuidar deles. – Então ele me beijou com o fervor de um homem levado à loucura ao ser negado. Eu não queria responder ao seu beijo, mas respondi, fazendo-o ofegar enquanto ele tentava me convencer a ir para o seu quarto.

– Pare! – exclamei. – Eu não quero você, exceto como irmão! Me deixe em paz! Vá procurar outra pessoa!

Confuso e parecendo magoado, ele recuou.

– Que tipo de mulher você é, afinal, Cathy? Você respondeu aos meus beijos, respondeu de todas as formas possíveis, e agora se afasta e banca a virtuosa!

– Então me odeie!

– Cathy, eu nunca poderia te odiar. – Ele sorriu para mim amargamente. – Há momentos em que eu quero odiá-la, momentos quando acho que você é igualzinha à nossa mãe, mas nunca deixo de amar depois que começo! – Ele entrou em seu quarto e fechou a porta, deixando-me sem palavras, olhando para ele.

Não! Eu não era como mamãe, não era! Eu havia correspondido aos seus beijos somente porque ainda estava buscando minha identidade perdida. Julian havia roubado a minha força, tornando-a dele; ele queria que eu tomasse todas as decisões, para que ele não pudesse ser responsabilizado quando um erro era cometido. Eu ainda estava tentando provar o meu valor, para que, no final, pudesse refutar a condenação de minha avó. *Veja, avó, eu não sou ruim ou má. Ou então todos não me amariam tanto.* Eu ainda era aquele camundongo egoísta, voraz e exigente do sótão, que tivera

que provar muitas vezes que era digno o suficiente para viver à luz do sol.

Pensava sobre isso um dia, quando estava na varanda de trás e Carrie estava plantando amores-perfeitos que ela havia cultivado, e ao lado dela havia pequenos vasos com pequenas mudas de petúnia. Chris saiu da casa e me atirou o jornal da tarde.

– Há um artigo aí que pode ser de algum interesse para você – ele disse de forma estranha. – Eu pensei em não mostrá-lo a você, mas então decidi que deveria.

A dupla de balé Julian Marquet e Catherine Dahl, marido e mulher, nossas próprias celebridades locais, parece ter se separado. Pela primeira vez Julian Marquet será o parceiro de uma bailarina que não sua esposa em uma grande produção para a televisão de Giselle. Há rumores de que a senhorita Dahl está doente, e também rumores de que a dupla de balé está prestes a se separar.

Havia mais coisas para ler, incluindo o fato de que Yolanda Lange iria me substituir! Essa era a nossa grande chance – outra de muitas, para nos tornarmos estrelas, e ele estava colocando Yolanda no meu lugar! Maldito Julian! Por que ele não crescia? Cada chance que tínhamos, ele a estragava. Ele não conseguia levantar Yolanda facilmente, não com o seu problema nas costas.

Chris me lançou um olhar estranho antes de perguntar:

– O que você vai fazer sobre isso?

Gritei de volta:

– Nada!

Por um segundo ou dois, ele não disse nada.

– Cathy, ele não queria que você viesse à minha formatura, não é? E é por isso que ele colocou Yolanda em seu lugar. Eu avisei você para não deixá-lo ser seu agente. Madame Zolta teria tratado você de forma mais justa.

Levantei-me e andei pela varanda. Nosso contrato original com Madame Z. tinha expirado há dois anos, e tudo o que devíamos a ela

agora eram 12 apresentações por ano. No resto do tempo, eu e Julian éramos *freelancers*, e podíamos dançar com qualquer companhia que escolhêssemos.

Deixe que Julian fique com Yolanda. Deixe-o fazer papel de bobo – esperava em Deus que ele a deixasse cair! Deixe-o ter as suas jovens amiguinhas para jogos de sexo... Não me importava. Então, eu estava correndo pela casa até meu quarto, onde me atirei na cama com o rosto virado para baixo e berrei.

Tudo foi agravado pelo fato de que eu havia feito uma visita secreta ao ginecologista no dia anterior. Dois períodos menstruais atrasados realmente não significavam nada para uma mulher como eu, que era tão irregular. Eu podia não estar grávida; podia ser apenas mais um alarme falso... E se não fosse, orei para que tivesse forças para fazer um aborto! Eu não precisava de um bebê na minha vida. Sabia que se tivesse um filho, ele ou ela iria se tornar o centro do meu mundo, e o *amour* mais uma vez arruinaria uma bailarina que poderia ter sido a melhor.

Música de balé estava na minha cabeça enquanto eu dirigia o carro de Chris para visitar Madame Marisha em um dia quente de primavera, quando todo mundo parecia sonolento e preguiçoso, exceto por aquelas crianças idiotas sendo instruídas por um pequeno morcego estridente vestindo preto, como sempre. Sentei-me nas sombras perto da parede mais distante de um grande auditório e fiquei observando a grande turma de meninos e meninas dançando. Era assustador pensar em quão pouco tempo aquelas meninas cresceriam para substituir as estrelas do presente. Então eu também iria me tornar outra Madame Marisha e os anos fluiriam como segundos, até que eu me tornasse Madame Zolta, e toda a minha beleza estaria preservada apenas em fotografias antigas e desbotadas.

– Catherine! – Madame M. disse alegremente quando me viu. Ela veio caminhando rapidamente, graciosamente até mim. – Por que você está sentada no escuro? – ela perguntou. – Como é bom ver seu lindo rosto de novo. E não pense que eu não sei por que você está tão triste! Você é uma grande idiota por deixar Julian! Ele é como um grande bebê; você sabe que ele não pode ser deixado

sozinho ou faz coisas para machucar a si mesmo, e quando ele machuca a si mesmo, machuca você também! Por que você o deixou ser o agente? Por que o deixou gastar seu dinheiro tão rápido quanto o ganhava? Eu lhe digo isso, em seu lugar, eu nunca, nunca o deixaria colocar outra no papel de *Giselle*!

Deus, como ela era tagarela!

– Não se preocupe comigo, Madame – eu disse friamente –, se meu marido não me quer mais como parceira, tenho certeza de que há outros que vão querer.

Ela fez uma careta, avançando. Colocou aquelas mãos ossudas em mim e me chacoalhou como se quisesse me acordar. De perto, pude ver que ela havia envelhecido terrivelmente desde que Georges havia morrido. Seus cabelos de ébano estavam quase brancos agora, e cheios de fios grisalhos. Ela rosou então, mostrando dentes mais brancos do que costumavam ser, e muito mais perfeitos.

– Você vai deixar meu filho fazer de você uma tola? Vai deixá-lo colocar outra dançarina em seu lugar? Eu sempre achei que você tinha mais coragem! Agora você vai voltar para Nova York e tirar aquela Yolanda da vida dele! O casamento é sagrado e votos de casamento são feitos para serem cumpridos!

Então, sua voz ficou mais suave e ela disse:

– Venha, Catherine – e me levou até seu pequeno escritório bagunçado. – Agora conte-me sobre essa tolice que está acontecendo entre você e seu marido!

– Realmente não é da sua conta!

Ela virou outra cadeira reta para poder sentar-se ao contrário sobre ela. Inclinando-se sobre os seus braços, ela me apunhalou com seu olhar penetrante e duro.

– Qualquer coisa que diz respeito a meu filho é da minha conta!
– ela retrucou. – Agora sente aí e fique quieta, e deixe-me contar-lhe o que você não sabe sobre seu marido. – Sua voz tornou-se um pouco mais gentil. – Eu era mais velha do que Georges quando nos casamos, e mesmo assim continuei adiando ter um filho até acreditar que o melhor da minha carreira já havia passado, e então fiquei grávida. Georges nunca quis um filho para amarrá-lo, e assim, desde o início, eram dois contra Julian. Eu digo a mim mesma que

não forcei nosso filho a dançar, mas o mantivemos conosco, de modo que o balé tornou-se parte de seu mundo, a parte mais importante.

Ela suspirou pesadamente e passou a mão ossuda sobre a testa conturbada.

– Fomos rigorosos com ele, eu admito. Fizemos tudo o que podíamos para torná-lo perfeito aos nossos olhos, mas quanto mais tentávamos, mais determinado ele ficava em ser tudo o que não queríamos que ele fosse. Nós tentamos lhe ensinar uma dicção perfeita, então acabava zombando de nós com todos os tipos de linguajar vulgar de rua, conversa da sarjeta, Georges dizia. Você sabe – ela prosseguiu com uma expressão melancólica –, só depois que meu marido estava morto e enterrado eu percebi que ele nunca falou com nosso filho, a não ser para ordenar-lhe que não fizesse algo, ou que melhorasse sua técnica de dança. Nunca percebi que Georges poderia ter ciúme de seu próprio filho, vendo que ele era um dançarino melhor e que seria mais famoso. Não foi fácil para mim tornar-me apenas uma professora de balé, e para Georges, ser apenas um instrutor. Muitas noites nós nos deitamos em nossa cama e nos abraçávamos, desejando os aplausos, a adulação... Era uma fome que não seria satisfeita até que ouvíssemos os aplausos para o nosso filho.

Mais uma vez ela fez uma pausa, e esticou o pescoço como um passarinho, para ver se eu estava prestando atenção nela. Oh, sim, ela tinha toda a minha atenção. Ela estava me dizendo tantas coisas que eu precisava saber.

– Julian tentou magoar Georges e Georges ficou magoado porque Julian fazia pouco da reputação de seu pai. Um dia, ele chamou o pai de dançarino de segunda classe. Georges não falou com o próprio filho por um mês inteiro! Eles nunca se reaproximaram novamente depois disso. Cada vez mais e mais eles se separaram... Até que em um dia de Natal outro prodígio entrou em nossas vidas, e ofereceu-se a nós. *Você!* Julian tinha vindo nos visitar, só porque eu havia pedido a ele para tentar fazer as pazes com o pai... e Julian a viu. É nossa responsabilidade passar nossas técnicas para a geração mais jovem, e ainda assim senti certa

apreensão em aceitá-la, principalmente porque achei que você iria magoar o meu filho. Não sei por que pensei isso, mas parecia óbvio desde o início que você amava o médico mais velho. Então achei que você tinha algo muito raro, uma paixão pela dança que é raramente vista. Você era, à sua própria maneira, igual a Julian, e vocês dois juntos eram tão sensacionais que eu não pude acreditar nos meus olhos. Meu filho sentiu isso também, essa ligação entre vocês dois. Você o seguia com esses grandes e suaves olhos azuis, admirando-o, então mais tarde ele veio até mim e me disse que você era uma garota sensual que caíria facilmente sob seu feitiço e em seus braços. Ele e eu sempre tivemos uma relação íntima, e ele me confessava o que outros garotos teriam mantido em segredo.

Ela fez uma pausa, olhou-me com seus olhos duros como pedra e continuou, sem tomar fôlego:

– Você veio, você o admirou, você o amava quando estava dançando com ele, e quando você não estava, era indiferente a ele. Quanto mais difícil era conquistá-la, mais determinado ele estava em tê-la. Pensei que você era inteligente, jogando o jogo hábil de uma mulher, quando era apenas uma criança! E então você, você... você vai embora e o abandona quando ele estava em um país estrangeiro, quando ele não sabia falar a língua, quando deveria ter aprendido que ele tem pontos fracos, muitos pontos fracos, e que ele não aguenta ficar sozinho!

Ela levantou-se como um gato preto e magro de rua e ficou em pé, olhando para mim.

– Sem Julian para inspirá-la e melhorar o seu talento com o dele próprio, onde você estaria? Sem ele você estaria em Nova York, dançando com aquela que está rapidamente se tornando uma das principais companhias de balé? Não! Você estaria aqui, tendo os bebês daquele médico. Deus sabe por que você disse sim a Julian, e como você pode não amá-lo. Pois ele me diz que você não o ama, e nunca o amou! Então você o droga. Você o deixa. Você vem ver o seu irmão se tornar um médico, quando sabe muito bem que o seu lugar é ao lado do marido, fazendo-o feliz e atendendo seus desejos! Sim! Sim! – ela guinchou –, ele fez uma chamada de longa distância e me contou tudo! Agora ele acha que te odeia! Agora ele quer

esquecê-la. E quando fizer isso, ele não terá mais um coração para mantê-lo vivo! Porque ele deu a você o coração dele, há muitos anos!

Lentamente me levantei; minhas pernas estavam fracas e trêmulas. Passei a mão sobre a minha testa dolorida e segurei as lágrimas de cansaço. E de repente entendi: eu amava Julian! Agora eu via o quanto nós éramos parecidos, ele com seu ódio por seu pai, que o tinha negado como filho. E eu com o meu ódio pela minha mãe, me obrigando a fazer coisas insanas, como enviar cartas cheias de ódio e cartões de Natal para entristecerem sua vida e nunca, nunca deixá-la encontrar a paz. Julian competindo com seu pai, sem saber que havia ganhado, e era melhor... e eu competindo com minha mãe – mas eu ainda tinha que provar a mim mesma que era melhor do que ela.

– Madame, vou lhe dizer algo que Julian pode não saber, e eu realmente não sabia até hoje: amo o seu filho. Talvez eu sempre o tenha amado, e simplesmente não conseguia aceitar esse fato.

Ela balançou a cabeça, e em seguida disparou suas palavras como balas.

– Se você o ama, por que o abandonou? Responda-me isso! Você o deixou porque descobriu que ele gosta de jovens garotas? Tola! Todos os homens têm desejo por jovens garotas, mas ainda assim amam suas esposas! Se você deixar seu desejo por carne jovem afastá-lo de você, você é louca! Dê um tapa nele; chute seu traseiro; diga-lhe para deixar as meninas em paz ou você vai se divorciar! Diga tudo isso e ele será o que você quiser. Mas quando você não diz nada, e age como se não se importasse, você está lhe dizendo claramente que não o ama, não o quer, nem precisa dele!

– Eu não sou mãe dele, ou um padre, ou Deus – eu disse, fatigada, cansada de toda a paixão que ela emitia. Indo em direção à porta, tentei sair. – Não sei se eu consigo manter Julian longe de garotas jovens, mas estou disposta a voltar e tentar. Prometo fazer o melhor que puder. Serei mais compreensiva, e vou dizer a ele que o amo muito, que não posso suportar a ideia de ele fazer amor com ninguém além de mim.

Ela veio para me tomar em seus braços e me acalmou.

– Pobre criança, se eu fui dura com você, foi para o seu próprio bem. Você tem que evitar que meu filho destrua a si mesmo. Quando você o salvar, salvará a si mesma, pois eu menti quando disse que você não seria nada sem Julian. É *ele* que não seria nada sem você! Ele tem um desejo de morte, eu sempre soube disso. Ele acha que não é bom o suficiente para viver, pois seu pai nunca o convenceu de que ele era, e essa culpa é minha também, tanto como de Georges. Julian esperou anos e anos para que seu pai o visse como um filho, digno de ser amado por si mesmo. Ele esperou igualmente um longo tempo para ouvir Georges dizer *sim, você será um dançarino ainda melhor do que eu fui, e estou orgulhoso do que e quem você é*. Mas Georges ficou em silêncio. Você, porém, vai voltar e dizer a Julian que Georges realmente o amava. Ele me disse isso muitas vezes. Diga-lhe também que seu pai estava orgulhoso dele. Diga a ele, Catherine. Volte e convença-o do quanto você o ama e precisa dele. Diga-lhe como você está arrependida de tê-lo deixado sozinho. Vá depressa antes que ele faça algo terrível com ele mesmo!

Era a hora de dizer adeus a Carrie, Paul e Henny novamente. Só que dessa vez eu não tive que me despedir de Chris. Ele bateu o pé.

– Não! Eu vou com você! Eu não vou deixar você voltar para um homem louco. Quando você já tiver feito as pazes com ele, e eu souber que está tudo certo, só então eu vou embora.

Carrie chorou, como sempre fazia, e Paul ficou para trás e deixou apenas seus olhos falarem e dizerem que sim, que eu poderia encontrar um lugar em seu coração novamente.

Olhei para baixo quando o avião começou a decolar, e vi Paul segurando a pequena mão de Carrie enquanto ela inclinava o rosto para olhar para nós e acenava, até que não consegui mais vê-la. Eu me retorci no assento até encontrar uma posição confortável e coloquei minha cabeça no ombro de Chris, dizendo a ele para me acordar quando chegássemos a Nova York.

– Que bela companheira de viagem você é – ele resmungou, mas logo seu rosto estava encostado em meu cabelo enquanto ele

cochilava também.

– Chris – eu disse, sonolenta –, lembra-se daquele livro sobre Raymond e Lily, que estavam sempre buscando o lugar mágico onde a grama roxa crescia, e que faria todos os seus desejos se tornarem realidade? Não seria maravilhoso olhar para baixo e ver grama roxa?

– Sim – ele disse, tão sonolento quanto eu. – Eu também continuo procurando por ela.

O avião pousou no aeroporto de La Guardia por volta de 3 horas. Era um dia quente e abafado. O sol estava bancando o tímido, entrando e saindo de um grupo de nuvens de tempestade. Nós dois estávamos cansados.

– A essa hora Julian deve estar no teatro, ensaiando. Eles vão usar os ensaios como um filme de promoção. Haverá muitos ensaios; nunca dançamos nesse teatro antes e isso é importante para conhecermos o espaço onde vamos dançar.

Chris foi arrastando minhas duas malas pesadas, enquanto eu carregava sua mala muito mais leve. Ri e sorri para ele, feliz que ele estivesse comigo, embora Julian fosse ficar furioso.

– Agora, fique em segundo plano... E não o deixe nem mesmo vê-lo, se tudo correr bem. Verdade, Chris, eu tenho certeza de que ele vai ficar feliz em me ver. Ele não é perigoso.

– Claro – ele disse sombriamente.

Entramos no teatro escuro, andando devagar. O palco à nossa frente estava tremendamente iluminado. As câmeras de TV estavam em posição, prontas para gravar o aquecimento. O diretor, o produtor e alguns outros estavam sentados nos assentos da primeira fila.

O calor do dia foi expulso pelo frio do enorme espaço. Chris abriu uma das minhas malas e colocou um suéter sobre meus ombros depois que nos sentamos perto do corredor, a meio caminho da parte de trás da seção central. Automaticamente levantei as duas pernas para esticá-las, apoiando-as na parte superior do assento logo à minha frente. Embora eu estivesse tremendo, os bailarinos suavam por causa dos quentes holofotes. As luzes estavam

apontadas para baixo e alguns painéis estavam montados. Procurei por Julian, mas não o vi.

Só o fato de pensar em Julian foi o suficiente para trazê-lo das coxias para o palco, em uma série de *jetés* rodopiantes. Oh, ele parecia fantástico vestindo um *collant* branco justo, com polainas verde-brilhantes.

– Puxa – sussurrou Chris em meu ouvido. – Às vezes eu esqueço de quão sensacional ele é no palco. Não é de admirar que todos os críticos de balé achem que ele será a estrela dessa década, quando aprender a ter alguma disciplina. Que seja logo... E isso quer dizer você também, Cathy.

Eu sorri, porque também precisava de disciplina.

– Sim – eu disse. – Eu também, é claro.

Mal Julian terminou sua performance solo, Yolanda Lange veio das coxias dando piruetas, vestindo vermelho. Ela estava mais bonita do que nunca! Dançava extraordinariamente bem para uma garota tão alta. Isto é, ela dançou bem até que Julian começou a dançar com ela, e então tudo deu errado. Ele estendeu a mão para sua cintura e encontrou suas nádegas, então teve que mudar rapidamente seu equilíbrio, e assim ela escorregou e quase caiu, e novamente ele ajustou seu movimento para salvá-la. Um bailarino que deixasse uma bailarina cair logo nunca mais teria uma parceira para levantar. Eles tentaram novamente o mesmo salto, levantar e voltar, e dessa vez foi quase tão sem jeito como da primeira, fazendo Yolanda parecer deselegante e Julian inexperiente.

Até eu, sentada no meio da fila de assentos, pude ouvir a voz alta de Yolanda xingando.

– Maldito! – ela gritou. – Você me faz parecer desajeitada! Se me deixar cair, vou fazer com que *você nunca mais dance novamente!*

– Corta! – gritou o diretor, ficando de pé e olhando impaciente de um para o outro.

O corpo do balé circulava, resmungando, jogando olhares furiosos ao par no centro do palco que estava perdendo tanto tempo. Pelo aspecto suado e olhares raivosos de todos eles, isso vinha acontecendo há algum tempo, e as coisas iam mal.

– Marquet! – chamou o diretor, conhecido por ter pouca paciência com aqueles que precisavam de duas ou mais tomadas. – Que diabos há de errado com seu *timing*? Pensei que você conhecia esse balé. Não consigo pensar em uma única coisa que você tenha feito certo nos últimos três dias.

– Eu? – Julian gritou de volta. – Não sou *eu...* é *ela*! Ela pula cedo demais!

– Ok – o diretor disse sarcasticamente –, é sempre culpa dela e nunca sua. – Ele tentou controlar sua impaciência, sabendo que Julian iria dar as costas a tudo em um segundo se houvesse muitas críticas. – Quando é que sua esposa vai estar bem o suficiente para dançar novamente?

Yolanda gritou:

– Ei, espere um minuto! Eu vim lá de Los Angeles e agora está parecendo que você vai me substituir por Catherine! Eu não vou aceitar isso! Estou no contrato agora! Vou processá-lo!

– Senhorita Lange – disse o diretor, sem se perturbar –, você é apenas a *substituta*, mas, enquanto você for, vamos tentar novamente. Marquet, preste atenção em sua deixa. Lange, fique a postos, e reze a Deus para que dessa vez seja boa o suficiente para se mostrar a um público que poderia esperar mais de profissionais.

Sorri ao ouvir que ela era apenas a substituta; pensei que eu tinha sido eliminada da produção.

Perversamente, gostei de ver Julian bancar o tolo e Yolanda também. No entanto, quando os dançarinos no palco gemiam, eu gemia junto com eles, sentindo sua exaustão, e, apesar de tudo, comecei a sentir pena de Julian, que estava diligentemente tentando equilibrar Yolanda.

A qualquer segundo o diretor diria “dez minutos”, e então eu faria minha jogada. Mais à frente, na primeira fileira, Madame Zolta de repente virou seu mirrado pescoço de girafa para trás, e aqueles pequenos e aguçados olhinhos redondos me viram sentada tensa, observando tudo como uma águia.

– Ei, você, Catherine – ela chamou com grande entusiasmo. *Venha*, ela gesticulou, *sente-se ao meu lado*.

– Dê-me um minuto, Chris – eu sussurrei. – Tenho que ir até lá e salvar Julian antes que ele arruíne nossas carreiras. Ficarei bem. Não há muito que ele possa fazer com um público presente, não é?

Quando eu estava sentada ao lado de Madame Zolta, ela sussurrou:

– Entããã, você não está tããã doente afinal! Graças a Deus por pequenos milagres! Seu marido lá em cima está arruinando minha reputação juntamente com a dele e a sua. Eu não deveria tê-lo deixado dançar apenas com você como parceira, pois agora ele não consegue dançar com mais ninguém.

– Madame – perguntei –, quem chamou Yolanda para me substituir?

– Seu marido, meu *amour* – ela sussurrou cruelmente. – Você o deixou ter o controle de tudo; você foi uma idiota por fazer isso. Ele é *impossível*! É uma tempestade, um demônio, tão irracional! Ele logo vai enlouquecer se não vir o seu rosto, ou *nós* vamos *enlouquecer*. Agora corra rápido, coloque suas roupas de dança e salve-me da extinção!

Foi apenas uma questão de segundos antes que eu colocasse roupas de treino, e assim que coloquei o meu cabelo para cima e o preendi de forma segura, coloquei minhas sapatilhas de ponta. Na barra do camarim, fiz o aquecimento rapidamente. Fiz os meus *pliés* e os *rond de jambes* a fim de bombear o sangue para cada membro. Em pouco tempo eu estava pronta. Eu não ficava nenhum dia sem fazer meus exercícios por várias horas.

Nas coxias escuras eu hesitei. Estava preparada, pensei, para quase qualquer coisa quando Julian me visse – o que ele faria? Enquanto eu o observava no palco, de repente alguém me empurrou para o lado brutalmente!

– Você foi substituída – sibilou Yolanda. – Entããã, vá embora e caia fora! Você teve sua chance e a perdeu. Agora Julian é *meu*! Você ouviu, ele é *meu*! Eu dormi em sua cama e usei sua maquiagem e suas joias, tomei o seu lugar em tudo.

Eu queria ignorá-la e não acreditar em nada do que ela dizia. Quando veio a deixa para Giselle entrar em cena, Yolanda tentou me segurar; foi quando me virei selvagemente para ela e a empurrei

com tanta força que ela caiu. Ela empalideceu de dor, enquanto eu fiquei na ponta dos pés e deslizei para o palco, fazendo minha pequena sequência perfeita de passos chamada de “fileira de pérolas”... Cada pequeno passo poderia ter sido medido e provado ter uma distância exata. Eu era a tímida jovem da aldeia, docemente, sinceramente se apaixonando por Loys. Os outros no palco engasgaram ao me ver. Um olhar de alívio iluminou os olhos escuros de Julian – por um instante.

– Olá – ele disse friamente quando me aproximei dele, e bati meus cílios escuros para encantá-lo ainda mais. – Por que você voltou? Seus médicos a expulsaram? Já estão cansados de você?

– Você é um bruto desagradável e insensato, Julian, por ter me substituído por Yolanda! Você sabe que eu a desprezo!

Ele estava de costas para os espectadores, enquanto zombava de forma perversa, e ainda assim mantinha o tempo da dança.

– Sim, eu *sei* que você a odeia; é por isso que eu a quis. – Ele enrugou seus belos lábios vermelhos de forma que ficaram feios. – Ouça só isso, boneca dançarina. *Ninguém* foge de mim, especialmente minha esposa, e então volta e pensa que ainda pode fazer parte da minha vida. Meu amor, minha querida, eu não quero mais você, não *preciso* mais de você, e você pode ir embora e bancar a puta para qualquer homem que quiser! Caia fora da minha vida!

– Você não está falando sério – eu disse, enquanto ambos dançávamos perfeitamente, e ninguém disse “corta!”. Como poderiam, quando fazíamos tudo tão primorosamente certo?

– Você não me ama – ele disse amargamente. – Você nunca me amou. Não importa o que fiz, ou o que eu disse, e agora não dou a mínima! Eu lhe dei o melhor que tinha para dar, e não foi o suficiente. Então, querida Cath-er-ine, *eu lhe dou isso!* – E com essas palavras bruscas, ele inesperadamente saltou para o alto, para descer com força e diretamente sobre os meus pés. Todo o seu peso, caindo como um aríete para esmagar os meus dedos!

Eu dei um pequeno grito de dor, então Julian veio girando de volta para me acariciar sob o queixo.

– Agora, meu *amour*, vamos ver quem vai dançar *Giselle* comigo. Certamente não será você, não é?

– Dez minutos! – berrou o diretor, tarde demais para me salvar.

Julian agarrou meus ombros e me chacoalhou como uma boneca de trapos. Olhei para ele com um olhar aturdido, sem esperar nada. Então, de repente, ele se virou e foi embora, deixando-me no centro do palco, sozinha, sobre dois pés machucados que doíam tanto que eu poderia ter gritado. Em vez disso, caí no chão e fiquei sentada ali, olhando para os meus pés que inchavam rapidamente.

Do auditório escurecido, Chris veio correndo em meu auxílio.

– Maldito, que ele vá para o inferno por fazer isso! – ele gritou, caindo de joelhos para tirar minhas sapatilhas de ponta e examinar meus pés. Com cuidado, ele tentou mover meus dedos, mas eu gritei por causa da dor horrível. Então ele me pegou com facilidade e me segurou firme contra seu corpo. – Você vai ficar bem, Cathy. Vou curar seus dedos dos pés. Receio que alguns estejam quebrados. Você vai precisar de um ortopedista.

– Leve Catherine ao nosso ortopedista – ordenou Madame Zolta, que se inclinou para a frente e olhou para meus pés que escureciam e inchavam. Ela olhou para Chris mais de perto, tendo-o visto apenas algumas vezes antes. – Você é o irmão de Catherine que causou todo esse problema? – perguntou ela. – Leve-a rápido para o médico. Nós temos seguro. Mas esse marido tolo, agora chega! Eu o *demito!*

O DÉCIMO TERCEIRO DANÇARINO



Ambos os meus pés foram radiografados, revelando três dedos quebrados no pé esquerdo e o dedo mínimo quebrado no direito. Graças a Deus os meus grandes artelhos tinham sido poupados, ou então eu nunca mais poderia dançar novamente! Uma hora mais tarde, Chris estava me carregando para fora do consultório do médico, com um gesso ainda úmido que chegava até meu joelho, enquanto o dedo mínimo tinha sido apenas enfaixado e deixado assim para cicatrizar sozinho. Cada um dos dedos do pé engessado estava envolto de forma segura em seu próprio compartimento acolchoado, de modo que eu não pudesse mover nenhum, ficando expostos para que todos pudessem admirar os belos tons de preto, azul e roxo. Em meus pensamentos, os últimos comentários do médico, ácidos como balas de limão, não conseguiram derreter e adoçar o futuro.

– Você pode ou não voltar a dançar, tudo depende. – Do que isso dependia, ele não disse.

Então eu perguntei a Chris.

– Claro – ele disse, confiante –, é claro que você vai dançar de novo. Às vezes, um médico gosta de ser excessivamente pessimista para que você possa pensar como ele é bom quando tudo funciona bem, devido a suas habilidades especiais.

Desajeitadamente, ele tentou me apoiar enquanto usava minha chave para abrir a porta do apartamento que Julian e eu

compartilhávamos. Em seguida, ele cuidadosamente me levantou novamente, levando-me para dentro e chutando a porta para fechá-la atrás dele. Ele tentou me deixar o mais confortável possível em um dos sofás macios. Apertei meus olhos com força, tentando suprimir a dor que sentia a cada movimento.

Chris ternamente sustentou ambas as minhas pernas para que ele pudesse amontoar travesseiros debaixo delas e mantê-las elevadas para reduzir o inchaço. Outro travesseiro fofo foi cuidadosamente colocado atrás das minhas costas e da cabeça... E ele nunca disse uma palavra... Nem uma palavra.

Por ele estar tão silencioso, abri meus olhos e estudei seu rosto que pairava acima de mim. Ele tentou parecer profissional, indiferente, mas falhou. Mostrava-se chocado cada vez que seus olhos se moviam de um objeto a outro. Olhei em volta, com medo. Meus olhos se arregalaram. Minha boca ficou aberta. Esta sala! A bagunça! Oh, Deus, era horrível!

Nosso apartamento estava um desastre! Cada quadro que Julian e eu tínhamos selecionado tão cuidadosamente tinha sido tirado das paredes e espatifado no chão. Até mesmo as duas aquarelas que Chris havia pintado especialmente para mim, retratos meus usando os trajes de dança. Todas as quinquilharias caras estavam quebradas na lareira. Os abajures estavam no chão, as cúpulas cortadas em tiras e as armações de arame dobradas. As almofadas de tapeçaria que eu tinha feito durante os longos voos tediosos de lá para cá durante as turnês tinham sido rasgadas, destruídas! As plantas de casa tinham sido despejadas de seus vasos e deixadas com as raízes expostas para morrer. Dois vasos de *cloisonné*¹ que Paul nos tinha dado como presente de casamento também estavam destruídos. Tudo o que era fino e caro, e muito estimado, coisas que ele e eu tínhamos planejado manter durante todas as nossas vidas e deixar para os nossos filhos – tudo irrecuperável.

– Vândalos – Chris disse suavemente. – Apenas vândalos. – Ele sorriu e beijou minha testa, e apertou minha mão quando as lágrimas vieram aos meus olhos. – Fique calma – ele disse, então foi

verificar os outros três cômodos, enquanto eu afundava sobre os travesseiros e tentava controlar meus soluços.

Oh, como ele devia me odiar para fazer isso! Pouco depois, Chris estava de volta com uma expressão muito séria, tal qual aquele olho do furacão que eu já tinha visto algumas vezes em seu rosto.

– Cathy – ele começou, sentando-se cautelosamente na beira do sofá e estendendo a mão para pegar a minha –, eu não sei o que pensar. Todas as suas roupas e sapatos foram arruinados. Suas joias estão espalhadas por todo o chão do quarto, as correntes arreventadas, os anéis pisados, as pulseiras deformadas. Parece que alguém deliberadamente decidiu arruinar todas as suas coisas e deixar as de Julian em perfeitas condições.

Ele me deu um olhar confuso, perturbado, e talvez as lágrimas que eu tinha tentado segurar saltassem de meus olhos para os dele. Com seus brilhantes olhos azuis, ele estendeu a mão para me mostrar o engaste de um anel de noivado de diamante, que outrora fora requintado, dado a mim por Paul. O anel de platina agora tinha um formato oval torto. O engaste tinha sido forçado a liberar o diamante claro e perfeito de dois quilates.

Sedativos tinham sido injetados em meu braço para que eu não pudesse sentir a dor dos meus dedos quebrados. Senti-me confusa, desorientada e bastante isolada. Alguém dentro de mim estava gritando, gritando – o ódio estava perto de novo, o vento estava soprando, e quando fechei meus olhos, vi as montanhas com a névoa azul em torno de mim, impedindo a luz do sol, como no andar de cima, como no sótão.

– Julian – eu disse fracamente –, ele deve ter feito isso. Ele deve ter voltado aqui e descarregado sua raiva em todos os meus pertences. Veja as coisas deixadas intactas; são coisas que ele escolheu para si mesmo.

– Que ele vá para o inferno! – Chris gritou. – Quantas vezes ele descarregou sua raiva em você? Quantos olhos pretos? Eu vi um, mas quantos outros?

– Por favor, não – eu disse, vaga e sonolenta. – Ele nunca me bateu sem chorar depois, e sem dizer que sentia muito. – Sim, sinto

muito, minha querida, meu único amor... *Eu não sei o que me faz agir assim, quando eu te amo tanto!*

– Cathy – Chris começou a dizer, colocando o anel de platina no bolso –, você está bem? Parece estar prestes a desmaiar... Vou arrumar a cama para que possa descansar. Logo você vai dormir e esquecer tudo isso, e quando acordar, eu vou te levar para longe. Não chore pelas roupas e coisas que ele lhe deu, porque eu vou lhe dar mais e melhores. Quanto a esse anel, Paul deu a você; eu vou procurar pelo quarto até encontrar o diamante.

Ele procurou, mas não encontrou o diamante, e quando mergulhei no sono, ele deve ter me levado para a cama, que estava arrumada com lençóis limpos. Eu estava sob um lençol e um cobertor fino quando abri os olhos, e ele estava sentado na beira da cama, olhando para o meu rosto. Olhei para as janelas e vi que estava ficando escuro. A qualquer momento Julian poderia chegar em casa e encontrar Chris comigo – e isso seria terrível!

– Chris... você me despiu e vestiu essa camisola? – perguntei sem expressão, vendo a manga de uma camisola azul que era uma das minhas favoritas.

– Sim. Achei que você ficaria mais confortável do que usando aquele terninho com a perna rasgada na costura. E eu sou um médico, lembra? Estou acostumado a ver tudo o que há para ver; e tomei cuidado para não olhar.

A escuridão do crepúsculo estava na sala, deixando todas as sombras suaves e arroxeadas. Vagamente o vi como ele costumava ser, quando a atmosfera do sótão era assim, arroxeadada, sombria, assustadora, e nós estávamos sozinhos e enfrentando algum horror desconhecido à nossa frente. Ele sempre me dera conforto quando nada mais podia. Sempre estava lá quando eu precisava dele para fazer e dizer a coisa certa.

– Lembra-se do dia em que mamãe recebeu a carta da avó dizendo que poderíamos ficar em sua casa? Pensamos que coisas maravilhosas nos esperavam; depois, pensamos que toda a alegria estava no passado. Nunca, nunca no presente.

– Sim – ele disse suavemente –, eu me lembro. Acreditávamos que seríamos ricos como o Rei Midas, e tudo o que tocássemos

viraria ouro. Só que teríamos mais autocontrole, o suficiente para manter aqueles que amávamos ainda feitos de carne e sangue. Éramos jovens e tolos, então, e confiantes demais.

– Tolos? Não acho que éramos tolos, apenas normais. Você conseguiu seu objetivo de ser um médico. Mas eu ainda não sou uma bailarina famosa – eu disse essa última frase amargamente.

– Cathy, não se deprecie. Você ainda será uma grande bailarina!
– ele disse com fervor. – Você já seria uma, há muito tempo, se Julian pudesse controlar seus ataques de pirraça, que fazem com que cada diretor de companhia de dança tenha medo de assinar um contrato com vocês dois. Você ficou presa em uma companhia menor somente porque não quer deixá-lo.

Suspirei, desejando que ele não tivesse dito isso. Era verdade que as birras de Julian tinham assustado mais de uma oferta que nos teria colocado em uma empresa de maior prestígio.

– Você tem que ir embora, Chris. Não quero que ele volte para casa e o encontre aqui. Ele não quer você perto de mim. E eu não posso deixá-lo. À sua própria maneira, ele me ama e precisa de mim. Sem eu para mantê-lo estável, ele seria dez vezes mais violento, e eu o amo, afinal. Se ele me bateu algumas vezes, estava apenas tentando me fazer ver isso. Agora eu vejo.

– *Vê?* – ele gritou. – Você não está vendo! Está deixando a pena que sente por ele roubar seu bom senso! Olhe ao seu redor, Cathy! Só um louco poderia ter feito isso. Eu não vou deixar você sozinha para enfrentar um louco! Vou ficar para protegê-la. Diga-me, o que você poderia fazer se ele decidisse fazê-la pagar novamente por deixá-lo sozinho na Espanha? Você poderia se levantar e correr? Não! Eu não vou deixá-la aqui, sem proteção, quando ele pode vir para casa bêbado, ou drogado...

– Ele não usa drogas! – eu o defendi, protegendo o que de bom havia em Julian, e por alguma razão, querendo esquecer tudo o que não era.

– Ele pulou sobre seus dedos dos pés quando você precisa desses mesmos dedos para dançar, portanto, não me diga que você vai lidar com um homem sensato. Quando você estava colocando suas roupas, ouvi alguém dizer que, desde que Julian começou a

andar por aí com Yolanda, ele tem sido um homem completamente diferente. Todo mundo suspeita que ele está usando drogas, é por isso que eu disse isso – e aqui ele fez uma pausa –, e além disso, eu sei que Yolanda pega tudo em que ela consegue pôr as mãos.

Eu estava sonolenta, com dor e preocupada com Julian, que já deveria estar em casa agora, e havia um *incipiente* bebê dentro de mim cujo destino eu tinha que decidir.

– Chris, fique aqui, então. Mas quando ele chegar em casa, deixe-me falar. Não se intrometa, promete?

Ele acenou com a cabeça, enquanto eu comecei a adormecer novamente, sentindo-me como se nada fosse real, exceto a cama embaixo de mim e o sono do qual eu precisava. Preguiçosamente, sem pensar, tentei virar de lado, e minhas pernas deslizaram dos travesseiros amontoados, me fazendo gritar.

– Cathy... não se mova – disse Chris, ajustando rapidamente as minhas pernas de volta nos travesseiros. – Deixe-me deitar ao seu lado e abraçá-la até ele chegar. Prometo não dormir, e no minuto em que ele passar por aquela porta, vou saltar da cama e desaparecer. – Ele sorriu para me animar de novo, então também assenti e me senti agradecida pelos braços quentes e fortes que ele colocou em volta de mim, enquanto novamente buscava o doce alívio do sono.

Como em um sonho, senti lábios macios no meu rosto, em meus cabelos, então levemente sobre as minhas pálpebras, e, finalmente, em meus lábios.

– Eu te amo tanto, oh, Deus, como eu te amo – eu o ouvi dizer, e pensei por um desorientado momento que era Julian que havia chegado em casa para dizer que sentia muito por ter me ferido e humilhado... Pois esse era o seu jeito, me fazer sentir dor, depois pedir desculpas e fazer amor com um abandono cheio de paixão. Então virei um pouco de lado e respondi a seus beijos, coloquei meus braços em torno dele e entrelacei os dedos em seus cabelos escuros e fortes. Foi quando eu soube. O cabelo que eu sentia não era forte e áspero, mas sedoso e fino, como o meu.

– Chris! – gritei. – Pare!

Mas ele estava fora de controle, enquanto dava beijos ardentes em meu rosto, meu pescoço e meu colo, que ele havia desnudado.

– Não me diga para parar – ele murmurou, me acariciando e tocando. – Por toda a minha vida eu não tive nada além de frustrações. Eu tento amar outras, mas é sempre você... Você, que eu nunca poderei ter! Cathy... abandone Julian! Venha comigo! Vamos para algum lugar distante, onde ninguém nos conhece, e juntos podemos viver como marido e mulher. Não teremos filhos... Eu prometo. Podemos adotar bebês. Você sabe que nós somos bons pais... Você sabe que amamos um ao outro e sempre amaremos! Nada pode mudar isso! Você pode fugir de mim e se casar com 12 outros homens, mas seu coração está em seus olhos quando você olha para mim. Sou eu que você quer, assim como eu quero você!

Ele de deixou levar por suas próprias convicções e não quis ouvir as minhas fracas palavras.

– Cathy, apenas para abraçar você, ter você de novo! Dessa vez eu saberei como lhe dar o prazer que não conseguia antes. Por favor, se você algum dia me amou, abandone Julian antes que ele destrua a nós dois!

Balancei a cabeça, tentando me concentrar no que ele estava dizendo e no que ele estava fazendo. Seu cabelo loiro estava debaixo do meu queixo, aninhado em meus seios, e ele não viu a minha negação, mas ouviu a minha voz.

– Christopher... Eu vou ter o bebê de Julian. Eu fui a um ginecologista enquanto estava em Clairmont. Essa é a razão de eu ter ficado mais tempo do que inicialmente havia previsto. Julian e eu vamos ter um bebê.

Eu poderia tê-lo esbofeteado pela maneira como ele se jogou para trás, abandonando o doce êxtase de beijar em lugares proibidos, que tinha me deixado excitada. Ele sentou-se no lado da cama e colocou a cabeça em suas mãos. Então, soluçou.

– Você sempre consegue me derrotar, Cathy! Primeiro Paul, e então Julian... e agora um bebê. – Então, de repente, ele me encarou. – Vamos embora e me deixe ser um pai para essa criança! Julian não é adequado! Se você nunca me deixar tocá-la, deixe-me viver perto o suficiente para que eu possa te ver todos os dias e ouvir a sua voz. Às vezes, eu desejo que as coisas fossem como eram antes... Só você e eu, e nossos gêmeos.

O silêncio que nós dois sabíamos que viria chegou e nos levou, e nos trancou em nosso próprio mundo secreto, onde o pecado vivia e pensamentos impuros habitavam, e nós pagaríamos, pagaríamos, se alguma outra vez... Mas não, não haveria qualquer "outra vez".

– Chris, eu vou ter o bebê com Julian – eu disse com uma resolução firme que me surpreendeu. – Eu quero o bebê de Julian, pois eu o amo, Chris, e falhei com ele de muitas maneiras. Falhei com ele, porque você e Paul ocupavam meus pensamentos, e não consegui apreciar o que eu podia ter com ele. Eu deveria ter sido uma esposa melhor, e então ele não teria necessidade de ir atrás daquelas garotas. Sempre vou te amar, mas é um amor que não vai nos levar a lugar algum, então eu desisto dele. Você também! Diga adeus ao passado e à boneca Catherine que não existe mais.

– Você o perdoo por quebrar seus dedos dos pés? – ele perguntou, atônito.

– Ele ficava me pedindo para dizer que o amava, e eu nunca disse. Eu mantive um guarda-sol enganador sobre a minha cabeça, para manter dúvidas escuras em minha mente, e me recusei a ver tudo o que era nobre e bom nele além de sua dança. Não percebi que o fato de ele me amar, mesmo quando eu lhe negava isso, era nobre e bom por si mesmo. Então, deixe-me ir, Chris. Mesmo que eu nunca volte a dançar, vou ter o filho dele... e ele vai continuar a buscar a fama sem mim.

Ele bateu a porta e saiu, e eu logo adormeci e sonhei com Bart Winslow, o segundo marido de minha mãe. Estávamos dançando no grande salão de baile de Foxworth Hall, e no andar de cima, perto da balaustrada da varanda, duas crianças estavam escondidas no interior do baú maciço com a parte de trás em tela de arame. A árvore de Natal em um canto da sala se erguia em direção ao céu, e centenas de pessoas dançaram conosco, mas eram feitas de celofane transparente, não da carne saudável, sangue e músculos que constituíam a beleza de Bart e a minha. Bart de repente parou de dançar e me pegou no colo, levando-me até as grandes escadas, e me colocou na suntuosa cama em formato de cisne. Meu lindo vestido de veludo verde e *chiffon* verde mais fino derreteu sob o toque ardente de suas mãos – e então, aquele poderoso membro

masculino que entrou e se enrolou em mim começou a gritar, gritar, e cada grito soava exatamente como um telefone tocando.

Acordei assustada... Por que um telefone tocando na calada da noite é sempre um som ameaçador? Estiquei a mão para o aparelho, ainda sonolenta.

– Alô?

– Sra. Julian Marquet?

Despertei um pouco mais e esfreguei os olhos.

– Sim, é ela.

Ela disse o nome de um hospital no outro lado da cidade.

– Sra. Marquet, você poderia vir o mais rápido possível? Se puder, peça a alguém para dirigir em seu lugar. Seu marido teve um acidente de carro, e está nesse momento em cirurgia. Traga com você os papéis do seguro saúde, identificação, e qualquer histórico médico que tiver... Senhora Marquet... você está aí?

Não, eu não estava lá. Eu estava de volta a Gladstone, Pensilvânia, e tinha 12 anos de idade. Dois policiais rodoviários estavam na calçada, com um carro branco estacionado... e estavam caminhando rapidamente para interromper uma festa de aniversário e nos dizer que papai estava morto. Morto em um acidente na Rodovia Greenfield.

– Chris! Chris! – gritei, apavorada de que ele pudesse ter ido embora.

– Estou aqui. Estou indo. Sabia que você iria precisar de mim.

Naquela hora sombria e solitária que vem antes do amanhecer, Chris e eu chegamos ao hospital. Em uma dessas salas de espera estéreis, nos sentamos para aguardar e descobrir se Julian iria sobreviver ao acidente e à cirurgia.

Finalmente, por volta de meio-dia, depois de horas na sala de recuperação, eles o trouxeram para baixo.

Tinham-no colocado sobre o que chamavam de “cama de fratura” – um dispositivo com aparência de aparelho de tortura que elevava sua perna direita, que estava engessada dos pés ao quadril. Seu braço esquerdo estava fraturado e engessado, e pendurado de

maneira peculiar também. Seu rosto pálido estava machucado e cheio de hematomas. Seus lábios, geralmente tão cheios e vermelhos, estavam tão pálidos quanto sua pele. Mas tudo isso não era nada comparado à sua cabeça! Eu tremi ao olhar! Ela tinha sido raspada e pequenos orifícios perfurados para que hastes de metal pudessem ser inseridas e mantivessem sua cabeça voltada para cima e para trás! Um colar de couro forrado com lã estava preso ao seu pescoço. *Seu pescoço estava quebrado!* Além de uma fratura na perna e uma fratura exposta no seu antebraço, sem falar das lesões internas que o haviam mantido na mesa de cirurgia por três horas!

Exclamei:

– Ele vai viver?

– Ele está na lista de pacientes críticos, Sra. Marquet – eles responderam com muita calma. – Se ele tem outros parentes próximos, sugerimos que você entre em contato com eles.

Chris telefonou para Madame Marisha, pois eu estava com medo de que ele morresse a qualquer momento, e eu poderia perder a única chance de dizer que o amava. E se isso acontecesse, eu seria amaldiçoada e assombrada por todo o resto da minha vida.

Os dias se passaram. Julian recuperava a consciência, para perdê-la logo depois. Ele olhava para mim com os olhos sem brilho, sem foco. Ele falava, mas sua voz soava tão grossa, pesada e ininteligível que eu não conseguia entender. Eu o perdoei por todos os seus pequenos pecados, e os grandes também, quando normalmente se faz quando a morte está tão próxima. Aluguei um quarto ao lado do dele no hospital, onde eu podia dormir um pouco, mas nunca conseguia dormir a noite inteira. Precisava estar lá quando ele voltasse a si, onde ele pudesse me ver e saber que era eu, para que pudesse lhe suplicar que lutasse, vivesse e, acima de tudo, para lhe dizer todas as palavras que eu havia tão miseravelmente impedido que seus ouvidos ouvissem.

– Julian – sussurrei, minha voz rouca por dizer isso com tanta frequência. – Por favor, não morra!

Nossos amigos de dança e músicos se reuniam no hospital para oferecer o consolo que pudessem. Seu quarto ficou cheio de flores enviadas por centenas de fãs. Madame Marisha veio da Carolina do Sul e entrou no quarto vestindo um sombrio vestido preto. Ela olhou para o rosto inconsciente de seu único filho, sem qualquer expressão de dor.

– É melhor que ele morra agora – ela disse sem rodeios – do que acordar e descobrir que está aleijado por toda a vida.

– Como ousa dizer isso? – gritei, pronta para atacá-la. – Ele está vivo, e não está acabado. Sua medula espinhal não foi ferida! Ele vai voltar a andar e a dançar também!

Então veio a pena e a descrença, que fizeram seus olhos negros brilharem – e ela começou a chorar. Ela, que havia se vangloriado de nunca chorar, nunca demonstrar tristeza, chorou em meus braços.

– Diga isso novamente, que ele vai dançar! Oh, não minta, ele tem que dançar de novo!

Cinco dias horríveis vieram e se foram antes que Julian pudesse focar os olhos o suficiente para realmente ver. Incapaz de virar a cabeça, ele revirou os olhos em minha direção.

– Oi.

– Olá, sonhador. Pensei que você nunca fosse acordar – eu disse. Ele sorriu, um sorriso fino e irônico.

– Não tive essa sorte, querida Cathy. – Os olhos dele se moveram para baixo, para a perna elevada. – Eu preferia estar morto a estar assim.

Levantei-me e fui até a cama de fratura, que consistia em duas tiras largas de lona áspera cobrindo hastes fortes, e um colchão sob essa armação, que podia ser abaixado o suficiente para permitir que uma comadre fosse colocada em posição. Era uma cama dura e inflexível para alguém se deitar sobre ela; ainda assim, me estiquei ao lado dele com muito cuidado e enrolei meus dedos no emaranhado de seus cabelos despenteados – o pouco que lhe sobrara. Minha mão livre acariciou seu peito.

– Jule, você não está paralisado. Sua medula espinhal não foi cortada ou esmagada, nem mesmo machucada. Está apenas em estado de choque, por assim dizer.

Ele tinha um braço bom que poderia ter esticado para me abraçar, mas que ficou imóvel ao seu lado.

– Você está mentindo – ele disse amargamente. – Não consigo sentir merda nenhuma da cintura para baixo. Nem a sua mão no meu peito também. Agora dê o fora daqui! Você não me ama! Você espera até achar que estou pronto para sumir daqui, e então vem com suas palavras doces! Eu não quero e nem preciso de sua pena, *então, dê o fora, e fique longe de mim!*

Saí da cama e peguei a minha bolsa, chorando, enquanto ele chorava e olhava para o teto.

– Maldito seja você por ter destruído nosso apartamento! – gritei com raiva quando consegui falar. – Você rasgou minhas roupas! – Estava irritada, com raiva, agora, e querendo dar um tapa naquele rosto que já estava machucado e inchado. – Maldito seja você por quebrar todas as nossas belas coisas! Você sabia que escolhemos com cuidado todos aqueles abajures, os acessórios que custaram uma fortuna. Você sabia que queríamos deixá-los como herança para os nossos filhos. Agora não temos nada para deixar para ninguém!

Ele sorriu, satisfeito.

– Sim, nada para ninguém. – Ele bocejou, como se estivesse me dizendo para ir embora, mas eu não estava disposta a ser dispensada. – Não tenho filhos, graças a Deus. Nunca vou ter. Você pode pedir o divórcio. Case-se com outro filho da puta e torne a vida dele miserável também.

– Julian – eu disse, com uma tristeza pesadíssima. – Eu tornei sua vida miserável?

Ele piscou, como se não quisesse responder a isso, mas perguntei a ele novamente e outra vez, até que o obriguei a falar:

– Não completamente miserável. Tivemos alguns momentos.

– Apenas alguns?

– Bem... talvez mais do que alguns. Mas você não precisa ficar e cuidar de um inválido. Caia fora enquanto pode. Eu não sou bom, você sabe disso. Fui infiel a você mais de uma vez.

– Se você for infiel novamente, vou arrancar seu coração!

– Vá embora, Cathy. Estou cansado. – Ele parecia sonolento por causa dos muitos sedativos que eram administrados e injetados nele. – Filhos não são uma coisa boa para pessoas como nós, de qualquer maneira.

– Pessoas como nós...?

– Sim, pessoas como nós.

– Somos diferentes? Como?

Ele riu ironicamente, sonolento, amargamente também.

– Não somos reais. Não pertencemos à raça humana.

– O que nós somos, então?

– Bonecos dançarinos, isso é tudo. Tolos dançarinos, com medo de sermos pessoas reais e vivermos no mundo real. É por isso que preferimos a fantasia. Você não sabia?

– Não, eu não sabia. Eu sempre pensei que fôssemos reais.

– Não fui eu que quebrei suas coisas, foi Yolanda. Eu fiquei assistindo, no entanto.

Senti-me mal, com medo de que ele estivesse dizendo a verdade. Eu era apenas uma boneca dançarina? Eu não seria capaz de abrir meu caminho no mundo real, fora dos palcos? Eu não era, afinal, mais capaz de enfrentar as adversidades do que mamãe?

– Julian... eu te amo, de verdade. Eu costumava achar que amava outra pessoa, porque não parecia natural ir de um amor a outro. Quando eu era menina, costumava acreditar que o amor acontecia apenas uma vez na vida, e esse era o melhor tipo. Pensei que, uma vez que você havia amado uma pessoa, nunca poderia amar outra. Mas eu estava errada.

– Saia e me deixe em paz. Não quero ouvir o que você tem a dizer, não agora. Agora eu não dou a mínima.

Lágrimas correram pelo meu rosto e caíram sobre ele. Ele fechou os olhos e se recusou a me ver ou ouvir. Inclinei-me para beijar seus lábios, e eles ficaram apertados, duros, sem responder. Então, ele disse com desprezo:

– *Pare! Você me deixa enojado!*

– Eu te amo, Julian – soluzei –, e sinto muito se percebi isso tarde demais e disse isso tarde demais, mas não deixe que *seja* tarde demais. Estou esperando seu bebê, o 14º de uma longa linha

de dançarinos... E esse bebê é razão suficiente para viver, mesmo se você não *me* ama mais. Não feche os olhos nem finja que não ouve, porque você vai ser pai, mesmo que não queira.

Ele virou seus olhos brilhantes e escuros em minha direção, e vi por que eles brilhavam, pois estavam cheios de lágrimas. Se eram lágrimas de autopiedade ou de frustração, eu não sabia. Mas ele falou de modo mais amável, e havia um pouco de amor em sua voz.

– Eu aconselho você a se livrar dele, Cathy. Quatorze não é um número que traz mais sorte do que o treze.

No quarto ao lado, Chris me segurou em seus braços durante toda a noite.

Acordei de manhã cedo. Yolanda tinha sido arremessada para fora do carro no acidente, e hoje ela seria sepultada. Cautelosamente saí dos braços de Chris e coloquei sua cabeça sonolenta em uma posição mais confortável antes de sair para dar uma espiada no quarto de Julian. Ele tinha uma enfermeira da noite de plantão, e ela estava dormindo ao lado de sua cama. Parei junto à porta e o observei à luz esverdeada e fraca da lâmpada coberta por uma toalha verde. Ele estava dormindo, profundamente adormecido. O tubo intravenoso que ia até o seu braço ficava sob o lençol e entrava em sua veia. Por alguma razão, fixei os olhos no frasco com o líquido amarelo pálido que parecia mais água do que qualquer outra coisa, pois estava correndo tão rapidamente que quase havia se esgotado. Corri de volta para chacoalhar Chris e acordá-lo.

– Chris – eu disse, quando ele tentou se levantar –, a intravenosa não deveria apenas gotejar no braço dele? Ela está correndo muito, muito rápido, eu acho.

As palavras mal haviam saído da minha boca quando Chris se levantou e saiu correndo em direção ao quarto de Julian. Ele acendeu a luz do teto quando entrou, despertando a enfermeira adormecida.

– O que diabos você está fazendo dormindo? Você estava aqui para cuidar dele!

Quando ele disse isso, puxou as cobertas e lá estava o braço engessado de Julian com a abertura para a agulha, e a agulha ainda estava inserida nele, presa com esparadrapo na posição, mas o tubo tinha sido cortado!

– Oh, Deus – suspirou Chris –, uma bolha de ar deve ter chegado até seu coração.

Olhei para a tesoura brilhante pendendo frouxamente da mão direita de Julian.

– Ele mesmo cortou o tubo – sussurrei –, ele mesmo cortou o tubo, e agora ele está morto, morto, morto...

– Onde ele conseguiu a tesoura? – Chris rosnou, enquanto a enfermeira começava a tremer. Era a sua pequena tesoura de bordado que ela havia usado para cortar o fio do seu crochê.

– Ela deve ter caído do meu bolso – ela disse fracamente. – Eu juro que não me lembro de tê-la perdido, ou talvez ele a tenha pegado quando eu me inclinei sobre ele...

– Está tudo bem – eu disse, sem expressão. – Se ele não tivesse feito isso dessa maneira, teria sido de outra. Eu devia ter desconfiado e avisado você. Não havia vida para ele se nunca mais pudesse dançar. Não havia mais vida nenhuma.

Julian foi enterrado ao lado do pai. Na lápide, me assegurei de que Madame Marisha concordasse com o nome que acrescentei: *Julian Marquet Rosencoff, amado marido de Catherine, e décimo terceiro de uma longa linhagem de estrelas russas do balé*. Talvez fosse ostensivo e representasse a minha própria incapacidade de amá-lo o suficiente enquanto ele estava vivo, mas eu tinha que fazer aquilo do jeito que ele gostaria – ou como eu achava que ele gostaria.

Chris, Paul, Carrie e eu ficamos em pé ao lado do túmulo de Georges também, e abaixei a cabeça para mostrar respeito ao pai de Julian. O respeito que eu deveria ter dado a ele também. Cemitérios com seus santos e anjos de mármore, todos com sorrisos tão doces, tão piedosos ou sérios – como eu odiava aquilo! Eles tratavam os vivos com condescendência; nós, que éramos feitos de tecido frágil e sangue, que podíamos chorar e gritar, enquanto eles ficariam lá

por séculos, sorrindo piedosamente para todos do alto de seus pedestais. E eu estava exatamente de volta onde havia começado.

– Catherine – Paul disse quando estávamos todos sentados em uma longa limusine preta –, o seu quarto ainda está como era, todo seu. Venha para casa e viva comigo e com Carrie até o bebê nascer. Chris vai estar lá também, fazendo o seu estágio no Hospital Clairmont.

Eu olhei para Chris, que estava sentado no assento dobrável, sabendo que ele havia conseguido uma posição muito melhor em um hospital muito importante – e ele iria fazer o estágio em um hospital pequeno, sem importância.

– Duke é longe demais, Cathy – ele disse, evitando olhar nos meus olhos. – Foi ruim o suficiente ficar viajando para lá e para cá quando eu estava cursando Medicina... Então, se você não se importa, deixe-me ficar em algum lugar perto para que eu possa estar aqui no dia em que meu sobrinho ou sobrinha chegar ao mundo.

Madame Marisha ergueu a cabeça tão rápido que quase a bateu no teto do carro.

– Você carrega o filho de Julian? – ela exclamou. – Por que você não me disse antes? Que coisa maravilhosa! – Seu rosto se iluminou, de modo que a tristeza saiu dela como se fosse um manto sombrio. – Agora Julian não está completamente morto, pois ele será pai de um filho, que será exatamente como ele!

– Pode ser uma menina, Madame – disse Paul suavemente, enquanto pegava minha mão. – Eu sei que a senhora deseja um menino como o seu filho, mas espero que seja uma menina como Cathy e Carrie... Mas se for um menino, não terei objeções.

– Objeções? – exclamou Madame. – Deus, em sua infinita sabedoria e misericórdia, vai enviar para Catherine a cópia exata de Julian! E ele vai dançar, e vai alcançar a fama que estava quase chegando para o filho do meu Georges!

A meia-noite me encontrou sozinha na varanda dos fundos, balançando para frente e para trás na cadeira favorita de Paul.

Minha cabeça estava cheia de pensamentos sobre o futuro. Pensamentos sobre o passado me deixavam em conflito e quase me afogavam. As tábuas do assoalho rangeram levemente. Eram velhas e tinham conhecido dor como a minha antes; elas eram solidárias. As estrelas e a lua estavam no céu; mesmo alguns vaga-lumes vieram flutuar na escuridão do jardim.

A porta atrás de mim se abriu e fechou silenciosamente. Não olhei para ver quem era, pois eu sabia. Eu era boa em sentir a presença das pessoas, mesmo no escuro. Ele sentou-se na cadeira ao lado da minha e balançou sua cadeira no mesmo ritmo em que eu me balançava.

– Cathy – ele disse em voz baixa. – Odeio ver você sentada aí com essa expressão perdida e esgotada. Não pense que todas as coisas boas de sua vida já passaram por você e nada mais resta. Você ainda é muito jovem, muito bonita, e depois que o bebê nascer, pode rapidamente entrar em forma, e dançar, até sentir que está pronta para se aposentar e ensinar.

Não virei a cabeça. Dançar novamente? Como eu poderia dançar quando Julian estava no túmulo? Tudo o que eu tinha era o bebê. Faria dele o centro da minha vida. Ensinaria meu filho a dançar, e ele ou ela alcançaria a fama que deveria ter sido de Julian e minha. Tudo o que mamãe não conseguiu nos dar eu daria ao *meu* filho. Meu filho nunca seria negligenciado. Quando precisasse de mim, eu estaria lá. Quando chorasse pela mãe, ele não teria que se contentar apenas com uma irmã mais velha. Não... Eu seria como mamãe era quando tinha papai. Isso era o que magoava mais, que ela pudesse ter mudado de alguém gentil e capaz de amar para o que era, um monstro. Nunca, nunca eu iria tratar meu filho como ela havia tratado os dela!

– Boa noite, Paul – eu disse quando me levantei para entrar. – Não fique aqui fora muito tempo. Você tem que acordar cedo, e parecia cansado no jantar.

– Catherine...?

– Não agora. Mais tarde. Eu preciso de tempo.

Lentamente subi as escadas de trás, pensando no bebê em meu ventre, como eu tinha que ter cuidado e não comer porcarias; tinha

que beber bastante leite, tomar vitaminas e ter pensamentos felizes... não pensamentos de vingança.

Todos os dias, a partir de agora, eu iria tocar música de balé. Dentro de mim, meu bebê iria ouvir, e até mesmo antes de ele ou ela nascer, uma pequena alma vivente seria doutrinada para a dança. Sorri, pensando em todos os pequenos tutus que eu poderia comprar para a minha menininha. Sorri mais ainda ao pensar em um menino como o pai dele, com uma cabeça cheia de cachos escuros e selvagens. Julian Janus Marquet seria o seu nome. Janus² para representar os dois lados, o presente e o passado.

Passei por Chris, que estava pronto para descer as escadas. Ele me tocou. Tremi, sabendo o que ele queria. Ele não precisava dizer as palavras. Eu as conhecia de trás para frente, de dentro para fora, de cabeça para baixo, ou com o lado direito para cima. Eu as conhecia... como o conhecia.

Embora eu tentasse diligentemente pensar apenas na criança inocente que crescia dentro de mim, meus pensamentos ainda assim se voltavam para minha mãe, enchendo-me de ódio, enchendo-me de indesejados planos de vingança. Pois de alguma forma ela também havia causado a morte de Julian. Se nós nunca tivéssemos sido trancados naquele quarto, em primeiro lugar, e não precisássemos fugir e escapar, então eu nunca teria amado Chris, ou Paul, e talvez Julian e eu tivéssemos inevitavelmente nos conhecido em Nova York. Então eu poderia tê-lo amado como ele precisava e queria ser amado. Poderia ter ido até ele como uma "virgem pura, nova em folha". *E isso teria feito qualquer diferença?*, perguntava-me vezes sem conta... *Sim! Sim! Convenci-me de que isso teria feito toda a diferença!*

1 *Cloisonné* (do francês *cloison*, divisão) é uma técnica de trabalho em esmalte na qual finas tiras de metal são coladas sobre uma superfície, formando um desenho composto por pequenos compartimentos, que são preenchidos com pasta de esmalte vitrificado. (N.T.)

2 Segundo a mitologia romana, Jano (do latim Janus) era o porteiro celestial, sendo representado com duas cabeças, simbolizando os términos e os começos, o passado e o futuro, o dualismo relativo de todas as coisas. (N.E.)

INTERLÚDIO PARA TRÊS



Enquanto meu bebê crescia dentro de mim, comecei a encontrar a identidade que havia perdido, pois o balé mantivera o meu eu verdadeiro sempre em estado de embrião, encerrado no meu desejo de dançar e ser bem-sucedida. Agora eu tinha os pés plantados firmemente no chão, com a fantasia de vida glamorosa empurrada para o lado. Não que eu não desejasse mais o palco e os aplausos, de vez em quando. Oh, eu tinha meus momentos tristes, mas tinha uma maneira de expulsá-los. Meus pensamentos se voltavam para minha mãe, sobre o que ela tinha feito conosco. Outra morte em sua ficha, mamãe!

Cara Sra. Winslow,

Você ainda está fugindo de mim? Você ainda não sabe que nunca poderá correr rápido o suficiente ou longe o suficiente? Algum dia eu vou alcançá-la, e nós vamos nos encontrar novamente. Talvez dessa vez você sofra como você me fez sofrer, e, espero, três vezes mais.

Meu marido acaba de morrer como resultado de um acidente de carro, assim como o seu marido morreu há muitos anos atrás. Estou esperando um filho dele, mas não vou fazer nada tão desesperador como você fez. Eu vou encontrar uma maneira de sustentar a ele ou ela, mesmo que eu tenha trigêmeos – ou quadrigêmeos!

Enviei essa carta, endereçada à sua casa em Greenglenna, mas os jornais mais tarde me informaram que ela estava no Japão. Japão! Uau, ela viajava um bocado.

Eu estava me transformando em uma mulher que nunca tinha visto antes. Os espelhos mostravam que eu não era mais esbelta e flexível. Isso me apavorava. Vi meus seios se tornarem mais redondos, mais cheios, enquanto minha barriga crescia. Eu detestava me mover de modo menos gracioso, mas minhas mãos gostavam de acariciar a pequena protuberância que era o meu bebê.

Um dia, percebi que tinha mais sorte do que a maioria das viúvas, pois tinha dois homens que precisavam de mim. Homens que me mostravam de forma sutil que estavam prontos para tomar o lugar de Julian. E eu tinha Carrie... Carrie, que me considerava um modelo pelo qual ela poderia moldar sua própria vida. Querida, doce e pequena Carrie, que agora tinha 16 anos, e nunca tivera um encontro, ou um namorado, ou ido a um baile na escola. Não que ela não pudesse ter, se esquecesse sua pequenez. Chris havia persuadido seus amigos a sair com uma irmã mais nova que estava morrendo de vontade de ter um romance. Ela se queixou para mim:

– Chris não precisa arrumar encontros para *você*! Aquele universitário, ele não me quer. Ele só vem para ficar mais perto de você. – Eu ri, achando aquilo ridículo. Ninguém iria me querer na condição em que eu estava, grávida, viúva e velha demais para um garoto de faculdade.

Carrie ouviu isso, mas ficou emburrada perto da janela.

– Desde que você voltou, o Dr. Paul não me leva mais ao cinema e para jantar como ele costumava fazer. Eu costumava fingir que ele não era meu tutor, mas meu namorado, e isso me fazia sentir bem por dentro, porque todas as mulheres olham para ele, Cathy. Ele é bonito, mesmo que seja velho.

Suspirei, pois para mim Paul nunca seria velho. Ele ainda tinha uma aparência maravilhosamente jovem para sua idade de 48 anos. Tomei Carrie em meus braços e a consolei, dizendo que o amor estava esperando por ela logo virando a esquina.

– Ele vai ser jovem também, Carrie, próximo de sua idade. E quando ele a vir, e realmente souber quem você é, ele não terá que

ser forçado, ele vai estar mais do que disposto a te amar. – Em silêncio, ela se levantou e entrou em seu próprio quarto, não convencida por nada do que eu tinha dito.

Madame Marisha vinha muitas vezes para ver como eu estava e me enchia de conselhos autoritários.

– Agora você mantenha os exercícios; toque música de balé para encher o filho de Julian com amor pela beleza antes de ele nascer; dentro de você ele vai saber que a dança está esperando por ele. – Ela olhou para os meus pés, que tinham finalmente se curado. – Como estão esses dedos agora?

– Tudo bem – eu respondi de maneira mecânica, embora eles doessem quando chovia.

Henny estava ali para me servir em tudo o que precisava, quando Carrie não estava por perto. Estava envelhecendo a uma velocidade incrivelmente rápida. Eu me preocupava com ela. Ela diligentemente tentava manter a dieta rígida que seus dois “médicos-filhos” haviam prescrito, mas ela comia o que queria, nunca contando calorias ou colesterol.

Os longos dias de luto passaram rapidamente, porque eu tinha o bebê de Julian, uma parte dele para manter comigo. Logo o Natal chegou, e eu estava tão grande que não sentia vontade de me mostrar. Chris insistiu, junto com Paul, que seria uma boa terapia ir às compras.

Comprei um relicário de ouro antigo para enviar para Madame Zolta, e dentro dele coloquei duas fotos pequenas minhas e de Julian, em nossos trajes de Romeu e Julieta.

Pouco depois do Natal, sua nota de agradecimento chegou.

Querida Catherine, meu amour,

O seu foi o melhor presente de todos. Sofro por seu belo marido dançarino. Eu sofro por você mais do que tudo, se decidir não dançar novamente só porque está para se tornar mãe! Há muito tempo você poderia ter se tornado uma primeira-bailarina se o seu marido tivesse demonstrado menos arrogância e mais respeito por

aqueles em posição de autoridade. Mantenha a forma, faça exercícios, traga seu bebê com você e todos nós viveremos juntos em minha casa até você encontrar um novo danseur para ser seu amour. A vida oferece muitas chances, e não apenas uma. Volte.

Sua nota colocou um sorriso melancólico em meu rosto. Ela ainda soletrava amor como "amour".

– O que é isso que a faz sorrir assim? – perguntou Paul, deixando de lado a revista médica que devia ter mantido apenas uma parte de seu interesse. Desajeitada, me inclinei para a frente para entregar a nota a ele. Ele a leu e, então, estendeu os braços, convidando-me para vir sentar em seu colo e me aconchegar em seus braços. Ansiosamente, aceitei o convite; estava desesperada por afeto. A vida me parecia vazia sem um homem. – Você pode continuar com sua carreira – ele disse em voz baixa. – Embora eu peça a Deus que você não volte para Nova York e me deixe novamente.

– Era uma vez – comecei – uma bela dupla de pais loiros que deram vida a quatro crianças que nunca deveriam ter nascido. E eles os adoravam além da razão. Então, um dia o pai morreu e a mãe mudou, e esqueceu tudo sobre o amor, carinho e a atenção que aquelas quatro crianças tão desesperadamente necessitavam. Então, agora que outro belo marido está morto, não deixarei meu filho se sentir negligenciado, ou órfão, ou indesejado e desnecessário. Quando meu filho chorar, eu estarei lá. Sempre estarei lá para fazer meu filho se sentir seguro, e muito amado, e vou ler para ele, e cantar para ele, e ele nunca vai se sentir negligenciado, ou traído, como Chris se sentiu traído por aquela que ele amava mais do que a todos.

– Ele? Você fala como se soubesse. – Seus olhos iridescentes pareciam tristes. – E você vai ser mãe e pai para essa criança? Você vai fechar as portas para qualquer homem que queira compartilhar sua vida? Catherine, espero que você não se torne uma daquelas mulheres que se tornam amargas porque a vida nem sempre cumpriu os seus desejos.

Virei a cabeça para trás para olhar em seus olhos.

– Você não me ama ainda, não é?

– Não amo?

– Isso não é resposta.

– Não pensei que precisava responder. Pensei que você sabia. Eu também pensei, pelo jeito como me olha, que você iria voltar para mim. Eu te amo, Catherine... Desde o dia em que você subiu os degraus da varanda pela primeira vez, eu te amei. Eu amo o jeito como você fala, a maneira como você sorri, o jeito como você anda, isto é, antes de você ficar grávida e começar a andar inclinada para trás e segurando suas costas. Dói tanto assim?

– Oh – eu disse com desgosto. – Por que você tinha que parar de dizer todas essas palavras doces para perguntar se minhas costas doem? Claro que doem. Eu não estou acostumada a carregar nove quilos extras na frente. Continue com o que estava dizendo antes de se lembrar de que é um médico.

Ele lentamente baixou os lábios para tocar os meus, apenas levemente, antes da paixão chegar, e então ele os comprimiu com força contra os seus próprios lábios. Meus braços encontraram o caminho em torno de seu pescoço e ardentemente devolvi beijo por beijo.

A porta da frente se abriu e, em seguida, bateu, fechando-se. Eu me afastei rapidamente de Paul e tentei me levantar antes de Chris entrar na sala, mas não fui rápida o suficiente. Ele entrou, seu casaco cobrindo o jaleco branco de internista. Ele carregava uma sacola com 250 gramas de sorvete de pistache que eu tinha manifestado o desejo de comer no jantar.

– Pensei que você estava de plantão hoje à noite – eu disse muito rapidamente para esconder minha angústia e surpresa.

Ele empurrou o sorvete em minhas mãos e me olhou friamente.

– Eu *estou* de plantão. Mas é uma noite tranquila, então pensei que podia sair por alguns minutos e lhe trazer a sobremesa que você parecia querer tanto. – Ele desviou seu olhar para Paul. – Sinto muito, cheguei no momento errado. Continuem o que estavam fazendo.

Ele girou sobre os calcanhares e saiu da sala, e então, bateu a porta da frente uma segunda vez.

– Cathy – Paul disse, levantando-se para pegar o sorvete de minhas mãos. – Temos que fazer algo a respeito de Chris. O que ele quer nunca poderá acontecer. Eu tentei falar com ele sobre isso, mas ele não me ouve. Tampa os ouvidos e vai embora. Você deve fazê-lo entender que ele está arruinando sua vida, recusando-se a deixar que qualquer outra garota entre em seu coração.

Ele foi até a cozinha e estava de volta em poucos minutos com duas tigelas do sorvete verde que eu não queria mais.

Ele estava certo. Algo tinha de ser feito a respeito de Chris – mas o quê? Eu não podia magoá-lo; eu não podia magoar Paul. Eu era como um campo de batalha querendo que ambos os lados ganhassem.

– Catherine – Paul disse suavemente, como se estivesse observando minha reação –, você não me deve nada se não me ama mais. Diga a Chris para se afastar, deixe bem claro que ele tem que deixar você livre e encontrar outra pessoa. Qualquer uma, com exceção de você...

– Acho tão difícil dizer isso a ele – eu disse em um tom de voz baixo, com vergonha de admitir que eu não queria que Chris encontrasse outra pessoa. Eu queria que ele ficasse sempre comigo, apenas a proximidade dele, a confiança que ele me dava, nada mais. Estava tentando dividir meu tempo entre Chris e Paul, para dar a cada um deles o suficiente, mas não demais. Observava como o ciúme entre eles crescia, e sentia que não era minha culpa; a culpa era apenas de mamãe! Como tudo que dera errado em minha vida era culpa dela.

Foi em uma noite fria de fevereiro que senti a minha primeira contração. Engoli em seco com a dor aguda – eu sabia que ia doer, mas não tanto! Olhei para o relógio – duas da manhã do Dia de São Valentim.¹ Oh, que maravilha, meu bebê nasceria no que teria sido o nosso sexto aniversário de casamento!

– Julian – gritei, como se ele pudesse me ouvir –, você está prestes a ser pai!

Levantei-me e me vesti tão rapidamente quanto pude, antes de atravessar o corredor para bater na porta de Paul. Ele resmungou algo em forma de pergunta.

– Paul – eu disse –, acho que tive a minha primeira contração.

– Graças a Deus! – ele gritou do outro lado, de repente totalmente acordado. – Você está pronta para ir?

– É claro. Estou pronta há um mês.

– Vou ligar para o seu médico e alertar Chris. Sente-se e tenha calma!

– Posso entrar?

Ele abriu a porta, vestindo apenas as calças. Seu peito estava nu.

– Você é a mãe prestes a parir mais calma que eu já vi – ele disse, enquanto me ajudava a sentar. Correu para barbear seu rosto rapidamente com um barbeador elétrico, então correu para colocar uma camisa e gravata. – Teve mais contrações?

Eu ia dizer que não, quando outra contração se apoderou de mim. Dobrei-me de dor.

– Quinze minutos desde a última – ofeguei.

Ele parecia pálido quando vestiu o paletó, então veio me ajudar a levantar.

– Ok, vou colocá-la no carro primeiro, e depois pegarei a sua mala. Mantenha a calma, não se preocupe, o bebê terá três médicos fazendo o melhor possível...

– Para ficarem uns no caminho dos outros – concluí.

– Para que você tenha o melhor atendimento médico possível – ele corrigiu, então gritou em direção à cozinha. – Henny, vou levar Catherine para o hospital! Diga à Carrie quando ela acordar. Depois, telefone para Madame Marisha e coloque aquela fita que fizemos para ela.

Tínhamos pensado em tudo. Quando Paul abriu a porta da frente depois de ter estacionado o carro, ouvi atrás de mim a fita tocando para Madame M., minha própria voz falando:

– Madame – eu havia gravado semanas atrás –, o seu neto está a caminho.

Pareceu demorar um longo tempo até chegarmos ao hospital. Sob um toldo de proteção na entrada de emergência, um internista solitário andava inquieto para lá e para cá. Era Chris, que disse:

– Graças a Deus você está aqui! Eu estava pensando em todos os tipos de calamidades.

Enquanto ele mesmo me ajudava a sair do carro, alguém chegou com uma cadeira de rodas, e sem qualquer das preliminares que outras pacientes tinham de suportar, eu estava confortável na cama – ofegando com outra contração.

Três horas depois, meu filho nasceu. Chris e Paul estavam lá, ambos com lágrimas nos olhos, mas foi Chris quem pegou meu filho, ainda com o cordão umbilical, sujo e cheio de sangue. Ele o colocou em cima da minha barriga e o segurou lá, enquanto outro médico fez o que tinha de fazer.

– Cathy... Você pode vê-lo?

– Ele é lindo! – Respirei, encantada, vendo seus cabelos escuros, encaracolados, o corpo vermelho perfeito e pequeno. Com uma raiva tão parecida com a de seu pai, ele acenou com os pequenos punhos e agitou suas pernas finas, gritando por causa de todas as indignidades infligidas a ele, e toda aquela luz que veio de repente brilhar em seus olhos, e colocá-lo no centro do palco, por assim dizer.

– Seu nome é Julian Janus Marquet, mas eu vou chamá-lo de Jory.

Tanto Chris quanto Paul ouviram meu sussurro baixo. Eu estava tão cansada, tão sonolenta.

– Por que você vai chamá-lo de Jory? – perguntou Paul, mas não fui eu quem teve forças para responder. Foi Chris que entendeu meu raciocínio.

– Se ele tivesse sido loiro, ela o teria chamado de Cory, mas o J é para Julian, e o restante para Cory.

Nossos olhos se encontraram e eu sorri. Como é maravilhoso ser compreendida, e nunca ter que se explicar.

1 O dia de São Valentim, em 14 de fevereiro, equivale ao nosso Dia dos Namorados. (N.T.)

PARTE
Quattro

MEU DOCE PEQUENO PRÍNCIPE



Se alguma vez uma criança nasceu em um palácio cheio de adoradores, essa criança era o meu Jory, com seus cachos preto-azulados, sua pele pálida cor de creme e seus olhos escuros, azul-escuros. Ele era igualzinho a Julian, e com ele eu podia ser generosa com o afeto que eu tinha sido incapaz de dar a seu pai.

Desde o começo, Jory parecia saber que eu era sua mãe. Ele parecia conhecer a minha voz, meu toque, até mesmo o som dos meus passos. No entanto, ele tinha um amor quase tão grande por Carrie, que corria para casa todas as noites ao sair do escritório de Paul para pegá-lo em seus braços e brincar com ele por horas.

– Nós precisamos ter nossa própria casa – disse Chris, que queria se estabelecer firmemente como o pai de Jory. Na casa de Paul, isso não era possível.

Eu não sabia o que dizer sobre isso. Eu amava a grande casa de Paul, e estar com ele e Henny. Eu queria que Jory tivesse as alamedas do jardim onde eu poderia empurrá-lo em seu carrinho e ele estaria rodeado por beleza. E de jeito nenhum Chris e eu poderíamos lhe dar tanto. Chris não sabia sobre as minhas dívidas altíssimas.

No andar de cima, Paul tinha feito um quarto de bebê, totalmente remodelado com berço, cercadinho e dezenas de bichos de pelúcia macia que um bebê poderia desfrutar sem se machucar.

Houve momentos em que tanto Paul quanto Chris corriam para casa com o mesmo brinquedo. Eles olhavam um para o outro, e ambos eram forçados a dar um sorriso para esconder o embaraço. Então eu tinha que me adiantar e exclamar:

– Dois homens com a mesma ideia. – E um deles tinha que ser levado de volta... Mas eu nunca, nunca deixava qualquer um deles saber qual dos brinquedos tinha sido devolvido.

Carrie se formou no segundo grau em junho, quando fez 17 anos. Ela não queria ir para a faculdade; estava perfeitamente contente em ser a secretária particular de Paul. Seus pequenos dedos podiam voar sobre o teclado de máquina de escrever; ela tomava ditado com notável rapidez e precisão – mas ainda desejava que alguém a amasse, apesar de seu pequeno tamanho.

Vê-la infeliz me deixava furiosa com a minha mãe – novamente! Comecei a pensar sobre o que eu faria quando tivesse a minha chance. Agora eu estava livre, sem marido para me impedir – fazê-la pagar, como Carrie estava pagando!

A cada dia ela via Paul e Chris lutando por minha atenção, cada um deles me desejando, cada um começando a olhar para o outro com inimizade. Eu tinha que resolver algo que deveria ter sido resolvido há muito tempo. Se Julian não tivesse se colocado no meu caminho, eu seria agora a esposa de Paul, e Jory seria o filho de Paul, e ainda assim, ainda assim... eu amava Jory por quem ele era, e pensando bem, estava feliz por ter tido Julian por algum tempo. Eu não era mais uma doce e inocente virgem – dois homens haviam me ensinado muito bem. Gostaria de ter o conhecimento para fazer o que fosse preciso quando chegasse a hora de roubar o marido da minha mãe. Eu seria como ela era com papai. Daria a Bart Winslow olhadelas tímidas, longos e significativos olhares. Acariciaria seu rosto... E o meu maior trunfo de todos era que eu me parecia com ela, mas era anos mais jovem! Como ele poderia resistir? Eu tinha ganhado alguns quilos para ficar mais curvilínea – como ela.

O Natal chegou e Jory, com pouco menos de um ano de idade, sentou-se em meio a seus presentes, de olhos arregalados e perplexos, sem saber o que fazer, ou que brinquedo pegar primeiro.

Ouvia-se o clique de três câmeras. Mas Paul tinha a filmadora, não Chris, Carrie ou eu.

– Lá-lá-lá e boa noite... – cantarolou Carrie baixinho para o meu filho, balançando-o para dormir na noite de Natal –, que os doces encantos do céu o mantenham seguro em seus braços.

Eu não pude deixar de chorar ao vê-la ali, como uma criança ela mesma, mas desejando tanto ter um filho que fosse dela. Chris veio por trás de mim e colocou seus braços em volta da minha cintura, enquanto eu me inclinava para trás contra seu corpo.

– Eu devia correr para pegar uma câmera – ele sussurrou. – É tão doce vê-los juntos, mas não quero quebrar o feitiço. Carrie é parecida demais com você, Cathy, exceto no tamanho.

Uma pequena palavra, “exceto”. Uma pequena palavra que impedia Carrie de ser realmente feliz.

Passos soaram na escada. Rapidamente saí dos braços de Chris e entrei para colocar meu filho pequeno em seu berço. Senti Paul na soleira da porta, agora que Chris tinha ido para seu quarto.

– Cathy – Carrie sussurrou para não acordar Jory –, você acha que algum dia terei um bebê?

– Sim, é claro que você vai ter.

– Eu acho que não – ela disse, e então foi embora, enquanto eu olhava para ela.

Paul entrou no quarto do bebê, deu a Jory um beijo de boa-noite e então se virou como se fosse me abraçar.

– Não – eu disse baixinho –, não enquanto Chris estiver em casa.

Ele assentiu rigidamente, então disse boa noite. Fui deitar e fiquei acordada até quase o amanhecer, me perguntando como poderia resolver o dilema em que eu estava.

Jory parecia bastante feliz com a sua situação; ele não era mimado demais; não reclamava e chorava ou exigia coisas desnecessárias, simplesmente as aceitava. Ele podia ficar sentado por vários minutos olhando de um de nós para o outro, como se estivesse analisando a nós e a nossa relação com ele. Tinha a paciência de Chris, a doçura tranquila de Cory, e só ocasionalmente a impetuosidade de seu pai – e de sua mãe. Mas nada em Jory me fazia lembrar de Carrie; ele sorria muito mais do que ela. No

entanto, quando Carrie passeava pelos jardins de Paul com Jory em seus braços, ela ressaltava as diferenças entre esta árvore e aquela outra. Incessantemente explicando. Isso forçou Jory a começar a falar mais cedo do que seria esperado.

– Veja essa folha de carvalho – Carrie disse, um dia depois de Jory ter aprendido a andar, enquanto uma brisa de primavera agitava o ar. – Cada folha de árvore tem a sua própria forma, textura e cheiro. Todas as flores se abrem facilmente para uma abelha entrar nela, exceto a rosa. Mas margaridas não cheiram tão bem quanto as rosas, por isso as abelhas passam direto por elas e vão em direção às rosas, que são mesquinhas com seu néctar e mantêm a cabeça erguida em suas altas hastes. – Ela apontou para uma rosa e olhou para mim. Então, ela foi mostrar a Jory as margaridas e os amores-perfeitos. – Agora, se eu fosse uma abelha, você pode apostar que eu iria direto para as violetas e amores-perfeitos também, mesmo que eles não sejam tão altos. – Ela levantou os olhos para encontrar os meus e disse em uma voz estranha, baixa e tensa: – Você é como uma rosa, Cathy. Todas as abelhas vêm em direção a você, e elas nem sequer me veem aqui embaixo. Por favor, não se case novamente antes que eu tenha a minha chance. Por favor, não fique por perto se algum homem olhar para mim... Não sorria para ele, por favor.

Oh, quão rápido os anos passam quando você tem um bebê para preencher todas as horas. Todos nós tirávamos fotos como loucos: o primeiro sorriso de Jory; seu primeiro dente; a primeira vez que ele engatinhou de mim para Chris, e então, para Paul e Carrie.

Paul começou a me cortejar, o que duraria dois anos; os mesmos dois anos que Chris passou como internista no Hospital Clairmont. Eles não podiam magoar um ao outro, pois cada um amava e respeitava o outro. Eles não podiam nem mesmo falar da barreira entre eles, exceto através de mim.

– É essa cidade – Chris disse. – Acho que Carrie ficaria melhor em outra cidade. Todos nós juntos.

Era a hora do crepúsculo nos jardins, nossa hora favorita. Paul estava fora fazendo suas visitas em três hospitais, e Carrie estava divertindo Jory antes de colocá-lo na cama. Henny sacudia panelas e

frigideiras para que soubéssemos que ela ainda estava em pé – e ainda ocupada.

Chris tinha completado os dois anos como internista e tinha começado sua residência, o que iria demorar mais três anos. Quando ele me disse que estava pensando em ir para outro hospital, muito mais famoso, para continuar seu treinamento, senti um choque profundo. Ele estava me deixando!

– Desculpe, Cathy, a Clínica Mayo me aceitou, e isso é uma honra. Eu só vou ficar lá nove meses, e então volto para cá para completar a minha formação. Por que você e Jory não vêm comigo?
– Seus olhos eram muito brilhantes e cheios de súplica. – Carrie pode ficar para fazer companhia a Paul.

– Chris! Você sabe que não posso fazer isso!

– Você vai ficar aqui depois que eu partir? – ele perguntou amargamente.

– Se a companhia de seguros de Julian me pagar, eu poderia comprar uma casa para mim e começar a minha própria escola de dança. Mas eles continuam insistindo que a morte dele foi suicídio. Sei que a apólice tem uma cláusula de suicídio de dois anos, e nós a pagamos desde o dia em que nos casamos, portanto, não tinha mais efeito quando ele morreu. Ainda assim, eles não querem me pagar.

– O que você precisa é de um bom advogado.

Meu coração deu um pulo.

– Sim. Sim, eu preciso. Chris, vá para a Clínica Mayo sem mim. Vou ficar bem, e juro que não vou me casar com ninguém até você voltar e me dar sua aprovação. Preocupe-se em encontrar alguém para você mesmo. Afinal, eu não sou a única mulher parecida com a nossa mãe.

Ele ficou bravo.

– Por que diabos você fala assim? É *você*, não *ela*! É tudo que há em você que não é como ela que me faz precisar de você e desejá-la assim!

– Chris, eu quero um homem com quem eu possa dormir, que me abrace quando eu estiver com medo, me beije e me faça acreditar que eu não sou má ou indigna. – Minha voz falhou quando as lágrimas começaram a correr. – Eu queria mostrar à mamãe do

que eu era capaz, e ser a melhor bailarina, mas agora que Julian se foi, tudo o que quero fazer é chorar quando ouço música de balé. Sinto muita falta dele, Chris. – Coloquei a cabeça em seu peito e chorei. – Eu poderia ter sido mais gentil, e então ele não teria me agredido com raiva. Ele precisava de mim e eu falhei com ele. Você não precisa de mim. Você é mais forte do que ele. Paul não precisa realmente de mim também, ou ele insistiria em se casar comigo imediatamente.

– Nós poderíamos viver juntos, e, e... – Então ele vacilou, enquanto seu rosto ficava vermelho.

Eu terminei a frase para ele:

– Não! Você não consegue ver que isso não iria funcionar?

– Não, acho que não iria funcionar para você – ele disse rigidamente. – Mas eu sou um tolo, sempre fui um tolo, querendo o impossível. Sou tolo o suficiente para desejar que estivéssemos trancados de novo, do jeito que as coisas eram, quando eu era o único homem disponível para você!

– Você não quis dizer isso!

Ele me agarrou em seus braços.

– Não? Deus me ajude, mas quis dizer isso! Você me pertencia, então, e à sua própria maneira peculiar, a nossa vida juntos me fez melhor do que eu teria sido... E você me fez te querer, Cathy. Você poderia ter feito com que eu te odiasse, mas em vez disso você me fez te amar.

Balancei a cabeça, negando isso; eu só tinha feito o que era natural para mim, ao ver minha mãe com os homens. Olhei para ele, tremendo quando ele me soltou. Tropecei quando me virei para correr em direção à casa. Então Paul apareceu à minha frente! Assustada, hesitei, me sentindo culpada, e olhei quando ele se virou abruptamente e caminhou na direção oposta. Oh! Ele estava nos observando e ouvindo! Virei-me e corri de volta para onde Chris estava com a cabeça encostada ao tronco do carvalho mais antigo.

– Veja o que você fez! – gritei. – *Me esqueça, Chris!* Não sou a única mulher viva!

Ele pareceu estar cego quando virou a cabeça e me disse:

– Para mim, você é.

Então veio outubro, e chegou a época da partida de Chris. Vê-lo arrumar as malas, saber que ele estava indo embora, dizer adeus como se eu não me importasse se ele iria voltar ou não me deixava mortalmente doente enquanto eu sorria.

Eu chorei no caramanchão de rosas. Seria mais fácil agora. Eu não teria que continuar mantendo Paul à distância para não magoar Chris. Não precisaria mais pesar cada sorriso e comparar com os que eu havia dado ao outro. Agora eu tinha um caminho claro, direto para Paul – mas algo surgiu diante dos meus olhos. A visão de minha mãe quando ela desceu do avião com seu marido a um passo atrás dela. Ela estava voltando para Greenglenna! Recortei a notícia e o título e coloquei o recorte em meu álbum. Talvez se ela tivesse ficado longe, eu teria me casado com Paul naquela época. Do jeito que as coisas aconteceram, fiz algo totalmente não planejado.

Madame Marisha estava “dando conta do recado” e precisava de uma assistente, então fui convencê-la de que eu deveria ser aquela a manter a escola funcionando – se algum dia, bem, nunca se sabe...

– Não tenho a intenção de morrer – ela retrucou. Então, a contragosto, ela assentiu com a cabeça, seus olhos de ébano cheios de suspeitas. – Sim, suponho que *você* ache que estou velha, embora eu não ache. Mas não tente assumir o controle, nem me dar ordens. Eu ainda sou a chefe aqui, e serei até o dia em que estiver no meu túmulo!

Quando novembro chegou, percebi que trabalhar com Madame M. era impossível. Ela tinha ideias preconcebidas sobre tudo, enquanto eu tinha algumas ideias próprias. Mas eu precisava de dinheiro, precisava de um lugar que fosse meu. Eu não estava pronta para me casar com Paul, e se ficasse lá, isso era exatamente o que iria acontecer. Tinha passado anos suficientes planejando e premeditando. Estava na hora de fazer a minha jogada. O primeiro peão a participar do meu jogo seria o Sr. Advogado. Não daria certo se eu ficasse com Paul, e, embora ele se opusesse, dizendo que era um gasto desnecessário, expliquei a ele que eu tinha que ter uma

chance de ser eu mesma, e na minha própria casa, para descobrir o que eu realmente queria.

Ele me deu um olhar confuso, então outro, mais astuto.

– Certo, Catherine, faça o que é preciso. Você vai fazer de qualquer maneira.

– É apenas porque Chris insistiu que eu não me casasse novamente até Carrie ter sua chance, e Chris tem objeções para que eu fique aqui com você... quando ele não está aqui... – Minha frase final era uma desculpa esfarrapada, e oh, uma mentira!

– Eu entendo – ele disse com um sorriso irônico. – Desde o dia em que Julian morreu, ficou muito claro que estou competindo com seu irmão pelo seu afeto. Já tentei falar com ele sobre isso, mas ele não deixa. Tento falar com você sobre isso, mas *you* não me deixa. Então vá morar em sua própria casa, e seja você mesma, e encontre a você mesma, e quando se sentir adulta o suficiente para agir como uma, volte para mim.

ARDIL INICIAL



Assim que eu me instalei em uma casa pequena, alugada, a meio caminho entre Clairmont e Greenglenna, sentei-me para redigir uma carta para chantagear minha mãe. Eu tinha grandes dívidas e uma criança, mas tinha Carrie também. As enormes dívidas que Julian tinha feito nas lojas em Nova York ainda precisavam ser pagas; havia também a sua conta do hospital e a do funeral, além de minhas próprias contas hospitalares, quando Jory nascera. Os cartões de crédito sozinhos não resolviam tudo. Nem por um momento considerei aceitar mais dinheiro de Paul. Ele tinha feito o suficiente. Eu precisava provar que era melhor do que mamãe, mais capaz, mais inteligente... E o que eu fiz, a não ser escrever-lhe uma carta, como ela havia escrito para a mãe *dela* após a morte de papai? Por que não pedir a ela apenas uma quantia irrisória de um milhão? Por que não? Ela estava em débito conosco! O dinheiro era nosso também! Com esse dinheiro eu poderia quitar todas as minhas dívidas, pagar a Paul e fazer algo para tornar Carrie mais feliz. E se eu sentia um pouco de vergonha em fazer a mesma coisa que ela havia feito – de certo modo –, racionalizei esse pensamento, afastando-o de mim, pensando que a culpa era dela! Ela havia causado tudo isso! Jory não iria passar nenhum tipo de necessidade, não quando ela tinha tanto dinheiro!

Finalmente, depois de muitas tentativas fracassadas, consegui escrever o que acreditei ser a perfeita carta de extorsão:

Cara Sra. Winslow:

Era uma vez, em Gladstone, Pennsylvania, um homem e uma mulher, que tiveram quatro filhos, chamados por todos de bonecos de Dresden. Agora um daqueles bonecos jaz em uma cova solitária, e outra boneca não conseguiu crescer e atingir a altura que deveria ter se tivesse recebido luz solar e ar fresco, e o amor que uma mãe lhe devia quando ela mais precisou.

Agora a boneca bailarina tem um filho pequeno e pouco dinheiro. Eu sei, senhora Winslow, que você não tem muita compaixão por crianças que podem lançar uma sombra sobre os seus dias ensolarados, por isso irei diretamente ao ponto. A boneca bailarina exige o pagamento de um milhão de dólares – se você quiser manter os seus milhões ou bilhões. Você pode enviar essa quantia para a caixa postal que vou indicar, e tenha a certeza, senhora Winslow, de que se não fizer isso, os ouvidos do Sr. Bartholomew Winslow, advogado, ouvirão contos de horror que, tenho certeza, você prefere que ele não ouça.

*Cordialmente, a boneca bailarina,
Catherine Dollanganger Marquet*

Todos os dias esperava que o cheque chegasse pelo correio. Todos os dias eu ficava desapontada. Escrevi outra carta, depois outra, e mais uma. Todo dia, durante sete dias, enviei uma carta a ela, com uma raiva crescente em meu coração. O que era um mísero milhão para ela que tinha tantos? Eu não estava pedindo muito. Parte desse dinheiro pertencia a nós de qualquer maneira.

Então, depois de infrutíferos meses de espera, enquanto o Natal e o Ano Novo chegaram e se foram, decidi que já tinha esperado tempo suficiente. Ela ia me ignorar. Procurei um número na lista telefônica de Greenglenna e rapidamente marquei um horário para ver Bartholomew Winslow, advogado.

Era fevereiro e Jory tinha três anos. Ele ia passar a tarde com Henny e Carrie enquanto eu, vestida com as minhas melhores roupas e meu cabelo arrumado de forma atraente, entrava no escritório elegante para contemplar o marido da minha mãe.

Finalmente eu o via de perto – e dessa vez seus olhos estavam abertos. Lentamente, ele se pôs em pé, seu rosto com uma expressão confusa – como se ele já tivesse me visto antes e não conseguisse se lembrar de onde. Eu me lembrei da noite quando fui às escondidas até a suíte de mamãe em Foxworth Hall e o encontrei dormindo na poltrona. Ele tinha um grande bigode escuro então, e eu tinha me atrevido a beijá-lo enquanto ele cochilava, acreditando, enquanto eu fazia isso, que ele estava completamente adormecido... e ele não estava! Ele tinha me visto e pensado que eu era parte de seu sonho. Por causa de um beijo roubado, sobre o qual Chris ficara sabendo depois, as repercussões tinham levado meu irmão e eu por um caminho que havíamos decidido nunca seguir. Agora estávamos pagando o preço – e era culpa *dela* o fato de Chris estar morando agora longe de mim, tentando negar o que ela havia começado. Eu não podia aceitar Paul como marido até que a tivesse feito pagar – e não apenas em dinheiro.

Ele sorriu para mim, então, o marido vigoroso e bonito de minha mãe, e eu vi pela primeira vez seu deslumbrante carisma. Uma luz de reconhecimento brilhou em seus olhos castanho-escuros.

– Ora, vejam só, se não é a Srta. Catherine Dahl, a encantadora bailarina que me tira o fôlego mesmo antes de dançar! Estou encantado por você precisar de um advogado e ter me escolhido, embora eu não possa imaginar por que você está aqui.

– Você me viu dançar? – perguntei, surpresa. Se ele tivesse me visto, então mamãe deveria ter me visto também! Oh, e eu nunca soube! Nunca soube! Fiquei orgulhosa de mim mesma, então a sensação diminuiu, e fiquei triste, confusa. Em algum lugar dentro de mim, apesar de todo o ódio no topo de tudo, ainda sentia um pouco do amor que eu tinha por ela quando era jovem e confiante.

– Minha esposa é uma fã de balé – ele continuou. – Na verdade, eu não me importava muito com balé quando ela começou a me arrastar para cada uma de suas performances. Mas logo aprendi a apreciá-la, especialmente quando você e seu marido tinham os papéis principais. Na verdade, a minha esposa parecia não ter interesse nenhum em balé a menos que você e seu marido *tivessem* os papéis principais. Cheguei a temer que ela tivesse uma queda por

seu marido; ele se parece um pouco comigo. – Ele pegou minha mão e levou-a aos lábios, piscando os olhos para cima e sorrindo com o charme fácil de um homem que sabia o que era, um homem que cativava as mulheres, acostumado a ser bem-sucedido com elas. – Você é ainda mais bela fora do palco. Mas o que está fazendo nessa parte do país?

– Eu moro aqui.

Ele puxou uma cadeira para mim, e sentei-me tão perto que ele pôde ver as minhas pernas quando as cruzei. Empoleirou-se na borda de sua mesa para me oferecer um cigarro, que eu recusei. Acendeu um para si mesmo, então perguntou:

– Você está de férias? Visitando a mãe de seu marido?

Percebi que ele não sabia sobre o que acontecera com Julian.

– Sr. Winslow, meu marido morreu devido a ferimentos sofridos em um acidente de carro há mais de três anos. Você não ouviu nada sobre isso?

Ele pareceu chocado e um pouco envergonhado.

– Não, eu não ouvi. Sinto muito. Por favor, aceite minhas condolências tardias. – Ele suspirou e esmagou seu cigarro fumado pela metade. – Vocês dois eram sensacionais no palco; é uma terrível pena. Eu vi minha esposa chorar, ela ficava tão impressionada!

Sim! Aposto que ela ficava impressionada. Dei de ombros para evitar mais perguntas e fui diretamente ao motivo da minha visita, entregando-lhe a apólice de seguro de Julian.

– Fizemos essa apólice logo depois que nos casamos e agora eles não querem pagar, porque acham que ele cortou o tubo intravenoso que o estava alimentando. Mas, como você pode ver, depois de dois anos a cláusula de suicídio já não tinha mais efeito.

Ele se sentou para lê-la com cuidado, e, então, ergueu os olhos para mim novamente.

– Verei o que posso fazer. Você tem necessidade imediata desse dinheiro?

– Quem não está precisando de dinheiro, Sr. Winslow, a menos que seja milionário? – Eu sorri e inclinei a cabeça do mesmo jeito

que minha mãe fazia. – Tenho centenas de contas e um filho pequeno para criar.

Ele perguntou a idade de meu filho; eu lhe disse. Ele pareceu ficar perplexo e confuso de diversas maneiras, enquanto eu olhava para ele com olhos sonolentos, semicerrados, com minha cabeça inclinada para trás e ligeiramente para o lado, em um maneirismo que era o modo como minha mãe olhava para um homem. Eu tinha apenas 15 anos quando o beijei. Ele era muito mais bonito agora. Seu rosto amadurecido era longo e magro, seus ossos muito proeminentes, mas de uma forma muito viril, masculina, ele era surpreendentemente bonito. Algo nele sugeria uma sensualidade exagerada. E não admira que minha mãe não tivesse enviado um cheque. Provavelmente todas as minhas cartas de chantagem ainda a estavam seguindo por todos os lugares.

Bart Winslow fez uma dúzia ou mais de perguntas, então disse que ia ver o que podia fazer.

– Eu sou um ótimo advogado, quando minha esposa me permite ficar em casa e colocar a mão na massa.

– Sua esposa é muito rica, não é?

Esse comentário pareceu irritá-lo.

– Suponho que você possa dizer que sim – ele respondeu secamente, mostrando que não gostava de discutir o assunto.

Levantei-me para sair.

– Aposto que sua esposa rica leva você por aí como um poodle de estimação com uma coleira incrustada de joias, Sr. Winslow. É assim que as mulheres ricas são. Elas não sabem de nada a respeito de trabalhar para ganhar a vida, e eu me pergunto se *você* sabe.

– Bem, por Deus – ele disse, levantando-se de um pulo e ficando em pé com os pés afastados –, por que você veio se se sente assim? Procure outro advogado, senhorita Dahl. Não quero uma cliente que me insulta e não tem respeito por minhas habilidades.

– Não, Sr. Winslow, eu quero *você*. Quero que *você* prove que conhece seu negócio como afirma. Talvez você possa então provar algo a si mesmo também, que não é, afinal, apenas um brinquedinho que uma mulher rica comprou.

– Você tem o rosto de um anjo, senhorita Dahl, mas uma língua de cadela! Asseguro-lhe que a empresa de seguro do seu marido irá pagar. Farei uma petição para que compareçam ao tribunal, e ameaçarei processá-los. Aposto dez contra um que farão um acordo no prazo de dez dias.

– Bem – eu disse. – Avise-me, pois assim que tiver o dinheiro, vou me mudar.

– Para onde? – ele perguntou, caminhando para frente a fim de segurar meu braço.

Eu ri, olhando para seu rosto e usando os meios que uma mulher tem para fazer um homem ficar interessado.

– Eu o avisarei, no caso de você querer *manter contato*.

Em dez dias, fiel à sua palavra, Bartholomew Winslow veio até a escola de dança para me entregar o cheque de cem mil dólares.

– Seus honorários? – perguntei, espantando as meninas e meninos que vieram correndo para me cercar. Eu estava vestindo uma roupa de treino apertada, e ele não conseguia tirar os olhos de mim.

– Jantar às oito, próxima terça-feira à noite. Vista algo azul para combinar com os seus olhos e nós vamos discutir os honorários, então – ele disse e se virou para sair, sem nem mesmo esperar pela minha resposta.

Quando ele saiu, eu me virei e olhei para as crianças fazendo seus exercícios de aquecimento, e em algum lugar acima delas eu pairava, olhando para baixo, sentindo desprezo pela coisa lamentável que eu era, que a inocência devesse me admirar tanto. Senti-me triste por elas, por mim.

– Quem era aquele homem que veio lhe dar o cheque? – Madame Marisha me perguntou quando a aula acabou.

– Um advogado que contratei para forçar o seguro de Julian a pagar, e eles pagaram.

– Ah – ela disse, sentando-se em sua velha cadeira giratória. – Agora você tem dinheiro e pode pagar as contas. Suponho que você vai parar de trabalhar para mim e ir para algum lugar, sim?

– Não tenho certeza exatamente do que pretendo fazer ainda. Mas você deve admitir, Madame, eu e você não nos damos muito bem, não é?

– Você tem muitas ideias que eu não gosto. Você acha que sabe mais do que eu! Acha que agora que trabalha aqui há alguns meses, pode ir embora e abrir sua própria escola! – Ela sorriu maliciosamente ao ver a minha reação de surpresa, revelando a verdade da qual ela só suspeitava. – Então... você acha que sou estúpida também! Você vai procurar toda a sua vida antes de encontrar outra tão inteligente quanto eu. Eu leio sua mente, Catherine. Você não gosta de mim, nunca gostou, nunca vai gostar... Ainda assim, veio trabalhar para mim e aprender o negócio, acertei de novo? Eu não me importo. Escolas de dança vêm e escolas de dança vão, mas a Escola de Balé Rosencoff continuará para sempre! Uma vez eu pensei em deixá-la para Julian, mas ele está morto, então pensei que quando eu morresse, iria deixá-la para você, mas não farei isso se levar seu filho embora de modo que eu não possa ensiná-lo!

– Madame, essa escolha é sua, mas eu vou levar Jory embora.

– Por quê? Você acha que pode ensiná-lo tão bem quanto eu?

– Não sei ao certo, mas acho que posso. Meu filho pode escolher não ser um dançarino – eu continuei, ignorando seus olhos duros como pedra. – Se ele decidir um dia, acho que serei uma boa professora, tão capaz quanto qualquer outra.

– *Se ele escolher dançar!* – As palavras pareciam balas de canhão. – Que outra escolha o filho de Julian tem, *a não ser dançar?* Está em seus ossos, em seu cérebro, e acima de tudo, em seu sangue e em seu coração! *Ele dança ou ele morre!*

Levantei-me para sair. Meu coração me dizia para ser gentil com ela, para deixá-la participar da vida de Jory... Mas ao ver a maldade em seus olhos duros, mudei de ideia. Ela pegaria meu filho e faria com ele o que havia feito com Julian, alguém que nunca poderia encontrar satisfação, porque a vida lhe oferecia somente uma escolha.

– Eu não esperava dizer isso hoje, Madame, mas você me força a fazê-lo. Você fez Julian acreditar que se ele não pudesse dançar, a

vida não teria sentido. Ele teria se recuperado do pescoço quebrado e dos ferimentos internos, mas você disse que ele nunca iria dançar de novo, e ele a ouviu falando. Ele não estava dormindo. Então, ele escolheu morrer! O próprio fato de ele ser capaz de mover o braço que não estava amarrado, o suficiente para roubar a tesoura do bolso da enfermeira, prova que ele já estava se recuperando, mas tudo o que ele podia ver era um deserto desolado, onde o balé não existia! Bem, Madame... você não irá fazer isso com meu filho! Meu filho terá a oportunidade de escolher por si mesmo o tipo de vida que ele quer, e peço a Deus que não seja o balé!

– Sua idiota! – ela cuspiu em mim, levantando-se de um pulo e andando para frente e para trás diante de sua velha e gasta escrivaninha. – Não há nada melhor do que a adulação dos fãs, o som estrondoso de aplausos, a sensação das rosas em seus braços! E logo você vai descobrir isso por si mesma! Você acha que pode levar o neto do meu marido para longe, escondê-lo do palco? *Jory irá dançar, e antes de morrer, eu viverei para vê-lo no palco, fazendo o que ele deve, ou ele também vai morrer!* Você quer bancar a “mãezinha” – ela zombou, enrugando os lábios com desdém – e a “esposinha” para aquele grande e bonito médico também, talvez? E fazer outro filho com ele, é? *Bem... Para o inferno com você, Catherine, se isso é tudo o que você quer da vida.*

Ela parou então, e soluços vieram do fundo de suas profundezas, para tornar sua voz dura e rouca quando ela falou novamente, sendo que antes tinha sido alta e estridente.

– Sim, vá em frente... Case-se com aquele grande doutor por quem você já teve uma queda desde que chegou aqui com estrelas nos olhos e cara de criança, e arruíne a vida dele também!

– Arruinar a vida dele também? – estupidamente repeti.

Ela se virou.

– *Você tem alguma coisa remoendo dentro de você, Catherine! Algo corroendo suas entranhas. Algo tão amargo que ferve em seus olhos e cerra seus dentes! Eu conheço o seu tipo. Você arruína todos os que tocam sua vida, e Deus ajude o próximo homem que amar você tanto quanto o meu filho amou!*

Inesperadamente, um enigmático e invisível manto caiu sobre mim para me envolver na atitude fria e indiferente de minha mãe. Nunca antes eu me sentira tão intocável.

– Obrigada por me informar disso, Madame. Adeus e boa sorte. Você não me verá novamente, ou a Jory.

Eu me virei e fui embora. Fui embora para sempre.

Na terça-feira, Bart Winslow apareceu na porta da minha casa. Ele estava vestido com as suas melhores roupas, e eu estava vestindo azul; ele sorriu, satisfeito ao ver que eu o havia obedecido. Ele me levou a um restaurante chinês onde comemos com pauzinhos, e tudo era preto ou vermelho.

– Você é a mulher mais linda que já vi, com exceção da minha esposa – ele disse, enquanto eu lia o conselho do meu biscoito da sorte. “Cuidado com ações impulsivas.”

– A maioria dos homens não mencionam suas esposas quando levam outra mulher para sair...

Ele me interrompeu:

– Eu não sou um homem comum. Estou apenas lhe dizendo que você não é a mulher mais bonita que eu conheço.

Sorri para ele docemente, observando de perto os seus olhos. Percebi que eu o irritava, o encantava, mas, acima de tudo, o intrigava, e quando dançamos, também percebi que o excitava.

– O que é beleza sem cérebro? – perguntei, meus lábios próximos de seu ouvido enquanto eu ficava na ponta dos pés. – O que é a beleza que está envelhecendo, e acima do peso, e não representa nenhum desafio?

– Você é a mulher mais malvada que já conheci! – seus olhos escuros brilharam. – Como você ousa insinuar que minha esposa é burra, velha e gorda? Ela parece muito jovem para sua idade!

– Assim como você – eu disse com uma pequena risada zombeteira. Seu rosto ficou vermelho. – Mas não se preocupe, Sr. Advogado... Eu não estou competindo com ela. Não quero um poodle de estimação.

– Senhorita – ele disse friamente –, você não terá um, não comigo. Estou partindo em breve para montar meu escritório na Virgínia. A mãe de minha esposa não está bem e precisa de alguns cuidados. Assim que acertar sua conta comigo, pode dizer adeus a um homem que, obviamente, traz à tona o pior em você.

– Você não mencionou seus honorários.

– Eu ainda não decidi.

Agora eu sabia para onde estava indo – de volta para a Virgínia, para viver em algum lugar perto de Foxworth Hall.

Agora eu poderia começar minha verdadeira vingança.

– Mas Cathy – lamentou Carrie, entre lágrimas, muito chateada porque íamos abandonar Paul e Henny. – Eu não quero ir! Eu amo o Dr. Paul e Henny! Você pode ir a qualquer lugar que quiser, mas deixe-me aqui! Você não vê que o Dr. Paul não quer que a gente vá? Não se importa quando o magoa? Você sempre o magoa! Eu não quero!

– Eu me importo muito com o Dr. Paul, Carrie, e não quero magoá-lo. No entanto, há certas coisas que preciso fazer, e tenho que fazer agora. E Carrie, seu lugar é comigo e com Jory. Paul precisa de uma chance de encontrar uma esposa sem tantos dependentes. *Você* não vê que somos um estorvo para ele?

Ela recuou e olhou para mim.

– Cathy, ele quer você como esposa!

– Ele não fala sobre isso há muito, muito tempo.

– É porque você decidiu partir e fazer outra coisa. Ele me disse que quer que você tenha o que deseja. Ele a ama muito. Se eu fosse ele, faria você ficar, e não me importaria com o que você quisesse! – Ela chorou, então, e correu para longe de mim para bater a porta do quarto.

Fui até Paul e lhe disse onde estava indo e porquê. Sua expressão feliz ficou triste, e então seus olhos ficaram vagos.

– Sim, suspeitei o tempo todo que você sentiria necessidade de voltar lá e enfrentar sua mãe cara a cara. Vi você fazer seus planos e esperava que me pedisse para ir com você.

– É algo que eu mesma tenho que fazer – eu disse, segurando ambas as mãos dele agora. – Entenda, por favor, entenda que ainda te amo e sempre te amarei.

– Eu entendo – ele disse simplesmente. – Desejo-lhe sorte, minha Catherine. Desejo-lhe felicidade. Desejo que todos os seus dias sejam luminosos e ensolarados e que você consiga o que quer, esteja eu ou não incluído em seus planos. Quando você precisar de mim, se você algum dia precisar de mim, eu estarei aqui, esperando para fazer o que puder. A cada minuto eu estarei te amando e sentindo falta de você... Apenas lembre-se: quando você me quiser, estarei lá.

Eu não o merecia. Ele era bom demais para gente como eu.

Não queria que Chris ou Carrie soubessem para qual parte da Virgínia eu estava indo. Chris me escrevia uma ou duas vezes por semana e eu respondia carta por carta, mas não lhe disse uma palavra... Ele iria descobrir quando visse a mudança de endereço.

Era o mês de maio, e um dia depois da festa de aniversário de 20 anos de Carrie – celebrada sem Chris –, ela, Jory e eu partimos em meu carro, saindo de ré da entrada da casa de Paul, onde tínhamos ido para dizer adeus. Paul acenou, e quando olhei no espelho retrovisor, o vi tirar o lenço do bolso do paletó. Ele enxugou as lágrimas nos cantos dos olhos enquanto continuava acenando.

Henny olhava para nós. Pensei ter visto em seus expressivos olhos castanhos, *Tola, tola, tola em ir embora e deixar um homem bom!*

Nada mostrava mais quão tola eu era do que o dia ensolarado em que parti para as montanhas da Virgínia com minha pequena irmã e meu filho no banco da frente ao meu lado. Mas eu tinha que fazer isso – compelida por minha própria natureza a buscar a vingança no local do nosso encarceramento.

O CANTO DE SEREIA DAS MONTANHAS



No último momento, decidi que não podia me arriscar a ver Bart Winslow nem mesmo por tempo suficiente para pagar seus honorários, por isso deixei um cheque de 200 dólares em uma caixa de correio e considereei isso o suficiente – quer fosse ou não.

Com Carrie ao meu lado e Jory no colo, fui direto para as montanhas Blue Ridge. Carrie estava muito animada agora que estávamos a caminho, seus grandes olhos azuis arregalados enquanto ela comentava sobre tudo o que via.

– Oh, eu adoro viajar! – ela disse alegremente.

Quando Jory ficou com sono, ela cuidadosamente fez uma cama para ele no assento de trás e sentou-se ao lado dele para ter certeza de que ele não rolaria e cairia no assoalho do carro.

– Ele é tão bonito, Cathy. Vou ter pelo menos seis filhos, ou talvez ainda mais. Quero que metade tenha olhos como os de Jory, metade como os seus e de Chris, e dois ou três como os de Paul.

– Amo você, Carrie, e tenho pena também. Você está pensando em ter uma dúzia de filhos, e não apenas seis!

– Não se preocupe – ela disse, recostando-se para tirar um cochilo. – Ninguém vai me querer, por isso nunca terei filhos, apenas os seus para amar.

– Isso não é verdade. Tenho a sensação de que, quando estivermos em nossa nova casa, senhorita Carrie Dollanganger

Sheffield, você vai ter um amor só seu. Eu até aposto cinco dólares; aceita a aposta? – Ela sorriu, mas se recusou a aceitar.

Enquanto eu dirigia em direção ao noroeste e a noite começava a cair, Carrie ficou muito quieta. Ela olhou para fora pelas janelas e depois de volta para mim, e seus grandes olhos azuis tinham um olhar de medo.

– Cathy, estamos voltando para lá?

– Não, não exatamente.

Isso é tudo o que eu diria até que tivéssemos encontrado um hotel e nos preparado para passar a noite.

Então, logo cedo na parte da manhã, uma agente imobiliária que eu havia contatado com antecedência veio para nos levar em seu carro e olhar as “propriedades à venda”. Ela era uma mulher de negócios, grande e masculinizada.

– O que você precisa é de algo compacto, utilitário e não muito caro. Neste bairro todas as casas são de pessoas com muito dinheiro. Mas há algumas pequenas casas que as pessoas ricas costumavam usar como casas de hóspedes, ou alojavam seus empregados em algumas delas. Há uma que é muito bonita, com um agradável jardim de flores.

Ela nos mostrou aquela pequena casa de campo de cinco cômodos primeiro e imediatamente fui conquistada. Acho que Carrie também foi, mas eu a tinha avisado para não mostrar sinais de aprovação. Falei sobre pequenos detalhes para desviar a atenção da agente.

– A chaminé parece que não vai funcionar.

– É uma boa chaminé, tem bom escoamento.

– A caldeira, ela usa óleo ou gás?

– O gás natural foi instalado há cinco anos e o banheiro foi remodelado, a cozinha também. Um casal que trabalhava para os Foxworths, na colina, costumava viver aqui, mas eles venderam a propriedade e foram para a Flórida. Mas você pode ver como amavam essa casa.

É claro que eles amavam. Somente uma casa que tinha sido muito amada teria todos os pequenos detalhes agradáveis que a tornavam excepcional. Comprei-a e assinei todos os documentos

sem um advogado, embora eu tivesse lido sobre o assunto e insistido que a escritura fosse verificada.

– Nós vamos instalar um forno de parede com uma porta de vidro – eu disse a Carrie, que adorava cozinhar, graças a Deus, pois eu não tinha tempo para isso. – E nós mesmas vamos repintar todo o interior da casa e poupar o dinheiro.

Eu já estava descobrindo que 100 mil dólares, depois de pagar todas as contas que eu tinha que pagar e dar a entrada na casa de campo, não iriam durar muito tempo. Mas eu não tinha entrado nesse empreendimento com os olhos vendados. Enquanto Carrie ficava com Jory em um motel, visitei a instrutora de balé que estava vendendo sua escola e se aposentando. Ela era loira e muito pequena, próxima dos 70 anos. Pareceu feliz em me ver quando apertamos as mãos e concordamos sobre a quantia que ela queria.

– Vi você e seu marido dançarem, e realmente, senhorita Dahl, embora eu esteja feliz que você queira ficar com a minha escola, é uma pena que esteja se aposentando em uma idade tão precoce. Eu não poderia ter desistido de dançar aos 27 anos, nunca!

Ela não era eu. Ela não tinha o meu passado ou o meu tipo de infância. Quando ela viu a minha determinação em fechar o negócio, me deu a lista de seus alunos.

– A maioria dessas crianças são filhos das pessoas ricas que vivem por aqui, e não acho que qualquer uma delas tenha sérias intenções de se tornar bailarina ou bailarino profissionais. Elas vêm para agradar os pais, que gostam de vê-las bonitinhas com os tutus durante os recitais. Não consegui formar nenhum artista talentoso.

Todos os três quartos de nossa casa eram muito pequenos, mas a sala de estar era em forma de L e de razoáveis proporções, com uma lareira ladeada por estantes. A parte curta do L poderia ser usada como uma sala de jantar. Carrie e eu pegamos os pincéis e em uma semana havíamos pintado todos os quartos com um verde suave. O contraste com a madeira branca era delicioso. O espaço pareceu se abrir e tudo parecia maior. Carrie, é claro, tinha que ter acessórios vermelhos e roxos no quarto “dela”.

Em três semanas, tínhamos estabelecido uma nova rotina, comigo ensinando na escola de balé localizada em cima da farmácia

local e Carrie fazendo o trabalho doméstico e cozinhando a maior parte do tempo, enquanto cuidava de Jory. Sempre que possível, levava Jory comigo para a aula, não apenas para aliviar a responsabilidade de Carrie, mas também para tê-lo perto de mim. Eu estava me lembrando das palavras de Madame Marisha sobre deixá-lo olhar, escutar e sentir a dança.

Sentei-me numa manhã de sábado, no início de junho, olhando através das janelas para as montanhas cobertas de névoa azul que nunca mudavam. A mansão Foxworth ainda era a mesma. Eu poderia ter feito o relógio voltar para 1957 e, nesta noite, levar Jory e Carrie pela mão e seguir aquelas sinuosas trilhas que saíam da estação de trem. Seriam as mesmas de quando mamãe levava quatro crianças até sua prisão de esperança e desespero, e então as abandonara para serem torturadas, chicoteadas e mortas de fome. Eu me lembrava de tudo o que tinha acontecido: a chave de madeira que tínhamos feito para escapar de nosso quarto de prisão, o dinheiro que tínhamos roubado do grande quarto de nossa mãe, naquela noite em que encontramos um grande livro sobre prazeres sexuais na gaveta do criado-mudo... Talvez se nunca tivéssemos visto esse livro... talvez então as coisas tivessem sido diferentes.

– O que você está pensando? – perguntou Carrie. – Que deveríamos voltar e visitar o Dr. Paul e Henny? Espero que seja isso.

– Realmente, Carrie, você sabe que não posso fazer isso. É a época do recital, e as meninas e meninos da minha turma estão ensaiando todos os dias. Os pais pagam para ver os recitais. Sem isso, eles não têm nada sobre o que se vangloriar para os seus amigos. Mas talvez possamos pedir a Paul e Henny para nos visitar.

Carrie ficou amuada e, em seguida, por algum motivo, seu rosto se iluminou.

– Sabe, Cathy, o dia em que o homem veio para instalar o novo forno, ele era jovem e bonito, e quando ele me viu com Jory, perguntou se ele era meu filho. Isso me fez rir, e ele sorriu também. Seu nome é Theodore Alexander Rockingham, mas ele me pediu para chamá-lo de Alex. – Aqui ela parou e olhou para mim medrosamente, com a esperança fazendo todo o seu corpo tremer. – Cathy, ele me convidou para sair com ele.

– Você aceitou?

– Não.

– Por que não?

– Eu não o conheço bem o suficiente. Ele disse que vai para a faculdade e trabalha em tempo parcial fazendo serviços de eletricista para ajudar a pagar sua mensalidade. Ele diz que vai ser um engenheiro elétrico ou talvez um pastor... Ele ainda não decidiu qual dos dois. – Ela me deu um pequeno sorriso de orgulho e embaraço.

– Cathy, ele não pareceu perceber como sou pequena.

O jeito que ela disse isso me fez sorrir também.

– Carrie, você está corando! Você me diz num momento que não conhece esse cara muito bem, e depois vem com todos os tipos de fatos pertinentes. Vamos convidá-lo para jantar. Aí eu posso descobrir se ele é bom o suficiente para a minha irmã.

– Mas, mas... – ela gaguejou, o rostinho vermelho corado. – Alex me pediu para ir para casa com ele, em Maryland, para passar um fim de semana. Ele contou aos pais dele sobre mim... Mas Cathy, eu não estou pronta para conhecer os pais dele!

Seus olhos azuis estavam cheios de pânico. Foi quando percebi que Carrie devia ter visto esse rapaz muitas, muitas vezes enquanto eu estava dando minhas aulas de balé.

– Veja só, querida, convidamos Alex para jantar aqui e deixamos ele voar para casa sozinho. Acho que eu deveria conhecê-lo melhor antes de sair com ele sozinho.

Ela me deu o mais estranho e longo olhar, depois baixou os olhos para o chão.

– Você vai ficar aqui se ele vier para jantar?

– Ora, é claro que vou. – Só então eu entendi. Oh, Deus! Tomei-a em meus braços. – Olha, querida, vou pedir a Paul para vir nesse fim de semana, por isso, quando Alex perceber que eu gosto de homens mais velhos, ele não vai sequer olhar para mim. Além disso, você o viu primeiro e ele viu você primeiro. Ele não vai querer uma mulher mais velha com uma criança.

Alegremente, ela jogou os braços finos sobre o meu pescoço.

– Cathy, eu te amo! E Alex pode consertar torradeiras, ferros a vapor... Alex pode consertar *qualquer coisa!*

Uma semana mais tarde, Alex e Paul estavam sentados à nossa mesa de jantar. Alex era um jovem de 23 anos, de boa aparência, que elogiou minha comida. Rapidamente salientei que Carrie tinha preparado a maior parte da refeição.

– Não – ela negou modestamente –, Cathy fez a maior parte. Eu só recheei o frango, fiz o molho da salada, espremi as batatas para o purê, fiz os pãezinhos quentes e a torta de limão com merengue; Cathy fez o resto.

De repente, senti que não tinha feito nada, a não ser pôr a mesa. Paul piscou para mostrar que ele havia entendido.

Quando Alex levou Carrie ao cinema e Jory estava deitado confortavelmente na cama com os seus brinquedos de pelúcia favoritos, Paul e eu nos sentamos em frente ao fogo como um velho casal.

– Você já viu a sua mãe? – ele perguntou.

– Eles estão aqui, minha mãe e seu marido – eu disse em voz baixa. – Estão em Foxworth Hall. O jornal local está cheio de notícias sobre suas idas e vindas. Parece que a minha querida avó de olhos de pedra sofreu um ligeiro derrame, de modo que o casal Bartholomew Winslow agora vai fazer da casa dela o seu lar, isto é, até que ela morra.

Paul não disse nada por um bom tempo. Ficamos sentados em frente ao fogo e observamos as brasas vermelhas queimando e virando cinzas.

– Eu gosto do que você fez com essa casa – ele disse finalmente. – É muito acolhedora.

Ele se levantou, então, e veio sentar-se perto de mim no sofá. Com carinho, me puxou para os seus braços. Apenas me segurou neles, enquanto nossos olhos se encontravam.

– Onde é que eu me encaixo? – ele sussurrou. – Ou não me encaixo em lugar nenhum agora?

Meus braços se apertaram sobre ele. Eu nunca tinha deixado de amá-lo, mesmo quando Julian era meu marido. Parecia que não havia um único homem que pudesse me dar tudo o que eu queria.

– Eu quero fazer amor com você, Catherine, antes que Carrie volte.

Rapidamente nós tiramos nossas roupas. Nossa paixão um pelo outro não havia diminuído em todos esses anos desde que tínhamos nos juntado dessa forma mais íntima. Não parecia errado. Não quando ele podia murmurar:

– Oh, Catherine, se há uma coisa que eu desejo, é que você seja minha por toda a minha vida, e quando eu morrer, que seja depois de um dia como esse, com você em meus braços, seus braços sobre mim, e você olhando para mim como está olhando agora.

– Como é belo e poético – eu disse. – Mas você vai fazer só 52 em setembro. Eu sei que você vai viver até os 80 ou 90 anos. E quando você tiver essa idade, desejo que a paixão ainda nos domine, tanto quanto nos domina agora.

Ele balançou a cabeça.

– Eu não quero viver até 80, a menos que você esteja comigo e ainda me ame. Quando você não me amar mais, que meu tempo na Terra termine.

Eu não sabia o que dizer. Mas meus braços falaram por mim, puxando-o mais para perto para que eu pudesse beijá-lo de novo e de novo. Então, o telefone tocou. Preguiçosamente estendi a mão para ele, em seguida dei um pulo e sentei-me na cama.

– Olá, minha dama Cath-er-ine! – Era Chris. – Henny estava com uma amiga aqui quando eu liguei para Paul, e sua amiga me deu seu número de telefone. Cathy, o que diabos você está fazendo na Virgínia? Eu sei que Paul está aí, e Deus queira que ele possa persuadi-la a não fazer o que quer que você tenha em mente!

– Paul é muito mais compreensivo do que você. E você é o único que deveria saber melhor do que ninguém o que estou fazendo aqui!

Ele fez um barulho de aversão.

– Eu entendo, isso é a pior parte. Mas você vai se machucar, eu sei disso. E há mamãe. Não quero que a magoe mais do que ela já está magoada, e você sabe que ela está. Mas, mais do que qualquer coisa, não quero que você se magoe novamente, e você vai se magoar. Você está sempre fugindo de mim, Cathy, e não pode correr longe o suficiente ou rápido o suficiente, porque eu vou estar sempre nos seus calcanhares, te amando. Sempre que alguma coisa

boa acontece comigo, sinto que você está a meu lado, agarrada à minha mão, me amando como eu te amo, mas recusando-se a reconhecer isso, porque você acha que é pecado. Se isso é um pecado, então o inferno seria o céu com você.

Senti uma terrível sensação de pânico quando me despedi apressadamente e desliguei; virei-me para abraçar Paul apertado, esperando que ele não soubesse por que eu tremia.

Na calada da noite, com Paul profundamente adormecido no minúsculo terceiro quarto, acordei de repente. Pensei ter ouvido as montanhas falando, *filha do diabo!* O vento através das colinas assobiou e gritou, e somou sua voz a me chamar de profana, perversa, má, e tudo que a avó havia nos chamado.

Levantei-me e caminhei até a janela para olhar para elas, picos escuros sombrios à distância. Os mesmos picos das montanhas para as quais eu olhei tantas vezes através das janelas do sótão. E sim, como Cory, eu podia ouvir o vento soprando e uivando como um lobo à minha procura, querendo acabar comigo também, tal como tinha acabado com Cory, transformando-o em nada mais do que poeira seca.

Rapidamente corri para o quarto de Carrie e agachei-me ao lado de sua cama, querendo protegê-la. Pois me pareceu, no meu estado de pesadelo, que era mais provável que o vento a levasse antes que me pegasse.

O ROMANCE AGRIDOCE DE CARRIE



Carrie tinha 20 anos agora, eu tinha 27, e em novembro Chris faria 30. Parecia impossível que ele fosse ter essa idade. Mas quando olhei para o meu Jory, percebi como o tempo se move rapidamente quando você começa a envelhecer.

O tempo que outrora se movia tão lentamente se acelerou, pois a nossa Carrie estava apaixonada por Alex! O amor dela por ele brilhava em seus olhos azuis e fazia seus pezinhos dançarem ao redor da sala enquanto ela espanava, usava o aspirador de pó, lavava a louça ou planejava o cardápio para o dia seguinte.

– Ele não é bonito, Cathy? – ela perguntou e eu concordei, embora, honestamente, ele fosse apenas um garoto de aparência comum, de 1,72 ou 1,74 m, com cabelos castanho-claros que se arrepiavam com facilidade e lhe davam uma aparência de cachorro desganhado, que era de algum modo atraente, pois ele era bastante ordeiro de outras maneiras. Seus olhos eram cor de turquesa e sua expressão, a de alguém que nunca tivera um pensamento cruel ou grosseiro.

Carrie ficava emocionada ao ouvir o telefone tocar. Ela borbulhava de entusiasmo porque muitas vezes a chamada era para ela. Escrevia longos e apaixonados poemas de amor para Alex, então me dava para que eu os lesse e os guardava, sem enviá-los para aquele que deveria lê-los.

Eu estava feliz por ela e por mim também, pois a minha escola de balé estava progredindo muito bem, e qualquer dia desses Chris viria para casa!

– Carrie, você consegue acreditar? O curso de pós-graduação de Chris está quase acabando! – Ela riu e veio correndo para mim, como fazia quando era uma menina, e se atirou em meus braços estendidos.

– Eu sei! – ela gritou. – Em breve seremos uma família completa de novo! Como costumávamos ser. Cathy, se eu tiver um menino com cabelos loiros e olhos azuis, adivinhe qual vai ser o nome dele?

Eu não precisava adivinhar, eu sabia. Seu filho primogênito, loiro, de olhos azuis, se chamaria Cory.

Era puro encantamento ver Carrie apaixonada. Ela parou de falar de seu pequeno tamanho e até mesmo começou a sentir que não era tão inadequada. Pela primeira vez em sua jovem vida ela começou a usar maquiagem. Seu cabelo era naturalmente ondulado, como o meu, mas ela o cortou na altura dos ombros e lá ele se enrolava para cima, em cachos desordenados.

– Veja, Cathy! – ela gritou quando chegou em casa do salão de beleza, com seu novo e mais elegante corte de cabelo. – Agora minha cabeça não parece tão grande, não é? E você já reparou o quanto eu cresci?

Eu ri. Ela estava usando sapatos com saltos de oito centímetros e cinco centímetros de plataforma! Mas ela estava certa. O cabelo mais curto fazia a sua cabeça parecer menor.

Sua juventude, sua beleza, sua alegria toda me tocavam tanto que meu coração doía com a terrível apreensão de que algo pudesse acontecer para arruinar tudo aquilo.

– Oh, Cathy – disse Carrie –, eu simplesmente morreria se Alex não me amasse! Quero ser a melhor esposa possível. Eu vou manter a casa dele tão limpa que as partículas de poeira não vão dançar à luz solar. Toda noite ele vai comer as refeições requintadas que eu preparar, nada de porcarias de comida congelada! Vou fazer minhas próprias roupas, as dele e as de nossos filhos. Vou poupar muito dinheiro de muitas maneiras. Ele não fala muito; ele apenas fica sentado e olha para mim daquele jeito suave, especial. Então, eu me

contento com isso e não com as palavras que ele diz, pois ele quase não fala nada.

Eu ri e a abracei. Oh, eu esperei tanto tempo para que ela fosse feliz!

– Os homens não falam tão livremente sobre o amor como as mulheres fazem, Carrie. Alguns gostam de brincar, e isso é uma boa indicação de que você capturou o interesse deles e pode se transformar em algo maior. E a maneira de descobrir o quanto eles se importam é olhando nos olhos deles. Os olhos nunca aprendem a mentir.

Era fácil de ver que Alex estava encantado com Carrie. Ele ainda estava trabalhando meio período como eletricitista para uma loja de eletrodomésticos local enquanto fazia cursos de verão na universidade, mas passava cada minuto livre com Carrie. Eu suspeitava de que ele a tinha pedido ou estava prestes a pedir-lhe em casamento.

Acordei de repente, uma semana mais tarde, para ver Carrie sentada perto das janelas do quarto e olhando em direção às montanhas sombrias. Carrie, que nunca tinha insônia como muitas vezes eu tinha. Carrie, que podia dormir mesmo com o barulho de tempestades, um tornado, telefones estridentes tocando a 30 centímetros de seus ouvidos e um incêndio do outro lado da rua. Então, naturalmente, fiquei alarmada ao vê-la sentada ali. Levantei-me e fui até ela.

– Querida, você está bem? Por que não está dormindo?

– Eu queria estar com você próxima de mim – ela sussurrou, seus olhos ainda fixos nas montanhas distantes, escuras e misteriosas na noite. Elas estavam ao nosso redor, nos aprisionando como costumavam fazer. – Alex me pediu para casar com ele hoje à noite.

Ela me disse isso em um tom monótono, sem alegria, e eu gritei:

– Como é maravilhoso! Estou tão feliz por você, Carrie, e por ele!

– Ele me disse algo, Cathy. Ele decidiu que quer ser um pastor. – A dor e tristeza estavam em sua voz, e eu não entendi nada.

– Você não quer ser esposa de um pastor? – perguntei, embora eu estivesse muito assustada por dentro. Ela parecia tão distante.

– Os pastores esperam que as pessoas sejam perfeitas – ela disse em um tom mortal, assustador –, especialmente suas esposas. Eu me lembro de todas as coisas que a avó costumava dizer sobre nós. Sobre sermos filhos do diabo e do mal e pecaminosos. Eu não entendia o que ela queria dizer, mas lembro-me das palavras. E ela estava sempre dizendo que éramos maus, crianças profanas que nunca deveriam ter nascido. *Deveríamos* ter nascido, Cathy?

Engasguei, tremendamente assustada, e engoli a bola que me subiu à garganta.

– Carrie, se Deus não quisesse que nós nascêssemos, Ele não teria nos dado vida em primeiro lugar.

– Mas... Cathy, Alex quer uma mulher perfeita... e eu *não* sou perfeita.

– Ninguém é, Carrie. Absolutamente ninguém. Apenas os mortos são perfeitos.

– Alex é perfeito. Ele nunca fez nada de mal.

– Como você sabe? Ele lhe diria se tivesse feito?

Seu lindo rosto jovem estava cheio de sombras escuras. Hesitante, ela explicou:

– Parece que Alex e eu nos conhecemos há um longo, longo tempo, e até recentemente ele não me contou muito sobre si mesmo. Eu conversei muito com ele, mas nunca contei sobre o nosso passado, exceto como nos tornamos tutelados do Dr. Paul após os nossos pais terem morrido em um acidente de carro. E isso é uma mentira, Cathy. Nós não somos órfãos. Nós ainda temos uma mãe que está viva.

– Mentiras não são pecados mortais, Carrie. Todo mundo diz mentirinhas de vez em quando.

– Alex não. Alex sempre se sentiu atraído por Deus e pela religião. Quando ele era mais jovem, queria se tornar católico para que pudesse ser padre. Ele cresceu e percebeu que sacerdotes vivem uma vida de celibato, então decidiu não ser um padre. Ele quer uma esposa e filhos. Ele me disse que nunca teve relações sexuais com ninguém, porque esteve procurando por toda a sua vida adulta pela garota certa para se casar com ele, alguém perfeita, como eu. Alguém piedoso, como ele. E *Cath-yyy* – ela gemeu,

lamentando-se –, *eu não sou perfeita! Eu sou má!* Como a avó sempre nos dizia, eu sou má e profana também! Eu tenho pensamentos maus! Eu odiava aquelas meninas que me colocaram no telhado e disseram que eu era como uma coruja! Desejei que todas elas morressem! E Sissy Towers, eu a odiava mais do que a qualquer outra! E Cathy, você sabia que Sissy Towers se afogou quando tinha 12 anos? Eu nunca escrevi para te contar, mas senti que era minha culpa por odiá-la tanto! Eu odiava Julian demais por ele ter levado você para longe de Paul, e ele morreu também! Veja só, como posso contar a Alex tudo isso, e contar a ele que a nossa mãe se casou com seu meio-tio também? Ele me odiaria, Cathy. Ele não iria me querer depois, eu sei que não. Ele iria achar que eu daria à luz crianças deformadas, como eu, e eu o amo tanto!

Ajoelhei-me ao lado de sua cadeira e abracei-a como uma mãe faria. Eu não sabia o que dizer, e como dizê-lo. Eu ansiava por Chris e seu apoio, e por Paul, que sempre sabia como dizer as coisas do jeito certo. E, lembrando-me disso, peguei suas palavras ditas a mim e as repeti para Carrie, enquanto sentia um terrível ódio da avó que tinha implantado todas essas ideias malucas na cabeça de uma criança de cinco anos de idade.

– Querida, querida, eu não sei como dizer tudo do jeito certo, mas vou tentar. Quero que você entenda que o que é preto para uma pessoa, é branco para outra. E nada nesse mundo é tão perfeito que seja totalmente branco, ou tão ruim que seja totalmente preto. Tudo o que diz respeito aos seres humanos vem em tons de cinza, Carrie. Nenhum de nós é perfeito, sem falhas. Eu tive as mesmas dúvidas sobre mim mesma, como você tem.

Os olhos dela se arregalaram, marejados, ao ouvir isto, como se ela considerasse a mim, dentre todas as pessoas, perfeita.

– Foi nosso médico, Paul, que me esclareceu, Carrie. Ele me disse há muito tempo que se um pecado foi cometido quando nossos pais se casaram e tiveram filhos, o pecado foi deles e não nosso. Ele disse que Deus não tinha a intenção de *nos* fazer pagar o preço pelo que nossos pais fizeram. E eles não eram tão próximos em termos de consanguinidade assim, Carrie. Sabe que no Egito antigo o faraó só permitia que seus filhos e filhas se casassem com

um irmão ou irmã? Então, veja, a sociedade faz as regras; e nunca se esqueça, os nossos pais tiveram quatro filhos e nenhum de nós é uma aberração; Deus não puniu a eles, ou a nós.

Ela voltou seus enormes olhos azuis para o meu rosto, desesperadamente querendo acreditar. E nunca, nunca deveria ter usado a palavra "aberração".

– Cathy, talvez Deus tenha me punido e eu não cresci; essa é a punição.

Eu ri com voz trêmula e puxei-a para mais perto.

– Olhe ao seu redor, Carrie. Muitas outras pessoas são menores do que você. Você não é uma anã e sabe disso. Ainda que fosse, o que você não é, ainda assim, você teria que aceitar isso e fazer o melhor possível, como muitos fazem, que se consideram muito altos, ou muito gordos, ou muito magros, ou qualquer outra coisa. Você tem um rosto bonito, um cabelo maravilhoso, uma linda pele, uma figura adorável com tudo onde deveria estar. Você tem uma bela voz e uma mente brilhante; veja só quão rápida você é datilografando e como é boa em taquigrafia e mantendo as contas de Paul, e sabe cozinhar duas vezes melhor do que eu. Você também é uma dona de casa muito melhor do que eu, e veja os vestidos que você costura. Eles são mais bonitos do que qualquer coisa que vejo nas lojas. Quando você adiciona tudo isso, Carrie, como pode pensar que não é boa o suficiente para Alex ou qualquer outro homem?

– Mas Cathy – ela gemeu, teimosamente insatisfeita com o que eu tinha dito –, você não o conhece como eu. Passamos por um cinema que exhibe filmes pornográficos e ele disse que qualquer pessoa que fizesse aquelas coisas era má e pervertida! E você e Dr. Paul me disseram que fazer sexo e ter bebês era uma parte natural, amorosa da vida, e eu sou má, Cathy. Uma vez eu fiz algo muito mau.

Olhei para ela, pega de surpresa. Com quem? Era como se ela tivesse lido a minha mente, pois balançou a cabeça enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto.

– Não... Eu nunca tive... tive... relações sexuais com ninguém. Mas eu fiz outras coisas que eram más; Alex pensaria que sim, e eu deveria ter sabido que eram más.

– O que você fez, querida, que foi tão terrível?

Ela engoliu em seco e baixou a cabeça de vergonha.

– Foi com Julian. Um dia, quando eu estava visitando e você não estava em casa, ele queria fazer... fazer alguma coisa comigo. Ele disse que seria divertido e não era sexo de verdade, do tipo que faz bebês, e então eu fiz o que ele queria, e ele me beijou e disse que depois de você, era eu que ele amava mais. Eu não sabia que era uma coisa má apenas fazer o que eu fiz.

Engoli em seco, sentindo um enorme e doloroso nó na garganta, alisando o cabelo sedoso sobre sua testa febril, e enxuguei suas lágrimas.

– Não chore nem sinta vergonha, querida. Há todos os tipos de amor e formas de expressar esse amor. Você ama o Dr. Paul, Jory e Chris de três maneiras diferentes, e eu de outra. E se Julian te convenceu a fazer algo que você sente que foi errado, o pecado foi dele, não seu. E meu também, pois eu deveria ter dito a você sobre o que ele poderia querer. Ele me prometeu nunca te tocar ou fazer qualquer coisa sexual com você, e eu acreditei nele. Mas se você fez isso, não tenha mais vergonha por causa disso; e Alex não precisa saber. Ninguém vai dizer a ele.

Muito lentamente a sua cabeça se levantou, e a lua que de repente saiu de trás das nuvens escuras brilhou nos seus olhos cheios de tortura autoinfligida.

– Mas *eu* vou saber.

Ela começou a soluçar, soluços histéricos, selvagens.

– Essa não é a pior coisa, Cathy – ela gritou. – Eu gostei de fazer o que fiz! Eu gostava que ele quisesse que eu fizesse aquilo. Tentei não deixar meu rosto demonstrar que eu estava sentindo prazer, pois Deus poderia estar me observando. Então você vê por que Alex não vai entender? Ele me odiaria, sim, eu sei que ele me odiaria! E mesmo que ele nunca fique sabendo, eu ainda vou me odiar por ter feito e gostado!

– Por favor, pare de chorar. O que você fez não é tão ruim, de verdade. Esqueça a nossa avó, que ficava falando sobre nosso sangue ruim. Ela é uma hipócrita intolerante e tacanha que não consegue distinguir o certo do errado. Ela fez todos os tipos de

coisas horríveis em nome da retidão e nada em nome do amor. Você não é má, Carrie. Você queria que Julian a amasse, e se o que você fez deu prazer a ele e a você, então isso é normal também. As pessoas são feitas para sentir prazer sensual, feitas para apreciar o sexo. Julian estava errado e não deveria ter lhe pedido para fazer isso, mas esse pecado foi dele, não seu.

– Lembro-me de muitas coisas que você não acha que eu faço – ela sussurrou. – Lembro-me da maneira engraçada como Cory e eu costumávamos conversar um com o outro, para que você e Chris não pudessem entender. Sabíamos que éramos filhos do diabo. Nós ouvimos a avó. Nós conversamos sobre isso. Sabíamos que estávamos trancados porque não éramos bons o suficiente para estar livres, lá fora, com as pessoas melhores do que nós.

– Pare! – gritei. – Não se lembre! Esqueça! Nós conseguimos sair, não foi? Éramos quatro crianças, não responsáveis pelas ações de nossos pais. Aquela velha odiosa tentou roubar a nossa confiança e nosso orgulho em nós mesmos, não a deixe ter sucesso! Olhe para Chris, você não está orgulhosa dele? Você não ficava orgulhosa de *mim* quando eu estava no palco dançando? E um dia, depois que você e Alex estiverem casados, ele vai mudar de ideia sobre o que é pervertido e o que não é, pois eu mudei. Alex vai crescer e parar de ser excessivamente virtuoso. Ele ainda não conhece os prazeres que o amor pode trazer.

Carrie saiu dos meus braços e foi olhar pelas janelas para as montanhas escuras e distantes, e para a lua minguante que navegava como um navio viking invertido através dos mares negros da noite.

– Alex não vai mudar – ela disse sem expressão. – Ele vai ser um pastor. As pessoas religiosas acham que tudo é ruim, exatamente como a avó. Quando ele me disse que ia desistir da ideia de ser engenheiro elétrico, eu sabia que estava tudo acabado entre nós.

– Todo mundo muda! Olhe para o mundo que nos cerca, Carrie. Olhe para as revistas e os filmes que as pessoas decentes assistem e apreciam, e as peças de teatro com todo mundo nu, e o tipo de livros que estão sendo publicados. Eu não sei se é para melhor, mas sei que as pessoas não são estáticas. Todos nós mudamos dia a dia.

Talvez daqui a 20 anos nossos filhos olharão de volta para o nosso tempo e ficarão chocados, e talvez olharão para trás, vão sorrir e nos chamar de inocentes. Ninguém sabe como o mundo vai mudar. Então se o mundo pode mudar, *um homem chamado Alex também pode.*

– Alex não vai mudar. Ele odeia a falta de moral de hoje, odeia os tipos de livros que estão sendo publicados, os filmes sujos e as revistas com casais fazendo coisas más. Eu acho que ele nem mesmo aprova o tipo de dança que você costumava fazer com Julian.

Eu queria gritar, *Para o inferno com Alex e seu puritanismo!* No entanto, eu não podia difamar o único homem que Carrie tinha encontrado para amar.

– Carrie, querida, venha para a cama. Vá dormir e lembre-se de manhã que o mundo é cheio de todos os tipos de homens que teriam o maior prazer em amar alguém tão bonita, doce e boa dona de casa como você. Pense no que Chris nos diz sempre, “as coisas sempre acontecem para o melhor”. E se não der certo entre você e Alex, então vai dar certo para você e outra pessoa.

Ela me lançou um olhar rápido do mais profundo desespero.

– Como foi para o melhor, quando Deus fez Cory morrer?

Bom Deus, como responder a uma pergunta como essa?

– Foi para o melhor quando papai morreu na estrada?

– Você não se lembra daquele dia.

– Sim, eu me lembro. Eu tenho boa memória.

– Carrie, absolutamente ninguém é perfeito, nem eu, nem você, nem Chris, nem Alex. Nem ninguém.

– Eu sei – ela disse, se arrastando até a cama como uma menininha obedecendo sua mãe. – As pessoas fazem coisas más e Deus as vê e as castiga mais tarde. Às vezes Ele usa uma avó com seu chicote, como ela bateu em você e Chris. Eu não sou boba, Cathy. Sei que você e Chris olham um para o outro da forma como Alex e eu olhamos um para o outro. Acho que você e Dr. Paul foram amantes também, e talvez seja por isso que Julian morreu, para puni-la. Mas você é o tipo de mulher que os homens gostam, e eu não sou. Eu não danço; não sei como fazer todos me amarem. Só a

minha família me ama, e Alex. E quando eu contar a Alex, ele não vai me amar ou me querer.

– Você não vai dizer a ele! – ordenei severamente.

Ela ficou com os olhos fixos no teto, até que finalmente adormeceu. Então, fiquei acordada, machucada por dentro, ainda surpresa com o efeito que uma velha tivera sobre a vida de tantas pessoas. Eu odiava mamãe por nos levar para Foxworth Hall. Ela sabia como sua mãe era e ainda assim nos levou até lá. Ela conhecia sua mãe e seu pai melhor do que ninguém e ainda assim se casou pela segunda vez e nos deixou sozinhos, então se divertiu enquanto éramos torturados. E nós ainda estávamos sofrendo enquanto ela se divertia!

Diversão que iria acabar em breve, porque eu estava aqui e Bart estava aqui, e mais cedo ou mais tarde nós nos encontraríamos. Embora eu não fosse descobrir até muito depois como ele havia conseguido me evitar até agora.

Confortei-me com os pensamentos de como mamãe sofreria em breve também, como tínhamos sofrido. Dor por dor, ela iria aprender como nós tínhamos nos sentido quando *ela* fosse deixada sozinha e sem amor. Ela não seria capaz de lidar com isso... de novo, não. Mais um golpe seria sua ruína. De algum modo eu sabia, talvez porque eu fosse muito parecida com ela.

– Tem certeza de que está tudo bem? – perguntei a Carrie alguns dias mais tarde. – Você não tem comido bem. Aonde foi seu apetite?

Ela disse em voz baixa, com o rosto inexpressivo.

– Estou bem. Eu só não sinto vontade de comer muito. Não leve Jory com você hoje para o estúdio de dança. Deixe-me ficar com ele aqui o dia todo. Sinto falta dele quando ele vai com você.

Senti-me desconfortável por deixá-la durante todo o dia com Jory, que às vezes dava trabalho, e Carrie não parecia estar se sentindo bem.

– Carrie, seja honesta comigo, por favor. Se você não se sente bem, deixe-me levá-la a um médico.

– É a minha época do mês – ela disse, com os olhos abatidos. – Sinto cólicas na barriga três ou quatro dias antes do início.

Era somente aquela época do mês – e na idade dela, as garotas sentiam mais dores do que na minha. Beijeí meu filhinho enquanto ele começava a chorar, querendo ir comigo e assistir aos dançarinos.

– Quero ouvir a música, mamãe – objetou Jory, que sabia muito bem o que queria e o que não queria. – Quero ver os dançarinos!

– Vamos dar um passeio no parque. Eu vou empurrá-lo no balanço e vamos brincar no tanque de areia – Carrie disse apressadamente, pegando meu filho e abraçando-o. – Fique comigo, Jory. Eu te amo tanto e nunca fico o suficiente com você... Você não ama sua tia Carrie?

Ele sorriu e jogou os braços em volta do pescoço de Carrie, pois sim, Jory amava a todos.

Foi um dia terrivelmente longo. Várias vezes liguei para Carrie a fim de verificar se ela estava bem.

– Estou bem, Cathy. Jory e eu nos divertimos muito no parque. Vou me deitar agora e tirar um cochilo. Então não vá ligar e me acordar de novo.

Eram quatro horas, e a minha última aula do dia, quando meus alunos e alunas de seis e sete anos de idade se moveram para o centro do estúdio. Enquanto a música tocava, eu contava:

– *Un, deux, pliés, un, deux, pliés*, e agora, *un, deux, tendu*, fechem, *un, deux, tendu*, fechem.

E eu continuei com a aula, quando de repente senti um arrepio na nuca para me informar que alguém estava me olhando atentamente. Virei-me para ver um homem em pé na parte de trás do estúdio. Bart Winslow – o marido da minha mãe!

No minuto em que ele viu que o reconheci, veio caminhando em minha direção.

– Você fica sensacional usando essa meia-calça roxa, Senhorita Dahl. Posso ter um momento de seu tempo?

– Estou ocupada! – retruquei, irritada por ele me perguntar isso quando eu tinha 12 pequenos dançarinos de quem eu não podia

tirar os olhos. – Meu dia acaba às cinco. Se você quiser, pode se sentar ali e esperar.

– Senhorita Dahl, eu tive um trabalho dos diabos para encontrá-la, e você estava aqui mesmo, debaixo do meu nariz o tempo todo.

– Sr. Winslow – eu disse friamente –, se eu não lhe enviei os honorários adequados, o senhor poderia ter escrito uma carta e enviado para mim.

Ele enrugou as sobrancelhas grossas e escuras.

– Não estou aqui para falar sobre os honorários, embora você não tenha pago o preço que eu tinha em mente. – Sorridente e confiante, ele enfiou a mão dentro de sua jaqueta e tirou do bolso uma carta. Engoli em seco ao ver a minha própria caligrafia e todos os carimbos postais e marcas de cancelamento na carta que tinha seguido a minha mãe por toda a Europa! – Vejo que você reconhece essa carta – ele disse, com os olhos castanhos penetrantes observando cada expressão de meu rosto.

– Veja, Sr. Winslow – eu disse, em um estado de agitação –, a minha irmã não está se sentindo muito bem hoje e ela está cuidando do meu filho, que é pouco mais do que um bebê. E você pode ver que estou ocupada aqui. Será que podemos falar sobre isso outro dia?

– Quando for da sua conveniência, senhorita Dahl, a qualquer hora. – Ele se curvou e então me entregou um pequeno cartão de visitas. – Que seja o mais cedo possível. Tenho muitas perguntas para lhe fazer, e não tente pular fora. Dessa vez, eu estou te vigiando de perto. Você não acha que um jantar foi o suficiente, acha?

Fiquei tão perturbada ao vê-lo com essa carta que, assim que ele foi embora, dispensei minha turma e fui até meu escritório. Lá, sentei-me para me debruçar sobre a minha contabilidade, fazendo as contas e verificando que eu ainda estava no vermelho. Achei que tinha 40 alunos matriculados regularmente quando comprei a escola, mas não tinha sido informada que a maioria deles saía durante os verões e não retornava até o outono. Todas as crianças ricas mimadas no inverno e as crianças de classe média no verão, que só podiam vir uma ou duas vezes por semana. Não importa o quanto

eu esticasse o dinheiro que ganhava, não iria cobrir todas as minhas despesas de redecação e instalação de novos espelhos por trás da barra longa.

Olhei para o meu relógio e vi que eram quase seis horas, então troquei de roupa e corri as duas quadras até a minha pequena casa. Carrie deveria estar na cozinha, preparando o jantar, enquanto Jory brincava no quintal cercado. Mas eu não vi Jory, nem Carrie estava na cozinha!

– Carrie – chamei. – Estou em casa. Onde você e Jory estão se escondendo?

– Aqui – ela respondeu com um sussurro baixo.

Corri até ela para encontrá-la ainda na cama. Fracamente, ela explicou que Jory estava na casa do vizinho ao lado.

– Cathy... Eu realmente não me sinto muito bem. Vomitei quatro ou cinco vezes; não me lembro de quantas vezes... e estou com cólicas. Eu me sinto estranha, muito estranha...

Coloquei minha mão em sua cabeça e achei-a estranhamente fria, embora o dia estivesse muito quente.

– Vou chamar um médico.

Assim que as palavras saíram da minha boca, tive que rir amargamente de mim mesma. Não havia um médico nessa cidade que fizesse visitas domiciliares. Corri de volta para Carrie e enfiei um termômetro em sua boca, então ofeguei ao ler os números.

– Carrie, vou pegar Jory e levá-la para o hospital mais próximo. Você está com 39,7 graus de febre!

Apaticamente, ela balançou a cabeça, e então adormeceu. Corri até a casa ao lado para ver meu filho, que estava feliz brincando com uma menina um mês mais velha que ele.

– Olhe, senhora Marquet – disse a Sra. Townsend, uma mulher doce e maternal em seus quarenta e poucos anos, que estava cuidando de sua neta –, se Carrie não está bem, deixe Jory ficar aqui até você voltar para casa. Espero que ela não esteja gravemente doente. É uma coisinha tão querida! Mas tenho notado que ela tem andado pálida e triste por um ou dois dias.

Eu havia notado a mesma coisa e pensei que era porque o relacionamento dela com Alex estava indo mal.

Como eu estava errada!

No dia seguinte liguei para Paul.

– Catherine, qual o problema? – ele disse ao ouvir o pânico em minha voz.

Coloquei tudo para fora, como Carrie estava doente e no hospital, onde já tinha feito vários testes, e como ainda não sabiam o que havia de errado com ela.

– Paul, ela parece terrível! E está perdendo peso rápido, incrivelmente rápido! Ela está vomitando, não consegue manter nada no estômago, e tem diarreia também. Ela continua chamando por você e por Chris.

– Vou arranjar outro médico para me substituir aqui e vou pegar o avião para aí – ele disse, sem hesitação. – Mas espere antes de tentar entrar em contato com Chris. Os sintomas que você descreveu são comuns a uma série de doenças menos graves.

Segui sua sugestão e não entrei em contato com Chris, que estava desfrutando de uma viagem de duas semanas à Costa Oeste, antes de voltar para casa e continuar sua residência.

Em três horas Paul estava comigo no quarto de hospital olhando para Carrie. Ela sorriu fracamente ao vê-lo e estendeu os braços finos.

– Olá – ela sussurrou fracamente. – Aposto que você não sabia que ia me ver em uma *véia* cama de hospital, não é?

Imediatamente ele a tomou em seus braços e começou a fazer perguntas. Quais foram os primeiros sinais de que algo estava errado?

– Há cerca de uma semana atrás, comecei a me sentir muito cansada. Eu não disse nada a Cathy, porque ela se preocupa muito comigo, de qualquer maneira. Então, eu tinha dores de cabeça e me sentia sonolenta o tempo todo, e tinha grandes contusões e não sabia como elas tinham acontecido. Então eu penteava meu cabelo e ele começou a cair, e depois comecei a vomitar... e outras coisas que outros médicos já me perguntaram e eu disse a eles. – Sua voz fina,

sussurrante, se interrompeu. – Gostaria de poder ver Chris – ela murmurou, antes de fechar os olhos e adormecer.

Paul já tinha visto o prontuário de Carrie e conversado com seus médicos. Naquela hora, ele se virou para mim com o rosto tão inexpressivo que me deixou com medo... Era um rosto repleto demais de significado.

– Talvez você deva mandar chamar Chris.

– Paul! Você quer dizer...?

– Não, eu não quero dizer isso. Mas se ela o quer aqui, ele deveria estar aqui com ela.

Eu estava no corredor, esperando que os médicos fizessem certos testes em Carrie. Tinham me expulsado do quarto. Enquanto eu andava para lá e para cá em frente à porta fechada do quarto de Carrie, senti sua presença antes de vê-lo. Virei-me, perdendo o fôlego ao ver Chris caminhando pelo longo corredor, passando pelas enfermeiras carregando comadres e bandejas de remédios, que abriam a boca ao vê-lo em toda a sua esplêndida glória.

O tempo andou para trás e vi papai, papai como eu melhor me lembrava dele, vestido com roupa branca de jogar tênis. Não consegui falar quando Chris me tomou em seus braços e inclinou seu rosto bronzeado para o meu cabelo. Ouvei o batimento de seu coração, forte e regular. Solucei, muito perto de um dilúvio de lágrimas.

– Não demorou muito para você chegar aqui.

O rosto dele estava no meu cabelo e sua voz estava rouca.

– Cathy – ele perguntou, erguendo a cabeça e me olhando diretamente nos olhos –, o que há de errado com Carrie?

Sua pergunta me surpreendeu – pois ele deveria saber!

– Você não consegue adivinhar? É o maldito arsênico, eu sei que é! O que mais poderia ser? Ela estava bem até uma semana atrás, então, de repente, ficou doente. – Perdi o controle e solucei: – Ela quer falar com você.

Mas antes que eu o levasse até o pequeno quarto de Carrie, coloquei em sua mão uma nota que eu havia encontrado no diário que ela começou a escrever no dia em que conheceu Alex.

– Chris, Carrie sabia há muito tempo que algo estava errado, mas manteve tudo em segredo. Leia isso e me diga o que você acha. Enquanto ele lia, meus olhos ficaram grudados em seu rosto.

Queridos Cathy e Chris,

Às vezes eu acho que vocês dois são os meus verdadeiros pais, mas então me lembro da minha mamãe e de meu papai de verdade, e ela parece um sonho que nunca foi real, e eu não consigo imaginar o papai se não tiver a sua fotografia em minha mão – embora consiga ver Cory exatamente como ele era.

Estou escondendo algo. Então, se eu não escrever isso, vocês vão se culpar. Faz um longo tempo que sinto que vou morrer em breve, e não me importo mais, como costumava fazer. Não posso ser a esposa de um pastor. Eu não teria vivido tanto tempo se vocês dois, Jory, Dr. Paul e Henny não tivessem me amado tanto. Sem todos vocês para me manter aqui, eu teria ido encontrar Cory há muito tempo. Todo mundo tem alguém especial para amar, a não ser eu. Todo mundo tem algo especial para fazer, a não ser eu. Sempre soube que nunca iria me casar. Sabia que estava enganando a mim mesma sobre ter filhos, pois os meus quadris são muito estreitos, e acho que também sou muito pequena para ser uma boa esposa. Eu nunca seria alguém especial, como você, Cathy, que pode dançar e ter filhos e tudo o mais. Não posso ser uma médica, como Chris, então eu não seria nada, apenas alguém para ficar no caminho e deixar todos preocupados por ser infeliz.

Então, agora mesmo, antes de continuar lendo, prometam de coração que não irão deixar os médicos fazer qualquer coisa para me obrigar a viver. Apenas deixem-me morrer, e não chorem. Não se sintam tristes e não sintam a minha falta depois que eu for enterrada. Nada parece certo ou faz sentido desde que Cory foi embora e me deixou. O que mais lamento é que não vou estar por perto para ver Jory dançar no palco como Julian costumava fazer. Agora tenho que confessar a verdade: eu amei Julian, da mesma forma que amo Alex. Julian nunca achou que eu era muito pequena, e ele foi a única pessoa que me fez sentir como uma mulher normal,

por um curto período de tempo. Embora fosse pecaminoso, mesmo quando você diz que não, eu sei que era, Cathy.

Na semana passada comecei a pensar sobre a avó e o que ela costumava dizer para nós o tempo todo, sobre nós sermos filhos do diabo. Quanto mais eu pensava nisso, mais eu sabia que ela estava certa – eu não deveria ter nascido! Eu sou má! Quando Cory morreu por causa do arsênico nos donuts envenenados que a avó nos dava, eu deveria ter morrido também! Você achava que eu não sabia, não é? Você pensou que o tempo todo eu ficava sentada no chão, no canto, que eu não podia ouvir e não entendia nada, mas eu estava vendo e ouvindo, porém não acreditava, na época. Agora eu acredito.

Obrigada, Cathy, por ter sido como a minha mãe e a melhor irmã que existe. E obrigada, Chris, por ser meu pai substituto e meu melhor segundo irmão, e obrigado, Dr. Paul, por me amar mesmo que eu não tenha crescido. Obrigado a todos vocês por nunca terem vergonha de serem vistos comigo, e digam a Henny que eu a amo. Acho que Deus talvez não irá me querer também, até que eu cresça um pouco mais, e então eu penso em Alex, que acha que Deus ama a todos, mesmo quando eles não são tão altos.

Ela assinou essa carta em um enorme rabisco para compensar por seu tamanho pequeno.

– Oh, meu Deus! – Chris gritou. – Cathy, o que isso quer dizer?

Só então pude abrir minha bolsa e tirar dela algo que eu tinha encontrado escondido em um canto escuro do armário no quarto de Carrie. Seus olhos azuis se arregalaram e a cor pareceu desaparecer, enquanto ele lia o nome do frasco de veneno de rato, e então, viu o pacote de donuts açucarados, com apenas um dentro do pacote. Apenas um. Tinha sido mordido somente uma vez. As lágrimas começaram a descer pelo seu rosto, e então ele estava realmente soluçando no meu ombro.

– Oh, Deus... Ela colocou arsênico nos donuts, não foi, para que pudesse morrer da mesma maneira que Cory?

Libertei-me de seus braços que me agarravam e fiquei a alguns metros de distância, sentindo que todo o sangue tinha sido drenado de mim.

– Chris! Leia essa carta mais uma vez! Não percebeu o que ela escreveu, como ela não acreditava, e “Agora eu acredito”? Por que ela não acreditaria na época e acredita agora? Alguma coisa aconteceu! Algo aconteceu para fazê-la acreditar que a nossa mãe era capaz de nos envenenar!

Ele balançou a cabeça de modo confuso, as lágrimas ainda escorrendo de seus olhos.

– Mas se ela sabia o tempo todo, como poderia algo mais acontecer para convencê-la, quando nos ouvir falando sobre isso e ver Mickey morrer não fez?

– Como é que eu posso saber? – gritei desesperadamente. – Mas os donuts foram generosamente cobertos com arsênico! Paul mandou testá-los. Carrie os comeu, sabendo que isso iria matá-la. Você não vê que esse é mais um assassinato que nossa mãe cometeu?

– Ela ainda não está morta! – Chris gritou. – Nós vamos salvá-la! Não vamos deixá-la morrer. Vamos falar com ela, dizer que ela tem que lutar!

Eu corri para abraçá-lo, temendo que fosse tarde demais e desejando desesperadamente que não fosse. Enquanto nos abraçávamos, tornados pais novamente pelo nosso sofrimento comum, Paul saiu do quarto de Carrie. A expressão solene em seu rosto me disse tudo o que eu precisava saber.

– Chris – Paul disse calmamente. – Como é maravilhoso ver você novamente. Lamento que as circunstâncias sejam tão tristes.

– Há esperança, não é? – Chris exclamou.

– Sempre há esperança. Estamos fazendo o que é possível. Você parece bem bronzado e vibrante. Entre para ver a sua irmã e dê a ela um pouco dessa vitalidade. Catherine e eu já dissemos tudo o que pudemos para tentar fazê-la lutar e recuperar a vontade de viver. Mas ela desistiu. Alex está lá de joelhos ao lado da cama, orando para que ela viva, mas Carrie está com a cabeça voltada para

as janelas. Acho que ela não percebe o que é dito ou o que é feito. Ela se foi para algum lugar fora do nosso alcance.

Paul e eu fomos atrás de Chris, que correu para Carrie. Ela estava deitada, magra demais sob uma pilha de pesadas cobertas, quando ainda era verão. Simplesmente não parecia possível que ela pudesse envelhecer tanto tão rapidamente! Toda a robustez firme e rosada da juventude havia fugido, deixando o rostinho magro e oco. Seus olhos eram poços profundos, tornando as maçãs do rosto muito proeminentes. Ela até parecia ter perdido um pouco de sua altura. Chris gritou ao vê-la assim. Inclinou-se para tomá-la em seus braços, chamou o seu nome repetidamente, acariciou seus longos cabelos. Para seu horror, centenas de fios dourados colaram-se a seus dedos quando ele os retirou.

– Bom Deus no céu! O que está sendo feito por ela?

Quando ele tirou os fios de cabelo de seus dedos, corri para arrancá-los de suas mãos e os coloquei cuidadosamente em uma caixa de plástico. A estática da caixa os mantinha no lugar. Uma ideia idiota, mas eu não podia suportar ver seus lindos cabelos serem varridos e jogados fora. Eles brilhavam sobre os travesseiros, sobre a colcha, na renda branca de sua camisola. Como em um transe de pesadelos intermináveis, juntei os longos cabelos e os arrumei cuidadosamente, enquanto Alex orava sem parar. Mesmo quando foi apresentado a Chris, fez uma pausa apenas por tempo suficiente para acenar com a cabeça.

– Paul, responda! O que está sendo feito para ajudar Carrie?

– Tudo o que sabemos fazer – respondeu Paul, sua voz baixa e suave, o modo como as pessoas falam quando a morte está próxima. – Uma equipe de bons médicos está trabalhando o tempo todo para salvá-la. Mas suas células vermelhas do sangue estão sendo destruídas mais rápido do que conseguimos substituí-las com transfusões.

Por três dias e noites todos nós permanecemos ao lado da cabeceira de Carrie, enquanto minha vizinha cuidava de Jory. Cada um de nós que a amava rezou para que ela vivesse. Liguei para Henny e lhe disse para ir à igreja e pedir aos membros de sua

família e da igreja para orar por Carrie também. Ela bateu no telefone, seu sinal para “Sim, Sim!”

Flores chegavam diariamente para encher seu quarto. Não olhei para ver quem as enviava. Sentava-me ao lado de Chris ou de Paul, ou entre ambos, segurava em suas mãos e orava silenciosamente. Olhava com desagrado para Alex, quem eu acreditava ser responsável por muito do que havia de errado com Carrie. Finalmente, não pude manter minha pergunta sem resposta por mais tempo; levantei-me, segui Alex e o encurralei em um canto.

– Alex, por que Carrie iria querer morrer durante os dias mais felizes da vida dela? O que ela lhe contou e o que você disse?

Ele virou seu rosto desnordeado, aflito, com a barba por fazer, em direção ao meu.

– O que foi que eu disse? – ele perguntou, com os olhos vermelhos pela falta de sono.

Repeti a pergunta com um tom ainda mais áspero de voz. Ele balançou a cabeça, como se para clareá-la, parecendo magoado e sonolento enquanto corria os longos dedos pelos seus cachos castanhos despenteados.

– Cathy, Deus sabe que fiz tudo o que podia para convencê-la de que eu a amo! Mas ela não quer me ouvir. Ela vira o rosto para o lado e não diz nada. Pedi a ela para se casar comigo e ela disse que sim. Ela colocou os braços ao redor do meu pescoço e disse que sim, sim. Então ela disse: “Oh, Alex, eu não sou boa o suficiente para você”. E eu ri e lhe disse que ela era perfeita, exatamente o que eu queria. Onde foi que eu errei, Cathy? O que eu fiz para virá-la contra mim, pois agora ela nem sequer olha em minha direção?

Alex tinha aquele tipo de rosto doce e piedoso que você espera ver esculpido apenas em santos de mármore. Ainda assim, ele estava lá, tão humilde, tão atormentado pela dor e dilacerado pelo amor que se voltara contra ele, e eu estendi a mão e o acalmei da melhor forma que pude, pois ele amava Carrie. À sua maneira, ele a amava.

– Alex, me desculpe se fui dura com você; perdoe-me por isso. Mas será que Carrie confessou alguma coisa para você?

Mais uma vez seus olhos se enevoaram.

– Eu liguei e pedi para vê-la há uma semana e sua voz estava estranha, como se algo terrível tivesse acontecido e ela não pudesse falar sobre isso. Dirigi o mais rápido que pude para estar com ela, mas ela não quis me deixar entrar. Cathy, eu a amo! Ela me disse que é muito pequena e sua cabeça é muito grande, mas aos meus olhos suas proporções são simplesmente perfeitas. Para mim, ela era uma pequena boneca que não sabia que era linda. E se Deus permitir que ela morra, nunca mais terei fé na minha vida!

Foi quando ele cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

Era a quarta noite depois que Chris chegou. Eu cochilava ao lado de Carrie. Os outros estavam tentando tirar uma soneca antes que também ficassem doentes e Alex cochilava no corredor em uma cama de armar quando ouvi Carrie chamar meu nome. Corri para sua cama e me ajoelhei ao lado dela, então peguei sua pequena mão debaixo das cobertas. Era apenas uma pequena mão ossuda agora, com a pele tão translúcida que suas veias e artérias podiam ser vistas.

– Querida, estive esperando você acordar – sussurrei com voz rouca. – Alex está no corredor e Chris e Paul estão dormindo na sala dos médicos; devo chamá-los?

– Não – ela sussurrou. – Eu quero falar só para você. Eu vou morrer, Cathy. – Ela disse isso com muita calma, como se não se importasse, como se ela aceitasse e se alegrasse.

– Não! – discordei veementemente. – Você *não* vai morrer! Eu não vou deixar você morrer! Eu a amo como se você fosse minha própria filha. Muitas pessoas te amam e precisam de você, Carrie! Alex a ama muito e quer se casar com você, e ele não vai mais ser um pastor, Carrie; eu disse a ele que isso te deixava desconfortável. Ele realmente não se importa com qual será a carreira dele, contanto que você fique viva e o ame. Ele não se importa se você é pequena ou se você terá filhos. Deixe-me chamá-lo para que ele possa lhe dizer isso tudo...

– Nããã – ela sussurrou em voz baixa. – Eu tenho um segredo para lhe contar. – Sua voz era tão fraca que parecia vir de mais de uma centena de pequenas colinas arredondadas, suaves, longe, muito longe. – Eu vi uma senhora na rua. – Sua voz era tão baixa

que tive que me inclinar para ouvi-la. – Ela se parecia tanto com mamãe que tive de correr até ela. Peguei a mão dela. Ela arrancou a mão da minha e virou os olhos duros e frios em minha direção. “Eu não conheço você”, ela disse. Cathy, era a nossa mãe! Ela se parecia quase como ela costumava ser, apenas um pouco mais velha. Ainda tinha o colar de pérolas com o fecho de diamantes em forma de borboleta que eu me lembro. E, Cathy, quando sua própria mãe não quer você, como mais alguém pode lhe querer? Ela olhou para mim e sabia quem eu era; eu olhei nos olhos dela, e ainda assim ela não me quis, porque ela sabe que sou má. É por isso que ela disse o que disse, que não tinha filhos. Ela não quer você ou Chris também, Cathy, e todas as mães amam e querem seus filhos, a menos que eles sejam maus, crianças profanas... como nós.

– Oh, Carrie! Não deixe que ela faça isso com você! É o amor ao dinheiro que fez com que ela nos renegasse... Não por que você é ruim ou má ou profana. Você não fez nada de mau! É dinheiro que importa para ela, Carrie, não nós. Mas nós não precisamos dela. Não quando você tem Alex e Chris, Paul e eu... e Jory também, e Henny... Não magoe os nossos corações, Carrie, aguarde por tempo suficiente para deixar que os médicos a ajudem. Não desista. Jory quer sua tia de volta; todos os dias ele pergunta onde você está. O que vou dizer a ele, que você não se importava o suficiente para viver?

– Jory *num* precisa de mim – ela disse, da maneira que falava quando era criança. – Jory tem um monte de gente além de mim para amar e cuidar dele... Mas Cory, ele está esperando por mim, Cathy. Posso vê-lo agora. Olhe ali, atrás de seu ombro; ele está em pé ao lado de papai e eles me querem mais do que qualquer um aqui.

– Carrie, não!

– É um bom lugar para onde estou indo, Cathy, flores por toda parte, e lindos pássaros, e posso sentir que estou ficando mais alta... Veja, estou quase tão alta quanto mamãe, como eu sempre quis ser. E quando eu chegar lá, ninguém nunca vai me dizer novamente que tenho olhos grandes e assustadores como os de uma coruja. Ninguém nunca vai me chamar de “anã” de novo, e me dizer para

usar uma máquina de alongamento... porque serei tão alta quanto eu quero ser.

Sua voz fraca e trêmula se calou. Seus olhos se viraram para o céu e permaneceram abertos, sem piscar. Seus lábios permaneceram abertos, como se tivessem algo a mais para me dizer. *Querido Deus, ela estava morta!*

Mamãe tinha começado tudo isso. Mamãe que saía impune de tudo! Sem cicatrizes! E rica, rica, rica! Tudo o que tinha a fazer era derramar algumas lágrimas de autopiedade depois de ir para casa. Foi quando eu gritei! Eu sei que gritei. Gemi e queria arrancar os cabelos e rasgar a pele do meu rosto – porque eu me parecia muito com a mulher que tinha que pagar, pagar, pagar... e então, pagar um pouco mais!

Em um dia quente de agosto enterramos Carrie no lote da família Sheffield, a poucos quilômetros além dos limites da cidade de Clairmont. Sem chuva dessa vez. Sem neve no chão. Agora, a morte havia reivindicado todas as estações, com exceção do inverno, e deixado apenas aquele tempo frio e tempestuoso para que eu pudesse me alegrar. Nós cobrimos Carrie com as flores carmesins que ela tanto amava, e roxas também. O sol acima de nós era de uma rica cor de açafrão, quase laranja, antes de ficar vermelho e despencar no horizonte colorindo os céus de vermelho-rosado.

Meus pensamentos eram como as folhas secas que se moviam no vento forte de ódio enquanto eu ficava sentada, pensando e pensando, embora o banco de mármore fosse duro e desconfortável. Transformei aquelas folhas secas, depois de juntá-las e torcê-las, em uma cruel vara de bruxa, uma coisa para mexer uma bebida de vingança negligenciada!

Dos quatro bonecos de Dresden restavam apenas dois. E *um* não faria nada. Ele havia feito um juramento de fazer o que pudesse para preservar a vida e manter vivos mesmo aqueles que não mereciam viver.

Eu estava relutante em deixar Carrie sozinha no meio da noite, a primeira que ela iria passar sob a terra. Eu tinha que passar essa

noite com ela e confortá-la de alguma forma desconhecida. Lancei um olhar para onde Julia e Scotty dormiam também, perto dos pais de Paul, e um irmão mais velho que havia morrido mesmo antes de Amanda nascer. Perguntava-me o que nós, os Foxworths, estávamos fazendo no lote de cemitério da família Sheffield. Qual o significado disso tudo?

Se Alex não tivesse aparecido na vida de Carrie e lhe dado o seu amor, teria sido melhor para ela? Se Carrie não tivesse visto mamãe na rua e corrido até alcançá-la, feliz o suficiente em tomar sua mão e chamá-la de mãe, isso teria feito alguma diferença? Isso teria feito *toda* a diferença! Deveria ter feito! Logo depois da negação de sua mãe, ela havia comprado o veneno de rato, porque não se sentia digna de viver, não quando sua própria mãe podia negá-la. E o veneno nos donuts não tinha sido apenas um pouco, mas muito – puro arsênico!

Alguém falou meu nome suavemente. Alguém esticou as mãos com ternura para me levantar pelos meus cotovelos. Com seu braço sobre minha cintura, me apoiando, ele me fez sair do cemitério onde eu teria ficado até o amanhecer para ver o sol nascer.

– Não, querida – disse Chris. – Carrie não precisa de você agora. Mas os outros, sim. Cathy, você deve esquecer o passado e seus planos de vingança. Eu vejo o olhar em seu rosto e leio a sua mente. Vou compartilhar com você o meu segredo para encontrar a paz. Tentei dá-lo a você antes, mas você se recusa a ouvir. *Agora, dessa vez, ouça e acredite!* Faça como eu e force a si mesma a esquecer tudo o que lhe causa dor, e lembre-se apenas do que lhe dá alegria. É esse o segredo para viver feliz, Cathy. Esquecer e perdoar.

Virei meus olhos tristes e amargos em sua direção e disse com desdém:

– Você é realmente muito bom em perdoar, Christopher. Agora, esquecer, isso é outra história.

Seu rosto ficou tão vermelho quanto o sol que ia morrendo.

– Cathy, por favor! Perdoar não é a melhor parte? Eu só me lembro da parte mais doce.

– Não! Não! – Mas eu me agarrei a ele como aquele que se aproxima do inferno se agarra com unhas e dentes à salvação.

Embora eu não tenha certeza, acho que vi uma mulher vestida de preto – sua cabeça e rosto cobertos por um véu preto – se esquivar para trás de uma árvore quando nos aproximamos da estrada e do carro estacionado. Ela estava escondida, para que não pudéssemos vê-la. Mas tive um vislumbre – o suficiente para ver o colar de pérolas brilhantes que ela usava. Pérolas que estavam lá para serem levantadas por uma mão branca e fina e, nervosamente, devido a velho hábito, serem torcidas e destorcidas em um nó.

Eu conhecia apenas uma mulher que fazia isso – e preto era a cor perfeita para ela, e ela deveria correr e se esconder! *Se esconder para sempre!*

Que todos os seus dias fossem negros! Cada um deles!

Eu faria qualquer coisa para que todos os seus dias restantes na Terra fossem negros. Mais negros do que o piche colocado em meu cabelo. Mais negros do que qualquer coisa naquele quarto trancado e nas sombras mais escuras no sótão que tinha sido dado a nós, quando estávamos com medo, quando éramos pequenos e precisávamos tanto ser amados. Mais negros que o poço mais profundo do inferno.

Eu havia esperado tempo suficiente para fazer o que precisava fazer. Tempo suficiente. E mesmo com Chris aqui para me impedir... mesmo ele não seria capaz de evitar o que eu tinha que fazer...

PARTE
Cinco

A HORA DA VINGANÇA



A morte prematura de Carrie deixou um buraco na vida de todos nós que a amávamos. Agora, os bonequinhos de porcelana eram meus, para apreciar e cuidar. Chris foi embora para fazer a residência na Universidade da Virgínia apenas para não ficar muito longe de mim.

– Fique, Catherine – implorou Paul, quando eu disse a ele que ia voltar para a minha casa nas montanhas e retomar minha vida como instrutora de dança. – Não me deixe sozinho de novo! Jory precisa de um pai; eu preciso de uma mulher; ele precisa de um homem em quem possa se inspirar. Estou farto de ter você para amar só de vez em quando.

– Mais tarde – eu disse com dura determinação, saindo de seus braços. – Virei até você um dia e nós vamos nos casar, mas tenho alguns negócios inacabados para fazer primeiro.

Logo eu estava de volta à minha rotina de trabalho, não muito longe de onde os Foxworths viviam em sua mansão. Comecei a fazer planos. Jory era um problema agora que eu não tinha mais Carrie. Ele ficava cansado na escola de dança e queria brincar com crianças da sua idade. Eu o matriculei em uma pré-escola especial e contratei uma empregada para ajudar com as tarefas domésticas e ficar com Jory quando eu não estava lá. À noite eu saía à caça, procurando, é

claro, por um homem em particular. Até agora ele havia escapado de mim, mas mais cedo ou mais tarde, o destino iria fazer com que eu o encontrasse – e Deus a ajude então, mamãe!

O jornal local escreveu uma grande reportagem sobre Bartholomew Winslow quando ele abriu seu segundo escritório de advocacia em Hillendale, enquanto seu parceiro júnior ficava responsável pelo seu primeiro escritório em Greenglenna. Dois escritórios, pensei. O que o dinheiro não comprava! Eu não pretendia ser tão ousada a ponto de abordá-lo diretamente; o nosso confronto seria “acidental”. Deixando Jory aos cuidados de Emma Lindstrom, enquanto ele brincava com duas outras crianças em nosso quintal cercado, dirigi meu carro para a floresta que não ficava muito longe de Foxworth Hall.

Bart Winslow era uma espécie de celebridade local, com todos os detalhes de sua vida explorados; assim, eu soube através da notícia de jornal que ele tinha o hábito de correr alguns quilômetros todos os dias antes do café. Na verdade, ele precisaria de um coração forte para o que estava por vir em seu futuro próximo.

Durante vários dias eu corri, através de caminhos de terra cheios de curvas, o chão cheio de folhas mortas, secas e que estalavam. Era setembro e Carrie estava morta há um mês. Tristes pensamentos, enquanto eu sentia o aroma pungente de madeira queimando e ouvia o barulho da madeira sendo cortada. Sons e cheiros que Carrie deveria estar apreciando – eles vão pagar, Carrie! Vou fazê-los pagar, e de algum modo eu me esqueci, Bart Winslow não tinha nada a ver com isso. Não ele, só *ela*! Como o tempo passava rápido e eu não chegava a lugar algum! Onde ele estava? Eu não podia ficar rondando os bares de solteiros; era muito corriqueiro e muito óbvio. Quando nos encontrássemos, e um dia nós nos encontraríamos, ele diria algo que seria um clichê, ou eu diria, e isso seria o início – ou o fim do que eu tinha em mente desde a primeira vez em que coloquei os olhos em Bartholomew Winslow dançando com minha mãe na noite de Natal.

Como a vida gosta de fazer as coisas à sua própria maneira, eu não o encontrei correndo. Em um sábado, ao meio-dia, eu estava sentada em um café esqualido e, de repente, Bart Winslow entrou

pela porta! Ele olhou em volta, me viu sentada perto das janelas e veio em minha direção vestindo seu terno de advogado de três peças que devia ter custado uma fortuna. Com uma pasta na mão, ele realmente estava se pavoneando! Seu sorriso era grande, seu rosto magro e bronzeado, levemente sinistro – ou talvez fosse apenas eu assustando a mim mesma.

– Beeem – ele esticou a palavra –, pelos céus, se não é Catherine Dahl, a mulher que estou tentando encontrar há meses.

Ele pousou a pasta no chão, sentou-se à minha frente sem o meu convite e se inclinou sobre os cotovelos para olhar nos meus olhos com intenso interesse.

– Onde diabos você se escondeu? – ele perguntou, usando o pé para puxar a pasta para mais perto dele e guardá-la.

– Eu não me escondi – falei, sentindo-me nervosa e esperando que ele percebesse.

Ele riu enquanto seus olhos escuros examinavam meu suéter apertado, minha saia e o que ele podia ver do meu pé, que balançava nervosamente. Então, seu rosto ficou solene.

– Eu li no jornal sobre a morte de sua irmã. Sinto muito. Sempre dói ler sobre alguém tão jovem morrendo. Se não é muito pessoal, gostaria de perguntar o que a matou. Doença? Acidente?

Meus olhos se arregalaram. O que a matou? Oh, eu poderia escrever um livro sobre isso!

– Por que você não pergunta à sua mulher o que matou a minha irmã? – eu disse rigidamente.

Ele pareceu se assustar, então disparou:

– Como ela poderia saber, se não conhece você ou sua irmã? No entanto, eu a vi com o recorte tirado da página de obituário, e ela estava chorando quando o arranquei de sua mão. Exigi uma explicação; ela se levantou e correu para cima. Ela ainda se recusa a responder às minhas perguntas. Mas quem diabos é você, afinal?

Mordi novamente meu sanduíche de presunto, tomate e alface e mastiguei de forma irritantemente lenta apenas para observar a sua aflição.

– Por que não pergunta a *ela*? – eu disse novamente.

– Eu odeio pessoas que respondem a perguntas com perguntas – ele retrucou, então apontou para uma garçonete ruiva que estava nas proximidades e pediu o mesmo que eu estava comendo. – Bem – ele disse, trazendo sua cadeira para a frente. – Há algum tempo atrás eu vim até o seu estúdio de dança e lhe mostrei aquelas cartas de chantagem que você continua escrevendo para minha esposa. – Ele enfiou a mão no bolso e tirou três delas, que eu havia escrito anos atrás. Considerando as dobras nos cantos dos envelopes, os muitos selos e cancelamentos, elas a tinham seguido pelo mundo até acabarem novamente em minhas mãos, com ele quase gritando mais uma vez: – Quem diabos é você?

Sorri para desarmá-lo. O sorriso de minha mãe. Inclinei a cabeça como ela fazia e ergui uma das mãos para brincar com meu colar de pérolas falsas.

– Você realmente precisa perguntar? Não consegue adivinhar?

– Não banque a engraçadinha comigo! Quem é você realmente? Qual é a sua relação com a minha esposa? Eu sei que você se parece com ela, o mesmo cabelo, os mesmos olhos, e até mesmo alguns de seus trejeitos são os mesmos. Você deve ser algum tipo de parente...?

– Sim. Podemos dizer que sim.

– Então, por que não a conheci antes? Uma sobrinha, prima?

Ele tinha um forte magnetismo animal que quase me assustou ao jogar o tipo de jogo que eu tinha em mente. Este não era um garoto adolescente que ficaria timidamente impressionado com a ex-bailarina. Sua vitalidade morena era forte, quase me oprimindo. Oh, que amante selvagem ele devia ser. Eu poderia me afogar em seus olhos e, fazendo amor com ele, estaria perdida para sempre para qualquer outro homem. Ele era muito confiantemente masculino, muito seguro de si. Ele podia sorrir e ficar à vontade, enquanto eu me remexia na cadeira e desejava escapar antes que ele me levasse pelo caminho que eu havia pensado que queria percorrer até esse exato momento.

– Vamos lá – ele disse, segurando-me com força para me impedir de sair quando me levantei para ir embora –, pare de olhar

assustada para mim e jogue o jogo que tem em mente há algum tempo.

Ele pegou as cartas e as segurou diante dos meus olhos. Eu desviei o olhar, infeliz comigo mesmo.

– Não desvie o olhar. Cinco ou seis de suas cartas vieram enquanto minha esposa e eu estávamos na Europa, e ao vê-las, ficava pálida. Ela engolia em seco nervosamente, como você está fazendo agora. A mão dela se levantava para brincar com o colar, assim como você está brincando com o seu agora. Duas vezes eu a vi escrever no envelope: “Endereço desconhecido”. Então, um dia, peguei a correspondência e encontrei estas três cartas que você havia escrito para ela. Eu as abri. Eu as li. – Ele fez uma pausa e se inclinou para frente, de modo que seus lábios estavam a centímetros dos meus. Sua voz soou dura e fria e totalmente no controle de qualquer brutalidade que ele pudesse sentir. – Que direitos você tem de tentar chantagear minha esposa?

Tenho certeza de que empalideci. Eu sei que me sentia doente e fraca e queria fugir deste lugar e dele. Imaginei ter ouvido a voz de Chris dizendo: *“Deixe o passado descansar em paz. Deixe para lá, Cathy. Deus, à sua própria maneira, eventualmente irá lhe dar a vingança que você quer. À sua própria maneira, em seu próprio tempo Ele vai tirar a responsabilidade de seus ombros”*.

Aqui estava a minha chance de colocar tudo para fora – tudo! Deixar que ele soubesse exatamente o tipo de mulher com quem se casara! Por que meus lábios não se abriam e minha língua não falava a verdade?

– Por que você não pergunta à sua esposa quem eu sou? Por que vir até mim, quando ela tem *todas* as respostas?

Ele se recostou na cadeira coberta de plástico de cor laranja berrante e resplandecente e pegou uma cigarreira de prata com seu monograma em diamantes. Isso *tinha* que ser um presente de minha mãe – e parecia coisa dela. Ele ofereceu a cigarreira para mim. Balancei minha cabeça. Ele bateu uma das pontas para tirar o tabaco solto de uma extremidade e, então, acendeu a outra com um isqueiro de prata com diamantes também. Enquanto isso, seus olhos escuros, apertados, olhavam fixamente para os meus e, como uma

mosca presa em uma teia de minha própria autoria, esperei ser atacada.

– Cada carta que você escreve diz que precisa desesperadamente de um milhão de dólares – ele disse em um tom monótono e soprou o fumo diretamente em meu rosto. Tossi e abanei a ar. Todas as paredes ao nosso redor tinham cartazes dizendo PROIBIDO FUMAR. – Por que você precisa de um milhão?

Olhei para a fumaça; ela fez um círculo e veio diretamente para mim, envolvendo minha cabeça e meu pescoço.

– Veja – eu disse, lutando para recuperar meu controle –, você sabe que meu marido morreu. Eu estava esperando um filho dele e fui inundada com contas que não podia pagar, e mesmo após o seguro ter sido pago, com *alguma* ajuda sua, ainda estou indo para o buraco. Minha escola de dança está no vermelho. Tenho um filho para sustentar, e preciso de coisas para ele, preciso poupar para a sua educação universitária, e sua esposa tem tantos milhões! Eu pensei que ela poderia se separar de apenas um.

Seu sorriso era leve, cínico. Ele soprou anéis de fumaça para me obrigar a me esquivar e tossir.

– Por que uma mulher inteligente como você presumiria que a minha esposa seria tão generosa para dar um centavo a um parente que ela nem sequer alega ter?

– *Pergunte a ela por quê!*

– Eu perguntei a ela. Peguei as suas cartas e as empurrei no rosto dela e exigi saber o que era aquilo tudo. Uma dúzia de vezes perguntei a ela quem você é e de que modo está ligada a ela. Todas as vezes ela diz que não a conhece, exceto como uma bailarina que ela viu dançar. Dessa vez eu quero respostas diretas suas.

Para se assegurar de que eu não virasse meu rosto e escondesse meus olhos, ele estendeu a mão para segurar com firmeza meu queixo, a fim de que eu não pudesse virar a cabeça.

– *Quem diabos é você?* Como você está ligada à minha esposa? Por que pensa que ela cederia à chantagem e lhe daria o dinheiro? Por que suas cartas a fazem subir correndo as escadas para pegar um álbum de fotos que ela mantém trancado em sua gaveta da

mesa ou em um cofre? Um álbum que ela rapidamente esconde e tranca sempre que eu entro na sala.

– Ela pegou o álbum? O álbum azul com uma águia dourada na capa de couro? – sussurrei, chocada por ela ter feito isso.

– Onde quer que nós vamos, o álbum azul vai com ela em um de seus baús trancados. – Seus olhos escuros se estreitaram perigosamente. – Você descreveu o álbum azul e dourado de forma exata, mas ele está velho e desgastado agora. Enquanto minha esposa olha um álbum de fotos, minha sogra lê a Bíblia até gastar as páginas. Às vezes pego Corrine chorando sobre as fotografias do álbum, que, presumo, são de seu primeiro marido.

Suspirei pesadamente e fechei os olhos. *Não queria saber que ela chorava!*

– Responda-me, Cathy. *Quem é você?*

Senti que ele seguraria meu queixo e me manteria lá por toda a eternidade se eu não dissesse alguma coisa, e por alguma estúpida razão eu menti.

– Henrietta Beech era meia-irmã de sua esposa. Malcolm Foxworth teve um caso extraconjugal, e três crianças foram o resultado. Eu sou uma delas. Sua esposa é minha meia-tia.

– Ahhh – ele suspirou, soltando meu queixo e inclinando-se para trás na cadeira, como se estivesse satisfeito por eu estar dizendo a verdade. – Malcolm teve um caso com Henrietta Beech, que lhe deu três filhos ilegítimos. Que informações extraordinárias. – Ele riu ironicamente. – Nunca pensei que o velho demônio tivesse essa disposição, especialmente depois que ele sofreu o ataque cardíaco logo depois que minha esposa se casou pela primeira vez. Dá inspiração a um homem saber isso. – Ele ficou sério, então, e me deu um olhar longo e perscrutador. – Onde está a sua mãe agora? Gostaria de vê-la e de falar com ela.

– Morta – eu disse, escondendo minhas mãos debaixo da mesa e mantendo meus dedos cruzados como uma criança supersticiosa e tola. – Ela está morta há muito, muito tempo.

– Ok. Entendi. Três crianças Foxworth ilegítimas, esperando lucrar com sua linhagem chantageando minha esposa, certo?

– Errado. Fui somente eu. Não o meu irmão ou minha irmã. Eu só quero o que nos é devido! Na época em que escrevi aquelas cartas estava em uma situação desesperadora, e mesmo agora não estou muito melhor. Os cem mil que o seguro pagou não foram muito longe. Meu marido deixou dívidas enormes e nós estávamos atrasados com nosso aluguel e com os pagamentos do carro; além disso, eu devia as contas hospitalares dele, o seu funeral e, depois, os custos do parto do meu bebê. Eu poderia passar a noite inteira lhe contando sobre os problemas da minha escola de dança e como fui levada a acreditar que era algo rentável e promissor.

– E não é?

– Não quando ela consiste de muitas meninas ricas que saem de férias duas ou três vezes por ano e não levam a dança realmente a sério, de qualquer maneira. Tudo o que elas querem fazer é ficarem bonitas e se sentirem graciosas. Se eu tivesse uma aluna realmente boa, valeriam a pena todos os meus esforços. Mas eu não tenho, nem uma sequer.

Ele ficou batendo as pontas dos dedos fortes na toalha da mesa, parecendo refletir profundamente. Em seguida, acendeu outro cigarro, não como se realmente gostasse de fumar, porém mais como se precisasse ter algo para manter seus dedos inquietos ocupados. Ele respirou fundo e me olhou diretamente nos olhos.

– Vou falar com toda a franqueza com você, Catherine Dahl. Em primeiro lugar, não sei se está mentindo ou dizendo a verdade, mas você realmente se parece com alguém que pertence ao clã Foxworth. Segundo, não gosto de ver você tentar chantagear minha esposa. Em terceiro lugar, não gosto de vê-la infeliz, tão infeliz a ponto de chorar. Em quarto lugar, sou muito apaixonado por ela, embora haja algumas vezes, admito, em que gostaria de arrancar o passado de sua garganta. Ela nunca fala dela; é cheia de segredos que meus ouvidos nunca vão ouvir. E um enorme segredo do qual eu nunca ouvi falar antes é que Malcolm Neal Foxworth, o bom, piedoso e santo cavalheiro, teve um caso de amor depois de ter um ataque do coração. Agora, antes disso, eu sei que ele teve pelo menos um, possivelmente, mas não mais.

Oh! Ele sabia mais do que eu. Eu havia atirado uma flecha para o céu, sem saber que ela iria atingir o alvo!

Bart Winslow olhou ao redor do café. Famílias estavam chegando para jantar cedo, e eu suponho que ele temia que alguém pudesse reconhecê-lo e informar a sua esposa, minha mãe.

– Vamos lá, Cathy, vamos sair daqui – ele insistiu, levantando-se e me puxando para que eu me levantasse também. – Você pode me convidar para tomar um drinque em sua casa, então podemos sentar e conversar e você pode me contar mais detalhes.

O crepúsculo chegou como se uma sombra caísse rapidamente sobre as montanhas – de repente era noite –, e estávamos há horas no café. Estávamos na calçada quando ele segurou meu cardigã para que eu colocasse os meus braços nas mangas, embora o ar estivesse tão frio que eu precisava de uma jaqueta ou casaco.

– Sua casa, onde fica? – eu disse, e ele me olhou desconcertado.

– É melhor não ir lá... Muitas pessoas podem me ver entrar. – (Ele não sabia, então, é claro, que eu havia escolhido aquela casinha principalmente porque a parte de trás dava para uma área arborizada, e havia muita privacidade para um homem ir e vir às escondidas.) – Meu rosto aparece nos jornais com muita frequência – ele continuou –, tenho certeza de que seus vizinhos iriam me ver. Você poderia ligar para sua babá e pedir-lhe para ficar um pouco mais?

Foi isso o que fiz, falando primeiro com Emma Lindstrom, depois com Jory, dizendo a ele para ser um bom menino até mamãe chegar em casa novamente.

O carro de Bart era elegante e preto, uma Mercedes. Ele ronronava exatamente como um dos carros de luxo elegantes de Julian, tão pesado que não chacoalhava ou retinia, agarrado firmemente às curvas das estradas da montanha.

– Onde você está me levando, Sr. Winslow?

– Para um lugar onde podemos conversar e ninguém vai nos ver ou ouvir. – Ele olhou para mim e sorriu. – Você vem estudando meu perfil há algum tempo. Qual a sua avaliação?

Uma onda de sangue aqueceu meu rosto. Saber que eu estava ruborizada me fez corar de novo, então me senti molhada. Minha

vida era cheia de homens bonitos, mas este era muito diferente de qualquer outro que eu já havia conhecido. Um tipo de homem bandido e lascivo que estava me enchendo de sinais de alarme – vá devagar com esse! Minha intuição me avisou enquanto estudava seu rosto e tomava notas. Tudo, seu terno bem cortado e caro, gritava que ele devia ser tão determinado quanto eu em conseguir o que queria, quando queria.

– Beeemm – estiquei a palavra para fazer uma paródia dele –, minha avaliação me diz para correr rápido e trancar a porta atrás de mim!

Perversamente, ele sorriu de novo, aparentemente satisfeito.

– Então, você me acha emocionante e um pouco perigoso. Bom. Ser bonito, mas tedioso, seria pior do que ser feio e charmoso, não é?

– Eu não saberia dizer. Se um homem é charmoso e inteligente o suficiente, frequentemente me esqueço de como ele realmente se parece e o acho bonito de qualquer maneira.

– Então você deve se contentar facilmente.

Desviei meus olhos e sentei-me, empertigada.

– Na verdade, Sr. Winslow...

– Bart.

– Na verdade, Bart, sou muito difícil de contentar. Tenho a tendência de colocar os homens em um pedestal e pensar que eles são perfeitos. Assim que descubro que eles têm pés de barro, o amor desaparece e eu me torno indiferente.

– Não há muitas mulheres que conheçam a si mesmas tão bem – ele ponderou. – A maioria anda por aí sem nunca saber o que há por baixo de sua fachada. Pelo menos eu sei o que sou: um símbolo sexual que não está em um pedestal.

Nããã! Eu nunca iria colocá-lo em um pedestal. Eu o conhecia pelo que ele era, um mulherengo, um caçador de saias, vento e fogo, o suficiente para levar uma esposa ciumenta à loucura! Certamente a minha mãe não havia comprado aquele manual de sexo para instruí-lo como, quando ou onde fazer! Ele saberia tudo. De repente, ele parou o carro e, então, virou-se para encontrar meu olhar. Mesmo na escuridão, o branco de seus olhos escuros

brilhavam. Viril demais, vibrante demais para um homem que deveria estar mostrando sinais de envelhecimento. Ele era oito anos mais jovem do que a minha mãe. Isso queria dizer que ele tinha 40 anos de idade, a época mais atraente de um homem, o seu momento mais vulnerável, o tempo de pensar que a juventude em breve estaria terminada. Ele teria que fazer suas novas conquistas agora, antes que o doce e fugaz pássaro da juventude tivesse voado para longe e levado com ele todas as jovens e bonitas garotas que poderiam ter sido suas. E ele devia estar cansado da mulher que ele conhecia tão bem, embora dissesse que a amava. Por que então estava com os olhos brilhando, desafiando-me? *Oh, mamãe, onde quer que esteja, você deveria estar de joelhos orando! Porque eu não vou lhe mostrar nenhuma misericórdia, não mais do que você nos mostrou!*

No entanto, enquanto eu ficava sentada lá, tentando entendê-lo, percebi que ele não era um homem calmo e capaz de autossacrifício, como Paul. Esse homem não precisaria ser seduzido. Ele mesmo faria isso, a seu tempo. Ele andaria como uma pantera negra, até que obtivesse o que queria, e então iria embora e me deixaria, e estaria tudo acabado. Ele não ia desistir de sua chance de herdar milhões e dos prazeres que milhões proporcionam por alguma amante ocasional que aparecesse em seu caminho. Luzes vermelhas estavam piscando atrás dos meus olhos... Vá com calma... Faça direito, pois há perigo de você fazer isso errado.

Enquanto eu o analisava, ele estava me analisando exatamente da mesma maneira. Será que eu o lembrava tanto de sua esposa que não haveria nenhuma diferença real? Ou minha semelhança com ela seria uma vantagem? Afinal, os homens não caíam sempre por um mesmo tipo de mulher?

– Bela noite – ele disse. – Essa é a minha estação favorita. O outono é muito apaixonante, ainda mais do que a primavera. Venha dar uma volta comigo, Cathy. Esse lugar me deixa com um humor melancólico estranho, como se eu tivesse que correr depressa para alcançar a melhor coisa na minha vida, que até agora sempre me escapou.

– Você parece poético – eu disse assim que saímos do carro e ele segurou minha mão.

Começamos a caminhar, com ele habilmente me guiando – dá pra acreditar nisso? – ao longo dos trilhos de uma estrada de ferro no campo! Parecia tão familiar. Ainda assim, não podia ser, podia? Não era a mesma estrada de ferro que tinha nos levado quando crianças para Foxworth Hall 15 anos atrás, quando eu tinha 12 anos!

– Bart, eu não sei quanto a você, mas tenho a estranhíssima sensação de que já andei por esse caminho com você, em alguma outra noite antes dessa.

– *Déjà vu* – ele disse. – Eu tenho a mesma sensação. Como se uma vez você e eu estivéssemos profundamente apaixonados, e tivéssemos andado através daquele bosque ali. Nós nos sentamos no banco verde ao lado dos trilhos do trem. Fui obrigado a trazê-la aqui, mesmo sem saber para onde eu estava indo.

Isso me forçou a olhar para seu rosto a fim de ver se ele estava falando sério. Considerando seu ar estupefato e ligeiramente desconfortável, acreditei que ele estava sendo, surpreendentemente, ele mesmo.

– Gosto de refletir sobre todas as coisas consideradas impossíveis ou implausíveis – eu disse. – Quero que tudo o que é impossível seja possível, e tudo que é implausível se reverta em realidade. Então, quando tudo é explicável, quero novos mistérios para me confrontar, para que eu sempre tenha algo inexplicável em que pensar.

– Você é uma romântica.

– Você não é?

– Não sei. Costumava ser quando era menino.

– O que o fez mudar?

– Você não pode permanecer um menino com noções românticas quando vai para a Faculdade de Direito e se depara com a dura realidade de assassinatos, estupros, roubos, corrupção. Você tem professores enfiando ideias dogmáticas na sua cabeça para expulsar o romance. Você começa a estudar Direito quando é doce e jovem e sai resistente e duro, e sabe a cada passo do caminho à sua frente que tem que lutar, e lutar muito, para ser bom. Logo você aprende que não é o melhor, e a competição é surpreendente.

Ele se virou para sorrir com um enorme charme insinuante.

– Entretanto, acho que você e eu temos muito em comum, Catherine Dahl. Eu também tinha essa necessidade do mistério, a necessidade de ser confundido, e a necessidade de ter alguém para adorar. Então, me apaixonei por uma herdeira de milhões, mas os milhões que ela queria herdar se colocaram em meu caminho. Eles me desanimaram e me assustaram. Eu sabia que todos iriam pensar que estava me casando com ela apenas pelo seu dinheiro. Acho que ela pensou isso também, até que a convenci do contrário. Eu me apaixonei por ela de verdade, antes de saber quem ela era. Na verdade, eu costumava pensar que ela era como você.

– Como você pode pensar isso? – perguntei, sentindo-me tensa por dentro ao ouvir suas revelações.

– Porque ela *era* como você, Cathy, por um tempo. Mas depois, ela herdou milhões, e em grandes orgias de consumo, ela comprava tudo o que seu coração desejava. Logo não havia mais nada a desejar, exceto um bebê. E ela não podia ter um. Você não pode imaginar o tempo que gastamos em frente a lojas que vendiam roupas, brinquedos e móveis infantis. Casei-me com ela sabendo que não poderia ter filhos e pensei que eu não me importava. Logo comecei a me importar demais. Essas lojas infantis exerciam um fascínio sobre mim também.

O tênue caminho que seguimos nos levou direto para o banco verde esticado entre duas das quatro vigas velhas e raquíticas que apoiavam um telhado de lata enferrujada. Lá nos sentamos, no ar frio da montanha, com a lua brilhando, as estrelas cintilando; insetos zumbiam, tal qual meu sangue cantava.

– Isso costumava ser uma estação de coleta e entrega de correspondência, Cathy. – Ele acendeu outro cigarro. – Os trens não correm mais por aqui. As pessoas ricas que vivem nas proximidades finalmente venceram sua petição contra a empresa que é dona da ferrovia e puseram fim aos trens que, de modo tão descortês, sopravam seus apitos à noite e perturbavam seu descanso. Eu gostava muito de ouvir o trem apitar à noite. Mas eu tinha apenas 27 anos, um recém-casado vivendo em Foxworth Hall. Eu me deitava em minha cama ao lado da minha esposa, com uma

cabeceira em forma de cisne, você acredita nisso? Ela dormia com a cabeça no meu ombro ou nós dormíamos de mãos dadas durante toda a noite. Ela tomava pílulas para dormir profundamente. Profundamente demais, pois ela nunca ouvia a linda música que vinha da cabeceira. Isso me intrigava, e quando eu lhe contei, ela me disse que era a minha imaginação. Então, um dia a música parou, e eu achei que ela estava certa, que era apenas a minha imaginação. Quando a música parou, senti falta dela. Ansiava por ouvi-la novamente. A música havia dado algum encantamento àquela velha casa seca. Eu costumava adormecer e sonhar com uma linda jovem que dançava lá em cima. Pensei que estava sonhando com a minha esposa quando ela era jovem. Ela me disse que, muitas vezes, como uma forma de punição, seus pais a mandavam para a sala de aula no sótão e forçavam-na a ficar lá o dia todo, mesmo no verão, quando a temperatura lá em cima deve chegar perto de 40 graus. E a enviavam para lá no inverno também; ela disse que era terrivelmente frio e seus dedos ficavam azuis. Ela me contou que passava o tempo todo agachada no chão, perto da janela, chorando por não estar fazendo algo divertido que seus pais consideraram perverso.

– Alguma vez você deu uma olhada no sótão?

– Não. Eu queria ir, mas as portas duplas no topo das escadas estavam sempre trancadas. E, além disso, todos os sótãos são iguais; quem viu um, viu todos. – Ele me deu um sorriso malicioso. – E agora que eu revelei tanto sobre mim, conte-me sobre você. Onde você nasceu? Onde estudou? O que fez você começar a dançar, e por que nunca foi a um daqueles bailes que os Foxworths dão na noite de Natal?

Eu suava, embora estivesse com frio.

– Por que eu deveria lhe contar algo sobre mim? Só porque você se sentou aí e revelou *um pouco* sobre você? Você não me disse nada de real importância. Onde *você* nasceu? O que fez *você* decidir se tornar um advogado? Como você conheceu sua esposa? Foi no verão, no inverno, em que ano? Você sabia que ela havia sido casada antes, ou ela só te contou depois que já estavam casados?

– Você é uma coisinha enxerida, não é? Que diferença faz onde *eu* nasci? Não tive uma vida emocionante como a sua. Nasci na pequena cidade chamada Greenglenna, na Carolina do Sul. A Guerra Civil encerrou os dias prósperos de meus antepassados, e nós ficamos cada vez mais pobres, como todos os amigos da família. Mas é uma velha história, contada muitas vezes. Então eu me casei com uma senhora Foxworth e a prosperidade voltou a reinar no sul. Minha esposa pegou a casa dos meus ancestrais e praticamente a reconstruiu e remodelou, e gastou mais dinheiro do que se tivesse comprado uma casa nova. E o que eu estava fazendo durante tudo isso? Um aluno formado em Harvard com honras passeando ao redor do mundo com sua esposa. Não tenho feito muita coisa com o meu diploma; eu me tornei uma borboleta social. Tive alguns casos no tribunal e a ajudei com suas dificuldades. E, por falar nisso, você nunca pagou os honorários que eu tinha em mente.

– Eu enviei um cheque de 200 dólares! – retruquei com veemência. – Se isso não for o suficiente, por favor, não me diga agora; não tenho mais 200 para te dar.

– Eu mencionei dinheiro? Dinheiro significa pouco para mim, agora que tenho muito dele à minha disposição. Em seu caso em especial, eu tinha outro tipo de honorário em mente.

– Ah, pare com isso, Bart Winslow! Você me trouxe para dar um passeio no campo. Agora quer fazer amor na grama? Será que a sua ambição de vida é fazer amor com uma ex-bailarina? Eu não distribuo sexo por aí e não pago minhas contas dessa maneira. E o que há de tão atraente assim em você, um cãozinho de colo para uma mulher rica, mimada e adulada, que pode comprar qualquer coisa que ela queira, inclusive um marido muito mais jovem? Ora, é surpreendente que ela não tenha colocado um anel em seu nariz para levá-lo por aí e fazer você sentar e implorar!

Ele me agarrou então, de forma dura e implacável, pressionando os lábios sobre os meus com uma selvageria que machucou! Eu lutei contra ele usando meus punhos, batendo em seus braços enquanto tentava virar a cabeça por baixo da dele, mas para onde quer que eu a virasse, direita ou esquerda, para cima ou para baixo, ele continuava a me beijar, exigindo que meus lábios se separassem e

cedessem à sua língua! Então, percebendo que eu não podia escapar dos braços de aço que me prendiam e moldavam meu corpo contra o dele, contra a minha vontade, meus braços se enrolaram ao redor de seu pescoço. Meus dedos indisciplinados me traíram e se enroscaram em seus cabelos escuros e espessos, e aquele beijo durou, durou e durou, até que nós dois estávamos excitados e ofegantes – e então ele me empurrou para longe dele de forma tão cruel que eu quase caí do banco.

– Bem, pequena senhorita Muffet,¹ de que tipo de cãozinho de colo você vai me chamar agora? Ou você é a Chapeuzinho Vermelho que acaba de conhecer o lobo?

– Leve-me para casa!

– Vou levá-la para casa, mas antes vou aproveitar um pouco mais do que você acabou de me dar.

Ele se virou novamente para me agarrar, mas eu já estava de pé e correndo, correndo para seu carro, correndo para pegar a minha bolsa, de maneira que, quando ele chegou lá, eu segurava minha tesourinha de manicure, pronta para apunhalar.

Ele sorriu, estendeu a mão e a arrancou de mim.

– Isso aí resultaria em um arranhão desagradável – ele zombou.
– Mas não gosto de arranhões, exceto nas minhas costas. Quando eu a deixar em casa, você pode ter a sua pequena tesoura de cinco centímetros de volta.

Na frente da minha casa, ele me entregou a tesoura.

– Agora, faça o pior que puder. Fure meus olhos; me apunhale no coração... Você poderia muito bem. Seu beijo começou isso, mas eu ainda exijo meu pagamento total.

1 Referência a um poema infantil, que diz que a Srta. Muffet ficou assustada com uma aranha que estava sentada ao seu lado e então fugiu. (N.T.)

TIGRE PELA CAUDA



Logo cedo na manhã de domingo, alguns dias depois, eu estava fazendo meu aquecimento na barra do meu quarto. Meu pequeno filho estava seriamente tentando fazer a mesma coisa que eu. Era doce vê-lo no espelho que eu havia mudado da cômoda para a barra.

– Eu estou dançando? – perguntou Jory.

– Sim, Jory. *Você está dançando!*

– Eu sou bom?

– Sim, Jory. *Você é maravilhoso!*

Ele riu, abraçou minhas pernas e olhou para meu rosto com aquela adoração extática que somente os muito jovens podem expressar – toda a maravilha de estar vivo estava em seus olhos, toda a maravilha de aprender algo novo a cada dia.

– Eu te amo, mamãe! – Era algo que dizíamos um ao outro uma dúzia de vezes ou mais por dia. – Mary tem um papai. Porque eu não tenho um papai?

Isso realmente doeu.

– Você teve um papai, Jory, mas ele foi para o céu. E talvez um dia mamãe encontre um novo papai para você.

Ele sorriu, satisfeito. Papais eram importantes em seu mundo, pois todas as crianças na escola maternal tinham um... Todas, exceto Jory.

Só então ouvi a porta da frente bater. Uma voz familiar chamou meu nome. Chris! Ele caminhou através da pequena casa enquanto eu corria em sua direção usando minha meia-calça azul, *collant* e sapatilhas de ponta. Nossos olhos se encontraram e olhamos fixamente um para outro.

Sem dizer uma palavra, ele estendeu os braços e eu corri sem hesitar para eles, e embora ele tenha buscado meus lábios para beijar, encontrou apenas a minha face. Jory estava puxando suas calças de flanela cinza, ansioso para ser levantado por braços fortes, viris.

– Como está o meu Jory? – Chris perguntou depois de beijar as duas bochechas rosadas, redondas. Os olhos do meu filho ficaram enormes enquanto olhavam para ele.

– Tio Chris, você é meu papai?

– Não – ele disse com a voz rouca, colocando Jory novamente no chão sobre os pequenos pés –, mas tenho certeza de que gostaria de ter um filho como você.

Isso fez com que eu me mexesse desconfortavelmente para que ele não pudesse ver meus olhos, e então eu perguntei o que ele estava fazendo ali, quando devia estar atendendo seus pacientes.

– Consegui o fim de semana de folga, então pensei em passá-lo com você; isto é, se você deixar.

Balancei a cabeça fracamente, pensando em alguém que provavelmente viria nesse fim de semana.

– Fui um residente tão bom que fui recompensado e ganhei um fim de semana sem plantão. – Ele me deu um dos seus sorrisos mais adoráveis.

– Você tem tido notícias de Paul? – perguntei. – Ele não vem tão frequentemente quanto costumava fazer, e não tem escrito muito.

– Está em outra convenção médica. Pensei que ele sempre mantinha contato com você.

Ele colocou um pouco de ênfase sobre o “você”.

– Chris, estou preocupada com Paul. É raro ele não responder a todas as cartas que escrevo.

Ele riu e caiu sentado em uma cadeira, então se levantou e pôs Jory em seu colo.

– Talvez, querida irmã, você tenha finalmente encontrado um homem que deixou de te amar.

Agora eu não sabia o que dizer ou o que fazer com minhas pernas e mãos. Sentei-me e olhei para o chão, sentindo o olhar longo e firme de Chris tentando ler minhas intenções. Assim que pensei isso, ele me perguntou:

– Cathy, o que você está fazendo aqui nas montanhas? O que está planejando? É o seu plano para tirar Bart Winslow de nossa mãe?

Ergui a cabeça. Olhei para os seus olhos azuis que se estreitavam e senti o calor que surgiu do meu coração.

– Não me questione como se eu fosse uma criança de dez anos de idade sem cérebro. Eu faço o que tenho que fazer, exatamente como você.

– Claro que você faz. Eu não preciso perguntar, eu sei. E não preciso ter uma bola de cristal para te entender. Conheço suas motivações e como os seus pensamentos funcionam, mas deixe Bart Winslow em paz! Ele nunca vai deixá-la para ficar com você! Ela tem milhões, e tudo o que você tem é sua juventude. Há milhares de mulheres mais jovens que ele pode escolher; por que ele escolheria você?

Eu não disse nada, apenas enfrentei seu olhar carrancudo com meu próprio sorriso confiante, fazendo-o corar e virar o rosto. Senti-me malvada, cruel e envergonhada.

– Chris, não vamos discutir. Vamos ser amigos e aliados. Você e eu somos tudo o que sobrou de quatro crianças.

Seus olhos azuis se suavizaram enquanto ele me estudava.

– Eu estava apenas tentando, como sempre. – Ele olhou ao redor, e então de volta para mim. – Divido um quarto com outro residente no hospital. Seria bom se eu pudesse viver aqui com você e Jory. Seria como as coisas costumavam ser, somente nós.

O que ele disse me fez enrijecer.

– Seria um longo caminho para dirigir todas as manhãs, e você não poderia ficar de plantão à distância.

Ele suspirou.

– Eu sei, mas e nos fins de semana? A cada 15 dias eu tenho folga. Isso iria lhe incomodar muito?

– Sim, iria me incomodar muito. Eu tenho uma vida própria, Christopher.

Eu o vi morder o lábio inferior antes que forçasse um sorriso.

– Ok, faça como quiser... Faça o que deve ser feito, e peço a Deus que você não se arrependa.

– Por favor, pode mudar de assunto? – eu sorri, fui até ele e o abracei. – Seja bom. Me aceite como eu sou, obstinada como Carrie. Agora, o que você gostaria de comer no almoço?

– Eu não tomei café da manhã ainda.

– Então vamos comer um *brunch*, e isso servirá por duas refeições.

A partir de então o dia correu rapidamente. No domingo de manhã, ele veio para a mesa pronto para comer o omelete de queijo que adorava. Jory, graças a Deus, comia qualquer coisa. Apesar de mim, pensei em Chris como um pai para Jory. Parecia tão certo tê-lo à mesa, como costumava ser... Ele e eu brincando de ser pais. Fazendo o melhor que podíamos, tudo o que podíamos, e nós mesmos éramos crianças então.

Caminhamos pelos bosques depois do almoço, usando todas as trilhas que eu seguia quando corria. Jory foi montado no ombro de Chris. Olhamos para o mundo que rodeava Foxworth Hall, todos os lugares que não tínhamos sido capazes de ver quando estávamos no telhado ou trancados no sótão. Juntos, nos levantamos e olhamos para aquela enorme mansão.

– Mãe está aí? – ele perguntou com a voz rouca e tensa.

– Não. Ouvei dizer que ela está no Texas, em um desses *spas* de beleza para mulheres muito ricas, tentando perder oito quilos extras.

Alerta, ele girou a cabeça.

– Quem lhe disse isso?

– Quem você acha?

Ele balançou a cabeça violentamente, em seguida, levantou Jory para colocá-lo no chão.

– Maldita seja você, Cathy, por andar brincando com ele! Eu já o vi. Ele é perigoso, deixe-o em paz. Volte para Paul e case-se com

ele, se você precisa de um homem em sua vida. Deixe que a nossa mãe viva a vida dela em paz. Você não acredita, por um momento, que ela sofre? Você acha que ela pode ser feliz sabendo o que fez? Todo o dinheiro do mundo não pode lhe dar de volta o que ela perdeu: *nós*! Deixe que isso seja vingança suficiente.

– Não é o suficiente. Eu quero confrontá-la na frente de Bart com a verdade. E você pode ficar aí cem anos, se ajoelhar e implorar até que a sua língua caia... Eu ainda assim irei em frente e farei o que devo fazer!

Enquanto Chris ficou comigo, ele dormiu no quarto que tinha sido de Carrie. Nós falávamos muito pouco, embora seus olhos seguissem cada movimento meu. Ele parecia esgotado, perdido... e, acima de tudo, magoado. Eu queria lhe dizer que, quando terminasse o que tinha de fazer, voltaria para Paul e viveria uma vida segura com ele, e Jory teria o pai de que precisava, mas não disse nada.

As noites eram frias nas montanhas, mesmo em setembro, quando os dias ainda eram quentes. Lá no sótão estaríamos quase derretendo com o calor sufocante, e eu acho que ambos estávamos pensando nisso quando nos sentamos em frente ao fogo de toras da lareira na noite anterior à partida de Chris. Meu filho já estava na cama há horas quando me levantei, bocejei, estiquei meus braços e olhei para o relógio sobre a lareira, marcando 11 horas.

– Está na hora de dormir, Chris. Especialmente você, que tem que se levantar amanhã tão cedo.

Ele me seguiu até o quarto de Jory sem falar nada e, juntos, olhamos para ele, dormindo de lado, seus cachos escuros e úmidos e seu rosto corado. Em seus braços ele abraçava um pônei fofo de pelúcia, muito parecido com o de verdade que ele disse que precisava ter quando fizesse quatro anos.

– Quando ele está dormindo, se parece mais com você do que com Julian – sussurrou Chris.

Paul tinha dito a mesma coisa.

– Boa noite, boneco Christopher – eu disse, quando paramos ao lado da porta do quarto de Carrie. – Durma bem, não deixe que os percevejos o mordam.

O que eu disse fez o seu rosto se contorcer de dor. Ele se virou para longe de mim, abriu a porta do quarto de Carrie e então se virou de volta para me encarar.

– Era assim que costumávamos nos dar boa-noite quando dormíamos no mesmo quarto – ele disse, então se virou e fechou a porta atrás dele.

Chris tinha ido embora quando me levantei às sete horas. Eu chorei um pouco. Jory olhou para mim com os olhos surpresos, arregalados.

– Mamãe...? – ele perguntou com medo.

– Está tudo bem. Mamãe apenas sente saudades do tio Chris. E a mamãe não vai trabalhar hoje. – Não, por que eu deveria? Apenas três alunas viriam e eu podia ensiná-las amanhã, quando a classe estivesse completa.

Meus planos estavam se movendo muito lentamente. Para acelerá-los, pedi a Emma para vir e ficar com Jory enquanto eu corria pelos bosques.

– Não ficarei fora mais de uma hora. Deixe-o brincar até a hora do almoço, e então eu estarei de volta.

Vestida com uma roupa de corrida azul brilhante com debrum branco, fui em direção às trilhas de terra. Dessa vez peguei uma bifurcação à direita que eu nunca havia tentado antes e entrei em uma floresta de pinheiros mais densa. A trilha era apagada e torta, então eu tinha que prestar atenção no chão, onde raízes de árvores poderiam me fazer tropeçar e cair. As árvores da montanha que cresciam entre os pinheiros eram uma chama brilhante de cores de outono, como fogo contra o verde-esmeralda dos pinheiros, abetos e espruces. E era, como eu dissera a mim mesma há muito tempo, o último caso de amor apaixonado do ano antes que ele envelhecesse e morresse por causa da mordida gelada do inverno.

Alguém estava correndo atrás de mim. Não me virei para olhar. O estalo crocante das folhas mortas agradava meus ouvidos, então eu corri mais rápido, mais rápido, deixando o vento soprar em meus cabelos soltos, enquanto deixava a beleza do dia levar embora minha tristeza, remorso, vergonha e culpa e transformá-los em sombras transparentes que não apareciam ao sol.

– Cathy, vá mais devagar! – a voz forte de um homem falou. – Você corre muito rápido!

Era Bart Winslow, claro. Como tinha de ser, mais cedo ou mais tarde. O destino não poderia me despistar para sempre, e minha mãe não podia ganhar para sempre. Dei um olhar sobre o meu ombro, sorrindo ao vê-lo ofegante, enquanto corria em seu elegante traje de corrida cor de açúcar de bordo, debruado com bandas de malha laranja e amarela nos punhos, pescoço e cós. Duas linhas verticais em amarelo e laranja corriam pelas laterais das calças soltas. Exatamente o que um corredor local deve usar quando vai à caça.

– Olá, Sr. Winslow – respondi enquanto acelerava o ritmo. – Um homem que não consegue alcançar uma mulher *não é realmente um homem!*

Ele aceitou o desafio e imprimiu mais velocidade à corrida com suas pernas longas, e eu realmente tive que me esforçar para me manter à frente! Voei, meu cabelo comprido flutuando como uma bandeira atrás. Os esquilos que estavam procurando nozes no solo tiveram que correr para sair do meu caminho. Eu ri com o poder que sentia, então joguei os braços para cima e fiz uma pirueta, sentindo que estava no palco dançando o melhor papel da minha vida. De repente, sem aviso nenhum, uma raiz de árvore nodosa enroscou-se embaixo do meu tênis sujo e eu caí de cara no chão.

Felizmente, as folhas mortas suavizaram a minha queda.

Num piscar de olhos, eu estava em pé e correndo novamente, mas minha queda deu a Bart a oportunidade de chegar mais perto. Ofegando e bufando, indicando claramente que não tinha a mesma resistência que eu, apesar da vantagem de suas pernas mais longas, ele gritou de novo:

– Pare de correr, Cathy! Tenha piedade! Isso está me matando! Há outras maneiras para eu provar a minha masculinidade!

Eu não tive misericórdia! Era “pegue-me se for capaz”, ou então eu não seria conquistada. Gritei isso de volta para ele e corri, agradecendo por minhas pernas fortes de dançarina, meus músculos flexíveis e longos e tudo o que o treinamento do balé havia feito para me transformar em um raio de luz azul.

Assim que esse pensamento vaidoso sobre o raio aflorou à minha mente, meu estúpido joelho de repente cedeu e eu caí novamente, com o meu rosto nas folhas mortas. E dessa vez eu me machuquei, realmente me machuquei. E se tivesse quebrado um osso? Torcido o tornozelo, rompido um ligamento – de novo?

Em alguns momentos, Bart estava ao meu lado, de joelhos, virando-me de lado para que pudesse ver meu rosto antes de perguntar, com uma boa dose de preocupação:

– Você está ferida? Você parece tão pálida... O que está doendo?

Eu queria dizer que obviamente estava bem, pois dançarinos sabiam como cair, exceto quando eles não sabiam que iriam cair – e por que o meu joelho estava doendo tanto assim? Fiquei olhando para meu joelho, sentindo-me traída por ele, que sempre era o único a me causar problemas e me machucar de diversas maneiras.

– Foi o meu joelho estúpido. Se eu bater o cotovelo na porta do chuveiro, meu joelho direito dói. Quando tenho uma dor de cabeça, meu joelho dói junto para fazer-lhe companhia. Uma vez fui ao dentista, e ele foi descuidado o suficiente para deixar o motorzinho deslizar e cortar minha gengiva, e meu joelho direito se ergueu e o chutou direto no estômago.

– Você está brincando.

– Estou falando sério. Você não tem alguma coisa de peculiar na sua composição física?

– Nada sobre a qual vou falar. – Ele sorriu e o diabo fez seus olhos escuros faiscarem, então ele me ajudou a me levantar e examinou meu joelho como se soubesse o que estava fazendo. – Parece ser um joelho bom e funcional, para mim.

– Como você saberia?

– Meus joelhos são funcionalmente bons, então conheço um quando o sinto. Mas se eu pudesse ver o joelho, poderia dizer mais a respeito.

– Vá para casa e examine o joelho funcional de sua esposa.

– Por que você está sendo tão detestável comigo? – ele estreitou os olhos. – Aqui estou eu, feliz em vê-la novamente, e você age de forma tão antagônica!

– A dor sempre me deixa antagônica. Você é diferente?

– Eu sou doce e humilde quando estou sofrendo, o que não é frequente. Você consegue mais atenção dessa forma, e lembre-se, foi você que lançou o desafio, não eu.

– Você não tinha que aceitá-lo. Poderia ter seguido seu caminho alegremente e me deixado seguir o meu.

– Agora nós estamos discutindo – ele disse, desapontado. – Você quer brigar quando eu quero ser amigável. Seja boa para mim. Diga que está feliz em me ver. Diga-me como estou muito mais bonito desde a última vez em que me viu, e como você me acha excitante. Mesmo que eu não corra como o vento, tenho minha própria sacola de truques.

– Aposto que tem.

– Minha esposa ainda está no spa e tenho estado sozinho por longos, longos meses, entediado até a morte, vivendo com uma velha senhora que não pode falar e não pode andar, mas consegue fazer cara feia cada vez que me vê. Uma noite eu estava sentado diante do fogo, desejando que alguém por aqui cometesse um assassinato, pois então eu teria um caso interessante, para variar. É tremendamente frustrante ser um advogado e estar cercado somente por pessoas normais e felizes, sem emoções suprimidas que entrem em erupção de repente.

– Parabéns, Bart! Bem aqui à sua frente está alguém cheio de ressentimento agressivo e malévolo, de rancor odioso, buscando vingança que vai entrar em erupção! Você pode contar com isso!

Ele pensou que eu estava brincando, num jogo de gato e rato, de homem e mulher, e de bom grado aceitou o desafio também, sem suspeitar do meu verdadeiro propósito. Ele me olhou

detalhadamente, despindo minha roupa de corrida safira com os olhos sensuais de um homem faminto pelo que eu poderia lhe dar.

– Por que você veio morar aqui nas montanhas perto de mim?

Eu ri.

– Você é arrogante, não? Eu vim comprar uma escola de dança.

– Claro que você veio... Há Nova York e sua cidade natal, seja lá qual for, e você vem para cá... para desfrutar dos esportes de inverno também? – Seus olhos insinuaram o tipo de esporte de inverno em recinto fechado que ele tinha em mente, caso eu não soubesse.

– Sim, eu gosto de todos os tipos de esportes, internos e externos – disse eu, inocentemente.

Confiantemente, ele riu, concluindo, como todos os homens vaidosos fazem, que ele já havia marcado um ponto no único jogo íntimo que um homem realmente queria jogar com mulheres.

– Aquela velha senhora que não pode falar, ela consegue se locomover? – perguntei.

– Um pouco. Ela é a mãe da minha esposa. Ela fala, mas as palavras saem confusas e incompreensíveis para qualquer um, exceto a minha mulher.

– Você a deixa lá sozinha? É seguro?

– Ela não está sozinha. Há uma enfermeira particular de plantão lá com ela o tempo todo, e uma equipe de funcionários.

Ele franziu a testa, como se não gostasse de minhas perguntas, mas eu persisti.

– Por que ficar lá, então, por que não sair e se divertir enquanto o gato está fora?

– Você tem um pouco de megera em você. Embora eu nunca tenha me importado muito com minha sogra, do jeito que ela está agora eu sinto muito por ela. E sendo a natureza humana o que é, não confio em empregados para cuidar adequadamente dela sem um membro da família em casa para manter o controle sobre o que está sendo feito para mantê-la confortável. Ela é incapaz e não pode se levantar de uma cadeira sem assistência, ou sair da cama, a menos que seja levantada. Assim, até que minha esposa esteja em

casa novamente, sou responsável por garantir que a Sra. Malcolm Foxworth não seja abusada, negligenciada ou roubada.

Uma imensa curiosidade tomou conta de mim, então. Eu queria saber o primeiro nome dela, porque nunca o tinha ouvido antes.

– Você a chama de Sra. Foxworth?

Ele não entendia o meu interesse por uma senhora de idade, e tentou desviar a conversa para outro lugar, mas eu insisti.

– Olivia, é assim que eu a chamo! – ele disse brevemente. – Quando eu era recém-casado, tentava não falar com ela de modo algum, para tentar esquecer que ela existia. Agora eu a chamo pelo primeiro nome; acho que isso a agrada, mas não posso ter certeza. O rosto dela é de pedra, fixo em uma expressão, congelado.

Eu podia imaginá-la, imóvel, exceto pelos seus olhos cinza de pedra. Ele havia me dito o bastante. Agora eu poderia fazer meus planos – assim que descobrisse mais uma pequena coisa.

– Sua esposa, quando ela volta?

– Por que você deveria saber?

– Eu também fico solitária, Bart. Só tenho o meu filho pequeno depois que Emma, sua babá, vai para casa. Então... pensei que numa noite dessas você gostaria de jantar conosco.

– Irei hoje à noite – disse ele imediatamente, seus olhos escuros brilhando.

– Nossa programação gira em torno de meu filho. Nós comemos às cinco e meia no verão, mas agora que os dias estão mais curtos, a hora do jantar é às cinco.

– Ótimo. Dê a janta para ele às cinco e coloque-o na cama. Estarei lá às sete e meia para os coquetéis. Após o jantar, podemos nos conhecer melhor.

Ele enfrentou meu olhar inquisidor com grave intensidade, como um advogado apropriado deve fazer. Então, por causa desse olhar que sustentamos por muito tempo, nós dois caímos na gargalhada.

– E incidentalmente, Sr. Winslow, se você atravessar o bosque que fica atrás de sua casa, você chegará até a minha e ninguém vai vê-lo, a menos, é claro, que faça um grande show para mostrar que está chegando.

Ele colocou a palma da mão para cima e balançou a cabeça, como se fôssemos parte de uma conspiração.

– Discrição é a senha, senhorita Dahl.

A ARANHA E A MOSCA



Exatamente às sete e meia a campainha soou, pressionada por um dedo impaciente, fazendo com que eu me apressasse para que ela não acordasse Jory, que não tinha gostado de ser colocado na cama tão cedo.

Se eu havia me esforçado para que minha aparência fosse a melhor possível, Bart também tinha. Ele entrou como se já fosse dono do lugar e de mim. Deixou para trás um rastro de loção de barbear que cheirava como uma floresta de pinheiros, e cada fio de cabelo na sua cabeça estava cuidadosamente no lugar, o que me fez pensar se ele tinha uma parte calva – o que eu descobriria por mim mesma, mais cedo ou mais tarde. Peguei seu casaco e pendurei-o no armário do corredor, então fui até o bar, onde me ocupei enquanto ele se sentava em frente à lareira, na qual um fogo crepitava (nada tinha sido esquecido; eu tinha até mesmo música suave tocando). A essa altura, eu sabia o suficiente sobre os homens e as maneiras de agradá-los. Não havia um homem vivo que não ficasse encantado com uma linda mulher correndo para lá e para cá, ansiosa para servi-lo e deleitá-lo com vinho e jantar.

- Diga qual é sua fraqueza, Bart.
- Uísque.
- Com gelo?
- Puro.

Ele observava cada movimento meu, que era deliberadamente gracioso e ágil. Então, virando as costas, misturei uma bebida com frutas para mim, colocando um pouco de vodca. E com os dois pequenos cálices sobre uma bandeja de prata, sedutoramente caminhei em sua direção, inclinando-me para lhe dar uma visão atraente de meu busto sem sutiã. Sentei-me em frente a ele e cruzei as pernas para permitir que a longa fenda do meu vestido cor-de-rosa se abrisse e mostrasse minha perna, das sandálias prateadas até o meio do quadril. Ele não conseguia tirar os olhos dela.

– Desculpe pelo cálice – eu disse suavemente, bastante satisfeita com a expressão dele –, eu não tenho espaço nessa casa para desempacotar tudo o que possuo. A maioria dos meus cristais está no depósito, e eu tenho aqui apenas taças de vinho e copos de água.

– Uísque é uísque, não importa como ele é servido. E que diabos é isso que você está tomando?

Nesse momento, vi que ele desviara o olhar novamente para o decote generoso em V do meu vestido.

– Bem, você pega suco de laranja espremido na hora, um pouquinho de suco de limão também, uma pitada de vodca, um pouco de óleo de coco, e joga uma cereja depois. Eu o chamo de “Deleite de uma Donzela”.

Depois de alguns minutos de conversa, fomos até a mesa de jantar, não muito longe da lareira, para comer à luz de velas. De vez em quando ele deixava cair o garfo, ou a colher, ou eu deixava, e nós dois tentávamos pegar o talher, e então ríamos para ver quem era o mais rápido. Eu era mais rápida, o tempo todo. Ele estava distraído demais para achar um garfo ou colher desaparecidos quando um decote se abria tão gentilmente.

– Esse frango está delicioso – ele disse, depois de devorar cinco horas de trabalho duro em cerca de dez minutos. – Geralmente não gosto de frango. Onde você aprendeu a preparar esse prato?

Eu disse a ele a verdade.

– Uma bailarina russa me ensinou. Ela estava em turnê por aqui, e nós gostamos uma da outra. Ela e seu marido se hospedaram comigo e com Julian, e nós cozinhávamos juntas sempre que não

estávamos dançando, fazendo compras ou passeando. Eram necessários quatro frangos para alimentar quatro pessoas. Agora você sabe a verdade desagradável sobre dançarinos; quando se trata de comer, não são nada delicados. Isso é, depois de uma apresentação. Antes dela, temos que comer comidas leves.

Ele sorriu e se inclinou sobre a pequena mesa de armar. A luz das velas estava em seus olhos, fazendo-os brilhar diabolicamente.

– Cathy, diga-me, sinceramente, por que você veio viver nessa cidade caipira e por que você decidiu em seu coração ter-me como amante.

– Você se autolisonjeia – eu disse, da maneira mais distante possível, pensando que estava sendo muito bem-sucedida em parecer calma externamente, enquanto por dentro eu era uma teia de emoções conflitantes. Era quase como se eu tivesse medo do palco e estivesse nas coxias esperando para entrar em cena. E esse era o desempenho mais importante da minha vida.

Então, quase que magicamente, senti como se *estivesse* no palco. Eu não precisava pensar em como agir ou o que dizer para encantá-lo e torná-lo meu para sempre. O roteiro tinha sido escrito há muito tempo atrás, quando eu tinha 15 anos e estava trancada no sótão. *Sim, mamãe, está na hora do primeiro ato.* Habilmente escrito por alguém que o conhecia bem por todas as respostas às suas muitas perguntas. Como eu poderia falhar?

Depois do jantar, desafiei Bart para um jogo de xadrez, e ele aceitou. Corri para trazer o tabuleiro de xadrez assim que a mesa estava limpa e os pratos empilhados na pia. Começamos a montar os dois exércitos de guerreiros medievais.

– Exatamente o que eu vim fazer – ele disse, me lançando um olhar duro –, jogar xadrez! Tomei banho, fiz a barba e vesti o meu melhor terno para que eu pudesse jogar xadrez! – Então ele sorriu, devastadoramente cativante. – Se eu ganhar, qual a recompensa?

– Um segundo jogo.

– Quando eu ganhar o segundo jogo, qual a recompensa?

– Se você ganhar dois jogos, vem o desempate. E não fique sentado aí sorrindo para mim tão presunçosamente. Eu fui ensinada a jogar por um mestre.

Chris, é claro.

– *Depois* que eu ganhar o desempate, qual a recompensa? – ele insistiu.

– Você pode ir para casa e dormir muito satisfeito consigo mesmo.

De maneira muito deliberada, ele pegou o tabuleiro com suas peças de xadrez de marfim esculpidas à mão e colocou-o no topo da geladeira. Ele pegou minha mão e me puxou para a sala de estar.

– Coloque a música para tocar, bailarina – ele disse suavemente –, e vamos dançar. Nada de passos extravagantes, apenas algo fácil e romântico.

Música popular eu podia ouvir apenas no rádio do carro para animar uma viagem longa e solitária, mas quando se tratava de gastar meu dinheiro com discos, eu comprava música clássica ou balé. No entanto, hoje eu tinha feito uma compra especial de “A noite foi feita para o amor”. E, enquanto nós dançávamos na penumbra da sala de estar com apenas a luz do fogo para nos iluminar, me lembrei do sótão seco e poeirento e de Chris.

– Por que você está chorando, Cathy? – ele me perguntou suavemente, então virou minha cabeça, de modo que seu rosto ficou manchado por minhas lágrimas.

– Eu não sei – solucei. E eu não sabia...

– É claro que você sabe – ele disse, esfregando sua face macia contra a minha enquanto continuávamos a dançar. – Você é uma combinação intrigante, meio criança, meio sedutora, meio anjo.

Eu ri, um riso curto e amargo.

– Isso é o que todos os homens gostam de pensar sobre as mulheres. Garotinhas de quem eles precisam cuidar, quando eu sei que é um fato que o macho é mais menino do que homem.

– Então diga olá para o primeiro homem adulto em sua vida.

– Você não é o primeiro homem arrogante e teimoso em minha vida!

– Mas serei o último. O mais importante deles, um que você nunca vai esquecer.

Oh! Por que ele tinha que dizer isso? Chris estava certo. Eu tinha dado um passo maior que as pernas com esse aqui.

– Cathy, você realmente acha que poderia chantagear a minha esposa?

– Não, mas eu tentei. Sou uma tola. Eu espero demais, então fico com raiva porque nada funciona do jeito que quero. Quando eu era jovem e cheia de esperanças e aspirações, eu não sabia que iria me machucar com tanta frequência. Acho que estou mais calejada e que não vai doer de novo, então minha concha frágil se estilhaça e de novo, simbolicamente, o meu sangue é derramado com as lágrimas que derramei. Eu me levanto novamente, vou em frente, convenço-me de que há uma razão para tudo, que em algum momento da minha vida será revelada. E quando tenho o que quero, peço a Deus que permaneça comigo por tempo suficiente para que eu saiba que me pertence, e que não me magoe quando for embora, porque eu não espero que fique, não agora. Sinto-me como se tivesse um grande buraco, e constantemente saio por aí procurando a peça que falta, e assim continua, nunca terminando, apenas começando...

– Você não está sendo honesta consigo mesma – disse Bart suavemente. – Você sabe melhor do que ninguém que peça é essa que falta, ou eu não estaria aqui.

Sua voz era tão baixa e sedutora que coloquei minha cabeça no seu ombro enquanto dançávamos.

– Você está errado, Bart, eu não sei por que você está aqui. Eu não sei como preencher os meus dias. Quando estou dando aula e quando estou com o meu filho, então eu estou viva, mas quando ele está na cama e estou sozinha, não sei o que fazer comigo mesma. Sei que Jory precisa de um pai, e quando penso no pai dele, percebo que sempre consegui fazer a coisa errada. Tenho lido as críticas que elogiam o potencial que eu tinha... Mas na minha vida pessoal, eu cometi apenas erros, então o que realizei profissionalmente não importa, afinal. – Parei de mover meus pés e funguei, e então, tentei esconder o rosto, mas ele o inclinou para cima, secou minhas lágrimas e segurou o lenço para que eu assoasse meu nariz.

Em seguida, veio o silêncio. Um longo, longo silêncio. Nossos olhos se encontraram e se fixaram um no outro e meu coração começou a bater mais rápido.

– Seus problemas são todos muito simples, Cathy – ele começou.
– Tudo o que você precisa é de alguém como eu, que precisa de alguém como você. Se Jory precisa de um pai, então eu preciso de um filho. Vê como todas as questões complicadas são resolvidas de um jeito simples?

De um jeito simples demais, eu pensei, quando ele tinha uma esposa e eu era perspicaz e cínica o suficiente para saber que ele simplesmente não poderia cuidar de mim o suficiente.

– Você tem uma esposa que *você ama* – eu disse amargamente. Empurrei-o para longe. Não o queria tão fácil assim, mas só depois de uma luta longa e difícil contra a minha mãe, e ela não estava aqui para saber.

– Os homens mentem também – ele disse sem rodeios, com um pouco do entusiasmo tendo desaparecido de seus olhos. – Eu tenho uma esposa e, ocasionalmente, dormimos juntos, mas o fogo se apagou. Eu não a conheço. Acho que ninguém a conhece. Ela é um poço de segredos, muito fundo, e não vai me deixar entrar. Isso acontece há tanto tempo que eu não me importo de ser deixado de fora agora. Ela pode guardar seus segredos e suas lágrimas, e compensar suas ansiedades com comida e o que quer que seja que a faz acordar à noite para olhar aquele maldito álbum azul! Agora ela está acima do peso e escreveu que fez uma cirurgia plástica no rosto, e que não vou reconhecê-la quando ela voltar. Como se eu já a tivesse conhecido de verdade!

Entrei em pânico por dentro – ele tinha que se importar! Como eu poderia destruir um casamento que já estava aos pedaços? Eu precisava sentir que havia conseguido fazer isso contra possibilidades esmagadoras!

– Vá para casa! – eu disse, empurrando-o. – Saia da minha casa! Eu não o conheço bem o suficiente para sequer ouvir os seus problemas, e não acredito em você. Eu não confio em você!

Ele riu, zombando de mim, excitado pelos meus insignificantes esforços para afastá-lo. Sua libido tinha sido acirrada... Seus olhos se inflamaram quando ele agarrou meus braços e puxou-me com força.

– Agora *você* pare com isso! Olhe como você está vestida. Você me trouxe aqui por uma razão. Então aqui estou eu, pronto para ser

seduzido. Você me seduziu na primeira vez em que te vi, e com os diabos, parece que eu a conheço há muito mais tempo do que realmente conheço. Ninguém faz esse tipo de jogo comigo e volta atrás. Você ganha ou eu ganho, mas se formos para a cama juntos, podemos acordar de manhã e descobrir que nós dois ganhamos.

Luzes vermelhas piscaram. *Pare! Resista! Lute!* Não fiz nenhuma dessas coisas. Bati no peito dele com punhos pequenos e ineficazes, enquanto ele ria, me pegava e me jogava por cima do ombro. Com uma das mãos ele agarrou minhas duas pernas para me impedir de chutá-lo, e com a outra ele apagou as luzes. No escuro, comigo ainda batendo em suas costas, ele me levou para o meu quarto e me jogou sobre a colcha. Lutei para me levantar, mas ele segurou-me rápido! Não houve uma chance de usar o joelho que eu tinha preparado. Ele sentiu que a minha capacidade de dançarina poderia derrotá-lo, então se jogou em minha direção, me pegou pela cintura e ambos caímos no chão! Eu abri minha boca para gritar. Ele apertou a mão sobre meus lábios abertos, então segurou meus braços com a sua força de ferro e sentou-se sobre as pernas que tentavam chutá-lo para me libertar.

– Cathy, minha adorável sedutora, você se esforçou demais. Você me seduziu há muito tempo atrás, bailarina. Até a semana antes do Natal, você é minha, e então a minha mulher estará em casa, e eu não vou mais precisar de você.

Sua mão se afastou dos meus lábios e eu pensei que iria gritar, mas em vez disso cuspi:

– Pelo menos *eu* não tive que comprá-lo com os milhões de meu pai!

Isso foi a gota d'água. Ele esmagou seus lábios brutalmente contra os meus antes que eu percebesse o que estava acontecendo. Não era assim que eu queria! Queria tentá-lo, deixá-lo em brasas, fazer com que ele me caçasse e ceder apenas depois de uma longa e árdua perseguição, que minha mãe poderia assistir e com a qual sofreria, sabendo que ela não poderia fazer nada ou eu iria falar. E ainda assim ele estava me possuindo cruelmente, mais cruel do que Julian em seu pior momento! Selvagemmente, ele caiu sobre mim. Ele se contorceu e se contraiu para me possuir, mesmo enquanto suas

mãos rasgavam e arrancavam meu vestido rosa justo. Tudo que eu vestia agora era a meia-calça, e logo ele a tinha puxado para baixo, então minhas sapatilhas prateadas caíram no chão e a meia-calça ficou dentro delas.

Com seus lábios ainda esmagando brutalmente os meus, ele levou minha mão que resistia até o seu zíper e apertou meus dedos até que minhas articulações estalaram. Ou eu o puxava para baixo ou meus dedos seriam quebrados! Como ele conseguiu tirar suas roupas, enquanto me segurava nua embaixo dele, eu nunca vou saber. Quando ele estava nu, exceto pelas meias, continuei me dobrando, contorcendo, batendo e tentando arranhá-lo ou mordê-lo enquanto ele me beijava, acariciava e explorava. Eu tive a chance de gritar várias vezes – mas eu também estava respirando de forma rápida e ofegante, e jogando o corpo para cima, para forçá-lo a sair de cima de mim. Ele, porém, tomou isso como um convite de boas-vindas. Entrou em mim, teve seu prazer demasiado rápido, e então saiu antes que eu tivesse qualquer prazer!

– Saia daqui! – gritei. – Vou chamar a polícia! Vou jogar você na cadeia, acusado de agressão e estupro!

Ele riu com desdém, me acariciou sob o queixo divertidamente, então se levantou para colocar as roupas.

– Oh – ele disse, zombando de mim, imitando minha própria voz. – Estou tão assustado. – Então, sua voz ficou profundamente séria. – Você não está feliz, não é? Não funcionou do jeito que você planejou, mas não se preocupe, amanhã à noite eu estarei de volta, e talvez então você possa me agradar o suficiente, de modo que eu sinta vontade de gastar bastante tempo para agradá-la.

– Eu tenho uma arma! – (Eu não tinha.) – E se você se atrever a colocar o pé nessa casa novamente, é um homem morto! Não que você seja um homem. Você é mais animal do que humano!

– Minha esposa sempre diz a mesma coisa – ele disse casualmente, fechando o zíper da calça sem demonstrar vergonha, sem nem mesmo a decência de virar as costas. – Mas ela gosta do mesmo jeito, assim como você. Bife Wellington, você pode fazer isso amanhã à noite, além de uma salada e um mousse de chocolate para a sobremesa. Se você me fizer engordar, podemos queimar as

calorias da maneira mais agradável possível, e eu não quero dizer correndo. – Ele sorriu, acenou, colocou um pé atrás do outro para se virar rapidamente, ao estilo militar, então parou na porta enquanto eu me sentava e agarrava os restos do meu vestido contra os seios. – Mesma hora, amanhã à noite, e eu vou dormir aqui, isto é, se você me tratar bem.

Ele saiu e bateu a porta da frente para trancá-la.

Que ele fosse para o inferno! Comecei a chorar, não de pena de mim mesma. Era uma frustração tão grande que eu poderia ter arrancado seus membros um por um! Bife Wellington! Eu iria colocar arsênico nele!

Um pequeno som tímido veio de fora da minha porta.

– Mamãe... estou com medo. Você está chorando, mamãe?

Apressadamente vesti um roupão e chamei-o, então o segurei com força em meus braços.

– Querido, querido, mamãe está bem. Você teve um sonho ruim. Mamãe não está chorando... viu?

Limpei as lágrimas – porque eu iria me vingar.

Três dúzias de rosas vermelhas chegaram enquanto Jory e eu estávamos tomando café da manhã – a variedade de rosa de haste longa da florista. Um pequeno cartão branco dizia:

*Estou lhe enviando um grande buquê de rosas,
Uma para cada noite em que você terá meu coração.*

Nenhum nome. E que diabos eu ia fazer com três dúzias de rosas em uma casa do tamanho de uma caixa de fósforos? Não podia enviá-las para a ala infantil; o hospital ficava a quilômetros e quilômetros de distância. Jory decidiu o que fazer com elas.

– Oh, mamãe, que rosas bonitas! As rosas do tio Paul!

Por Jory, mantive as rosas em vez de jogá-las fora, e em muitos vasos as espalhei pela casa toda. Jory ficou muito contente, e quando o levei comigo para a escola de dança, ele disse a todos os

meus alunos que havia rosas em todos os lugares de sua casa, até mesmo no banheiro.

Depois do almoço levei Jory à escola maternal que ele tanto amava. Era uma escola montessoriana, que o inspirava a querer aprender, apelando aos seus sentidos. Ele já sabia escrever o seu nome em letras de forma, e tinha apenas três anos! Ele era como Chris, eu disse a mim mesma, brilhante, bonito, talentoso – oh, meu Jory tinha tudo, menos um pai. Em seus olhos azuis brilhantes resplandecia a inteligência rápida de alguém que teria curiosidade a vida toda, sobre tudo.

– Jory, eu te amo.

– Eu sei disso, mamãe. – Ele acenou um adeus quando eu parti.

Eu estava lá para encontrá-lo quando ele saiu da escola, seu pequeno rosto corado e perturbado.

– Mamãe – ele disse, logo que estava ao meu lado no carro –, Johnny Stoneman me disse que a mãe dele lhe deu um tapa quando ele tocou nela, lá – e timidamente apontou para o meu busto. – Você não me bate quando eu te toco lá.

– Mas você não me toca ali, não desde que era um bebezinho, e mamãe amamentou você por um curto período de tempo.

– Você quis me dar um tapa, então? – ele parecia bem preocupado.

– Não, claro que não. Os bebês são feitos para mamar nos seios da mãe, e eu nunca bateria em você por me tocar lá. Por isso, se você quiser tentar, vá em frente e toque.

Sua pequena mão se estendeu timidamente enquanto ele observava meu rosto para ver se eu ficaria chocada. Oh, quão rápido os jovens aprendiam todos os tabus! E quando ele havia tocado e a ira de Deus não o havia ferido, ele sorriu, muito aliviado.

– Oh, é só um lugar macio.

Ele tinha feito uma descoberta agradável, e jogou os braços ao redor do meu pescoço.

– Eu também te amo, mamãe. Porque você me ama mesmo quando eu sou mau.

– Eu sempre vou te amar, Jory. E se você for mau às vezes, vou tentar entender.

Sim, eu não seria como a minha avó, nem como a minha mãe. Eu seria a mãe perfeita, e um dia ele teria um pai também. Como é que crianças pequenas, tão jovens, já estavam falando sobre pecado e sendo esbofeteadas por apenas terem tocado? Era porque era demasiado alto aqui, perto demais dos olhos de Deus? De forma que todos viviam sob Seu feitiço, com medo, agindo como justos, enquanto cometiam todo tipo de pecado prescrito no livro? *Honra a teu pai e tua mãe. Faça aos outros aquilo que gostaria que fizessem a você. Olho por olho.*

Sim... *olho por olho* – por isso é que eu estava aqui.

Parei para comprar selos antes de chegar em casa, e deixei Jory cochilando no banco da frente. *Ele* estava no correio, que não era maior do que a minha sala de estar, comprando selos também. Encantadoramente, ele sorriu para mim, como se nada incomum tivesse acontecido entre nós na noite anterior. Ele ainda teve a coragem de me seguir até o meu carro para me perguntar se eu havia gostado das rosas.

– Não do seu tipo de rosas – retruquei, então entrei empertigada em meu carro e bati a porta na cara dele. Deixei-o olhando para mim sem um sorriso; na verdade, ele parecia bastante infeliz.

Às cinco e meia, um homem fez uma entrega especial, trazendo um pequeno pacote para a nossa porta da frente. Era registrado, então tive que assinar para recebê-lo. Dentro de uma caixa maior havia outra caixa, e dentro daquela havia um estojo de joias de veludo que eu rapidamente abri enquanto Jory assistia, os olhos arregalados. Sobre o veludo preto jazia uma única rosa composta de muitos diamantes. Também havia um cartão com um bilhete que dizia: “Talvez esse tipo de rosa seja mais ao seu gosto”. Eu a descartei como uma ninharia comprada com o dinheiro *dela*, portanto não era realmente dele – não mais do que as rosas reais.

Ele teve a coragem de vir à noite às sete e meia, assim como disse que faria. No entanto, eu prontamente o deixei entrar, e então o levei silenciosamente para a mesa de jantar sem coquetéis ou outras

sutilezas. A mesa estava posta de forma ainda mais elaborada do que na noite anterior. Eu havia arrastado algumas caixas e tirado algumas coisas de dentro delas, e em cima da mesa estavam meu melhor jogo americano de renda e pratos de servir com tampa de prata. Nenhum de nós tinha ainda falado. Todas as rosas de “perdoe-me” tinham sido reunidas e estavam em uma caixa perto de seu prato. Sobre o seu prato vazio estava o estojo de veludo do joalheiro com o broche de diamantes em formato de rosa dentro dele. Sentei-me para observar sua expressão quando ele colocou a caixa de joias de lado casualmente, e da mesma forma casual moveu a caixa cheia de rosas para longe dele. Ele então pegou do bolso dianteiro uma nota dobrada que entregou a mim. Ele havia escrito à mão:

Eu amo você, por razões que não têm início e não têm fim. Eu a amei mesmo antes de conhecê-la, de modo que o meu amor é sem razão ou planejamento. Mande-me embora e eu irei. Mas saiba que, se você me mandar embora, vou me lembrar por toda a minha vida do amor que deveria ter sido nosso, e quando eu estiver esticado e frio, vou te amar melhor após a morte.

Olhei para cima para encontrar seus olhos diretamente pela primeira vez desde que ele havia chegado.

– A sua poesia de alguma forma tem um som familiar, com um pouco de estranheza.

– Eu a compus há alguns poucos minutos, como poderia soar familiar? – Ele estendeu a mão para a tampa em forma de domo prateada, ostensivamente escondendo o bife Wellington embaixo. – Eu avisei a você que eu era um advogado, não um poeta, de modo que isso explica a estranheza. Poesia não era a minha melhor matéria na escola.

– Obviamente. – Eu estava muito interessada em sua expressão. Elizabeth Barrett Browning é doce, mas não é o seu estilo.

– Eu fiz o melhor que pude – ele disse com um sorriso malicioso, olhando em meus olhos e me desafiando antes de abaixar a cabeça para olhar fixamente para a enorme travessa que tinha uma única salsicha e uma pequena porção de feijão enlatado frio. A descrença em seus olhos, seu choque absolutamente ofendido, me deu tanta satisfação que eu quase gostei dele.

– Agora você está olhando para o prato favorito de Jory – eu disse, exultante. – É exatamente o que ele e eu comemos hoje à noite para o jantar, e já que foi bom o suficiente para nós, pensei que seria bom o suficiente para você, então guardei um pouco. Como eu já comi, isso *tudo* é só seu, e você pode se servir.

Carrancudo, ele me deu um olhar ardente, duro, então selvagemmente mordeu a salsicha, que, tenho certeza, estava tão fria quanto o feijão. Mas ele engoliu tudo e bebeu seu copo de leite, e para sobremesa eu lhe entreguei uma caixa de biscoitos em formato de animais. Primeiro, ele encarou a caixa com outra expressão de espanto aturdido, então a abriu, pegou um leão e arrancou a cabeça com uma mordida.

Só quando ele havia comido todos os biscoitos em formato de animal e depois apanhado cada migalha é que ele se deu ao trabalho de olhar para mim com tanta desaprovação que eu deveria ter encolhido até ficar do tamanho de uma formiga.

– Acho que você é uma daquelas mulheres liberais desprezíveis, que se recusam a fazer qualquer coisa para agradar a um homem!

– Errado. Sou liberal apenas com *alguns* homens. Outros eu posso venerar, adorar e servir como uma escrava.

– Você me fez fazer o que eu fiz! – ele retrucou intensamente. – Você acha que eu planejei fazer isso daquele jeito? Eu queria que nós criássemos a nossa relação em condições de igualdade. Por que você usou aquele tipo de vestido?

– É o tipo que todos os homens chauvinistas preferem!

– Eu não sou um chauvinista, e odeio esse tipo de vestido!

– Você prefere o que eu estou usando? – eu me endireitei para dar a ele uma visão melhor do suéter velho que eu vestia. Além dele, eu usava calça jeans desbotada, com tênis sujos em meus pés, e meu cabelo estava puxado para trás e preso em um coque de avó.

Deliberadamente eu havia puxado longos fios e os deixara pendendo soltos sobre o meu rosto, franjas desleixadas para me fazer parecer mais atraente. E o fato de eu estar sem maquiagem deixava meu rosto mais bonito. Ele estava vestido para matar.

– Pelo menos você parece honesta e pronta para me deixar cortejá-la. Se há uma coisa que eu desprezo é uma mulher que se impõe, como você fez na noite passada. Eu esperava mais de você do que aquele tipo de vestido vulgar que mostra tudo e tira a emoção de descobrir por você mesmo. – Ele enrugou as sobrancelhas e murmurou: – De um maldito vestido vermelho de prostituta para blue jeans. No curso de um dia, ela se transforma em uma adolescente descolada.

– Era cor-de-rosa, *não vermelho!* E, além disso, Bart, homens fortes como você sempre adoram mulheres estúpidas, fracas e passivas, porque, basicamente, você é covarde e tem medo de uma mulher agressiva!

– Eu não sou fraco ou covarde ou nada disso, só um homem que gosta de se sentir um homem, não para ser usado para os seus próprios fins. E, quanto às mulheres passivas, eu as desprezo, tanto quanto as agressivas. Só não gosto da sensação de ser vítima de uma caçadora me levando para uma armadilha. O que diabos você está tentando fazer comigo? Por que tem tanta aversão por mim? Enviei-lhe rosas, diamantes, poesia de imitação, e você não pode nem mesmo pentear o cabelo e tirar o brilho do nariz.

– Você está olhando para o meu eu natural, e agora que viu, pode ir embora. – Levantei-me e caminhei até a porta da frente e a abri. – Somos errados um para o outro. Volte para a sua esposa. Ela pode ficar com você, pois *eu* não o quero.

Ele veio rapidamente, como se fosse obedecer, então me agarrou em seus braços e chutou a porta para fechá-la.

– Eu te amo, Deus sabe por quê, mas parece que eu sempre te amei.

Olhei em seu rosto, não acreditando nele, mesmo quando tirou os grampos do meu cabelo e deixou-o escorrer para baixo. Como de hábito, sacudi a cabeça, de modo que o cabelo se ajeitou e se arrumou, e sorrindo um pouco, ele inclinou meu rosto para o dele.

– Posso beijar seus lábios *naturais*? Eles são muito belos.

Sem esperar por minha permissão, ele roçou os lábios suavemente sobre os meus. Oh – a sensação de arrepio de um beijo, tão suave! Por que todos os homens não sabiam que essa era a maneira certa de começar? Que mulher queria ser comida viva, sufocada por uma língua invadindo sua boca? Não eu, eu queria ser tocada como um violino, dedilhada *pianíssimo*, com um *timing* bem longo, os dedos me tocando em *legato*, e então ser levada a um *crescendo*. Deliciosamente, eu queria ir em direção às alturas do êxtase que só podia acontecer comigo quando as palavras certas eram ditas e o tipo certo de beijo era dado, antes que suas mãos comesçassem a brincar. Se ele tinha feito pouco por mim na noite passada, nessa noite ele usou todas as habilidades que tinha. Dessa vez, ele me levou para as estrelas, onde ambos explodimos, ainda agarrados um ao outro e condenados a fazê-lo novamente, e então outra vez.

Ele era peludo no corpo todo. Julian não tinha pelos, exceto na área que crescia em uma linha fina até o seu umbigo. E Julian nunca havia beijado meus pés, que cheiravam a rosas depois de um longo banho perfumado antes de eu colocar as velhas roupas de trabalho. Dedo por dedo ele beijou, antes de começar a subir. Senti a avó assistindo, dardejando seus olhos cinzentos e duros para nos colocar a ambos no inferno. Desliguei a minha mente, fechei-a, e cedi aos meus sentidos e a esse homem, que agora estava me tratando como a uma amante.

Mas ele não me amava, eu sabia disso. Bart estava me usando como substituta para sua esposa, e quando ela voltasse, eu nunca iria vê-lo novamente. Eu sabia, sabia disso, mas ainda assim eu recebi e dei prazer, até que adormecemos um nos braços do outro.

Enquanto eu dormia, sonhei. Julian estava na caixa de música de prata, a que meu pai me deu quando eu tinha seis anos. Ele dava voltas e voltas, seu rosto sempre se virando para mim, acusando-me com seus olhos negros, e então ele deixou o bigode crescer e era Paul, que só parecia triste. Corri rápido para libertá-lo da morte em uma caixa de música transformada em um caixão – e então era

Chris que estava dentro dele, com os olhos fechados, as mãos dobradas uma sobre a outra no peito... morto, morto. Chris!

Quando acordei, Bart já tinha partido e meu travesseiro estava molhado de lágrimas. *Mamãe, por que você começou isso, por quê?*

Segurando firmemente a pequena mão do meu filho, levei-o para fora no ar frio da manhã a caminho do trabalho. Muito fraco e ao longe, ouvi alguém chamar meu nome, e com ele veio o aroma de rosas antigas. Por que você não vem, Paul, e me salva de mim mesma? Por que você só me chama em seus pensamentos?

A primeira parte estava feita. A segunda começaria quando minha mãe soubesse que eu carregava a criança de Bart – e depois havia a avó, que tinha que pagar também. E quando olhei, vi que as montanhas se curvavam em um sorriso satisfeito. Finalmente, eu havia respondido ao seu apelo. Seu lamento vingativo, atormentado.

A AVÓ, REVISITADA



Foxworth Hall ficava no final de uma rua sem saída, a maior e mais impressionante de muitas casas grandes e finas, e a única que ficava no alto, no alto da encosta, olhando para baixo para todas as outras, como um castelo. Por vários dias eu fui olhar para ela, fazendo meus planos.

Bart e eu não precisávamos nos esgueirar furtivamente para nos encontrar. As casas onde ele vivia eram distantes e ninguém podia nos ver quando ele vinha até mim pela porta de trás, que se abria para um pátio com cerca. Na parte de trás havia uma estrada de terra, arborizada e resguardada por muitas árvores. Às vezes, nós nos encontrávamos em uma cidade distante, e nosso amor em um quarto de motel era selvagem, doce, terno, erótico e completamente satisfatório, e ainda assim eu congelei quando ele me disse na hora do almoço:

– Ela me ligou hoje de manhã, Cathy. Ela vai estar em casa antes do Natal.

– Isso é bom – eu disse, e continuei comendo minha salada, antecipando o bife Wellington que logo chegaria.

Ele franziu a testa e seu garfo carregado com salada hesitou a caminho de sua boca.

– Isso significa que não seremos mais capazes de nos ver tanto. Você não está chateada?

– Nós vamos encontrar um jeito.

– Você é infernal, mulher!

– Não fique tão agitado por nada. Todas as mulheres são monstros para os homens, e talvez seja verdade. Somos nossas piores inimigas. Você não precisa se divorciar e perder a chance de herdar a fortuna dela. Embora ela possa sobreviver a você e tenha a chance de comprar outro marido mais jovem.

– Às vezes você é tão desagradável quanto ela! *Ela não me comprou!* Eu a amava! Ela me amava! Eu era louco por ela, tão louco por ela quanto eu sou por você agora. Mas ela mudou. Quando eu a conheci, ela era doce, encantadora, tudo o que eu queria em uma mulher e esposa, mas ela mudou. – Ele levou o garfo de salada em direção à sua boca e mastigou violentamente. – Ela sempre foi um mistério, assim como você.

– Bart, meu amor – eu disse –, muito em breve todas as paredes de mistério vão desmoronar.

Ele continuou, como se eu não o tivesse interrompido:

– Aquele pai dela, ele também era um mistério; você olhava para ele e via um velho cavalheiro, mas por baixo ele tinha um coração de aço. Eu pensei que era seu único advogado, mas ele tinha seis outros, cada um de nós fazendo diferentes tarefas. O meu papel era fazer seus testamentos. Ele os mudou dezenas de vezes, colocando esse membro da família e tirando outro, e acrescentando codicilos como um louco, embora ele estivesse são o suficiente até o fim. O último codicilo foi o pior.

É claro, nada de filhos para ele, nunca.

– Então você realmente era um advogado praticante?

Ele sorriu amargamente, e então respondeu:

– É claro que eu era. E agora estou praticando de novo. Um homem precisa de algo significativo para fazer. Quantas turnês pela Europa uma pessoa pode fazer antes de morrer de tédio? Você vê as mesmas caras, fazendo as mesmas velhas coisas, rindo das mesmas piadas. As belas pessoas, que piada! Muito dinheiro compra tudo, exceto a saúde, então eles não têm mais nenhum sonho para realizar, e nenhuma aspiração, porque no final eles estão apenas entediados.

– Por que você não se divorcia dela e faz algo significativo com a sua vida?

– Ela me ama.

Essa é a maneira como ele disse. Curto. Doce. Ele ficava porque ela o amava, me forçando a dizer:

– Você me disse quando nos encontramos pela primeira vez que a amava, e depois diz que não... Qual dos dois?

Ele pensou sobre isso por um longo tempo.

– Honestamente, bailarina, eu sou ambivalente e ressentido. Eu a amo, eu a odeio. Eu pensei que ela era o que você parece ser agora. Então, por favor, sufoque esse lado desagradável que me faz lembrar dela e não tente fazer comigo o que ela fez. Você está colocando uma parede entre nós, porque você sabe de algo que eu não sei. Eu não me apaixono facilmente, e eu desejaria *não* amar você.

Ele pareceu de repente um menino pequeno, melancólico, como se o seu cão de estimação pudesse traí-lo e a vida nunca mais fosse boa novamente. Fiquei tocada e me atrevi a dizer:

– Bart, eu juro que vai chegar um dia em que você saberá todos os meus segredos e os dela, mas até esse momento chegar, diga que me ama, mesmo que não queira dizer isso, porque não posso gostar de estar com você se eu não sentir que me ama ao menos um pouco.

– Um pouco? Parece que eu a amei por toda a minha vida. Mesmo quando eu a beijei pela primeira vez, parecia que eu tinha te beijado antes. Por que isso?

– Carma.

Sorri para sua expressão perplexa.

Havia algo que eu tinha que fazer antes de minha mãe voltar para casa. Um dia, quando eu não tinha aulas e Jory estava em sua escola especial, fui até Foxworth Hall, utilizando todos os caminhos escondidos. Na porta de trás, usei a velha chave de madeira que Chris tinha feito tanto tempo atrás. Era uma quinta-feira. Todos os empregados estavam na cidade.

Como Bart havia me contado em detalhes a sua rotina, isso também me dizia muito da vida diária da avó. Eu sabia que nesse momento a enfermeira estaria dormindo, pois a avó tinha seu descanso na parte da tarde também. Ela estaria no mesmo pequeno quarto, logo além da biblioteca, o mesmo quarto onde nosso avô tinha ficado confinado durante seus últimos dias, enquanto no andar superior quatro crianças aguardavam que ele passasse dessa para a melhor e sua morte nos libertaria.

Passei por todos aqueles cômodos grandes e ricos, e avidamente olhei para todos os móveis finos e vi novamente as escadarias duplas e sinuosas em frente ao enorme salão de entrada, grande o suficiente para ser usado como um salão de baile. Onde as escadarias curvas se encontravam, ficava uma sacada no segundo andar, e ali começava outro lance de escadas, em linha reta até o sótão. Eu vi o baú enorme onde Chris e eu tínhamos nos escondido para assistir a uma festa de Natal acontecendo lá embaixo. Há muitos anos atrás, e ainda assim o meu relógio de tempo voltou rapidamente para o passado. Eu tinha 12 anos de novo e estava com medo, com medo de que essa casa enorme me engolissem se eu me movesse ou falasse algo mais alto do que um sussurro. Fiquei impressionada novamente com os três lustres de cristal gigantes suspensos do teto a uns 12 metros acima do chão. E por ser uma pista de dança de azulejos de mosaicos, tive automaticamente que dançar um pouco para ver como era.

Caminhei lentamente, admirando as pinturas, os bustos de mármore, as enormes lâmpadas, as fabulosas decorações nas paredes que apenas os super-ricos, que podiam ser tão mesquinhos em pequenas coisas, poderiam comprar. Imagine a minha avó comprando peças inteiras de tafetá cinza apenas para poupar alguns dólares, quando eles compravam somente o melhor para mobilar seus cômodos e tinham milhões!

A biblioteca era fácil de encontrar. Lições aprendidas em uma idade precoce e em condições miseráveis nunca poderiam ser esquecidas. Oh, que biblioteca! Clairmont não tinha uma biblioteca com tantos livros bons! A fotografia de Bart estava sobre a mesa pesada que tinha sido de meu avô. Havia muitas coisas lá para

indicar que Bart muitas vezes usava esse espaço como seu escritório, e para fazer companhia à sua sogra. Seus chinelos castanhos estavam debaixo de uma cadeira confortável perto da imensa lareira de pedra com uma cornija de seis metros de comprimento. Portas francesas se abriam para um terraço que dava para um jardim formal, com uma fonte aspergindo água dentro de uma bacia para pássaros formada por um jardim de rochas de degraus, com a água escorrendo para o interior de uma piscina. Um lugar agradável, ensolarado, para uma inválida se sentar, protegida do vento.

Finalmente eu tinha visto o suficiente para satisfazer a minha curiosidade, abrigada durante tantos anos, e procurei a pesada porta na extremidade da biblioteca. Além da porta fechada estava a avó-bruxa. Visões dela passaram por minha mente. Eu a vi novamente como ela tinha sido na primeira noite que chegamos, elevando-se acima de nós, seu corpo grosso e forte, poderoso, seus olhos cruéis e duros que examinaram a todos nós e não mostraram nenhuma simpatia, nenhuma compaixão por crianças órfãs que tinham perdido tanto, e ela não pôde nem mesmo dar um sorriso para nos receber ou tocar as bochechas redondas dos gêmeos que tinham sido tão encantadores aos cinco anos.

A segunda noite lampejou, quando a avó ordenou à nossa mãe que nos mostrasse suas costas nuas cheias de vergões vermelhos e sangrando. Mesmo antes de termos visto aquele horror, ela havia levantado Carrie pelos cabelos e Cory havia se atirado contra ela, tentando lhe infligir alguma dor com seu pequeno sapato branco, chutando-lhe a perna e mordendo-a com seus pequenos dentes afiados – e com um poderoso tapa ela o arremessara longe. Tudo porque ele tinha que defender sua amada gêmea, que tinha gritado e gritado. Mais uma vez eu me vi diante do espelho no quarto, sem roupa nenhuma, e a punição tinha sido tão dura, tão cruel, tentando tirar de mim o que eu admirava mais, meu cabelo. Chris passou um dia inteiro tentando tirar o piche do meu cabelo e salvá-lo das tesouras. E então, tínhamos ficado sem comida ou leite por duas semanas inteiras! *Sim!* Ela merecia me ver de novo! Assim como eu havia prometido, no dia em que ela me chicoteou, que haveria um

dia no futuro em que ela estaria desamparada e eu seria aquela a empunhar o chicote e impedir a comida de chegar aos seus lábios!

Ah, a ironia doce disso – que ela iria se regozijar em ver seu marido morto, e agora ela estava em sua cama e ainda mais indefesa, e sozinha! Tirei o pesado casaco de inverno, sentei-me para tirar as minhas botas e então coloquei as sapatilhas de ponta de cetim branco. Meu *collant* era branco e transparente o suficiente para deixar a cor rosa da minha pele completamente à mostra. Soltei meu cabelo e ele caiu em uma cascata dourada de ondas luxuriantes em minhas costas. Agora ela veria e invejaria o cabelo que o piche não tinha destruído, afinal.

Prepare-se, avó! Aqui vou eu!

Muito calmamente fui até sua porta. Então, cuidadosamente, a abri. Ela estava na cama de hospital alta, alta, os olhos semicerrados. O sol através das janelas caía sobre seu couro cabeludo rosa e brilhante, revelando claramente como ela estava quase calva. E oh, como ela estava velha! Tão magra, tão pequena. Onde estava a mulher gigante que eu conhecia? Por que ela não estava usando um vestido de tafetá cinza e sussurrando ameaças? Por que ela tinha de parecer tão indefesa?

Endureci meu coração, expulsei a misericórdia, pois ela nunca tinha tido nenhuma por nós. Aparentemente, ela estava quase dormindo, mas quando a porta se abriu lentamente, lentamente seus olhos se arregalaram. Então, eles se esbugalharam. Ela me reconheceu. Seus lábios finos e murchos tremeram. Ela estava com medo! Glória, aleluia! Minha hora havia chegado! Ainda assim, fiz uma pausa na porta aberta, consternada. Eu tinha vindo para me vingar e o tempo havia me roubado essa vingança! Por que ela não era mais o monstro do qual eu me lembrava? Eu a queria do jeito que ela era, não do jeito que estava agora, uma mulher velha, doente, com cabelo tão escasso que a maior parte de seu couro cabeludo aparecia, e o que sobrava tinha sido puxado para o topo da cabeça e preso lá em cima por um laço de fita de cetim rosa. O laço lhe dava um macabro olhar juvenil, e mesmo amontoados como estavam, as mechas finas não eram mais grossas do que o meu

dedo mínimo – apenas um tufo de pelos como um pincel desgastado e branqueado para pintura em aquarela.

Antes ela tinha 1,80m de altura e pesava mais de 90 quilos, e seus seios enormes eram como montanhas de concreto. Agora, aqueles seios estavam pendurados como meias velhas, chegando até o seu abdômen inchado. Seus braços eram velhos galhos secos e murchos, as mãos cheias de veias saltadas, os dedos retorcidos. No entanto, enquanto eu a olhava e ela me olhava em completo silêncio e um pequeno relógio tiquetaqueava implacavelmente, sua velha e desprezível personalidade apareceu para me mostrar sua indignação. Ela tentou falar para me ordenar que eu fosse embora. *Filha do diabo*, ela gritaria, se pudesse, *saia da minha casa! Filha do diabo, fora, fora, fora!* Mas ela não podia dizer isso, nada disso.

Eu, por outro lado, podia cumprimentá-la agradavelmente:

– Boa tarde, *querida* avó. Como é bom vê-la novamente. Lembra-se de mim? Eu sou Cathy, um dos netos que você ajudou a esconder, e para quem todo dia você trazia comida em uma cesta de piquenique; todos os dias, às seis e meia, você estava lá, com sua garrafa térmica de três litros cheia de leite, e sua garrafa térmica de um litro de sopa morna, sopa enlatada. Por que não podia nos levar sopa quente ao menos uma vez? Será que você deliberadamente aquecia a sopa somente até ela ficar morna?

Entrei e fechei a porta atrás de mim. E só então ela viu a vara de salgueiro que eu havia escondido às minhas costas. Casualmente, bati na palma da minha mão com o chicote.

– Avó – eu disse suavemente –, você se lembra do dia em que chicoteou nossa mãe? Como você a forçou a se despir na frente do pai dela e então a chicoteou, e ela era uma adulta? Um ato desavergonhado, mau, perverso, não concorda?

Seus olhos cinzentos aterrorizados estavam fixos no chicote. Um esforço terrível estava acontecendo em seu cérebro – e eu estava *feliz*, tão *feliz* por Bart ter me dito que ela não estava senil. Olhos cinzentos pálidos, aguados, avermelhados e enrugados, rodeados por pés de galinha, como cortes que nunca sangravam. Lábios finos e tortos, agora encolhidos até se parecerem apenas com uma pequena casa de botão enrugada rodeada por um desenho em

forma de raio de sol que irradiava em linhas profundas, cavando logo abaixo de seu nariz adunco um desenho como uma teia de aranha de linhas que se cruzavam. E, acredite ou não, no alto e severo decote da camisola de algodão amarela estava preso o broche de diamante! Eu nunca a tinha visto sem o broche preso ao decote de seus vestidos de tafetá cinza com os colarinhos de crochê branco.

– Avó – eu entoei –, lembra-se dos gêmeos? As queridas crianças de cinco anos que você atraiu para essa casa, e nenhuma vez enquanto eles estavam aqui você chegou a falar seus nomes, ou qualquer um dos nossos nomes. Cory está morto, e você sabe disso, mas minha mãe lhe contou sobre Carrie? Carrie está morta também. Ela não cresceu muito porque não teve luz solar e ar fresco suficientes naqueles anos, quando ela mais precisava. Roubaram-lhe também o amor e a segurança e ela recebeu trauma em vez de felicidade. Chris e eu íamos até o telhado e nos sentávamos lá para tomar sol, mas os gêmeos tinham medo do telhado alto. Você sabia que íamos lá fora e ficávamos horas e horas por lá... Não, você não sabia, não é?

Ela se moveu um pouco, como se estivesse tentando se encolher no colchão fino. Eu me deleitei ao ver o seu medo, regozijou-me que ela pudesse se mover um pouco. Seus olhos agora eram como os meus costumavam ser, janelas que revelavam todas as suas emoções aterrorizadas – e ela não podia gritar por socorro! À minha mercê.

– Lembra-se da segunda noite, querida, *amada* avó? Você levantou Carrie pelo cabelo, e devia saber que isso machuca, mas você fez isso. Então você esbofeteou Cory e o arremessou com um único golpe, e isso o machucou também, e ele estava apenas tentando proteger sua irmã. Pobre Carrie, como ela sofreu por Cory! Ela nunca conseguiu superar a morte dele, nunca parou de sentir falta dele. Ela conheceu um rapaz agradável chamado Alex. Eles se apaixonaram e iam se casar quando ela descobriu que ele queria ser um pastor. Isso deixou Carrie com medo. Veja, *você* nos transformou em pessoas que têm um profundo temor de indivíduos religiosos. No dia em que Alex disse que iria ser um pastor, Carrie entrou em uma

depressão desesperada. Ela tinha aprendido a lição que você nos ensinou muito bem. Você nos ensinou que ninguém pode ser perfeito o suficiente para agradar a Deus. Algo dormente veio à vida no dia em que Carrie foi enfraquecida pelo choque, pela depressão e pela falta de vontade de viver. Agora ouça o que ela fez, por sua causa! Porque você colocou em seu jovem cérebro que ela nasceu má e que ela seria sempre perversa, não importa o quanto ela procurasse ser boa! Ela acreditou em você! Cory estava morto. Ela sabia que ele tinha morrido por causa do arsênico colocado nos donuts açucarados... Então, quando ela sentiu que não podia mais aguentar continuar vivendo e todas as pessoas que esperavam a perfeição, ela comprou veneno de rato! Comprou um pacote de 12 donuts e salpicou-os com esse veneno de rato cheio de arsênico! Ela comeu todos, exceto um, e esse tinha uma marca de mordida. Agora... encolha-se em seu colchão e tente fugir da culpa que é sua! Você e minha mãe a mataram tanto quanto mataram Cory! Eu desprezo você, velha!

Eu não disse a ela que odiava minha mãe ainda mais. A avó nunca nos amou, então qualquer coisa que ela fizesse era de se esperar. Mas a nossa mãe, que nos deu à luz, que cuidou de nós, que nos amou tanto enquanto papai estava vivo – isso era outra história, uma insuportável história de horror! E sua hora chegaria!

– Sim, avó, Carrie está morta agora também, porque ela queria morrer do mesmo jeito que Cory e ficar com ele no céu.

Seus olhos se estreitaram e um pequeno tremor ondulou as cobertas. Eu me delíciei.

Tirei de trás das minhas costas a caixa que continha um longo cacho do cabelo de Carrie que eu tinha levado horas para pentear e arrumar em uma mecha longa e cintilante de ouro derretido. Em uma extremidade, estava amarrada com um laço de cetim vermelho, e, na outra, um laço de cetim roxo.

– *Veja só, velha*, esse é o cabelo de Carrie, um pouco dele. Eu tenho outra caixa cheia de fios soltos, emaranhados, pois eu não consigo me separar de nenhum fio dele. Eu o guardei não apenas para Chris e para mim, mas para mostrar a você e a nossa mãe... Pois vocês duas mataram Carrie, tão certo quanto mataram Cory!

Oh, eu estava quase louca de ódio. A vingança incendiava meus olhos, excitava meu temperamento e fazia minhas mãos tremerem. Eu podia ver Carrie quando ela estava na cama à beira da morte, parecendo cada vez mais velha, murcha, ossuda, até que ela era apenas um pequeno esqueleto coberto por pele pálida, frouxa, tão translúcida que todas as suas veias apareciam – e os restos tiveram que ser rapidamente selados em uma caixa de metal bonito para afastar o cheiro de decomposição.

Cheguei mais perto da cama e balancei o cabelo brilhante com suas fitas de cores alegres diante de seus olhos arregalados e assustados.

– Esse cabelo não é bonito, velha? Seu cabelo alguma vez foi tão bonito, tão abundante? *Não!* Eu *sei* que não foi! Nada em você jamais poderia ter sido bonito, *nada!* Nem mesmo quando você era jovem! É por isso que você tinha tanto ciúme da madrasta de seu marido. – Eu ri ao vê-la se encolher. – Sim, querida avó, eu sei muito mais sobre você do que sabia antes. Seu genro me contou todos os segredos de família que minha mãe contou a ele. Seu marido Malcolm estava apaixonado pela jovem esposa do pai, dez vezes mais bonita e mais doce do que você jamais tinha sido! Então, quando Alicia teve um filho, você suspeitou que a criança era de seu próprio marido, e é por isso que você odiava nosso pai, e mandou chamá-lo, enganando-o, fazendo-o acreditar que ele havia encontrado um bom lar. E você o educou e lhe deu o melhor de tudo para que ele experimentasse um pouco da vida boa e rica e ficasse mais magoado e decepcionado, mais tarde, quando você o expulsasse e ele não recebesse nada no testamento. Mas meu pai a enganou, não foi? Ele roubou sua única filha, a quem você odiava também, porque o pai dela a amava mais do que amava você. E o meio-tio casou-se com a meia-sobrinha. No entanto, você estava errada sobre Malcolm e Alicia, pois a mãe do meu pai desprezava Malcolm! Ela lutou com ele mais de uma vez, e o bebê que ela teve não era filho de seu marido! Embora ele pudesse ter sido, se Malcolm tivesse conseguido fazer as coisas do jeito dele!

Inexpressivamente ela olhou para mim, como se o passado não fosse de nenhuma importância para ela agora. Só o presente

importava, e o chicote em minha mão.

– Eu vou lhe dizer uma coisa agora, velha, que você precisa saber. Nunca houve um homem melhor do que meu pai, ou uma mulher mais honrada do que a mãe dele. Mas não fique deitada aí pensando que eu herdei qualquer uma das boas qualidades de Alicia ou de meu pai. Eu sou como *você*! Cruel! Nunca esqueço, nunca perdoo! *Odeio você por matar Cory e Carrie! Eu te odeio por fazer de mim o que sou!*

Eu gritei isso fora de controle, esquecendo-me de que a enfermeira cochilava no corredor. Eu queria alimentá-la com punhados de arsênico e sentar-me para vê-la morrer e apodrecer diante de meus olhos, como Carrie tinha morrido. Fiz piruetas ao redor do quarto para liberar minhas frustrações, elevando minhas pernas, mostrando meu corpo jovem e belo, e então cheguei perto dela e disse na sua cara:

– Todos esses anos que você nos prendeu, você nunca disse nossos nomes, nunca olhou para Chris porque ele era exatamente como nosso pai, e seu marido também, quando era jovem, antes que você o transformasse em algo perverso. Você põe a culpa de tudo que há de errado com os seres humanos em suas almas malélicas e ignora a verdade. *Dinheiro* é o deus que governa esta casa! É o *dinheiro* que sempre fez as piores coisas acontecerem! Você só se casou porque tinha dinheiro e você sabia disso! E a ganância nos trouxe aqui, e a ganância nos prendeu aqui, roubou três anos e quatro meses de nossas vidas e nos colocou à sua mercê, e você não teve nenhuma pena de nós, nenhuma, nem mesmo para os seus netos, os únicos netos que você jamais teria, e você nunca sentiu nada por nós, não é? Embora nós tivéssemos tentado no início, lembra?

Eu pulei na cama e bati nela com as mechas de cabelo dourado de Carrie. Um chicote macio que não machucou, embora ela se encolhesse ao toque dele. Então eu joguei o precioso cabelo de Carrie em sua mesa de cabeceira e balancei o chicote diante de seus olhos. Dancei e rodopiei sobre sua cama, por cima do corpo rígido, exibindo minha excelente agilidade enquanto meu cabelo comprido esvoaçava em um círculo dourado.

– Lembra-se de como você puniu nossa mãe antes de nós começarmos a odiá-la também? Eu lhe devo isso – eu disse, afastando as pernas e abarcando seu corpo coberto. – Do seu pescoço até os calcanhares, eu lhe devo isso, e as chicotadas que você deu em Chris e em mim, eu lhe devo isso também. E todas as outras coisas, cada uma delas gravada em minha memória. Eu não lhe disse que haveria um dia em que eu seguraria a chave em minha mão, e haveria comida na cozinha e você nunca comeria? Bem... *esse dia chegou, avó.*

Os olhos cinzentos afundados em seu rosto magro brilhavam de ódio, maliciosos e fortes. Desafiando-me a golpeá-la – desafiando-me!

– O que devo fazer primeiro – eu disse, como que para mim mesma –, devo usar o chicote ou o piche quente em seu cabelo? Onde é que você encontrou piche, velha? Eu sempre me perguntei onde você o conseguiu. Você planejou isso com antecedência e esperou uma desculpa para usá-lo? Vou lhe confessar uma coisa agora que você não sabe. Chris nunca cortou todo o meu cabelo, só a parte da frente para enganar você e fazê-la pensar que eu estava careca. Embaixo daquela toalha na qual eu enrolei minha cabeça, estava todo o longo cabelo que ele salvou. Sim, velha, o amor salvou o meu cabelo de ser cortado. Ele me amava o suficiente para trabalhar por horas e horas a fim de salvar o cabelo que pudesse; mais amor do que você *já* conheceu, e de um irmão.

No fundo de sua garganta, ela fez um som estrangulado, e como eu desejava que ela pudesse falar!

– Querida avó – provoquei, as mãos nos quadris quando me inclinei para olhar para ela –, por que você não me diz onde conseguiu o piche? Eu não fui capaz de encontrar nem um pouco. Não há nenhuma construção de estradas acontecendo em qualquer lugar por aqui, então acho que terei de usar cera quente. *Você* poderia ter usado cera derretida, pois o efeito seria o mesmo. Você não pensou em derreter algumas de suas velas? – sorri, esperando que de modo ameaçador. – Oh, querida avó, como vamos nos divertir, eu e você! E ninguém vai saber, por que *você não pode falar* e não pode escrever. Tudo o que você pode fazer é ficar aí e sofrer.

Eu não estava gostando de mim, do que estava dizendo ou do que estava sentindo. Minha consciência pairava perto do teto, olhando para baixo com vergonha para essa fúria que era eu vestindo meia-calça branca. Horrorizada, eu estava lá em cima sentindo pena dessa mulher de idade que havia sofrido dois derrames – mas sobre a cama havia outro eu. Uma perversa, má, vingativa Foxworth, com olhos azuis tão frios quanto os dela costumavam ser, enquanto eu olhava para baixo e para ela, e então, de repente, me curvei cruelmente; puxei o lençol e o cobertor que a cobriam e ela ficou exposta. Seu vestuário era como uma camisola de hospital aberta e amarrada nas costas, pois não havia abertura frontal. Apenas uma coisa de algodão amarela simples, com aquele incongruente broche de diamantes na garganta. Sem dúvida, eles colocariam aquele broche em suas vestes funerárias.

Nua. Ela tinha que ser despida, como mamãe tinha sido, como Chris tinha sido, como eu tinha sido também. Ela tinha que sofrer a humilhação de estar sem roupa enquanto meu olhar de desprezo a fazia encolher ainda mais. Implacavelmente, agarrei a bainha de seu mesquinho e barato vestuário de algodão e, sem remorso, puxei-o para cima até as axilas. Jazendo em dobras amarrotadas, a roupa ocultava seu rosto, e, cuidadosamente, puxei de volta o pano que iria esconder de mim qualquer expressão que ela pudesse ser capaz de me mostrar. Então, olhei para o seu corpo, mostrando desprezo e repugnância como ela havia mostrado com seus olhos duros e lábios cortados à faca quando eu era uma criança de 14 anos e ela me pegou olhando para mim mesma no espelho, admirando a beleza de uma figura que eu nunca tinha visto nua antes.

O corpo na juventude é uma coisa linda... Uma alegria de se ver, as doces e jovens curvas, a pele suave sem manchas, a carne firme e dura, mas oh, envelhecer! Aqueles montes gêmeos de concreto eram seios soltos e flácidos que chegavam até a sua cintura, e os mamilos estavam nas pontas, grandes, marrons, mosqueados e cheios de caroços. As veias azuis de seus seios se elevavam como cordas finas cobertas por uma bainha translúcida. A brancura pastosa de sua pele estava cheia de covinhas, franzida, vincada pelas estrias da gravidez, e uma longa cicatriz do umbigo até seu

monte de Vênus quase sem pelos mostrava que ela tinha passado por uma histerectomia ou cesariana. Era uma cicatriz antiga, mais pálida e brilhante do que a pele branca, pastosa e enrugada ao redor dela. Suas pernas longas e finas eram como velhos galhos retorcidos de uma árvore cansada. Suspirei – *eu* ficaria parecida com isso um dia?

Sem piedade ou tentativa de ser gentil, eu a virei na cama e a coloquei de volta para o centro dela. E o tempo todo eu estava tagarelando sobre como Chris e eu tínhamos caçoado dela, dizendo que ela pregava as roupas ou as colava no corpo e nunca, é claro, tirava a roupa de baixo, a menos que estivesse em um armário com a luz apagada. Suas costas mostravam menos estragos do que a frente, embora suas nádegas fossem retas, flácidas e muito brancas.

– Vou chicoteá-la agora, avó – eu disse sem emoção, já sem vontade de fazer isso agora. – Eu prometi há muito tempo atrás que faria isso, se alguma vez tivesse a chance, e vou fazer! – E, fechando os olhos e pedindo a Deus que me perdoasse pelo que estava prestes a fazer, levantei meu braço no alto e bati com o chicote de salgueiro em suas nádegas nuas, com tanta força quanto fui capaz!

Ela estremeceu. Um ruído saiu de sua garganta. Então, ela pareceu afundar na inconsciência. Ela tinha relaxado tanto que sua bexiga se esvaziou. Comecei a chorar. Terríveis soluços saíram de *mim* enquanto eu corria para o banheiro adjacente para encontrar uma toalha e sabão, e então corri de volta com lenços de papel para limpá-la. Depois a lavei e coloquei pomada no vergão horrível que eu havia feito nela.

Virei-a na cama, endireitei seu vestido para que ela ficasse decentemente coberta, adequadamente, e só então fui olhar para ver se ela estava viva ou morta. Seus olhos cinzentos estavam abertos e olhando para mim sem expressão, enquanto as lágrimas desciam pelo *meu* rosto. Então, lentamente, enquanto eu soluçava, seus olhos começaram a brilhar em silencioso triunfo! Mudamente ela me chamou de *covarde!* *Eu sabia que você não poderia ser outra coisa, a não ser uma fraca! Sem coragem, sem resistência! Vá em frente, me mate! Eu a desafio, faça isso, faça isso, vá em frente!*

Pulei para fora da cama e corri rápido até a biblioteca e para dentro da sala que eu tinha visto. Em um frenesi de raiva, peguei o primeiro candelabro que vi e corri de volta até ela, mas eu não tinha fósforos! Voltei novamente à biblioteca, onde vasculhei a escrivaninha que Bart usava. Ele fumava; teria fósforos ou um isqueiro. Encontrei uma caixa de fósforos, brinde de uma discoteca local.

As velas eram cor de marfim, dignas, como esta casa. Havia terror em seus olhos de ferro agora. Ela *queria* aquele pouco de cabelo arrepiado amarrado com uma fita rosa. Acendi uma vela e fiquei olhando para a chama, então eu a segurei inclinada sobre a cabeça dela, para que a cera derretida escorresse gota a gota em seu cabelo e couro cabeludo. Talvez seis ou sete gotas caíram e então eu não aguentei mais. Ela estava certa. Eu era uma covarde, não poderia fazer com ela o que ela tinha feito conosco. Eu era uma Foxworth duas vezes e, no entanto, Deus havia mudado o molde, de modo que eu não me encaixava.

Apaguei a vela cor de marfim, coloquei-a de volta no candelabro e saí.

Assim que cheguei ao salão de festas, lembrei-me de que eu havia esquecido o precioso cacho de cabelo de Carrie. Corri de volta para buscá-lo. Encontrei a avó deitada como eu a havia deixado, mas sua cabeça estava virada e duas enormes lágrimas brilhantes estavam em seus olhos, que olhavam para o cacho do lindo cabelo de Carrie. Ah! Agora eu tinha a minha libra de carne!¹

Bart passava mais tempo em minha pequena casa do que na sua enorme mansão. Ele me dava muitos presentes, assim como fazia com meu filho. Ele tomava seu café da manhã, almoçava e jantava conosco nos dias que não passava em seu escritório, que eu particularmente acreditava ser mais uma fachada para parecer útil do que um escritório de advocacia funcional. Minha escola de dança sofria com a minha falta de atenção, mas isso não importava. Eu era agora uma mulher sustentada por um homem. Paga para ser sua amante.

Jory ficou encantado com as botinhas de couro que Bart deu a ele.

– *Você é o meu pai?* – perguntou meu filho, que ia fazer quatro anos em fevereiro.

– Não, mas gostaria muito de ser e poderia ser.

Assim que Jory saiu para o quintal, correndo e olhando para os seus pés que o fascinavam, agora que ostentavam botas de caubói, Bart se virou para mim e atirou-se cansado em uma cadeira.

– Você não vai adivinhar o que aconteceu lá em nossa casa. Um idiota sádico colocou cera no cabelo de minha sogra. E há um longo vergão em suas nádegas que não quer cicatrizar. A enfermeira não consegue explicar. Eu questionei Olivia, e perguntei se era alguém que ela conhecia, um dos empregados, e ela piscou os olhos duas vezes, ou seja, nenhum deles. Uma vez é para sim. Estou furioso como o diabo com isso! Deve ter sido um dos empregados, mas eu não consigo entender por que alguém seria tão cruel de atormentar uma velha indefesa que não consegue se mover para se defender. Ela se recusa a identificar qualquer pessoa que eu nomeio. Prometi a Corrine cuidar bem dela, e agora suas nádegas estão tão feridas, em carne viva, que ela tem que ficar deitada de bruços duas a quatro horas por dia, e é virada durante a noite.

– Oh – eu ofeguei, sentindo-me um pouco nauseada. – Que horrível! Por que não quer cicatrizar?

– A circulação dela é ruim. Teria de ser, não é, já que ela não pode se mover normalmente? – Ele sorriu então, de forma radiosa, como o sol quando sai depois de uma tempestade. – Não se preocupe, querida. É meu problema, não seu, e, claro, dela.

Ele estendeu os braços e eu fui rapidamente até eles para me aconchegar em seu colo, e ele me beijou com fervor antes de me levar para o meu quarto. Ele me deitou e começou a se despir.

– Eu poderia torcer o pescoço do demônio que fez isso com ela!

Estávamos deitados entrelaçados após fazer amor, ouvindo a mistura de vento com o riso estridente de Jory, correndo atrás do poodle toy que Bart lhe dera. Alguns flocos de neve estavam começando a cair.

Eu sabia que tinha de me levantar para que Jory não entrasse correndo e nos visse, só para nos contar que estava nevando. Ele não conseguia se lembrar de outras ocasiões assim, e o chão mal estaria coberto de neve fina como açúcar e ele iria querer fazer um boneco de neve. Suspirando primeiro, beijei Bart, então relutantemente saí do seu abraço. Virei-me de costas para ele, para colocar a calcinha, enquanto ele se apoiava em um cotovelo e assistia.

– Você tem uma bunda linda – ele disse.

Eu agradei.

– E a parte da frente?

Ele disse que não era ruim. Joguei um sapato nele.

– Cathy, por que você não diz que me ama?

Virei-me para ele, surpresa.

– Alguma vez você já me disse isso e era verdade?

Coloquei um minúsculo sutiã.

– Como você sabe que não era verdade? – ele perguntou com raiva.

– Deixe-me lhe dizer como eu sei. Quando você ama, quer que a pessoa fique com você o tempo todo. Quando você evita o assunto do divórcio, isso por si só é uma indicação do quanto você se importa comigo e de onde eu me encaixo em sua vida.

– Cathy, você foi magoada, não é? Eu não quero magoá-la mais. Você brinca comigo. Eu sempre soube disso. Que importa se é apenas sexo e não amor? E diga-me, como saber onde um termina e o outro começa?

Suas palavras de provocação foram como uma faca em meu coração, pois de alguma maneira, sem querer deixar que isso acontecesse, eu havia me apaixonado loucamente, tolamente por ele.

De acordo com o relatório entusiástico de Bart, sua esposa ausente há muito tempo chegou em casa de sua viagem rejuvenescedora parecendo muito mais jovem e bonita.

– Ela perdeu dez quilos. Eu juro, a plástica no rosto foi maravilhosa! Ela está sensacional, e com os diabos, tão incrivelmente parecida com você!

Era fácil ver como ele estava impressionado com a sua nova esposa, com aparência mais jovem, e se ele estava apenas tentando tirar o vento das minhas velas muito confiantes, não deixei que notasse. Então, ele estava me dizendo que eu era tão necessária a ele como antes, em um tom que dizia que eu não era.

– Cathy, enquanto Corrine estava no Texas, ela mudou. Ela é novamente como costumava ser, a mulher doce, amorosa com quem eu me casei.

Homens! Como eram crédulos! É claro que a minha mãe era mais doce e mais agradável com ele agora – agora que ela sabia que ele tinha uma amante que era muito acessível, e que a outra mulher era sua própria filha. Ela teria que saber, pois isso era sussurrado em toda parte agora – todos sabiam.

– Então, por que você está aqui comigo quando sua esposa está de volta e é tão parecida comigo? Por que você não coloca suas roupas e diz adeus e nunca mais volta? Diga que foi doce enquanto durou, mas está tudo acabado agora, e eu direi obrigada por uma época maravilhosa antes de lhe dar um beijo de despedida.

– Beeem – ele esticou a palavra, puxando-me com força contra seu corpo nu. – Eu não disse que ela estava assim *tão* sensacional. E também há algo de especial em você. Não consigo identificar o que é. Não consigo entender. Mas não sei se posso viver sem você agora. – Ele disse isso a sério, a verdade em seus olhos escuros.

Eu tinha vencido, vencido!

Por acaso minha mãe e eu nos encontramos na agência dos correios um dia. Ela me viu e estremeceu. Sua linda cabeça ergueu-se mais ainda quando ela se afastou levemente, fingindo que não me conhecia. Ela me negaria como havia negado Carrie, embora fosse bastante óbvio que éramos mãe e filha e não estranhas. Eu não era Carrie. Então eu a tratei da mesma forma que ela me tratou, de maneira indiferente, como se ela não fosse ninguém especial e

nunca seria novamente. No entanto, enquanto eu esperava com impaciência pelo meu rolo de selos, vi minha mãe dirigir seus olhos para acompanhar os movimentos agitados de meu filho, que tinha que olhar para tudo e todos. Ele era bonito, gracioso, um menino encantador que atraía os olhares de todos, que paravam para admirá-lo e acariciá-lo na cabeça. Jory movia-se com estilo inato, não estudado e descontraído, à vontade onde quer que estivesse, porque achava que o mundo inteiro era dele, e ele era amado por todos. Ele se virou, viu o longo olhar de minha mãe e sorriu.

– Olá – ele cumprimentou. – Você é muito bonita, como a minha mamãe.

Oh, as coisas que as crianças dizem! Que conhecimento inocente eles tinham, para ver tão facilmente o que os outros instintivamente se recusavam a reconhecer. Ele chegou mais perto para esticar a mão e timidamente tocou seu casaco de pele.

– Minha mamãe tem um casaco de pele. Minha mamãe é uma dançarina. Você dança?

Ela suspirou, eu preendi a respiração. *Veja, mamãe, aí está o neto que seus braços nunca vão abraçar. Você nunca vai ouvi-lo dizer o seu nome... Nunca!*

– Não – ela sussurrou. – Eu não sou uma dançarina. – As lágrimas boiavam em seus olhos.

– Minha mãe pode ensinar você.

– Estou velha demais para aprender – ela sussurrou, recuando.

– Não, você não está – disse Jory, pegando sua mão como se fosse lhe mostrar o caminho, mas ela se afastou, olhou para mim, ruborizada, e então se atrapalhou para pegar um lenço em sua bolsa.

– Você tem um menininho com quem eu possa brincar? – meu filho perguntou, preocupado ao ver suas lágrimas, como se ter um filho fosse compensá-la por não saber dançar.

– Não – ela disse em um fraco e trêmulo sussurro. – Eu não tenho filhos.

Foi quando me virei para dizer em voz fria, dura:

– Algumas mulheres não merecem ter filhos. – Eu paguei o meu rolo de selos e deixei-os cair na minha bolsa. – Algumas mulheres

são como você, Sra. Winslow, prefeririam ter dinheiro ao incômodo que crianças trazem, o que poderia atrapalhar sua diversão. O próprio tempo, mais cedo ou mais tarde, irá lhe mostrar se você tomou a decisão certa.

Ela virou as costas e estremeceu novamente, como se todas as suas peles não pudessem mantê-la aquecida o suficiente. Então, ela saiu da agência dos correios e foi em direção à limusine preta com chofer. Como uma rainha ela partiu, a cabeça erguida, deixando Jory perguntando:

– Mamãe, por que você não gosta da moça bonita? Eu gosto muito dela. Ela é como você, só que não tão bonita.

Não comentei nada, embora estivesse na ponta da minha língua dizer algo tão horrível que ele nunca se esqueceria.

No crepúsculo daquela noite eu me sentei perto das janelas, olhando em direção a Foxworth Hall e me perguntando o que Bart e minha mãe estavam fazendo. Minhas mãos estavam sobre o meu abdômen, que ainda estava reto, mas logo cresceria com a criança que poderia ter sido gerada. Um período menstrual atrasado não provava nada – exceto que eu queria o bebê de Bart, e pequenas coisas me fizeram ter certeza de que havia um bebê. Deixei a depressão vir e tomar conta de mim. Ele não a abandonaria nem deixaria seu dinheiro para se casar comigo, e eu teria outro filho sem pai. Que tola eu fora em começar tudo isso – mas eu sempre fora uma tola.

Então eu vi um homem deslizando através do bosque, vindo em minha direção, e eu ri, confiante novamente. Ele me amava! Ele me amava... E assim que eu soubesse com certeza, eu lhe diria que ele seria pai.

Então o vento entrou com Bart e derrubou o vaso de rosas que estava sobre a mesa. Levantei-me e olhei para os pedaços de cristal e as pétalas espalhadas. Por que o vento estava sempre tentando me dizer algo? Algo que eu não queria ouvir!

1 Referência à peça de Shakespeare *O Mercador de Veneza*, cujo vilão, Shylock, é um agiota judeu que empresta dinheiro a seu rival cristão, Antônio, colocando como fiança uma libra da carne de Antônio. Quando este, após se ver falido, não consegue pagar o empréstimo, Shylock exige a libra de carne, como vingança por Antônio tê-lo insultado e cuspidado anteriormente. (N.T.)

PREPARANDO AS CARTAS



– Cathy, você me disse que não havia necessidade de precauções!

– E não havia. Eu quero o seu bebê.

– *Você quer o meu bebê?* O que diabos você acha que posso fazer, me casar com você?

– Não. Eu tirei as minhas próprias conclusões. Presumi que você se divertiria comigo, e quando tudo acabasse iria voltar para sua esposa e encontrar outra amiguinha. E eu teria apenas o que me propus a obter: seu bebê. Agora eu posso ir. Então me dê um beijo de adeus, Bart, como apenas mais um de seus pequenos casos extraconjugais.

Ele parecia furioso. Estávamos em minha sala de estar, enquanto uma nevasca feroz caía lá fora. Neve amontoava-se em montes da altura da janela e eu estava em frente à lareira, tricotando uma roupinha de bebê antes de começar a botinha. Eu estava quase pronta para deslizar um ponto e em seguida tricotar dois juntos quando Bart tirou o tricô de minhas mãos e atirou-o para longe.

– Vai sair da agulha! – gritei em desespero.

– O que diabos está tentando fazer comigo, Cathy? Você sabe que não posso me casar com você! Eu nunca menti sobre isso. Você está jogando algum tipo de jogo comigo. – Ele engasgou e cobriu o rosto com as mãos, então as tirou do rosto e implorou: – Eu amo você. Deus me ajude, mas eu amo. Eu quero você sempre perto de

mim, e quero meu filho também. Que tipo de jogo você está jogando agora?

– Só um jogo de mulher. O único jogo que ela pode jogar e ter a certeza de vencer.

– Veja – ele disse, tentando recuperar o controle da situação –, explique o que você quer dizer com isso, sem conversa fiada. Nada precisa mudar porque minha esposa está de volta. Você sempre vai ter um lugar na minha vida.

– Em sua vida? Você não quer dizer, mais corretamente, nas franjas da sua vida?

Pela primeira vez ouvi humildade em sua voz.

– Cathy, seja razoável. Eu te amo, e amo minha esposa também. Às vezes não consigo separar você dela. Ela voltou diferente, como eu lhe disse, e agora ela é como era quando nos conhecemos. Talvez o corpo e o rosto mais jovens tenham lhe devolvido um pouco da confiança que ela havia perdido, e por causa disso ela pode ser mais doce. Seja qual for a causa, sou grato por isso. Mesmo quando eu não gostava dela, eu a amava. Quando ela era detestável, eu tentava revidar indo atrás de outras mulheres, mas ainda assim eu a amava. O único grande problema que nos faz brigar é a falta de vontade dela de ter um filho, até mesmo um adotado. É claro que ela está muito velha para ter um agora. Por favor, Cathy, *fique! Não me deixe!* Não leve meu filho para longe a fim de que eu nunca saiba o que aconteceu com ele, ou ela... ou você.

Eu deixei as coisas bem claras.

– Tudo bem, eu fico, com uma condição. Se você se divorciar dela e casar comigo, só então você terá a criança que sempre quis. Caso contrário, eu vou embora, e isso significa que o seu filho vai embora também, para longe. Talvez eu escreva uma carta para que você saiba se tem um filho ou uma filha, e talvez não. De qualquer maneira, se eu partir, você estará fora da minha vida para sempre.

Pensei, *olhe para ele, agindo como se aquele codicilo não estivesse no testamento proibindo sua mulher de ter filhos.* Protegendo-a! Exatamente como Chris, quando ele sabia disso o tempo todo. Ele tinha escrito o testamento. Ele tinha que saber.

Ele ficou em pé diante da lareira, com o braço sobre a cornija e então, descansou a testa sobre ela e olhou para baixo, para o fogo. Sua mão livre estava atrás das costas e fechada em um punho. Seus pensamentos confusos eram tão profundos que chegaram até mim e me deixaram com pena. Ele virou-se então, de frente para mim, olhando no fundo dos meus olhos.

– Meu Deus – ele disse, chocado com sua descoberta. – Você planejou isso tudo, não é? Você veio aqui para fazer exatamente o que fez, mas por quê? Por que você me escolheu para magoar? O que eu fiz para você, Cathy, exceto te amar? É verdade, começou com sexo, e assim eu queria que permanecesse. Mas isso se transformou em algo muito maior. Gosto de estar com você, apenas sentado e falando, ou andando na floresta. Eu me sinto confortável com você. Gosto do jeito como você cuida de mim e toca a minha face quando passa, e desarruma meu cabelo e beija meu pescoço, e da maneira doce, tímida que você acorda e sorri quando me vê ao seu lado. Eu gosto dos jogos inteligentes que você joga, mantendo-me sempre em dúvida, e sempre entretido. Parece que tenho dez mulheres em uma, então agora sinto que não posso viver sem você. Mas não posso abandonar minha esposa e me casar com você. Ela *precisa* de mim!

– Você deveria ter sido um ator, Bart. Suas palavras me levam às lágrimas.

– Maldita seja você por levar as coisas de forma tão leviana! – ele gritou. – Você me colocou na roda de tortura e agora está torcendo os parafusos! Não me faça odiar você e arruinar os melhores meses da minha vida!

Com isso, ele saiu da minha casa, e eu fiquei sozinha, lamentando com pesar o fato de que eu sempre falava demais, pois eu iria ficar por tanto tempo quanto ele precisasse de mim.

Emma, Jory e eu pensamos que seria uma ideia maravilhosa realizar uma excursão até Richmond e fazer compras de Natal. Jory nunca tinha visto o Papai Noel, que ele pudesse se lembrar, e com muito medo se aproximou do homem de roupa vermelha e de barba

branca que estendeu os braços para encorajá-lo. Timidamente, ele se empoleirou no joelho do Papai Noel na loja de departamentos Thalhimers, e olhou sem acreditar para os cintilantes olhos azuis enquanto eu tirava fotos de todos os ângulos, até mesmo rastejando para conseguir o que eu queria.

Depois visitei uma loja de roupas da qual eu tinha ouvido falar, onde entreguei a eles um esboço que eu havia desenhado de cabeça. Selecionei o tom exato de veludo verde-escuro, e então, o *chiffon* verde mais claro para a saia.

– E façam as tiras das alças do corpete de veludo de *strass* e, lembrem-se, os babados flutuantes devem chegar até a barra.

Enquanto Jory e Emma assistiam a um filme de Walt Disney, cortei o cabelo e fiz um penteado diferente. As pontas não foram apenas aparadas, como era meu hábito, mas o cabelo foi cortado realmente mais curto do que eu jamais usara. Era um estilo que me caía bem, como era de se esperar, pois tinha caído bem em minha mãe quando ela tinha usado esse corte, há 15 anos.

– Oh, mamãe! – Jory gritou, com angústia em sua voz. – Você perdeu seu cabelo! – ele começou a chorar. – Coloque o seu cabelo comprido de volta! Você não se parece com a minha mãe agora!

Não, esse era o propósito. Eu não queria parecer comigo mesma nesse Natal, não nesse Natal especial, quando eu tinha que duplicar exatamente o que minha mãe tinha sido quando a vi dançando pela primeira vez com Bart. Agora, finalmente, a minha chance – em um vestido igual ao dela, com seu estilo de cabelo, o rosto mais jovem, eu iria enfrentar a minha mãe em sua própria casa, em *meus* termos. De mulher para mulher – e que a melhor vencesse! Ela teria 48 anos, com uma plástica recente – ainda assim eu sabia que ela era muito bonita. Mas ela não podia competir com a filha que era 21 anos mais jovem! Eu ri quando me olhei no espelho depois de colocar o novo vestido verde. Oh, sim, eu tinha me transformado no que ela tinha sido um dia – o tipo de mulher a que os homens simplesmente não conseguiam resistir. Eu tinha seu poder, sua beleza, e dez vezes mais cérebro – como ela poderia ganhar?

Três dias antes do Natal, liguei para Chris e perguntei se ele gostaria de ir comigo até Richmond. Eu tinha esquecido alguns itens

necessários que as pequenas lojas locais não tinham.

– Cathy – ele disse com firmeza, sua voz fria e hostil –, quando desistir de Bart Winslow você me verá de novo, mas até que isso aconteça, eu não quero estar perto de você!

– *Tudo bem!* – eu disse, zangada. – *Fique onde está!* Você pode perder a *sua* vingança, mas eu não vou perder a minha! Adeus, boneco Christopher, e espero que *todos os percevejos mordam!* – Eu desliguei.

Eu não dava aulas de balé tão frequentemente como costumava fazer, mas na época dos recitais eu estava sempre lá. Minhas pequenas dançarinas tinham prazer em se vestir e se mostrarem para os pais, avós e amigos. Estavam adoráveis em seus trajes para *O Quebra-Nozes*. Até mesmo Jory tinha dois pequenos papéis a desempenhar, um floco de neve e um docinho.

Na minha opinião, não havia maneira mais mágica de passar pelo menos uma noite de Natal do que assistir a uma performance de *O Quebra-Nozes* em família. E era mil vezes mais maravilhoso quando uma daquelas pequenas, talentosas e graciosas crianças era seu próprio filho pequeno, a 52 dias de fazer quatro anos de idade. Sua dança no palco com tanta paixão, ainda quase um bebê, arrancou vários aplausos do público, que se levantou para aplaudir sua performance solo, coreografada especialmente para ele por mim.

E o melhor de tudo: eu tinha feito Bart jurar que forçaria minha mãe a assistir a esse recital – e eles estavam lá; eu verifiquei espreitando por entre as cortinas, na primeira fila do centro, o Sr. e a Sra. Bartholomew Winslow. Ele parecia feliz; ela parecia sombria. Portanto, eu tinha algum controle sobre Bart. Ele apareceu com um enorme buquê de rosas para a instrutora de dança e uma enorme caixa para o floco de neve com performance solo.

– O que pode ser? – perguntou Jory, o rosto vermelho, sua felicidade chegando até do céu. – Posso abri-lo agora?

– Claro, logo que chegarmos em casa, e amanhã de manhã Papai Noel vai deixar uma centena de presentes para você.

– Por quê?

– Porque ele te ama.

– Por quê? – perguntou Jory.

– Porque ele não poderia deixar de te amar, é essa a razão.

– Oh.

Antes das cinco da manhã Jory estava acordado, brincando com o trem elétrico que Bart tinha lhe dado. Havia lindos papéis de presente espalhados por toda a sala, das centenas de presentes de Paul, Henny, Chris, Bart e Papai Noel. Emma deu-lhe uma caixa de biscoitos caseiros que ele atacou enquanto rasgava os papéis dos pacotes.

– Puxa, mamãe – ele gritou. – Pensei que ficaria sozinho sem meus tios, mas não estou sozinho. Estou me divertindo.

Ele não estava sozinho, mas eu estava. Eu queria Bart comigo, não lá com ela. Esperei que ele desse uma desculpa para dirigir até a drogaria e vir até aqui para me ver e a Jory. Mas tudo o que vi de Bart na manhã de Natal foi o bracelete de diamantes de cinco centímetros de largura que ele colocou em uma caixa com duas dúzias de rosas vermelhas. Seu cartão dizia: “Eu te amo, bailarina”.

Se alguma mulher se vestiu com mais esmero do que eu naquela noite, deve ter sido Maria Antonieta. Emma reclamou que eu estava demorando demais. Maquiei meu rosto como se uma câmera fosse tirar fotos de perto para uma capa de revista. Emma penteou meu cabelo como minha mãe tinha usado o dela há muito tempo.

– Faça ondas suaves perto do rosto, Emma, então o prenda no alto da cabeça em um grupo de cachos, e deixe alguns pendurados longos o suficiente para chegar até os meus ombros.

Quando ela terminou, ofeguei ao ver que era quase uma cópia exata do que minha mãe tinha sido quando eu tinha 12 anos! Minhas maçãs do rosto altas ficavam em evidência exatamente como as dela com esse estilo de cabelo. Como em um sonho que eu nunca tinha esperado realmente realizar, coloquei o vestido verde com o corpete de veludo e saia de *chiffon*. Esse era o tipo de vestido que nunca saía de moda. Girei em círculos diante do espelho, ficando com a sensação de ser a minha mãe com seu poder de controlar os homens, enquanto Emma ficava atrás e me lisonjeava.

Até o meu perfume era o mesmo. Almiscarado com um aroma de jardim oriental. Minhas sapatilhas tinham tiras de prata, com saltos de dez centímetros. Minha carteira de noite era prateada também, para combinar. Tudo o que eu precisava agora eram as joias de esmeralda e diamante que ela usava. Logo eu teria isso também. Certamente o destino não iria deixá-la estar vestindo verde essa noite. Em algum ponto da minha vida o destino tinha que estar do meu lado. Imaginei que seria naquela noite.

Hoje à noite eu iria entregar as surpresas e os tapas. Ela sentiria a dor da perda! Que pena que Chris não estaria aqui para aproveitar o fim de um longo, longo jogo que começou no dia em que nosso pai foi morto na rodovia.

Dei mais um olhar de admiração a mim mesma, peguei a estola de pele que Bart havia me dado, reuni a minha vacilante coragem e dei uma última olhada em Jory, que estava deitado de lado e parecia um anjo. Debrucei-me sobre ele para beijar carinhosamente sua bochecha rosada e redonda.

– Eu te amo, Jory – sussurrei.

Ele acordou parcialmente de um sonho vago e olhou para mim como se eu fosse parte desse sonho.

– Oh, mamãe, você está tão bonita! – Seus olhos azul-escuros brilharam com fascinação infantil enquanto ele pedia, muito sério: – Você vai a uma festa para me trazer um novo papai?

Eu sorri, novamente beijei-o e disse que sim, de certa forma eu ia.

– Obrigada, querido, por achar que estou bonita. Agora volte a dormir e sonhe com coisas boas, e amanhã vamos construir um boneco de neve.

– Traga um papai para ajudar.

Na mesa ao lado da porta da frente estava um bilhete de Paul. “Henny está muito doente. É uma pena que você não possa desistir de seus planos para visitá-la antes que seja tarde demais. Desejo-lhe boa sorte, Catherine.”

Com um suspiro, coloquei esse bilhete de lado e peguei o que Henny tinha enviado junto com o de Paul, escrito em papel vermelho festivo, com as letras malfeitas por causa das juntas artríticas doloridas.

Querida Criança-Fada

Henny está velha; Henny está cansada; Henny está contente próprio filho está ao seu lado, mas infeliz porque outras crianças longe.

Conto a você agora, antes de ir para um lugar melhor, o simples segredo de viver feliz. Tudo que precisa fazer é dizer adeus aos amores de ontem, e olá para o novo. Olhe ao redor e ver quem precisa mais de você e não vai dar errado. Esqueça quem precisava de você ontem.

Você escrever e diz que você tem novo bebê dentro de você feito pelo marido de sua mãe. Alegre-se com a criança, mesmo se o marido da mãe vai ficar casado com ela. Perdoe sua mãe, mesmo que uma vez ela fez mal. Ninguém é todo ruim, e a parte boa em suas crianças deve ter vindo dela. Quando você perdoar e esquecer o passado, a paz e o amor vão voltar para você, e desta vez vão ficar.

E se você nunca mais neste mundo vir Henny de novo, lembre-se que Henny te amou muito, como própria filha dela, assim como eu amei sua irmã-anjo que eu espero encontrar novamente em breve.

*Logo estarei no céu,
Henny*

Coloquei a nota na mesa com um sentimento intenso de tristeza em meu peito, então dei de ombros. O que tinha de ser feito seria feito. Há muito tempo atrás eu havia colocado meus pés nesse caminho, e eu o seguiria, viesse o que viesse.

Como era estranho que o vento não estivesse soprando quando saí pela porta e me virei para acenar para Emma, que ia passar a noite com Jory. Com botas cobrindo minhas sapatilhas prateadas, fui até o meu carro. Tudo estava silencioso, como se a natureza

estivesse se segurando, em suspense, enquanto se concentrava em mim.

Suave como um edredom, a neve começou a cair. Olhei para o céu cinza, cor de chumbo, muito parecido com os olhos da avó. Decidida novamente, virei a chave na ignição e me dirigi para Foxworth Hall, embora não tivesse sido convidada. Eu havia brigado com Bart por causa disso.

– Por que você não insistiu e forçou-a a me convidar?

– Realmente, Cathy, isso não é um pouco demais para perguntar? Posso insultar minha esposa, pedindo à minha amante que vá à sua festa? Posso ser um tolo, Cathy, mas não sou tão cruel.

Nosso primeiro Natal aprisionados, quando eu tinha 12 anos, passei com a cabeça deitada no peito juvenil de Chris, melancolicamente desejando ser crescida, com curvas bem torneadas como as da minha mãe, com um rosto tão bonito quanto o dela, vestindo roupas tão impressionantes quanto as dela. E mais do que tudo, eu tinha desejado estar no controle da minha vida.

Alguns desejos de Natal se tornavam realidade.

REVELAÇÕES



Logo depois das dez horas, eu usei a chave de madeira que Chris havia esculpido há tantos anos e entrei às escondidas, através de uma porta dos fundos, em Foxworth Hall. Já havia muitos convidados lá e mais ainda estavam chegando. A orquestra tocava uma canção de Natal e eu a ouvi ao longe. Música tão assombrosamente doce que fui levada de volta à minha infância. Só que desta vez eu estava sozinha em território estrangeiro, sem ninguém para me apoiar, enquanto ia silenciosamente até a escada de trás, mantendo-me nas sombras, pronta para me ocultar rapidamente, se necessário. Segui meu caminho solitário até a grande rotunda central para ficar perto do armário onde Chris e eu tínhamos nos escondido em outra festa de Natal. Olhei para baixo, para ver Bart Winslow em pé ao lado de sua esposa, que estava usando um vestido de lamê vermelho brilhante. Sua voz forte estava animada enquanto ele cumprimentava calorosamente seus hóspedes que chegavam, apertando-lhes as mãos, beijando rostos, agindo como um amável anfitrião de verdadeiro estilo. Minha mãe parecia de alguma maneira secundária, quase desnecessária nessa enorme mansão que estava prestes a ser dela.

Sorrindo amargamente para mim mesma, fui até a grande suíte de minha mãe. Isso me levou de volta no tempo! Oh, caramba! Eu usei a exclamação de prazer da minha época de menina, ou de surpresa, de desânimo ou frustração, embora tivesse palavras

melhores e mais precisas à minha disposição agora. Hoje à noite eu não tinha frustrações, apenas uma sensação de alegre justificativa. O que quer que acontecesse, ela havia causado isso a si mesma. Veja, pensei, aí está a esplêndida cama em formato de cisne, ainda lá, com a pequenina cama de cisne aos seus pés. Olhei ao meu redor, vendo que tudo estava do mesmo jeito, exceto pelo tecido de brocado nas paredes – aquele era diferente. Agora era de uma cor suave de ameixa, e não rosa-morango. Havia um cabide de bronze para manter um terno masculino pronto para ser usado e sem rugas, até ser vestido. Isso era novo. Corri até o armário de vestir de minha mãe. De joelhos, puxei uma gaveta especial no fundo e procurei os pequenos botões que tinham de ser pressionados numa certa combinação de números para abrir o cadeado. E acreditem – ela ainda usava os números do aniversário dela, mês, dia e ano! Ora! Ela era uma alma confiante.

Logo a enorme bandeja de veludo estava no chão à minha frente, de forma que eu pudesse pegar as esmeraldas e diamantes que ela usara na festa de Natal, quando Chris e eu a vimos dançando com Bartholomew Winslow pela primeira vez. Como nós a amávamos então, e como nos ressentimos *dele*. Ainda estávamos à sombra de nosso sofrimento pelo nosso pai, e não queríamos que mamãe se casasse novamente – nunca mais.

Como em um sonho, coloquei as joias de esmeralda e diamante que combinavam muito bem com o meu vestido de veludo e *chiffon* verdes. Olhei no espelho para ver se eu me parecia com ela naquela época. Eu era alguns anos mais jovem, mas sim, eu me parecia com ela. Não exatamente, mas quase, o suficiente para convencê-los – pois eram duas folhas da mesma árvore cópias exatas? Devolvi a bandeja de joias no lugar e coloquei-a de volta na gaveta, deixando tudo como estava antes.

Só que agora eu estava usando pedras preciosas que não me pertenciam, que valiam várias centenas de milhares de dólares. Só mais uma olhada no meu relógio. Dez e meia. Muito cedo. À meia-noite eu faria a minha entrada triunfal, como Cinderela em sentido inverso.

Com a máxima cautela, andei furtivamente ao longo dos corredores até a ala norte, e encontrei o quarto no final do corredor com a porta trancada. A chave de madeira ainda funcionava. Mas meu coração parecia não caber no meu peito. Ele batia muito rápido, muito violentamente, muito alto, e meu pulso estava acelerado. Eu tinha que manter a calma, ficar no controle, fazer tudo certo e não me deixar intimidar por essa incrível casa que tinha feito o seu melhor para nos destruir.

Quando entrei naquele quarto com as duas camas de casal, voltei à infância. Os acolchoados de cetim dourados ainda estavam sobre as camas, que estavam arrumadas e sem nenhum vinco. A TV de dez polegadas ainda estava no canto. A casa de boneca com suas pessoas de porcelana e o mobiliário antigo feito em escala estava à espera das mãos de Carrie para trazê-los de volta à vida. A velha cadeira de balanço que Chris tinha trazido para baixo lá do sótão ainda estava lá. *Ora, era como se o tempo tivesse parado aqui e nós nunca tivéssemos saído!*

Até mesmo o inferno continuava nas paredes, horrivelmente representado pelas três reproduções de obras-primas. Oh, Deus! Eu não sabia que esse quarto faria eu me sentir tão, tão dilacerada por dentro. Eu não podia me dar ao luxo de chorar. Isso faria meu rímel escorrer. No entanto, eu queria chorar. Ao meu redor esvoaçavam os fantasmas de Cory e Carrie, com apenas cinco anos de idade, rindo, chorando, querendo ir lá fora, à luz do sol, e tudo o que eles podiam fazer era empurrar pequenos caminhões para San Francisco ou Los Angeles de faz-de-conta. Havia trilhos de trem que corriam por todo o quarto e sob os móveis. Oh, onde foram parar os trilhos do trem – os vagões de carvão, os motores? Tirei um lenço de papel da minha pequena bolsa de noite e segurei-o próximo ao canto de um olho e, em seguida, do outro. Eu me inclinei para olhar para a casa de bonecas.

As empregadas de porcelana ainda estavam trabalhando na cozinha; o mordomo estava parado perto da porta da frente para receber os hóspedes que chegavam em uma carruagem puxada por dois cavalos – e, vejam só, quando eu olhei no quarto do bebê, o berço estava lá! O berço que tinha desaparecido! Durante semanas

nós o havíamos procurado sem encontrá-lo, com medo o tempo todo de que a avó fosse notar que estava faltando e punisse Carrie – e lá estava ele, exatamente onde deveria estar! Mas o bebê não estava nele, nem os pais na sala da frente. O Sr. e Sra. Parkins e a bebê Clara eram meus agora, e nunca mais eles viveriam nessa casa de bonecas.

A avó tinha roubado o berço ela mesma, para que pudesse ver que ele não estava lá e perguntar a Carrie onde estava, e quando ele não aparecesse, ela teria uma boa razão para punir minha irmã? E Cory também, pois ele automaticamente, sem recear punição para ele mesmo, correria para proteger sua irmã gêmea. Era bem característico dela fazer algo mau e cruel assim. Mas se ela tinha feito isso, por que não foi em frente e terminou o que havia começado? Eu ri amargamente para mim mesma. Ela *tinha* ido até o fim – e não tinha sido apenas uma surra, mas algo maior, algo *pior*. Veneno. Arsênico em quatro donuts açucarados.

Dei um pulo. Parecia ter ouvido uma risada infantil. Minha imaginação, é claro. E então, embora eu devesse ter pensado melhor, fui até o armário embutido e a porta alta e estreita no fundo, até as íngremes e estreitas escadas escuras. Um milhão de vezes eu havia subido essas escadas. Um milhão de vezes no escuro, sem uma vela ou uma lanterna. Até o escuro, lúgubre e gigantesco sótão, e só quando cheguei lá em cima procurei o lugar onde Chris e eu tínhamos escondido nossas velas e fósforos.

Ainda estavam lá. O tempo *havia* parado nesse lugar. Tínhamos vários castiçais, todos de estanho, com pequenas alças para segurar. Castiçais que tínhamos encontrado em um velho baú junto com caixas e caixas de velas curtas, atarracadas e grossas, desajeitadamente fabricadas. Sempre presumimos que eram velas caseiras, pois tinham um cheiro rançoso e velho quando queimavam.

Minha respiração ficou presa! Oh! Tudo estava igual! As flores de papel ainda pendiam do teto, móveis que se moviam com as correntes de vento, e as flores gigantes ainda estavam nas paredes. Apenas as cores tinham se desvanecido até adquirir uma cor cinza indistinta – flores-fantasmas. Os centros brilhantes que tínhamos colado nas flores tinham se desprendido, e agora apenas algumas

margaridas tinham lantejoulas ou pedras reluzentes nos centros. O verme roxo de Carrie estava lá, mas agora ele também era de uma cor indistinta. O caracol epiléptico de Cory não parecia mais uma bola de praia brilhante e torta agora, era mais como uma laranja morna, amassada e meio podre. Os cartazes de CUIDADO que eu e Chris tínhamos pintado em vermelho ainda estavam nas paredes, e os balanços ainda pendiam das vigas do sótão. Perto do tocador de discos estava a barra que Chris tinha construído e pregado na parede para que eu pudesse praticar minhas posições de balé. Mesmo meus trajes de balé que não serviam mais estavam pendurados frouxamente em pregos, dezenas deles, com seus *collants* correspondentes e sapatilhas de ponta desgastadas, tudo desbotado e empoeirado, com cheiro de podridão.

Como se eu estivesse presa em um sonho infeliz, caminhei a esmo em direção à sala de aula distante, com a luz das velas tremeluzindo. Os fantasmas ficaram incomodados, memórias e espectros me seguindo enquanto as coisas começaram a acordar, bocejar e sussurrar. Não, eu disse a mim mesma, eram apenas os babados flutuantes de minhas saias compridas *chiffon*... Era apenas isso. O cavalo de balanço manchado apareceu, assustador e ameaçador, e minha mão foi até a minha garganta enquanto eu segurava um grito. O vagão vermelho enferrujado parecia ser movido por mãos invisíveis empurrando-o, então meus olhos se voltaram para o quadro-negro onde eu havia escrito a minha enigmática mensagem de despedida para aqueles que viessem no futuro. Como eu iria saber que seria eu mesma?

*Vivemos no sótão,
Christopher, Cory, Carrie e eu,
Agora só somos três.*

Atrás da pequena carteira escolar que tinha sido de Cory, eu me sentei e tentei encaixar minhas pernas embaixo dela. Queria entrar em um profundo devaneio que chamaria o espírito de Cory, e ele me diria onde jazia.

Enquanto eu ficava sentada lá esperando, o vento lá fora começou a soprar, aumentando sua força, de forma que ele começou a uivar e a arremessar a neve de forma inclinada. Outra nevasca estava começando, com força total. Com a tempestade vieram as correntes de vento para soprar a vela! A escuridão gritou, e eu tive que correr para sair! Corra *rápido*... Corra, corra, corra antes que se torne um *deles*!

A hora seguinte tinha sido coreografada nos menores detalhes. Quando o grande relógio de pêndulo começou a bater as 12 horas, eu me posicionei no centro da sacada do segundo andar. Não fiz nada espetacular para atrair todos os olhares para mim, apenas fiquei ali, com a minha carne aquecida pelas joias que brilhavam. Em seu vestido escarlate de lamê, com um decote tão alto na frente que chegava até sua garganta, cercada por uma gargantilha pródiga em diamantes, minha mãe se virou levemente. Vi que o vestido sem costas tinha sido feito para compensar a severidade do decote fechado na frente, pois havia uma leve sugestão do início de suas nádegas. Seu cabelo loiro estava arrumado mais curto do que eu já vira, e arrumado em torno de seu rosto de uma maneira que lhe caía bem. A essa distância, ela parecia muito jovem e linda, e absolutamente não aparentava sua idade real.

Ah... a última badalada das 12 soou...

Algum sexto sentido deve tê-la avisado, pois ela virou a cabeça lentamente para olhar em minha direção. Comecei a minha descida. Ela ficou congelada, em choque. Seus olhos se arregalaram e ficaram escuros, e a mão que segurava um copo de coquetel tremia tanto que um pouco do líquido esparramou no chão. Ao vê-la encarando, Bart seguiu a direção de seu olhar. Ele abriu a boca como se estivesse vendo uma aparição. Agora ambos, anfitrião e anfitriã, estavam hipnotizados; cada convidado tinha que olhar para onde, sem dúvida, eles esperavam ver o Papai Noel, e era apenas eu. Apenas eu, como minha mãe tinha sido anos atrás, usando o mesmo vestido, e na presença de muitas, eu tinha certeza, dessas mesmas pessoas que estavam aqui naquele outro Natal, quando eu

tinha 12 anos. Eu até mesmo reconheci alguns, mais velhos, mas eu os conhecia! Oh, que alegria tê-los aqui!

Esse foi o meu momento de triunfo! Movendo-me como somente uma bailarina conseguiria, eu estava determinada a desempenhar o meu papel com o máximo de minha capacidade dramática. Enquanto os convidados olhavam para cima, claramente apanhados pelo espanto de o tempo andar para trás, me regoziquei ao ver minha mãe empalidecer. Então, exultei ao ver os olhos de Bart se arregalarem mais uma vez, enquanto eles se moviam de mim para ela e, então, de volta para mim. Lentamente, em um silêncio de morte, pois a música tinha parado, desci pelo lado esquerdo da sinuosa escadaria dupla, pensando que eu era Caraboose, a fada má que jogava em Aurora a maldição da morte. Então me transformei na Fada Lilás para roubar o Príncipe de Aurora enquanto ela dormia seu sono de cem anos. (Foi inteligente de minha parte não pensar em mim como a filha de minha mãe, e em como eu a destruiria muito em breve. Muito inteligente transformar isso numa produção para o palco, quando eu estava lidando com a realidade, e não com a fantasia e com o sangue que poderia ser derramado.)

Graciosamente meus dedos cintilantes desceram ao longo do corrimão de jacarandá, sentindo os babados de *chiffon* verde esvoaçarem e flutuarem a cada passo meu, e a cada segundo eu me aproximava do lugar onde minha mãe e Bart estavam muito próximos um do outro. Ela estava tremendo, mas ainda assim conseguia manter a pose. Pensei ter visto um lampejo de pânico nos seus olhos azuis de Dresden. Gentilmente dei a ela o meu gentil sorriso, enquanto ficava parada no segundo degrau a partir de baixo. Dessa forma, eu dava a mim mesma a altura que precisava para ficar mais alta do que qualquer um. Todos tinham que olhar para cima para me verem, pois eu usava sapatos de saltos de dez centímetros com plataforma, como os sapatos de Carrie, de modo a ficar da mesma altura que minha mãe quando estivéssemos frente a frente. Para melhor ver sua consternação. Seu desconforto. Seu colapso total!

– Feliz Natal! – eu disse a todos e a cada um em uma voz alta e clara. Ela ressoou como uma trombeta de arauto, atraindo outras

pessoas de diferentes salas, e eles vieram às dúzias, como se mais atraídos pelo silêncio total do que pela minha voz. – Sr. Winslow – eu disse de maneira convidativa –, venha dançar comigo, assim como você dançou com a minha mãe 15 anos atrás, quando eu tinha 12 anos e estava escondida lá em cima, e ela usava um vestido exatamente igual ao que eu estou usando agora.

Bart estava visivelmente abalado. O choque fez seus olhos escuros ficarem negros, mas ele se recusou a sair do lado de minha mãe!

Ele me forçou a fazer o que fiz em seguida. Enquanto todos ficavam lá e esperavam, mantidos em um suspense ofegante, esperando revelações mais explosivas, eu lhes dei o que eles queriam.

– Eu gostaria de me apresentar. – Minha voz era aguda e por isso alcançava uma boa distância. – Sou Catherine Leigh Foxworth, a filha primogênita da Sra. Bartholomew Winslow, que, a maioria de vocês deve se lembrar, foi casada primeiro com meu pai, Christopher Foxworth. Lembrem-se também que ele era meio-tio de minha mãe, o irmão mais novo de Malcolm Neal Foxworth, que deserdou sua única filha, sua única herdeira remanescente, porque ela teve a temeridade profana de se casar com o meio-irmão de seu pai! Ainda mais, eu também tenho um irmão mais velho, chamado Christopher também, e ele é um médico agora. Uma vez eu tive um irmão e uma irmã mais novos, gêmeos sete anos mais jovens do que eu, mas Cory e Carrie estão mortos agora, pois eles foram... – Estaquei por alguma razão, então continuei. – Naquela festa de Natal de 15 anos atrás, Chris e eu estávamos escondidos no baú da varanda, enquanto os gêmeos dormiam no quarto na extremidade da ala norte. Nosso parque de diversões era o sótão, e nunca, nunca descíamos. Éramos camundongos de sótão, indesejados e mal-amados, assim que o dinheiro entrou em jogo.

E eu teria gritado tudo para fora, cada último detalhe, mas Bart veio caminhando até mim.

– Bravo, Cathy! – ele gritou. – Você representou sua parte com perfeição! Parabéns.

Ele colocou o braço sobre os meus ombros, encantadoramente sorriu para mim e, em seguida, virou-se para os convidados, que não pareciam saber o que pensar ou em quem acreditar, e muito menos como reagir.

– Damas e cavalheiros – ele disse –, deixem-me apresentar-lhes Catherine Dahl, a quem muitos de vocês devem ter visto no palco quando ela dançava com o marido, Julian Marquet. E, como vocês acabaram de presenciar, ela também é uma atriz de mérito. Cathy aqui é uma parente distante de minha esposa, e se vocês podem ver qualquer semelhança, isso explica tudo. De fato, a Sra. Julian Marquet é uma das nossas vizinhas agora, vocês devem saber disso. Dada que a sua semelhança com a minha mulher é tão notável, preparamos essa pequena farsa entre nós, e fizemos o possível para animar essa festa e torná-la diferente com a nossa pequena piada.

Ele impiedosamente beliscou meu braço, antes de pegar a minha mão, colocar o braço na minha cintura e pedir-me para dançar.

– Venha cá, Cathy, certamente você quer mostrar sua habilidade como dançarina depois de ter demonstrado sua excelente performance dramática.

À medida que a música começou a tocar, ele energicamente me fez dançar! Virei a cabeça para ver a minha mãe encostar-se contra um amigo, sua face tão pálida que a maquiagem destacava-se como manchas lívidas. Mesmo assim, ela não podia tirar os seus olhos de mim nos braços de seu marido.

– Sua vadiazinha descarada! – Bart sibilou para mim. – Como você se atreve a vir aqui e fazer tal escândalo? Eu pensei que a amava. Eu desprezo mulheres maliciosas com garras longas. Não deixarei que você arruíne a minha esposa! Sua pequena idiota, o que fez você contar tantas mentiras?

– Você é o idiota, Bart – eu disse calmamente, embora estivesse em pânico por dentro... E se ele se recusasse a acreditar? – Olhe para mim. Como eu poderia saber que ela usava um vestido exatamente como esse se eu não a tivesse visto com ele? Como é que eu sei que você foi com ela ao seu quarto para ver a cama de cisne, se o meu irmão, Chris, não tivesse se escondido e ouvido e visto tudo o que vocês dois fizeram na rotunda do segundo andar?

Ele olhou nos meus olhos, e parecia muito estranho, muito distante e estranho.

– Sim, Bart querido, eu *sou* filha da sua mulher, e eu sei que se o seu escritório de advocacia descobrir que sua esposa teve quatro filhos nascidos de seu primeiro casamento, então você e ela perdem tudo. Todo esse dinheiro. Todos os seus investimentos. Tudo o que vocês compraram será tomado de volta. Oh, a pena que sinto me faz querer chorar.

Continuamos dançando, seu rosto a centímetros do meu. Um sorriso estava fixo em seus lábios.

– Esse vestido que você está usando, como diabos você descobriu que ela tinha um exatamente assim na primeira vez em que vim a essa casa para uma festa?

Eu ri com falsa alegria.

– Querido Bart, você é tão estúpido. Como você acha que eu sei? Eu a vi usando esse vestido. Ela veio ao nosso quarto e nos mostrou o quão bonita estava, e eu fiquei com muita inveja de todas as suas curvas e da maneira como Chris olhou para ela com tanta admiração. Ela usava o cabelo como eu estou usando. Essas joias foram retiradas de seu cofre na gaveta da mesa do armário de vestir.

– Você está mentindo – ele disse, mas havia dúvida em sua voz agora.

– Eu conheço a combinação – eu disse em voz baixa –, ela usou a data do aniversário dela. Ela me disse quando eu tinha 12 anos. Ela é minha mãe. Ela *nos trancou* naquele quarto, à espera de que seu pai morresse, então ela poderia receber a herança. E você sabe por que ela teve que nos manter como um grande e sombrio segredo. Você escreveu o testamento, não é? Lembra-se de uma certa noite, quando você dormia em sua suíte e sonhou que uma garota usando uma curta camisola azul entrou e te beijou? Você não estava sonhando, Bart. Eu lhe dei aquele beijo. Eu tinha 15 anos então, e tinha ido até o quarto para roubar dinheiro; lembra-se de como você costumava perder dinheiro? Você e ela achavam que os funcionários estavam roubando, mas era Chris e uma vez fui eu... que não encontrei nada porque você estava lá para me assustar.

– Nããã – ele disse com um suspiro. – *Não!* Ela não faria isso com os próprios filhos!

– Não faria? Ela fez. Aquele baú grande lá em cima, perto da balaustrada da varanda, tem a parte de trás vazada. Chris e eu podíamos ver muito bem. Vimos os empregados do bufê pregarem fitas de papel crepom, os garçons vestidos de vermelho e preto e uma fonte que jorrava champanhe, e havia duas enormes poncheiras de prata. Chris e eu podíamos sentir o cheiro de tudo tão delicioso, e ficamos babando para experimentar um pouquinho do que havia lá embaixo. Nossas refeições eram tão sem graça, e sempre frias ou mornas! Os gêmeos quase não comiam nada. Você estava lá no jantar do Dia de Ação de Graças, quando ela se levantou da mesa muitas vezes? Você quer saber por quê? Ela estava preparando uma bandeja de comida para levar para nós sempre que o mordomo John estava fora da despensa.

Ele balançou a cabeça, os olhos atordoados.

– Sim, Bart, a mulher com quem você se casou teve quatro filhos que ela escondeu por três anos e quase cinco meses. Nosso parque de diversões era o sótão. Você nunca brincou em um sótão no verão? No inverno? Você acha que era agradável? Você pode imaginar como nos sentimos, esperando ano após ano que um homem velho morresse para que nossas vidas pudessem começar? Sabe o trauma que sofremos sabendo que ela se preocupava mais com o dinheiro do que com o que ela estava fazendo a nós, seus próprios filhos? E os gêmeos, eles não cresceram. Eles ficaram tão pequenos, seus olhos tão grandes e assombrados, e ela vinha e nunca olhava para eles! Ela fingia não perceber que estavam doentes!

– Cathy, por favor! Se você está mentindo, pare! Não me faça odiá-la!

– Por que não odiá-la? Ela merece isso – continuei, enquanto minha mãe se apoiava contra uma parede, e parecia doente o suficiente para vomitar. – Uma vez eu estava deitada na cama de cisne, com a pequena cama ao pé. Você tinha um livro em sua gaveta do criado-mudo sobre sexo, disfarçado sob uma sobrecapa

que dizia *Como criar e projetar suas próprias tapeçarias ou algo assim.*

– *Como criar seus próprios projetos de tapeçaria* – ele corrigiu, parecendo tão doente e pálido como a minha mãe, embora ele continuasse a sorrir, um sorriso odioso. – Você está inventando tudo isso – ele disse em um estranho tom de voz que não demonstrava sinceridade. – Você a odeia porque me quer, e está tentando me enganar e destruí-la.

Eu sorri e levemente toquei seu rosto com meus lábios.

– Então me deixe convencê-lo mais. Nossa avó sempre usava tafetá cinza com colares confeccionados à mão, e nunca sem um broche de diamantes com 17 pedras preso em sua garganta. Muito cedo todas as manhãs, antes das seis e meia, ela nos trazia comida e leite em uma cesta de piquenique. No início, ela nos alimentou muito bem, mas gradualmente, à medida que seu ressentimento crescia, nossas refeições foram ficando cada vez piores, até que éramos alimentados principalmente com sanduíches de manteiga de amendoim e geleia e, ocasionalmente, frango frito e salada de batata. Ela nos deu uma longa lista de regras as quais devíamos obedecer, incluindo uma que nos proibia de abrir as cortinas para deixar entrar a luz. Ano após ano, vivemos em um quarto escuro, sem luz do sol. Se você soubesse como a vida é triste, trancado, sem luz, sentindo-se negligenciado, indesejado, mal-amado... Então, havia outra regra muito difícil de cumprir. Nós não deveríamos nem mesmo olhar um para o outro, especialmente um do sexo oposto.

– Oh, Deus! – ele exclamou e suspirou profundamente. – Isso soa como ela. Você quer dizer que por mais de três anos vocês ficaram trancados lá em cima?

– Três anos e quase cinco meses, e se isso parece um longo tempo para você, como você acha que era para duas crianças pequenas de cinco anos, uma de 12 e outra de 14 anos? Naquela época, cinco minutos pareciam cinco horas, os dias eram como meses e os meses eram como anos.

A dúvida lutava claramente com a sua mente de advogado, que via todas as ramificações, se a minha história fosse verdadeira.

– Cathy, seja honesta, totalmente honesta. Você tinha dois irmãos e uma irmã, e todo esse tempo, quando eu estava aqui também, vocês estavam presos?

– No princípio, acreditamos nela, em cada palavra que ela dizia, pois nós a amávamos, confiávamos nela, ela era nossa única esperança e nossa salvação. E nós queríamos que ela herdasse todo o dinheiro de seu pai. Nós concordamos em ficar lá em cima até que o avô morresse, embora, quando nossa mãe nos explicou como iríamos viver em Foxworth Hall, ela tenha se esquecido de mencionar que teríamos de ficar escondidos. A princípio, achamos que seria apenas por um ou dois dias, mas o tempo foi passando. Preenchíamos nosso tempo com jogos, e rezávamos muito, dormíamos muito. Ficamos magros, meio doentes, desnutridos, e sofremos com duas semanas de fome, enquanto você e nossa mãe viajavam por toda a Europa em sua lua de mel. E então você foi para Vermont para visitar sua irmã, onde a nossa mãe comprou uma caixa de um quilo de doce de açúcar de bordo. Mas por essa época já estávamos comendo donuts com arsênico misturado no açúcar da cobertura.

Ele me deu um olhar duro, feroz, de raiva terrível.

– Sim, ela realmente comprou uma caixa desse tipo de doce em Vermont. Mas, Cathy, apesar de qualquer outra coisa que você disser, eu nunca poderia acreditar que minha esposa iria deliberadamente envenenar os próprios filhos! – Seus olhos desdenhosos me olharam de alto a baixo, então voltaram para o meu rosto. – *Sim, você se parece com ela!* Você poderia ser sua filha, eu admito isso! Mas dizer que Corrine iria matar seus próprios filhos, eu não posso acreditar nisso!

Empurrei-o para longe com força e rodopiei.

– *Ouçam todos* – gritei. – Eu *sou* a filha de Corrine FoxworthWinslow! Ela realmente trancou seus quatro filhos no quarto que fica no fim da ala norte. Nossa avó sabia de tudo e nos deu o sótão para ser o nosso salão de jogos. Nós o decoramos com flores de papel para torná-lo bonito para os nossos pequenos gêmeos, a fim de que a nossa mãe pudesse receber sua herança. Ela nos disse que teríamos de nos esconder, pois se não fizéssemos

isso, nosso avô nunca a incluiria em seu testamento. Todos vocês sabem como ele a desprezava por ter se casado com o meio-irmão dele. Nossa mãe nos persuadiu a vir e morar no andar de cima, e a sermos tão quietos como camundongos no sótão; nós fomos, confiantes e acreditando que ela iria manter sua palavra e nos libertar no dia em que seu pai morresse. Mas ela não fez isso! Ela não o fez! Ela nos deixou sofrer lá por nove meses depois que ele já estava morto e enterrado!

Eu tinha mais a contar. Mas minha mãe guinchou em voz alta:

– *Pare!* – Ela tropeçou enquanto caminhava para a frente, os braços estendidos como se fosse cega. – *Você mente!* – ela gritou. – Eu nunca a vi antes! Saia da minha casa! Saia nesse instante antes que eu chame a polícia e coloque você para fora! *Agora saia, e fique lá fora!*

Todo mundo estava olhando para ela agora, não para mim. Ela, a superequilibrada e arrogante, tinha perdido o controle, estava tremendo, seu rosto lívido, querendo arrancar os olhos da minha cara! Acho que ninguém acreditou nela então, não quando eles podiam ver que eu era a sua própria imagem – e eu conhecia muitas verdades.

Bart saiu do meu lado e foi até sua esposa para sussurrar algo em seu ouvido. Ele colocou os braços em torno dela para consolá-la e beijou sua face. Ela se agarrou a ele, impotente, com mãos pálidas, trêmulas de desespero, suplicando a sua ajuda com os grandes olhos cerúleos marejados de lágrimas – como os meus, como os de Chris, como os olhos azuis dos gêmeos.

– Obrigado novamente, Cathy, por um bom desempenho. Venha até a biblioteca comigo e eu vou lhe pagar por sua apresentação. – Ele olhou para os convidados agrupados pela sala e suavemente disse: – Eu sinto muito, mas a minha mulher está doente, e essa piadinha foi inoportuna da minha parte. Eu deveria ter pensado melhor antes de planejar esse tipo de show. Então, se vocês nos perdoarem, continuem a festejar; divirtam-se, comam, bebam e aproveitem a festa; e fiquem o tempo que desejarem, a senhorita Catherine Dahl pode ter mais surpresas guardadas para vocês.

Como eu o odiei, então!

Enquanto os convidados circulavam, sussurravam e olhavam de mim para Bart, ele pegou minha mãe e levou-a para a biblioteca. Ela estava mais pesada do que costumava ser, mas nos braços dele ela parecia uma pluma. Bart olhou por cima do ombro para mim, fazendo um gesto com a cabeça para que eu o seguisse, e assim o fiz.

Eu queria que Chris estivesse aqui comigo, como ele devia estar. Não deveria ser minha obrigação confrontá-la com a verdade sozinha. Eu estava estranhamente sozinha, na defensiva, como se no final Bart fosse acreditar *nela* e não em mim, não importa o que eu dissesse, não importa que prova eu lhe desse. E eu tinha uma abundância de provas. Eu poderia descrever as flores no sótão, o caracol, o verme, a mensagem enigmática que eu havia escrito no quadro-negro, e, acima de tudo, poderia mostrar-lhe a chave de madeira.

Bart foi até a biblioteca e colocou minha mãe em uma das cadeiras de couro. Ele ordenou:

– Cathy, por favor, feche a porta.

Só então eu vi quem mais estava na biblioteca! Minha avó estava sentada na mesma cadeira de rodas que o seu marido tinha usado. Normalmente não se pode distinguir uma cadeira de rodas de outra, mas essa era customizada e muito mais sofisticada. Ela usava um robe cinza-azulado sobre sua camisola de hospital, e um pequeno cobertor cobria suas pernas. A cadeira estava perto da lareira, para que ela pudesse se beneficiar do calor do fogo. Sua cabeça careca brilhava quando ela se virou para o meu lado. Seus olhos cinza brilhavam maliciosamente.

Uma enfermeira estava no quarto com ela. Eu não perdi tempo em olhar para o rosto dela.

– Sra. Mallory – disse Bart –, por favor, saia da sala e deixe a Sra. Foxworth aqui. – Não era um pedido, mas uma ordem.

– Sim, senhor – disse a enfermeira, que rapidamente se levantou e saiu o mais depressa possível. – Avise-me quando quiser que a Sra. Foxworth seja colocada na cama, senhor – ela disse à porta, e então desapareceu.

Bart parecia à beira de explodir enquanto andava pelo quarto, e a raiva que sentia agora parecia ser dirigida não só a mim, mas também à esposa.

– Tudo bem – ele disse assim que a enfermeira se foi –, vamos acabar com isso. Corrine, eu sempre suspeitei que você tinha um segredo, um grande segredo. Ocorreu-me muitas vezes que você não me ama de verdade, mas nunca passou pela minha cabeça que pudesse ter quatro filhos que escondeu no sótão. *Por quê?* Por que você não poderia ter vindo até mim e me contado a verdade? – ele gritou isso, todo o seu controle perdido. – Como você pôde ser tão egoísta, insensível, tão brutalmente cruel para trancar seus quatro filhos e, então, tentar matá-los com arsênico?

Jogada frouxamente em uma cadeira de couro marrom, minha mãe fechou os olhos. Ela parecia não ter sangue quando perguntou em uma voz monótona.

– Então você vai acreditar *nela* e não em mim. Você sabe que eu nunca poderia envenenar qualquer pessoa, não importa o que eu tivesse a ganhar. E você sabe que eu não tenho filhos!

Fiquei abismada ao ver que Bart acreditava em mim e não nela, e então imaginei que ele realmente não acreditava em mim, mas estava usando um truque de advogado, atacando e esperando pegá-la desprevenida, e talvez chegar à verdade. Mas isso nunca funcionaria, não com ela. Ela havia treinado a si mesma durante muitos anos para que ninguém pudesse pegá-la de surpresa.

Avancei em sua direção para olhar para ela, e na mais dura das vozes falei:

– Por que você não conta a Bart sobre Cory, mamãe? Vá em frente, conte-lhe como você e sua mãe vieram no meio da noite, o envolveram em um cobertor verde e nos disseram que estavam levando-o a um hospital. Conte a ele como você voltou no dia seguinte e nos disse que ele tinha morrido de pneumonia. Mentiras! Só mentiras! Chris desceu as escadas furtivamente e ouviu o mordomo, John Amos Jackson, contando a uma empregada como a avó levava arsênico até o sótão para matar os camundongos. *Nós éramos os camundongos que comiam aqueles donuts açucarados, mãe!* E nós provamos aqueles donuts envenenados. Lembra-se do

camundongo de estimação de Cory que você costumava ignorar? Ele foi alimentado com apenas um pouco de donuts açucarado e morreu! Agora fique sentada aí e chore, e negue quem eu sou, e quem Chris é, e quem Cory e Carrie eram!

– Eu nunca a vi antes na minha vida – ela disse em voz alta, ficando em pé e me olhando diretamente nos olhos –, exceto quando eu fui ao balé em Nova York.

Bart estreitou os olhos, analisando-a, depois a mim. Então ele olhou para sua mulher e seus olhos ficaram ainda mais apertados e astuciosos.

– Cathy – ele disse, ainda olhando para ela –, você está fazendo acusações muito graves contra minha esposa. Você a acusa de assassinato, homicídio premeditado. Se você provar que fala a verdade, ela terá que enfrentar um júri em um julgamento por assassinato... É isso que você quer?

– Eu quero justiça, isso é tudo. Não, eu não quero vê-la na prisão ou morta em uma cadeira elétrica, se isso ainda é feito nesse estado.

– Ela está mentindo – sussurrou minha mãe –, mentindo, mentindo, mentindo.

Eu estava preparada para acusações como essa e calmamente tirei da minha minúscula bolsa duplicatas de quatro certidões de nascimento. Eu as entreguei a Bart, que as levou para perto de uma lâmpada e se inclinou para estudá-las. Cruelmente e com grande satisfação, eu sorri para a minha mãe.

– Querida mãe, você foi muito tola em costurar aquelas certidões de nascimento no revestimento das nossas velhas malas. Sem elas eu não teria qualquer prova para mostrar ao seu marido e, sem dúvida, ele iria continuar a acreditar em você, porque eu sou uma atriz, acostumada a fazer uma boa apresentação. É uma pena que ele não saiba que você é uma atriz ainda melhor. Pode se afastar de mim, mamãe, mas eu tenho a prova!

Eu ri descontroladamente, perto das lágrimas quando vi que elas começavam a brilhar em seus olhos, pois uma vez eu a havia amado tanto, e sob todo o ódio e animosidade que sentia por ela, um pouco de luz do meu amor inato ainda aumentava e diminuía, e doía, oh,

doía fazê-la chorar. No entanto, ela merecia, merecia, continuei dizendo a mim mesma que merecia.

– Você sabe algo mais, mamãe. Carrie me contou como ela a encontrou na rua e você a negou, e pouco tempo depois ela ficou tão doente que morreu; assim, você ajudou a matá-la também! E sem as certidões de nascimento você poderia ter escapado de toda a retribuição, pois aquele tribunal em Gladstone, Pensilvânia, pegou fogo há dez anos atrás. Vê como o destino teria sido gentil com você, mamãe? Mas você nunca fez nada direito. Por que você não as queimou? Por que as guardou...? Isso foi muito impensado de sua parte, querida e amorosa mãe, manter as evidências a salvo; mas, então, você sempre foi descuidada, sempre imprudente, sempre extravagante a respeito de tudo. Você pensou que se matasse seus quatro filhos poderia ter outros, mas o seu pai a enganou, não foi?

– *Cathy! Sente-se e deixe-me lidar com isso!* – pediu Bart. – Minha esposa acaba de passar por uma cirurgia e eu não vou deixar você ameaçar a saúde dela. Agora sente-se antes que eu a obrigue!

Eu sentei.

Ele olhou para a minha mãe, e então, para a mãe *dela*.

– Corrine, se você alguma vez se importou comigo, me amou nem que seja um pouco, o que essa mulher está falando é verdade? *Ela é sua filha?*

Com a voz muito fraca, minha mãe respondeu:

– ... Sim.

Eu suspirei. Pensei ter ouvido a casa toda suspirar, e Bart junto com ela. Ergui os olhos para ver a minha avó olhando para mim de modo estranhíssimo.

– Sim – ela continuou sem expressão, os olhos sem brilho fixos em Bart. – Eu não podia lhe contar, Bart. Eu queria te contar, mas estava com medo de que você não fosse me querer se eu viesse com quatro filhos e nenhum dinheiro, e eu te adorava e te queria tanto! Quebrei a cabeça tentando descobrir uma solução para que eu pudesse manter você, meus filhos e o dinheiro também. – Ela se sentou e ficou ereta como uma haste de metal, com a cabeça levantada regiamente alta. – E eu descobri uma solução! Eu

descobri! Levei semanas e semanas tramando, mas descobri uma maneira!

– Corrine – Bart disse com gelo em sua voz, enquanto se erguia sobre ela –, assassinato nunca é solução para nada! Tudo o que você tinha que fazer era me dizer, e eu teria pensado em uma maneira de salvar seus filhos e sua herança.

– Mas você não vê? – ela gritou com arrebatamento. – Descobri uma maneira sozinha! Eu queria você; queria meus filhos e também o dinheiro. Eu achava que meu pai me *devia* esse dinheiro! – Ela riu histericamente, começando a perder o controle de novo, como se o inferno estivesse em seus calcanhares e ela tivesse que falar rápido para escapar de seu fogo. – Todos pensavam que eu era tola, uma loira com um rosto e corpo bonitos, mas sem cérebro. Bem, eu enganei você, mãe – ela disse à velha na cadeira. E ao retrato na parede, ela gritou: – E eu enganei você também, Malcolm Foxworth! – Então, ela virou os olhos para mim. – E você também, Catherine. Você pensava que era difícil lá em cima, trancada, perdendo dias de escola e sentindo falta dos amigos, mas não percebe que aquilo que tinha era *bom* em comparação com o que meu pai fazia comigo! *Você*, você e suas acusações, sempre me atacando, *quando eu ia deixá-los sair*? Quando lá embaixo meu pai ficava me ordenando, faça isso, faça aquilo, pois se você não fizer, não herdará um centavo, e eu vou contar ao seu amante sobre os seus quatro filhos também!

Engoli em seco. Então fiquei em pé.

– Ele sabia sobre nós? O avô sabia?

Mais uma vez ela riu, um riso duro, como um diamante quebradiço.

– Sim, ele sabia, mas não fui eu que contei a ele! No dia em que Chris e eu fugimos dessa casa horrível, ele contratou detetives para me seguir e manter o controle sobre nós. Então, quando meu marido foi morto naquele acidente, fui persuadida por meu advogado a procurar a sua ajuda. Como meu pai se alegrou! Você não vê, Cathy – ela disse, tão rápido que suas palavras se sobrepunham umas sobre as outras –, ele *queria* a mim e aos meus filhos em sua casa e sob seu domínio! Ele havia planejado junto com

a minha mãe, para me enganar e me deixar pensar que ele não sabia que estavam escondidos no andar de cima. Mas ele sabia de tudo o tempo todo! O plano dele era mantê-los presos *para o resto de suas vidas!*

Engoli em seco e olhei para ela. Eu duvidava dela também; como poderia confiar em qualquer coisa que ela dissesse agora, depois que ela tinha feito tudo aquilo?

– A avó, ela sabia do plano? – perguntei, sentindo uma sensação de entorpecimento subindo pelos meus dedos dos pés.

– Ela? – Deu à mãe um olhar duro de desprezo. – Ela faria qualquer coisa que ele dissesse, porque ela me odiava; sempre me odiou. Ele me amava demais quando eu era criança, e não dava importância aos filhos, a quem ela preferia. E depois que nós estávamos aqui, presos em sua armadilha, ele se gabou de ter os filhos de seu meio-irmão capturados como animais em uma gaiola, para mantê-los presos até que morressem. Então, enquanto vocês estavam lá em cima, jogando seus jogos e decorando o sótão, ele começou a me dizer, maliciosamente, todos os dias: “Eles nunca deveriam ter nascido, não é?”, e ardilosamente sugeria que vocês estariam melhor mortos do que mantidos prisioneiros até que envelhecessem, ou adoecessem e morressem. No começo, não acreditei que ele queria dizer isso. Pensei que era apenas mais uma de suas maneiras de me torturar. Todo dia ele me dizia que vocês eram maus, defeituosos, os filhos do mal que deviam ser destruídos. Eu chorava, pedia, ficava de joelhos e implorava, e ele ria. Uma noite, ele se enfureceu comigo. “Sua tola”, ele disse. “Você é idiota o suficiente para achar que eu poderia perdoá-la por ter dormido com seu meio-tio – o maior pecado contra Deus? Tendo filhos com ele?” E assim ele delirava, gritando, às vezes. Então ele atacava com sua bengala, atingindo o que quer que pudesse alcançar. Minha mãe se sentava ali perto e sorria com prazer. No entanto, ele não me contou que sabia que vocês estavam lá em cima por várias semanas... E por todo esse tempo, eu estava presa. – Ela me implorou que eu acreditasse, que eu tivesse misericórdia. – Você não consegue ver como era? Eu não sabia o que fazer! Não tinha nenhum dinheiro, e não parava de pensar que o seu temperamento terrível iria matá-lo,

então eu o provocava para que ele *morresse*, mas ele continuou a viver, censurando a mim e a meus filhos. E cada vez que eu entrava em seu quarto, vocês pediam para ficarem livres. *Especialmente você, Cathy, especialmente você.*

– E o que mais ele fez para fazer você nos manter prisioneiros, a não ser gritar e esbravejar e bater-lhe com sua bengala? – perguntei sarcasticamente. – Ele não poderia ter feito isso com muita força, pois era muito frágil, e nunca vi nenhuma marca em você após a primeira surra de chicote. Você era livre para ir e vir quando quisesse. Poderia ter bolado algum plano para nos tirar de lá sem ele saber. Você queria o dinheiro dele, e não se importava com o que tinha de fazer para obtê-lo! Queria aquele dinheiro mais do que seus quatro filhos!

Diante dos meus olhos, seu delicado e lindamente restaurado rosto assumiu o aspecto envelhecido de *sua* mãe. Ela pareceu encolher e ficar velha com os inúmeros anos que ela ainda tinha para viver com seus arrependimentos. Seu olhar levantou um voo selvagem, buscando algum refúgio seguro no qual pudesse se esconder para sempre, não só de mim, mas da fúria que viu nos olhos de seu marido.

– Cathy – implorou minha mãe. – Eu sei que você me odeia, mas...

– Sim, mãe, eu te odeio.

– Você não me odiaria se entendesse...

Eu ri, dura e amargamente.

– Querida mãe, não há nada que você possa me dizer para me fazer entender.

– Corrine – disse Bart, seu tom estéril, como se seu coração tivesse sido removido. – Sua filha está certa. Você pode se sentar aí e chorar, e falar sobre o seu pai forçando-a a envenenar seus filhos, mas como posso acreditar quando eu não me lembro dele dando-lhe nem mesmo um olhar duro? Ele olhava para você com amor e orgulho. Você ia e vinha livremente. Seu pai esbanjava dinheiro com você, então você podia comprar novas roupas e tudo mais que desejasse. Agora você vem com uma história ridícula de como foi

torturada por ele, e forçada por ele a matar seus filhos escondidos. Deus, você me dá nojo!

Os olhos dela assumiram um olhar vítreo; suas mãos pálidas e elegantes tremiam enquanto se abriam e iam do seu colo até sua garganta, e lá elas tocavam sem parar a gargantilha de diamantes, que devia estar segurando o seu vestido e impedindo-o de cair.

– Bart, por favor, eu não estou mentindo... Eu admito que menti para você no passado, e o enganei sobre os meus filhos, mas não estou mentindo agora. Por que você não pode acreditar em mim?

Bart estava com os pés afastados, como um marinheiro ficaria para manter o equilíbrio sobre um mar agitado. Suas mãos estavam por trás das costas e os punhos estavam cerrados.

– Que tipo de homem você acha que eu sou, ou era? – ele perguntou com amargura. – Você poderia ter me contado qualquer coisa, então, e eu teria entendido. Eu te amei, Corrine. Teria feito qualquer coisa legalmente possível para frustrar as ações de seu pai e ajudá-la a ficar com a sua fortuna, e ao mesmo tempo manter seus filhos vivos, livres para viver vidas normais. Eu não sou um monstro, Corrine, e não me casei com você pelo seu dinheiro. Eu teria me casado mesmo que você não tivesse um tostão!

– Você não iria conseguir enganar meu pai! – ela gritou, pulando da poltrona e começando a andar.

Naquele brilhante vestido carmesim, minha mãe parecia uma chama brilhante, uma cor que fazia seus olhos ficarem roxo-escuros enquanto eles se moviam de um de nós dois para o outro. Então, finalmente, quando eu não aguentava mais vê-la como ela estava, destruída, bestial, sem sua pose de rainha, seus olhos vieram pousar na mãe *dela* – aquela velha que não conseguia se sentar ereta na cadeira de rodas, como se não tivesse ossos. Seus dedos nodosos mexiam fracamente o cobertor, mas seus olhos cinzentos de fanática queimavam com um fogo forte, malévolo. Observei os olhos da mãe e da filha entrarem em confronto. Aqueles olhos cinzentos que nunca mudaram, nunca se suavizaram com a idade ou com o medo do inferno que devia estar esperando por ela.

E, para minha surpresa, desse confronto minha mãe ergueu-se, ereta e alta, a vencedora nessa batalha de vontades. Ela começou a

falar de uma forma desapaixonada, como se estivesse discutindo com outra pessoa. Era como ouvir uma mulher falar que sabia que estava se matando com cada palavra afiada, e ainda assim ela não se importava, não mais – pois eu era a vencedora, afinal, e para mim, seu mais grave juiz, ela se virou para apelar.

– Tudo bem, Cathy. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde teria que enfrentar você. Sabia que seria você que forçaria a verdade de mim. Sempre foi esse o *seu* jeito, de olhar através de mim, e acho que eu não era sempre o que eu queria que você acreditasse que eu era. Christopher me amava, confiava em mim. Mas você não. No entanto, no início, quando o seu pai morreu, eu estava tentando fazer o melhor que podia por vocês. Disse a vocês o que eu acreditava ser a verdade, quando pedi que viessem morar aqui escondidos até que eu conquistasse de volta o favor de meu pai. Eu não achava realmente que seria necessário mais do que um dia, ou possivelmente dois.

Fiquei sentada lá, congelada, olhando para ela. Seus olhos diziam silenciosamente, *tenha misericórdia, Cathy, acredite! Eu falo a verdade.*

Ela se virou para mim, e em grande aflição apelou para Bart e falou de seu primeiro encontro na casa de um amigo.

– Eu não queria amar você, Bart, e envolvê-lo em meus problemas. Queria te contar sobre os meus filhos e a ameaça que meu pai representava para eles, mas justamente quando ia fazer isso, ele piorou e pareceu pronto para morrer, então desisti e fiquei quieta. Rezei para que, quando eu te contasse, você entendesse. Foi estúpido da minha parte, porque um segredo guardado por muito tempo se torna impossível de explicar. Você queria se casar comigo. Meu pai continuava a dizer não. Meus filhos pediam todos os dias para ficarem livres. Mesmo sabendo que eles tinham todo o direito de reclamar, comecei a me ressentir deles, a maneira como eles me atormentavam, fazendo-me sentir culpada e envergonhada quando eu estava tentando fazer o melhor que podia por eles. E era Cathy, sempre era Cathy, não importa quantos presentes eu desse a ela, que insistia mais nisso.

Ela me deu outro de seus longos, atormentados olhares, como se eu a tivesse torturado além da sua resistência.

– Cathy – ela sussurrou em seguida, seu olhar marejado, afogando-se em angústia, clareando um pouco, quando mais uma vez ela se virou para mim. – Eu fiz o melhor que pude! Eu disse ao meu pai que todos vocês tinham doenças ocultas, especialmente Cory. Eles queriam pensar que Deus havia castigado meus filhos, então acreditaram facilmente. E Cory sempre tinha um resfriado após o outro, e a alergia. Não é possível que você não veja o que tentei fazer, deixar todos vocês um pouco doentes, para que pudesse levar um por um ao hospital, e então voltar para a minha mãe e dizer que vocês tinham morrido. Usei uma quantidade minúscula de arsênico, mas não o suficiente para matá-los! Tudo o que eu queria fazer era deixá-los um pouco doentes, apenas o suficiente para tirá-los daqui!

Eu estava chocada com sua estupidez por planejar algo de maneira tão perigosa. Então imaginei que era tudo uma mentira, apenas uma desculpa para satisfazer Bart, que estava olhando para ela de maneira estranhíssima. Sorri para ela, então, enquanto por dentro eu estava tão machucada que poderia chorar.

– Mamãe – eu disse baixinho, interrompendo suas justificativas –, você esqueceu que seu pai estava morto antes dos donuts açucarados começarem a chegar? Você não precisava enganá-lo em seu túmulo.

Ela desviou os olhos atormentados para a avó, cujo olhar era proibitivo e severo, fixado em sua filha.

– Sim! – gritou mamãe –, eu sabia disso! Mas, se não fosse por aquele codicilo, eu nunca teria precisado do arsênico! Porém, o meu pai contou ao nosso mordomo John sobre o nosso segredo, e ele estava vivo para verificar se eu estava seguindo as ordens e mantendo vocês presos no andar de cima, até que cada um de vocês estivesse morto! E se ele não fizesse isso, minha mãe não o deixaria herdar os 50 mil dólares prometidos a ele. E ela queria que John herdasse tudo!

Um terrível silêncio sobreveio enquanto eu tentava digerir isso tudo. O avô sabia o tempo todo e queria nos manter prisioneiros por

toda a vida? E como se isso não fosse castigo suficiente, então ele tentou forçá-la a nos matar? Oh, ele devia ter sido ainda mais maléfico do que eu pensava! Completamente desumano! Então, enquanto eu a observava e via seus olhos azuis esperando ansiosamente, com as mãos ocupadas tentando torcer um cordão de pérolas invisível, eu soube que ela estava mentindo. Olhei para a avó e a vi franzir a testa, enquanto ela tentava falar. Uma forte indignação estava em seus olhos, como se ela negasse tudo o que a minha mãe tinha dito. Mas ela odiava mamãe. Ela queria que eu acreditasse no pior – oh, Deus, como é que eu ia descobrir a verdade?

Olhei para Bart, que estava diante do fogo, seus olhos escuros olhando para sua esposa como se nunca a tivesse visto antes, e o que ele estava vendo agora o deixava chocado.

– Mãe – comecei com uma voz sem expressão –, o que você fez realmente com o corpo de Cory? Nós procuramos em todos os cemitérios perto daqui e verificamos seus registros, e nenhum garotinho de oito anos morreu na última semana de outubro de 1960.

Ela engoliu primeiro, depois torceu as mãos, fazendo os diamantes e outras joias piscarem.

– Eu não sabia o que fazer com ele – ela sussurrou. – Ele morreu antes que eu pudesse chegar ao hospital. De repente, ele parou de respirar, e quando olhei no banco de trás, sabia que ele estava morto. – Ela soluçou com a lembrança. – Eu me odiei então. Sabia que podia ser acusada de assassinato, e eu não tinha a intenção de matá-lo! Apenas deixá-lo um pouco doente! Então, joguei seu corpo em um barranco profundo e o cobri com folhas mortas, paus e pedras... – Seus enormes olhos desesperados me imploravam para acreditar.

Eu também tive que engolir, pensando em Cory em uma ravina escura e profunda, deixado para apodrecer lá.

– Não, mãe, você não fez isso. – Minha voz suave parecia atravessar a atmosfera congelada da enorme biblioteca. – Eu visitei a sala no fim da ala norte antes de vir para cá. – Fiz uma pausa para um melhor efeito e deixei minhas próximas palavras soarem mais

dramáticas. – Antes de descer para enfrentar você, primeiro usei as escadas que levam diretamente para o sótão e, então, a pequena escada escondida no armário de nossa prisão. Chris e eu sempre suspeitamos que houvesse outro caminho até o sótão, e corretamente, concluímos que tinha de ser uma porta escondida por trás dos armários pesados gigantes que nós não seríamos capazes de empurrar para fora do caminho, não importa o quanto tentássemos. Mamãe... eu encontrei um pequeno quarto que nunca tinha visto antes. Havia um odor muito peculiar naquela sala, como algo morto e apodrecido.

Por um momento ela não pôde se mover. Seu rosto ficou totalmente sem expressão. Ela olhou para mim com os olhos vazios e, então, a boca e as mãos começaram a se mexer, mas ela não conseguia falar. Ela tentou, mas não saiu som algum. Bart começou a dizer algo, mas ela colocou as mãos sobre os ouvidos para abafar qualquer coisa que alguém dissesse.

De repente, a porta da biblioteca se abriu. Virei-me furiosa.

Minha mãe se virou como em um pesadelo para ver por que eu estava olhando fixamente para lá. Chris parou e olhou para ela. Ela deu um salto, como se estivesse terrivelmente assustada, e colocou as mãos à sua frente, em um gesto que parecia querer mantê-lo afastado.

Será que ela estava vendo um fantasma de nosso pai?

– Chris...? – perguntou ela. – Chris, eu não tive a intenção de fazê-lo, eu realmente não tinha! Não olhe para mim assim, Chris! Eu os amava! Eu não queria lhes dar arsênico, mas meu pai me obrigou! Ele me disse que eles nunca deveriam ter nascido! Ele tentou me dizer que eles eram tão maus que mereciam morrer, e essa era a única maneira de reparar o pecado que cometi quando me casei com você! – Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ela continuava, embora Chris continuasse balançando a cabeça. – Eu amava meus filhos! *Nossos* filhos! Mas o que eu podia fazer? Eu só queria deixá-los um pouco doentes, apenas o suficiente para salvá-los, isso é tudo, isso é tudo... Chris, não olhe para mim desse jeito! Você sabe que eu nunca mataria nossos filhos!

Os olhos dele se tornaram gelados enquanto olhavam para ela.

– Então você deliberadamente nos deu arsênico? – ele perguntou. – Eu nunca acreditei nisso plenamente, quando estávamos livres dessa casa e tive tempo para pensar nisso. Mas você fez isso!

Ela gritou em seguida. Em toda a minha vida eu nunca tinha ouvido tal grito como aquele que subia e descia histericamente. Gritos que soavam como os uivos de alguém insano! Ela rodopiou em seus calcanhares, ainda gritando, enquanto corria para uma porta que eu nem sabia que estava lá, e através dela ela correu e desapareceu.

– Cathy – disse Chris, tirando os olhos da porta e olhando ao redor da biblioteca para ver Bart e a avó –, eu vim para buscá-la. Tive más notícias. Temos que voltar para Clairmont imediatamente!

Antes que eu pudesse responder, Bart falou:

– Você é o irmão mais velho de Cathy, Chris?

– Sim, é claro. Eu vim buscar Cathy. Ela é necessária em outro lugar. – Ele estendeu a mão enquanto eu ia em direção a ele.

– Espere um minuto – disse Bart. – Preciso fazer algumas perguntas. Tenho que saber toda a verdade. Essa mulher de vestido vermelho era sua mãe?

Primeiro Chris olhou para mim. Eu balancei a cabeça para lhe dizer que Bart sabia, e só então Chris olhou nos olhos de Bart com alguma hostilidade.

– Sim, ela é minha mãe e mãe de Cathy, e uma vez ela foi a mãe dos gêmeos chamados Cory e Carrie.

– E ela manteve vocês quatro trancados em um quarto por mais de três anos? – perguntou Bart, como se ainda não quisesse acreditar.

– Sim, três anos, quatro meses e 16 dias. E quando ela levou Cory embora numa noite, voltou depois e nos disse que ele tinha morrido de pneumonia. E se você quiser mais detalhes, vai ter que esperar, pois há outros em quem temos de pensar agora. Venha, Cathy – ele disse, pegando a minha mão novamente. – Nós temos que nos apressar! – Ele olhou então para a avó e deu-lhe um sorriso irônico. – Feliz Natal, avó. Nunca esperei vê-la novamente, mas agora vejo que o tempo concebeu sua própria vingança. – Ele se

virou novamente para mim. – Depressa, Cathy, onde está seu casaco? Estou com Jory e a Sra. Lindstrom no meu carro.

– Por quê? – perguntei. Fiquei em pânico subitamente. Qual era o problema?

– Não! – objetou Bart. – Cathy não pode ir! Ela está esperando um filho meu e eu a quero aqui comigo!

Ele veio para me tomar em seus braços e ternamente olhou com carinho para o meu rosto.

– Você tirou a venda dos meus olhos, Cathy. Você estava certa. Certamente eu fui feito para coisas melhores do que isso. Talvez eu ainda possa resgatar minha existência, fazendo algo útil.

Eu dei à avó um olhar de triunfo e evitei olhar diretamente para Chris, e com o braço de Bart sobre os meus ombros, saímos da biblioteca, deixando a avó lá; caminhamos por todos os outros quartos até chegarmos ao grande salão.

Havia um tumulto! Todos estavam gritando, correndo, à procura de uma esposa ou um marido. Fumaça! Senti o cheiro de fumaça.

– Meu Deus, a casa está pegando fogo! – Bart gritou. Ele me empurrou em direção à Chris. – Leve-a para fora e mantenha-a a salvo! Eu tenho que encontrar a minha esposa! – Ele olhou para os lados, descontroladamente, chamando: – Corrine, Corrine, onde você está?

A multidão agora tentava sair pela mesma saída, todos ao mesmo tempo. A fumaça negra descia das escadas acima. Mulheres caíam e as pessoas passavam por cima delas. Os alegres convidados da festa agora estavam determinados a sair, e ai daqueles que não tinham força para abrir seu caminho até a porta. Freneticamente tentei seguir Bart com meus olhos. Eu o vi pegar um telefone, sem dúvida para chamar os bombeiros, e então ele estava correndo para cima pelo lado direito da escada dupla e na direção do centro do fogo!

– Não! – gritei. – Bart, não vá lá para cima! Você vai morrer! Bart, não! Volte!

Acho que ele deve ter me ouvido, pois hesitou a meio caminho para cima e sorriu para mim enquanto eu acenava freneticamente. Ele murmurou as palavras *eu te amo* – e então apontou na direção

leste. Eu não entendi o que ele queria dizer. Mas Chris concluiu que ele estava nos contando sobre outra saída.

Tossindo e sufocando, Chris e eu corremos através da outra sala, e finalmente tivemos a chance de ver a grande sala de jantar, mas ela estava cheia de fumaça também!

– Olhe – gritou Chris, me puxando –, há portas francesas. Tolos, deve haver uma dúzia ou mais saídas no primeiro andar, e todos correm para a porta da frente!

Conseguimos chegar do lado de fora e, finalmente, até o carro que eu reconheci como sendo de Chris, e lá estava Emma com Jory em seus braços, enquanto ela olhava para a grande casa que estava queimando. Chris esticou a mão para dentro e tirou um cobertor de carro, que ele colocou sobre os meus ombros, e, então, me segurou enquanto me apoiava nele e chorava por Bart – onde ele estava? Por que não saía?

Ouvi o lamento dos carros de bombeiros ao redor das montanhas, gritando no meio da noite que já era selvagem com o vento e a neve. A neve que caía em cima da casa pegando fogo eram pontos vermelhos salpicados que chiavam quando encontravam as chamas. Jory estendeu os braços, me querendo, e o segurei no colo enquanto Chris colocava os braços sobre mim e abraçava nós dois.

– Não se preocupe, Cathy – ele tentou me confortar –, Bart deve conhecer todas as maneiras de sair de lá.

Então eu vi minha mãe em seu vestido vermelho fogo, sendo contida por dois homens. Ela gritava sem parar, chamando o nome de seu marido – e então o da avó.

– Minha mãe! Ela está lá! Ela não pode se mover!

Bart estava nos degraus da frente quando ouviu sua voz. Ele se virou e correu para dentro da casa. Meu Deus! Ele estava voltando para salvar a avó que não merecia viver! Arriscando sua vida – fazendo o que ele tinha que fazer para provar, afinal de contas, que não era apenas um cãozinho de colo.

Esse era o incêndio dos meus pesadelos de infância! Isso era o que eu sempre temia mais do que qualquer coisa! Essa era a razão de eu ter insistido para fazemos a escada de corda de lençóis

rasgados para que pudéssemos escapar e chegar ao solo – por via das dúvidas.

Era mais do que horrível ver a imensa casa queimar, quando uma vez eu teria ficado feliz em vê-la desaparecer. O vento soprava implacavelmente e fazia as chamas subirem, mais alto, até que elas iluminaram a noite e chegaram até os céus. Como a madeira velha queimou facilmente junto com o mobiliário antigo, as peças que eram heranças de valor inestimável e que nunca poderiam ser substituídas... Se alguma coisa sobrevivesse, apesar do que aqueles heroicos bombeiros estavam fazendo, correndo para lá e para cá como loucos, conectando as mangueiras que esguichavam espuma, seria um milagre! Alguém gritou:

– As pessoas estão presas lá dentro! Tragam-nas para fora!

Acho que fui eu. Os bombeiros trabalhavam com velocidade sobre-humana e agilidade a fim de trazê-los para fora, enquanto eu chorava desesperada e freneticamente.

– Bart! Eu não queria matá-lo! Eu só queria que você me amasse, isso é tudo. Bart, não morra, por favor, não morra!

Minha mãe ouviu e veio correndo até onde Chris estava me segurando com força em seus braços.

– *Você!* – ela gritou, sua expressão perturbada que era a de alguém insano. – *Você acha que Bart a amava? Que ele se casaria com você? Você é uma tola! Você me traiu! Como você sempre me traiu, e agora Bart vai morrer por sua causa!*

– Não, mãe – disse Chris, que apertou os braços em volta de mim, e seu tom de voz era de gelo –, não foi Cathy que gritou para lembrar ao seu marido que sua mãe ainda estava lá dentro. *Você fez isso. Você deve ter visto que ele não podia voltar para aquela casa e viver. Talvez preferisse ver seu marido morto do que casado com sua filha.*

Ela olhou para ele. Suas mãos se mexiam nervosamente. Seus olhos azuis cerúleos estavam rodeados por círculos escuros de rímel preto. E enquanto eu e Chris observávamos, algo nos olhos dela se quebrou – alguma coisa pequena que havia emprestado clareza e inteligência aos olhos dissolvidos, e ela pareceu encolher.

– Christopher, meu filho, meu amor, eu sou sua mãe. Você não me ama mais, Christopher? Por quê? Eu não lhe trago tudo o que você precisa e pede? Novas enciclopédias, jogos e roupas? O que lhe falta? Diga-me, para que eu possa sair e comprar para você, por favor, me diga o que quer. Farei qualquer coisa, lhe trarei qualquer coisa para compensar o que você está perdendo. Você será recompensado mil vezes quando meu pai morrer, e ele vai morrer a qualquer dia, a qualquer hora, a qualquer momento, eu sei! Eu juro que você não terá que ficar aqui muito mais tempo! Não, não é por muito mais tempo, não muito mais tempo, não muito mais tempo. – E ela continuou dizendo isso até que eu quase gritei. Em vez disso, coloquei minhas mãos sobre meus ouvidos e pressionei meu rosto contra o peito largo de Chris.

Ele fez algum sinal a um dos motoristas da ambulância, e cautelosamente eles se aproximaram de nossa mãe, que os viu, gritou, e então tentou correr. Eu a vi tropeçar e cair, seu calcanhar preso na longa barra do reluzente vestido vermelho flamejante, e sobre a neve ela caiu, chutando, gritando e batendo com os punhos.

Eles a levaram para longe em uma camisa de força, ainda gritando sobre como eu a havia traído, enquanto Chris e eu nos agarrávamos um ao outro e observávamos com os olhos arregalados. Sentimo-nos como crianças novamente, indefesas com a dor nova e a vergonha que carregávamos. Segui-o enquanto ele fazia o que era possível por aqueles que tinham sido queimados. Eu só ficava em seu caminho, mas não podia perdê-lo de vista.

O corpo de Bart Winslow foi encontrado no chão da biblioteca com a avó esquelética ainda segura em seus braços, sufocados pela fumaça, não pelas chamas. Tropecei ao tirar o cobertor verde de cima dele e olhar para o seu rosto, para convencer a mim mesma que a morte tinha entrado mais uma vez em minha vida. Ela sempre voltava! Beijei-o e chorei sobre seu peito rígido. Levantei a cabeça e ele estava olhando diretamente para mim – e através de mim. Ele havia partido para onde eu nunca poderia alcançá-lo, para onde nunca poderia confessar-lhe que eu o amava desde o início – quinze anos atrás.

– Cathy, por favor – disse Chris, me puxando para longe. Eu soluzei quando a mão de Bart escorregou da minha. – Nós temos que ir! Não há nenhuma razão para permanecermos aqui, agora que está tudo acabado.

Tudo acabado, tudo acabado – estava tudo acabado.

Meus olhos seguiram a ambulância com o corpo de Bart lá dentro, e o de minha avó também. Eu não lamentei por ela – pois ela havia colhido o que havia plantado.

Virei-me para Chris e chorei novamente em seus braços, pois quem viveria o suficiente para me deixar ficar com o amor que eu tinha que ter? Quem?

Horas e horas se passaram enquanto Chris me implorava para sair desse lugar que não nos tinha dado nada, a não ser infelicidade e tristeza. Por que eu não tinha me lembrado disso? Tristemente, eu me inclinei para pegar pedaços de papel de artesanato que tinham sido de cor laranja e roxo, e outros pedaços de nossas decorações do sótão que o vento soprara, pétalas rasgadas, folhas recortadas, arrancadas de suas hastes.

Já era madrugada quando o fogo estava sob controle. Naquela hora, a grandeza gigantesca que uma vez tinha sido Foxworth Hall era apenas uma ruína fumegante. As oito chaminés ainda estavam em pé na base de tijolo resistente, e, por incrível que pareça, as escadas duplas que se curvavam para chegar a lugar nenhum ainda permaneciam.

Chris estava ansioso para partir, mas eu tive que sentar e assistir até que o último fio de fumaça fosse soprada e se tornasse parte do vento chamado nunca mais. Foi a minha saudação, minha última saudação a Bartholomew Winslow, a quem eu tinha visto pela primeira vez com a idade de 12 anos. À primeira vista eu tinha dado meu coração a ele. Tanto que eu insisti com Paul para que ele deixasse crescer o bigode, para que ele ficasse mais parecido com Bart. E eu me casei com Julian porque seus olhos eram escuros, escuros como os de Bart... Oh, Deus, como eu poderia viver com a

constatação de que eu tinha matado o homem que eu mais havia amado?

– Por favor, por favor, Cathy, a avó se foi e não posso dizer que sinto muito, embora eu sinta por Bart. Deve ter sido a nossa mãe que iniciou o fogo. Com base no que a polícia diz, começou naquele sótão no topo das escadas.

Sua voz chegou até mim como de uma distância muito longa, porque eu estava trancada em uma concha de minha própria autoria. Balancei minha cabeça e tentei clareá-la. Quem eu era? Quem era aquele homem ao meu lado, quem era o menino no banco de trás adormecido nos braços de uma mulher mais velha?

– Qual é o problema com você, Cathy? – Chris disse, impaciente.
– Escute, Henny teve um grande derrame hoje à noite! Ao tentar ajudá-la, Paul sofreu um ataque do coração! Ele precisa de nós! Você vai ficar aqui o dia todo também e chorar por um homem que você deveria ter deixado em paz, e deixar o homem que fez tudo por nós morrer?

A avó tinha dito algumas verdades. Eu era má, nascida profana. Era tudo minha culpa! Tudo minha culpa! *Se eu nunca tivesse vindo, se eu nunca tivesse vindo*, não parei de dizer isso para mim mesma enquanto chorava lágrimas amargas pela perda de Bart.

CEIFANDO A COLHEITA



Era outono de novo, aquele mês apaixonado de outubro. As árvores esse ano estavam flamejantes por causa do toque precoce da geada. Eu estava na varanda de trás da grande casa branca de Paul, descascando ervilhas e observando o pequeno filho de Bart perseguir seu meio-irmão mais velho Jory. Tínhamos decidido dar ao filho de Bart o nome do pai, pensando que era a coisa certa a fazer, mas seu último nome era Sheffield, não Winslow. Eu era a esposa de Paul, agora.

Em poucos meses, Jory teria sete anos de idade, e embora a princípio ele tivesse ficado com um pouco de ciúme, agora estava encantado em ter um irmão mais novo para compartilhar sua vida – alguém em quem ele podia mandar, que ele podia instruir e ensinar. Embora jovem, Bart não era o tipo que recebia ordens. Ele sempre teve uma personalidade forte, desde o início.

– Catherine – chamou a voz fraca de Paul.

Eu coloquei a tigela de ervilhas verdes rapidamente de lado e corri para seu quarto no primeiro andar. Ele era capaz de ficar sentado em uma cadeira por algumas horas agora, embora no dia do nosso casamento ele estivesse na cama. Na nossa noite de núpcias ele havia dormido em meus braços, e isso era tudo.

Paul tinha perdido muito peso; parecia esquelético. Toda a sua juventude e vitalidade, mantidas tão valentemente, haviam

desaparecido quase da noite para o dia. No entanto, ele nunca me emocionava mais do que quando sorria para mim e estendia os braços.

– Eu só chamei para ver se você viria. Eu pedi a você para sair de casa para mudar de ares.

– Você está falando demais – eu o adverti. – Você sabe que não deveria falar, a não ser um pouco.

Essa era uma condição difícil para ele, só ouvir e não participar, mas ele estava tentando aceitá-la. Suas próximas palavras me tomaram completamente de surpresa. Eu só conseguia olhar para ele, com a boca aberta e os olhos arregalados.

– Paul, você não quer dizer isso!

Solenemente ele assentiu, seus belos olhos ainda brilhantes fixos nos meus.

– Catherine, meu amor, faz quase três anos que você tem sido uma escrava para mim, fazendo o seu melhor para tornar meus últimos dias felizes. Mas eu nunca mais vou ficar bem. Eu poderia viver assim durante anos e anos, como seu avô, enquanto você fica cada vez mais velha e perde os melhores anos de sua vida.

– Eu não estou perdendo nada – disse, com um soluço na minha garganta.

Ele sorriu para mim suavemente e estendeu os braços, e de bom grado eu fui me aninhar em seu colo, apesar de seus braços ao meu redor não serem mais fortes como eram. Ele me beijou, e eu preendi a respiração. Oh, ser amada novamente... Mas eu não iria deixá-lo, não faria isso!

– Pense nisso, minha querida. Seus filhos precisam de um pai, o tipo de pai que não posso ser agora.

– A culpa é minha! – exclamei. – Se eu tivesse me casado com você há anos, em vez de me casar com Julian, poderia tê-lo mantido bem, e forçado você a não trabalhar tanto, noite e dia. Paul, se nós três não tivéssemos entrado em sua vida, você não teria de ganhar mais dinheiro, o suficiente para enviar Chris à faculdade e eu às aulas de balé...

Ele colocou a mão sobre a minha boca e me disse que, sem nós, ele teria morrido anos atrás por excesso de trabalho.

– Três anos, Catherine – ele disse novamente. – E quando você pensa sobre isso, vai perceber que é como uma prisioneira, assim como quando você estava em Foxworth Hall, à espera de seu avô morrer. Eu não quero que você e Chris comecem a me odiar... Então, pense nisso, fale com ele a respeito e depois decida.

– Paul, Chris é médico! Você sabe que ele não concordaria!

– O tempo está se esgotando, Catherine, não só para mim, mas para você e Chris também. Logo Jory terá sete anos de idade. Ele se lembrará de tudo com mais clareza. Ele saberá que Chris é seu tio, mas se você partir agora e se esquecer de mim, ele vai considerar Chris seu padrasto, não seu tio.

Eu soluçava.

– Não! Chris nunca concordaria.

– Catherine, escute-me. Não seria mau! Você não é mais capaz de ter filhos. Embora eu tivesse ficado terrivelmente triste quando você teve um parto difícil com o seu último filho, talvez tenha sido uma bênção disfarçada. Eu sou impotente; não sou um marido de verdade, e em breve você será uma viúva novamente. E Chris esperou por tanto tempo. Você não pode pensar nele e esquecer o pecado?

E assim, como mãe, nós havíamos escrito nossos roteiros também, Chris e eu. E talvez o nosso não fosse melhor do que o dela, embora eu nunca tivesse planejado matar ninguém, nem havia planejado levá-la à beira da loucura, para que ela passasse o resto de sua vida em uma casa de "convalescência". E a ironia das ironias, quando tudo o que ela herdou de seu pai tinha sido levado embora, a fortuna foi revertida para a mãe dela. O testamento da avó tinha sido lido e toda a sua fortuna, além dos restos de Foxworth Hall, agora pertenciam a uma mulher que só podia ficar sentada em uma instituição mental e olhar para quatro paredes. Oh, mãe, se você pudesse ter olhado para o futuro quando pensou em levar os seus quatro filhos de volta para Foxworth Hall! Amaldiçoada com milhões – e incapaz de gastar um centavo. Nem um centavo viria para nós.

Quando nossa mãe morresse, o dinheiro seria distribuído a diferentes instituições de caridade.

Na primavera do ano seguinte, nós nos sentamos perto do rio onde Julia levou Scotty e segurou-o sob a superfície para que ele se afogasse na água esverdeada e rasa, na qual meus dois filhos pequenos conduziam pequenos barcos e entravam na água que só alcançava seus tornozelos.

– Chris – comecei, hesitante, envergonhada, e ainda assim feliz também. – Paul fez amor comigo ontem à noite pela primeira vez. Nós dois estávamos tão felizes que choramos. É seguro o suficiente, não é?

Ele abaixou a cabeça para esconder sua expressão, e o sol brilhou em seu cabelo dourado.

– Estou feliz pelos dois. Sim, sexo é seguro o suficiente agora, contanto que você não o faça ficar extremamente excitado.

– Foi sexo leve. Depois de quatro ataques cardíacos graves, tinha que ser sexo leve.

– Bom.

Jory gritou que ele havia pegado um peixe. Era muito pequeno? Será que ele teria que jogar outro peixe de volta?

– Sim – disse Chris –, isso aí é apenas um bebê. Nós não comemos peixes bebês, apenas os grandes.

– Venham – eu chamei –, vamos para casa jantar.

Eles vieram correndo e rindo, meus dois filhos, os dois tão parecidos que não pareciam ser meios-irmãos. E eu ainda não lhes tinha dito nada diferente. Jory não havia perguntado, e Bart era jovem demais para perguntar. Mas, quando eles perguntassem, nós lhes diríamos a verdade, mesmo que fosse difícil.

– Temos dois papais – gritou Jory, lançando-se nos braços de Chris quando peguei Bart. – Ninguém na escola a não ser eu tem dois papais e eles não entendem quando eu conto a eles... Mas talvez eu não conte direito.

– Eu tenho certeza que você conta direito – disse Chris, com um pequeno sorriso.

Voltamos para casa no novo carro azul de Chris, para a grande casa branca que nos tinha dado tanto. Como na primeira vez em que viemos, vimos um homem na varanda da frente com seus sapatos brancos apoiados na balaustrada. Enquanto Chris levava meus filhos para dentro da casa, fui até Paul e sorri ao vê-lo cochilando com um sorriso satisfeito em seu rosto. O jornal que ele estava lendo tinha escorregado de sua mão para voar pelo chão da varanda.

– Vou dar banho nos meninos – sussurrou Chris –, e você pode pegar os jornais antes que o vento os sopre para os gramados de nossos vizinhos.

Mesmo tentando tão silenciosamente quanto possível tentar pegar os jornais e dobrá-los ordenadamente, de alguma forma eles fizeram barulho e farfalharam, e logo Paul entreabriu os olhos e sorriu para mim.

– Oi – ele disse, sonolento. – Você teve um bom dia? Pegaram alguma coisa?

– Dois pequenos peixes morderam a isca de Jory, mas ele teve que jogá-los de volta. O que você estava sonhando antes de acordar? – perguntei, inclinando-me para beijá-lo. – Você parecia tão feliz... Era um sonho sexy?

Novamente ele sorriu, meio melancolicamente.

– Eu estava sonhando com Julia – ele disse. – Scotty estava com ela, e ambos estavam sorrindo para mim. Sabe, ela raramente sorria para mim depois que nos casamos.

– Pobre Julia – eu disse, beijando-o novamente. – Ela perdeu tantas coisas! Prometo que meus sorrisos irão compensar você por todos os que ela não lhe deu.

– Eles já compensaram. – Ele esticou a mão para tocar meu rosto e acariciar meu cabelo. – Foi meu dia de sorte quando você subiu os degraus da minha varanda naquele domingo...

– Aquele maldito domingo – corrigi.

Ele sorriu.

– Dê-me mais dez minutos antes de me chamar para o jantar. Eu gostaria de pegar aquele motorista de ônibus e dizer a ele que domingos não são malditos quando você está no ônibus.

Entrei para ajudar Chris com os meninos, e enquanto ele abotoava o pijama de Jory, eu ajudava Bart Scott Winslow Sheffield com o pijama amarelo. Nós comíamos cedo, para poder jantar com os nossos filhos.

Logo, os dez minutos se esgotaram e novamente fui acordar Paul. Três vezes eu chamei seu nome baixinho e acariciei sua face suavemente, depois soprei em seu ouvido. Ainda assim, ele dormia. Comecei a dizer o nome dele, mais alto, quando ele fez um pequeno som que soava como o meu nome. Eu olhei, já tremendo e com medo. Apenas o jeito estranho como ele disse me encheu de um terrível pavor.

– Chris – eu chamei fracamente –, venha rápido e dê uma olhada em Paul.

Ele devia estar no corredor, mandado por Emma para ver o que estava demorando tanto, pois ele saiu pela porta imediatamente e então correu para o lado de Paul. Ele agarrou sua mão e sentiu seu pulso, e em outro segundo estava puxando sua cabeça para trás, segurando seu nariz e fazendo respiração boca a boca. Quando isso não funcionou, ele o golpeou várias vezes com força no peito. Corri para dentro de casa e chamei uma ambulância.

Mas, é claro, nada disso funcionou. Nosso benfeitor, nosso salvador, o meu marido, estava morto. Chris colocou o braço sobre meu ombro e me trouxe para o seu peito.

– Ele se foi, Cathy, do jeito que eu gostaria de ir, dormindo, sentindo-se bem e feliz. É uma boa maneira para um bom homem morrer, sem dor e sem sofrimento. Então não fique assim, não é culpa sua!

Nada jamais foi minha culpa. Atrás de mim havia um rastro de homens mortos. Mas eu não era responsável pela morte de nenhum deles, não é? Não, claro que não. Foi uma surpresa Chris ter a coragem de subir no carro e sentar-se ao meu lado, dirigindo para o oeste. Atrás de nós, arrastávamos um trailer com todos os nossos bens materiais. Indo para o oeste como os pioneiros, para buscar um novo futuro e encontrar tipos diferentes de vidas. Paul tinha

deixado tudo o que tinha para mim, incluindo a casa de sua família. Apesar de seu testamento ter determinado que, se eu decidisse vender, ele queria que Amanda tivesse a oferta final.

Então, finalmente a irmã de Paul teve a casa de seus ancestrais que ela sempre quis e planejava ter – mas eu a fiz pagar um preço exorbitante.

Chris e eu alugamos uma casa na Califórnia até mandarmos construir uma casa de fazenda personalizada, construída de acordo com as nossas especificações, com quatro quartos e três banheiros, um deles social. Além disso, tínhamos outro banheiro e um quarto para a nossa empregada, Emma Lindstrom. Meus filhos chamam o meu irmão de papai. Ambos sabem que têm outros pais que foram para o céu antes deles nascerem. Até agora, eles não percebem que Chris é apenas o seu tio. Há muito tempo atrás Jory esqueceu-se disso. Talvez as crianças também esqueçam quando elas querem, e não fazem perguntas que seriam embaraçosas de responder.

Pelo menos uma vez por ano viajamos para o leste para visitar amigos, incluindo Madame Marisha e Madame Zolta. Ambas fazem um grande alarido sobre as habilidades de dança de Jory, e ambas tentam com fervoroso zelo fazer de Bart um dançarino também. Mas até agora ele não tem a inclinação para ser qualquer coisa, a não ser um médico. Nós visitamos todos os túmulos de nossos queridos, e colocamos flores lá. Sempre vermelhas e roxas para Carrie, e rosas de qualquer cor para Paul e Henny. Até procuramos o túmulo de nosso pai em Gladstone, e demos o nosso respeito a ele também com flores. E Julian nunca é esquecido, ou Georges.

Por último, visitamos mamãe.

Ela vive em um lugar enorme que tenta, sem sucesso, parecer acolhedor. Normalmente, ela grita quando me vê. Então, ela salta e tenta arrancar o cabelo da minha cabeça. Quando ela é contida, transfere o ódio para si mesma, sempre tentando mutilar o próprio rosto e livrar-se para sempre de qualquer semelhança com o meu. Como se ela já não olhasse mais nos espelhos que diriam a ela que não somos mais parecidas. O remorso fez dela algo terrível de se ver. E ela tinha sido tão bonita... Seus médicos permitem que apenas

Chris a visite por uma hora ou mais, enquanto eu espero lá fora com os meus dois filhos.

Ele diz que, se ela se recuperar, não irá enfrentar uma acusação de assassinato, pois Chris e eu desmentimos que houve um quarto filho chamado Cory. Ela não confia plenamente em Chris, sentindo que ele está sob a minha má influência, e se ela abandonar sua fachada de louca, vai acabar recebendo a pena de morte. Assim, ano após ano, ela se apegava à sua falácia calculada como uma forma de escapar também do futuro em que ninguém realmente se preocupa com ela. Ou talvez, mais verdadeiramente, ela procure me atormentar através de Chris e a pena que ele insiste em sentir por ela. Ela é a única questão que impede nossa relação de ser perfeita.

Assim, os sonhos de perfeição, de fama, de fortuna, de amor eterno, sem uma única falha, como os brinquedos e jogos de ontem, e todas as outras fantasias juvenis para as quais estou velha demais, eu os abandonei.

Muitas vezes olho para Chris e me pergunto apenas o que é que ele vê em mim. O que é que o liga a mim de tal modo permanente? Também penso se ele não tem medo de seu futuro e da duração dele, já que sou melhor em manter animais de estimação vivos do que maridos. Mas ele chega em casa animado, com um sorriso feliz, enquanto anda a passos largos para os meus braços acolhedores, que respondem rapidamente à sua saudação:

– Venha me cumprimentar com beijos se você me ama.

Sua clínica médica é grande, mas não muito, então ele tem tempo para trabalhar em nossos quatro hectares de jardins com as estátuas de mármore que trouxemos dos jardins de Paul. Tanto quanto possível, duplicamos o que ele tinha, exceto pelo musgo espanhol que se agarra, e se apegava, e então mata.

Emma Lindstrom, nossa cozinheira, nossa governanta, amiga, mora conosco, como Henny morava com Paul. Ela nunca faz perguntas. Ela não tem família, exceto nós, e a nós ela é fiel, e nossos negócios são somente nossos.

Pragmático, alegre, o eterno otimista absurdo, Chris canta enquanto trabalha nos jardins. Quando ele se barbeia de manhã, cantarola alguma música de balé, sem tremores, sem

arrependimentos, como se muito, muito tempo atrás ele tivesse sido o homem que dançava nas sombras do sótão e nunca, nunca me deixava ver o seu rosto. Será que ele sabia o tempo todo que, assim como ele ganhava de mim em todos os jogos, ele seria o que ficaria comigo no final?

Por que eu não sabia?

Quem tinha fechado meus olhos?

Deve ter sido mamãe que me disse uma vez:

– Case-se com um homem de olhos bem escuros, Cathy. Olhos escuros são terrivelmente intensos em tudo.

Que piada! Como se os olhos azuis não tivessem uma profunda firmeza; ela deveria ter sabido disso.

Eu deveria saber disso também. Isso me preocupa, porque ontem fui até o nosso sótão. Em um pequena alcova no canto, encontrei duas camas de solteiro, longas o suficiente para dois meninos pequenos crescerem até se transformarem em homens.

Oh, meu Deus! Eu pensei, quem fez isso? Eu nunca trancaria meus dois filhos, mesmo que um dia Jory se lembrasse de que Chris não era seu padrasto, mas seu tio. Eu não o faria nem mesmo se ele dissesse a Bart, o nosso caçula. Eu poderia enfrentar a vergonha, o embaraço e a publicidade que arruinaria Chris profissionalmente. E ainda assim... Ainda assim, hoje eu comprei uma cesta de piquenique, do tipo com tampas duplas que se abrem a partir do centro; o mesmo tipo de cesta que a avó tinha usado para nos trazer comida.

Então, fui para a cama, inquieta, e fiquei lá acordada, temendo o pior em mim mesma, e lutando para segurar o melhor. Parece, quando eu me viro, e me aconchego mais perto do homem que eu amo, que posso ouvir o vento frio soprando das montanhas de névoa azul tão longe.

É o passado que eu nunca posso esquecer, que assombra todos os meus dias, e se esconde furtivamente nos cantos quando Chris está em casa. Eu faço um esforço para ser como ele, sempre otimista, quando não sou o tipo que pode esquecer a nódoa no verso da moeda mais brilhante.

Mas... eu não sou como ela! Eu posso me parecer com ela, mas por dentro eu sou honrada! Eu sou mais forte, mais determinada. O melhor de mim vai vencer no final. Eu sei que vai. Tem que vencer um dia... não é mesmo?

#Novo Século nas redes sociais

Conheça - www.novoseculo.com.br/

Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta -  /NovoSeculoEditora

Siga -  @novoseculo

Assista - You  /EditoraNovoSeculo



Table of Contents

Folha de rosto

Créditos

Pérolas brancas... Promessa negra...

Pétalas ao vento

Para Bill & Gene. Que se lembram de quando...

Parte Um

Enfim, livres!

Um novo lar

A Segunda Oportunidade da Vida

Parte Dois

Visões de Confeitos de Açúcar

O teste

Dias de Escola Novamente

Sedutora... Eu?

Meu Primeiro Encontro

Mais doce que todas as rosas

Coruja no telhado

Sombras de Mamãe

Um presente de aniversário

Do lado de fora de Foxworth Hall

Em direção ao topo

Nova York, Nova York

Uma chance de lutar

Sonhos de Inverno

Primeiro de Abril

Labirinto de Mentiras

Amores demais para perder

Parte Três

Sonhos que se realizam

Recolhendo sombras

O Décimo Terceiro Dançarino

Interlúdio para três

Parte Quatro

Meu Doce Pequeno Príncipe

Ardil inicial

O canto de sereia das montanhas

O romance agridoce de Carrie

Parte Cinco

A hora da vingança

Tigre pela cauda

A aranha e a mosca

A avó, revisitada

Preparando as cartas

Revelações

Ceifando a colheita